

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO XIII — FASCÍCULOS 1 e 2

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 15

LISBOA

1952

Sumário:

Artigos

HEINZ KRÖLL, <i>Sobre nada e algumas expressões equivalentes em português</i>	1-19
VICTOR BUESCU, <i>Roun. desfăta, port., esp. desenfadar</i>	20-36
J. I. LOURO, <i>Origem e flexão de alguns nomes portugueses em -ão</i>	37-65
A. E. BEAU, <i>A crítica da poesia nos estudos literários de Karl Vossler</i>	66-82
H. STEN, <i>L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderna (I)</i>	83-142

Miscelânea

J. M. PIEL, <i>Cotovelo</i>	143-148
— Penaguiao, -gal. Goyán, Goyáns, Goyás, etc.	148-150
VICTOR BUESCU, <i>Un nouveau toponyme latin du défrichement en Roumanie</i>	151-153
MÁRIO MARTINS, <i>O «Livro do Desprezo do Mundo» de Isaac de Ninive, em medievo-português</i>	153-163

Recensões Críticas

WALTER MUSCHG, <i>Tragische Literaturgeschichte</i> (A. E. Beau)... <i>Leben und Wandel Lazaril von Tormes, verdeutsch 1614. Nach der Handschrift herausgegeben...</i> von H. Tiemann (A. E. Beau)	164-168 169-171
WERKE GOETHE'S, <i>Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, 1 e 2</i> (A. E. Beau)	171-173
ALBERTO MENARINI, <i>Profili di vita italiana nelle parole nuove</i> (H. Kröll)	173-177
H. HOUWENS POST, <i>Het heroieke leven van Luis Vaz de Camoens — Portugees renaissance-dichter en avonturier 1524-1580</i> (H. Kröll)	177-179
MIA I. GERHARDT, <i>Essai d'analyse littéraire de la pastorale dans les littératures italienne, espagnole et française</i> (H. Kröll)	179-182
<i>Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948. Suplemento bibliográfico da RPF, vol. I, organizado por M. de Paiva Boléo (Luis F. Lindley Cintra)</i>	182-183

Assinatura (4 fasc.)

Portugal, Espanha e Brasil	60\$00
Outras Nações	70\$00
Fascículo avulso	15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13 - LISBOA (PORTUGAL)

PEDIDOS À **LIVRARIA SÁ DA COSTA**

RUA GARRETT, 100-102 - LISBOA (PORTUGAL)

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO XIII

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13
LISBOA

1952

ÍNDICE DO TOMO XIII

Artigos

AEBISCHER (PAUL), <i>Répartition et survivance des deux types iscla et i(n)sula dans les langues romanes</i>	185-200
ALVARENGA (AIDA SÁ VIANA D'), <i>Algumas designações da cabeça humana na linguagem popular e no calão</i>	257-272
BEAU (ALBIN EDUARD), <i>A crítica da poesia nos estudos literários de Karl Vossler</i>	66-82
BUESCU (VICTOR), <i>Roum. desfăta, port., esp. desenfadar</i>	20-36
CINTRA (LUÍS FILIPE LINDLEY), <i>O Liber Regum, fonte comum do Poema de Fernão Gonçalves e do Laberinto de Juan de Mena</i>	289-315
KRÖLL (HEINZ), <i>Sobre nada e algumas expressões equivalentes em português</i>	1-19
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Origem e flexão de alguns nomes portugueses em -ão</i>	37-65
LÜDTKE (HELMUT), <i>Fonemática portuguesa. I - Consonantismo</i>	273-283
STEN (HOLGER), <i>L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne</i>	83-142 e 201-256

Miscelânea

BUESCU (VICTOR), <i>Un nouveau toponyme latin du défrichement en Roumanie</i>	151-153
LOURO (JOSÉ INÊS), <i>Port. perto, preto, apertar; esp. prieto, apretar; it. pretto, apprettare, etc.</i>	316-318
— <i>Port. sargaço; valenc. xaguarço; esp. jaguarzo</i>	319-326
MARTINS (MÁRIO), <i>O Livro do Desprezo do Mundo de Isaac de Ninive, em medievo-português</i>	153-163
PIEL (JOSEPH M.), <i>Cotovelo</i>	143-148
— <i>Penaguão, gal. Goyán, Goyáns, Goyás</i>	148-150

Recensões críticas

CURTIUS (ERNST ROBERT), <i>Französischer Geist im zwanzigsten Jahrhundert</i> (A. E. Beau)	348-352
DELGADO (MANUEL J.), <i>A linguagem popular do Baixo-Alentejo</i> (F. Krüger)	327-336
GERHARDT (MIA I.), <i>Essai d'analyse littéraire de la pastorale dans les littératures italienne, espagnole et française</i> (H. Kröll) ...	179-182

GOETHE, <i>Werke</i> , herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, 1 e 2 (A. E. Beau)	171-173
<i>Leben und Wandel Lazari von Termes</i> , verdeutcht 1614. Nach der Handschrift herausgegeben... von H. Tiemann (A. E. Beau) ...	169-171
MENARINI (ALBERTO), <i>Profili di vita italiana nelle parole nuove</i> (H. Kröll)	173-177
MUSCHG (WALTER), <i>Tragische Literaturgeschichte</i> (A. E. Beau) <i>Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde</i> <i>1939 a 1948</i> . Suplemento bibliográfico da RPF. Vol. I, organi- zado por M. de Paiva Boléo (Luís F. Lindley Cintra)	164-168 182-183
PIRES DE LIMA (AUGUSTO C.), <i>Estudos etnográficos, filológicos</i> <i>e históricos</i> , V e VI (F. Krüger)	337-344
FOST (H. HOUWENS), <i>Het heroieke leven van Luís Vaz de Ca-</i> <i>moëns — Portugees renaissance-dichter en avonturier 1524-1580</i> (H. Kröll)	177-179
STAIGER (EMIL), <i>Goethe 1749-1786</i> (A. E. Beau)	344-348
<i>Revistas regularmente recebidas na Biblioteca do Centro de Estudos</i> <i>Filológicos</i>	353-355
<i>Índice de palavras e expressões do tomo XIII</i>	357-382

Sobre *nada* e algumas expressões equivalentes em português

Na luta travada pela substituição de *nihil*, definhando aos poucos no latim tardio e não deixando rasto nas línguas neolatinas, saiu vencedor quase absoluto na Ibero-România — com excepção da Catalunha — uma nova negação, *nada*, proveniente de (*rem*) *natam*, que nos é atestada em muitos textos do latim da época tardia⁽¹⁾ como um dos reforços da negação, primitivamente positiva. Ora ensina-nos Jespersen (pág. 4), e os exemplos comprovam-no, que temos de considerar como tendências gerais de negações em várias línguas o facto de o advérbio de negação ser sujeito ao debilitamento e, em contrapartida, sentir-se a necessidade de o revigorar depois de debilitado. Para este efeito recorre-se, de uma maneira geral, a uma palavra de reforço, adicional, originariamente positiva, e que é capaz de vir a suprir a negação primitiva, podendo com o tempo ficar sujeita à mesma evolução. A frequência de emprego em frases negativas faz com que tais palavras positivas de reforço fiquem pouco a pouco carregadas pela energia negativa da frase como que por um íman, até que por fim a própria energia acumulada chegue para independentemente desempenharem funções negativas. Contribui para

(1) Assim p. ex. em Plauto, *Most.*, 447: *natus nemo in aedibus servat*; Terencio, *Ad.*, 295: *e re nata melius fieri haut potuit*; Cicero, *Att.*, 14,6: *pro re nata*, etc.; veja-se também Rönsch, *Itala und Vulgata*, Marburg e Leipzig, 1896, pág. 345; Llorens, § 70 (nota 2); R. Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 3.^a ed. (1950), § 69, 3: «Otro indefinido negativo de gran rareza es nada cosa, forma precursora del simple nada, de la cual hallo un ejemplo, nata causa, en un documento leonés del siglo X; todavía en el XV tenía algún uso».

esta evolução ainda outra tendência geral não menos importante, que talvez seja a principal causa do debilitamento permanente das negações, e que é a propensão para se colocar a negação o mais à frente possível na frase e até em primeiro lugar, se a construção o permitir (Jespersen, pág. 5). Nesta posição, no início da frase, está muito mais exposta a debilitar-se e a desaparecer do que noutras posições e pode facilmente dar-se o fenómeno da 'prosiopese', como Jespersen lhe chama em contraste com a aposiopese, quer dizer da queda dos primeiros elementos da frase na linguagem falada⁽²⁾. É neste jogo constante de tendências contrárias, enfraquecimento por um lado, revigoração por outro, que se opera permanentemente a renovação das expressões negativas, cuja vida agitada nos há-de oferecer sempre curiosidades atraentes.

Nestas poucas páginas que a seguir dedicamos ao estudo de *nada* seja-nos permitido limitarmo-nos ao aspecto pronominal desta negação⁽³⁾. Conheceu o português antigo, além de *nada*, outras palavras de reforço, designações gerais para «coisa»^(3a), como p. ex. (*nulha*) *ren* ou *rem*, que não se conservou, tendo desaparecido já antes dos tempos do cronista Fernão Lopes, e *cousa*, que ainda hoje se usa como partícula positiva de reforço em negações de dois e mais elementos que se empregam com o sentido de *nada*. A moderna linguagem falada criou até fórmulas fixas como: *não há coisa que se veja*, que quer dizer «não há nada em condições, nada que preste ou

(2) Eis o que Jespersen nos diz sobre este fenómeno relativamente frequente na linguagem não cuidada de todos os dias: «*the speaker begins to articulate, or thinks he begins to articulate, but produces no audible sound (either for want of expiration, or because he does not put his vocal chords in the proper position) till one or two syllables after the beginning of what he intended to say. The phenomenon is particularly frequent, and may become a regular speech-habit, in the case of certain set phrases, but may spread from these to other parts of the language*» (pág. 6). Assim explica-se p. ex. que em português em determinadas fórmulas *algum*, *alguma* tenha insuspeitavelmente sentido negativo como em: *de forma alguma*, *de maneira alguma*, *de modo algum*.

(3) Esta limitação explica-se pelo facto de já termos tratado de *nada* adverbial em conjunto com outras expressões negativas num artigo à parte que sairá dentro em breve.

(3a) Compare-se o que J. Wackernagel escreve a este respeito nas suas excelentes *Lições sobre sintaxe*, vol. II, pág. 272. — Para esta espécie de elipse, quer dizer, o emprego independente de uma destas palavras positivas de reforço como negação quantitativa, não há exemplos nas linguas clássicas, como nos diz o Autor (pág. 273).

mesmo *nada*, sem restrição nenhuma»: cf. p. ex. Godinho, *Nada mais simples*, pág. 30: «*A breve trecho aconteceu que o Carriço, por mais que batucasse não abichava coisa que se visse*⁽⁴⁾». Mui-tíssimo frequente é a substituição de *nada* por *coisa nenhuma* (ou *alguma*); cf. p. ex. Torga, *Diário I*, pág. 167: «*Não pagam coisa nenhuma a ninguém*» — temos aqui, além disso, um dos inúmeros exemplos de negação múltipla, que, sobretudo na linguagem popular, é um tipo frequentíssimo de negação, testemunhando grande abundância de afecto. A atmosfera emocional que paira sobre todas estas frases faz com que o individuo falante lhes ponha tantos acentos negativos quantos possíveis. O uso da negação dupla ou múltipla que não seja afirmação é quase sempre sinal certo de estilo popular⁽⁵⁾. Com a expressão negativa *coisíssima nenhuma*, formada devido ao carácter pronominal de *coisa* e esteando-se, muito provavelmente, no superlativo *mesmíssimo*⁽⁶⁾, alastrou em português um superlativo

(4) O espacejado, daqui em diante, é nosso.

(4a) É muito acertada a observação de Jespersen sobre a energia mental que o uso de uma negação só requer (pág. 72): «[...] it requires greater mental energy to content oneself with one negative, which has to be remembered during the whole length of the utterance both by the speaker and by the hearer, than to repeat the negative idea (and have it repeated) whenever an occasion offers itself».

(5) Transcrevo aqui o que já escrevi em *Bíblos XXV*, pág. 536 sobre esta formação: «A razão de ser deste superlativo reside, a nosso ver, no carácter pronominal do vocábulo *coisa* em expressões como *coisa alguma*, *coisa nenhuma*. Foi esse carácter pronominal proveniente do pron. ind. satélite que capacitou *coisa* (+ pronome indefinido) a formar um superlativo que, salvo erro, é único nas línguas românicas». Cf. aqui também outros casos em que *coisa* serve como uma espécie de pronome cómodo de substituição quando a memória falha ou quando falta o termo exacto, com p. ex. em: *há coisa de cinco anos*, ou na fórmula que, na linguagem popular, redonda uma enumeração na falta de mais elementos: ... e *coisa e tal*. Este carácter especial de *coisa* torna-se também nitidamente manifesto na formação do verbo denominar *coisar*, usado em Trás-os-Montes e tomando como *aquelar* várias acepções, empregando-se sempre que o termo próprio não ocorre: *coisar* a roupa, o caldo, o gado, etc.; veja-se O. de Pratt, *RLu XVI*, pág. 229. E mais alguns exemplos de *coisa* como termo fácil de expediente para alguma ideia vaga, indefinida ou que se não quer definir: L. Tavares, *Divórcios*, pág. 18: — *passo dois meses na quinta, leio coisas e... sirvo o chá*; id., ib., pág. 50: *Como prometeu ser compère de revista diga coisas*; Cortez, *Báton*, pág. 70: *Sabes o que se passou um destes dias em casa dos Negrões? (Em tom confidencial) Coisas com a mulher*. Seria fácil aumentar o número de exemplos. Cf. o emprego de *chose*, *machin-chose*, etc. em francês.

curiosíssimo de coisa que, segundo parece, não tem equivalente nas outras línguas românicas; cf. p. ex. Aquilino Ribeiro, *Batalha*, pág. 103: «*A questão é que vocês todos, gente de fresca data, não têm fôlego nem paciência para coisíssima nenhuma*», ou ib., pág. 287: «*[...] não entrou coisíssima nenhuma na minha boca*»; Cortez, *Lodo*, pág. 62: «*[...] p'rà palhada ganho que chegue sem te pedir coisíssima nenhuma, ouviste?*»; Torga, *Bichos*, pág. 88: «*Mas afinal não caía [o pardal], nem o ar lhe faltava, nem coisíssima nenhuma*. Apesar do emprego frequente de coisa em frases negativas desta espécie ainda não chegou a conquistar a mesma independência⁽⁶⁾ que nada, não podendo em caso algum prescindir de negativa.

Ora nada emprega-se, na maior parte das vezes, pronominalmente, quer com outra negativa, quer independentemente. Assim p. ex. *não vi nada* (ou *coisa nenhuma*)⁽⁷⁾; quando em posição inicial: *nada vi*, prescinde-se da verdadeira partícula negativa não. Reforça-se nada empregando o diminutivo, dizendo-se em vez de *não faz nada*—*não faz nadinha* e, neste caso, acrescenta-se-lhe ainda outro elemento de reforço em linguagem popular, onde se ouve quase sempre *não faz nadinha desta vida*. Determinados modos de dizer, quase que elevados à categoria de fórmulas fixas, podem ser mencionados aqui, como p. ex.: *não faltava mais nada!* ou: *não queres mais nada, não?!*, pergunta irónica que escarnece do antagonista e o desafia. Outra fórmula fortemente emocional que dá, por assim dizer, o compasso introdutivo ao relato de ideias ou de sucessos espantosos, é *não te digo nada!*⁽⁸⁾ (correspon-

(6) Coisa não tem em seu favor o que Jespersen justamente observa para nada (pág. 21), o facto de começar por um n-, consoante inicial das negativas por excelência. Esta particularidade fonética constituiu, sem dúvida, uma vantagem para nada, dando-lhe logo uma afinidade, embora somente fónica, com a maioria das negativas, favorecendo assim a sua evolução.

(7) A repetição do nada pode produzir um efeito especialmente forte de afectividade: *não vi nada, nada, (nada)!* podia obter-se efeito idêntico pelo emprego do diminutivo neste caso: *não vi nadinha!*— Cf. para o italiano Heinemann, pág. 190: *non ho visto niente niente*. É evidente que a repetição quase sempre tem carácter emocional, de mais a mais na linguagem falada, onde constitui um dos meios de expressão.

(8) Cf. Nemésio, *O mistério*, pág. 135, com o mesmo sentido: «*Nã le conto nada! Fomos pro bangalé e demos-le pra capote*»; o interlocutor costuma manifestar a sua surpresa ou o seu espanto por um: *nem me digas!*

dente ao fr. *tu parles!*); pretende o individuo falante com esta fórmula criar uma atmosfera propicia no interlocutor, preparando-o para uma recepção correspondente à própria emoção sentida.

Msor. R. S. Dalgado regista para Goa e também para Macau a locução *não tem nada* com o sentido de *não faz mal* (RLu VI, pág. 82) que, salvo erro, não tem curso no português europeu ⁽⁹⁾.

A linguagem popular serve-se do pronome indefinido quantitativo *nada* também para exprimir uma quantidade ínfima, falando de *um tudo nada*, reforçado ainda pelo diminutivo: *um tudo nadinha* ⁽¹⁰⁾. Designa-se assim uma quantidade que chega quase a ser *nada* mesmo, tão pequena é ⁽¹¹⁾: cf. p. ex. Torga, *Diário I*, pág. 60: «*Paris, capital do mundo! Dos franceses, e é preciso que eles já estejam um tudo nada desenraizados como eu. Em vez de um pouco de paciência! é mais insinuante dizer-se um nadinha de paciência!*»

Na mesma acepção de *há bocadinho*, emprega-se *nada* na linguagem falada de todos os dias em sentido temporal: *há nada* (ou *nadinha*) para designar um breve lapso de tempo; cf. p. ex. Aquilino Ribeiro, *Batalha*, pág. 286: «— *Afigurou-se-me lobrigá-lo há nadinha*». Qualquer coisa que se executa o mais rapidamente possível faz-se em *menos de nada* ou demora *um tempo de nada*; cf. p. ex. Aquilino Ribeiro, *Batalha*, pág. 257: «*O presidente hesitou um tempo de nada*».

(9) *Nada* também é frequente com valor positivo, idêntico a *alguma coisa*, como no seguinte exemplo: *não ouvi as notícias nem nada*; Gil Vicente, XXXV, r. 1: *elle nam faz nunca nada*.

(10) A. Gomes Pereira abona para Vila Real *um tudo-nadelha* = «um quase nada» com o sufixo diminutivo *-elho*, exprimindo às vezes matizes depreciativos e sendo de emprego frequente na linguagem popular (RLu X, pág. 230). Ao lado de *nadichinha*, forma hipocorística como *minha requiquinha* e outras, registada por Figueiredo ¹⁰, cf. Nemésio, *O mistério*, pág. 145: «[...] *via-se [...] um nadinha do céu, já caise sem azul [...]*» Todas estas formas atestam a predilecção da linguagem popular portuguesa pelo emprego dos diminutivos, que tão afeiçoados são a exprimir uma escala vastíssima de sentimentos diferentes. Mas não devemos esquecer que, pela junção de um sufixo diminutivo, se procede a um incremento do corpo fonético de *nada*, aumentando-lhe desta maneira a força impressiva.

(11) Veja-se aqui Leite de Vasconcelos, *Lições*, pág. 65, onde aduz a propósito da explicação do port. arc. *algorém* pleonástico, que julga provir de *algo de rem*, pop. «*tudenada*» para *tudo de nada*, interpretando em nota: «*Isto é: tud'denada. Também se diz tudo-nada, como que restaurando-se o primeiro pronome*».

Expressões de ínfimo valor idênticas a nada

Sobretudo no que diz respeito ao espanhol antigo⁽¹²⁾ têm-se escrito muito sobre as expressões de ínfimo valor e de menosprezo que estão intimamente ligadas com *nada* e que, na linguagem popular e na fala de todos os dias, gozam de um privilégio especial pelo facto de virem ao encontro de uma tendência muito pronunciada para a maneira concreta de pensar, que caracteriza largamente essas linguagens. Aparecem principalmente relacionadas com os verbos que exprimem 'valer', 'avaliar', 'estimar', 'dar', 'ter' e outros que tais.

Não pretendemos aqui contribuir senão com algumas escassas achegas ao estudo das expressões portuguesas desta espécie. Para mais exemplos, não tratados aqui, remetemos o leitor para o trabalho de R. Olbrich⁽¹³⁾. É evidente que estas expressões estão permanentemente sujeitas a renovar-se, um processo, em que muitas vezes as

(12) Cf. p. ex. Meyer-Lübke, *R. Gr.* III, § 693; Llorens, § 132; Wagenaar, págs. 76-83; A. R. Nykl, *Old Spanish Terms of Small Value*, in: *MLN* XLVI (1931), págs. 167-170; Beinhauer, *SpU.*, págs. 141-144; recentemente R. Olbrich nesta revista.

(13) À margem seja-nos permitido fazer algumas observações ao estudo mais recente (publicado nesta revista, tomo X (1949), págs. 95-118) que trata destas expressões.

Llorens, no seu estudo sobre a negação em espanhol antigo, deu ao material uma disposição alfabética (§ 132), aduzindo os exemplos por ele encontrados sob *acento*, *agulla*, *ajo*, etc., Wagenaar, dentro de determinadas categorias de ideias (A. *Fruits et légumes*, B. *Pièces de monnaie*, C. *Petits animaux*, D. *Autres mots*), dá-lhes também uma ordem puramente alfabética. Olbrich, por seu lado, que se propôs tratar do assunto com maior envergadura, estendendo o seu tema a todas as línguas românicas e aos seus dialectos, procurando dar explicações, atém-se também a um agrupamento por ideias. Nesta disposição do material as explicações nem sempre parecem convincentes, devido à contricção imposta pelo esquema. Assim p. ex. diz Olbrich a propósito de *caracol* (pág. 97): «*Ein in Portugal zum volkstümlichen Symbol der Wert- und Bedeutungslosigkeit gewordenes Geschöpf der Tierwelt ist die im Staube kriechende armselige und wegen der von ihr in den Gärten und Weinbergen angerichteten erheblichen Schäden höchst unbeliebte und verachtete Schnecke* (caracol)». Seguem-se citações entre as quais para o Alentejo *não vale um caracol torrado*, «*wo torrado als ein den ursprünglichen Vorstellungsgehalt des schon weitgehend erstarrten und verblassenen nicht vale um caracol erneut belebender Zusatz jüngerer Datums zu gelten hat*». Antes de mais nada, esta expressão podia mostrar que os *caracóis* — pelo menos determinadas espécies — não são tão detestados nem tão desprezados como

mais pujantes e denodadas se impõem em certos meios populares de fala rude ⁽¹⁴⁾.

Todas elas provêm de relações primitivamente justificadas onde se puderam empregar só com determinados verbos. Daí alastraram para outros domínios ⁽¹⁴⁾, empregando-se por fim com verbos de toda a espécie. Uma vez passado o limite da sua zona natural de emprego, tornavam-se capazes de substituir um *nada* incolor e inexpressivo, abstracto demais para a mentalidade popular.

Em toda a parte se encontram entre as expressões para infimo valor designações de pequenas moedas de pouco valor ⁽¹⁵⁾.

parecem ser, se fôssemos julgar pelas palavras do Autor; na nota 13, ele próprio diz que a população pobre os «comeu», nós queríamos dizer antes: que ainda hoje os come. No entanto, esta explicação toda, dada por R. Olbrich, não tem muita probabilidade a nosso ver, se nos afigurarmos que *caracol* serve de eufemismo para uma palavra obscena que só se usa em linguagem despejada e chula e que, em boa sociedade, é proscrita como indecorosa. O mesmo podia dizer-se do espanhol. Visto isso, dar-se-ia à expressão *um caracol torrado* uma explicação um tanto diferente. Seria uma nova eufemização de *caracol*, fenómeno que tantas vezes se observa em eufemismos gastos pelo uso. De um modo geral quer-nos parecer que precisamente no domínio das expressões designativas de um valor infimo ou de menosprezo, onde muitas palavras obscenas adquiriram direito de cidade, devia-se conceder muito mais espaço ao eufemismo do que Olbrich concede. Quando diz p. ex. à páginas 100: «*Wertlose oder stets unbeachtet bleibende Teile des tierischen oder menschlichen Körpers tragen symbolischen Charakter in span.* no vale um cuerno...», etc., tem, sem dúvida, razão, mas o que é que simbolizam? Todo o português (e também todo o espanhol) sabe, que *não vale um corno* (*no vale un cuerno*) ou *não vale a ponta dum corno* são expressões que se não empregam em boa sociedade precisamente por *corno* ser uma palavra simbólica, uma espécie de «*Sacheuphemismus*». Expressões como *não vale a ponta dum cigarro* e outras mais (cf. pág. 97) devem a sua existência à consideração moderadora que se deve ao ouvinte. *Ponta* (tanto como *antenas*, *armação*, *chavelho*, *chifre*, *galho*, *galhadura*, *onze*, *pau*, etc.) é um eufemismo secundário para *corno* que já não vela suficientemente o que devia encobrir e por isso, revelando demais, tem de ser eufemizado por sua vez. — Cf. a este respeito também o excelente estudo de M. L. Wagner na miscelânea comemorativa dedicada a K. Jaberg em 1937 (sobretudo págs. 107-108).

⁽¹⁴⁾ Cf. Hofmann, *Lat. U.*, § 78.

⁽¹⁵⁾ Olbrich trata à pág. 96 só de *não vale um tostão*, de *não vale um chave* (*galego*) e de *não vale dez réis de mel coado*. Para expressões deste tipo veja-se também Heinimann, pág. 195 (nota 2): «*non saper neanche la croce santa* 'unwissend sein', wo mit *croce santa* (oder *santa croce*) das Alphabet gemeint ist. Der Name erklärt sich daraus, dass früher auf der Tafel der Abc-Schützen den Buchstaben ein Kreuz vorausging». Id., ib., pág. 199: «*tosk. non capire straccio, non sapere straccio di grammatica*».

Nestas expressões costumam conservar-se designações de moedas que já há muito não têm curso, o que se dá p. ex. no caso de *ceitil* — uma moeda do tempo de D. João I, que valia um sexto de real; cf. Gil Vicente, CLXXXIV, r. 2:

«Mas elle [Deus] de tençoeyro
sem ganhar nisso ceytil
vay da chuvas em Janeyro
e geadas em Abril.»

Aqui ainda temos *ceitil* empregado na sua ambiência natural de 'ganhar dinheiro', mas pouco mais adiante Gil Vicente aplica-o já como termo de menosprezo para pessoas (CLXXXV, v. 2):

«Porque foy nacer co ella
nam vos ter em dous ceytis.»

Cf. também Aquilino Ribeiro, *Batalha*, pág. 42: «sem um *ceitil furado*».

De uma maneira muito semelhante transgrediu *níquel* a sua zona natural de emprego. Primeiro designação para o metal conhecido sob este nome, passou a denominar as moedas cunhadas neste metal, para finalmente designar moedas de pouco valor de um modo geral; assim p. ex. Aquilino Ribeiro, *Lápides*, pág. 95: «[...] os *níqueis*, ainda na minha mão pelintra, voavam como se tivessem asas». Viotti regista para o Brasil s. v. *entender*: *não entender níquel* com o mesmo significado de *não perceber patavina* ⁽¹⁶⁾, *não pescar bóia*, etc.

Nas expressões de ínfimo valor ainda se conservaram outras designações de moedas, hoje fora de curso. Assim p. ex. *pataco e real* ⁽¹⁷⁾; *isso não vale um pataco* ou *não vale cinco réis furados* ⁽¹⁸⁾ são expressões correntíssimas na linguagem popular.

⁽¹⁶⁾ Cf. a este respeito Gomes Monteiro e Costa Leão, págs. 148-150.

⁽¹⁷⁾ Verdade se diga que o *pataco* ainda hoje se usa em Macau e que o povo em Portugal continua sempre a contar por *réis*, pelo menos exclusivamente até 20 Escudos = 20.000 réis, embora já não existam. — Olbrich só aduz a expressão *não vale dez réis de mel coado* (pág. 97) que de facto é muito frequente. — Cf. ainda um passo na «*Eufrosina*», pág. 158: «[...] por todas suas trovas nam darei meio real».

⁽¹⁸⁾ Cf. aqui a expressão *um cinco réis de gente* que corresponde mais ou menos a *um rapazelho*, a *um zé-ninguém*; Aquilino Ribeiro deu a um dos seus romances o título «*Cinco réis de gente*»; Redol, *Marés*, pág. 212: «*quem nasceu cinco réis não chega a vintém*». — A respeito de *furado* como palavra de

Em Gil Vicente encontra-se ainda frequentes vezes *cornado*, hoje, salvo erro, completamente desaparecido do uso comum, e que, possivelmente, designa moeda idêntica à moeda espanhola do mesmo nome⁽¹⁹⁾. Mas, neste caso também, parece-nos ter muita probabilidade de se tratar de um eufemismo velador para *cornos*; cf. Gil Vicente, L, v. I:

«vos mentis coma cabrão
quer me queyraes mal quer nã
nam dou por isso hum cornado.»

A proximidade de *cabrão* faz pensar em *cornos*. Esta hipótese torna-se mais provável ainda pelo facto de existir toda uma série de palavras veladoras para *cornos* entre as expressões que nos interessam aqui. Ao lado de *não vales a ponta de um cornos* (assim p. ex. Torga, *Montanha*, pág. 154) temos ainda *rem... a ponta dum chifre* ou *a ponta dum chavelho* (Godinho, *Nada mais simples*, págs. 66 e 110); cf. também Aquilino Ribeiro, *Bataiha*, pág. 196: «*Hão-de roer um chavelho!*» = «hão-de ficar sem nada»; Cortez, *Lodo*, pág. 68: «*Punhas-te da minha banda contra a mãe, porque era revoltante ir tudo p'ra uma e um chavelho* [= «nada»] *p'ra outra.*» No caso de *figo* na expressão *não vale um figo* somos de opinião ser muito duvidoso tratar-se de um eufemismo para *figa* como Olbrich quer (pág. 97), porque é raríssimo eufemizar-se esta palavra⁽²⁰⁾. Aqui ainda podíamos mencionar de passagem uma fórmula, ultimamente bastante em voga como expressão de desprezo e de escárnio, que se emprega em muitas situações, sobretudo quando alguém quer dizer que «não está de acordo» ou que «não se deixa levar» — diz então que *não há figos!*

reforço, cf. o que Heinemann, pág. 191, diz sobre it. *no dar, no valer mezzo soldo sbaso*.

⁽¹⁹⁾ Cf. um passo no «*El burlador de Sevilla*» de Tirso de Molina, pág. 216 (Clásicos, n.º 2):

«*No dará por su mujer
ni por su honor un cornado.*»

⁽²⁰⁾ Nas fórmulas populares de esconjuro: *figas, canhoto!* ou *figas diabo!* nunca ocorre eufemizada; cf. p. ex. Aquilino Ribeiro, *Quando ao gavião*, pág. 117: «— *Valentes duma figa!*...» (= cobardolas).

Por fim mais algumas expressões do mesmo tipo que, na sua maior parte, são obsoletas hoje em dia. Na *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes lemos (na 1.^a parte, pág. 45): «[...] *semelhame [...] que quanto me fallaaes, que todo he vento*; hoje em dia é raro empregar-se tal modo de dizer. Na sua «*Eufrosina*» J. Ferreira de Vasconcelos também emprega frases negativas deste jaez que, na linguagem moderna, ou estão completamente fora de uso ou então são muito raros. Assim diz p. ex. (pág. 40): «*E quereis que vos diga nam dam murcela, etc.*»; ib., pág. 268: «*Nam lhe erraria nunca hũa unha da verdade*» —compare-se aqui a expressão ainda hoje usada (*não ter*) *nem uma unha negra* ^(20a); ib., pág. 301: «*... mas do meu nam esperem hũa gota*». Aquilino Ribeiro emprega no seu romance *Batalha sem fim* uma locução curiosa (pág. 122): «*Nenhum deles, mormente o lavrador, jogaria os haveres contra leite de pombas*». No *Dicionário da gíria brasileira* de M. Viotti (pág. 263) encontramos uma expressão muito parecida: *passar a leite de pato* = «passar sem recursos» ⁽²¹⁾. Para exprimir a ideia de *nada* recorre-se neste caso a algo de impossível. De um pobretana, que não tem cheta, costuma dizer-se que *não tem uma corda com que se enforque* (cf. Fonseca Lebre, pág. 108); Sá de Miranda, pág. 17: «*Que farey? quanto podemos ajuntar com tanto trabalho tam pouco ha, tudo Guiscarda engulio de hum bocado sem deixar pera hũa corda com que se homem enforcasse [...]*»

Negativas indirectas para nada

Na linguagem popular uma frase negativa reveste às vezes a forma de uma comparação com coisas remotas, com as quais se estabelece uma relação de efeito cómico ou absolutamente disparatada que infunde no objecto comparado um sentido negativo. A base para a criação de tais comparações e circunloquções para *nada*, de que a seguir nos vamos ocupar, está na tendência peculiar da fala popular

^(20a) Cf. também Aquilino Ribeiro, *Batalha*, pág. 216: «— *Podeis ir, mas de mim não espereis tanto como a apara duma unha*».

⁽²¹⁾ Não tratamos aqui das muitas expressões formadas com uma designação de moeda para exprimir a ideia «não ter dinheiro», como p. ex.: *não ter cheta, não ter c'roas, não ter níquel, etc.*

para o exagero por um lado e para a aversão pronunciada às noções abstractas por outro lado. Não é raro serem comparações deste tipo criações individuais do momento e de pouca dura. No entanto há também outras que talvez tenham sido individuais, mas que hoje em dia passaram ao uso comum. Só estas comparações geralmente aceites e já fixadas como fórmulas de negação temos aqui em mira.

Voltando às expressões de ínfimo valor, mencionamos em primeiro lugar a locução tão estranha como expressiva *valer tanto como cevada ao rabo de cavalo morto*; cf. p. ex. Costa, *Galo doido*, pág. 167: «[...] estas recriminações a posteriori (*pensava*) *valiam tanto como cevada ao rabo de cavalo morto* [...]», o que quer dizer que «não valiam nada». No caso de não se importar com alguma coisa é bastante frequente dizer-se: *importa-me tanto como a primeira camisa que vesti* = «não me importa absolutamente nada». Cabem aqui também as comparações já condensadas em fórmulas fixas que, na linguagem popular, exprimem «não percebe nada disso». Ouve-se frequentemente *percebe tanto disso como eu de laçares de azeite* e ainda *sabe tanto disso como eu sei o que vai em Roma* (cf. Fonseca Lebre, págs. 139 e 159). Na gíria académica a expressão mais frequente para exprimir esta ideia é: *não saber puto*.

Numerosíssimas são as locuções introduzidas pelos verbos *andar* e *ficar* que exprimem «ficar sem nada», «não ter nada (dinheiro)»⁽²²⁾, etc. Assim, diz-se p. ex. *andar* ou *ficar a apitar* que, muito provavelmente, significou primeiro «fingir alegria», passando daí a significar «andar sem nada» (cf. p. ex. J. Diogo Ribeiro, *RLu XXVIII*, pág. 90; Turquel); *andar à onça*, loc. fam. «não ter dinheiro» (Figueiredo¹¹⁾); *andar à (ou na) piranga* «ter falta de dinheiro, não ter nada»; *andar a tinir* «não ter dinheiro», F. Alves Pereira, *RLu XXX*, pág. 190 regista *andar a tenir* e parece estar na dúvida se se trata do mesmo verbo; o que se ouve em todo o caso é *tinir*, cf. p. ex. Eça, *Capital*, pág. 443: «*estava a tinir! Dai a dias, não teria sequer para uma tipóia!*»; *andar na dependura* (= ruína) e *andar na estica* «não ter nada». Esta última expressão usa-se também com o sentido

(22) Cf. para o italiano o estudo recente de S. Heinimann, *Einige affektische Verstärkungen der Negation im Italienischen*, in: *Vox Romanica* 11 (1951), págs. 189-201, artigo, em que se trata nomeadamente das expressões para «não ter dinheiro» e «não dar dinheiro» em it.; o A. limita-se no entanto àquelas que exprimem essas ideias por meio de designações de moedas que ainda levam outro reforço.

de «estar muito magro». *Andar teso*, muito usado na linguagem falada, etc. Estas expressões todas, de que há uma quantidade enorme, deviam ser tratadas à parte. Também é de uso frequente *ficar a chuchar no dedo*; cf. p. ex. Eça, *O primo*, pág. 332: «[...] se se acomodarem, mais ficas a chuchar no dedo [...]»; por ironia emprega-se *ficar à divina* (Tavares Teixeira, *RLu XIII*, pág. 110; Moncorvo); *ficar-se em trinta*, prov. trasm. «ficar a ver navios» (Figueiredo¹⁰), provavelmente uma expressão de jogo de cartas que equivale a *ievar uma rolha*. A. C. Moreno, *RLu V*, pág. 111, regista para Trás-os-Montes *ficar à ucha* (*ucha* = «*queimada de urze*» ? gal. «*arca* ?»), *ficar à divina*, *ficar a tocar o beato* (expressão que não entendemos), *ficar a olhar p'rò sinal*, *ficar a paz de pílulas* («*pílula*» em sentido fig. significa alguma coisa de desagradável, «aquilo que se suporta dificilmente», Figueiredo¹⁰). Com *ficar à ucha* parece-nos relacionar-se a loc. beir. *ficar à ústia* «ficar sem nada, ficar logrado» (Figueiredo¹⁰) em que sobrevive na linguagem popular uma das raras derivações do lat. *urere*. E finalmente uma expressão conhecidíssima, proveniente de Lisboa *ficar a ver navios do Alto de St.^a Catarina*, que se emprega muitas vezes elipticamente: *ficar a ver navios*; cf. p. ex. Aquilino Ribeiro, *Lápides*, pág. 326: «[...] quem o tem chama-lhe seu, quem o não tem vê navios do alto de Santa Catarina?!

Como fórmula gramaticalizada de imperativo, aparentemente bastante antiga, explica-se *por dá cá aquela palha* = «por uma insignificância, sem motivo sério»; cf. p. ex. «*Eufrosina*», pág. 88: «[...] per daa ca aquella palha vos desonram [...]»; Aquilino Ribeiro, *Estrada*, pág. 130: «— Não roubo nada a ninguém...» — *Mas estaqueias por dá cá aquela palha*⁽²³⁾.

Não menos antigas são certamente as fórmulas rimadas *não dizer chus nem bus* (esp. *sin decir chus ni bus*) ou *não haver que tugir nem mugir*⁽²⁴⁾, etc. (cf. Fonseca Lebre, pág. 154).

(23) Cf. também em esp., Cervantes, *Novelas ejemplares* II, pág. 217: «[...] estos jiferos con la misma facilidad matan a un hombre que a una vaca: por quitame allá esa paja [...]»

(24) Cf. Nemésio, *O mistério*, pág. 102: «[...] não se ouvia nem tus nem bus [...]»; Torga, *Rua*, pág. 93: «[...] ali não havia que tugir nem mugir. Cf. também a expressão antiquíssima *sem dizer água vai*; a este respeito Gomes Monteiro e Costa Leão, págs. 19-20.

Não é nada raro encontrarmos frases interrogativas ao serviço da negação. Interrogativas desta espécie distinguem-se das interrogativas reais pelo facto de não pedirem resposta e de se aproximarem na sua entoação das frases exclamativas. Ocorrem bastas vezes tais fórmulas interrogativas que também já se gramaticalizaram, como p. ex.: *que lhe havemos de fazer?*! ou *que queres?*!, acompanhado pelo mesmo encolher de ombros, sinal de resignação, que caracteriza também *que remédio?*! ⁽²⁵⁾ = «paciência, não se pode fazer nada», *não há remédio!* que se explica por uma elipse, podendo acrescentar-se p. ex. ...*que o possa salvar* (ou *curar*); *para que é que eu quero isto?*! = «não quero isto para nada», e muitas outras fórmulas semelhantes.

Desfigurações semânticas

Os motivos que levam à desfiguração semântica (ao que, na terminologia alemã, se chama *Verblümung*), podem ser de natureza mui diversa. Quando no diálogo se tira proveito das formas homónimas da terceira pessoa do presente do indicativo de *nadar* e de *nada*, deve-se o aparecimento desta *Verblümung* à tendência de brincar com as palavras por razões de ironia, de efeitos burlescos ou outros que tais. Caso alguém queira apoucar a recusa de um «*não quero nada*», tenta às vezes fazê-lo por meio de uma interpretação burlesca do *nada* como p. ex.: «*nada é peixe; e quem bem nada, não se afoga*» (Fonseca Lebre, pág. 109) ou «*nada, pito, que t'afogas!*» (ib., pág. 113 ⁽²⁶⁾). Com o mesmo efeito emprega-se no calão *nadantes* que

⁽²⁵⁾ Cf. a este respeito Beinhauer, *SpU.*, pág. 123. Também Heinimann, pág. 196: «*non c'è Cristo, non c'è Cristi* (in ganz Italien), berg. no esga Dio im Sinne von 'non c'è verso, non c'è rimedio' [...] zu ergänzen wäre etwa: ... *che ti possa aiutare*».

⁽²⁶⁾ Cf. a este respeito Wagner, *Zeitschrift f. rom. Phil.* 49, págs. 18-19: «*naranjas!* oder *naranjas de la China!* pop. für *nada*, no, de ningún modo (Bescos). In Costa Rica: «*naranjas o naranjas chinas* es paronimia jocosa de *no* o de *nada*, y equivale al cast. *nones* en el sentido de negación burlesca» (Gagini, 186); ebenso in Honduras: «En vez de *nada*, decimos a las personas de la familia o de confianza *naranjas de Chinandega*, o simplemente *naranjas*» (Membreño, 107).

Neben der zweifellos vorliegenden Idee der *Verblümung* für *nada* haben wir es auch mit einer der scherzhaften Ablehnungen zu tun, wobei man mit einem Ausdruck antwortet, der irgendetwas Gutes zum Essen bedeutet, um den

Bessa (pág. 215) designa como expressão da linguagem dos gatunos. A. A. Lopes regista nos seus *Termos de calão e gíria popular* ao lado de *nadantes* a forma *naduncha* com o sufixo *-uncho*, muitíssimo frequente, especialmente no calão, onde tem valor depreciativo, desfigurando ao mesmo tempo as palavras. Nos Açores usa-se *neta* para *nada* (pron., colhido em São Jorge; Figueiredo¹⁰) (27). E no Uruguay ocorre *nafta* com o mesmo sentido; cf. Fernán Silva Valdés, *Cuentos del Uruguay* (Col. Austral n.º 538), pág. 188: «*Él no tiene autoridá para conseguir nafta*».

Outra desfiguração semântica de *nada* é *nicles* (28); cf. p. ex. Eça, *Capital*, pág. 398: «*Que é que eles lhe podem dar? Divertimentos? Onde?... Empregos? Que é deies?... Posição? Nicles!...*»; E. de Noronha, *Altama*, pág. 174: — *O que é que descobriu?* — *Que foi o «Chico da Fundição».* — *Isso todos sabem; o paradeiro é que «nicles»*; cf. também Fonseca Lebre, pág. 122. Com *nicles* relaciona-se *níquibus* que é, ao lado de *cumquibus* (esp. fam. *cónquibus*), uma daquelas formações latinizantes *nada* raras no calão; cf. Bessa,

Widerpart mit der Ablehnung zu verhöhnen; so sagt man in diesem Sinne in Spanien *magras!* (eig. *lonja de jamón*); cub. *los frijoles* (ib. 564); port. (Madeira) *chuletas* 'nada' (Canuto Soares, *Rev. Lus.* 17,153); (Trás-os-Montes) *cenórias* (*Rev. Lus.* 5,37); franz. *des dattes!* (Bauche, *Le langage pop.* 217); deutsch *Kuchen!, Schnecken!*

Eine andere Verblümung für *nada* ist *nadando*, worüber der Verf., *Mex. Rotwelsch*, *ZRPb* 39,541 und Spitzer, *ZRPb* 42,208, A., der ausserdem eine Ablehnung an *andando* annimmt.

In Portugal: *nadantes*, neben *nanai* und *nanja* (Bessa). —

Cf. também Beinhauer, *SpU.*, págs. 120-121. Podíamos aduzir mais algumas expressões burlescas de recusa que troçam do parceiro como p. ex. *abóbora*, *que arroz é água* (A. Th. Pires, *RLu* XVI, pág. 138; também Fonseca Lebre, pág. 3); em *Batalha sem fim* (pág. 277) de Aquilino Ribeiro *abóbora* exprime a malícia de quem fala: «*Que lhe fora o coveiro dos bens, abóbora!*»; além disso *batatas!*, *bolas!*, *chapéu!*; *germo* «nada, coisa nenhuma» (E. Ribeiro, *RLu* XXIII, pág. 135; Madeira), M. de Lourdes de Oliveira Monteiro, *Porto Santo*, in: *RPF* III (1949/50), pág. 139, observou *gerne* [zérnə] «e não gerno»; *xifarotes* «nada» (U. Canuto Soares, *RLu* XVII, pág. 158, Madeira); veja-se também Fonseca Lebre, pág. 62: *Massadores?... O que é isso?!... — É chouriço*. Neste último exemplo é digno de reparo o facto de se escolher uma palavra que rima com *isso* para trocar do interrogador dando-se-lhe uma resposta absolutamente disparatada.

(27) Como adv. usa-se *netas* «de nenhuma maneira» (ib.).

(28) J. L. de Vasconcelos quer explicar *nicles* do lat. *nihil* ou seja do lat. med. *nichil*, cf. *RLu* VI, págs. 129-131.

pág. 97 e Viotti, pág. 246 ⁽²⁰⁾). É muito provável que tanto para *nicles* como para *niquibus* o ponto de partida seja *níquel* que, passando por *não ter níquel*, podia facilmente chegar ao sentido de *nada*. No Brasil, *níquel* ainda aparece jocosamente desfigurado sob o onomástico *Nicolaus*, com que, no entanto, se designam só as moedas; cf. Viotti, pág. 245, Pederneiras, pág. 47. A forma do plural *nicles* em vez de *niqueis* não nos surpreende, pois que a tendência de uniformizar a formação do plural é bastante grande na linguagem popular; cf. p. ex. *pardales* em vez de *pardais* (F. Alves Pereira, *RLu XXV*, pág. 185, Arcos de Valdevez), *hotéles* em vez de *hotéis* (F. Braga Barreiros, *RLu XXXV*, pág. 247, Barroso), etc.

E por fim mencionamos ainda *nanar* que A. A. Lopes regista com o sentido de *nada*, relacionado ou com *nana* = *não* (Figueiredo¹⁰) ou então com *nanai* (26) que parece ser de origem cigana. Viotti abona como expressão da linguagem dos gatunos *neres* (pág. 245) «nada, sem resultado» e Pederneiras, pág. 47, *néris* = «nada», Figueiredo¹⁰, *néri*. A propósito de *nente(s)* (Cortesão, *Subsídios*; Figueiredo¹⁰) que parece ser antigo e se usa no Brasil na linguagem dos gatunos com o sentido de «cautela! é suspeito!» (Viotti, pág. 245), veja-se R. Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, 3.^a ed., 1950, § 69, 3.

Todas estas desfigurações semânticas de *nada* começam por um *n*- pelo que se integram na longa série de negações cuja letra mais característica e psicologicamente mais importante é esta nasal inicial (6).

Düsseldorf-Wersten.

HEINZ KRÖLL

⁽²⁰⁾ Compare-se num passo de Quevedo, *Vida del Buscón* (Clásicos Cast. 5), pág. 98: «[...] y yo, que no tenía ya blanca, pedile que me diese de cenar y que pagase hasta Segovia la posada por los dos, que íbamos en *puribus*»; cf. também port. *irribus*! «arre! cebolório!» (Figueiredo¹⁰); esp. fam. *ag(ib)ilibus* «agilidade»; fr. pop. *rasibus* «au ras, au ras de», Bauche, *Le langage pop.* pág. 245; al. *Fidibus* «Zündstreifen», etc.

Bibliografia

- Aquilino Ribeiro, *Batalha* = Aquilino Ribeiro, *Batalha sem fim*, 4.^a ed., Lisboa, s. d.
- Aquilino Ribeiro, *Estrada* = Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, 4.^a ed., Lisboa, s. d.
- Aquilino Ribeiro, *Lápides* = Aquilino Ribeiro, *Lápides partidas*, 1.^a ed., Lisboa, s. d.
- Aquilino Ribeiro, *Quando ao gavião* = Aquilino Ribeiro, *Quando ao gavião cai a pena*, 1.^a ed., Lisboa, s. d.
- Beinhauer, *SpU.* = Werner Beinhauer, *Spanische Umgangssprache*, Ferd. Dummlers Verlag, Berlin e Bonn, 1930.
- Cortez, *Báton* = Alfredo Cortez, *Báton* — Peça em três actos; Lisboa, 1939.
- Cortez, *Lodo* = Alfredo Cortez, *O lodo* — Peça em três actos; Lisboa, 1923.
- Costa, *Galo doído* = A. da Costa, *Galo doído*. Romance, 4.^a ed., Lisboa, 1944.
- Eça, *Capital* = Eça de Queiroz, *A capital*, 5.^a ed., Lello & Irmão, Porto e Lisboa, 1943.
- Eça, *O primo* = Eça de Queiroz, *O primo Basílio* — Episódio doméstico. Lello & Irmão, Porto e Lisboa, 1945.
- «Eufrosina» = Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Comédia Eufrosina*; ed. por Aubrey F. G. Bell, Imprensa Nacional, Lisboa, 1918.
- Figueiredo = Cândido de Figueiredo, *Novo dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed., Lisboa, 1949.
- Gil Vicente = Gil Vicente, *Obras completas*; reimpressão «fac-similada» da edição de 1562, Lisboa, 1928.
- Godinho, *Nada mais simples* = Virgílio Godinho, *Não há nada mais simples*, Portugália Editora, Lisboa, s. d.
- Gomes Monteiro e Costa Leão = Gomes Monteiro e Costa Leão, *A vida misteriosa das palavras, origem e explicação de modismos, dizeres comuns e frases feitas*, Portugália Editora, Lisboa, 1944.
- Heinimann = S. Heinimann, *Einige affektive Verstärkungen der Negation im Italienischen*, in: *Vox Romanica* 11 (1950), págs. 189-201.
- Hofmann, *Lat. U.* = J. B. Hofmann, *Lateinische Umgangssprache*, 2.^a ed., Winter, Heidelberg, 1936.
- Jespersen = Otto Jespersen, *Negation in English and other Languages*, Kobenhavn, 1917.
- Llorens = E. L. Llorens, *La negación en español antiguo (con referencias a otros idiomas)*, *Rev. Fil. Esp.*, Anejo XI, Madrid, 1929.
- Meyer-Lübke, *R. Gr.* = Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen*

- Sprachen*; tomo III: *Romanische Syntax*, Leipzig, 1899.
- Nemésio, *O mistério* = Vitorino Nemésio, *O mistério do Paço do Milhastre*, Lisboa, 1949.
- Olbriich = R. Olbriich, *Zum bildhaften Ausdruck der Geringwertigkeit und Geringschätzung in den romanischen Sprachen und Mundarten*, in: *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho* (1847-1919), vol. I, págs. 95-118, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1949.
- Pederneiras = Raul Pederneiras, *Geringonça carioca*, Rio de Janeiro, 1946.
- Redol, *Marés* = Alves Redol, *Marés* — Romance, 2.^a ed., Inquérito, Lisboa, 1944.
- RLu* = *Revista Lusitana*.
- Sá de Miranda = Francisco de Sá de Miranda, *Comédia dos Vilhalpandos*, conforme a edição de 1560, publicada e anotada por A. J. Lopes da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930.
- Tavares, *Divórcios* = Lorrjô Tavares, *Divórcios* — Comédia em três actos, Lisboa, 1934.
- Torga, *Bichos* = Miguel Torga, *Bichos* — Contos, 3.^a ed., Coimbra, 1943.
- Torga, *Diário I* = Miguel Torga, *Diário I*, 2.^a ed., Coimbra, 1942.
- Torga, *Rua* = Miguel Torga, *Rua* — Novelas e contos, Coimbra, 1942.
- Viotti = Manuel Viotti, *Dicionário da gíria brasileira*, São Paulo, 1945.
- Wagenaar = K. Wagenaar, *Étude sur la négation en ancien espagnol jusqu'au XV^e siècle*, Groningen, Den Haag, 1930.

Glossário

abóbora, que arroz é água, n. 26
 andar a apitar, 11
 andar à onça, 11
 andar à (ou na) piranga, 11
 andar a tinir (tenir), 11
 andar na dependura, 11
 andar na estica, 11
 andar teso, 12
 antenas, n. 13
 aquelar, n. 5
 armação, n. 13
 batatas, n. 26
 bóia, 8
 bolas, n. 26
 caracol, n. 13
 ceitil, 8
 cenórias, n. 26
 chapéu, n. 26
 chavelho, 5, n. 13
 chavo (galego), n. 15
 chifre, 9, n. 13
 chouriço, n. 26
 chuletas, n. 26
 cinco reis de gente, n. 18
 coisa alguma, 3, n. 5
 coisa de..., n. 5
 coisa nenhuma, 3, n. 5
 coisar, n. 5
 coisíssima nenhuma, 3
 cornado, 9
 corno, 9, n. 13
 cumquibus, 14
 dependura, 11
 duma figa, n. 20
 é chouriço, n. 26
 em menos de nada, 5
 estar a tinir, 11

estica, 11
 ficar a apitar, 11
 ficar a chuchar no dedo, 12
 ficar à divina, 12
 ficar a olhar pr'ò sinal, 12
 ficar a paz de pilulas, 12
 ficar a tocar o beato, 12
 ficar à ucha, 12
 ficar à ústia, 12
 ficar a ver navios (do Alto de St.^a
 Catarina), 12
 ficar-se em trinta, 12
 figa, 9
 figas, canhoto!, n. 20
 figas, diabo!, n. 20
 figo, 9
 frijoles, esp., n. 26
 galhadura, n. 13
 galho, n. 13
 gerno (gerne), n. 26
 gota, 10
 há nada, 5
 há nadinha, 5
 importa-me tanto como a primeira ca-
 misa que vesti, 11
 leite de pato, 10
 leite de pombas, 10
 magras, esp., n. 26
 murcela, 10
 nada cosa, esp. n. 1
 nada é peixe; e quem bem nada não
 se afoga, 13
 nada, pito, que t'afogas!, 13
 nadando, esp., n. 26
 nadantes, 13, n. 26
 nadichinha, n. 10
 nadinha, n. 10

- nadinha, n. 7
 naduncha, 14
 nafta, esp., 14
 nana, 15
 nanai, 15, n. 26
 nanar, 15
 não dar meio real por, n. 17
 não dar murcela, 10
 não dar um cornado por, 9
 não dizer chus nem bus, 12
 não entender níquel, bras., 8
 não faltava mais nada, 4
 não faz nadinha (desta vida), 4
 não há coisa que se veja, 2
 não há figos!, 9
 não há remédio, 13
 não haver que tugir nem mugir, 12, n. 24
 não perceber patavina, 8
 não pescar bóia, 8
 não queres mais nada, não?!, 4
 não saber puto (gir. ac.), 11
 não te digo nada!, 4
 não tem nada, 5
 não tem uma corda com que se enforque, 10
 não ter níquel, 15
 não vale a ponta dum chavelho, 9
 não vale a ponta dum chifre, 9
 não vale a ponta dum cigarro, n. 13
 não vale a ponta dum corno, 10, n. 13
 não vale cinco réis furados, 8
 não vale dez réis de mel coado, n. 15, n. 17
 não vale um caracol (torrado), n. 13
 não vale um chavo (galego), n. 15
 não vale um corno, n. 13
 não vale um figo, 9
 não vale um pataco, 8
 não vale um testão, n. 15
 naranjas (chinas; de la China; de Chinandega), esp., n. 26
 nem tus nem bus, n. 24
 nem uma unha negra, 10
 nente(s), 15
 neres, neri(s), 15
 neta(s), 14, n. 27
 nicles, 14, n. 28
 nicolaus, bras., 15
 níquel, 8, 15
 níquibus, 14
 no vale um cuerno, esp., n. 13
 nulha ren, ptg. a., 2
 onça, 11
 onze, n. 13
 para que é que eu quero isto?!, 13
 passar a leite de pato, bras., 10
 pataco, 8, n. 17
 patavina, 8
 pau, n. 13
 percebe tanto disso como eu de lagares de azeite, 11
 piranga, 11
 ponta, 9, n. 13
 por dá cá aquela palha, 12
 por quitame allá esa paja, esp., n. 23
 que lhe havemos de fazer?!, 13
 que queres?!, 13
 que remédio?!, 13
 real, n. 17
 ren (rem), ptg. a., 2
 sabe tanto disso como eu sei o que vai em Roma, 11
 sem dizer água vai, n. 24
 sem um ceutil furado, 8
 sin decir chus ni mus, esp., 12
 tesó, 12
 tinir (tenir), 11
 tostão, n. 15
 tudenada, n. 11
 um tempo de nada, 5
 um tudo nada, 5
 um tudo-nadelha, n. 10
 um tudo nadinha, 5
 unha (negra), 10
 valer tanto como cevada ao rabo de cavalo morto, 11
 vento, 10
 xifarotes, n. 26

Roum. *desfăta*, port., esp. *desenfadar*

«Le principal ennemi de l'étymologie, c'est l'évidence» : J. Marouzeau, *Aspects du français* (Paris, Masson, 1950), p. 101.

L'étymologie du très populaire verbe daco-roumain (car il ne se trouve pas dans les trois sous-dialectes : macédo-, mégléno- et istro-roumain) *a (se) desfăta* '(se) distraire', '(se) divertir', a été expliquée de plusieurs façons, mais, à notre avis, d'aucune qui puisse satisfaire complètement. Et pourtant ce vocable d'allure tout à fait latine a eu l'avantage d'être «ausculté» par des savants prestigieux comme Densusianu, Spitzer et Pușcariu : ce dernier s'est même prononcé en vingt-huit ans, de trois (ou quatre ?) manières différentes, — ce qui exprime bien et l'intérêt suscité par ce problème, et sa réelle difficulté. Dans le doute, les lexicographes se sont en général abstenus de prendre parti : le docte et prudent Tiktin (1), en 1906, résumait l'état de la question en ces quelques mots encore valables : «Etymologie obscure, mais manifestement latine». Doubte consacré en 1914 par Candrea-Densusianu, lesquels n'ont pas enregistré notre vocable dans leur «Dictionnaire des éléments latins du roumain» (2). Doubte renforcé en 1931 par Candrea, qui, dans son excellent «Dictionnaire» (3), a passé sous silence l'origine de *desfăta*, ce qui veut dire qu'il tenait pour «inconnue» l'étymologie et pour «très douteuses» les explica-

(1) H. TIKTIN, *Rumänisch-deutsches Wörterbuch*, 2 vol. (Bukarest, 1902-1925), s. v.

(2) I.-A. CANDREA — O. DENSUSIANU, *Dicționarul etimologic al limbii române ; elementele latine* : București, Socec, 1914.

(3) I.-A. CANDREA, *Dicționarul enciclopedic ilustrat* : București, 1931.

tions proposées jusqu'alors (*Préf.*, p. XIII). Finalement, en 1937 Graur estimait «très douteux» l'étymon de Spitzer, sans en suggérer de plus sûr ⁽⁴⁾.

Tel étant le côté des *non possumus*, voyons succinctement l'aspect positif et historique du problème : les étymologies avancées jusqu'à ce jour ⁽⁵⁾.

La première étymologie que nous connaissions date de 1870, et nous vient de Cihac ⁽⁶⁾. Elle ne mérite aucune discussion, car l'auteur, qui a longtemps vécu à l'étranger ⁽⁷⁾, confond irrémédiablement dans le même article notre *desfăța* '(se) distraire', '(se) réjouir', avec *desfăța* 'dégarnir (un lit)', 'découvrir', qui est un dénominatif de *față* < **FACIES** ! Et il n'y a qu'à rappeler le correspondant portugais invoqué par Cihac : *desfaçarse* (sic) 'perdre toute honte'—pour saisir combien il était loin du sens du roumain *desfăța*, pour ne rien dire du passage insolite de *t* à *f*.

Encore moins de crédit mérite la fantaisie du brave Crețu ⁽⁸⁾, émise en 1900 : il s'agirait, selon lui, d'un ***SATISFACTARE** «aphéresé et avec le changement de *t* en *d*, comme dans *de-a dur(n)a*, *indur(n)are*, *inde*». Or, c'est là bâtir des hypothèses sur des hypothèses. Car, outre que 'satisfaire' n'est pas 'divertir', **SATISFACTARE** ⁽⁹⁾ n'a pas de fréquentatif en latin, ni en roman ⁽¹⁰⁾. Ensuite,

(4) A. GRAUR, *Corrections roumaines au REW*, dans : *Bulletin Linguistique* (Bucarest), V (1937), p. 92, col. 2.

(5) Faut-il encore rappeler que nous travaillons éloigné du Pays et de ses bibliothèques, indispensables à tout travail exhaustif de ce genre ?

(6) A. de CIHAC, *Dictionnaire d'étymologie daco-romane ; I, Eléments latins comparés avec les autres langues romanes* (Francfort s. M., St. Goar, 1870), p. 90, s. v. *față*.

(7) Pour S. Pușcariu (*Dicț. Acad. Rom.*, Introd., p. XIII), Cihac n'était pas Roumain, ce qui expliquerait, selon lui, quantité de bévues de son Dictionnaire. Mais point n'est besoin de, à cette fin, lui retirer *post mortem* la citoyenneté roumaine, dont jouissait (paraît-il) déjà son père, le médecin J. Cihac, tchèque de nationalité allemande, établi ensuite en Roumanie en 1825. — Cf. *infra*, n. 47.

(8) Dans les notes dont il accompagne sa probe édition du «Lexicon slavo-roumain» de 1649 : Gr. CREȚU, *Mardarie Cozianul, Lexicon slavo-român (1649)* (București, Academia Română, 1900), p. 317.

(9) Le fréquentatif du simple *facere* est *factitare* : voy. ERNOUT-MILLET, *Dict. etym.*, s. v.

(10) *REW*³ 7618.

à supposer que le roumain atteste cet hapax, il nous faudrait admettre l'inexplicable aphérèse de la syllabe initiale, pour arriver ainsi au mutilé *TISFACTARE — lequel aurait donné en roumain **testăpta!* Car, quoi qu'en dise Crețu, d'abord *t* ne passe point à *d* en roumain ⁽¹¹⁾, et ensuite le groupe -CT- passe régulièrement à -pt-. Du reste, le panroman (AD) SATIS ne s'est pas conservé en roumain ⁽¹²⁾, où l'on ne trouve que le dérivé *SATIUM > *saț* ⁽¹³⁾; cf. aussi *sățui*, *destul* ⁽¹⁴⁾ et *sătura* ⁽¹⁵⁾.

Empressons-nous de préciser, d'ailleurs, que ces deux étymologies — de Cihac et de Crețu — n'ont jamais été prises en considération. Néanmoins, par souci d'exactitude, nous nous sommes fait un devoir de les rappeler.

Hașdeu n'a pas eu l'occasion de traiter de *destăta*, vu que son monumental *Etymologicum Magnum Romaniae* s'arrêta en 1898 à *bărbat*.

Enfin, Pușcariu vint...

Il vint, et il revint même à plusieurs reprises, — sans résoudre le problème. En effet, d'abord en 1905, dans son *Dictionnaire Etymologique de la Langue Roumaine* ⁽¹⁶⁾, il lia *destăta* à FATUM 'destin', en supposant un *DISFATARE signifiant 'désensorceler qqn', et par là 'charmer'; et de comparer avec l'it. *fatate*, prov. *fadar*, vx. fr. *fa-er*, esp. *hadar*, 'charmer, ensorceler'.

Mais FATUM, bien qu'usuel en latin, a été concurrencé par SORS ⁽¹⁷⁾ et n'a donné aucun dérivé verbal dans les langues roma-

(11) Son *inde* ne vient pas de ANTE (comme il l'affirme à la p. 336), mais directement du lat. INDE (voy. *Dicț. Acad. Rom.*, s. v.); quant à la locution adverbiale *de-a-dur(n)a* et au verbe *indur(n)are*, ils n'existent simplement pas : pour les faire venir du lat. TORNARE (voy. p. 336), Crețu leur a froidement ajouté l'infixe -n-. Il existe bien en roumain *de-a dura* et *îndurare*, mais ces vocables n'ont rien à voir avec la question, car leur *d* ne représente pas une *t* latine. — Sur les dilettantismes de Crețu, qui se situe pour ainsi dire dans la préhistoire des recherches d'étymologie roumaine, voy. notre *Survivance roumaine du latin* *APPICARE, dans : «Mél. Ad. Coelho» (Lisboa, 1949), p. 156 et n. 39.

(12) REW³ 199; ERNOUT-MEILLET, s. v.

(13) REW³ 7619.

(14) REW³ 7620.

(15) REW³ 7622.

(16) S. PUȘCARIU, *Etymologisches Wörterbuch der rumänischen Sprache*; I. *Lateinisches Element* (Heidelberg, Winter, 1905), n.º 518.

(17) Voy. ERNOUT-MEILLET, s. v.

nes⁽¹⁸⁾, où il a survécu davantage par son dénominatif tardif n. pl. **FATA** 'fée'⁽¹⁹⁾, auquel se rattachent en réalité l'it. *fatare*⁽²⁰⁾ et les autres dérivés invoqués par Pușcariu. Au surplus, on ne voit pas comment ***DISFATARE** 'désensorceler' aurait évolué au sens exactement contraire de: 'ensorceler, charmer'. Car l'exemple italien *fatare* constitue lui-même un démenti sémantique: *fatare* signifie 'incantare', et son composé *sfatare* signifie logiquement 'togliere l'incanto', 'désensorceler' (et non pas 'ensorceler', 'entzücken', attribué par Pușcariu à *desfăta*).

Ce sont là quelques objections qui justifient la silencieuse réserve de Tiktin (1906) et de Candrea-Densusianu (1914) quant à cette hypothèse.

Pușcariu lui-même allait y renoncer en 1923, pour en proposer⁽²¹⁾ une seconde encore moins probable: ***DISFAUTARE**, provenant d'un autre hypothétique ***DISFAVITARE** < **FAVERE** 'être favorable, favoriser'. Mais ***DISFAUTARE** aurait donné **desfauta*⁽²²⁾, et **FAVERE**, contrairement à **CAVITARE**⁽²³⁾, n'a presque pas survécu en roman⁽²⁴⁾. Ajoutons, du reste, que Pușcariu lui-même ne semble avoir eu foi en son hypothèse, puisqu'il ne l'a jamais publiée in extenso: objet d'une communication présentée le 5-II-1923 au Musée de la Langue Roumaine de Cluj, cette étymologie a été simplement enregistrée en moins de deux lignes de la *Dacoromania*⁽²⁵⁾.

(18) *REW*³ 3222.

(19) *REW*³ 3219.

(20) Voy. *DEI* (= *Dizionario Etimologico Italiano*, ed. C. BATTISTI-G. ALESSIO, Firenze, Barbèra, 1950 et suiv.), s. v. *fata*.

(21) Précédée, il est vrai, d'un douteux «peut-être»: *Dacorom.*, III (1923), p. 1091.

(22) Cf. roum. *cauta* 'chercher' < ***CAVITARE** < **CAVERE**. — Le *Dicf Acad. Rom.*, supervisé, comme on sait, par Pușcariu, confond dans le même article ce verbe et *căta* 'regarder, chercher (des yeux)', lequel, à notre avis, continue la latin **CAPTARE** (> portg. *catar*!), selon Hașdeu, Schuchardt et (un temps) Pușcariu lui-même.

(23) *REW*³ 1793.

(24) A l'exception du ptc. **FAUTUM**, qui a donné en portugais *fouto*, esp. *hoto* 'sûreté' (= *REW*³ 3224).

(25) Voy. *supra*, n. 21.

Avant de considérer les opinions ultérieurs de Pușcariu, accordons la parole, chronologiquement, à Densusianu et à Spitzer.

Pour Densusianu ⁽²⁶⁾, *desfăta* viendrait du lat. *DISEFFETARE (< EFFETARE 'affaiblir, fatiguer', < EFFETUS 'épuisé par l'enfantement' < FETUS 'grossesse, portée'), et aurait le «sens primitif» de : 'donner de nouvelles forces, révigorer'.

Mais EFFETARE appartient au bas-latin, il n'a donc pas la vitalité d'un vocable appartenant au latin vulgaire, source du roman ; dans ces conditions, c'est aller un peu vite en besogne que de bâtir sur lui un hypothétique *DISEFFETARE. D'autant plus que le «sens primitif» de *desfăta*, tel que D. le conjecture pour étayer sa théorie, n'est pas attesté par ailleurs : *desfăta* et sa famille expriment nettement et uniquement l'idée de '(se) distraire, (se) divertir, (se) délecter' ⁽²⁷⁾.

Par surcroît, cette étymologie avait, à notre avis, un ennemi encore plus grand, celui dénoncé par M. Marouzeau dans l'exergue de notre article : l'évidence. En effet, Densusianu introduisait avec

⁽²⁶⁾ Dont nous connaissons la conjecture (publiée en 1925 dans sa revue *Graiși Suflet*, III, p. 430-431) à travers la brève mention faite dans la *Dacoromania* VII (1929-30), p. 546.

⁽²⁷⁾ En l'absence du *Dicț. Acad. Rom.*, dont on n'a pas publié la lettre *D*, le bon dictionnaire de Tiktin est catégorique en ce sens : 'ergötzen, belustigen, unterhalten'. — Quant à l'acception «désuète» 'étendre', assignée par Candrea, *Dicț. encicl.*, il s'agit d'une erreur d'interprétation d'un passage emprunté au chroniqueur Muste, correctement compris par Tiktin, s. v. : *Mihai Vodă au mărît-o* (scil. *biserica*) și *au desfăt-o* «Michel Voévode a amplifié (l'église) et l'a décorée (litt. : égayée)». De la même façon, l'article *desfăt* 'étendu' de Candrea doit être éliminé, car les deux exemples sont à interpréter : 'délectable, délicieux' : «les Champs délicieux de Sanar» (chron. N. Costin), «une clairière large et délicieuse» (Odobescu — qui, styliste raffiné, n'aurait jamais commis la tautologie «large et étendue»). Du reste, lorsque Odobescu est amené à traduire le classique hexamètre horatien *Lectorem delectando, pariterque monendo* (Ars, 344), il traduit *delectare* par *desfăta* : «*Desfătând pe cititor și instruindu-l totdeauna*» (*Pseudok.*, éd. Cugetarea, 1941, p. 107). — La confusion de Candrea doit provenir de la distinction difficile à faire entre le sens actif et réfléchi de la même forme du type *desfăt* 'délectable' et 'délecté' (voy. *Bull. Ling.*, VI (1938) p. 42-89, article consacré par A. GRAUR aux *Verbes «réfléchis» en roumain*, où il cite, à la p. 86, justement l'exemple ambigu de *desfăt*.

son *DISEFFETARE la base FĒTUS 'grossesse', qui devait être reprise et améliorée par Spitzer, et qui allait recueillir les suffrages de certains lexicologues, comme Scriban. Car l'hypothèse s'imposait par son apparente évidence, vu que FETARE, le dénominatif de FETUS-US ⁽²⁸⁾, survit en roumain en *făta* 'mettre bas; enfanter' ⁽²⁹⁾; de plus, sa famille y est renforcée par *făt* 'garçon, fils' < adj. FETUS 'fécondé' ⁽³⁰⁾, et par *fata* '(jeune) fille' < adj. FETA. Le phonétisme serait parfait, et le mécanisme de la composition régulier: p. ex. roum. *fund* 'fond' > *desfunda* 'ôter le fond, déboucher'; *frâu* (pl. *frâne*) 'frein' > *desfrâna* 'ôter le frein (à un cheval), donner libre cours, débaucher'; etc.

Mais cette assertion, très évidente phonétiquement (à la suite de la survivance en roumain de FĒTUS > *făt*), nous semble récusable sémantiquement: pour la rendre vraisemblable, Densusianu part d'un «sens primitif» 'rendre de nouvelles forces', lequel, à défaut du *Dicționarul Academiei Române* ⁽³¹⁾, ne se trouve attesté ni chez Tiktin, ni chez Candrea, Scriban ou Șăineanu. Voilà pourquoi, même si nous n'étions pas convaincu de notre propre thèse, nous ne saurions souscrire à celle de Densusianu.

De même que nous ne pourrions accepter celle de L. Spitzer, présentée trois années plus tard ⁽³²⁾, laquelle, sauf nuances de détail, est pratiquement la même chose: *desfăta* 'se réjouir' viendrait de la racine *făt* > *FETA 'animal qui a mis bas, femme qui a enfanté', plus le préfixe *des-* introduisant l'idée du «développement des forces», de même qu'en roum. *desprimăvăra*.

Mais l'on conçoit mal en roumain l'homonymie de cet hypothétique *FETA à côté de FETA > *fată* '(jeune) fille' (= REW³ 3273); et puis *desfăta*, supposé dérivé du premier, aurait fini par se contaminer avec le second représentant de la même famille et signifier

⁽²⁸⁾ Ou l'intensif d'un verbe *FEO non attesté? Voy. ERNOUT-MEILLET, s. v. *FE-, FETUS, A., UM.

⁽²⁹⁾ REW³ 3270.

⁽³⁰⁾ REW³ 3273.

⁽³¹⁾ Voy. *supra*, n. 27.

⁽³²⁾ *Revista Filologică* (Cernăuți), II (1928), p. 284-286; in: *Dacorom.*, VI (1929-30), p. 540 («Bibliografia periodicelor»).

... 'deshonorer' — ce qui n'est pas le cas ^(32a). A part cela, le préfixe roumain *des-*, de même que le latin *DIS-*, marque couramment la séparation (*desfunda*, *desface*) et la négation (*desfrâna*, contraire de *înfrâna* 'freiner'; *deschide* 'ouvrir', contraire de *închide* 'fermer' < CLUDERE). Nous n'ignorons pas que *DIS-* servait parfois de renforcement: *distaedet* 'je crève de dépit'. Mais d'abord c'est un sens très rare, en latin ⁽³³⁾ comme en roumain, et ensuite tel ne semble pas être le cas du composé roumain *desprimăvara*, invoqué par Spitzer ⁽³⁴⁾.

Grâce à son apparente évidence, cette étymologie devait être adoptée par Meyer-Lübke dans son *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (= N-o. 3269) et, dernièrement, par C. Battisti, basé sur le *REW* ⁽³⁵⁾. Mais tout Roumain se refuse d'accepter, pour le verbe *a (se) desfăta*, la signification 'être productif' que lui a assignée Spitzer. Et c'est là peut-être le meilleur argument contre cette trop évidente étymologie.

Les réserves du côté roumain n'ont pas tardé: en 1929 Pușcariu, probablement en désaccord avec l'hypothèse Spitzer publiée l'année auparavant, communique au Musée de la Langue Roumaine, le 3-XII-1929, une étymologie latine de *desfăta*, dont nous ne connaissons pas la teneur, car il ne l'a pas publiée ⁽³⁶⁾. — En 1931 paraissait le *Dictionnaire Encyclopédique* de I.-A. Candrea, qui, nous l'avons dit, n'indiquait aucune étymologie à notre vocable.

(32a) Il y a bien *desfeti*, avec ce sens; mais il s'agit d'un dénominatif de *fata* (pl. *fete*), formé à l'intérieur du roumain.

(33) Voy. ERNOUT-MEILLET, s. v. *DIS-*.

(34) Cf. C. SĂINEANU, *Dictionnaire Roumain-Français*⁴ (1936), grande éd.: «*a se desprimăvara*: verdir, s'approcher de l'automne». Il ne s'agirait donc pas du déclenchement des forces de la nature amené par l'arrivée du printemps, mais par la sortie du printemps; dès lors, le sens renforçant de *DIS-* deviendrait encore un exemple séparatif; et par conséquent l'acception 'être fertile, exubérant' (*REW*³ 3269: 'fruchtbar, üppig sein'), attribuée par Spitzer au verbe *a se desfăta*, manque de fondement. Ajoutons que ce sens est inconnu aux lexicographes.

(35) «*FĒTA, animale che ha figliato, in rum. nella frase *a se desfăta* esser produttivo...»: C. BATTISTI, *Avviamento allo studio del latino volgare* (Bari, 1950), p. 65. — Corriger *desfata* en *desfăta* (erreur qui remonte au *REW*).

(36) La *Dacoromania* VI (1929-30), p. 658, se contente d'enregistrer sèchement le fait, sans plus de détails, ce qui est bien surprenant.

En 1933, Pușcariu revient (pour la quatrième fois) à la charge ⁽³⁷⁾, pour montrer son désaccord quant à l'étymon de Spitzer adopté par Meyer-Lübke et en même temps pour proposer une nouvelle étymologie (la troisième, ou plutôt la quatrième, si l'on tient compte de la mystérieuse communication de 1929): «... <REW> 3269 *desfăta* appartient plutôt à FATA (n. 3219), au sens originaire de 'échapper à un sortilège', donc opposé au portugais *fadar* 'ensorceler'».

Cette hypothèse n'est, somme toute, qu'une variante de la première proposée en 1905 par Pușcariu dans son *Rum. Etym. Wört.*, à la différence qu'au lieu de partir de FATUM 'destin' (> *DISFATARE), il invoque le dérivé n. pl. FATA 'fée', qui a l'avantage d'être beaucoup plus vivant dans les langues romanes, et d'introduire dans la lice un sens plus large et, partant, plus facilement «adaptable» à une thèse donnée.

Mais FATA, 'déesse du Destin, Parque, fée', s'est conservé dans toutes les langues romanes,—sauf en roumain! ⁽³⁸⁾ Dès lors, la survivance roumaine d'un dérivé *FATARE ⁽³⁹⁾ nous apparaît hautement invraisemblable. Ensuite, ce dénominatif *FATARE a survécu partout avec le sens de 'enchanter, ensorceler, prédestiner': vx. fr. *faër*, *feër*, prov. *fadár*, it. *fatare*, esp. *hadar*, ptg. *fadar*. Si, par conséquent, *FATARE signifie partout 'enchanter' (= roum. 'încânta'), le composé *desfăta* devrait logiquement signifier en roumain 'descânta', fr. 'désenchanter', it. 'sfatare'—ce qui nous mène au sens exactement opposé de *desfăta*, à savoir 'enchanter', 'divertir', 'déllecter'! La sémantique oppose donc son veto catégorique à la dernière suggestion de Pușcariu. Lequel, du reste, partait d'une erreur d'interprétation: le portugais *fadar* veut dire 'prédestiner', et non 'ensorceler', 'bezaubern'.

Quatre ans plus tard, Graur glosait ⁽⁴⁰⁾ d'un sceptique «bien douteux» l'étymon de Spitzer, sans s'arrêter à celui (ou ceux) de Pușcariu, et sans en proposer d'autre, comme il le fait dans d'autres cas, le long de ses valeureuses *Corrections*.

⁽³⁷⁾ *Descorrea*, VII (1931-33), p. 477.

⁽³⁸⁾ Voy. REW³ 3219; *DEI*, s. v.

⁽³⁹⁾ Qui pourrait être un dénominatif de *FATA, mais aussi un fréquentatif de FARI, pour *FATARI 'prophétiser'.

⁽⁴⁰⁾ A. GRAUR, *Corrections...*, p. 97².

Signalons enfin, pour clore cet indispensable aperçu historique de la question, que l'inégal lexicographe Scriban⁽⁴¹⁾ explique sèchement le verbe *desfăta* comme un dénominatif (à l'intérieur du roumain ?) de *făt, fată*, ce qui revient à dire qu'il admet l'hypothèse Densusianu-Spitzer que nous venons de critiquer.

Finalement, le dictionnaire «omnibus» de Șăineanu⁽⁴²⁾ plaide pour FOETOR 'puanteur', du défectif FOETEO (FAET-, FET-) 'puer', en voyant dans *desfăta* un vocable de nourrice et en lui attribuant une évolution sémantique parallèle à celle de *desmierda* 'caresser' < MERDA. A première vue, cela pourrait aller, car FOETEO⁽⁴³⁾ s'est conservé en esp. *heder*⁽⁴⁴⁾, portg. *feder*⁽⁴⁵⁾, avec le sens figuré de 'enfadar', 'ennuyer' (à côté de 'puer'). Mais c'est là le seul aspect favorable que nous puissions concéder, vu que plusieurs arguments infirment sans conteste la conjecture de Șăineanu :

1.^o Le sens figuré du ptg., esp. ('enfadar' = 'ennuyer') est une simple coïncidence, qui s'explique par le désagrément, l'ennui, causé par celui qui sent mauvais ;

2.^o *Desfăta* ne veut pas dire 'caresser (un enfant)', comme son prétendu synonyme *desmierda*⁽⁴⁶⁾, mais 'divertir'. C'est là une nuance qui a toute sa valeur si l'on veut bâtir dessus une théorie ; et nuance peut-être difficile à saisir par un «étranger»⁽⁴⁷⁾ ;

3.^o C'est une hérésie que de faire dériver roum. *făt* 'fils' et *făta* 'enfanter' de FOETEO 'puer', dans le but évident de corroborer l'hypothèse *desfăta* < FOETEO, en suggérant la parenté *făt* — *desfăta*

(41) A. SCRIBAN, *Dicționarul limbii românești*, Iași, 1939.

(42) L. ȘĂINEANU, *Dicționarul universal al limbii române*, Craiova, s. d. (1940 ?), s. v. : «Dérivé probablement du lat. *fetor* 'puanteur' (d'où *făt(a)*, avec une évolution de sens analogue à *desmierda*, les deux termes primitifs de nourrice»).

(43) REW³ 3406.

(44) *Diccionario de la Lengua Española*¹⁷, Real Acad. Esp., Madrid, 1947, s. v. *heder* : 'enfadar'.

(45) CÂNDIDO de FIGUEIREDO, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*⁶, Lisboa, s. d., s. v. *feder* : 'causar enfado, ser importuno'.

(46) Dont l'évolution sémantique est renforcée par le parallélisme v. slave *něga* 'curatio infantis' et 'voluptas, hilaritas' : A. GRAUR, *Bull. Ling.*, XIV (1946), p. 108.

(47) Comme le considère S. PUȘCARIU, *Dicț. Acad. Rom.*, Introd., p. XIV.

et le sémantisme 'caresser (l'enfant)'. Tout est conjecture quant à l'origine de FOETEO: «l'on n'a aucun (...) rapprochement précis», concluent Ernout-Meillet⁽⁴⁸⁾.

Du reste, cet étymon, qui a dû figurer dans toutes les éditions du «*Șăineanu*»⁽⁴⁹⁾, n'a jamais été pris en considération, selon nos renseignements.

Le temps est venu de faire le point de la question.

Sur l'origine de *desfăta* 'divertir', distraire', 'délecter', vocable «manifestement latin» (Tiktin), on avait avancé jusqu'à ce jour non moins de six étymologies, dont deux à variantes⁽⁵⁰⁾, à savoir:

- 1) FACIES 'face': Cihac, 1870;
- 2) *[SA]TISFACTARE 'satisfaire': Crețu, 1900;
- 3^a) FATUM 'destin': Pușcariu, 1905;
- 3^b) FATA 'fée': Pușcariu, 1933;
- 4a) FETUS 'grossesse': O. Densusianu, 1925;
- 4^b) FETA 'animal qui a mis bas, femme qui a enfanté': Leo Spitzer, 1928;

5) *FAUTARE < *FAVITARE < FAVERE 'favoriser': Pușcariu, 1923;

6) FOETEO 'puer': L. Șăineanu, 1896 (?).

Aucune de ces conjectures n'a réuni les suffrages des lexicographes: Tiktin (1906), Candrea-Densusianu (1914), Candrea (1931), se sont cantonnés dans un silence prudent autant que sceptique; quant aux romanistes — de tout premier ordre, pourtant: Densusianu, Pușcariu, Spitzer — ils n'ont pas réussi à se convaincre; et rien de plus touchant que l'acharnement de Pușcariu, qui revint quatre fois sur la question, en vingt-huit ans, sans toutefois laisser l'impression de s'être persuadé lui-même⁽⁵¹⁾. Et si Meyer-Lübke a l'air d'avoir opté pour la conjecture de Spitzer, c'est là un pis aller qui ne devait satisfaire, nous l'avons dit, ni Candrea, ni Graur, ni Pușcariu.

A notre tour, et pour les raisons exposées ci-dessus, nous rejetons toutes ces hypothèses, en bloc.

(48) ERNOUT-MEILLET, *op. cit.*, s. v.

(49) La première date de 1896.

(50) Et sans compter la communication faite en 1929 par Pușcariu.

(51) Remarquer le ton douteux de sa dernière conjecture: «*desfăta* appartient plutôt à FATA...».

Afin d'arriver à notre propre conjecture, nous partons de deux prémisses simples et claires, négligées par la plupart de nos devanciers, à savoir :

1.^o Nous tenons évidemment dans le préfixe *des-* la particule négative *DĪS-*;

2.^o Si le sens fondamental du verbe est sans conteste 'divertir, distraire', il nous faut nécessairement déceler en *-fātā* un sens contraire, à savoir 'ennuyer' ! Notre *desfātā* signifierait donc tout bonnement 'désennuyer' = 'divertir'. Nous aurions par conséquent un composé d'un type très fréquent dans les langues romanes : lat. **FASTIDIUM** 'dégoût' > portg. *desfastio* 'bonne humeur, divertissement', *desenfastiar* 'désennuyer, divertir, distraire' ⁽⁵²⁾; lat. **TAEDIUM** 'ennui' > ptg. *desentediar* 'désennuyer, distraire' ⁽⁵³⁾ (vocabulaire culte, ce qui souligne la vitalité du procédé, en portugais); etc.

Telles étant les prémisses qui nous semblent s'imposer en bon raisonnement, encore nous fallait-il conclure en identifiant l'étymon du monosyllabe *-fāt-* 'dégoût, ennui', auquel nous avons remonté par cette chaîne inductive. La philologie allait-elle corroborer la logique, dans ce cas particulier ? Nous nous estimons autorisé à répondre nettement par l'affirmative.

*

En effet, il y a en latin un vocable esseulé, d'origine inconnue ⁽⁵⁴⁾, comme prédestiné à être négligé par les chercheurs, lequel est l'étymon très certain du tant débattu *desfātā* : **FATUUS** 'fade, insipide', puis 'sot' — proprement 'qui n'a pas de goût' (Ernout-Meillet).

Les deux sens ('insipide' et 'sot') se trouvent attestés en latin, et survivent dans les successeurs néo-latins, populaires, de **FATUUS** : «*insulsum: proprie 'fatuum', quasi sine sale*» (Nonius, p. 33, in: *Thes.I.L.*); «*quodsi...sal fatuus*» (Itala, *Matth.*, 5, 13; *ibid.*); «*primas illas rabiosulas (sc. litteras) sat fatuas dedisti*» (Cic., *Epist.*, 7, 16, 1; *ibid.*); «*ignauus...fatuus uanus insensatus*» (Gramm., *Suppl.*, 41, 1; *ibid.*).

⁽⁵²⁾ DOMINGOS de AZEVEDO, *Grand Dictionnaire Contemporain portugais-français*², Lisbonne, 1918, s. v.

⁽⁵³⁾ A. de MORAIS SILVA, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*¹⁰, Lisboa, s. d. (1952), s. v.; en cours de publication, par Augusto MORENO, CARDOSO JÚNIOR et José Pedro MACHADO.

⁽⁵⁴⁾ ERNOUT-MELLET, *op. cit.*, s. v.

Les dérivés *fatuitas*, *fatuo* et *infatuo* conservent cette dualité de sens, p. ex. : «*infatuatum sal ad nihil est utile*» (St. Jér., *Epist.*, 2, 6); «*sed ne uos diutius in f a t u e m, finem suasoriae faciam*» (Sén., *Suas.* 2 in fin.), etc. Ce dernier exemple de Sénèque est particulièrement instructif, vu que *infatuare* y a nettement le sens de 'ennuyer', litt. 'embêter'.

C'est ce composé INFATUARE qui est à la base du portugais-espagnol *enfadar* 'ennuyer', par l'intermédiaire d'une forme vulgaire sans *u* *INFATARE < *FATU- (pour FATUU-), vu que l'*u* précédé d'une consonne et suivi d'*u* atone s'est perdu, probablement au milieu du I^{er} siècle ⁽⁵⁵⁾.

Le composé contraire DĪS- *INFATARE > *desenfadar* 'désennuyer', 'divertir', est également très populaire en portugais et en espagnol. Or, il correspond exactement au roumain *desfăta*, à la seule différence que celui-ci n'a pas dans sa composition la préposition IN, peut-être parce que *(in)fata 'ennuyer' n'existe pas (ou plus ?) en roumain, à cause de l'homonymie avec *făta* < FETUS. Mais le roumain offre de nombreux autres exemples de composition verbale sans IN, par rapport au portugais : roum. *desfăș(ur)a* = ptg. *desENfeixar*; roum. *desfrâna* = ptg. *desENfrear*; roum. *desrădăcina* = ptg. *desENraizar*; etc.

La base FATUUS s'est réduite à *FATU dans *desfăta*, de même que PROMUTUUS est devenu *PROMUTU > *IMPROMUTARE, dans le roum. *împrumuta*, ou *ADPROMUTARE en *aprumuta* ^(55a).

Pour le sémantisme, deux autres cas roumains nous semblent instructifs. D'abord, le parallélisme avec *ánost* 'sans sel', 'ennuyeux', du gr. ἄν-οστός 'sans saveur', 'sans goût'. Ensuite, le daco-roumain *nesărat* 'fade', 'ennuyeux' (littér. : 'non salé'), à comparer avec le macédo-roumain *nsărat* 'salé', 'assagi' ⁽⁵⁶⁾. Cf., pour le latin, *insulsus* 'sans sel' et 'sot', *insipidus* 'sans saveur' et 'sot'. On pourrait, d'autre part, rapprocher le fr. *embêter* < *bête* 'sot', formation qui semble calquée sur ptg., esp. *enfadar* < *FATU 'sot', et qui correspondrait au roum. **infăta*. L'absence de ce vocable en roumain n'est pas pour

(55) Cf. GRANDGENT-MOLL, *Introd. al latin vulgar* (1928), § 226.

(55a) Il faudra corriger la forme erronée *IMPROMUTUARE assignée par le *Dicț. Acad. Rom.*, s. v., car cet -U- ne pouvait se maintenir en latin vulgaire.

(56) I. DALAMETRA, *Dicționar macedo-român* (București, 1906), s. v.

nous surprendre, de même qu'en latin, par exemple, nous ne trouvons pas un **infessus* à côté d'un *defessus*. Le simple **fāta* 'ennuyer' a pu être éliminé en roumain par son homophone *fată* 'mettre bas' < **FETUS**, de même qu'en portugais **fadar* 'ennuyer' a pu disparaître à cause de son homophone *fadar* 'prédestiner'; mais, des deux côtés de la Romania, la langue a dû se rattrapper en créant les composés *desfatu* et *des(en)fadar*.

De même qu'en roumain, la découverte de la bonne étymologie **FATUUS** a pris du temps en espagnol, aussi bien qu'en portugais.

Dans son dictionnaire manuscrit, le médecin cordouan Francisco de Rosales ⁽⁵⁷⁾, vers la fin du XVI^e siècle, suggérait l'étymon **FA-CIES** (du roumain Cihac): «Como quien dice *en-faz-dar* 'dar en rostro', así como en *en-ojar* es 'dar en ojo'»...

Un peu plus tard, le *Tesoro* de Covarrubias ⁽⁵⁸⁾ expliquait *enfadar* par **FASTIDIARE**, qui a donné en espagnol *enfastiar* (*enha-*)!

De nos jours, la dernière édition du «Dictionnaire de l'Académie» ⁽⁵⁹⁾ a déduit correctement *desenfadar* (*-enha-*) de **FATUUS**. Ce qui n'empêche pas Monlau de mettre en doute cette étymologie, en liant la variante *enhadar* à *hado* < **FATUM**, «a la manera que de *demonio* se formó *endemoniar*»: autrement dit, avatar de la (fausse) étymologie «évidente» de Puşcariu, de 1905.

Le même doute plane sur le *desenfadar* portugais. Déjà Bluteau ⁽⁶⁰⁾ rappelait l'étymon **FASTIDIUM** de «certains» lexicologues. Domingos Vieira ⁽⁶¹⁾ ne donne aucune explication sur l'origine du mot. Caldas Aulete ⁽⁶²⁾ rapporte *enfadar* à *fatigar*, suivi en cela, bien qu'avec un très justifié point d'interrogation, par Silva Bastos ⁽⁶³⁾. Et l'incertitude portugaise se reflète de la plus visible manière dans

⁽⁵⁷⁾ Apud P. F. MONLAU, *Diccionario etimológico de la lengua castellana*³, Buenos Aires, J. Gil, 1946 (1.^{re} éd., 1941).

⁽⁵⁸⁾ D. Sebastián de COVARRUBIAS OROZCO, *Tesoro de la lengua castellana o española*... : Madrid, 1611; dern. éd. M. de Riquer, 1943.

⁽⁵⁹⁾ Voy. *supra*, n. 44.

⁽⁶⁰⁾ P. D. Rafael BLUTEAU, *Vocabulário português e latino*: Lisboa, 1712-1728.

⁽⁶¹⁾ Fr. DOMINGOS VIEIRA, *Grande dicionário português*, III, Porto, 1873.

⁽⁶²⁾ T. J. CALDAS AULETE, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*², Lisboa, 1925.

le dernier travail lexicographique en date, la réédition de cette année même du grand Dictionnaire de Morais ⁽⁶⁴⁾, lequel (de même que celui du roumain Candrea) ne fait confiance à aucune des étymologies proposées pour *(des)enfadar*.

Néanmoins, l'admirable pionnier Adolfo Coelho ⁽⁶⁵⁾, tout en reconnaissant le caractère «obscur» de l'origine du verbe *enfadar* (et rappelons-nous que Tiktin use de la même épithète quant au roumain *desfăta*), oppose son veto à la supposée parenté avec *fatigar* et se fonde, comme nous, sur l'élément de base *-fad-* (respectivement, roum. *-făt-*): «*fado* est peut-être le latin *fatuus* 'sans goût', 'fade'; de là *enfadar* 'causer du dégoût'...». Cette étymologie très sûre, malgré son énoncé douteux qui honore le père de la philologie moderne portugaise, devait réunir les suffrages de Körting ⁽⁶⁶⁾ et de certains lexicologues ⁽⁶⁷⁾. Néanmoins l'éclectique Antenor Nascentes ⁽⁶⁸⁾, après avoir mentionné l'opinion d'Adolfo Coelho (laquelle, nous l'avons vu, est aussi celle de l'Académie Espagnole), tient à y ajouter: «M. Lübke, REW 3223, fait venir l'esp. *enfadar* du fr. *fade* 'insipide'».

Cela nous amène à un nouvel aspect de la question: l'extension de FATUUS en roman.

Au dire de Meyer-Lübke, ce vocable n'aurait survécu qu'en quelques dialectes italiens (gênois *fatu* (mais il faut ajouter le sarde *fatu!*), lombard et piémontais *fat*) et en provençal et catalan *fat* (fém. *fada*), — partout avec le sens de 'insipide' (du sel). Le fr. *fat* 'sot' serait importé du provençal, alors que *fade* représenterait un *FATĪDUS, peut-être refait d'après SAPĪDUS, avec lequel il forme couple antithétique (Ernout-Meillet, s. v.); ce *fade* enfin serait à l'origine du vx. it. *fado* 'balourd', et de l'esp. *desenfadar* 'désennuyer'. — Comme nous le verrons par la suite, cet article 3223 du vénérable

⁽⁶³⁾ J. T. da SILVA BASTOS, *Dicionário etimológico... da língua portuguesa*²: Lisboa, 1928.

⁽⁶⁴⁾ Voy. *supra*, n. 53.

⁽⁶⁵⁾ Fr. Adolfo COELHO, *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*, Lisboa, Plantier, s. d. (1890).

⁽⁶⁶⁾ G. KÖRTING, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*³: Paderborn, 1907.

⁽⁶⁷⁾ Par exemple du «Lello Universal», ou de Cândido de FIGUEIREDO, *Novo Dicionário da l. p.*⁶, s. d.

⁽⁶⁸⁾ Antenor NASCENTES, *Dicionário etimológico da l. p.*: Rio de Janeiro, 1932.

REW a besoin, de même que tant d'autres ^(68a), d'un complet remaniement.

Il y a d'abord la question épineuse du fr. *fade*, qui, selon l'opinion générale reflétée par Meyer-Lübke, serait à la base de l'esp. *enfadar*. Or, l'information de l'incomparable savant néglige (comme bien souvent) la langue portugaise : elle aussi atteste un populaire et ancien *(des)enfadar*. Dès lors, devant cette évolution parallèle ibérique de **FATUUS** en *-fad-*, parfaitement normale phonétiquement, point n'est besoin de recourir au fr. *fade* pour expliquer ces deux dérivés verbaux. Adolfo Coelho et l'Académie Espagnole ont raison, contre Meyer-Lübke : c'est bien au latin **FATUUS**, et non pas au fr. *fade* que le portugais et l'espagnol doivent leur verbe *(des)enfadar*. Et s'il restait encore une ombre de doute, la présentation que nous faisons aujourd'hui du nouveau membre roumain de la famille latine **FATUUS**, le verbe *desfăta*, est destinée à dissiper tout scepticisme. Sinon, comment Meyer-Lübke expliquerait-il le verbe roumain par le fr. *fade*, à l'encontre du phonétisme et de la géographie ?...

Au reste, l'étymon latin de *desenfadar* — *desfăta* est d'autant plus certain, que celui de *fade* est très douteux : il remonterait à un hypothétique ***FATĪDUS** issu du croisement de **FATUUS** avec **SAPĪDUS** 'savoureux' (Meyer-Lübke, Ernout-Meillet, Bloch-Wartburg), ou avec **VAPĪDUS** 'éventé' (G. Paris, A. Dauzat — lequel pense aussi à un ***FAPIDUS**, du même croisement); en renversant les données, on est allé même jusqu'au bas-all. *fād*, *fade* 'fade' ⁽⁶⁹⁾!

Tous ces croisements (auxquels on fait trop dire...), à la suite de la suggestion de G. Paris ⁽⁷⁰⁾, qui voulait à tout prix distinguer étymologiquement entre fr. *fat* 'sot' et fr. *fade* 'sans saveur'. Sans vouloir entrer dans cette question, et encore moins la résoudre, nous sommes d'avis que la révélation de **FATUUS** en roum. *desfăta* et en ptg. *desenfadar* enlève au fr. *fade* toute provenance directe du latin : plutôt que de recourir à d'hypothétiques croisements, il faut,

^(68a) Voy., p. ex., les conclusions de notre article *Survivance...* (supra, n. 11), p. 185.

⁽⁶⁹⁾ BRAUNE, ap. E. GAMILLSCHEG, *Etymol. Wörterb. d. französ. Sprache* (Heidelberg, 1928), s. v.; contra, MEYER-LÜBKE, *ZRP* XIX, 277; GAMILLSCHEG, l. c.

⁽⁷⁰⁾ *Mém. Soc. Ling.*, Paris, I, 90.

nous semble-t-il, revenir tout bonnement à la doctrine de Diez ⁽⁷¹⁾ et voir en fr. *fat* le masculin provençal *fat*, et en fr. *fade* le fém. prov. *fada*. Les deux sont des emprunts provençaux en français : *fat* («vocalbe du Languegoth», selon Rabelais, *Pantagr., Prol.*) attesté depuis 1534, entré en même temps que *fadaise* ⁽⁷²⁾; son prototype *fade*, attesté dès le XIII^e siècle dans le Roman de la Rose, serait encore un emprunt sûr du provençal, contemporain de termes appartenant surtout au langage des troubadours, du type *amour*, *aubade*, *ballade*, *donzelle*, etc. ⁽⁷³⁾.

Ce qu'on peut affirmer avec certitude, c'est que fr. *fade* n'est point l'étymon du ptg. esp. *desenfadar*, ni du roum. *desfăta*; sa sphère ainsi réduite à ses justes proportions dans l'espace ⁽⁷⁴⁾, il n'est point osé de la circonscrire aussi dans le temps : au moyen âge provençal, au lieu de remonter (pour le français) à un croisement latin.

*

Dégageons les quelques conclusions qui nous semblent manifestes, à la fin de cet exposé :

1) En rejetant les six (respectivement huit) conjectures proposées par nos devanciers, nous tenons pour certaine l'étymologie roum. *desfăta* 'délecter' < DIS-*FATARE < FATUUS 'fade'; 'fat' 'ennuyéux';

2) Conséquemment, il faudra éliminer ce verbe roumain du REW³ 3269 (FETA), pour l'insérer à l'article 3223 (FATUUS);

3) Ce même article devra être remanié d'abord en ajoutant la forme portugaise à l'espagnole (car ptg. *desenfadar* n'est pas un emprunt de son homographe espagnol), et ensuite, jointes à la nouvelle forme roumaine, en voir une triple survivance verbale remontant directement au latin, et non pas au français;

⁽⁷¹⁾ F. DIEZ, *Etymol. Wörterb. d. roman. Sprachen*³ (Bonn, 1887), 581.

⁽⁷²⁾ A. EWERT, *The french Language*² (London, Faber, 1943), p. 300.

⁽⁷³⁾ ID., *ibid.*

⁽⁷⁴⁾ Encore faut-il voir si vx.-it. *fado* 'balourd' (XIV^e s.) est réellement issu du fr. *fade*, selon MEYER-LÜBKE, approuvé par Carlo BATTISTI dans le *DEL* (supra, n. 20), s. v.

4) Corroborés par roum. *destăta* (et l'on sait que le roumain est, de par son caractère conservateur, un élément incomparablement révélateur ⁽⁷⁵⁾ en fait de survivances latines), les ptg. esp. *(des)enfadar* pourront être considérés désormais comme provenant sûrement du lat. **FATUUS**;

5) A la lumière de ces faits, et de l'apparition du nouveau membre roman de la famille latine **FATUUS**, le roum. *destăta*, — tout le problème du fr. *fade* est à reconsidérer sous un jour nouveau.

Lisbonne

VICTOR BUESCU

(75) Cf., en dernier lieu, la conclusion de T. H. MAURER JR, *A unidade da România ocidental* (São Paulo, Universidade, 1951, page 220: «O facto de as línguas ocidentais terem continuado sob a influência de um latim mais culto e literário por séculos, dá excepcional importância ao romeno, a única língua genuinamente popular na sua formação em toda a România...»

Endo S. P.

Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão

Neste breve estudo pretendemos tratar principalmente dalgumas palavras em -ão cujas indicações etimológicas são geralmente imperfeitas (mesmo no *Dicion. Man. Etimol.*, de A. Coelho, no *Dicion. Etimol.*, de A. Nascentes, e em *R. E. W.*, de Meyer-Lübke) e cujos plurais são quase sempre indevidamente considerados analógicos (isto é, resultantes de «confusão») pelos modernos gramáticos (¹). São elas principalmente *alemão*, *capelão*, *capitão*, *catalão*, *deão*, *ermidão*, *escrivão*, *guardião* e *sacristão*.

Antes, porém, de estudarmos estes casos em pormenor, achamos oportuno fazer umas considerações gerais, ainda que muito perfunctórias, sobre o conjunto das palavras com essa terminação.

Como se sabe, a actual terminação portuguesa -ão (tónica ou átona) resultou da convergência de várias terminações originárias (etimológicas) e arcaicas, por evolução quer fonética quer analógica.

Pelo que respeita aos nomes (substantivos e adjectivos), baseando-nos na origem e na evolução, podemos distribuí-los por quatro grupos principais, com algumas formas em especiais condições de origem. Na sua maior parte estas palavras provêm do latim, mas também podem ser de formação vernácula ou vir do árabe, das línguas germânicas, do francês, do provençal, etc.

1.º grupo—O primeiro grupo, o que serviu de modelo a todos os singulares, é constituído pelas palavras em -ão desde os princípios

(¹) Francisco Torrinha, *Gramática Portuguesa*, Porto (7.ª ed., 1946); F. J. Martins Sequeira, *Gramática de Português*, Lisboa (1938); Alfredo Gomes, *Grammatica Portuguesa*, Rio de Janeiro (19.ª ed., 1924); I. Xavier Fernandes, *Questões de Língua Pátria*, II, Lisboa (1947); etc.

da língua. Fazem o plural em -ãos (no período arcaico também em -aãos) e são geralmente masculinas (só *mão*, *mãos* é feminina) — quando variam em género, fazem o feminino em -ã, -ãs (na linguagem antiga -ãa, -ãas). Provêm geralmente de formas latinas em -ĀNU(M) ou, às vezes, -ĀNU(M) — no plural tipicamente -ĀNOS, -ANOS^(1a) — por simples evolução fonética: *chão*, subst. e adj. < PLANU(M); *grão* < GRĀNU(M); *irmão*, *irmã* (pl. *irmãos*, *irmãs*) < GERMĀNU-, GERMĀNA- (pl. *germānos*, *germanas*); *mão* < MANU-; *tavão* (pl. *tavãos*) < TABĀNU-; *órgão* < ORGĀNU(M); *rábão* < *RAPĀNU- por RAPHĀNU-; *cristão* (ant. *creschão* ou *crischão*) < CHRIS-TIĀNU-; *meão*, *meã* < MEDIĀNU-, MEDIĀNA-; *órfão*, *órfã* (pl. *órfãos*, *órfãs*) < ORPHĀNU-, ORPHĀNA- (pl. ORPHANOS, ORPHANAS); *pagão* < PAGĀNU; *são*, *sã* < SANU-, SANA-; *soão* < SOLĀNU⁽²⁾; *vão*, *vã* (pl. *vãos*, *vãs*) < VANU-, VANA- (pl. *vanos*, *vanas*); *Adrião* < HADRIANU-; *Alvão* < ALBANU-; ant. *Cibrão* ou *Ciprião* (hoje *Cipriano*) < CYPRIANU; *Julião* (ant. *Juyão* ou *Gião*, hoje também *Juliano*) < JULIANU-; *Lorvão* < LAURIBĀNU-; *Romão* < ROMANU-; *Santuião*; *Sebastião* < SEBASTIĀNU-; etc. Algumas provêm de formas latinas da baixa ou ínfima latinidade e outras (principalmente em -ão átono) são mesmo de formação vernácula: *cantochão*; ant. *certão*⁽³⁾ < *CERTANU-; *cidadão* < *CIVITĀNU-; *concidadão*; *cortesão*, *cortesã*; *desvão*; *frángão* (ao lado de *frango*); *gólfão* < port. *golfo*; *lâmpão*, *lâmpãos* < *lampo*; *lódão* < *lodo* < LOTU- (do grego); *loução* < *LAUTIANU-; *pação* < *PALATIĀNU-; *sótão* < *SUBTĀNU- (cp. esp. *sótano*); *tâmpão* por *tampo*; *Pedrógão*, *Ródão*; etc.

(1a) Como se sabe, os substantivos masculinos provenientes de nomes neutros têm em português plurais analógicos (mas analógicos só em relação aos masculinos correspondentes) — *chãos*, *grãos*, *órgãos*, etc.

(2) *Vento soão* (Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, cap. 79); J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*², pg. 416. A forma *suão*, que os dicionários também (e principalmente) registam, deve ser errada duplicação daquela, influenciada pela palavra *sul*.

(3) Temos a impressão de que a palavra hoje escrita *sertão* (ant. também *certão*), pl. *sertões*, provém do *certão* do texto (estando por *país certão*) e foi devida à importância que tinham para os nossos navegadores as informações, tão seguras quanto possível, sobre qualquer *país certão* do interior dos continentes.

Algumas palavras pròpriamente deste grupo têm ou começam a ter plurais analógicos (por influência dos plurais dos grupos seguintes): *aldeão*, pl. *aldeãos* (normal) ou *aídeões* (analógico) < ***AL-DEANU** (< ant. *aldea*, do árabe); *ancião*, pl. *anciãos* (etimológico) ou *anciões* (analógico, vulgar) < **ANTIANU** (cfr. Du Cange²); *castelão*, pl. *castelãos* e, modernamente, também *castelões* (cp. *castelã*, *casteloa*) < **CASTELLANU**-; *cirurgião* (ant. *celorgião*, etc.), pl. *cirurgiões* (ant. *celorgiãos*, etc.); *coimbrão*, pl. *coimbrãos* (e *coimbrões*?); *corrimão*, *corrimões* (ant. *corrimãos*); *hortelão*, *hortelãos* (normal) ou *hortelões* (vulgar — cp. fem. *horteloa*) < **HORTU-LANU**-; *serão*, pl. *serões* (ant. *serãos* — cp. *sarau*) < ***SERANU**-; *temporão*, *temporã*, pl. *temporãos* (ou *temporões*), *temporãs* < ***TEMPORANU**-; *verão*, pl. *verãos* (etimológico) ou *verões* (analógico); *vilão*, pl. *vilães*, *vilãos* ou *vilões* < **VILLANU**-; *Cristóvão* (ant. *Cristovam*, *Cristóvão* ou *Cristóvoo*) < **CHRISTOPHĀNU**- por **CHRISTOPHORU**-; etc.

Pertence actualmente a este grupo a palavra *acórdão*, pl. *acórdãos* (do verbo *acordar*, 3.^a pessoa do pl. do presente do indicativo), bem como *lênção*, *bênçãos* (< *benção* < ant. *beençom* < **BENEDICTIONE**-), por ter sofrido deslocação do acento (¹).

As palavras que constituem o objecto principal deste estudo (isto é, *alemão*, *capelão*, *capitão*, etc.) são pelos gramáticos citados (e por alguns lexicógrafos) consideradas geralmente deste grupo (-anu[m] > -ão), dizendo eles que mudaram de plural (e, portanto, de grupo) por analogia ou confusão, mas outros autores consideram-nas (no todo ou em parte) do grupo seguinte logo desde a forma latina. Conforme mostraremos, nenhuma destas opiniões deve ser rigorosamente exacta. As palavras, na forma latina (conhecida ou hipotética), deviam estar nas condições das deste grupo, mas entraram na nossa língua já com tema mudado, em -an (por nos terem chegado pelo francês, pelo provençal ou pelo catalão), como indicam as formas arcaicas (sempre em -an, -ã ou -am, plural em -aães ou -ães), etc.

(¹) Todas as palavras em -ão átono pertencem actualmente ao 1.º grupo, isto é, fazem o plural em -ãos. Na linguagem antiga e na vulgar o -ão átono alterna muitas vezes com o simples -o (ou -oo) também átono.

2.º grupo — Incluímos neste grupo as palavras portuguesas em -ão (no período arcaico geralmente em -an, -ã ou am, raras vezes já em -ão) com plural em -ães (antigo também em -aães ou aaens). Os poucos étimos directamente latinos são em -ANE(M), pl. -ANES: cão, pl. cães < CANE-, pl. CANES; pão, pl. pães < PANE-; *Agriães* < greco-lat. AGRIANES; e *Jordão* < lat. IORDANE- (do hebraico).

Como dissemos, pertencem de direito a este grupo as palavras que, embora de forma latina em -ANUS (fem. -ANA), nos chegaram por intermédio do francês, do provençal ou do catalão já em -an (delas nos ocuparemos em pormenor mais adiante): *alemão*, fem. *alemã*, pl. *alemães*, *alemãs* (formas populares *alamão*, fem. *alamoa* ou *alemoa*, pl. *alamões* ou *alemões*, *alamoas* ou *alemoas*) < fr. ant. *aleman* ou prov. *alaman*, *aleman*, fem. *alamana* ou *alemana* (< lat. ALAMA[N]NUS ou ALEMA[N]NUS); *capelão* (ant. *capelan* ou *capelam*), pl. *capelães* < prov. ant. *capelan* < b. lat. CAPPELLANUS (cfr. Du Cange); *capitão*, *capitães* < cat. ant. (ou genovês?) *capitan* < b. lat. *CAPITANUS, ao lado de CAPITANEUS; *catalão*, fem. *catalã*, pl. *catalães*, *catalãs* < prov.-cat. ant. *catalan* fem. *catalana* < CATALANUS; *deão* ou *daião* (ant. *dayam*), fem. *deã*, pl. *deães* ou *daiães* e *deões* (este analógico) < fr. ant. **deian* ou *deien*, *doian*, etc. < lat. DECANU-; *eremitão* ou *ermitão* (pl. *er[e]mitães* ou *er[e]mitões*, fem. *eremitã*, *ermitã* ou *er[e]mitoa*) < prov.-cat. ant. *hermitan*, *ermitan* < EREMITANUS (cfr. Du Cange, *Glossarium*); *escrivão*, fem. *escrivã*, pl. *escrivães* (popular *escrivões*, analógico), fem. *escrivãs* < prov. ant. *escrivan* ou *escriban* < b. lat. SCRIBANUS (cfr. Du Cange); *guardião*, fem. *guardiã*, pl. *guardiães* ou *guardiões* (este analógico), fem. *guardiãs* < prov. ant. *guardian* < b. lat. GUARDIANUS (cfr. Du Cange); e *sacristão*, fem. *sacristã*, pl. *sacristães* < prov. ant. *sacristan*, etc. < b. lat. SACRISTANUS (cfr. Du Cange). *Estão* ou *estavam* talvez em condições semelhantes as palavras *alão* (pl. *alães*, *alãos* ou *alões*) < prov.-cat. ant. *alan* < b. lat. ALANUS; *faisão* (pl. ant. *faisães*, hoje *faisões*) < prov.-cat. ant. *faisan* (cp. esp. *faisán*) < lat. PHASIANUS; *bolcão* ou *bulcão* e *vulcão*, com plural em -ães, em -ãos ou em -ões (hoje geralmente *bolcões* ou *bulcões* e *vulcões*, analógico) < prov. *volcan* (cp. esp.) < lat. VULCANUS, geralmente com *u* de origem erudita.

Outras palavras de origem francesa ou provençal são *afã* (que devia ser *afão*), pl. *afãs*, ant. *afães* ⁽⁵⁾ < prov. *afan*; *refrão*, pl. *refrães* (> *rifão*, pl. *rições*, esta, portanto, com mudança de grupo) < prov. *refranh*, fr. *refrain*; *truão*, pl. *truães* ou *truões* (este último analógico) < prov. *truhan* ou *truan*; *Tristão* (ant. *Tristan*); etc. ⁽⁶⁾. *Porão* (pl. *porões*) < *prão* < port. ant. *pram* < prov. *pran* < lat. PLANU-, como se vê, mudou de grupo. O mesmo se deu com *gavião* (pl. ant. *gaviães*, mas hoje *gaviões*), considerado de origem germânica — *GAVILANE-.

Para *maçapão* (v. R. E. W., 5440) recomenda-se o plural regular *maçapães*, mas alguns autores já usaram *maçapões* (cfr. *Encicl. Port. e Brasil.*).

Várias palavras provenientes de formas árabes em -*ān* ou, às vezes, em -*ūn* também pertenceram (ou ainda pertencem em parte) a este grupo (em -ão, ant. -am, pl. -ães): *açafrão* < *azza'afrān*; *alavão* < *allabūn* (cfr. *Bol. Filol.*, VIII, pgs. 343-353); *alazão* (pl. *alazões* — ou *alazães*?) < *alhiçūn*; *alcaravão*, *algaravão*, etc. < *alkarwūn*; *alcatrão* < *alqatrūn*; *alcorão* (*aicorões*, ant. *alcorães*) < *alkurūn*; *aldrabão* ou *aldravão* < ant. *alvardan* ou *alvardão* (pl. *albardães* ou *alvardães*) < *albardūn* ⁽⁷⁾; ant. *foam*, *foão* ou «*fuão*» (pl. *fuães*), hoje *fulano* < *fulūn*; *fustão* < ár. *fustūn*; *ganhão* < ár. *gannām* (com influência de *ganhar*); *islão* ou *islame* < *islām* ou *içlām*; *leilão* < ár. vulg. *al-a'elūm* ⁽⁸⁾; *rabadão* < ár. *rabb addūn*; *ramadão* < ár.

(5) A forma *afã* baseia-se nas antigas grafias, que, no entanto, deviam dar *afão*, s. m. (cp. *deão*, *porão*, *refrão*, *rifão*, *truão*, *Tristão*, etc.), e o plural formou-se directamente daquele singular, à semelhança dos femininos, sem se atender ao antigo e rigoroso — *afães* (v. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 2.^a parte, cap. 173).

(6) Para algumas formas, sem plural, relacionadas com o latim em -*anus*, só podemos saber se são deste grupo ou do primeiro pelas formas portuguesas arcaicas ou pelas formas espanholas (dado que estas sejam realmente paralelas). Estão nesse caso *Damião* (esp. *Damián*) e *Milão* (esp. *Milán*).

(7) Cfr. J. M. Piel, *Biblos*, XX, pg. 121-122 — D. Duarte, *Leal Conselheiro*, pg. 248, e D. Pedro, *Livro dos Offícios de Cícero*, pgs. 68 e 87 — Afonso X, *Cantigas de St.^a Maria* (pgs. 86 e 89 da ed. R. Lapa); E. K. Neuvonen, *Bol. Filol.*, XII, pg. 316. Ao contrário do que julgou Neuvonen, a palavra não é (nem podia ser) um «hispanismo». Além da forma *aluardão* das *Cantigas de St.^a Maria* e dos plurais citados, a palavra é ainda vivíssima em português na forma metatética *aldrabão* ou *aldravão*.

(8) Cfr. José Pedro Machado, *Comentários a alguns Arabismos* (neste *Boletim*, tomo VI, 1939, ou em separata, Lisboa, 1940).

ramadān; *saguão* < ár. *satwān* ou *ṣatwān*; ant. *soldam* ou *soldão* (*Cancioneiros*, etc.), hoje *sultão* (fem. *sultana*) < ár. *sultān* ^(8a), *tur-gimão* < *turjimān*; *Abderramão*, *Solimão* ou *Suleimão*; etc. As variáveis começaram por ter plural em *-ães* (como é próprio deste grupo), mas hoje têm-no geralmente em *-ões*, por influência analógica do grupo seguinte (que é o mais numeroso e mais corrente): *açafrões*, *alavões*, *alcatrões*, *aldrabões*, *algaravões*, etc.

Tabelião era, pela origem latina (*TABELLIONE*-) e pelas formas arcaicas (*tabeliom*, pl. *tabelioões*), do terceiro grupo, mas passou para este (*tabelião*, pl. *tabeliães*), certamente por influência de *escrivão*, pl. *escrivães*.

Podem ainda incluir-se neste grupo outras palavras de diversas origens: *Abraão*, *Adão*, *Alcmã* ou *Alcmão* (não «*Alcman*»?), *Amsterdam* ou *Amsterdão*, *Ansiães*, *Azão*, *Beltrão*, *caimão* (do caribe), *Cinfães*, *Decão*, *Durão*, *Fernão* (forma apocopada de *Fernando*), *grã*, *grão* (redução de *grande*), *Guimarães*, *Gusmão*, *Indostão*, *Irão*, *João* ⁽⁹⁾ < *IOHANNE*-, *Labão*, *Magalhães*, *Orleães*, *Pã*, *são* (redução de *santo*, em próclise), *Satã* ou *Satão*, *Sião* ou *Siame* (país do Extremo Oriente), *talismã*, *titã* ou *titão* (pl. *titãs* ou *titães*) ⁽¹⁰⁾, etc., embora algumas tenham plural (habitual ou ocasionalmente) em *ãs* (*divãs*, *talismãs*, *titãs*...), em *ões* (*Adões*, *Joões*...) ou em *ãos* (*grãos-mestres*...).

3.º grupo — O terceiro grupo, o mais numeroso desde o princípio, é hoje constituído por todos os nomes em *-ão* que fazem o plural em *-ões* (masc. ou fem.) ⁽¹¹⁾, mas inicialmente era representado só pelas formas em *-on*, *-ô* ou *-om* (pl. *-ões* ou *-oões*) provenientes principal-

^(8a) Também com latinização medieval *suldanus*, *sultanus* (v. Du Cange).

⁽⁹⁾ Actualmente o plural de ocasião é *Joões* (3.º grupo), em vez de *Joanes* (cp. ant. *Eanes*, etc.).

⁽¹⁰⁾ Dada a origem greco-latina *títan*, gen. *titānis* (gen. *grego* *-tīnos*) e o género, em perfeita forma analógica, vernácula, devia ser só *titão*, pl. *titães*; mas compreende-se a adaptação culta de *titã*, pl. *titãs* (cp. *afã*, *afãs*, *Pã*, *talismã*, etc.). As formas e acentuações *títan*, pl. *títanes* ou *titānes* é que são inteiramente desca- bidas (note-se que o *a* é longo).

⁽¹¹⁾ Mais tarde, em correspondência com os masc. em *-ão*, *ões*, formaram-se alguns fem. em *-oa* ou *-ona* (esta forma mais culta, própria dos adjectivos), etc.: *leão*, *leoa*; *pavão*, *pavoa*; *furão*, *furola*; *glutão*, *glutona*; *mocetão*, *mocetona*; *ladrao*, *ladrona* ou *ladra*; *barão*, *baronesa*; etc.

mente de nomes latinos (clássicos ou vulgares) em -ONE(M), às vezes também -ONE(M), plural -ONES: acção (ant. e p^{rop}. aução) < ant. açom, auçom < lat. ACTIONE-; afeição < AFFECTIONE-; ascensão < ASCENSIONE-; carvão < ant. carvom < lat. CARBONE-; comunhão < COMMUNIONE-; condição (pl. condições) < CONDICIONE-; confirmação < CONFIRMATIONE-; confissão < CONFESSIONE-; conjunção (pl. conjunções) < CONIUNCTIO-NE-; consolação; criação < CREATIONE-, com influência de criar (crio, crias...), devoção (ant. devaçõ ou devaçom) < DEVOTIONE-; divisão, doação, eleição, escorpião (pl. escorpiões); falcão (< FALCONE-); feição, funcão; geração < ant. geeraçom < lat. GENERATIONE-; imaginação, intenção, invenção, ladrão, leão; lição (lições) < LECTIO-NE-; melão, menção, moção, nação (nações), negação; ocasião (ant. ocajom, acajom, cajom, etc.) < OCCASIONE-; opinião, cração, ordenação, paixão (pl. paixões), peão, perdição, perfeição, povoação e população; prisão (ant. prisom, prijom) < PRENSIONE- ou PREHENSIONE-; profissão, questão, quinhão; razão (ant. razon e rezom) < RATIONE-; religião, remissão, rendição, ressurreição (< RESURRECTIONE-), salvação; saxão < SAXONE-; sação, sensação; sermão (sermões) < SERMONE-; suspensão, tenção; traição (ant. traçon, treijom, etc.) < TRADITIONE-; varão (varões), variação; Catão < CATONE-; Cipião < SCIPIONE-; Conceição, Deucalião; Estrabão < STRABONE-; Jasão < IASONE-; Nasão; Orião < ORIONE-; Platão (ant. Platom) < PLATONE-; Rubicão, Serapião, Solão (melhor que Sólon), Varrão; etc., etc. (12).

Entram também neste grupo os aumentativos vernáculos em -ão (antigamente em -om ou on) e muitíssimas outras palavras de diversas naturezas e origens, todas inicialmente terminadas em -on (pl.

(12) Muitas palavras de origem greco-latina, nas condições deste grupo, aparecem nos recentes léxicos portugueses com a terminação -on e com acentuações inteiramente bárbaras (graves ou até *á*drúxulas e com deslocções de acentos no plural): «cólofon», pl. «colofones», em vez de colofão, pl. colofões; «Criton», em vez de Critão (cp. Deucalião, Estrabão, Platão, etc.); «Gaméliion», em vez de Gamelião; «Hélicon», por Helicão; «Pírron», em vez de Pirrão; «télamon», pl. «telamones», em lugar de telamão, pl. telamões; etc. (cfr. J. I. Louro, *Questões de Linguagem Técnica e Geral*, Porto, 1941 [pgs. 142-157]).

-ões ou -oões), inclusive as de origem arábica em *-ūn*: *Aarão* (< *AARON*), *abelhão* (< *abelha*), *agrião*, pl. *agriões*, *alcapão* (< *alça[r] + pon[et]*), *algodão* (< *alkutun*), *anfião* (< ár. *'afīūn* < gr. *ἄφρων*), *Aragão*, *Avinhão* (< fr. *Avignon*), *Azeitão*, *balcão*, *barão*, *bastão*, *batalhão*, *betão*, *bordão*, *botão*, *Burguinhões*, *caixão*, *calão* (< *caló*), *caldeirão*, *camarão*, *camião*, *Camões*, *cantão*, *carrilhão*, *comilão*, *cordão*, *dentão*, *edredão*, *embrião*, *esporão*, *fabordão*, *feijão* (< **feijóo* < *phaseolu*), *furgão*, *galardão*, *garrafão*, *Gedeão*, *gonfalon*, *Grisões*, *hipericão*, *Leão*, *Lião*, *limão*, *macarrão*, *manjerição*, *Monção* ⁽¹³⁾, *Nipão*, *orfeão*, *padrão* e *patrão* ⁽¹⁴⁾, *pavilhão*, *perdão*, *pistão*, *poitrão*, *portão*, *Reimão*, *rincão*, *salão*, *Salomão*, *saltão*, *Sansão*, *sardão*, *Sião* (monte), *Simão*, *talão*, *turbilhão*, *vagão*, *valão*, *vascão*, *zarcão*, etc.

Conforme já temos visto, muitas palavras inicialmente doutros grupos acabaram por passar para este (pl. em *-ões*), no todo ou em parte, por influências analógicas: *aldeão*, *aldeões*, ao lado do regular *aldeãos*; *castelão*, *castelões*; *cirurgião*, *cirurgiões*; *corrimão*, *corrimões*; *serão*, *serões*; *temporão*, *temporões*, ao lado do regular e normal *temporãos*; *vilão*, *vilões*, ao lado de *vilãos* e *vilães*; *alemão* (ou pop. *alamão*), pl. vulgar *alemões* ou *alamões*, em vez do normal *alemaes*; *capitão*, pl. vulgar *capitões*, em vez de só *capitães* (distinto de *capitão*, *capitões*, designação dum peixe — cp. esp. *capitón*); *guardião*, *guardiões*, ao lado de *guardiães*; *ermitão*, *ermitões*, em vez de *ermitães*; *vulcão*, *vulcões*, em vez de *vulcães* ou *vulcãos*; *rifão*, *rifões* (cp. *refrão*, pl. *refrães*); *porão*, *porões*; *gavião*, *gaviões*, em vez de *gaviães*; *açafrão*, *açafrões*; *alavão*, *alavões*; *alcatrão*, *alcatrões*; *aldrabão*, *aldrabões* (cp. ant. *aivardães* ou *albardães*); *leilão*, *leilões*; *Adão*, *Adões*; *João*, *Joões* (v. supra); etc., etc.

Passaram também para este terceiro grupo todas as palavras pertencentes ao grupo seguinte: *amplidão*, *amplidões*; *certidão*, *certidões*; *devassidão*, *devassidões*; *gratidão*, *gratidões*; *ingratidão*, *ingra-*

⁽¹³⁾ As grafias medievais *Monçon* ou *Monzon* e *Monçon* mostram que a palavra pertence a este grupo (3.^o). Portanto, também não pode vir de *Montianus* (1.^o grupo), como actualmente se pretende (cp. esp. *Monzón* de Astudillo [Palencia] e de Barbastro [Huesca]).

⁽¹⁴⁾ Esta palavra não provém directamente do lat. *patrōnu-*, como geralmente se julga: ou provém dum lat. vulg. **patrōne* ou é de irradiação galo-românica (cp. esp. *patrón*, it. *patrone*).

O port. *portaló* é um catalanismo (cp. esp. *portalón*).

tidões; *mansidão*, *mansidões*; *multidão*, *multidões*; *podridão*, *podridões*; *servidão*, *servidões*; *vastidão*, *vastidões*; etc.

Das palavras do terceiro grupo (o mais numeroso, mais corrente e, portanto, de maior força analógica [no plural]) quase nenhuma mudou de grupo: apenas *bênção* (< *benção*, pl. *benções*) passou para o primeiro (*bênção*, pl. *bênções*) por ter deslocado o acento (pois todas as formas em -ão átono têm esta flexão), e *tabelião* (pl. mod. *tabeliães*) passou para o segundo, sem dúvida por influência de *escrivão*, conforme já dissemos.

4.º grupo — Este grupo temporário era constituído pelas formas arcaicas em -õe (< -üe < uê ou -uen) ⁽¹⁵⁾ passadas gráficamente a -om, -on ou -ô e finalmente a -ão, com plurais sempre em -ões (ou -oões), como as do grupo anterior. Correspondem a formas latinas em -UDINE(M), pl. em -UDINES, e são todas femininas, abstractas (pelo menos em princípio): *amaridão* < AMARITUDIN[E(M)], *amplidão* (pl. *amplidões*) < AMPLITUDE-; *certidão* (*certidões*) < CERTITUDE-; *gratidão*, *lassidão*, *lentidão*, *mansidão*, *multidão* (pl. *multidões*), *negridão*, *servidão* (< ant. *servidom* < *servidõe* < SERVITUDINE-), *solidão* ou *soidão* (< SOLITUDE-), além de várias outras (*amarelidão*, *aptidão*, *branquidão*, *devassidão*, *escravidão*, *escuridão*, *exactidão*, *frouxidão*, *ingratidão*, *longuidão*, *podridão*, *pretidão*, *prontidão*, *soufreguidão*, *vastidão*, *vermelhidão*, etc.).

Como se sabe, além dos nomes estudados, apresentam terminações em -ão (tónico ou átono, neste caso escrito -am, nos verbos) várias formas verbais e um ou outro advérbio.

As formas verbais em -ão e em -am (esta equivalente a *ão* átono) encontram-se em várias 3.ªs pessoas do plural e provêm geralmente de formas latinas em -ANT (port. ant. -ã ou -am) e em -UNT (port. ant. -ô ou -om), sendo, portanto, comparáveis, na sua fase arcaica, às formas nominais respectivamente do segundo e do terceiro grupos acima.

A primeira terminação, como se sabe, é própria das 3.ªs pessoas do plural do *presente do indicativo* dos verbos de *tema em a* (*amam* < AMANT, *cantam*, *dão* < ant. *dan* < DANT, *estão* < STANT,

(15) Cfr. R. Rübecamp, neste *Boletim*, I, pgs. 340/341.

estimam ou *esmam* < AESTĪMANT, *falam*, *louvam* < LAUDANT, etc.), das 3.^{as} pessoas do plural dos *presentes do conjuntivo* dos verbos dos outros temas (*devam* < *DEBANT por DEBEANT, *sejam* < SEDEANT, *caibam* < CAPIANT, *digam* < DICANT, *vão* (ant. *vaam*) < VADANT, *partam* < *PARTANT por PARTIANT, *ouçam* < AUDIANT, *venham* < VENIANT), das 3.^{as} do plural dos *pret. imperf. do indicativo* de todos os verbos (*amavam* < AMABANT, *davam* < DABANT, *louvavam* < LAUDABANT; *deviam* < DEBEBANT, *eram* < ERANT, *diziam* < DICEBANT, *partiam* < PART[I]EBANT, *vinham* < VEN[I]EBANT) e das 3.^{as} pessoas do plural dos *pret.-mais-que-perf. do indicativo*, hoje homónimas das 3.^{as} do plural do *pret. perf.* (*amaram* < AMA[VE]RANT, *deram* < DEDERANT, *louvaram* < LAUDA[VE]RANT, *deveram* < DEBUERANT, *foram* < FUERANT, *disseram* < DIXERANT, *partiram* < PARTI[V]ERANT, *vieram* < VĒNĒRANT), encontrando-se ainda implícita no chamado *condicional*, por parte do *pret. imperf. do indic.* do verbo *haver* que nele entra (*amariam* < amar + [hav]iam < HABEBANT, *dariam* < dar + [hav]iam, *deveriam* < dever + [hav]iam, *diriam* < prov. *dirían* ou de **dizeriam* ⁽¹⁶⁾ < dizer + [hav]iam, etc.).

A terminação latina -UNT deu as 3.^{as} pessoas do plural dos *pre-teritos perf. do indicativo* de todos os verbos, a princípio com a forma -om ou ã, mais tarde -am ou -ão (átónico) e hoje só -am (*amaram* < ant. *amárom* < AMA[VE]RUNT, *deram* < *dérão* < ant. *derom* ou *derō* < DEDĒRUNT, *estimaram* ou *esmaram* < AESTIMA[VE]RUNT, *deveram* < *deverom* < DEBUĒRUNT, *foram* < *forom* ou *forō* < FUERUNT, *partiram* < *partirom* < PARTI[VE]RUNT, *vieram* < VĒNĒRUNT), mas nas 3.^{as} pessoas do plural do presente do indicativo dos verbos de tema em consoante e i, onde também existia, como se sabe, foi substituído (aqui, na nossa Península) por -ENT (*cabem*, *dizem*, *saem*, *ouvem*, *partem*, *vêm*). Apenas se encontra na forma representante do verbo *esse* e talvez na do verbo *vadere*, respectivamente *são* < ant. *som* < SUNT e *vão* < VADUNT (?), esta originariamente distinta da forma do conjuntivo

⁽¹⁶⁾ Cfr. J. J. Nunes, *Gram. Hist.*³, pg. 335; R. Menéndez Fidal, *Gram. Hist.*, § 123, 2; etc.

(vão < vaam < VADANT) ⁽¹⁷⁾. Quanto ao vão < VADUNT damos-lo com muita dúvida, apesar de indicado ou defendido por importantes autores, especialmente pelo Prof. Edwin B. Williams ⁽¹⁸⁾.

É que, embora a forma vão (ou vaão) seja frequente em textos antigos (séc. XIV e XV...), a forma mais antiga (séc. XIII) é van. Encontra-se, por exemplo, nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X ⁽¹⁹⁾ e no *Cancioneiro da Ajuda*, o «monumento beletrístico mais antigo da literatura portuguesa que possuímos» ⁽²⁰⁾, de fins do séc. XIII (ou princípios de XIV), mas idealmente, quanto à composição das cantigas, ainda mais antigo.

Eis os passos das *Cantigas de Santa Maria* (sublinhado nosso):

«a que van os romeus»;

(ed. Rodrigues Lapa, pg. 84)

«u quer que vaam, pero longe non vam»

(idem, pg. 86)

Este último passo apresenta também a forma do conjuntivo (3.^a do plural), com grafia distinta (vaam). Por seu turno, a forma do indicativo rima aqui com an (= hão), dan, estan, can, pan, adaman, alvardan, afan e talan ⁽²¹⁾.

(17) Na linguagem arcaica, a 1.^a pessoa do presente do indic. de esse — sum —, com a conservação do m final, tornou-se equivalente a sunt (sun[t]), apresentando ambas as mesmas formas — som ou son, depois sam. Ao contrário do que alguns autores pensam (v. R. Sá Nogueira, *Consequências da Analogia*, pg. 121), a forma antiga sam, mesmo como 1.^a pessoa, não tem nada de especial. Entra no quadro geral da evolução das palavras em om: -om > -am (> -ão). A forma antiga são, também frequente, pode-se considerar o primitivo som (sô) influenciado por estou (< *stao por sto). A terminação da actual forma normal, sou, é inteiramente analógica (cp. estou, acompanhada de dou, vou), como dizem J. Leite de Vasconcelos, R. de Sá Nogueira, etc.

(18) J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*² (pg. 142); Carolina Mich. de Vasconcelos, *Rev. Lusit.*, XXVIII (pg. 33) e *Lições de Filologia Portug.*, Lisboa, 1946 (pg. 413); E. B. Williams, *Language*, IX, 1933 (pg. 203) e *From Latin to Portuguese*; etc.

(19) Citaremos pela edição de Rodrigues Lapa — Lisboa, 1933.

(20) Carolina Mich. de Vasc., *Lições de Filologia* (pg. 374).

(21) Estas formas ao lado de outras em -ão < -anu: chão, crischão, grão, irmão, mão, pagão, são (adj.), verão e vilão...

Os passos do *Cancioneiro da Ajuda*, segundo a edição diplomática de Henry H. Carter, são os seguintes :

«e uan m'elas a meu pesar chamando»;

«E elas uan me gran pesar dizer».

(*Canc. Ajud.*, CVI, pg. 65)

Os apógrafos de Colocci-Brancuti (hoje *Canc. da Bibl. Nac.*) e do *Canc. da Vaticana*, apesar de representarem cópias posteriores, conservam as mesmas formas (ou outras equivalentes):

«e ua[n] m'elas a meu pesar chamando»;

«E elas uã me gram pesar dizer»;

(*Canc. Bibl. Nac.*, 198)

... «pero uay [por uã] me muyt estoruãdo
os que mj uã falãdo, senhor, en al» ;

(*Canc. B. Nac.*, 104)

«Ca os que trobã e que ss'alegrar

uã eno tẽpo que ten a color» ;

(*Canc. Vat.*, 127)

«As frores do meu amado

briosas uã no barco

e uã-s'as frores»...

(forma repetida dez vezes na mesma cantiga)

(*Canc. Vat.*, 401)

«uan-s'acordando que era folia».

(*Canc. Vat.*, 1157)

Por outro lado, a forma vão (ou vãao) aparece quando já se confundem frequentemente as formas em -am e em -om⁽²²⁾ ; quando -ã

(22) Esta confusão parece faltar inteiramente no manuscrito do *Cancioneiro da Ajuda*, mas é frequente em textos antigos posteriores (desde os princípios do século XIV). Veja-se, por exemplo, Richard D. Abraham, *A Portuguese Version of the Life of Barlaam and Josaphat*, Philadelphia, 1938 (§§ 51-53), e Henry H. Carter, *Paleographical Edition [...] of a Portion of Codex Alcobacensis 200*, Philadelphia, 1938 (§ 47).

ou -am já rima com -ão⁽²³⁾; ou quando já se encontram outras formas em -ão não directamente etimológico⁽²⁴⁾. A forma vão da 3.^a pessoa do plural do *indicativo* do verbo *ir* pode estar já neste caso, e a sua frequência antiga ser devida a uma tradição gráfica instaurada para se fugir à homografia com a 3.^a pessoa do plural do presente do *conjuntivo* do mesmo verbo. Além disso, o emprego paralelo do adj. vão (< VANU-) podia facilitar o seu uso.

As formas mais antigas não favorecem, pois, o étimo VADUNT, que, para mais, conforme o próprio Prof. Williams confessa, seria excepcional (relativamente aos outros verbos do mesmo tema — à parte *sunt*). Neste caso a forma mais antiga, *van*, podia estar para *VADENT ou *VANT (por VADUNT) como *an* (*han*) está para HABENT ou *HANT, representando, talvez, antigos provençalismos (compare-se ainda *hás* com o ant. e vulgar *vás* ao lado de *vais*, precisamente como em provençal). *Hão* < arc. *an* (talvez do prov. *an* < *HANT por HABENT)⁽²⁵⁾ é mais outra forma em -ão, primitivamente nas condições do segundo grupo acima (porventura como *van* > *vão*). Serve também, como se sabe, para formar os *futuros do indicativo* (*amarão* < *amarám* < *amar* + [h]*an*, *darão* < *darán* < *dar* + *han*, *estimarão* < *estimar* + [h]*an*, *deverão* < *deverám* < *dever* + *an*, *serão* < *seram* < *ser* + *an*, *dirão* < *dirán* ou *dirā* < prov. *diran* ou de **dizerán* < *dizer* + *an*, *partirão* < *partirám* < *partir* + *an*, etc.).

(23) Por exemplo, nas *Cantigas de St.^a Maria* a palavra *aluardão* (já com esta grafia, ao lado de *aluardan*) rima com *chão*, *verão* e *vilão*, depois da forma *aluardan* ter rimado com *an*, *dan*, *can*, *pan*, *vam*, etc., como vimos acima, e no *Cancion. da Vatic.* a forma *foã*, numa cantiga de Pero Barroso (a n.^o 1055), rima com *en vão* — *vão* adj. e não forma verbal, como julgou o Prof. Williams (*Language*, lug. cit.) —, além de rimar com *pram*, etc. Tratando-se de rimas, é evidente que representam um estado fonético pelo menos do tempo em que as cantigas foram feitas (séc. XIII).

(24) E. Williams, em *From Latin*, pg. 175, documenta a forma *vaão* também com J. P. Ribeiro, *Dissert. Cron.*, pg. 315. A palavra (escrita *vão* e *vaão*) aparece, sim, no documento da página seguinte (316), mas já ao lado de *tenhão*, *mão*, *João*, *estão*, *sejão*, etc. Este documento, embora sem data própria, acha-se lançado, como nota J. Pedro Ribeiro, «entre Documentos de 15 e 14 de Abril da Era 1399». Lembre-se também aqui o muito mais antigo *alvardão* das *Cantigas*.

(25) Facilmente se reconhece que a 1.^a pessoa do sing. do pres. do indic. do verbo *haver* não é vernácula — *hei* < (*hai*), em vez de **hajo* < *habeo* (cp. conj. *haja*). É natural que também outras formas tenham origem estrangeira (provençal).

Os advérbios em -ão podem-se igualmente aproximar quer do 2.^o grupo acima (*quão* < QUAM, QUANTU- e *tão* < TAM, TANTU-), quer do 3.^o (*não* < *nō* ou *nom* < lat. NON, *então* < IN-TUN[C] e *senão* < SI NON) (26).

Já agora aproveitemos também a ocasião de aludir às hipóteses ou teorias que pretendem explicar a convergência das várias terminações originárias no actual -ão (27).

Que as palavras tipicamente do 1.^o grupo (lat. em -ANU) deram -ão por simples evolução fonética parece não haver dúvidas (PLANU- > *chão*, GERMĀNU- > *irmão*, MANU- > *mão*, ORGĀNU- > *órgão*, PAGĀNU- > *pagão*, etc.). É a respeito da evolução portuguesa dos singulares dos outros grupos, evolução que se apresenta necessariamente mais complexa, que surgem algumas discrepâncias.

José Leite de Vasconcelos (28), seguido de perto por José Joaquim Nunes (29), pretende explicar a evolução de -ã, de -ô, e de -õe por processos também quase inteiramente fonéticos (em certa altura apenas alude a uma possível alternativa de «confusão»), como mostram as seguintes palavras: «Porque é que *pã* e *razom* — pergunta ele — se mudaram em *pão* e *razão*? ou, por outra, porque é que -ã e -ô (-om) deram -ão? Suponho — responde — que em certa época repugnaram ao ouvido as vogais nasais -ã e -ô em fim de sílaba, e

(26) A prep. lat. *cum* não deu esse ditongo por se usar sempre em posição proclítica, fraca.

(27) Tem-se julgado que o ditongo -ão (= *ãu*) só existe em português (cfr. Carolina Mich. de Vasconcelos, *Rev. Lusit.*, XXVIII, 1930, pg. 30), mas encontra-se também principalmente no sardo meridional, em palavras correspondentes às do nosso 1.^o grupo de nomes acima (cfr. tomo XII deste *Boletim*, pg. 222). As palavras típicas dos outros grupos (de origem latina) também ali têm ditongos, mas são os mesmos das formas do plural, respectivamente *ãi*, *õi* (e *ũi*?) — v. A. I. S., cartas 148, 151, 337, 985, 1097, 212, 312, etc., e R. Böhne, *Zum Wortschatz der Mundart des Sárabus*, Berlim, 1950.

Quanto ao ditongo -ão ser ou não eufónico nem vale a pena, pelo menos aqui, gastar muitas palavras. É uma questão ociosa. Simplesmente diremos que está bem de acordo com a índole da língua, que é ao mesmo tempo bastante vocálica e grave, isto é, não tem, por ex., a rudeza das nasais francesas nem o vocalismo cantante do italiano.

(28) *Lições de Filol.*, pg. 145, n. 2.

(29) *Gram. Hist.*, pg. 236.

que elas receberam o apoio da vogal -o [ou por prolongamento enfático], donde -ão e -ôo (não é raro ainda hoje ouvir ao povo *fié, túé, péi*, etc.). Depois -ôo desenvolveu-se em -ão, ou por dissimilação, ou por confusão com a outra terminação -ão dos nomes que vinham de -ANV e -ANE, ou espontaneamente». E continua: «Os nomes em -ôe deram -ô, porque o plural -ôes, que era igual nesses nomes e nos que vinham de -ONES, provocou um mesmo singular: isto é, a *razões* correspondia *razô*, e por isso a *multidões* fez-se corresponder *multidô*; em seguida *multidô* seguiu a mesma via de *razô*, tornando-se *multidão*». Finalmente procura prevenir e esclarecer: «Perguntar-se-á, contudo, porque é que, havendo-se *pã* alterado em *pão*, e *razô* em *razão*, não se alterou *lã* em *lão*, nem *bô* em *bão*. É que *lã* vem de *lãa* < lat. *lana*, e *bô* de *bôo* < lat. *bonu-*, e na época em que *pã* se transformou em *pão*, e *razô* em *razão*, ainda *lã* e *bôo* não haviam evoluído em *lã* e *bô*, e não podiam pois amoldar-se a *pã* e *razô*».

O. Nobiling ⁽³⁰⁾, que não pudemos consultar directamente, parece ter querido explicar a convergência de -ã e -ô em -ão por idênticos processos fonéticos, apoiando-se em particularidades da pronúncia lisboeta e brasileira.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos ⁽³¹⁾, diferentemente, diz (em publicação póstuma) que estas terminações «tiveram uma evolução curiosa: *fonética* no período arcaico; *analógica* na época de transição, visto que -ã proveniente de -ane é *ant*, e -ô proveniente de -one e *unt* passaram de simples nasais orais [sic] a ditongos nasais em -ão». E mais adiante opina: «Nas poesias trovadorescas as rimas são em regra masculinas, agudas, oxitónicas; — graves só por excepção. Ai está, a meu ver, a origem da substituição de -ã e -ô por -ão, que por constar de duas vogais, ã tónico e ô átono, foi bissilábico grave a princípio [...]. Não é evolução fonética, material. É fenómeno analógico, estético, imaterial».

O Prof. Edwin B. Williams admite também a convergência por influências analógicas, mas explica-a por uma teoria sua, muito especial, exposta principalmente em *Language*, IX, 1933 (pg. 203) e, depois, em *From Latin to Portuguese*, Philadelphia, 1938. Como a

⁽³⁰⁾ O. Nobiling. *Die Neueren Sprachen*, XI, 150 (apud E. B. Williams, *Language*, IX, 1933 [pg. 203], etc.).

⁽³¹⁾ *Rev. Lusit.* XXVIII, 1930 (pg. 30 e ss.).

primeira exposição já foi criticada neste *Boletim* por Rodrigues Lapa⁽³²⁾, vejamos a última redacção: «The constant use of the spelling *vaão* in medieval documents (RB, 59; Graal, 26, 103, 110; RL, XX, 193; RL, XXI, 118, 119; Abraham, § 53; DC, 315; AHP, I, 348) as contrasted with the constant use of the spellings *dam*, *estam*, *ham*, *vaam* (subj.) and *som* is conclusive evidence that *vão* came from *vađunt*, an exceptional form because the ending *-unt* regularly disappeared in the Iberian peninsula. The spelling *vaão* is used even in documents in which *dam* and *estam* are sometimes spelled *dom* and *estom* (Carter, 27). It is very probable that it was on the analogy of *vaão* that *-ão* became the ending of all third plurals that originally ended in *-am* and *-om*. This change in verbs established an analogical trend which was soon to spread to nouns ending in *-am* and *-om*, a development which received great impetus from the small but important group of nouns in which *-ão* had developed phonologically, that is, had come from Lat. *-anum*. As common as *ir* among verbs are *mão*, *irmão* and *cristão* among nouns. And thus, for example, *cam* and *visom* became *cão* and *visão*. That the original analogical impulse did not come from this group of nouns is shown by the fact that in their plurals analogy did not generally operate, e. g., *mãos*, *cães*, *visões*, and by the fact that in the few forms in which it did, it was not which the ending *-ãos*, e. g., *verões* (from **verānos*)».

A explicação de Mestre Leite de Vasconcelos é talvez demasiado fonética; as três alternativas (na passagem do hipotético *-ōo* a *-ão*) — «ou por dissimilação», «ou por confusão», «ou espontaneamente» — são muito imprecisas; e a forma *bão*, apesar do esclarecimento final acima citado, implica a invalidação da hipótese fundamental, como já foi notado por Williams. Na verdade, se *razō* deu *razão* por intermédio da forma hipotética **razōo*, esta tinha que se encontrar necessariamente com *bão* para seguirem depois ambas idêntico caminho, o que não se verificou. O reparo de Rodrigues Lapa contra o «fatalismo das leis fonéticas», embora acertado em muitos casos, não tem aqui verdadeira aplicação, visto que todas as formas primitivas em *-ō* evoluíram normalmente para *-ão* e nenhuma das terminadas

(32) *Bol. Fil.*, III, pg. 331-332. Como a crítica foi incompleta, o Prof. E. Williams, numa carta publicada no tomo V, pgs. 197-198, aceita as correcções de pormenor, mas reafirma a sua teoria geral.

etimologicamente em -ão seguiu aquele caminho (cfr. *bom, som, tom...*)⁽³³⁾.

A explicação da D. Carolina, embora qualificando talvez acertadamente os fenómenos, é sem dúvida insuficiente e demasiado vaga...

Por seu turno, a teoria do Prof. Williams, apesar de repetidamente exposta, parte dum princípio que os factos não confirmam. Com efeito, a forma *vão* (do presente do indic. do verbo *ir*) não é de uso constante nos textos antigos (arcaicos) nem parece ser a mais antiga. Como vimos acima, antes dela aparece a forma *van* em textos arcaicos de inteira confiança (nas *Cantigas de Santa Maria* e no *Cancioneiro da Ajuda*, bem como nos outros *Cancioneiros* medievais). Por outro lado, quando surge a forma *vão* já a convergência fonética das diversas terminações devia ser fenómeno corrente (a despeito das grafias geralmente conservadoras), como mostram as frequentes trocas de terminações, as rimas arcaicas de *alvardão* (já assim escrito ao lado de *alvardan*) com *chão*, etc. e de *foã* com *vão* (adj.), sem faltarem mesmo as grafias *tenhão*, *estão*, *sejão*, etc. Essa escrita *vão* (*vão*) pode ser, pois, não uma causa inicial de influências analógicas, mas já uma sua consequência fonética e gráfica.

A justificação da ordem dos fenómenos analógicos pelo facto de a analogia se não dar nos plurais dos nomes é também destituída de validade. Compreende-se perfeitamente que o *plural* (sem completo prejuizo da correlação *singular / plural* dentro do português) seja mais regular e conservador que o singular, relativamente ao latim, em virtude de ficar habitualmente protegido pela vogal e pelo *s* finais desde a origem, enquanto no singular cai o *-m* e, nos casos presentes, até o *e* precedente⁽³⁴⁾. Além disso, verificando-se os fenómenos de convergência em formas do *plural*, nos verbos, e em formas do *singular*, nos nomes, bem como em formas invariáveis (*advérbios*), temos de concluir que eles não dependem necessariamente das categorias morfológicas (ou da precedência nos verbos), mas das sim-

(33) *Padrão* e *patrão*, como dissemos, provém duma forma que mudou de tema, fosse em galo-românico, fosse já em lat. vulg. (cp. espanhol e italiano, além do francês). *Dom* (< *dōnu-*) apresenta actualmente a flexão vernácula (pl. *doms*), mas estava antigamente no mesmo caso (*dom* ou *don*, plural *doēs* ou *doões*).

(34) Veja-se, por exemplo, a flexão dos nomes em *-l* e as condições da *metafonia*, que falta geralmente no plural dos substantivos.

ples terminações fonéticas (-ão, -an, -om, -õe) e de fortuitas relações lexicais.

Apresentadas e sucintamente criticadas as principais hipóteses ou teorias, cumpre-nos dar também um parecer sobre a evolução destas terminações. À parte a evolução de -ANU em -ão, tipicamente fonética (e ponto de convergência), as outras terminações — diremos também como teoria — devem ter evoluído devido a um conjunto de causas, quer fonéticas, quer analógicas. À semelhança do que já se tem dito, é natural que em dada altura as terminações -an = ā (a fechado nasal) e -on = ō (o fechado nasal) tenham recebido uma vogal paragógica, mas um e (sem formar ditongo), como já se encontrava em -õe < ũe (do 4.º grupo), e não logo um o = u — note-se o que se passou com a terminação -en = -ē (-ē > -ēe > -āi [recente], escrito -em) e atente-se nas pronúncias vulgares *fie*, *túe*, *péi* acima indicadas. Nessas condições, o ō da terminação fonética -õe = ōhe (embora escrita -on, ō ou -om e -õe) era natural que tivesse tendência a abrir-se, a recuar o ponto de articulação por força da nasalidade em hiato, como já o tinha recuado o ũ do primitivo -ũe > -õe (dissilábico). Bastaria agora uma pequena influência de -āe = -āhe (embora escrito -an, -ã ou -am) para que as duas terminações se identificassem foneticamente na última (a despeito das grafias conservadoras). Esta passagem era facilitada pelo frequente encontro de formas como *estam* (> *estão*) e *som* > *sam* (> *são*), *amavam* e *amarom* (> *amaram*), *escrivam* (> *escrivão*) e *tabeliom* > *tabeliam* (> *tabelião*), *atam* ou *tam* (> *tão*) e *entom* > *entam* (> *então*), etc.

Finalmente a passagem de -āe (= -an, -am, -om, etc.) a -ão = āhu e depois a -ão = āu podia ser devida a várias circunstâncias, por exemplo: a) certa proporcionalidade entre formas como *irmãa* (depois *irmã*): *irmão* e *aiemãa* (*alemã*): *alemam* (> *alemão*), em que a oposição temporária -āa / -āhe (feminino / masculino) acabava por se tornar definitiva em -āa (> ā) / -āhu (> *ão* = *āu*), embora -ão possa ser masculino ou feminino (cp. *chão*, *leão*, *irmão* e *mão*, *razão*, etc.); b) a existência de formas ou pronúncias em -am = āhe (de origem francesa, etc.) ao lado de outras em -ão etimológico, da mesma palavra ou de palavras de emprego associado (como *cidadan* e *cidadão*, *ermitam* e *ermitão*, *Estevam* e *Estêvão*, *vilam* e *vilão*, *sacristam* e *cristão*, *foam* e *vão*, etc.), que acabavam por se confundir foneticamente (e depois graficamente); c) além da oposição -āa (> ā) / -ão e da força analógica do -ão etimológico, o facto de -āhe

(-am) ser inteiramente final tornava mais fácil a sua passagem a -ão por se terminar com a boca fechada (^{34a}).

O aparecimento paragógico de -ão átono (pl. -ãos) em algumas palavras (*cedrão* por *cedro*, *crédão!* por *credo!*, *gólfão* < *golfo*, *lódão* < *lodo*, *lâmpão* < *lampo*, etc.) deve inspirar-se na correlação *órfão* : *órfão* : *orfo* ou *órgão* : *órgão* : *orgo*, etc.

Quanto à cronologia dos fenómenos, as rimas de *foã* ou *foam* com *am* (*ham*), *dam* e *pram*, por um lado, e com *vão*, por outro, ou de *alvardan* com *an* (*han*), *dan*, *estan*, *can*, *pan*, etc. e da forma *alvardão* com *chão*, *verão* e *vilão* mostram que a convergência fonética (e às vezes gráfica!), pelo menos das formas em -am e em -ão, já se dava em meados do séc. XIII, como o próprio Prof. Williams reconhece (*From Latin*, § 157), ainda que também fosse possível manter as distinções em pronúncias cuidadas. Nesta altura não aparecem rimas

(^{34a}) Tínhamos já este trabalho na tipografia quando lemos nova teoria, de J. Bourciez (*Notes sur la résonance nasale des diphtongues accentuées du Portugais*), publicada em *Mélanges d'Étude Portugaise offerts à M. Georges LE GENTIL* (1949), teoria oposta à de E. Williams e complementar da de J. Leite de Vasconcelos.

Segundo o Sr. J. Bourciez, as terminações -ã e -õ ditongaram-se directamente com *u*.

«Prononcés avec une certaine longueur et une certaine complaisance — escreve — [*pã*] et [*cã*] deviennent à leur tour [*pâu*] et [*câu*]. Des formes verbales comme *estam* sont également atteintes [...]. Mais c'est un point qu'il est difficile d'éclaircir.»

«La nasale *õ* accentuée se diphtongue dans les mêmes conditions que *ã*. L'*õ* de [*razõ*] devient d'abord [*õu*], puis la différence d'aperture augment entre les deux éléments et l'on a [*âu*] par suite d'une consolidation dont le premier élément fait ici les frais.»

Para fugir ao encontro de **razão* com *bão* (o ponto mais fraco da teoria de Leite de Vasconcelos), J. Bourciez parte do princípio que [*razõ*] se converteu em **[razõu]*, com ditongo *õu*, para dar [*razâu*], ao passo que [*bõ-o*], dissilábico, manteve o *o* final, não só gráfico mas também fonético, dando-se depois a crase [*bõ*] = *bom*.

Além doutras insuficiências ou incertezas (de certo modo confessadas pelo Sr. Bourciez), note-se que a hipótese da manutenção do *o* final, fonético, em *bão* é pouco ou nada provável... O próprio autor também só a admite nestas condições (o que mostra tratar-se de simples recurso explicativo).

de *-am* ou *-ão* com *-om* ⁽³⁵⁾, mas as confusões verificadas a seguir entre *-am* e *-om* levam também a concluir que a convergência de todas as formas já era corrente no séc. XIV, se não antes, a despeito das aparências gráficas (cp. *fame* / *fome*).

Postas estas considerações gerais (mais longas do que desejávamos, apesar de perfunctórias), é ocasião de tratarmos do assunto especial deste estudo.

Como dissemos, as palavras *alemão*, *capelão*, *capitão*, *catalão*, *jeão*, *ermitão*, *escrivão*, *guardião* e *sacristão* aparecem geralmente com indicações etimológicas imperfeitas em diversas obras (incluindo os dicionários especializados) e os seus plurais (em *-ães*) são indevidamente considerados analógicos principalmente pelos mais recentes gramáticos ⁽³⁶⁾. Vejamos resumidamente o que se nos oferece dizer sobre cada um desses casos.

a l e m ã o — Os dicionários de Língua Portuguesa, incluindo o *Dicion. Etim.*, de A. Nascentes, tiram geralmente a forma portuguesa directamente do lat. *alamanu* (A. Nascentes, A. Moreno, Torrinha, etc.) ou *alemannus* (Cândido de Figueiredo, *Novo Dic.*, A. Coelho, *Dic. Etim.*, J. T. Silva Bastos, *Dic.*, etc.). Só A. Cortesão (*Subsídios — Aditamento*), no seu habitual recurso ao vizinho, é que lhe atribui origem espanhola, por causa da permanência do *l* intervoc. e da síncope dos *nn* (cp. Figueiredo e A. Coelho). Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 308) não regista esta forma portuguesa, talvez por a considerar, embora sem inteira razão, de natureza erudita.

Ora, a palavra não deve vir directamente do latim, não deve ter origem espanhola (a espanhola e a portuguesa devem ter, sim, origem comum), nem deve ser considerada verdadeiramente erudita (quando muito podemos considerá-la semiculta — *alemão*, *alemã*, pl. *alemães*, *alemãs*-, ao lado das formas populares *alamão*,

⁽³⁵⁾ Por uma cantiga de D. Denis (cfr. *Canc. Vat.*, 96, e *Canc. Bibl. Nac.* 458) podia-se concluir que *-om* (*-õ*) ainda não rimava com *-ão*; mas, afinal, esta última terminação (dalgunas edições) parece estar por *-ano* (*erudito?*), o que invalida a conclusão. Será o artificial *-ano* mesmo para evitar a *rima* (*razõ* / *ê vano*) ?...

⁽³⁶⁾ De modo geral essas palavras são por F. Torrinha (*Gramát. Portug.*) e, depois, por F. J. Martins Sequeira (*Gram. de Português*) incluídas no número das que «confundiram e baralharam as suas formas do plural», pois — segundo eles —, deviam fazer o plural em *-ãos* e fazem-no em *-ães* ou em *-ães* e em *-ões*.

alamoa ou *alemoa* com os plurais *alamões* ou *alemões*, *alamoas* ou *alemoas*). Como tantas outras, inclusive etnónimos, topónimos e antroponímicos (cfr. *borgonhês* e *borguinhão*, *dinamarquês*, *espanhol*, *holandês*; *Borgonha*, *Chipre*, *Holanda*, *Londres*, *Pompeia*, *Rodes*; *Alexandre*, *Denis* ou *Dinis*, *Felipe* ou *Filipe*, *Gil*, *Guilherme*, *Isabel*, *Jorge*, *Pompeu*, *Ponce*, *Teresa* [por *Tareja*], etc., etc.), a palavra deve-nos ter vindo do francês ou do provençal em antigos tempos (mormente nos princípios da nacionalidade, com os auxiliares franceses da Reconquista, da recristianização e da colonização ou com a expansão da cultura provençal). Temos, pois, que o lat. **ALAMANNU-** (ou **ALAMANU-**) e **ALEMANNU-** (ou **ALEMANU-**) deu o fr. ant. *aleman*, *alemanne* ⁽³⁷⁾ e o prov. ant. *alaman* ou *aleman* (fem. *alamana*, *aiemana*), de onde o português normal *alemão*, fem. *alemã* (pl. *aiemães*, fem. *alemãs*) e o esp. *alemán*, fem. *alemana* (pl. *alemanes*, fem. *aiemanas*). O latim deu ainda o fr. *allemand*, fem. *aiemande* (> port. *alemanda* ou *alamanda*, única forma citada em *R. E. W.*), bem como o cat. *alemany*, estas correspondendo à forma latina com dois *nn*.

Assim se explica a persistência do *l* em português e a mudança de tema da forma masculina (neste caso tanto em português como em castelhano), seja em relação à forma latina com dois *nn*, seja em relação à de *n* simples.

capelão — Esta palavra é por uns tirada directamente do b. lat. *capellanus* (Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho, Domingos Vieira, etc.) e por outros derivada imediatamente de *capela* (com o suf. -ão, pl. -ães?!) — *Encicl. Portug. e Brasil*. e *Grande Dicion. de Moraes Silva* ¹⁰. Certamente por também a considerar um derivado vernáculo de *capela* (cfr. *R. E. W.*, 1644), A. Nascentes não regista a palavra.

Fácil será reconhecer-se que nenhuma destas opiniões tem real fundamento. Quanto à origem latina directa, basta notar-se que as formas portuguesas arcaicas são *capelam* ou *capelan*, plural *capelaaens* ⁽³⁸⁾ ou *capelães*, o que está em completo desacordo

(37) Cfr. F. Godefroy, *Dict. anc. Lang. Franç.*, VIII — *Suplem.*; e E. Littré, *Dict.* (s. v. *allemand*).

(38) J. P. Ribeiro, *Dissert. Cron.*, I, pg. 269; Afonso X, *Cantigas de Santa Maria* (ed. R. Lapa, pg. 45); e Fernão Lopes, *Crón. D. Pedro*, cap. 44.

com a evolução normal de -ANU; e quanto à derivação vernácula supomos que não existe em português um verdadeiro sufixo -ão (ou -an, -am), pl. -ães.

A duvidosa alternativa de A. Cortesão (do esp. *capellán*, ou do it. *cappellano*), para mais com o *ll* castelhano, também nada adianta. O registo de Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 1644) não é mais perfeito: note-se, por exemplo, que considera o esp. *capelán* de origem provençal, mas deriva o port. *capelão* (que, como vimos pelas formas antigas, corresponde lexicalmente à forma castelhana e deve ter idêntica origem) directamente de *cappella* (levado certamente pela falsa aparência da actual forma portuguesa). O esp. *capellán* também será antes um catalanismo do que um derivado espanhol (castelhano) vernáculo, como se ali indica.

Creemos que seria melhor abrir em *R. E. W.* um artigo próprio (1644a) para CAPPELLANUS (cfr. Du Cange), derivado de CAPPELLA⁽³⁹⁾ «Mäntelchen», com os seguintes representantes romances: it. *cappellano*, fr. *chapelain*, prov. *capelan* ou *capelá* (> fr. *capelan*, port. ant. *capelan*, port. mod. *capelão*, esp. *capelán*), cat. *capellá(n)* (> esp. *capellán*).

O português *capelão* (arcaico *capelan* ou *capelam*, plural *capelães* desde antigos tempos) deve vir, pois, do prov. ant. *capelán*, com o seu significado próprio.

capitãc — A palavra é também, por uns, tirada directamente dum b. lat. *capitanus* (A. Coelho, C. de Figueiredo, J. T. Silva Bastos, *Encicl. Port. e Brasil*, etc.) e, por outros, derivada «do lat. *caput* por via obscura» (*Grande Dicion. de Moraes Silva*, 10.^a ed.) ou importada do italiano *capitano* (*R. E. W.*, 1634, A. Nascentes, A. Moreno, etc.)⁽⁴⁰⁾.

Mais uma vez, tanto as formas portuguesas antigas (*capitam*, pl. *capitaães* [41]), como as espanholas (*capitán*, pl. *capitanes*), como ainda a moderna flexão normal portuguesa (*capitão*, pl.

(39) Os nossos dicionários em regra trazem *capella* e *capellanus* só com um *p* (as grafias mais frequentes em Du Cange), mas as formas teóricamente correctas são as indicadas acima.

(40) A. A. Cortesão indica o esp. *capitán* (que apenas deve ter origem comum) ou o it. *capitano* (que, quando muito, será a origem remota).

(41) Fernão Lopes, *Crón. D. Fern.*, cap. 19; *Crón. D. João I*, cap. 133; *Inéd. de Aicob.*, 3.^o, pg. 173; G. Eanes de Azurara, *Crón. da Guiné*, cap. 9; etc.

capitães — o pl. *capitões*, fem. *capitoa*, *capitoas*, são de natureza popular, analógica) estão em completo desacordo com qualquer dessas origens directas. O mais natural é que o português e o espanhol venham directamente do catalão antigo (ou do genovês) *capitan* (cfr. A. M. Alcover, *Dicc.*), como termo de marinha, baseado num b. lat. *CAPITĀNUS, por CAPITANEUS (isto é, com substituição do -ANEUS por -ANUS, como sufixo de agente) — cfr. Du Cange. Portanto, cat. ant. (ou genovês < it. *capitano*?) *capitan* > esp. *capitán* (pl. *capitanes*), port. ant. *capitan* ou *capitam* (pl. *capitaães*) > port. mod. *capitão* (pl. *capitães*). As formas fr. *capitaine*, *chevetain*, etc. e prov. *capitanhe*, *capitani* provêm do lat. CAPITANEU-. *Capitana* e *capitaina* (> *capitânia* por alteração erudita?), subst. e adj. fem. (^{41a}), devem ser de importação mais recente, talvez do italiano ou do espanhol *capitana* ou mesmo do francês *capitaine*, *capitane* (cfr. F. Godefroy, ob. cit., VIII, e O. Bloch, *Dict. Etym.* ou W. Wartburg, *F. E. W.*, II), à semelhança de *sotana* e *sotaina* (do it. *sottana* ou do fr. *soutane*) ou de *polaina* (do fr. *poulaine*) e de *plaina* (do fr. *plaine*, *plane*).

catalão — Para esta palavra, os nossos léxicos ou não dão étimo nenhum (*Dic. Man. Etim.*, *Encicl. Portug. e Brasil*, *Dic. Compl.*, etc.) ou indicam o castelhano (*Novo Dicion.*, *Grande Dicion.* de Morais Silva ⁴⁰, *Dicion.* de Silva Bastos, *Moderno Dicion.*, etc.). Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 1758), fiado, sem dúvida, na falsa aparência do actual singular, tira o português *catalão* (como provincialismo alent.) directamente de CATALANUS, bem como o provinc. minh. *catalana*, o que não está certo. Pelo menos no sentido próprio, a palavra nem vem directamente dum lat. CATALANUS nem verdadeiramente do castelhano. Tanto as formas portuguesas (*catalão*, *catalães*, fem. *catalã*, *catalãs*), como as espanholas (*catalán*, *catalanes*, fem. *catalana*, *cataïanas*) vêm do prov. ou do cat. ant. *catalan*, fem. *catalana*. E dizemos que a palavra portuguesa (pelo menos em sentido próprio, geral) não vem do castelhano pelas seguintes razões: a) a palavra também não apresenta forma vernácula em castelhano (é forma impor-

(^{41a}) Usadas por D. Francisco Manuel de Melo (*Epanáf.*) e por Luís de Camões (*Lusiadas*), etc.

tada); b) quando as palavras desta natureza chegaram ao português (nos princípios da Reconquista e da fundação da Nacionalidade Portuguesa) ainda o castelhano não era língua relevante na Península ⁽⁴²⁾.

deão (*daião*, *adaião*) — Exceptuando A. Nascentes (*Dic. Etim.*), que se baseou em Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 2496) e em A. Gonçalves Viana (*Apost.*, I, pg. 348), e A. Moreno (*Dic. Compl.*), que por seu turno se baseou em A. Nascentes, todos os outros lexicógrafos tiram o port. *deão* (ou *daião* e *adaião*) directamente do lat. *DECANUS* ⁽⁴³⁾, o que é manifestamente erróneo. Há, afinal, ainda outra excepção, que é a de A. A. Cortesão. Como habitualmente, este autor (em *Subsídios — Aditamento*) escreve: «*Deão*. Provavelmente veio-nos directamente do esp. *deán* (do lat. *decanus*)».

Como nos casos anteriores, a palavra nem podia vir directamente do latim nem vem do espanhol. O espanhol e o português têm, sim, origem comum, o francês *doyen* [ou, antes, o fr. ant. **deian*, *deien*, *ácian*, etc. ⁽⁴⁴⁾], conforme desta vez se indica em *R. E. W.*, 2496, e A. Nascentes consigna. As flexões normais são pl. *deães* ou *daiães* ⁽⁴⁵⁾ (fem. *deã* [ou *daiã*], *deãs* [ou *daiãs*]), mas também se usa *deões*.

ermitão, *eremitão* — Esta palavra é considerada em português um simples derivado interno de *eremita* com um pretenso suf. -ão (pl. -ães?) — *Dicion. Etim.* (de A. Nascentes), *R. E. W.*, 2890, *Novo Dicion.*, *Dicion. Complem.*, etc. —, mas deve estar nas condições das outras palavras aqui estudadas. Deve provir, pois, do lat. *EREMITANU*- (cfr. Du Cange²) através do prov. ant. *hermitan*. As formas antigas portuguesas são *hermitan*, *ermitam* ou

⁽⁴²⁾ Como abonação arcaica, veja-se *Canc. da Vatic.*, 1157: «e catalães cō eles a perfia».

⁽⁴³⁾ Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho, J. T. Silva Bastos, Fr. Domingos Vieira, A. Morais, etc. Até a D. Carolina (lug. citado), contra toda a evidência, a considera oriunda do lat. *decanus*, dizendo serem analógicos o plural *deães* e mesmo o sing. arcaico *dean*.

⁽⁴⁴⁾ Cfr. F. Godefroy, ob. cit., II e IX.

⁽⁴⁵⁾ *Boletim de Segunda Classe*, da Academia das Ciências, XIV, pg. 285.

(h)irmitam, pl. hermitães ou (h)irmitaães⁽⁴⁶⁾, de onde as tradicionais ermitão, pl. ermitães (modernamente também ermitões). As formas eremitão, eremitães ou eremitões têm mais um e de restauração erudita (segundo eremita e o lat. eremus).

escrivão — Os nossos dicionários filiavam geralmente esta palavra directamente no lat. SCRIBANUS (cfr. Du Cange, etc.) — *Novo Dicion.*, *Dicion. Man. Etimol.*, *Tesouro da Ling. Portu.*, *Subsídios para um Dicion.*, etc. —, mas os mais recentes, depois de Meyer-Lübke (*Introdução à Glotologia*, § 153, e *R. E. W.*, 7744) pretendem explicá-la por um lat. *SCRIBANE- (isto é, *SCRIBA, ANIS) — *Dicion. Etim. da Língua Portuguesa*, *Dicion. Complem.*, *Grande Dicion. de Moraes Silva*⁽⁴⁷⁾, etc. (⁽⁴⁷⁾).

No entanto, se as primeiras opiniões pecam por falta de rigor, as últimas parecem-nos inteiramente destituídas de fundamento. É mesmo de estranhar que Meyer-Lübke tenha tido esta ideia precisamente a respeito duma palavra que, além do it. *escrivano*, apresenta a forma espanhola *escribano*, embora ao lado da antiga *escribán*⁽⁴⁸⁾.

Afinal o protótipo latino desta palavra (b. lat. SCRIBANUS — cfr. Du Cange) enquadra-se num grupo de formas derivadas com o suf. -ANUS (ou -IANUS) com o sentido de agente, etc. (muitas da baixa ou ínfima latinidade): CAPELLANUS ou, mais rigorosamente, CAPPELLANUS (< CAPPELLA + -ANUS); *CAPITANUS, ao lado de CAPITANEUS (< CAPUT, ITIS + suf. -ANUS); *CHIRURGIANUS (< CHIRURGUS ou CHIRURGIA + suf. -[I]ANUS); *CIVITATANUS (< CIVITAS, ATIS + suf. -ANUS); *COENOBITANUS (< COENOBITA + suf. -ANUS)⁽⁴⁹⁾; DECANUS (< DECEM + -ANUS); EREMITANUS (< EREMITA + -ANUS); HORTULANUS (<

(46) *Cancion. da Vatic.*, 1183; *Cantigas de St.^a Maria*, pgs. 47-49; J. J. Nunes, *Crest. Arc.²*, pg. 14; *Bol. Filol.*, I, pg. 142; *Bolet. da seg. clas.*, XIV, pg. 243 ou *Rev. Lusit.*, XXI, pg. 98; etc.

(47) J. L. Vasc. (obr. cit., pg. 360) é da primeira opinião, enquanto D. Carolina (lug. cit.) pertence à segunda.

(48) Seria, desta vez, inspirada no plural português, *escrivães*? !...

(49) Port. ant. *cenobitão*, *cenobitãos* (v. *Rev. Lusit.*, XXI, pgs. 97 e 98).

HORTULUS [dimin. de **HORTUS**] + **-ANUS**); ***SUPERANUS** (< **SUPER** + **-ANUS**); **VILLĀNUS** (< **VILLA** + **-ANUS**); etc. A forma **SCRIBĀNUS** (como, por exemplo, se dá com **EREMITĀNUS**, em relação com a **EREMITA**) representa simples ampliação de **SCRIBA**, pois esta já possuía o mesmo sentido de agente. A palavra aparece com certa frequência em documentos medievais ⁽⁵⁰⁾.

Portanto, o b. lat. **SCRIBĀNUS** (< lat. **SCRIBA**) deu: it. *scrivano*, fr. *écrivain*, prov. ant. *escrivan* ou *escriban* (> port. ant. *escrivan*, port. mod. *escrivão*, pl. *escrivães*, esp. ant. *escribán*), cat. *escrivá*, esp. mod. *escribano* (< *escribán*?).

O feminino *escrivã* (como *alemã*, *catalã*, *deã*, etc.) também concorda com a forma e origem indicadas, visto que os fem. em *-ãna* (correspondentes aos masc. em *-anus*) não mudam de tema em provençal (ou em catalão).

guardião—Alguns autores (A. Coelho, Caldas Aulete, J. T. Silva Bastos, etc.) consideram a palavra um derivado vernáculo de *guardar* (com o suf. *-ão* ou *-ião*?!), o que não parece verisímil. Meyer-Lübke (*R. E. W.*, 9502) pertence a este número, e A. Nascentes parece ser da mesma opinião, visto não registar a palavra. Cândido de Figueiredo (*Novo Dic.*, 2.^a ed. e ss.), Augusto Moreno (*Dic. Complem.*) e a *Grande Encicl. Port. e Brasil.* tiram do espanhol, o que mais uma vez se deve julgar desacertado; enquanto F. S. Constâncio, E. Faria (*Dicion.*, 2.^a ed.) e J. M. A. Correia de Lacerda no-la dão como importada do francês *gardien*, o que também se não pode considerar rigorosamente exacto.

A palavra deve vir do prov. ant. *guardian* (< b. lat. **GUARDIANUS** — cfr. Du Cange —, derivado de **GUARDIA**, por seu turno de origem germânica, *ward*), bem como o espanhol *guardián*, conforme indica R. Menéndez Pidal no seu *Manual de Gram. Hist. Esp.*, § 83, 4.

sacristão—Esta já Antenor Nascentes e vários outros lexicógrafos ⁽⁵¹⁾ a consideram proveniente dum b. lat. **SACRISTANUS**

⁽⁵⁰⁾ V., por ex., J. P. Ribeiro, *Dissert. Cron.*, I, pgs. 273 e 278; e *Leges et Consuef.*, pg. 829.

⁽⁵¹⁾ J. Leite de Vasconcelos é também deste parecer (*Lições*², pg. 360).

(cfr. Du Cange), sem se importarem com a especial opinião de Meyer-Lübke (v. *Introdução*, § 153) e apesar de em espanhol ser *sacristán*.

A palavra deve estar realmente nas mesmas condições etimológicas das anteriores: tanto o português como o espanhol devem provir do provençal (digamos, do francês do sul) *sacristan* ⁽⁵²⁾, por seu turno filiado no b. lat. *SACRISTANUS*, ampliação de *SACRISTA* (cfr. Du Cange).

As formas normais portuguesas são *sacristão*, pl. *sacristães* (fem. *sacristã*, *sacristãs*), mas na linguagem antiga e na popular, além de *sacristam* (> *sacristão*), aparecem *sancristam*, *sancristão*, *sancrestão*, *sancrischão* e *sancreschão*, influenciadas por *são* (redução de *santo*) e por *cristão*, *crischão* ou *creschão*.

O Prof. E. Williams (*From Latin*, § 123, 3A) diz (a respeito desta e doutras palavras anteriores) que em muitos nomes do baixo latim o sufixo *-num* foi substituído por *-anem*, como se a substituição fosse ainda latina ⁽⁵³⁾. Tratando-se, porém, de palavras muitas vezes da ínfima latinidade, até teoricamente essa maneira de dizer seria falha de rigor. A mudança de tema é, pois, galo-românica, vindo as palavras depois para o centro e ocidente da Península Ibérica principalmente durante a Reconquista, período em que a França foi centro de irradiação de gente (militares, padres e colonos), de civilização e de língua (especialmente de palavras).

alão, *faisão*, etc. — Outras palavras portuguesas em condições semelhantes, conforme já indicámos, seriam, por exemplo: *alão* (pl. *alães*, *alãos* ou *alões*), esp. ant. *alán*, depois *alano* (ou *perro alano*) < prov. *alan* < b. lat. *ALĀNU*- (cfr. Du Cange e *R. E. W.*, 309); *faisão* (pl. ant. *faisães*, hoje *faisões*), esp. *faisán* < prov. e cat. ant. *faisan* < lat. *PHASIĀNU*-; e *porão* (pl. *porões*) < *prão* < port. ant. *pram* < prov.-cat. ant. *plan* < lat. *PLANU*-. *Rufião* (> *rufia*), ant. *refião*, pl. *rufiães* ou *refiães* e *rufiões* (cp. fem.

⁽⁵²⁾ Em prov. encontram-se várias formas: *sacristan*, *sacrestan*, *sagrestan*, *segrestan*, etc. (cfr. F. Mistral, *Tresor*).

⁽⁵³⁾ R. Menéndez Pidal, em quem E. Williams se inspirou, fala em «confusão do sufixo clássico *-anu* e do vulgar *-ane*» (*Gramát. Hist.*, § 83, 4), como se esta terminação tivesse realmente condições de sufixo — (não confundir com a terminação flexional germânica).

rufiona) deve ter vindo também do prov. *rufian* (cp. esp. *rufián*), ainda que de origem italiana (*ruffiano*).

charlatão (pl. *charlatães*), embora de origem italiana (*ciarlatano*), talvez nos tenha chegado também pelo francês *charlatan* (cp. esp. *charlatán*).

Quanto à flexão, o que acabámos de dizer mostra bem que, embora as palavras se possam reportar a protótipos latinos em *-ĀNUS* (v. *ALAMĀNUS*, *DECĀNUS*, *SCRIBĀNUS*, etc.), os seus plurais (*alemães*, de *alemão*; *capelães*, de *capelão*; *capitães* de *capitão*; *catalães*, de *catalão*; *deães* ou *daiães*, de *deão* ou *daião*; *ermitães* ou *eremitães*, de *ermitão* ou *eremitão*; *escrivães*, de *escrivão*; *guardiães*, ao lado de *guardiões*, de *guardião*; *sacristães*, de *sacristão*; etc.) não são realmente analógicos, isto é, resultante de mera «confusão». Até teoricamente, formalmente, esta explicação seria inadmissível. Basta notar-se que, palavras vernáculas de plural em *-ães*, vindas directamente do latim, apenas possuímos *cães* (de *cão*) e *pães* (de *pão*). Ainda que a estas juntássemos uma ou outra de origem germânica e árabe (que poucas são também e todas acabaram por mudar o plural para *-ões*)⁽⁵⁴⁾, o número era tão pequeno que, só por si, dificilmente poderia ser causa de influências analógicas. Além disso, as duas palavras principais (*cão*, *cães* e *pão*, *pães*) têm sido sempre dum emprego tão frequente e tão preciso que dificilmente poderiam ser causa de confusões.

Outra razão poderosa (só por si definitiva) é a baseada no testemunho das formas arcaicas. Com efeito, a existência das formas *capelan* ou *capelam*, pl. *capelães* ou *capelaaens*, *capitan* ou *capitam*, pl. *capitães*, *catalães*, *dean* ou *deam* e *daiam*, pl. *dayaaes*, *hermitam* ou *(h)irmitam*, pl. *hermitaães* ou *(h)irmitaães*, *escrivam*, *escrivães*, etc. (ao lado das outras formas em *-ão*, pl. *-ãos*, directamente de *-anu*, pl. *anos*), em tempos em que ainda se não confundiam as diversas terminações (mormente no plural), é razão bastante para se concluir, com inteira segurança, que as palavras acima (pelo que respeita ao plural em *-ães*) não pertencem ao número das que «confun-

⁽⁵⁴⁾ Por exemplo, *gavião*, *gaviães* (hoje *gaviões*), *alvardão*, *alvardães* (hoje *aldrabão*, *aldrabões*), *alazão*, *alazães* (hoje *alazões*), etc.

diram e baralharam as suas formas do plural», como principalmente os citados gramáticos pretendem. As formas espanholas (geralmente em -án, pl. -anes) também não permitem dúvidas a tal respeito⁽⁵⁵⁾.

Os plurais acima são, pois, bem etimológicos, mas etimológico em relação às origens galo-românicas (ou mesmo galo-visigóticas), que não directamente às formas tipicamente latinas em -ANUS.

Pelo que respeita a influências analógicas no plural, como se sabe e tem visto, as palavras mais influentes são as do terceiro grupo acima (-ão < -om, pl. -ões), reforçadas com as do quarto (-ão < -õe, pl. -ões), por serem desde sempre as mais numerosas e, portanto, as mais correntes ou vulgares. Os plurais em -ães só poderiam adquirir capacidade de influência analógica quando às palavras primitivas (mesmo com algumas de origem germânica ou árabe) se viessem juntar as várias outras de origem galo-românica⁽⁵⁶⁾.

Lisboa.

JOSÉ INÊS LOURO

(55) Em estudos filológicos (linguísticos) é sempre necessário confrontar as formas portuguesas com as espanholas, francesas, etc. Mas já nos parece mau critério mandar recorrer ao espanhol em simples regras práticas de flexão portuguesa (cfr. J. X. Fernandes, ob. cit., pg. 15). Em lugar deste recurso expresso (naturalmente difícil ou impraticável para a maior parte das pessoas), em casos tais, o melhor será (depois duma justificação geral da trifurcação com as origens latinas, árabes, galo-românicas, etc., com o port. arcaico, com o espanhol e com as influências analógicas) dar exemplos de cada grupo seguidos de listas, o mais completas possível, das formas que possam oferecer dúvidas, devendo os vocabulários e os dicionários incluir também indicações sobre os plurais mais ou menos duvidosos. Além disso, para se ver que o recurso nem sempre daria resultado, vejamos casos como *alcatrões*, esp. *alquitrans*, *aldrabões*, esp. *albardanes*, *anões*, esp. *enanos*, *escrivães*, esp. *escribanos*, *ganhões*, esp. *gañanes*, *tabeliães*, esp. *tabeliones*, etc.

(56) Mesmo assim, alguns plurais vulgares em -ães, como o de *grães* (por *grãos*), talvez sejam devidos mais a vestígios de influência francesa (em sentido geral), conservados no nosso povo (cp. *granja* < fr. *grange* < **granica* — Rev. Port. Filol., II, 1948 [pgs. 201 e ss.]), do que a confusões analógicas.

A Crítica da Poesia nos Estudos literários de Karl Vossler

Filólogo-filósofo, KARL VOSSLER (1872-1949) dedicou parte do seu labor linguístico à reflexão crítica sobre a essência da Língua e dos seus fenómenos, tanto como à discussão das noções, teorias e métodos da sua percepção e interpretação. Os seus estudos metodológicos, iniciados pelos escritos militantes e programáticos de *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft* (1904) e *Sprache als Schöpfung und Entwicklung* (1905), levaram-no a tratar dos princípios da Filologia e da Ciência literária; a análise destes princípios, nos *Gesammelte Aufsätze zur Sprachphilosophie* (1923) é ainda mais profunda e além disto livre de intuítos polémicos. Os ensaios reunidos sob o título de *Geist und Kultur in der Sprache* (1925) procuram penetrar nas relações que existem entre a Língua e as restantes actividades intelectuais. O último destes ensaios resume a tese, fundamental para o pensamento e a orientação científica de Vossler, da identidade filosófica da Língua e da Poesia. Na sua concepção, a Língua, em princípio e por essência, é poética, sujeita, ainda nas suas formas fonéticas e gramaticais, à actuação da Fantasia⁽¹⁾. Isto não

(1) «O espírito que domina todas as formas linguísticas (...) é o mesmo que está na origem da *Iliada*, da *Divina Comédia*, do *Fausto*, e de todas as canções populares do mundo: — é a Fantasia humana» (*Benedetto Croce's Sprachphilosophie*, in - «Aus der romanischen Welt», IV, pág. 140). — «(...) o que na Língua se manifesta, a rigor, nunca, e, empiricamente falando, apenas excepcionalmente são as noções abstractas da realidade. Sempre, ou na maioria, trata-se de visões, ânsias, aspectos, através dos quais aquele que fala procura aproximar-se da realidade. A história da evolução de uma Língua, propriamente não nos revela mais do destino e das realizações do povo respectivo, do que as recordações, esperanças, inclinações, desejos, aspirações ou receios que o acompanham através dos

significa, porém, que todas as suas expressões, *de facto*, se elevem à altura da Poesia, como arte. O *elemento poético*, que Vossler considera intrínseco à Língua, compara-o ao espírito que anima os seres vivos, e à energia inerente à matéria, — «mas é preciso distinguir a Poesia elementar da expressiva (...), assim como se distingue o espírito latente ou imanente, do manifesto, ou a energia coesiva ou dormente, da activa» (pág. 246). Por seu lado, a Poesia, como obra de arte, representa «o caso excepcional e festivo, em que a Fantasia já não se limita a afirmar-se como mero elemento e meio linguístico, afirmando-se ainda como construtiva (...）」 (pág. 248).

A identificação filosófica de *Língua* e *Poesia* que Vossler defende, filia-se no pensamento estético de Benedetto Croce, nomeadamente na doutrina do tratado *Estetica como scienza dell' espressione e linguistica generale* (1900), frequentemente citado pelo romanista alemão como determinativo da orientação dos seus próprios estudos filológicos, linguísticos e literários⁽²⁾.

A concepção *poética* da Língua no sentido aludido, leva-o a considerar a crítica estética como o princípio e a perfeição da Linguística em todos os seus ramos. É ela que é o ponto de partida e que lhe oferece os critérios principais para a análise penetrante e discutida da Língua e da Cultura francesas, no livro *Frankreichs Kultur im Spiegel seiner Sprachentwicklung* (1913; a segunda edição, de 1929, passa a intitular-se apenas *Frankreichs Kultur und Sprache*). Tratando nele das formas do francês antigo, começa por estudar a Poesia medieval francesa, nos exemplos da Canção de Aleixo, da Canção de Roldão, e dos Romances de cavalaria, de Cristiano de Troyes, passando logo para a Língua, num parágrafo, em que diz: «As características que

séculos, apenas imagens e sons, mas não a essência abstraída (...). O que numa Língua nacional podemos conhecer e devemos venerar, em última análise é a Poesia desta Nação, e não somente a Poesia escrita e a Literatura, como toda a Poesia não escrita que reside e germina, livre, nas palavras e nos sons da linguagem corrente» (*Sprache und Nation in Italien und Deutschland*, 1936, in- «Aus der romanischen Welt», I, págs. 103 e sg.).

(²) Cf. além dos livros citados, que reúnem os estudos de Vossler referentes à Filosofia da Língua, *Benedetto Croces Sprachphilosophie* (1936), in- «Aus der romanischen Welt», IV, pág. 162, e *Puristische und fragmentarische Kunstkritik* (1933), l. c. II, pág. 38.

assinalamos (...) em três exemplos típicos de obras de arte, são tão fundamentais que se depara com elas não somente na maioria das restantes poesias da época do francês antigo, como — *mutatis mutandis* — até nas formas linguísticas. Ao observarmos a linguagem do francês antigo, revela-se-nos uma tal harmonia entre os meios da expressão artística e linguística que é lícito afirmar-se que os poetas no fundo não fizeram senão fixar em monumentos literários as energias informativas e vitais da sua Língua materna»⁽³⁾. Outra exemplificação do método seguido por Vossler, oferece-o o estudo sobre a mentalidade nova que se lhe afigura imanente ao Latim vulgar, — *Neue Denkformen im Vulgärlatein* (1922)⁽⁴⁾.

O outro aspecto da noção de a Poesia residir na Língua, o carácter essencialmente *linguístico* da Poesia como obra de arte, leva Vossler a insistir na orientação *filológica* da crítica estético-literária e da História literária. Perante as tendências para a interpretação moralizadora, naturalista, etnográfica, geográfica, nacionalista, psicológica, psicanalítica, biológica, sociológica, ou fenomenológica, que pretendem atingir e compreender a personalidade, a obra e a importância dos poetas nas zonas extrínsecas à Poesia, Vossler afirma que para a crítica literária, científica, «nada há de mais alto nem de mais profundo do que o Poético. Com efeito, este é tão amplo e tão universal que abrange todo o espírito com o seu ambiente natural, regional, nacional, étnico, e os motivos políticos, sociais, religiosos, etc., que lhe correspondem. E o Poético é também tão poderoso, que tudo isto não permanece nele como matéria-prima, sendo pelo contrário compenetrado dele, fundido, absorvido e transformado na essência do próprio Poético, que é a Língua». Se aos poetas cabe «afastarem as coisas deste mundo da sua realidade prática, empírica e natural, fazendo-as ressurgir no reino da Arte, e conferindo-lhes eficiência e realidade linguística», a tarefa crítica da ciência literária não pode deixar de incidir sobre esta mesma «eficiência e realidade linguística das coisas terrestres e eternas»⁽⁵⁾. A este preceito filológico-estético obedecem os múltiplos estudos que Vossler votou

(3) *Frankreichs Kultur und Sprache*, pág. 48.

(4) *Geist und Kultur in der Sprache*, págs. 56 e sgs.

(5) *Geist und Kultur in der Sprache*, págs. 259 e sgs.

aos Poetas e à Poesia, a Guinicelli, Cavalcanti e Dante ⁽⁶⁾, a Tasso ⁽⁷⁾ e Leopardi ⁽⁸⁾, aos Trovadores Marcabru ⁽⁹⁾, Peire de Cardinal ⁽¹⁰⁾, e Bernardo de Ventadorn ⁽¹¹⁾, a La Fontaine ⁽¹²⁾. Racine ⁽¹³⁾, Vitor Hugo ⁽¹⁴⁾, e Mallarmé ⁽¹⁵⁾, a Lope de Vega ⁽¹⁶⁾, Calderón ⁽¹⁷⁾, Tirso de Molina ⁽¹⁸⁾, Luís de León ⁽¹⁹⁾, e Jacinto Benavente ⁽²⁰⁾, Jorge Ferreira de Vasconcelos ⁽²¹⁾, Sor Juana Inês de la Cruz ⁽²²⁾, e Goethe ⁽²³⁾, ao Simbolismo poético ⁽²⁴⁾, aos géneros cultivados nas

(6) *Die philosophischen Grundlagen zum «süssen neuen Stil» des Guido Guinicelli, Guido Cavalcanti und Dante Alighieri; Die göttliche Komödie. Entwicklungsgeschichte und Erklärung* (1907-10, 2.^a ed. 1925); *Dante als religiöser Dichter* (1921), in - «Südliche Romania», págs. 9 e sgs., e *Dante und die Sprache* (1921), ib. págs. 31 e sgs.). Cf. ainda a Introdução para a tradução alemã da *Divina Comédia*, por Vossler (2.^a ed. 1945).

(7) *Tassos Aminta und die Hirtendichtung* (1906), in - «Aus der romanischen Welt», I, págs. 65 e sgs.

(8) *Leopardi* (1922); *Giuseppe Leopardi* (1937), in - «Südliche Romania», págs. 57 e sgs., e *Zur 100. Wiederkehr von Leopardis Todestag, 14. Juni 1837* (1937), in - «Aus der romanischen Welt», IV, págs. 118 e sgs.

(9) *Der Troubadour Marcabru und die Anfänge des gekünstelten Stiles* (1913).

(10) *Peire Cardinal, ein Satiriker aus dem Zeitalter der Abigenserkriege* (1916).

(11) *Der Minnesang des Bernhard von Ventadorn* (1918).

(12) *La Fontaine und sein Fabelwerk* (1919), — trad. espanhola *La Fontaine y sus Fábulas* (1947, Col. «Austral»).

(13) *Jean Racine* (1926, trad. espanhola 1946, Col. «Austral»); *Gedanken zu Racines 300. Geburtstag* (1939), in - «Aus der romanischen Welt», I, págs. 115 e sgs.

(14) *Victor Hugo* (1935), in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 5 e sgs.

(15) *Mallarmé und die Seinen* (1938), in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 16 e sgs.

(16) *Lope de Vega und sein Zeitalter* (1932), trad. espanhola *Lope de Vega y su tiempo*, 2.^a ed. (1940); *Lope de Vega und wir* (1936), in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 81 e sgs.

(17) *Calderón* (1937), in - «Südliche Romania», págs. 117 e sgs.

(18) *Tirso de Molina* (1940), in - «Aus der romanischen Welt», IV, págs. 79 e sgs.

(19) *Luis de León* (1943, 2.^a ed. 1946), trad. espanhola 1946 (Col. «Austral»).

(20) *Jacinto Benavente* (1930), na revista «Corona», I, págs. 108 e sgs.

(21) «*Eufrosina*» (1938), in - «Südliche Romania», págs. 145 e sgs.

(22) *Die «zehnte Muse von Mexiko» Sor Juana Inês de la Cruz* (1934).

(23) *Goethe und das romanische Formgefühl* (1928), in - «Südliche Romania», págs. 85 e sgs.

(24) *Symbolische Denkart und Dichtung im Mittelalter und Heute* (1934), in - «Aus der romanischen Welt», IV, págs. 5 e sgs.

Literaturas românicas ⁽²⁵⁾, e à História literária, nomeadamente trovadoresca ⁽²⁶⁾, italiana ⁽²⁷⁾ e hispânica ⁽²⁸⁾.

Todavia, ainda que cingindo-se rigorosamente ao critério linguístico, a estética interpretativa e crítica de Vossler, ao abordar as obras literárias e poéticas, não é exclusivamente linguística. Ele não considera a identificação de *Língua* e *Poesia* senão como *filosófica*. Se a noção do elemento poético imanente à *Língua* não o leva a atribuir categoria artística a todas as suas expressões, o facto de a *Poesia* se exprimir através da *Língua*, por seu lado não o induz a reduzir a sua interpretação ao aspecto de uma espécie de puro verbalismo estético. Discutindo, no artigo *Puristische und fragmentarische Kunstkritik* (1933), os princípios do purismo estético, Vossler não deixa de traçar os limites que reconhece à interpretação estilística das obras literárias, praticada por ele próprio, e com virtuosismo incontestável, nomeadamente através da análise das fábulas de La Fontaine, e que teve ascendência significativa na evolução contem-

⁽²⁵⁾ *Zur Entstehung romanischer Dichtungsformen* (1940), in - «Aus der romanischen Welt», III, págs. 5 e sgs.; *Die Dichtungsformen der Romanen* (obra póstuma, ed. por ANDREAS BAUER, 1951); *Der Geist der italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literaturen* (1937), in - «Südliche Romania», págs. 38 e sgs.; *Dreierlei Begriffe vom Drama* (1926), in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 141 e sgs.; *Zeit- und Raumordnungen der Bühnendichtung* (1930), ib. págs. 112 e sgs.; *Die Antike und die Bühnendichtung der Romanen* (1928), ib. III, págs. 73 e sgs.; *Die Einheit von Raum und Zeit im barocken Drama* (1930), in - «Südliche Romania», págs. 105 e sgs.; *Der Roman bei den Romanen* (1927), in - «Aus der romanischen Welt», I, págs. 124 e sgs.

⁽²⁶⁾ *Die Dichtung der Troubadours und ihre europäische Wirkung* (1937) in - «Aus der romanischen Welt», I, págs. 5 e sgs.

⁽²⁷⁾ *Italienische Literaturgeschichte*, trad. espanhola na Col. «Labor»; *Italienische Literatur der Gegenwart von der Romantik zum Futurismus* (1914); *Die neuesten Richtungen der italienischen Literatur* (1925).

⁽²⁸⁾ Nomeadamente *Introducción a la Literatura española del Siglo de Oro* (1934, nova ed. 1945 na Col. «Austral»; a versão alemã — *Einführung in die spanische Dichtung des goldenen Zeitalters* — é de 1939); *Realismus in der spanischen Dichtung der Blütezeit* (1926, in - «Südliche Romania», págs. 130 e sgs.); *Realismo e Religião na Poesia Luso-espanhola do Século de Ouro*, in - «Biblioteca de Altos Estudos» (1944); *Spanischer Brief (an Hugo von Hofmannsthal zum 1.2.1924*, in - «Eranos», págs. 123 e sgs.), *Poesie der Einsamkeit in Spanien* (1935-58, ed. espanhola de 1946). — A bibliografia geral das publicações de Vossler, 1897-1951, foi organizada pela Academia Bávara das Ciências, Munique 1951.

porânea da ciência literária, na Alemanha. Afigura-se-lhe errôneo «supor que a *Poesia* resida em fragmentos linguísticos ou estilísticos, frases ou versos isolados». As análises estilísticas que pretendem «extrair a *Poesia* directamente do texto», partem de uma identificação já não meramente filosófica, como até matemática de *Língua e Poesia*, que o próprio Vossler denuncia como «perigosa, por ser precipitada», visto que identifica os fragmentos de uma obra com a obra inteira ⁽²⁹⁾.

No mesmo artigo, refuta igualmente a identificação exclusiva de *Poético* e *Lirico*. Embora admita a possibilidade da distinção filosófica entre *Poesia* e *Prosa*, insiste em frisar que, consideradas sob o aspecto histórico, ambas se compenetraram mutuamente, e tanto que as suas funções chegam a permutar e a confundir-se por completo, de sorte que não é raro deparar-se com versos sem poesia, ou versos pseudopoéticos, e com prosas não prosaicas, mas deveras poéticas ⁽³⁰⁾.

Se Vossler, como filólogo-filósofo, sempre se recusou a sistematizar a multiplicidade e subtilidade dos matizes do entrelaçado de Espírito, Alma, Mentalidade, Sentimento, e Língua, para não lhes tirar aquilo que considerava propriamente essencial a elas, não menos lhe repugnou subordinar a *Poesia*, que venerava como a suprema e mais sublime expressão linguística, a abstracções e noções gerais, para não diminuir ou destruir o encanto, a matiz e subtileza específicas das expressões e criações poéticas individuais. A sua extraordinária sensibilidade estética e a capacidade de perceber, penetrar e transparentar, com intuição crítica, os imponderáveis das tonalidades latentes, analisando-os sem prejudicar o seu efeito poético, manifestava-se contrária a todas as tentativas de generalização e classificação sistemática, e de simplificação esquemática, forçosamente inexactas e triviais. É, entretanto, certo que os seus próprios critérios, revelando-se elásticos e maleáveis através das muitas análises eruditas e destrinças cuidadosas dos elementos da substância poética, génese formal e

⁽²⁹⁾ «Aus der romanischen Welt», II, págs. 38 e sgs.

⁽³⁰⁾ ib. pág. 42; *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 9 e 11. Cf. ainda o parágrafo *Poesie und Prosa* no estudo *Die Grenzen der Sprachsoziologie* (1923, in - «Gesammelte Aufsätze zur Sprachphilosophie», págs. 212 e sgs.).

estrutura técnica, bem como da historiação das obras da arte literária, nem sempre conseguem impedir as suas apreciações de se apresentarem vagas e imprecisas⁽³¹⁾.

*
* *
*

Considerada a *Poesia* como uma das «formas elementares» do Espírito humano⁽³²⁾, a par do Pensamento e da Religião, a obra poética como criação do génio é o resultado de um processo genético e construtivo de objectivação estética. Como tal, a obra de arte constitui, ela mesma, um dos elementos da evolução do Espírito humano. Na sua qualidade de documento humano, a Poesia é, aliás, a expressão estética de uma mentalidade intelectual, anímica, e religiosa.

É particularmente interessante observar como Vossler, evitando as isolações e abstracções e todos os exclusivismos e dogmatismos, procura *acordar* a sua crítica interpretativa com a diversidade de facetas, correlações e diferenciações dos fenómenos poéticos. O aspecto principal deles que põe em evidência, através das suas análises, é o da sua dialéctica intrínseca. O objectivo principal que procura atingir, é o da sua integração.

Para a compreensão crítica da Poesia como arte, afigura-se-lhe imprescindível perceber a sua estrutura técnica, ou, no dizer de Goethe, o seu «esqueleto vivo», pois «sòmente ao lutar com as resistências estruturais e na luta triunfante e animadora com as durezas lógicas e práticas que haja numa obra poética, ou com os hábitos, exigências e necessidades extrínsecas que se lhe impõem, o génio do

(31) Assim acontece, v. gr., ao estabelecer como diferença fundamental entre a Poesia italo-espanhola e franco-provençal, o predomínio, nas versificações da primeira, do ritmo livre, épico, recitativo e dinâmico, e, nas da segunda, o predomínio do ritmo contínuo, lírico, cantante, e firme (*Dichtungsformen der Romanen*, pág. 177), e ao caracterizar depois o verso e o gosto estético francês como «mais racional, em comparação com o italiano e espanhol, mais estabilizado, e firme, mais cingido à prosa e à linguagem corrente (...) isto é menos (...) flexível, menos melodioso e lírico (...)» (*ib.* pág. 184).

(32) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 232.

poeta pode afirmar-se e perceber-se como energia activa» ⁽³³⁾. Assim, significado especialmente importante cabe às formas e aos gêneros da Poesia, e ao estudo das suas funções. Ainda que o poeta se considere livre ao escolhê-los ou até os invente — uma vez escolhidos e determinados, são eles que se impõem ao gênio poético, confinando-o, orientando-o e concretizando a inspiração que o anima. «A rigor, nem há independência completa de imposições formais quando o próprio poeta inventa a forma, não se servindo de um esquema dogmático. Pois, mal ele começa a poetar, a primeira palavra, o primeiro verso, a primeira estrofe, e até a primeira reflexão já são determinativas do resto» ⁽³⁴⁾. Por outro lado, as formas representam uma tradição literária, os seus conceitos reflectem ideais estéticos que se impõem sugestivos e rigorosos aos poetas que os cultivam e os seguem. Assim, o conceito da Tragédia na acepção dos críticos e dos poetas renascentistas e classicistas, é indicativo de uma consciência estética dominada pelos ideais da Antiguidade, e é a sua emulação que incita e determina a poesia dramática da época ⁽³⁵⁾.

Todavia, ao tratar, nos seus estudos literários, das formas e dos gêneros da Poesia, Vossler não se lhes refere como a meros conceitos abstractos, normas fixas e formalismos esquematizados. Não ignora que podem também tomar esta feição, mas não lha considera essencial. O que lhes considera essencial, é a sua função *enformativa*

⁽³³⁾ *Puristische und fragmentarische Kunstkritik*, in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 48 e sgs. — «(...) é um facto que nunca ainda (...) nenhum verdadeiro poeta, ainda que fosse exclusivamente lírico, pôde deixar de descer para o plano técnico, de rasgar um plano e de dar alguma consistência aos sons, vultos e às visões oscilantes do seu lirismo (...). A construção teológica, geográfica e astronómica que Dante traçou dos reinos do Além, não sómente tem a sua lógica e técnica, ela também já contém elementos míticos e visionários plenos de força poética. A maneira de estes obstáculos levarem o lirismo do Poeta a quebrar-se, a perder-se, e a ressurgir com intensidade nova e maior, até que sobre eles triunfa, sem os destruir (...), é muito mais característica da sua arte específica do que a doçura e o encanto lírico que por vezes transparecem nas partes chamadas belas», ib., pág. 42. — Para a compreensão de obras tão misteriosas como o são o *Hamlet* e o *Don Quijote*, a elucidação da sua estrutura e da sua génese formal afigura-se-lhe particularmente propícia.

⁽³⁴⁾ *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 203. — Cf. *Goethe und das romanische Formgefühl*, in - «Südliche Romania», pág. 94.

⁽³⁵⁾ *Puristische und fragmentarische Kunstkritik*, in - «Aus der romanischen Welt», II, págs. 39 e sgs.

da Poesia e ao mesmo tempo, o facto da sua inspiração e realização poética⁽³⁶⁾. Graças à sua natureza proteica, porém, resistem, na sua concreta realidade poética, ao rigor das definições precisas e das classificações categóricas⁽³⁷⁾. Prescindindo, por conseguinte, nos seus estudos, de todas as esquematizações que a estética literária e com ela a ciência literária nem sempre souberam evitar, e cingindo-se, nas suas observações, mais ao processo produtivo do que ao formalismo abstracto, o método empírico seguido por Vossler, consegue resultar porventura mais elucidativo das realizações analisadas na diversidade dos seus aspectos correlativos, do que o permitiria a sistematização categórica.

Ao discutir as tendências para o Nominalismo e para o Dogmatismo, na apreciação dos géneros literários e das formas da Poesia, Vossler admite que ao primeiro assista certa razão em considerar os géneros e as formas como meros nomes sem «realidade poética» e sem história ou evolução, servindo apenas de rótulos para classificações que nada teriam com o valor nem com o carácter da Poesia. Porém, ainda que possa passar por justo e útil distinguir-se assim entre a Poesia intrínseca das obras literárias e as suas formas extrínsecas, o Nominalismo exclusivo e consequente falha perante todos os casos em que as formas são, elas próprias, intrínsecas às obras poéticas, constituindo elas mesmas «uma realidade espiritual, um imperativo realizado, a execução de um propósito, de um plano e de uma vontade estéticos», como acontece com as tercinas dantescas, «às quais corresponde o entusiasmo religioso pela Santa Trindade», de expressão adequada na harmonia perfeita da arquitectura tripartida da poesia lírica e didáctica da *Divina Comédia*⁽³⁸⁾. Casos como este, teriam a sua interpretação mais acertada quando valorizados segundo os critérios do Dogmatismo estético, que atribui realidade própria, sugestiva e imperativa às formas e aos géneros, ainda que nem todas as suas realizações correspondam ao *ethos* categórico que lhes é inerente. Especificamente dantesca, «desde que Dante a criou e lhe inspirou o

(36) *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 10 e sgs.

(37) l. c. págs. 9 e sgs., e pág. 232.

(38) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 200. Cf. acerca da correlação entre a forma e o espírito da tercina dantesca, a Introdução que Vossler escreveu para a sua tradução alemã da *Divina Comédia* (1942), págs. 21 e sgs., cit. em *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 198 e sgs.

seu espírito e a sua alma», a tercina impõe o seu *ethos* dantesco ao poeta que a escolhe para os seus versos. Assim, Goethe teve a consciência da visão do processo expiatório poetado por Dante, ao escolher a tercina para os versos do monólogo de Fausto no início da segunda parte da tragédia, como, ao adoptar a oitava-rima para a *Dedicatória* da primeira parte, o Poeta teve a consciência de «a arquitectura sonora da Poesia dos fabulistas meridionais Boiardo, Ariosto e Tasso» corresponder propriamente à evocação dos amores e das amizades da mocidade que lhe surgem «como um velho cantar meio-esquecido» ⁽³⁹⁾. — Esta mesma dogmatização das formas e dos géneros, porém, é também susceptível de levar a um formalismo estéril, que falha perante todos aqueles casos, em que a substância e a forma de uma obra não se correspondem. — sem que por isso a obra deixasse de ser poética.

Reconhecendo, pois valor metódico reduzido a cada uma destas maneiras de ver e interpretar, e manifestando-se ao mesmo tempo avesso ao doutrinário absoluto e exclusivo para o qual tendem, Vossler prefere, para as suas interpretações, o método historicista-dialéctico que, procedendo a diferenciações mais criteriosas e apresentando-se mais elástico e mais elegante, consegue, ainda assim, valorizar, relacionando-os e conjugando-os, os princípios aceitáveis do Nominalismo e do Dogmatismo estético ⁽⁴⁰⁾. Concebe as formas da Poesia como resultantes de um contínuo processo espiritual e produtivo, no qual a «verdadeira Poesia» se distingue da «pseudo-poesia». Este mesmo processo de metamorfose e aperfeiçoamento constantes cumula na elaboração da forma definitiva. Depois, porém, «ao afrouxar a energia poética», esta forma perde a sua flexibilidade, transformando-se num esquema extrínseco. A vitalidade das chamadas formas da Poesia, das valiosas tanto como das inferiores, das genuínas tanto como das falsas, das animadas tanto como das convencionais, das inspiradas tanto como das técnicas, depende das altas e baixas, dos triunfos e das derrotas da criação poética. Quem considerar a

⁽³⁹⁾ *Goethe und das romanische Formgefühl*, in - «Südliche Romania», pág. 92; *Der Geist der italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literaturen*, ib., pág. 47; *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 200 e sgs. — A trad. do verso de Goethe é de GARRETT, *Viagens na minha Terra*, cap. 28.

⁽⁴⁰⁾ *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 202; *Goethe und das romanische Formgefühl*, in - «Südliche Romania», pág. 93.

técnica poética em si, isto é isolada da Poesia, não a percebe e não passa de registar meros esquemas da versificação, regras para a rima, artimanhas e habilidades. E quem, por outro lado, pretendesse estudar a Poesia pura e autêntica em si, isto é, sem se importar com a sua técnica que é a sua realização prática, vê-la-ia sumir-se-lhe entre as mãos como algo de irreal, alma informe, sem corpo e sem forma linguística»⁽⁴¹⁾. A crítica de Vossler procura valorizar igualmente a espontaneidade e originalidade da criação poética, e as consequências que resultam da objectivação formal da inspiração poética. A primeira, se prescinde dos imperativos extrínsecos da convenção, da moda, e das formas já esquematizadas, não deixa de obedecer aos imperativos intrínsecos da sua própria enformação. A segunda, se não quer correr o perigo de degenerar em formalismos estéreis, precisa de voltar a interiorizar-se através da inspiração poética. Assim, a adopção da tercina por autores posteriores ao Poeta da *Divina Comédia*, que lhe imprimem feição ornamental, como Petrarca, nos seus *Trionfi*, ou bucólica, como Boccaccio no *Ameto*, parodística, como Lorenzo dei Medici nos *Beoni*, epistolar, como Berni nos *Capitoli*, ou então, melancólica, humorística e idílica, como Guido Gozzano nos *Colloqui*, acaba por relacionar-se de um modo apenas superficial ou até negativo com o espírito original deste verso. Para que estas relações formais voltem a ser significativas, é mister o poeta que se serve da tercina, não somente dominar a forma pelo seu virtuosismo, como ainda inteirar-se do espírito e do *ethos* inerentes a esta forma, — precisamente como sucede no exemplo de Goethe ao escolher a tercina para o monólogo da cena que abre a segunda parte do *Fausto* ⁽⁴²⁾.

As diferenças características que Vossler assim reconhece às diversas formas da Poesia, ressaltam das suas observações sobre a *Tercina*, a *Oitava rima*, e o *Soneto*, que devem o seu valor e a sua popularidade ao espírito e à poesia respectivamente de Dante, Ariosto, Tasso e Petrarca, sobre o *Madrigal* que, semelhante ao *Motet* francês, os deve à Música, e a *Romança* que os deve «a si mesma, isto é à sua forma intrínseca, ao seu impulso espiritual — o que não quer dizer, porém, que as outras formas carecessem de

⁽⁴¹⁾ *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 11 e sgs.

⁽⁴²⁾ *Der Geist der italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literaturen*, in - «Südliche Romania», pág. 47.

idêntico impulso que as fizesse transpor os limites de tempo e espaço» (43).

O método interpretativo adoptado por Vossler corresponde à sua concepção histórico-dialéctica das formas poéticas e literárias, bem como da própria Poesia. É sob o aspecto desta sua dialéctica intrínseca que ele foca o processo genético e a evolução histórica da Poesia — entre entusiasmo e convencionalismo, fantasia e técnica, espontaneidade e imposição, originalidade e degeneração, formalismo e interiorização (44) —, o carácter ambíguo dos *Adágios*, poéticos na sua forma exteriorizada, e substancialmente prosaicos (45), nos *Romances* espanhóis, a exuberância, liberdade e graça da expressão e representação dos sentimentos colectivos que é tanto mais acentuada na Arte, quanto é determinada, dogmática e intolerante a sua acção na vida política e corrente (46), e, no *Romance* medieval e moderno, a poetização crescente que acompanha a sua evolução formal de género versificado para prosaico (47), e a sua antinomia estrutural que faz com que, apenas quando conscientemente oposto e polémicamente adverso à sua função constitucional, meramente distractiva, este género chega a afirmar-se como poético, conseguindo libertar-se desta sua função, impondo ao elemento romanesco, que lhe é específico, o épico, superior, ou triunfando sobre ele pela ironia (48).

A análise de Vossler nunca descursa os pormenores técnicos e as evoluções externas das formas e dos géneros. O que, porém, par-

(43) ib., págs. 45 e sgs., *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 199 e sgs.

(44) *Dichtungsformen der Romanen*, págs. 11, 12, 202 e sgs.

(45) ib., págs. 48 e sgs.

(46) ib., pág. 225.

(47) «A dissolução e transformação dos romances em verso começa já em princípios do século XIII, e acaba por generalizar-se (...). Esta dissolução, a princípio significa um regresso artístico, um desvio ulterior da poesia, — o seu efeito, porém, passa logo a ser o de um progresso artístico. Pois o verso, inicialmente um ornamento (...), acaba por tornar-se um obstáculo supérfluo, com o aumento do interesse material, do interesse pelos factos, — e assim, o verso é finalmente abandonado. Com o interesse pelos factos, crescem também o realismo e a sobriedade da narração, definhando-se o elemento fantástico e romanesco. Já não basta ser um versificador adestrado; impõe-se ao romancista atrair e distrair o seu público sem recorrer a este estimulante, exigindo-se maior esforço à sua arte, e dando-se maior impulso à sua objectividade. É somente na prosa que o romance se torna poético», l. c., págs. 302 e sgs.

(48) ib., págs. 295 e sgs.

ticularmente lhe importa, para a sua compreensão, é o espírito que os anima: nas *Tercinas*, a religiosidade dantesca, nos *Hinos*, o entusiasmo religioso⁽⁴⁹⁾, nos *Madrigais*, o espírito melodramático⁽⁵⁰⁾, na *Poesia popular*, a simplicidade específica, na *Poesia artística*, o impulso espiritualizador, ambos concebidos por ele como «tonalidades anímicas»⁽⁵¹⁾, na *Poesia dramática*, a «angústia atenta à hora decisiva e o pressentimento (...) dos sucessos iminentes», e, na *Poesia teatral*, a mentalidade que considera todos os fenómenos como ilusórios e imaginários⁽⁵²⁾. A índole profundamente religiosa do próprio Vossler, que se foi acentuando através da sua actividade intelectual e, com ela, na sua erudição interpretativa, levou-o por fim a idear, atrás das formas, a crença que, na convicção dele, é imanente a toda a Arte⁽⁵³⁾. É neste aspecto que culminam as suas interpretações de Dante, Leopardi, Racine, Lope, Calderón, Luís de Granada e Sor Juana.

Avesse a submeter a análise da Poesia a critérios e objectivos extrapoéticos, Vossler todavia não deixa de proceder à sua integração, situando-a no ambiente intelectual da época a que pertence, e no ambiente natural, social e cultural em que ela cresceu, e que nela se reflecte. Não lhe ocorre adoptar ou defender os princípios da estética — e muito menos ainda os da causalidade — sociológica. Mas o valor estético de uma obra poética afigura-se-lhe intimamente relacionado com «o ambiente espiritual em que nasceu e para o qual se destina»⁽⁵⁴⁾. Assim, admite que para a compreensão das formas da lírica trovadoresca, «seria preciso conhecerem-se precisamente as convenções e condições sociais sob as quais esta lírica se inventou e recitou»⁽⁵⁵⁾. A admirável continuidade e unidade da tradição literária desta Poesia, relaciona-a com a concórdia íntima existente entre

(49) *Goethe und das romanische Formgefühl*, in - «Südliche Romania», pág. 92.

(50) *Die italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literaturen*, in - «Südliche Romania», págs. 49 e sgs.

(51) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 135.

(52) *Die Einheit von Raum und Zeit im barocken Drama*, in - «Südliche Romania», págs. 109 e sgs.; *Lope de Vega und sein Zeitalter*, págs. 205 e sgs.

(53) *Goethe und das romanische Formgefühl*, in - «Südliche Romania», pág. 88.

(54) *Lope de Vega und sein Zeitalter*, pág. 88.

(55) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 128.

os poetas e o seu público ⁽⁵⁶⁾. Ao referir-se às relações entre a sociedade e as formas literárias na Poesia espanhola no século de ouro, foca as discrepâncias acentuadas entre a realidade social e os elementos predilectos da Literatura cultivada, evocativa e enaltecadora do espírito do cavalheirismo medieval, para além da transformação da nobreza feudal em cortesã, do heroísmo, da generosidade, galantaria, sabedoria, e do donaire dos mouros, para além da sua expulsão ou assimilação, e da vida rústica e pastoril, para além do descuido e da ruína da agricultura coeva, fundando a sobrevivência das formas e dos géneros tradicionais da Literatura espanhola daquela época naquilo que ele considera como «a atmosfera psíquica», em que «se conservam vivos e vigorosos ainda depois da transformação operada na sociedade», a saber: «no hábito do sentimento colectivo, na memória do coração, na corrente do gosto, na rotina da arte, e sobretudo na concórdia do poeta e do seu público (...)» ⁽⁵⁷⁾. A origem italiana da novela, explica-a por as condições culturais e sociais do burguesismo das cidades italianas terem sido mais propícias para o género do que aquelas que a França oferecia na mesma época ⁽⁵⁸⁾. O espírito da discrição e harmonia que se assinala no estilo épico de Ariosto e na lírica arcádia de Leopardi, e que é próprio das formas mais correntes da Poesia italiana, distingue-o igualmente nas regras da Ordem de S. Bento, na religiosidade franciscana, na mentalidade de Filipe Neri e de Alexandre Manzoni, nos preceitos morais do *Cortegiano* de Castiglione, na pintura dos Giotto, Rafael, Andrea del Sarto, e Tiziano, e na Música italiana, que, todos eles, nas considerações de Vossler, são significativos do ambiente em que vingaram as formas poéticas ⁽⁵⁹⁾. As origens do virtuosismo característico da Poesia italiana, vê-as «numa mentalidade profundamente humana, dedicada e igualmente afeiçoada ao Espírito e à Natureza», mas também nas realidades circunstanciais, em que as formas artísticas se elaboraram: — «o particularismo, o absolutismo, o domínio estrangeiro, e a tutela clerical. Estas potências políticas — continua — não podiam deixar de afastar cada vez mais os poetas do centro ético da

(56) *Die Dichtung der Trobadors und ihre europäische Wirkung*, in - «Aus der romanischen Welt», I, págs. 29 e sgs.

(57) *Einführung in die spanische Dichtung des goldenen Zeitalters*, págs. 28 e 25.

(58) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 385.

(59) *Der Geist der italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literature*, in - «Südliche Romania», pág. 43.

vida colectiva, e foram precisamente os caracteres mais firmes, os virtuosos, não da assimilação, mas apenas do seu próprio estilo, que se viram obrigados a afastar-se (...) e a assentar (...) as suas visões no seu próprio vigor e na sua própria virtude, e portanto numa base virtuosa», e esclarece, nos exemplos de Dante, Petrarca e Leopardi, como o mesmo idealismo estético que lhes impôs uma resignação resoluto, dolorosa e muitas vezes trágica, perante as realidades externas, acabou por imprimir harmonia exemplar e atractividade universal às formas que eles cultivaram, e determinou a sua divulgação por entre as outras Literaturas europeias⁽⁶⁰⁾.

Dado o alto significado que Vossler atribui à religiosidade, ele é apenas consequente, em relevar, nos seus estudos históricos e sintéticos tanto como nas suas monografias, as relações entre a Poesia e a Religião como particularmente intensas e fecundas, acentuando-as como essenciais sobretudo em *Die Poesie der Einsamkeit in Spanien*, na *Einführung in die spanische Dichtung des goldenen Zeitalters*, e em *Realismo a Religião na Poesia Luso-espanhola do Século de Ouro*. Nesta ordem de ideias, relaciona também a evolução do drama medieval através do renascentista para a tragédia moderna, com o problema estilístico de conjugar, no primeiro, o carácter sacramental, litúrgico e eclesiástico da acção com os aspectos profanos da vida, e, no moderno, como resultante do renascentista, de pôr de acordo, na poesia dramática, os elementos trágico e cristão⁽⁶¹⁾.

A integração humana e histórica, da Poesia, a que Vossler assim procede, se por um lado ultrapassa os limites da Literatura e das Letras, vinculando-a intimamente com todos os domínios da Cultura humana, por outro lado ultrapassa também os limites dos ambientes nacionais. O estudo dedicado ao espírito das formas da Poesia italiana trata igualmente da divulgação que estas formas tiveram entre as Literaturas europeias, como o estudo da Lírica dos Trovadores abrange também o da sua transcendência europeia, e como, ao investigar a cultura hispânica, procura dar relevo particularmente vivo à sua originalidade e ao seu vigor sob o aspecto das suas relações europeias⁽⁶²⁾. Se, ao analisar a reacção produtiva da

(60) *Der Geist der italienischen Dichtungsformen und ihre Bedeutung für die europäischen Literaturen*, in - «Südliche Romania», págs. 53 e sgs.

(61) *Dichtungsformen der Romanen*, pág. 238.

(62) Cf. *Die Bedeutung der spanischen Kultur für Europa* (1929), in - «Südliche Romania», págs. 163 e sgs., e a obra póstuma *España y Europa* (1951).

sensibilidade estética de Goethe perante as formas poéticas cultivadas nas Literaturas românicas, já toca um dos pontos mais significativos do processo contínuo e polimorfo da compenetração e distinção das culturas germânicas, este mesmo processo chega a ser focado em toda a sua plenitude na síntese das lições que se ocupam com os antagonismos e as correlações igualmente fatais e fecundas entre as culturas românicas e o génio alemão⁽⁶³⁾. Estas relações e correlações entre as Literaturas e Culturas nacionais, europeias, não as concebe no sentido superficial e vago de pretensas influências ou causalidades mecânicas. Os fenómenos a que Vossler se refere, são os da irradiação e compenetração sugestivas e produtivas, e das metamorfoses específicas que resultam tanto da sua acção como da reacção assimiladora e transformativa que provocam.

Sempre, porém, e através de toda a multiplicidade e amplitude de relações e aspectos integrantes que Vossler abraça nos seus estudos, a *Poesia* continua a ser valorizada por ele como a realização suprema e mais sublime do génio humano, que nela consegue concretizar e eternizar os sonhos, as saudades e as ânsias, a vitalidade e a alma imanentes à mentalidade e à realidade humana⁽⁶⁴⁾. É orientada por esta concepção da Poesia que a interpretação crítica e histórica de Vossler se propõe revelar, fazer compreender e porventura reviver os seus valores intrínsecos.

Sem dúvida, esta mesma concepção levou Vossler também a preferir para os seus estudos interpretativos, aqueles vultos de poetas e aquelas obras e formas poéticas que se lhe ofereceram como as exemplificações mais nítidas e características do seu conceito de Poesia, e que a ele próprio se lhe afiguram como «mais acessíveis à sua inteligência compreensiva, por estarem mais próximos do seu coração» — na fórmula pela qual explicou o facto na sua «Carta Espanhola» a Hofmannsthal⁽⁶⁵⁾. Este subjectivismo ressalta não somente, como é natural, da escolha dos assuntos sobre os quais os seus estudos incidem, mas afirma-se ainda na própria orientação destes estu-

(63) *Die romanischen Kulturen und der deutsche Geist*, prefaciadas por B. CROCE (1925; publicou-se uma nova edição, em 1948, acompanhada por um estudo breve da personalidade intelectual de Vossler, da autoria de HUGO FRIEDRICH).

(64) *Die Dichtung der Trobadores und ihre europäische Wirkung*, in - «Aus der romanischen Welt», I, pág. 26.

(65) *Spanischer Brief*, in - «Eranos», pág. 124.

dos, nas pormenorizações e acentuações a que neles procede. Todavia, nunca este subjectivismo passa a armar-se em exclusivista. As preferências francamente admitidas não induzem Vossler a menosprezar ou a omitir, de propósito, nas suas considerações, os elementos que julga inferiores, menos originais e menos vigorosos, — pois esses, ainda assim não deixam de desempenhar funções suas e inconfundíveis no processo dialéctico da génese e realização da Poesia.

É, porém, certo que a íntima afinidade de índole e mente, manifestada nestas preferências, intensificando e requintando tanto a sensibilidade de Vossler como a sua sagacidade, o levou a intuições que se subtraem aos esforços do mero intelectualismo e eruditismo, da mesma maneira que a elasticidade do seu método dialéctico e histórico, distintivo e integrante, proporcionou à sua crítica intelectões mais penetrantes do que as consegue aquela que se cinge aos preceitos de uma estética exclusivista.

Foi graças a elas que — em plena consciência da modéstia e do dificultoso do estudo erudito e crítico dos fenómenos poéticos, para a compreensão e interpretação da Poesia, quando comparado com a percepção directa, intuitiva, dos mesmos fenómenos, pelo génio dos poetas — lhe foi permitido chegar até aqueles pontos raríssimos e significativos em que o Filólogo e o Poeta se encontram. Foi precisamente assim que sucedeu a Vossler e a Hugo von Hofmannsthal, quando o erudito interpretou ao Poeta as obras-primas da Poesia espanhola, e quando o Poeta, nas suas reflexões sobre a Poesia e a Literatura, concebidas como a concreção espiritual da integridade nacional, filiou o seu pensamento no de Vossler, frisando a mestria dos seus estudos críticos, perceptivos e interpretativos «ainda do perfume mais subtil, e do fluído vital que envolve a forma espiritual» ⁽⁶⁶⁾. O acordo entre o Filólogo e o Poeta que aqui se exprime, além de ser um dos mais belos momentos da História do Espírito contemporâneo, marca concisamente a categoria e a posição que cabem à personalidade e à obra de Vossler na Alemanha intelectual.

ALBIN EDUARD BEAU

(66) *Das Schrifttum als geistiger Raum der Nation* (1927), pág. 12.

L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne

Bibliographie et abréviations

- Agostinho, Eça de Queiroz. Os nossos escritores. Porto 1925.
Amado, (O) País (do Carnaval), Schmidt, Rio de Janeiro.
Archer, (Há dois) Ladrões (sem cadastro), voir Botto.
Artigos (e Contos Portugueses). Harrap's Modern Language Series.
(Pio) Baroja, Bagatelas (de otoño). Madrid 1949.
Boletim (de filologia), Lisboa 1932 ss.
Botto, Isto (sucedeu assim) dans : 5 novelistas portugueses. Argo, Lisboa 1940.
Brandão, (As) Ilhas (desconhecidas). Bertrand, Lisboa.
Brandão, Pescadores. Bertrand, Lisboa.
Brasillach, Sept couleurs. Plon.
Brunot, (La) Pensée (et la langue). Masson et C.^{ie}. Paris 1922.
Brøndal, Théorie des prépositions, Copenhague 1950.
(Estefânia) Cabreira, Quando o sol (desfaz a bruma), Domingos Barreira. Porto.
Cajão, (A) Montanha (e o vale). Minerva. Lisboa.
Calderón, (La) Vida (es sueño).
Camilo (Castello Branco), A Enjeitada. Parceria António Maria Pereira. Lisboa 1902.
Camilo (Castello Branco), Estrellas (propícias), 2. ed. Companhia Editora de Publicações Ilustradas, Lisboa.
Camilo (Castello Branco), Amor (de perdição), 10 ed., Empresa Litteraria e Typographica, Porto.
(Ferreira de) Castro, (A) Selva. 13. ed. Guimarães & C.^a, Lisboa.
» » » , Eternidade, 5. ed. Guimarães, Lisboa.
» » » , Terra (fria). 2. ed. Guimarães, Lisboa.
» » » , (A) Curva (da Estrada). 3. ed. Guimarães, Lisboa 1950.
» » » , (A) Lã (e a neve). 5. ed. Guimarães, Lisboa.
Chagas (Roquette), (Sete) comédias (num acto), Guimarães, Lisboa.
(Jacinto do Prado) Coelho, Introdução ao Estudo da Novela Camiliana. Coimbra 1946.
Colaço, (Um) beijo (nas nuvens), voir Botto.
Contos : Os melhores Contos Portugueses. Antologias Universais. Portugália Editora.

Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de Francisco Adolfo Coelho II. Lisboa 1950.

Mundo Literário. Semanário de crítica e informação.

Navarro, Última (aventura). Porto 1941.

(Arthur Raggio) Nóbrega, Syntaxe do Infinito. Guatemós, Rio de Janeiro 1930.

Ocidente. Revista portuguesa mensal. Lisboa.

(Ana de Castro) Osório, Ambições. 2. ed. Parceria A. M. Pereira. Lisboa 1934.

Praça d'Arcos, (O) Caminho (da culpa). Lisboa 1945.

Paschoa, Regresso (à vida). Coimbra Editora 1945.

Perspectiva (da literatura portuguesa do século XIX). Ática, Lisboa.

Pessoa, Cartas (a Armando Cortes Rodrigues), Editorial Confluência.

» , Poesia (Antologia de autores portugueses e estrangeiros) 2. ed. Editorial Confluência.

Pimenta, voir Zurara.

Redol, Gaibéus, edição popular, Inquérito.

» , Avieiros. 2. ed. Portugália Editora. Lisboa.

» , Marés. 2. ed. Inquérito.

» , Forja. Lisboa 1948.

Régio, (Uma) Gota (de sangue), Inquérito.

» , El-rei Sebastião, Atlântica. Coimbra 1949.

» , Teatro — primeiro volume de teatro. 1940.

» , Benilde (ou a virgem-mãe). Livraria Portugália. Porto.

Revista (da Faculdade de Letras de Lisboa) (XIV = XIV 2. série n. 3. XV = XV 2. série n. 1 e 2. XVI = XVI 2. série n. 1 e 2).

Aleixo Ribeiro, Caixa (de música), voir Botto.

(Aquilino) Ribeiro, Estrada (de Santiago) Aillaud & Bertrand. Paris. Lisboa 1924.

(Aquilino) Ribeiro, (As três) Mulheres (de Sansão). Livraria Bertrand. Lisboa.

» » , (Os) Avós (dos nossos avós), ibid.

» » , (A) Via (sinuosa). Aillaud & Bertrand. Paris — Lisboa.

» » , Mónica. Livraria Bertrand. Lisboa.

» » , (O) Arcanjo (negro) ibid.

» » , Cinco réis (de gente) ibid.

(M. M.) Rodrigues, Rosa (do Adro). Porto 1919.

(Urbano) Rodrigues, (O) Castigo (de D. João). Lisboa 1948.

Rodrigues Lapa, Estilística da língua portuguesa. Lisboa 1945.

Romances (choisis). Collection Mérimée. Garnier Frères.

Said Ali, Formação de palavras e Syntaxe do português histórico. S. Paulo, Cayeiras, Rio 1923.

Sandfeld, Propositions subordonnées. Paris 1936.

» , L'infinitif. Copenhague-Paris 1943.

Selvagem, Telmo (o Aventureiro). Edições Europa. Lisboa 1937.

» , Dulcinea, Aviz 1943.

Sester, Der Infinitiv im Neuportugiesischen auf Grund der Werke von Eça de Queiroz, Köln 1928 (diss.).

(João Gaspar) Simões, Pântano. 2. ed. Inquérito.

Talegre, (Três) Poetas (Europeus), Lisboa 1947.

- Teixeira-Gomes, Regressos, 2. ed. Lisboa 1935.
 T(eixeira de) Pascoaes, O Empecido. Gazeta do Bibliófilo, Porto 1950.
 Tobler, Vermischte Beiträge III, Leipzig 1890.
 Torga, Terra firme. Coimbra 1947.
 T(rindade) Coelho, (Os meus) Amores. Aillaud & Bertrand. Paris — Lisboa 1928.
 T(rindade) Coelho, In illo (tempore). 5. ed. Portugalíia Editora. Lisboa.
 Vicente, Gil. Breve sumário da história de Deus. (Clássicos portugueses). (Virgínia) Victorino, Fascinação. Lisboa 1933.
 Xavier, (insólitas) atitudes. Edição do autor. Lisboa 1947.
 Zurara : (Crónica da tomada de) Ceuta. Introdução, selecção e notas de Alfredo Pimenta. Dans Clássicos portugueses. Livraria Clássica Editora. Lisboa 1942.

Nous avons actualisé l'orthographe des citations de textes en portugais moderne.

Introduction

On sait que l'infinitif personnel portugais suscite des problèmes variés.

1) Il y a d'abord *la question historique* : Quelle est l'origine de cette forme ? Il paraît bien difficile maintenant de ne pas se laisser convaincre par les arguments apportés par M. Harri Meier (dans Miscelânea... à memória de F. Adolfo Coelho II p. 115 : A génese do infinito flexionado português) à l'appui de la thèse vieille de quelques dizaines d'années : inf. pess < imparf. subj. latin* :

2) Il y a *le problème théorique* : Comment expliquer la *contradictio in adjecto* d'un infinitif ayant des désinences personnelles ? Peut-être qu'il faut s'en tenir aux paroles de M. Harri Meier (l. 1. p. 123) «que faz do infinito flexionado uma forma de infinitividade reduzida». Mais on pourra toujours demander : Est-ce que cette forme est à mi-chemin entre le verbe fini et le «vrai» infinitif, ou est-elle plutôt l'un ou l'autre ? Est-ce oui ou non un infinitif ? Nous répondons : les fonctions syntactiques des deux formes sont analogues ; ce n'est pas un critère, mais c'est un indice. L'essentiel c'est, selon nous, ceci : C'est le verbe fini qui demande *tout* (naturellement tout ce qui se trouve dans la langue en question) pour admettre une forme dans ses rangs, personne, temps, mode, etc. Si une forme ne présente qu'une partie du complexe de définitions qui caractérise le verbe fini dans une langue donnée, c'est donc «plutôt» un infinitif.

* Voir pourtant le post-scriptum.

Mais il est évident que la forme personnelle est plus près du verbe fini — et il est naturel que son emploi s'en ressente.

3) Rien n'est plus légitime que de faire des *exposés normatifs*. On en dit parfois du mal dans la littérature linguistique. Il faut pourtant être juste. Certes il existe des doctrines pédantesques et trop dogmatiques. Mais qui ne voit l'utilité des livres qui ont pour but de démontrer, d'après des critères judicieux, ce qu'il faut considérer comme «le bon usage»? Évidemment on doit laisser ce soin à des personnes de langue portugaise. Et les travaux de M. Nóbrega et de M. Góis sont de beaux exemples de cette sorte d'études. On sait que les grammairiens ne sont pas toujours d'accord et qu'il y a beaucoup d'hésitations dans l'usage; nous croyons qu'il n'est pas exagéré de dire que dans les errata de livres portugais les infinitifs obtiennent un pourcentage assez respectable, comp. *precisam, talvez pelo misto da sua hereditariedade, espiritualizarem-se, fugirem do corriqueirismo normal da existência e evitarem as regradas devassidões de hoje* (Cordeiro, Corações 8, corrigé en *espiritualizar-se, fugir, evitar*). Le problème même de la *correction* de la langue n'est pas sans avoir un intérêt théorique. Les «lois» de la grammaire ne sont pas également rigoureuses. Dans quelques cas l'usage est si peu fixé qu'on ne sait pas d'instinct ce qui est «correct» et ce qui ne l'est pas (mais y a-t-il vraiment lieu de parler de «correction» dans ces cas-là?), il existe des hommes qui n'aiment pas profiter de cette liberté, ils ont peur de mal s'exprimer et ils demandent des «règles» — et il se trouve toujours des Boileau de la langue qui veulent bien décider pour leurs frères (d'après des raisonnements plus ou moins fondés), ce qui n'empêche pas que d'autres personnes, et parmi elles de nombreux linguistes, se moquent parfois des règles. En second lieu il y a des différences d'expression qui dénotent indubitablement le degré de culture des sujets parlants: il s'agit de la distinction entre «le bon usage» et «l'usage vulgaire». Pour ceux qui parlent «bien» il n'y a pas de doute: ils savent parfaitement ce qui est correct et méprisent souvent les gens qui emploient des tours et des mots jugés incorrects ou vulgaires. En dernier lieu il faut signaler les cas extrêmement nombreux où il n'y a pas de discussion possible: tout individu appartenant à une communauté linguistique donnée (nous ne tenons pas compte des dialectes, ni du langage enfantin) régimberait si on s'exprimait autrement que de la façon établie par les lois (non les «règles») de la langue. Nous croyons volontiers que la tripartition faite par nous donne une représentation bien grossière des faits, mais

une division grossière vaut sans doute mieux que pas de division du tout. Il est possible d'illustrer notre manière de voir par des exemples. Nous pensons qu'une grande partie des discussions portant sur l'infinitif personnel ont justement pour objet notre première catégorie (cas où même les personnes cultivées hésitent), p. ex. le choix des formes après *para*. Pour la deuxième catégorie on peut fournir un exemple comme *podeis comerdes*, c'est sans doute vulgaire, c'est du mauvais portugais, mais nous pensons que c'est tout de même du portugais. Au contraire si on s'avisait de dire **escrevir* au lieu de *escrever*, ce ne serait pas du portugais, ce serait une faute dans toute la force du terme. Il n'y a aucune raison pour qu'on ne puisse pas dire **escrevir* aussi bien que *escrever*, mais on ne le dit pas. On voit bien par là le caractère conventionnel du langage. Ce qu'on appelle «les usages» varient aussi quant à la rigueur avec laquelle ils s'imposent. Il y a certaines questions de protocole qui préoccupent fort certains hommes, tandis que d'autres personnes, même cultivées, ne s'en soucient guère. Il y a aussi ce qu'on considère généralement comme les «bonnes manières» que tout le monde ne possède pas. Il y a enfin des lois tellement élémentaires pour le commerce entre les humains que même les Alceste les plus révoltés ne songent pas à s'y soustraire. Nous constatons donc plusieurs degrés de la contrainte sociale. La langue est une forme de contrainte sociale.

4) On peut faire une étude purement *descriptive* (surtout synchronique). C'est ce que nous entreprenons ici. Il faut peut-être préciser un peu. On peut opposer une telle méthode à une grammaire normative: il s'agit de décrire, non ce qui «devrait être», mais ce qui est. On pourrait concevoir d'autres façons de traiter des sujets linguistiques, qui sont peut-être meilleures. Mais il faut écarter un malentendu. Il est un peu dur de dire que la méthode descriptive «se contente» d'enregistrer des faits. Si on disait «constater» des faits nous conviendrions que ce serait assez pauvre. Mais «enregistrer» c'est déjà quelque chose. Pour enregistrer il faut avoir un bon «registre» et il faut savoir placer les faits dans les «rubriques» convenables. Et cela demande une compréhension linguistique qui n'est pas à dédaigner. La grammaire (la grammaire théorique s'entend) est la science qui étudie le fonctionnement des catégories linguistiques. Il semble que la méthode descriptive contribue beaucoup à cette étude. Il va sans dire que plusieurs auteurs se sont déjà occupés de l'infinitif portugais. Il y a p. ex. le livre de Sester, *Der Infinitiv im Neuportugiesischen auf Grund der Werke von Eça de Queiroz*

(diss. Köln 1928). travail consciencieux et utile, mais qui n'épuise évidemment pas le sujet, puisqu'il traite de la langue d'un seul auteur. De nos jours il faut signaler la précieuse contribution de M. Flasche, *Der persönliche Infinitiv im klassischen Portugiesisch* (dans *Romanische Forschungen* 60 (1947) p. 685-718). Comme le titre l'indique ce travail n'est pas une étude du portugais moderne (et il s'agit encore d'un seul auteur, António Vieira), mais la description synchronique de n'importe quelle époque peut avoir une valeur méthodologique pour ceux qui veulent décrire d'autres époques. On peut sans doute constater des différences dans l'usage de l'infinitivo pessoal à travers les âges. Mais ce sont peut-être plutôt des fluctuations. C'est pour cela que la «Syntaxe» de Epifânio peut être considérée aussi comme une sorte de grammaire descriptive. L'auteur l'a bien appelée «Syntaxe histórica», mais ce n'est pourtant pas une syntaxe «évolutive». C'est plutôt un livre qui essaie de donner le «système» de la syntaxe portugaise, tout en faisant des remarques sur les cas où l'usage moderne et celui des époques anciennes diffèrent. L'exposé de M. Said Ali (dans *Formação de palavras e syntaxe do português histórico* p. 132-50) a aussi une grande valeur même pour les études synchroniques. Mais nous possédons aujourd'hui un merveilleux instrument pour entreprendre une nouvelle étude de l'infinitif portugais : c'est le «registre», le système de cadres établi par Kr. Sandfeld dans son livre magistral *L'infinitif* (Copenhague — Paris 1943). Personne n'a sans doute réfléchi plus mûrement sur tous les problèmes de l'infinitif que Sandfeld, non seulement il s'est occupé d'une foule de détails, mais il a su mettre chaque détail à la place qui lui convient. Il a redressé des erreurs de la tradition (de la *communis opinio*). Un travail inspiré par sa méthode et ses pensées ne peut laisser d'être fructueux. Nous allons donc examiner l'emploi des deux formes de l'infinitif portugais dans les différentes fonctions qu'il peut assumer. Nous pensons qu'il serait utile pour des exposés ultérieurs, normatifs ou non, de profiter de la profonde analyse de ces fonctions faite par Sandfeld.

Il y a d'abord un petit problème à élucider : est-ce que les formes *amar*, etc. existent vraiment en qualité de inf. personnel (1. et 3. pers. du sing.)? Sester dit p. 63 que l'emploi du pronom (ou d'un substantif) s'impose pour ces formes : *para eu ver*, tandis qu'on peut choisir entre *para veres* et *para tu veres*. Nous ne l'admettons pas. Il est bien vrai qu'on a souvent besoin d'ajouter le pronom aux formes sans désinences (ou à désinence zéro), mais c'est le cas aussi

pour *amava* sans qu'on ait pensé jamais à dénier à cette forme son caractère de verbe fini. Sans doute pour *amar* il importe surtout de prouver qu'il peut être autre chose que l'infinitif impersonnel. Suffirait-il de citer des phrases comme *O seu refúgio era o quarto. Raro era sair daí* (Paschoa, Regresso 44)? Il pourrait sembler que non. En français on trouve à tout moment des exemples où le contexte seul montre quel est le sujet de l'infinitif (au fond n'en est-il pas toujours ainsi?), et pour nous en tenir à l'espagnol il est naturel de penser à des constructions comme *Su lindo gesto mostraba Ser más triste que solía* (Romances 98) *Matélo sin merecello* (70) *y de algo ha de servirle haber llegado* (Calderon, Vida II 715: *haber llegado yo*) *Y he de vivir yo después de haberte marchado?* (Lorca, VIII 18) *A mí me han cedido el sitio, varias veces, obreros, gente distinguida y hasta monjas, sólo por ser viejo* (Baroja, Bagatelas 133). On est bien forcé de qualifier ces infinitifs espagnols de formes non fléchies. Est-ce que ce fait a des conséquences pour les analogies portugaises? Nous ne le croyons pas. Ici, si jamais, il convient d'étudier chaque langue d'après ses propres lois, et il est très important qu'en portugais chaque fois que le sujet de l'infinitif est du pluriel ou du singulier 2^e personne c'est la forme personnelle qui entre en jeu, dans les cas analogues à ceux qui sont cités plus haut *Conheço numa casa duas gatas, que é raro responderem quando o dono as chama* (Leite de Vasconcelos, Op. III 570), comp. aussi *pena é ser tão pobre* (Rodrigues, Rosa 16) et *essas suas produções, que pena é não serem coligidas em volume* (Revista V 4). Dans la suite nous nous servirons, pour les 1^{re} et 2^e personnes du singulier, du terme «formes personnelles à désinence zéro» ou, si on admet l'abréviation, «formes zéro». Il convient de noter le fait, qui peut sembler paradoxal, qu'une telle forme personnelle n'est pas exclue pour les verbes dits impersonnels *tão certo como haver lvas!* (Trindade Coelho, Amores 190).

Quel est le principe qui détermine le choix de l'une ou de l'autre des formes? On sait depuis longtemps que nous ne sommes pas beaucoup avancés en disant qu'on emploie le pessoal là où les sujets des deux verbes (verbe régissant et infinitif) sont différents — ils peuvent d'ailleurs être différents, sans que les personnes grammaticales soient différentes *as suas caras se abriram num sorriso de vingança ao saberem, por Belchior, que* (Castro, Lã 290) *Ao entrarem no Eiró, algumas raparigas da vizinhança debruçaram-se nas suas janelas* (300) — Ce n'est pas une loi immuable que le sujet de l'infinitif doit nécessairement être celui du verbe principal. La seule

règle de portée générale, c'est celle-ci : Le sujet de l'infinitif est celui que le contexte impose. Dans *devo fazê-lo, quero sair*, c'est évidemment le sujet des verbes modaux. Il en est autrement dans *obrigar alguém a fazer alguma coisa*. Un troisième cas est représenté par *é-nos lícito supor que*. La doctrine de Diez, acceptée en partie par M. Nóbrega, à savoir que la forme personnelle équivaut à une proposition est plus près de la vérité (et le critère des «sujets différents» est, dans certains cas, l'application de ce principe).

Comment en serait-il autrement ? Puisque le pessoal fait le pont entre l'infinitif et les formes pleinement finies du verbe il n'est pas étonnant que ses emplois offrent des ressemblances avec la phrase «ordinaire». Nous venons de voir que *ser raro* peut se construire avec l'infinitif personnel. On trouve également une complétive après cette expression *era raro que, fora de casa, ele se permitisse perdê-la de olho* (Ribeiro, Arcanjo 109), comp. aussi *a paisagem que os olhos parecia terem encontrado novamente* (Duarte, Vencidos 279) et *que parece se acumularam* (Cabreira, Quando o sol 202). On peut en outre rappeler qu'on dit souvent *para veres* sans que le *tu* s'impose, tandis que *para tu* amène ordinairement *veres* et non *ver* (on trouve des exceptions comme *Uma, era nós exautorá-lo a si* (Castro, Curva 131) ⁽¹⁾). Il est bien vrai que la conception de Diez si juste soit-elle en principe ne suffit pas tout à fait à des besoins didactiques. On admet facilement avec M. Nóbrega que l'infinitif impersonnel se rapproche plutôt du substantif, mais si on a l'esprit vétilleux on pourrait demander «qu'est-ce qu'un substantif ?» On a parlé de la valeur substantivante de l'article, mais il y a des gradations à considérer : on sait que l'article peut très bien se combiner avec le pessoal ; pour ne pas parler de *ao* nous citerons *O não responderes a esta carta, certifica-me numa das hipóteses* (Cordeiro, Corações 106), de même la phrase infinitive dans *O ir elle ao Minho... posso asseverar-lhes que não era movido por desejo de* (Camilo, Estrelas 66) ⁽²⁾. D'ailleurs une phrase française comme *à cela s'ajoute le fait que je sois un camarade de Siegfried Kast* (Brasillach, Sept couleurs 93) ne représente-t-elle pas un effort désespéré pour combiner l'article avec un verbe fini ? Il semble donc qu'un examen quelque peu détaillé des faits puisse toujours être utile.

(1) comp. *por tu nomeá-lo* (Gil Vicente, Sumário 469).

(2) C'est avec raison que M. Flasche regarde l'infinitif dans des cas semblables comme un pessoal («forme zéro») (p. 687).

I

L'infinitif sujet

1. sujet préposé

Comme il fallait s'y attendre l'impessoal est très fréquent : il s'agit souvent de définitions ou de constatations de portée générale où le sujet de l'infinitif est par conséquent indéterminé *Ao menos, morrer é esquecer* (Camilo, Amor 145) *Mandar é suportar o peso das responsabilidades* (Régio, Gota 8). Dans ces exemples l'attribut est également un infinitif. On a bien le droit (ou le devoir) de distinguer entre sujet et attribut dans ces cas-là : la copule é n'est pas tout à fait la même chose que le signe d'égalité en mathématique (comp. Jespersen, Philosophy 154). Parfois l'infinitif sujet est accompagné de l'article tandis que l'infinitif attribut est seul *O meditar não era reflectir* (Camilo, Enjeitada 52) *o ver uma era ver a outra* (130). Voici d'autres cas d'infinitivo impessoal sujet *Sofrer edifica* (Eça, Ramires 135) *Matar, nada remedeia, nada resolve* (Dantas, Chagas IV 8 (166)) *Ler Gregório de Matos é um banho de portuguêsismo seiscentista* (Revista II 49) *O morrer custa ruins quebrantos da matéria* (Camilo, Estrelas 217) *O cuidar da forma é virtude e não defeito no poeta* (Perspectiva 136), etc.

Mais le pessoal se trouve s'il y a lieu *Sermos ainda nós mesmos num outro «nós mesmos», eis o que constitui a beleza na arte romântica* (Coelho 60) *Não compreendes que verem-te comigo era o bastante para cuidarem mal de ti?* (Cortez, Lodo 45) *E pedirem-lhe por Deus é uma afronta* (Redol, Avieiros 195) *se o ajustarem-se os dois filhos em casamento se compadecesse com o ódio de um e o desprezo do outro* (Camilo, Amor 23). De même la phrase infinitive *O ela ter-se lembrado daquele momento de intimidade perturbara-o* (Simões, Pântano 161-62). Dans *Esforçarem-se por — é o programa que o autor d'Os Contos do Tio Joaquim se impôs, de harmonia com os escritores que o inspiraram* (Perspectiva 376) nous voyons un exemple d'accord comparable à ceux mentionnés par Høybye, Accord § 301.

Le pessoal sujet peut se combiner avec un autre pessoal attribut *embrenharmo-nos na obra de Gil Vicente é irmos descobrindo pouco a pouco milhões de astros seus iguais* (Revista V 272) *Adaptarmos-nos ao figurino da Europa é, ao mesmo tempo, perdermos a nossa*

individualidade (Simões, Pântano 306). Il peut être suivi aussi d'un impessoal attribut comme c'est le cas pour les exemples suivants *Pensarmos todos nós em nos tornarmos grandes é desagradar a Deus* (Esperança, Servidão 24) *Tomarmos consciência destes factores é adquirir maior espírito científico e tornarmo-nos mais livres na acção* (Mundo Literário 1/11 46 p. 9) — mais on voit également par le dernier exemple qu'un troisième infinitif (in casu un infinitif attribut) peut « reprendre » les désinences personnelles. Que de multiples facteurs puissent intervenir dans la syntaxe de l'infinitif personnel a été déjà remarqué par les grammairiens (voir p. ex. Góis 145 : distance — emphase), de sorte que nous n'y insisterons pas outre mesure. Il est naturel de voir des formes zéro dans *o ser amigo do médico, não o obrigava a insultar um outro* (Cordeiro, Corações 97). *Ser pobre não era motivo para recusas, pois que a pequena tinha, graças a Deus, o bastante para os dois* (Osório, Ambições 31) *Demorar-se sobre-carregava-o dos mais iníquos terrores* (Ribeiro, Mónica 244).

Il faut pourtant signaler des cas où c'est au contraire un impessoal sujet qui se combine avec un pessoal attribut *ser da face do Diabo para a face de Cristo* — *é transferirmo-nos de um mundo de representações a outro totalmente diverso* (Revista V 291-92) *Mas imaginar que, pelo facto de ser a capital, exerce grande influência na linguagem do resto do país, especialmente do centro e norte, é sermos vítimas de uma miragem* (Boletim XII 23).

Dans *Que fazer! que fazer!... Reconciliarem-se, impossível!* (Fialho, Pasquinadas 43) on voit bien l'effet stylistique obtenu par l'antéposition de l'infinitif. Le plus souvent on met l'adjectif attribut avant comme nous allons voir.

2. sujet postposé

Après *donde, de aqui*, etc. le pessoal (ou la phrase infinitive) semble être la règle *Daqui vem o dizerem os Espanhóis que* (Leite de Vasc., Op. I 232) *Daqui veio o escrever no século XVI o Dr. João de Barros que...* (II 361). Le plus souvent le verbe est inexprimé *Daí o dizer Camilo* (Coelho 199) *donde o cuvirem-se, quando algum surge, frases como a seguinte* (Revista I 87) *De aqui, sentirmos já preludiando na Lírica o apostolado que* (III 263) *De aí poderem estabelecer-se as definições* (XIV 73) *De aí, o bastarem dois ou três traços... para fixar* (XVI (1-2) 84). On peut signaler la forme zéro

dans *Dai sentir-se dia a dia mais isolado dos companheiros que o cercavam* (Mundo Literário 20/7 46 p. 4).

Voici d'autres façons d'exprimer la même idée *Dai o facto dos seus livros não serem como os de Duhamel* (Trigueiros, Capital 87) *Logo — nada termos a esperar do prémio ou do castigo* (Simões, Pântano 306).

L'infinitif sujet précédé par *ser* + adjectif attribut est souvent impersonnel *como é fácil ver* (Leite de Vasconcelos, Op. I 512) *é ilícito supor que* (Revista III 12) *era preferível esperar que* (XIV 177) *é preciso baixar a grimpá* (Régio, Gota 55) *Não grites! Não é preciso gritar* (El-rei Sebastião 51). Il paraît que la présence d'un datif explicite contribue beaucoup à l'emploi de cette forme *era-nos lícito perguntar o que andamos nós a fazer neste mundo?* (Selvagem, Telmo 41) *Era-nos preciso abrir caminho à faca* (44) *àquela a que nos foi dado pertencer* (Perspectiva II 147) *Não foi portanto difícil aos junqueirianos rebater tais acusações* (II 242) *É-nos difícil conceber a importância deste movimento de emancipação feminino* (Revista XVI (3) 47) *como se lhes fosse possível ver a figura dela* (Castro, Lã 379), comp. aussi *Para olhos conhecedores não era difícil adivinhar que* (Duarte, Vencidos 16).

Mais le personnel se trouve aussi *Seria impossível o reconciliarem-se* (Camilo, Amor 24) *é melhor voltarmos para S. Caetano* (Cabreira, Quando o sol 414) *não era preciso jurares* (Régio, Gota 176) *as bocas curiosas perguntavam se não seria mais decente casarem* (Costa, Solar 215) *Não é necessário afastarem-se muito!* (Selvagem, Telmo 76) *talvez fosse preciso levarem-te para a vila* (147) *É necessário termos, sobretudo, muita calma!* (Corrêa Leite, Raça III 2 (204)) *para que seja possível ocuparmo-nos da obra* (Perspectiva II 148) *cujos fundamentos... é agora imperioso examinarem os que ainda o não fizeram* (II 419) *Oh, não seria preciso procurardes muito!* (Régio, El-rei Sebastião 79) *Se não existisses, era preciso inventarem-te* (Lacerda, Milagre 24). Même après des datifs *Não te era melhor ires-te p'rá cama, António?!* (T. Coelho, Amores 301) *Não supus que fosse possível a amadores manterem um tão belo nível de representação* (Mundo Literário 29/6 46 p. 14). Les deux formes sont coordonnées dans *É preciso fazer das fraquezas forças e não lhes darmos o espectáculo das nossas misérias* (Selvagem, Telmo 137). Une phrase infinitive peut évidemment être constituée par un pronom de la 1^{re} ou de la 3^e personne du singulier + un infinitif sans désinence *Talvez fosse melhor eu não ter vindo!* (Rodrigues, Castigo

258). Il y a sans doute des formes zéro dans *Abraão, por modos, foi um grande rascoeiro, se é certo derramar casta por todos os andanhos da terra* (Ribeiro, Estrada 184) *O seu refúgio era o quarto. Raro era sair dali* (Paschoa, Regresso 44) *raro era não intervir com suas sentenças* (58) *Quando saía do meu hotel raro era não parar diante da vitrine de um cerieiro vizinho* (Teixeira-Gomes, Regressos 325) *Fora da mesa, era raríssimo ficar satisfeito!* T. Coelho, In illo 389). Comp. *Raro era andarem juntos* (Redol, Marés 53) *Era, também, cada vez mais raro tomarem as refeições em comum* (Ribeiro, Mônica 259) *por ela não era raro entrarem, imponentemente, os transatlânticos de vasta tonelagem* (Castro, Selva 25).

On peut regarder avec quelque raison le participe d'un verbe transitif comme un attribut égalant un adjectif (c'est en effet le point de vue traditionnel), comp. *onde é sabido e certo os homens menos endinheirados — as recrutarem* (Esperança, Servidão 379). Voici d'autres exemples *Já era permitido às visitas demorarem-se* (Ribeiro, Arcanjo 258) *dado existirem — documentos* (Revista XV 172).

Pour le cas où l'attribut est un substantif + adjectif nous pouvons citer avec l'impeessoal *Não é tarefa muito fácil estabelecer o confronto entre a maneira como* (Revista XIV 43) *Não será, por conseguinte, hipótese inverosímil admitir que* (II 99). Mais on trouve aussi une phrase infinitive ou un pessoal seul *É um axioma literário, e como tal fica acima de qualquer demonstração, ser Camões um poeta clássico* (Revista IV 251) *é sina nossa só, verdadeiramente, nos prendermos ao que mais nos faz sofrer* (Selvagem, Telmo 156) *é outra corrupção o dizerem os homens ilustrados barulho por marulho* (Leite de Vasc., Op. I 333) *como se àqueles que se dedicam a um mister não fosse obrigação sua aperfeiçoarem-se nele!* (I 240).

Substantif seul attribut : impeessoal dans *É um gosto falar com eles* (Brandão, Ilhas 175) *Que prazer seria ouvir a voz de alguém* (Duarte, Vencidos 35) *achas que é pecado trazê-lo?* (178). Mais le pessoal (ou la phrase infinitive) est possible *é um abuso encherem-lhe assim a casa!* (Cabreira, Quando o sol 376) *Ingredatidão!... — É ingredatidão esconderes a tua vida* (Camilo, Estrelas 32) *Pois é costume oferecerem-se assim as filhas* (58) *acreditou que foi causa à sanha de Domingos Botelho estarem as duas meninas praticando innocentemente* (Amor 25) *É condão das boas mães folgarem de ouvir dizer virtudes de outras* (Enjeitada 19) *Era favor não se demorarem* (Rodrigues, Castigo 67) *É uma tristeza a gente ser velho* (Castro, Lã 358).

Des exemples comme *Coisas sem oportunidade, mas que pena é ficarem esquecidas ou ignoradas* (Ocidente XXXI 223) *essas suas produções, que pena é não serem coligidas em volume* (Revista V 4) ⁽³⁾ nous autorisent à voir des formes zéro dans *pena é ser tão pobre* (Rodrigues, Rosa 16) *Pena ser italiana* (Dantas, Severa (r.) 222) *ainda que é verdade ter-lhe falado* (Diniz, Fidalgos II 227) (1^{re} pers.) *fora um erro ter vindo* (Castro, Eternidade 107) *É bem uma das provas da superioridade de Camões ter-lhes sentido a beleza* (Revista III 92), comp. *Que pena eu não ter cá estado esta manhã!* (Lecne, Para além 182). On a de même d'un côté *Não era costume ela sair sem minha autorização* (Botto, Isto 6) et de l'autre *Era sempre costume... vir logo dar a volta à chave para eu entrar* (Paschoa, Regresso 242). Bien que l'exemple suivant présente un tour impersonnel nous y voyons tout de même un infinitif personnel (forme zéro, il est vrai) *Que pena ser já tão tarde* (Dantas, Chagas I 3 (20)).

Il existe d'autres sortes d'attributs *não é de hábito as mulheres bonitas virem para aqui* (Esperança, Servidão 416) *Bem sei que não é de obrigação sustentarem-nos* (530).

L'infinitif sujet peut suivre d'autres verbes que *ser* + attribut (d'ailleurs la copule *é* peut s'omettre, comme on l'a vu par quelques-uns des exemples cités). Voici quelques exemples avec *estar*: *não estava em si remediá-lo* (Revista II 296) *da sua mão está salvar essa menina* (Camilo, Estrelas 120), comp., pour le sens, *ficando ao arbitrio do governo fixar o preço das passagens* (Revista XIV 205). Pour la question qui nous occupe ici ils sont douteux, mais nous constatons l'emploi du personnel dans *estava ainda na tua mão dares remédio à desordem desta casa* (Camilo, Amor 70). Qu'on nous permette de tenir compte encore une fois du sens («la substance»): il y a un impessoal indiscutable dans *De nós depende, filha, fazer dela um país, grande e rico* (Selvagem, Telmo 160).

Après *parecer* + attribut on voit l'impessoal dans *Por tudo isto nos pareceu curioso e útil... exumar do acervo de assuntos debatidos as discussões relativas aos assuntos coloniais* (Revista XIV 137) (rem. le datif). La forme personnelle se trouve dans *Pode parecer*

⁽³⁾ *pena é* peut évidemment être suivi aussi d'une proposition complétive *Pena é que a nossa gente não tivesse já feito o que estranho agora faz!* (Revista IV 406).

mal estarmos aqui (Castro, Eternidade 153) *à vista dos quais pareceu conveniente começarem os respectivos trabalhos* (Revista XIV 140).

On pourrait peut-être placer ici des expressions comme *ficar bem*. Il convient de remarquer l'impessoal (après un datif) dans *aos homens ficava bem chupar cigarros* (Redol, Gaibéus 65) ; il y a le pessoal dans *se ficava bem, ou não, irem à cidade* (Castro, Eternidade 298).

Notons encore l'impessoal dans *Achas que te fará bem ir?* (Régio, Benilde 130), le pessoal dans *talvez lhe soubesse bem surpreenderem-na na missão de benfeitora* (Esperança, Servidão 420).

L'infinitif peut être le sujet d'un verbe accompagné de régime *Representa uma noção errada afirmar-se que* (Revista I 44) *contentava-o fomentar que* (Colaço, Beijo 21) *Pesa-me tê-la molestado* (Dantas, Chagas I 7 (40)) *Incomodava-o estar ali sozinho com ele* (Castro, Eternidade 247). On trouve un impessoal indiscutable dans *Que mal te faz ser desejada?* (Rodrigues, Castigo 286), mais il y a le pessoal dans *só te fará bem dizeres tudo que julgas saber de ti* (Régio, El-rei Sebastião 136), et évidemment dans *causa estranheza haverem os contemporâneos suspeitado da índole do seu liberalismo* (Revista I 254) *aborrecia-a constrangerem-na* (Esperança, Servidão 456) *Faz-me tanta pena andares exposto à chuva* (T. de Pascoaes, Empecido 33). Il y a le tour spécial *valer a pena* qui se combine avec des impersonnels évidents dans *Não vale muito a pena demorar-nos na Êcloga IV* (Revista III 29) *Valerá a pena aproximar-nos mais ainda dele* (III 266). Mais le pessoal est fréquent, non seulement en phrase infinitive *não valia a pena zangarem-se dois amigos por motivo tão fútil* (Perspectiva II 86) *não vale a pena tu ralares-te comigo* (Castro, Lã 357), mais aussi ailleurs *só para darmos, de quando em quando, uns tiros num búfalo ou num leão, não valia a pena andarmos nesta azáfama de colónias* (Selvagem, Telmo 37) *não vale a pena estares a afligir-te* (Castro, Terra 121) *Não vale a pena ralares-te* (Lã 32) *não vale a pena dizeres nada à superiora* (378) *vale a pena sentires o drama* (Paschoa, Regresso 7).

On dira sans doute que *valer (a pena)* fait fonction de verbe impersonnel. Le terme de verbe impersonnel est courant dans la littérature linguistique. Il est peut-être assez difficile de définir ce qu'on comprend par là. Nous ne sommes pas tout à fait convaincu par l'argument apporté par Epifânio (p. 15, § 3 note) pour prouver que *importa* doit être appelé impersonnel dans *Importa que isto se faça depressa* «por isso que uma oração não é propriamente uma pessoa

gramatical». Évidemment une proposition (et un infinitif) n'est pas une personne au sens ordinaire, mais comment peut-on soutenir que ce ne soit pas une personne *grammaticale*? En tout cas il y a une série de verbes qui se combinent exclusivement ou au moins très souvent avec un infinitif sujet. La liste suivante présente des verbes dits impersonnels (*acontecer*, *bastar*, *custar*, *interessar*, *suced*, etc.) qui ne sont pas accompagnés d'attribut ou de régime (direct) ⁽⁴⁾. Il importe d'étudier le problème de la personnalité dans ce cas aussi.

acontecer Ordinairement suivi de la forme personnelle *Eu não sei se já alguma vez te aconteceu teres uma ideia* (Chagas, Comédias 71, donc même avec datif) *Mas acontecia essas tribus avançarem para o Sul* (Ribeiro, Avós 304) *Acontecia, dada a diferença de velocidades, chegarmos abaixo de cambulhada, uns por cima dos outros* (Cinco réis 149) *acontecia virem tilintando campainhas pela nossa frente* (272) *Aconteceu estarem as comunicações interrompidas* (Mônica 265-266). Il y a une forme zéro dans *aconteceu um dia... ser chamado de muito longe para um homem fabulosamente rico* (Ribeiro, Estrada 353). Pourtant il faut signaler l'impessoal (mais avec datif) dans *aconteceu-lhes ter de lançar âncora diante duma montra* (Ribeiro, Arcanjo 124) ⁽⁵⁾.

adregar On trouve le pessoal dans *Algum ano adregará realizarmos labor sintético* (Revista I 65) *grandes proprietários madeirenses que adregasse passarem por ali* (Castro, Eternidade 118) ⁽⁶⁾.

apetecer On a l'impessoal (+ datif) dans *Apetece-te ir ver teus pais* (Ribeiro, Mônica 278); les deux formes dans *apetecia fechar os olhos e deixarem-se morrer* (Esperança, Servidão 145).

bastar Il y a un impessoal évident dans *Para disso nos convençermos, basta abrir várias gramáticas* (Boletim III 16). Mais le pessoal (ou la phrase infinitive) est fréquent *Bem basta termos que pensar no que há a fazer* (Paschoa, Regresso 324) *Bastará lembrarmos-nos que* (Ocidente XXXI 230) *Bastaria pensarmos* (Revista V 146) *Basta aparecerem também as fêmeas* (Rodrigues, Castigo 122)

⁽⁴⁾ on devrait sans doute faire quelques réserves à propos de *custar*.

⁽⁵⁾ L'antéposition de l'infinitif n'est pas exclue avec ces verbes *ter homem acontece a muitas raparigas da nossa igualha* (Esperança, Servidão 408).

⁽⁶⁾ *adregar de* peut aussi être un verbe personnel. Dans ce cas la forme impersonnelle de l'infinitif semble tout indiquée *quando adregavam de se libertar* (Esperança, Servidão 196).

Basta evocarmos a prodigiosa «fantasia» dos boletins da Gazeta de Portugal — para vermos (Mundo Literário 29/6 46 p. 4) *Não basta um homem querer trabalhar* (Castro, Lã 49). Nous avons sans doute affaire à des formes zéro dans *não lhe quero mal, basta ter feito de ti o que és* (Osório, Ambições 264) *Mas um bom poema salva tudo. Ele é raro, mesmo entre os poetas; basta aparecer, porém, e todos que o lêem se sentem mais animados para a vida* (Mundo Literário 5/10 46 p. 6).

calhar On peut signaler la phrase infinitive dans *calhou estar eu de ponto no S. João* (T. Coelho, In illo 241); le pessoal dans *quando calha interessarem-se por nós* (Esperança, Servidão 404). Il y a une forme zéro (d'un verbe impersonnel) dans *se calha chover* (Esperança, Servidão 84).

competir On voit la forme personnelle, même après un datif, dans *Compete aos artistas começarem por si próprios* (Mundo Literário 24/8 46 p. 8).

constar Inf. pess. dans *dois homens tinham aparecido mortos, e constava serem criados dum fidalgo de Castro d'Aire* (Camilo, Amor 66).

convir S'il y a des formes impersonnelles évidentes dans *convém-te recolher experiências* (Camilo, Estrellas 36) *Se interrogarmos a Crítica sobre o que nos convém fazer para não nos deixarmos afundar* (Perspectiva II 449) il faut remarquer la présence d'un datif explicite.

cumprir Même remarque *cumprindo-lhes fazer observar integralmente as bases da Constituição* (Revista XIV 174) *não nos cumpre fazer aqui a crítica dessa conferência* (Perspectiva 594) *cumpre aos homens de boa fé aproveitá-las e segui-las* (Trigueiros, Capital 19); pourtant la règle n'est pas absolue *De resolver se nos cumpre voltarmos a correr mundo* (Selvagem, Dulcinea 238) *cumpre aos mais antigos começarem* (Eça, cit. Sester 68).

custar Quand il s'agit de constatations générales on a naturellement l'inf. imp. *Menos custa obedecer* (Régio, Gota 8) *o sr. João Eduardo havia de saber o que custa achincalhar um sacerdote* (Eça, Crime 454); il se trouve aussi ailleurs *Que te custa sair com ela uma vez por outra?* (Botto, Isto 13) *também nos não custa admitir que* (Revista XVI (1-2) 109) *Nada nos custa, agora, indicar duas rectas paralelas* (Mundo Literário 6/7 46 p. 10). Il y a un datif dans ces exemples. Mais cette forme n'empêche pas le pessoal dans *A vocês não vos custava deixarem-me vir* (Régio, Gota 287).

faltar Impess. dans *Falta agora falar de mim* (Duarte, Vencidos 128); pess. dans *Só faltava chorares!* (Régio, Gota 287). *Só falta falares nos teus «padrinhos»* (Esperança, Servidão 112). Avec le datif on voit *Para espantados, só nos falta abrir a boca* (175), mais aussi *Só nos falta irmos para o lado das Fontainhas* (376).

importar Forme impersonnelle évidente (mais avec datif) dans *que te importa sabê-lo?* (Duarte, Vencidos 32); le pessoal dans *Pouco importa jurarem que* (Perspectiva II 281) *Mas importa ainda estudarmos a fisionomia moral de D. Duarte* (Costa Marques, Duarte, Leal Conselheiro 18).

interessar Impess. *Não interessa pronunciar-lhe o nome* (Duarte, Vencidos 226); avec datif *Mas a nós, mero leitor, não interessa saber* (Perspectiva II 439, mais faut-il prendre le pluriel au sérieux?); pess. *o que interessa é termos visto que* (Revista XV 71) ⁽¹⁾.

parecer Pour des cas comme *Ainda lhes parece pouco atirarem-nos para a giba* (Luzia 166) voir pp. 96-97. Sandfeld a soutenu au § 133 que l'infinitif qui suit *sembler* ou *paraître* n'est pas un attribut : dans *l'enfant semble dormir*, ce qui semble, ce n'est pas l'enfant, mais la phrase raccourcie *l'enfant dormir*. Cette manière de voir est confirmée par la construction bien connue du portugais *Parece termos aqui uma conjunção causal* (Leite de Vasc., Op. II 369) *O ponto do país onde parece terem maior aceitação* (Revista II 319) *Parece não teres entendido que* (Duarte, Vencidos 24), de même *os pés parecia terem criado raízes no chão* (ibid. 28); l'impersonnel *parece* peut se construire aussi avec une «vraie» proposition *Vocês parece que vêm a dormir ?!* (T. Coelho, Amores 189) *As foices parece que lhes caem* (Redol, Gaibéus 26). Si *parecer* est verbe personnel on sait que l'impessoal est considéré comme la forme «régulière» *os mastros balouçando pareciam gemer* (Duarte, Vencidos 11) *nos seus versos, que parecem ter alcançado o limite da perfeição formal* (Mundo Literário 25/1 47 p. 3). L'usage du pessoal *pareciam*, *ao encarar-se mutuamente, perguntarem umas às outras se tinham entendido o dizer do brasileiro* (Camilo, Estrellas 162) est admis par Góis 147, à condition d'une distance sensible entre *parecer* et inf., comp. l'exemple suivant où les deux formes sont coordonnées *pareciam falar ao*

⁽¹⁾ L'infinitif est attribut par rapport à *é*, comp. *O que é preciso é compreendermo-nos uns aos outros* (Simões, Pântano 69).

coração, eternecer, terem vida sobrenatural (Navarro, Última 152). Nóbrega est encore plus indulgent (p. 68).

perfencer Impess. indiscutable (avec datif) dans *aos cabidos pertence nomear o vigário capitular e administrar a igreja* (Revista XIV 202).

preocupar Même remarque *Não nos preocupou vulgarizar conhecimentos variados* (Revista II 381).

restar Impess. *restava valorizá-lo com elementos auxiliares* (Revista II 6), avec datif *restava-lhes recorrer à caridade pública* (Esperança, Servidão 81) *Resta-nos apenas saber se* (Mundo Literário 15/6 46 p. 3); dans l'exemple suivant (également avec datif) il y a les deux formes, le pessoal probablement à cause de la distance *Resta-nos apenas, dentro do programa traçado, fazer a valorização crítica dos seus pontos de vista e ainda, resumidamente, marcarmos a importância* (Perspectiva 28-29). On peut trouver le pessoal sans cette condition *E agora só lhes restava mendigarem* (Eça, cit. Sester 68), évidemment aussi la phrase infinitive *E não restava senão os dois apertarem-se a mão* (id., cit. ibid.).

resultar Pess. dans *cs direitos sobre os vinhos portugueses, em Inglaterra..., do que resultava pagarem direitos de 30 %* (Revista XIV 186).

suceder Régulièrement suivi du pessoal *Às vezes sucedia-lhes estarem em Lisboa* (Brandão, Pescadores 286, rem. le datif) *Sucedía ainda, solicitados pelas raparigas, que eram aloitas, embrenharmo-nos em folgedos* (Ribeiro, Cinco réis 147) *sucede, muitas vezes, terem desaparecido certas consoantes iniciais* (Revista I 43).

valer (pour *valer a pena* voir p. 97) Pess. dans *Quanto mais não valia teres casado com o Vitor!* (Ribeiro, Arcanjo 326).

On pourrait se demander si l'infinitif-sujet est susceptible de se combiner avec une préposition ou, autrement dit, si certaines prépositions peuvent être à tel point vidées de tout contenu sémantique qu'elles ne fonctionnent que comme de simples «indices» de l'infinitif. On sait que c'est le cas en français, et on peut relever de même en ancien portugais des exemples comme *como lhe era necessário de lhe fallar* (Zurara, Ceuta 47) et *porem lhes he necessário de a buscarem agora* (49) *foy necessário de abrirem a cousa em que jazia* (68), comp. Epifânio § 283 b, Said Ali p. 135, Sester p. 11. Ceci est moins sûr en ce qui touche le portugais moderne. Pourtant il faut mentionner l'emploi de *a* + inf. après *custar* (nous ne citons que des exemples ayant un intérêt pour le problème de la personnalité de

l'infinitif) *custa-nos a sofrer que* (Camilo, Amor 191) *não nos custa a crer que* (Revista XIV 232) *não nos custa a crer que* (Mundo Literário 20/7 46 p. 13) *nada nos custou a entender que* (24/8 46 p. 12) *ainda nos custa a acreditar que* (Castro, Curva 94), comp. Leite de Vasconcelos, Lições 191 (qui cite également *convém a saber*). La fonction de *a + inf.* semble en effet être ici la même que celle de l'infinitif seul après *custar* (v. p. 99). D'autre part il n'est peut-être pas tout à fait impossible d'interpréter le *a* de la même façon que dans *os fenómenos característicos custam geralmente mais a perder-se* (Leite de Vasc., Op. I 106) *Custaste-me muito a criar* (Brandão, Pescadores 196). Du moins une influence analogique n'est pas à exclure.

Peut-on trouver *de + inf.* sujet en portugais moderne? Sester le nie expressément p. 11. Tout de même on rencontre, à côté de *não é fácil dizer quando* (Revista IV 134), avec *de*: *é fácil de ver porque falta o peixe* (Brandão, Pescadores 278) *Perante isto é-nos fácil de compreender como* (Mundo Literário 17/8 46 p. 4). Il est vrai qu'il y a aussi le *de* restrictif après *fácil* (voir plus tard sous VII 8). Mais on peut signaler encore un cas comme *É curioso de observar que* (Revista I 197). De même avec un substantif attribut *É o costume de deixar entrar pobres no armazém* (Eça, Contos 14).

Nous avons relevé *adregar de + inf.* (pers.) *quando adregava de, nos trabalhos da terra, moirejarem juntos* (Félix, Nunca 9). Leite de Vasconcelos a noté cette syntaxe du verbe *adregar* dans la langue populaire de Baião: *adrega de morrer* (Op. II 77).

II

L'infinitif attribut

Sans doute l'infinitif attribut est souvent impersonnel *Isto não e fraqueza, senhor! — disse o oficial. — É fraqueza, não tem outro nome... É querer morrer* (Camilo, Enjeitada 7) *Isto, porém, não é dizer que* (Revista I 138) *seria tentar o impossível* (Cortez, Lodo 40) *Aquilo não era viver!* (Simões, Pântano 248). Voici des exemples encore plus convaincants *O teu defeito é ser boa demais!* (Dantas, Chagas I 6 (36)) *a principal inclinação dos portugueses é estimar as*

mulheres (Revista II 219) *Não seja agora nosso propósito deslindar este ponto* (XVI (1-2) 124) ⁽⁸⁾.

On peut noter en passant que *parecer* est vraiment suivi d'un infinitif attribut dans *Isto parece desconhecer a unidade espiritual do poema, não penetrar no âmago do pensamento camoniano* (Talegre, Poetas 54). On voit bien la différence entre ce cas et les emplois de *parecer* + inf. mentionnés p. 100.

Dans *o que ela quer é embarricular-te* (Cortez, Lodo 25) l'infinitif est «strictement parlant» l'attribut de *é*; mais il n'en est pas moins vrai que ce qu'on «veut dire» c'est *quer embarricular-te*, et c'est cette manière de comprendre les choses qui conditionne des constructions comme *o que tu queres é forçar-me a ir* (Cortez, Lodo 51) *o que quieram era voltar* (Castro, Selva 171) *O que tu precisavas era morrer!* (T. Coelho, Amores 311) *a única promessa que podiam fazer era não despedir quem houvesse tomado parte na greve* (Castro, Lã 289). *Vamos mas é tratar do estômago* (Cabreira, Quando o sol 343) *precisamos é aguentar-lhe o coração* (Paço d'Arcos, Caminho 46-47) *Não podemos é esquecer-nos do nosso doutor Verruga* (Leone, Para além 244). *E vamos mas é tratar de sair desta casa* (Osório, Ambições 194) *Tu queres é ler a carta sòzinha* (Torga, Terra firme 84).

Comp. les cas où le «régime» est introduit par une préposition *O que tu tens é de pagar a despesa do outro* (Castro, Selva 27). Car l'infinitif attribut peut être personnel (ou faire partie d'une phrase infinitive) *Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele* (Camilo, Amor 18) *O primeiro passo a dar é casarem-se* (Estrellas 203) *A minha maior mágca é nunca mo teres dito* (Mesquita, Envelhecer 47) *o melhor caminho era subirem a rua* (Leone, Para além 220) *Isso o melhor, ó Ana, é escaldares os pés ao deitar da cama* (T. Coelho, Amores 239) *O mais seguro é partirem já* (Osório, Ambições 121) *o melhor será incumbires-te de carregar ambos* (Luzia 108) *Não é serem bons colegas!* (Régio, Gota 281) *tudo isso é vingares-te indignamente sobre os outros* (El-rei Sebastião 149) *a minha ideia é*

⁽⁸⁾ L'infinitif attribut est employé «materialiter» dans *Escrevi «arreceber»*.

— *Foi o que eu disse.*

— *Mas não é —*

— *Então como é?*

— *É receber* (Redol, Marés 78).

mudarmos para lá (Ribeiro, Mónica 12) *Tem filhos desde os treze, mas a sorte dela é virem sempre mortos* (Esperança, Servidão 92) *verdade é também terem saído da sua pena páginas* (Perspectiva II 378) *aquilo era os ranchos saltarem-lhe para dentro* (Redol, Gaibéus 16) *O melhor é tu dares o braço à sr.^a D. Cândida* (Osório, Ambições 121) *o melhor é tu ires vendo* (Castro, Lã 330) *o melhor seria tu deixares de ir à fábrica* (387) *o melhor é sair ela daqui* (Camilo, Enjeitada 168) *o melhor é eu deixá-las para mais tarde* (Castro, Lã 380). Et même dans les cas où (o que) é constitue en quelque sorte une circonlocation on trouve *Tu vais mas é a Lamas encontrares-te com o Tenente da Cruz* (Ribeiro, Estrada 146) *Queres saber, ó António, o que tu havias de fazer para entrar direitinho no Reino dos Céus? Era ires a Santiago de Compostela* (218) *O melhor que tens a fazer é desapareceres* (Castro, Terra 252). Avec préposition *Trata é de te emendares* (Esperança, Servidão 517).

Après a questão (o caso, o ponto, tudo, etc.) é on peut trouver l'impessoal *A questão é entrar, é furar* (Eça, Ramires 183-84) *O caso é procurá-lo* (T. Coelho, Amores 259) *O ponto era topar uma mulher com um saio de baeta vermelha* (Dantas, Severa (r.) 10) *na Terra tudo é vencer o mais fraco* (Agostinho, Eça de Queiroz 15) *todos os serviços são bons, a questão é saber dar conta deles* (Paschoa, Regresso 198-99). Le pessoal (ou la phrase infinitive) est possible ⁽⁹⁾ *A questão é serem conscientes* (Castro, Eternidade 216) *A questão é os nossos saberem servir-se desse instrumento civilizado* (Ribeiro, Arcanjo 137) *os dois rapazes tudo era estarem aos pulos em cima do talho* (T. Coelho, Amores 251-52) *Tudo era porem-se os dois rapazes a esquadrihar o que estava à roda* (270). Ces combinaisons sont sans doute apparentées au tour bien connu *É embarcar!* (Brandão, Pescadores 42). Nous ne croyons pas à l'explication de Sester 11-12: d'après ce savant nous aurions affaire à une ellipse du mot *necessário* — et l'infinitif serait donc le sujet. Le sens est plutôt «il s'agit de, il est question de, etc.». L'infinitif est attribut. L'impessoal est extrêmement fréquent *responderam que era só marchar* (T. Coelho, Amores 64) *Que sabes tu, filho? Não é só chorar* (Eça, Maias 60) *É ter cautelinha, meninos!* (id., cit. Sester 12) *É percorrer toda*

⁽⁹⁾ Comp. la proposition complétive dans *A questão é que bebias e comias* (Cortez, Lodo 18). De même *Isto aqui é salve-se quem puder* (Mundo Literário 24/8 46 p. 5).

a literatura do tempo (Revista III 20) *É desferrar, gente!* (Redol, Gaibéus 91) *O meu avô dizia — que quando as nuvens dançam prò Norte é vestir capotes* (33) *Aquilo é só dizer-lhe que* (Rodrigues, Castigo 184), etc., etc. Le pessoal se rencontre *ele estava ali para o que quisessem, até para dobadura! Era mandarem, era mandarem!* (Eça, Crime 101) *É pagares com o que ele ganha* (Cortez, Lodo 6) *E se precisares alguma coisa de cá, já sabes! é só mandares dizer* (Castro, Selva 32).

III

L'infinitif régime

On sait bien que l'infinitivo impessoal est de règle après les verbes modaux *Como devem ser pavorosas as suas noites* (Cortez, Lodo 48) *E tu, não podes fechar por dentro?* (2) *Tu sabes defender-te* (51) *queremos falar consigo* (65) *ousamos esperar que* (Costa, Solar 191) *as meninas modernas costumam falar calão* (Revista II 343) et que les exceptions sont ou des vulgarismes ou des négligences, négligences parfois tolérées par les grammairiens si le verbe et l'infinitif sont séparés par plusieurs mots. On parle de pléonasme puisqu'il s'agit en effet de «sujets identiques». Mais ne pourrait-on concevoir le cas de «sujets différents» qui exigerait le pessoal? Nous reviendrons sur cette question.

dever Les exemples suivants *Devern té-la posto de sobreaviso para comigo, terem-me feito ausências depreciativas* (Cabreira, Quando o sol 329) *Os homens como o senhor deviam aparecer mais — não se fecharem tanto* (Redol, Marés 111) *os estudos históricos deviam fazer-se como estímulo, e não tomarem-se como narcótico* (Revista IV 220) *devemos amar os homens pelas suas próprias dores e esforçarmo-nos para a criação dum mundo onde* (Castro, Curva 337) se ressemblent: il y a d'abord la construction régulière, ensuite vient un autre infinitif qui est moins fortement lié au verbe. Comp. en outre *devem fazer, todas as noites, uma fricção tónica e fortificante a todo o corpo com água e espuma de sabão. E alimentarem-se hem.* (Esperança, Servidão 534) ⁽¹⁰⁾.

(10) Le pessoal se trouve après *dever* dans d'autres cas aussi *Devemos no entanto precavermo-nos contra a ideia de* (Revista VIII 85).

poder Nous voyons le même phénomène dans *podendo ter conduzido a conversa para um plano de entendimento mútuo, e deitares-te sossegado na tua cama depois de lhe teres prometido que* (Botto, Isto 14) *Podias ser mais amável e passares a caixa* (Lacerda, Milagre 25). Mais il y a plus. Comment interpréter *Ah! pode a chuva açoiar os vidros da janela, o dia parecer noite, chorarem tristemente os sinos* (Luzia 34) ? On pourra évidemment parler de zeugme (comp. *Posso levar as mãos à cabeça angustiadamente, Piedade apertar o ventre com igual aflicção* (Luzia 38)) et «sous-entendre» un *podem* qui aurait passé sa désinence à l'infinitif, comp. aussi *A tarefa poderia alargar-se, e vimos a obter uma história do latim em Portugal* (Leite de Vasc., Op. I 180). Mais on peut «sentir» aussi le *pode* comme une sorte d'impersonnel, interprétation qui s'impose pour *respondiam-me que não. Forte novidade! Pudera responderem-me que sim!* (Camilo, cit. Coelho 236), comp. Nóbrega 71 et la syntaxe de *parecer*. Il se rencontre donc des exemples de différence des sujets même après les verbes modaux. Nous avons déjà vu que le *peçoal* peut se trouver quand il y a identité des sujets. Voici d'autres cas *Mas, enquanto fores minha mulher, não podes dignamente passeares-te com outro homem* (Ribeiro, Mónica 270) *Podem certos leitores modernos — preferirem-lhe outras obras* (Revista VI 107) *podendo nelas se inscreverem todas as pessoas, singulares ou colectivas, que* (Voz de Portugal 15/10 1950 p. 12). Même sans distance aucune entre les deux verbes *as restantes secções do continente não podem alhearem-se das vicissitudes* (Revista XV 141). Citons en dernier lieu un exemple poétique *Poderão as mulheres não os terem amado, Podem ter sido traídos* (Pessoa, Poesia 185).

querer Ne faut-il pas être indulgent pour *Queres tu mesma ser-vires-te?* (Mesquita, Envelhecer 33) ⁽¹⁾ *Eles não queriam fortuna — se ela viesse... —, mas terem sempre onde trabalhar* (Redol, Gaibéus 103) ? Il y a les deux formes dans *tu não queres só desiludi-los... e tirares-lhes a razão que* (Castro, Curva 249). Sester cite p. 70 un cas de sujets différents (extension de sujet) *Mas Artur «achava isso ignóbil». Queria algum encontro delicado, com chic... — Verem-se numa ceia, por exemplo. Comp. Francamente, Isaura, que, quer você fazer? — Namorarmo-nos, como é lógico!* (Cajão, Montanha, 231).

(1) Mais *Queres-me tu dar uma dentada com esses dentinhos?* (T. Coelho, Amores 206).

Donc cela existe. C'est de façon un peu indirecte que *querer* se combine avec le pessoal (il y a d'abord une complétive) dans *Sabes o que eu queria? Era que a minha mãe passasse comigo todo o dia: almoçarmos e jantaríamos todos juntos* (Esperança, Servidão 20).

Il y a changement de locuteur dans *Eu quero casar com a Júlia, ter casa minha, deixar filhos — Teres uma família como esta?* (Redol, Forja 120). L'exemple est bien fait pour montrer la commodité de l'infinitif personnel : la seule forme *Teres* rend la même idée que les deux mots *queres ter*.

saber Pas de remarques (pour le sens de «ne pas ignorer» voir pp. 111-12).

Pour les verbes qu'on pourrait appeler demi-modaux (dont le sens se rapproche de celui des verbes modaux) nous nous bornerons à traiter des cas où nous avons trouvé des exemples clairs de l'une ou de l'autre des formes infinitives.

aceitar Impers. *Aceites levar-me na garupa* (Ribeiro, Estrada 213). Mais (avec changement de sujet) *aceitava de bom grado manifestarem o interesse de conhecer o porte moral de quem viera para ali habitar* (Esperança, Servidão 396).

combinar Impers. *combinaram todos não olhar* (T. Coelho, In illo 381) *Haviam combinado encontrar-se* (Esperança, Servidão 74); pers. (changement ou extension de sujet) *Se tivesses combinado, com o teu pai, prenderem-me* (236) *o marido não se mostrara diligente em combinar, com um vizinho, saírem para a ria* (262).

conseguir Impers. *esses dados não conseguem eliminar as indecisões* (Revista XIV 8) *Não são... os teus lamentos... que lhe conseguem dar remédio* (Corrêa Leite, Raça III 2 (204)). Mais il est légitime de parler d'infinitif régime (phrase infinitive) dans *fez que liscnjeiramente se conseguisse o não terem as lições menor frequência* (Revista IV 351), et Nóbrega admet p. 49 *consegui virem ambos ao Rio* (sujets différents).

decidir Impers. *Decidiram depois encontrar caminho entre a selva* (Duarte, Vencidos 26) *desde que decidíramos ensaboar-lhes a cara* (Luzia 75). Mais si les sujets sont différents on peut dire, selon Nóbrega 49 *Decidimos continuarem as crianças internadas no colégio*.

deliberar Impers. *os carburantes que deliberam arder* (Colaço, Beijo 27).

desejar : *àquelas crianças que os pais desejavam educar na sua fé* (Revista I 9).

duvidar: não duvidas casar (Camilo, Amor 70).

evitar Impers. Todos evitam encontrar o seu olhar (Redol, Forja 60) pers. *d'ora-avante evitas o mais possível associar-me às empresas dos teus amigos* (Ribeiro, Arcanjo 68). Avec changement de sujet *Sempre em guarda, evitando ficarem a sós, trata-o, em presença de estranhos, com a mais afectada cerimónia* (Cajão, Montanha 310).

lograr Impers. *lograram ultrapassar os acanhados limites do consumo local* (Revista IV 114). Mais Nóbrega admet p. 48 *Logrei serem eles nomeados*.

necessitar: não necessitamos alongar-nos mais (Revista I 278).

pianear Impers. *Planeamos ir a Fequim*, (Eça, Maias II 460).

precisar Impers. *Realmente precisávamos tomar uma resolução* (Júlia de Almeida, Memórias 72) *As árvores precisam ser limpas* (Luzia 59). Plus haut (p. 87) nous avons mentionné qu'un auteur a pu mettre le pessoal après ce verbe, mais qu'il s'est corrigé dans l'errata.

preferir Impers. *preferiram fechar os templos* (Revista I 14).

pretender Impers. *as suas cartas que pretendem render-me a certeza de que* (Duarte, Vencidos 259) *pretendiam nomear um representante exclusivo dos europeus* (Revista XIV 150).

procurar Impers. *Procuraremos ganhar a vida honestamente* (Cortez, Lodo 60) *Os Gregos... procuraram efectuar a geometrização da física* (Revista XIV 53); pers. *pernas já trôpegas, procurando não se tornarem notadas* (Esperança, Servidão 379).

projectar: *Haviam projectado vir os dois* (Castro, Eternidade 19).

resolver Impers. *resolveram fazer-lhe hoje uma espera* (Dantas, Chagas I 5 (26)).

tencionar Impers. *Diz-me o que tencionas fazer agora* (Cortez, Lodo 41).

tentar Impers. *Não tentes sair* (Cortez, Lodo 73) *Os Gracos, por exemplo, tentaram desviar uma parte dos fugitivos* (Revista XIV 40). C'est sans doute l'ordre des mots qui justifie l'emploi du pessoal dans *atreverem-se com ela é que não tentavam* (Paschoa, Regresso 133).

visar: *trabalhos que visam puramente alargar os conhecimentos* (Mundo Literário 20/7 46 p. 10).

Jusqu'à nouvel ordre, c'est-à-dire tant que n'auront pas prévalu des constructions populaires comme *No ano em que houverem três invernos e um verão, vem D. Sebastião* (Brandão, Ilhas 86) *Não*

podem haver desordens na fábrica (Castro, Lã 139) (comp. aussi Leite de Vasc., Op. II 291 et, pour l'espagnol, la syntaxe de Gili y Gaya § 62) il convient de regarder *há* comme un verbe transitif, et nous pouvons relever des exemples comme *Não havia fugir à incumbência* (T. Coelho, In illo 107) *E não houve convencê-lo* (Brandão, Ilhas 177) *só há máquinas e não há querer* (Redol, Gaibéus 120). L'impezzoal est encore plus indiqué dans un cas comme *Há embebedar e embebedar* (Ribeiro, Mulheres 131).

Nous avons donc vu que ces verbes ainsi que les modaux se construisent ordinairement avec l'impezzoal, ce qui n'est pas pour surprendre.

Les verbes déclaratifs, etc., au contraire, sont souvent suivis d'une phrase infinitive, c'est-à-dire de sujet ⁽¹²⁾ + infinitif personnel. Le pessoal peut se trouver seul (c'est aussi une sorte de phrase infinitive) — s'il y a différence des sujets. Si le sujet est le même (*disse ser... dicit se esse*) l'impezzoal semble être la règle. Il faut pourtant remarquer qu'à côté de *afirmamos estar doentes* Nóbrega admet aussi (77) *afirmamos estarmos nós doentes* et même sans sujet explicite on peut relever avec

acreditar: *acreditavam serem os primeiros a receber os dons do seu amor* (Costa, Solar 101).

Nos matériaux nous donnent lieu à mentionner en outre les verbes suivants.

admitir Phrase inf. *Admitamos, como hipótese, serem válidas as razões que* — (Mundo Literário 25/1 47 p. 10).

afirmar Phrase inf. dans *afirmava ficarem ali bem instalados os serviços do montado* (Castro, Eternidade 118) *Simone de Beauvoir afirma serem muito mais deprimentes os livros de Maupassant que os de Jean-Paul Sartre* (Mundo Literário 24/8 46 p. 3); pess. (même avec sujets identiques) dans *Enganaram-se ou mentiram os que afirmaram terem-no visto* (Régio, El-rei Sebastião 166).

aventar Pers. *Isabel aventa falarem-lhes. Talvez possam indicar* (Esperança, Servidão 362). *aventar* n'est peut-être pas un verbe déclaratif ici. Mais il l'est dans cet exemple avec forme zéro *Uns aventavam tratar-se, mais uma vez, da espinhela caída, outros diziam que* (ibid. 546).

(12) Le sujet peut être lui-même un infinitif, comp. le pessoal dans *não compreendemos ser possível interessarmo-nos pelo que quer que seja* (Simões, Pântano 307).

compreender Phrase inf. *Marreta compreendeu ter sido inútil a lição* (Castro, Lã 330).

crer Phrase inf. *Creio poderem identificar-se os sonetos* (Revista XIV 233), pessoal seul *Quanto a diferenças... cremos não trazerem correcções* (Revista XVI (1-2) 211). Mais il y a l'inf. impers. (sujets identiques) dans *Cremos ter demonstrado... que* (Revista XIV 252).

cuidar Le pessoal seul dans *cuidei não sossegarem* (Ribeiro, Estrada 135).

declarar Impess. seul dans *juraram as bases da Constituição declarando aceitá-las se o Rei as aceitasse* (Revista XIV 146).

demonstrar Phrase inf. *que ele se propunha demonstrar haverem sido em parte roubados por Bernardes* (Revista III 75).

dizer Phrase inf. *o instinto... dissera-lhe serem esses homens iguais a si e aos seus camaradas* (Duarte, Vencidos 80); pessoal seul *alude ao Parnaso que diz terem-lhe roubado* (Revista III 10). Il faut faire une mention spéciale de *dir-se-ia* qui peut être considéré comme un tour impersonnel (rendant le sens du «on dirait» en français); il se rencontre avec une phrase infinitive *Dir-se-ia haverem estas linhas sido escritas propositadamente para o meu caso* (Costa, Solar 28) *dir-se-ia não ser ele quem pensava* (Simões, Pântano 124) ou avec le pessoal seul *Dir-se-ia terem pensado subitamente na mesma coisa* (Simões, Pântano 73) *Dir-se-ia não poderem calar-se* (176). Il est donc logique de penser que nous avons affaire à des formes zéro dans *Dir-se-ia aceitar e compreender* (Simões, Pântano 114) *Dir-se-ia compreender e regozijar-se* (142) ⁽¹³⁾.

entender Phrase inf. *entendiam não deverem deixar de se mencionar os territórios que* (Revista XIV 172); le même verbe au réfléchi-passif *pequenas alterações que se entendeu poderem restituir-lhe a pureza* (Revista XVI (1-2) 219).

explicar Phrase inf. *explica terem-lhe sentido a necessidade aqueles que* (Perspectiva II 91).

garantir Phrase inf. *um dia em que lhe garantiram estarem os senhores ausentes* (Rodrigues, Castigo 275).

imaginar Impers. (avec sujets identiques) dans *imaginas conhecer toda a minha vida?* (Mesquita, Envelhecer 48).

⁽¹³⁾ On a aussi de «vraies» propositions *Dir-se-ia que ele a sentia na cara* (Simões, Pântano 123) *Dir-se-ia que se conheciam há muito* (240).

indicar Pessoal dans os sentimentos dos habitantes, que indicavam quererem ligar-se à causa da nossa regeneração (Revista XIV 147).

julgar Impers. as coincidências que os editores julgam encontrar (Revista I 303); pess. (avec changement de sujet) a Espanha, da qual a Europa mais duma vez tem recebido altos valores culturais genuinamente nossos, julgando erradamente serem espanhóis (Talegre, Poetas 20). A la page 91 nous avons dit qu'on trouve parfois l'infinitif impersonnel même dans une phrase infinitive (pronom + inf.); ici on peut citer que nos fazem julgar ter os índios americanos compreendido — (Mundo Literário 20/7 46 p. 15).

jurar Pess. (forme zéro il est vrai) dans que jurava aos deuses ser a mulher mais linda que em sua vida conhecera! (Osório, Ambições 216); pour un autre «sens» de jurar voir plus bas pp. 112-13.

observar Phrase inf. os versos... que observámos parecerem interiorizar a paisagem (Revista III 292).

participar: leram-se no Congresso os officios participando terem os habitantes da ilha de S. Tiago jurado o sistema constitucional (Revista XIV 146-47).

pensar Phrase inf. a cuja divisão pela revolta de Lutero houve quem pensasse [...] serem as nossas conquistas providencialmente destinadas a trazer compensações (Revista III 15), passif-réfléchi quando se pensava estarem já todos, verificou-se que faltavam dois (T. Coelho, Amores 203).

provar Phrase inf. o que prova serem originários esses lusitanos da parte montanhosa e fria do Norte (Ribeiro, Avós 317) que D. Carolina Michaëlis provou não passarem de variantes (Revista III 75) dois estrangeiros que nada prova terem-no admirado antes de lhe conhecer o poema (III 307); pessoal seul exiger atestados médicos que lhes provem dispormos de boas condições de saúde (Esperança, Servidão 400), forme zéro dans Há uma sua despedida à Lusa Ate- nas, que prova não ter trazido saudades (Revista II 27).

reconhecer: foi com uma sensação de alívio que reconheceu serem os de Mercedes (Castro, Curva 147).

saber Phrase inf. as peças publicadas por Faria e Sousa e que sabemos serem numa grande parte apócrifas (Revista XIV 227) sabia terem sido dissolvidas algumas divisões (Duarte, Vencidos 64). Pour le passif-réfléchi on peut mentionner dos recursos materiais que se sabe existirem (Ocidente XXXI 242) alguns dos sonetos que se

sabe terem sido extraídos independentemente por Álvares da Cunha (Revista XIV 227).

Il convient de signaler qu'on peut trouver le pessoal même quand il est question de sujets identiques *para que eles soubessem não haverem tratado com um homem esquecido* (Esperança, Servidão 108).

significar Phrase inf. *que segundo ele, significa não serem as cousas do mundo cousas sólidas* (Revista III 154).

supor On n'est pas surpris de voir l'impessoal dans *decerto por suporem reconhecer nela* — (Perspectiva II 492). Il y a évidemment une phrase infinitive dans *fazem supor ter sido a Serra... coberta de arvoredo* (Revista IV 96). Mais il faut en outre signaler l'emploi de l'impessoal même dans des cas comme *as ideias heterodoxas ou as que ele supunha sê-lo* (Dória, Damião 10) *conceitos morais, que o autor do livro supôs ser os que melhor convinham ao povo* (Perspectiva 376). Comp. nos remarques dans Boletim XII 57-58.

verificar Phrase inf. *desde já é fácil de verificar existirem na forma camonianiana elementos que* (Revista III 275).

L'exposé que nous avons donné des constructions des verbes déclaratifs, etc., présente forcément des lacunes. On ne peut s'attendre à trouver des exemples illustrant toutes les combinaisons possibles de chaque verbe, mais ce que nous avons fourni nous semble suffisant pour prouver l'essentiel, nous craignons même plutôt d'avoir été trop prolixe.

Les verbes signifiant «espérer, promettre, menacer, craindre» se rapprochent des verbes modaux et demi-modaux. Très souvent il y a identité de sujets et partant inf. impers.

ameaçar: *ameaçavam abandonar Amiens* (Duarte, Vencidos 80) *ameaçavam submergi-la* (Brandão, Ilhas 149). L'infinitif semble bien être le régime de *ameaçar*. Mais alors il y aurait deux régimes dans *ameaçou-os não voltar a interceder em seu favor* (Mundo Literário 27/7 46 p. 7).

esperar Nous voyons un inf. impers. dans *Espero ter em breve noticias do meu filho* (Duarte, Vencidos 83), mais il y a phrase infinitive dans *a mulher de quem jamais esperou ser-lhe fácil o afastamento* (Revista III 9), et d'ailleurs nous pouvons citer cet exemple poétique avec *esperar de* + inf. pers. *Que eu por isso te querendo De seres minha espero* (poésie populaire des Açores, cit. Revista I 156).

jurar Ce verbe est à ranger ici s'il se trouve dans des combinaisons comme *Jurámos cumprir o nosso dever* (Nóbrega 77). Nous relevons avec le pessoal *Juras, António, nunca mais entrares em*

adjuntos — Juras nunca mais pousar em feira — Juras nunca mais te tomares do vinho, nem jogares, nem ter pacta com outra mulher — Juras nunca mais trazeres contigo arma (Ribeiro, Estrada 137). Le fait que deux des infinitifs cités soient impersonnels semble tout de même indiquer que *jurar* suit ordinairement la règle générale des verbes non déclaratifs : c'est que le pessoal peut s'introduire pour des raisons différentes, des fois par de simples inadvertances si on veut, dans des constructions où la forme impersonnelle serait exigée d'après les règles d'une grammaire normative, tandis qu'il est rare de voir cette forme apparaître au lieu du pessoal. Quant à *jurar* déclaratif c'est évidemment autre chose, comp. *Juro terem elies partido* (Nóbrega 47) et notre page 111.

prometer : *as despedidas, que prometiam ser longas* (F. de Castro, Maria 149) *prometiam ser garridas* (Castro, Lã 270) *Promete-ram-me interessar-se por mim* (Esperança, Servidão 223), pour e *lhe prometeu irem ambos para o exílio* (Coelho 335) voir plus tard p. 114.

temer : *não temam indicar-nos factos aparentemente insignificantes* (Revista II 103).

Verbes signifiant «feindre» : *impers. affectavam também acreditar* (Eça, Maías 379) *fingem não dar por si !* (Rodrigues, Castigo 202).

merecer *Impers. dans no caso de parecerem tais que merecessem ser explorados* (Revista XIV 208) *merecem ser lembradas duas obras suas* (I 4).

Pour les verbes de sentiment nous pouvons mentionner *lamentar* + phrase infinitive *E Jacinto lamentava não estarem ali com ele os janotas da cidade* (Costa, Solar 262), de même pess. seul (extension de sujet) *lamentava não poderem ir no mesmo camarote* (Castro, Eternidade 339). Mais on a l'impessoal (sujets identiques) dans *lamentavam não ter par* (Osório, Ambições 152).

Un infinitif régime peut se combiner avec un régime indirect. Il y a d'abord le tour *Quem me dera ser, Papa* (Ribeiro, Estrada 56). Il n'est pas étonnant qu'il se trouve souvent justement avec le datif *me*, ce qui ne nous renseigne guère sur la personnalité de l'infinitif. Il peut se mettre au passif (ce qui permettrait de considérer l'infinitif comme un sujet postposé), et nous voyons un impersonnel évident dans *que nos não é dado sentir as aventuras* (Perspectiva 464) (remarquer le datif). D'autre part on peut voir une sorte d'équivalent (pour le sens) de cette locution dans *Tomara eu ter o talento que ele tem !* (Eça, Maías 281), ce qui nous permet de citer cet exemple

avec pess. *tomasas tu chegares-lhe aos calcanhares* (Paschoa, Regresso 201). Pourtant l'impeccable semble plus fréquent *Tomaram os outros ter aquella freguesia* (T. Coelho, Amores 99) *Agora estava velho, é verdade, mas tomaram muitos novos chegar aos pés dele* (Castro, Lã 138) *Tomaram eles ganhar para a família que têm* (375).

Nóbrega cite p. 78 *Não lhes consentiam abandonarem a irmã do seu capitão* (Herculano). On trouve de même *permitiu-lhes revelarem-se-nos sem maior deformação espiritual* (Perspectiva II 509) ⁽¹⁴⁾. Il ne semble pourtant pas que le pessoal soit la forme la plus naturelle après les verbes qui signifient «ordonner, permettre à qu de faire qch»: le datif doit suffire à indiquer la personne *A nós... o momento histórico e a situação geográfica impunham opor a Cruz ao Crescente* (Revista III 14-15) *os informes que nos permitam formular um cálculo preciso* (XIV 7) *que lhes permita enaltecer o cristianismo das suas doutrinas* (XV 93) *permite-nos concluir* (Perspectiva 24) *o governo continuava a não lhes permitir elevar o preço dos tecidos* (Castro, Lã 288) *ansiosos pela hora da saída, que lhes permitia conhecer as últimas novas da peleja* (382) *Releve-nos, porém, o eminente crítico observar que* (Revista XVI (1-2) 10). Pas besoin de dire que le datif des verbes *dar, impor, permitir*, etc. est le sujet de l'infinitif. — Mais *permitir* (sans datif) peut régir une phrase infinitive comme dans *um rei — que permite governarem por ele, mais do que ele, os seus favoritos e adutores* (Régio, El-rei Sebastião 119).

Le sujet de *prometer* est celui de l'infinitif suivant (voir p. 113) ou bien il y a changement (ou extension) de sujet, comp. *eu lhe prometo de hoje a um mês estarmos à mesma hora juntinhas, sim?* (Camilo, Enjeitada 59) e *lhe prometeu irem ambos para o exílio* (Coelho 335). Il en est de même pour *propor* (avec ou sans datif) *ainda essa manhã me propôs fugirmos à missa* (Régio, Gota 190) *propôs às manas Vilar darem-lhe umas lições de francês* (Costa, Solar 179) *Propôs-lhe viajarem pelo estrangeiro* (Navarro, Última 173) *Proponho à sua inteligência deixarmos a nossa situação entregue às circunstâncias* (Castro, Eternidade 127) *Melo Lopes propôs irem a pé* (Navarro, Última 102) *Eugénia propôs darem uma volta* (Cordeiro, Corações 81). Même s'il y a identité des sujets il est possible de se servir de nom. + inf. (besoin de préciser) *propus-lhe ir eu procurar*

(14) comp. *Deixe para os tolos dizerem o que pensam* (Osório, Ambições 177).

teu pai (Cabreira, Quando o sol 260). Il est très naturel que *propor* puisse être suivi aussi d'une proposition complétive *propôs que regressassem* (Castro, Eternidade 284). On voit *propor-se* + *impers.* dans *Propunhas-te fazer o mesmo ao mostajeirinho* (Ribeiro, Cinco réis 195). De même *dignar-se*: *Senhor! dignai-vos prometer-me que* (Régio, El-rei Sebastião 27) *Nem se dignaram responder-lhe* (Esperança, Servidão 459).

perdoar semble se combiner régulièrement avec le *peessoal*, même s'il y a un datif explicite *Nunca a nós mesmos perdoariamos o não termos trazido à vossa fogosa juventude os conselhos da nossa experiência* (Régio, El-rei Sebastião 77) *por pouco não lhes perdoávamos terem fugido com a Augusta* (Ribeiro, Cinco réis 133) *não te perdoa teres-lo defraudado em seus sonhos* (Mónica 181). Dans l'exemple suivant (où il n'y a pas de datif) nous avons affaire à une forme zéro *Perdôe não lhe ter respondido* (Camilo, Enjeitada 252), comp. avec *desculpar*: *Desculpe té-lo incomodado* (Castro, Selva 66).

Si l'infinitif est accompagné de l'article il se prête encore mieux à faire fonction de régime, comp. les phrases infinitives dans *que não lhe perdoa o ser ela a mãe do seu marido* (Teixeira de Pascoais, Empecido 70) *Tantas vantagens justificam pois o vir eu ocupar-me deste assunto* (Leite de Vasc. Op. I 245). On peut noter cet exemple de *peessoal* sans article *Deus te pague, filha, nunca te esqueceres de nós* (Esperança, Servidão 311).

Quoi qu'on pense de la possibilité de voir des infinitifs régimes introduits par des prépositions dans *começar a (de)*, *acabar de*, etc. (Comp. aussi *ter que*) ⁽¹⁵⁾ il ne semble pas en tout cas y avoir grand

(15) Il semble légitime de penser que si on dit p. ex. *começar a* et *começar de*, la valeur propre des prépositions doit être au moins quelque peu réduite. Autrefois *começar* pouvait se combiner aussi avec l'infinitif tout seul *E o soll começava já aquecer* (Zurara, Ceuta 78) — à côté de *começou de os ferir* (79) et *começou a gente a recrecer* (79) On peut signaler l'expression *entrar a*, qui assurément n'a rien à voir par ailleurs avec les verbes transitifs, mais qui pour le sens se rapproche de *começar a*: *logo que entravam a aquecer as raparigas* (T. Coelho, In illo 239) *entraram a rir-se os dois rapazes* (Amores 265). Ici la préposition *a* semble se trouver bien à sa place. Mais on a aussi *entrar de*: *entravam de fazer-se nítidas as linhas sinuosas das cristas* (T. Coelho, Amores 13) *Os naturais entraram de fugir pela costa dentro* (Duarte, Vencidos 29-30). On voit que les questions d'accord sont résolues de la même façon que pour les autres verbes.

mal à traiter ces cas ici : il s'agit de verbes dont les rapports avec l'infinitif sont aussi étroits que ceux qui relient les verbes modaux et cette forme, et on s'attend à trouver dans la plupart des cas l'impersonnel.

começar Impers. *começaram a rezar* (T. Coelho, Amores 252) *Os recenseamentos começam a inspirar apreciável confiança desde 1864* (Revista XIV 9) *começaram a ser flagrantes os sintomas do desemprego rural* (XIV 10) *Logo pela cidade começaram a circular impressos constitucionais* (XIV 148) *os olhos se lhe começam a fechar* (Artigos 112). Même dans un cas de zeugme comme *O lago começava a secar e os reclusos a morrer* (Castro, Selva 133). Il y a les deux formes dans *começavam a polvilhar-se de cor de rosa... e a dourarem-se de* (Ocidente VII 24). Pour un exemple comme *Começou a rejeitar-se... a movimentada e nervosa modernatura gótica e a sucederem-se episódicamente os perfis antigos* (Revista II 113) il faut rappeler l'interprétation donnée plus haut (p. 106) d'un cas semblable avec *poder*. On doit signaler que *começar a* peut se mettre au passif dans un tour comme *começados a imprimir na Revista Lusitana* (Leite de Vasc., Op. IV 623). L'infinitif est évidemment impersonnel : Le sujet de *imprimir* n'est pas le même que celui de *começados*. C'est un sujet indéterminé (comp. fr. « on »).

continuar a impers. dans *continuaram a desfalcá-lo* (Revista XV 68). Il y a les deux formes dans *As senhoras da corte continuam a aparecer vestidas de sofás, e a procurarem o seu nome* (Fialho, Pasquinadas 116). Le personnel est sans doute déterminé par la distance dans *continuaremos nós todos, uns mais do que outros, mas todos, a sermos indignos da herança anterior* (Mundo Literário 21/9 46 p. 11). *continuar* est verbe impersonnel dans *continuava a serem precisos os homens junto das novas máquinas* (Castro, Lã 9). On peut d'ailleurs se demander si *a + inf.* ne représente pas parfois l'infinitif gérondival après *continuar*, comp. *continuava berrando* (Mundo Literário 15/6 46 p. 7) et *enquanto os Pachecos continuam famosos e sempre a subir* (Mundo Literário 24/8 46 p. 1).

principiar a : *os jantares portugueses, às duas da tarde, principiam a derrancar-se* (Camilo, Enjeitada 24) *Principiámos a descer rapidamente a íngreme colina* (Júlia de Almeida, Memórias 108-09) *principievam a fazer a consolidação do seu crédito* (Rodrigues, Castigo 52) *vantagens inculáveis que os ingleses, holandeses e à imitação deles os anglo-americanos principiam a conhecer* (Revista XIV 154).

aprender impers. os macacos aprendem a distinguir a entonação da voz e os gestos dos donos (Leite de Vasc., Op. I 94) *Porque não aprendes tu a nadar, Manuel?* (Esperança, Servidão 257) ⁽¹⁶⁾.

acabar de Impers. *Mal acabaram de comer* (T. Coelho, Amores 28) *Acabamos de examinar a sua figura e vestuário* (Saïd Ali 139) *logo depois de se acabarem de discutir os artigos* (Revista XIV 152). Le pessoal est inconcevable dans des cas comme *flores acabadas de colher* (Luzia 83) *frutos translúcidos acabados de apanhar* (Brandão, Pescadores 311) *fortunas acabadas de fazer* (Costa, Solar 36). Ce type se retrouve en français *achevé d'imprimer* et en italien *abiti da signora già finiti da provare*, voir Sandfeld, Inf. § 10 in fine.

começar de Leite de Vasconcelos dit (Op. II 87) à propos de la phrase dialectale *préinspiou* (= *principiou*) *de contar* «Nos AA. antigos encontra-se também *começar de*, como hoje entre alguns se torna outra vez a usar». Voici des exemples modernes *quando os sapatos começaram de calcar areia* (T. Coelho, Amores 13) *as primeiras estrelas começavam de iampear* (168) *quando na Europa começaram de imperar as chamadas ideias democráticas* (Revista II 306).

deixar de Impers. *As conversas... não podiam deixar de lhe despertar a atenção e de a fazer perder em conjecturas* (Cabreira, Quando o sol 277) *Não podias deixar de ser tu!* (Selvagem, Telmo 22). Le pessoal se trouve dans *não deixam os governantes russos de proclamarem que* (Revista XV 141).

desaprender de: *desaprendem de ladrar* (Leite de Vasconcelos, Op. I 94).

(16) S'agit-il vraiment d'un régime? Comp. *este livro é mesmo para aprender a prior* (T. Coelho, Amores 154). Comment faut-il juger *a + inf.* après *ensinar*? Les «personnes» sont sans doute le régime indirect dans *ensinar coisas aos seus Mestres* (Régio, Teatro 159) *ensina a doutrina às raparigas* (Teixeira de Pascoais, Empecido 116), aussi dans *Ensinaram-lhe tudo, menos a ter vergonha* (Esperança, Servidão 140). Mais ce n'est pas le cas pour *ensinava-os a cacarejar* (T. Coelho, Amores 219) *Ensinaí os vossos filhos a amar a paz* (Munção Literário 25/1 47 p. 8) (comp. *se bem que nunca tivesse sido ensinada* (Osório, Ambições 187)). Si *a + inf.* est régime dans ces cas il y aura donc deux régimes directs (comp. *ameaçar*, p. 112). On trouve le pessoal dans *Era preciso ensiná-los a compreenderem-se, a amarem-se* (Simões, Pântano 15) *Quem te ensinou a interromperes...* (Esperança, Servidão 22) *Ensinaram-te a não bulires quando eu apareço?* (567).

escusar de (comp. *quanto combate escusado* (Cajão, Montanha 158)), *Impess. por isso escusam os leitores de estranhar se* — (Leite de Vasc., Op. II 26) *Escusavam de o procurar* (Esperança, Servidão 375) *escusamos de dizer à Leonor o que aconteceu* (467) *escusas de vir para cá com piadas* (516).

haver de Il est difficile de ne pas traiter cette combinaison de véritable verbe modal ⁽¹⁷⁾ qui serait donc normalement suivi de la forme impersonnelle *Que havemos de nós dizer?* (Camilo, Enjeitada 59) *havia de estar a arder por falar comigo* (Cortez, Lodo 58) *Hão-de vir para aqui* (47) *É o que havemos de ver* (Corrêa Leite, Raça II 12 (143)). L'emploi du pessoal dans *porque não haviam de fazer néné, ou ter uma loja e ganharem a sua vida aos beijinhos* (Eça, Maias 96) est à expliquer évidemment par la distance entre verbe régissant et inf.

necessitar de: *nações que não necessitam de ir procurar fora das suas fronteiras políticas os elementos indispensáveis para* (Revista XIV 47) *necessitamos de invadir por vezes o campo literário* (Leite de Vasc., Op. I 214) ⁽¹⁸⁾.

parar de: *dois cães muito grandes acorreram, parando de ladrar* (Leone, Para além 32) *As mãos quase pararam de arrepanhar caules* (Redol, Gaibéus 31).

precisar de: *precisam de se reunir em volta de fogueiras para se poderem compreender* (Leite de Vasc., Op. I 79) *Não precisamos de admitir duas espécies de linguagem sucessivas* (97) ⁽¹⁹⁾.

ter de: *ters de desistir duma vez para sempre do que é meu* (Cortez, Lodo 67) *Ainda tiveram de esperar um pedaço* (Cabreira, Quando o sol 387). On a les deux formes dans *temos de aprontar sempre um sorriso e mostrarmo-nos aláveis* (Esperança, Servidão 406).

⁽¹⁷⁾ Comp. *haver* + inf. «pur» en langue populaire *Logo, que l'hemos fazer, compadre?* (Leite da Vasc., Op. IV 603).

⁽¹⁸⁾ Comp. le même verbe avec inf. «pur» p. 108. Il faut reconnaître que *necessitar de* peut être suivi d'autre chose qu'un infinitif *quando necessitarem dos meus serviços* (Esperança, Servidão 406) *necessito de outra vítima* (Teixeira de Pascoais, Empecido 230) *necessitam de um compartimento à parte* (Cajão, Montanha 170).

⁽¹⁹⁾ *precisar* + inf. «pur» voir p. 100. Comme *necessitar*, ce verbe peut se construire avec *de* + subst. *Tu precisas de dinheiro* (Esperança, Servidão 444).

On trouve la forme impersonnelle aussi après *ter que*. Ici nous ne citerons que les cas où *que* + inf. peut se considérer comme régime ⁽²⁰⁾ *não teremos que medir a desigualdade das nossas posições* (Camilo, Estrelas 89) *Tens que me substituir na colaboração académica da «Noite»* (Filinto, Colunas 9) *nós temos que andar sempre alerta* (Leone, Para além 58).

IV

L'infinitif avec attribut comme régime direct

(comp. Sandfeld § 75 ss.)

On n'est pas surpris de voir la phrase infinitive dans Soares *considerava deselegante pagarem outros o que seria gasto* (Costa, Solar 32) *Eu achava melhor ele ir com o Firmino* (Castro, Selva 87), et le pessoal seul équivaut bien à une phrase dans *Acho melhor não fazeres questão* (Castro, Selva 28) *acho bem levarmos connosco — o meu homem do Arsenal* (Ribeiro, Mónica 283). Il y a changement de sujet dans ces exemples. Il en est autrement dans *onde todas as mulheres teriam, como primeiro dever, serem belas* (Júlia de Almeida, Memórias 103), et un cas comme *dou-te como penitência beberes um copinho* (Camilo, Amor 78) appartient aussi aux types où il est évident quel est le sujet de l'infinitif (comp. *devo fazê-lo, obriga-os a recuar, é-nos lícito supor*, etc.). Le pessoal ne peut aucunement être la forme qui s'impose de façon rigide dans cette fonction, comp. *achava inútil entregar-nos a tais ilusões* (Luzia, 104) ⁽²¹⁾ *Achámos prudente imitá-lo* (124) *Cremos inútil pedir a esses mesmos nossos leitores que* (Mundo Literário 9/11 46 p. 3).

L'impeessoal semble bien de mise dans la combinaison qui se trouve dans les exemples suivants *as diferentes maneiras de estilo têm por fim poupar tempo a quem ouve* (Leite de Vasc., Op. I 66) *todas as pueris especulações que tenham por fim demonstrar que*

(20) Pour la confusion des deux fonctions de *que* après *ter*, comp. *tenho ainda muito que fazer, e que lutar* (Selvagem, Telmo 121).

(21) Dans cet exemple il y a même changement (ou extension) de sujet.

(Mundo Literário 15/6 46 p. 4) ⁽²²⁾. Qu'il soit peu important d'insister ici sur la personne se voit par un tour comme *Os conhecimentos que têm por fim a criação das forças militares* (Revista IV 190). On peut dire aussi que globalement le tour équivaut à un verbe modal. De même *Três pessoas, A, B, C têm por costume encontrar-se todas as quintas-feiras* (Revista XIV 130) nous fait penser à la construction de *costumar*.

V

L'infinitif en apposition

Le pessoal semble être de mise dans des cas comme *os Iambes, de que o clássico A. dizia gravemente terem um defeito: serem sublimos!* (Eça, *Prosas bárbaras* 129) *um mesmo objectivo as dominou: serem modesto trabalho de jornalista* (Trigueiros, *Capital* 27) *desgraça é a nossa, termos um rei assim* (Régio, *El-rei Sebastião* 16) *esta curiosidade literária: termos na descrição de D. Manuel... pontos de contacto com antigos conceitos sobre os grandes príncipes* (Revista II 183). De même la phrase infinitive *Só havia um remédio capaz: ele chegar a pegador de fios* (Castro, *Lã* 189).

Mais il y a l'impeccable dans *logo ganhaste uma vantagem com aceitá-las e dela te prevaleceste para poderes lutar: pôr a lei de teu lado, como legítimo esposo de Mónica* (Ribeiro, *Arcanjo* 121).

VI

L'infinitif comme deuxième terme de comparaison

Dans cette fonction on se sert naturellement du pessoal (ou de la phrase infinitive) s'il s'agit de cas comme *é força certa, como dois e dois serem quatro* (Camilo, *Amor* 64) *E Deus o queira, porque o ponho ao pálio. Como três e dois serem cinco* (T. Coelho, *Amores* 84) *avistarem-se, o mesmo foi que irem um para o outro* (319) *tão certo como chamares-te Eliezer* (Ribeiro, *Mulheres* 110) *Seria a mesma coisa que dizerem que* (Redol, *Marés* 194) *Tão certo como estarmos*

(22) comp. aussi *tinham em mira aborrecê-lo* (Ribeiro, *Arcanjo* 313).

os dois aqui a falar (Castro, Lã 358) *Tão certinho como eu estar aqui* (110). Forme zero (sans sujet explicite) *Tão verdade como estar agora a falar com vocês* (Rodrigues, Rosa 118). Nous avons la forme zéro d'un verbe impersonnel dans *tão certo como haver uvas!* (T. Coelho, Amores 190).

Mais il y a d'autres types ; dans les combinaisons avec *nada mais do que*, *pouco mais do que* il est bien question de comparaison, et on trouve la phrase infinitive dans *nada mais provável do que ele insistir nas suas más acções* (Esperança, Servidão 157); comp. le pessoal dans *A tua loucura não é senão entreveres o que não entendes* (Régio, El-rei Sebastião 154). D'autre part si on considère un exemple comme *Embora... não nos cumpra mais que registrar e explicar os factos* (Revista II 139) on voit que pour le sens c'est *cumpre-nos registrar* qu'on a voulu dire — et on sait qu'après *cumprir* + datif on a généralement l'impeessoal (voir p. 99). Comp. aussi *Nada mais nos é possível do que esboçar os seus fundamentais lineamentos* (Revista II 188). Dans *não tínhamos outro remédio senão palmilhar a pé uns sete quilómetros* (Leone, Para além 27) le sens se rapproche de celui d'un verbe modal + infinitif.

Que dire de *Tu esta noite não fazes senão contar as malhas* (T. Coelho, Amores 245) *eles não souberam senão chorar* (Osório, Ambições 37)? Il est légitime de parler de comparaison, comme dans *nada mais fizeram do que requerer a concessão de terrenos bem situados* (Revista II 236) *Que vais tu fazer, senão redobrar a ira de teu pai* (Camilo, Amor 143). Sans doute *não fazer senão* est un subterfuge pour exprimer le «ne — que» portant sur le verbe, comp. fr. *il ne fait que sortir*, mais on pourrait tout de même se demander quel rôle syntactique il faut attribuer à l'infinitif régi «indirectement» par *fazer*, *faire*. Il est régime tout court, comp. fr. *il ne fait que des sottises* et *il ne fait que s'amuser*, en outre *outra cousa não teríamos a fazer senão uma análise fundamental* (Revista VI 1). Il est vrai que *fazer* ne «régit» pas un infinitif «directement» de la même façon que *dever*, *querer*, etc. Mais il y a tant de constructions syntactiques qui ne se trouvent que dans des conditions spéciales p. ex. fr. *prier de*, qui — exception faite de *je vous en prie* — ne se construit qu'avec un infinitif. A comparer d'ailleurs esp. *Tú, qué hacías?* — *Jugar* (Lorca VI 31) à côté de *Y qué hacían?* *Hablaban* (Lorca III 46). Il est donc naturel que *fazer*, tout comme *dever*, *querer*, se combine avec l'infinitif impersonnel, comme dans les exemples cités et dans *nada mais fazem que lançar o descrédito sobre* — (Leone, Para além 140).

Pourtant le pessoal n'est pas impossible *temo que não façamos senão relaxarmo-nos uns e outros* (Perspectiva 497).

Dans *sentindo o corpo e a alma como esvaírem-se, dissolverem-se naquele ambiente abafado* (Eça, Mandarin 40-41) *como* équivaut un peu à «pour ainsi dire». Il pourrait s'omettre à la rigueur. Et nous verrons plus tard (IX) que *sentir peut* se combiner avec accusatif + infinitif personnel.

VII

L'infinitif régi par des prépositions

Nous avouons d'avance que nous ne nous sommes pas donné la peine d'établir le «vrai» inventaire des prépositions portugaises. Ce que nous appelons ici «prépositions» déborde le système de Brøndal) (Théorie des prépositions p. 137). Tous admettront: *a, de, em, para, por*, etc. comme prépositions. Il n'en va pas de même pour *durante*, ni pour des combinaisons comme *além de, depois de*. La grammaire française traite *nonobstant* de préposition. Nous comprenons les arguments des théoriciens modernes pour ne pas adopter ce point de vue, à plus forte raison s'il s'agit du portugais *não obstante*. Mais il faut reconnaître que dans tous les cas traités dans ce chapitre nous avons affaire à des mots ou des combinaisons dont les rapports avec l'infinitif sont utiles à étudier. On nous trouvera peut-être inconséquent (en effet le point le plus difficile en matières scientifiques c'est d'éviter l'inconséquence, surtout en linguistique) parce que nous n'avons tout de même pas traité p. ex. *afim de* et *apesar de* de prépositions. Nous avons placé ces tours sous *de* (nous croyons que le «sens» de *de* se fait assez bien sentir dans ces cas-là). Pour insister encore plus sur le caractère provisoire de notre «inventaire» nous procéderons par ordre alphabétique.

1. La préposition *a*.

direction Dans le type *pouco vai de desejá-los a tê-los* (Camilo, Estrelas 206) il s'agit souvent de constatations générales, donc l'im-pessoal est tout indiqué. Mais aussi avec des verbes plus personnels on trouve *ambos romperam a chorar* (T. Coelho, Amores 63) *rompiam todas a dançar* (In illo 238) *Os homens deitaram a correr atrás dele* (Amores 45) *deitam a correr* (Brandão, Pescadores 17) *Todos desataram a rir* (T. Coelho, Amores 118) *Desatámos a rir* (Ribeiro,

Cinco réis 276) os Ruas entraram a frequentar cinemas (Mônica 30-31) do último período que passamos a considerar (Revista XIV 30) Passaram então a falar muito de Maria Luísa (Cabreira, Quando o sol 374) As gentes passaram, então, a ver o sol como um inimigo (Castro, Lã 254) nunca chegaram, porém, a ser discutidos (Perspectiva 18) tornando-se todos a sentar (T. Coelho, Amores 253) À tarde tornávamos a sair (Júlia de Almeida, Memórias 107) no dia seguinte tinham voltado a reunir-se (Leone, Para além 19) pedindo que dele voltassem a fazer parte os oficiais que (Revista XIV 139). Il est facile de comprendre le pessoal dans un cas de zeugme comme O telefone voltou a tocar e os passos da criada a soarem na casa (Castro, Curva 29) ⁽²³⁾.

Il convient de noter les verbes qui indiquent le mouvement au sens littéral *Correram a ampará-la a sua tia e a criada* (Camilo, Amor 153) *por onde os outros correrão a chamá-la* (Redol, Gaibéus 76) *correram a rodeá-la* (77) *Vamos a ver se eu posso ficar por cá muito tempo* (Castro, Eternidade 42) *A ver vamos* (Ribeiro, Mônica 208, remarquer l'antéposition de l'infinitif) *surgiam a insinuar frias objecções* (Castro, Eternidade 201) *mães e filhas sentavam-se a bordar* (282). Parfois on voit le pessoal *desceram a sentarem-se debaixo das quatro palmeiras* (Camilo, Estrelas 207) *De ordinário corriamos a metermo-nos no riacho* (Ribeiro, Cinco réis 145). La délimitation entre «direction» et «but» peut évidemment être difficile à établir dans bien des cas, comp. l'exemple cité avec *correram a ampará-la et correndo ambas a confortá-la, a segurá-la* (Selvagem, Telmo 151) *os alugados que se curvam a brandir as foices* (Redol, Gaibéus 28) *surgiram os escaleres a oferecer transporte para terra* (Castro, Selva 59). Avec d'autres verbes *uma das razões porque o não deportaram para África era a ver se lhe arrancavam declarações que encravassem Ricardo* (Ribeiro, Arcanjo 203) *E os rapazes deitaram-lhes torrões, a espantá-las, rindo do seu tormento* (Redol, Gaibéus 24) *E empinam o tronco, a escorraçar as dores fundas que se accitaram no dorso* (25) *é que ali se reúnem os lavradores a discutir as plantações* (Leone, Para além 154). Et il faut dire qu'il y a lieu parfois de penser aussi à l'infinitif gérondival, comp. encore *As bocas movem-se a remoer* (Redol, Gaibéus 28).

(23) Mais le zeugme est sans effet dans *Não aceitando, já não voltará aos seus apcentos; nem tu a ver a luz do dia!* (Régic, Teatro 64).

Verbes intransitifs signifiant «pencher à, tendre à», etc. *tendentes a conferir ao poder civil direitos cada vez mais absolutos* (Revista I 248) *visam praticamente a situar, a integrar o indivíduo na sociedade, a revesti-lo duma verdadeira e conveniente mentalidade social* (I 253).

Verbes réfléchis *Outras apressaram-se a segui-la* (Archer, Ladrões 5) *deram-se a alvejar... a Academia* (Colação, Beijo 11) *os cavalos... se dispunham a partir* (Luzia 167) *limitavam-se a obedecer* (148) *limitar-nos-emos a reproduzir as palavras que* (Revista IV 6) *limitaram-se a pincharolar para a banda* (Ribeiro, Cinco réis 94) *nunca mais te metas a amar mulheres que* (Cordeiro, Corações 140) *não te metas a regenerar o mundo* (Osório, Ambições 156) *nem quando souberam que eram avós se moveram a perdoar a Rita* (Aleixo Ribeiro, Caixa 7) *Põe-te a mexer* (Cortez, Lodo 77) *Põe-te a escutá-la* (Redol, Forja 28) *Puseram-se os três a andar para o lado dos pavilhões* (Castro, Eternidade 329).

Verbes transitifs régissant un mot qui est le sujet de l'infinitif *aconselham-nos, creio, a aceitá-las ainda* (Revista XIV 227). Il y a les deux formes dans *que* — *te aconselhe a reflectir, a reflectir e dares volta ao miolo* (Ribeiro, Arcanjo 96), le pessoal seul dans *Todos vos aconselham, senhor, a desistirdes duma empresa que* — (Régio, El-rei Sebastião 94). Si ces verbes sont mis au passif, il y aura «sujets identiques» au sens «ordinaire» du mot, on trouve le pessoal dans *Os animais, acostumados a andarem aquele caminho todos os dias* (Amado, País 60), *Homens e mulheres, acostumados a verem as «chegas»* (Castro, Terra 170). Dans la présentation de nos matériaux nous ne nous arrêtons que pour attirer l'attention sur l'emploi d'un pessoal :

novos clarões que nos animam a ter fé nos destinos do Ocidente (Trigueiros, Capital 20) *arrastar os deuses a partilhar da sua sede de vingança* (Revista XVI (1-2) 94) *tipógrafos e outros colaboradores materiais chamados a prestar-lhe o seu concurso* (Perspectiva 9) *constrangidos a decorar uma ciência dogmática* (Revista XV 51).

convencer peut se combiner avec la forme personnelle *convencendo os desvairados a respeitarem o que* — (Castro, Eternidade 322), à plus forte raison s'il y a changement (ou extension) de sujet (on comprend ce que cela veut dire dans le cas qui nous occupe) *procurou convencê-la a saírem dali* (Duarte, Vencidos 300) *procurarei convencê-la a voltarmos para a África* (Rodrigues, Castigo 192-93). On trouve les deux formes dans *queria que os convencesse*

a mandarem as mulheres — embora e a recommençar o trabalho (Castro, Eternidade 258).

convidar a semble être assez souvent suivi du pessoal *convidamos a abancarmos à sua mesa e saborearmos o seu jantar reconfortativo* (Cordeiro, Corações 19) *Convido-te a ires amanhã comigo para tomar posse da minha herança* (198) *Se fosse noutra dia convidava-te a vires comigo* (Redol, Forja 111) *como se convidasse os olhos de Soriano a entrarem no seu corpo* (Castro, Curva 258) *convidava-os a ocuparem os primeiros lugares* (Revista VI 78) *convidou-os a proclamarem o governo constitucional* (XIV 146) *convidando-os a obedecerem à Junta Provisória* (ibid.) Avec extension de sujet *Convidou-a a saírem juntos* (Esperança, Servidão 288). Mais on voit l'impeessoal *convidava-os com a sua arieta vivaz a trepar a encosta* (Ribeiro, Mónica 126).

mentalidades convocadas a proferir os seus juízos (Perspectiva 11) *nada os demoveu a sair de um teimoso mutismo* (12).

Four *destinar a* on peut relever l'impeessoal dans *construções destinadas a amparar e favorecer a procriação* (Leone, Para além 216). *as batatas destinadas a amolecer os chifres dos carneiros* (Castro, Lã 47) *destinadas a renovar e avivar os recursos expressivos* (Revista III 209) *destinadas a fazer furor* (Perspectiva 72). Le pessoal se rencontre *linhas férreas destinadas a facilitarem o transporte das mercadorias* (Revista XV 130).

Foram estas que estimularam aqueles a não se exercer nos domínios da pura ficção (Mundo Literário 31/8 46 p. 15).

Le pessoal de *exorta-os a...*, em vez de *se arruinarem em discórdias internas, irem combater os maometanos* (Talegre, Poetas 40) est dû sans doute surtout à la distance qui sépare le verbe et l'infinitif. Mais on peut citer aussi *Leonor bem as exortou a deixarem a mãe sossegar* (Esperança, Servidão 565).

forçar On a souvent l'impeessoal *para não forçar os homens a aligeirar o passo* (Camilo, Amor 58) *Forçados a casar* (Selvagem, Telmo 130), mais le pessoal n'est pas impossible *O tempo forçou-os a voltarem para Lisboa* (Cordeiro, Corações 133).

que... nos habilite a converter — (Perspectiva 26) *se... a ligação lógica dos casos nos habilitar a conhecer o pensamento* (Revista II 57).

habituar a se trouve avec l'impeessoal dans *linguistas, habituados a designar os étimos teóricos ou hipotéticos por um asterisco* (Revista I 135) *olhos... que pareciam habituados a chorar* (Leone,

Para além 103), avec le pessoal dans *não estamos habituadas a metermo-nos todas dentro de água* (Esperança, Servidão 456) *Vocês estão habituados a só fazerem asneiras* (Cajão, Montanha 163).

somos impelidos a imaginar que (Perspectiva II 485) *O que é que os impele a trabalhar, a profundar, a descobrir?* (Lacerda, Milagre 72).

On peut remarquer le pessoal après incitar et induzir dans *tinha incitado muitos coloniais a praticarem erros* (Revista IV 7) *Este manuscrito, passando para as mãos de Ziegenbalg e Grundler... induziu estes a empreenderem a versão completa* (I 22).

A França, que nos instigara a dar o grito de revolta (Revista II 128).

intimar a L'impessoal dans *intimava-nos a retirar* (Luzia 82) *se imediatamente não fôssemos intimados a acompanhá-la* (171), le pessoal dans *intimava os jesuítas a abandonarem o Porto* (Perspectiva II 64).

levar a peut se trouver avec le pessoal *levaria os leitores... a descobrirem a influência do Anastácio* (Colaço, Beijo 22) *o servir a cor alva para designar o que não tem caracteres gráficos... leva, por vezes, os professores a dizerem aos alunos* (Revista I 174) *leva dois irmãos... a enamorarem-se um do outro* (Perspectiva 590). Mais il va de soi que l'impessoal est fréquent aussi ⁽²⁴⁾ *levou-nos a cometer antecipações* (Revista III 38) *as razões que levaram os editores a inserir nela peças que* (III 81) *O que nos leva a escrevê-lo* (III 198) *levou os gregos (Timárides) a definir o número um como «limite do pouco»* (XIV 97) *poderíamos ser levados a crer que* (XV 63) *os Padres se vêem levados a explicar* (XV 96) *são frequentes vezes levados a aceitar ideias heterodoxas* (XV 104) *A mesma curiosidade que levou os Portugueses a descobrir o caminho marítimo para a Índia* (XV 178). De même pour le sens «concret» de *levar* on peut relever l'impessoal *Tu hás-de levar os teus pequenos a ver o pade-cente?* (Camilo, Amor 136) *as mães levam-nas ao cinema a ver filmes do Walt Disney* (Mundo Literário 31/8 46 p. 3) et le pessoal *prega aos pais que levem os filhos a verem os entorcados* (Camilo, Amor 137).

On trouve *obrigar a* + le pessoal *o artigo tivera o intuito de obri-*

(24) Il y a les deux formes dans *levava as classes populares da vila — a sair de suas casas — e a dispararem para a casa que ardia* (Castro, Lã 107).

gar os nossos navios a carregarem naqueles portos (Revista XIV 189) *obrigava todos eles a saltarem para o convés* (Castro, Selva 38) *António Eusébio obrigava os outros a aceitarem-no* (Simões, Pântano 57). Il est tout indiqué lorsque le régime n'est pas exprimé *Esta observação obriga a precavermo-nos contra* — (Revista VIII 105). Mais les phrases suivantes où il y a les deux formes (le pessoal surtout à cause de la distance) *obriga-os a trabalhar e a fadigarem-se mortalmente* (Filinto, Colunas 44) *obrigando-nos a chorar, a tirar... e a mantermo-nos entre* (Perspectiva 184) montrent que c'est plutôt le pessoal qui est la forme «extensive», qui peut s'introduire dans des conditions spéciales et pour exprimer certaines nuances, insister sur la personnalité, etc., dans les cas où des règles normatives un peu rigides demanderaient l'impressoal, tandis que l'inverse est rare.

persuadir a Impessoal dans *persuadir os habitantes do Brasil a adoptar a mesma constituição de Portugal* (Revista XIV 143) *persuadindo-os a esperar as ordens do Rei* (XIV 147), pessoal dans *persuadimos três negros da aldeola a acompanharem-nos* (Minas 74).

pôr Impessoal dans *sabe o que é pôr dois homens duma feita a olhar o sete-estrela* (Camilo, Amor 110), pessoal dans *Postas as rosas a brilharem na mesa o seu encarnado vivo, voltou-se* (Castro, Eternidade 196).

mais alguns operários haviam renunciado a continuar em greve (Castro, Lã 293) *solicitados a dar-nos a sua colaboração* (Perspectiva 12) *antes as suscitando a remontar àquele* (Revista III 293).

La différence entre *por causa dos gados que ali trazia a pastar* (Revista XIV 158) et *A atrevida familiaridade destas aves trazia-as a enfileirarem-se sobre o muro baixo do Cortiço* (Júlia de Almeida, Memórias 13) s'explique par le fait que dans le premier exemple il s'agit d'une combinaison qu'on pourrait qualifier de locution «toute faite», on se rapproche de la sphère des substantifs, tandis que dans l'autre les rapports sont moins étroits.

Pour le substantif *direito* suivi de *a + inf.* nous pouvons citer un exemple avec les deux formes *tanto direito têm os outros a pedir-nos o auxílio das terras como nós a reclamarmos o auxílio dos capitais* (Revista II 239). Il semble donc que l'impressoal soit la «règle», le pessoal dans la phrase citée se laissant expliquer par le zeugme.

Ensuite nous mentionnerons quelques adjectifs susceptibles de se combiner avec *a + inf.*: *apto, impress. na medida em que formos aptos a refazer em nós a sensibilidade* (Revista XVI (1-2) 54) *que os tornaram aptos a frequentar tão selectas reuniões* (Luzia 239),

pers. aptos a entenderem realidades transcendentas (Coelho 325); *atento*: *atentos apenas ao trabalho, a produzir* (Duarte, Vencidos 71, rem. la juxtaposition de l'infinitif et du substantif; *avesso*: *estavam avessos a receber frescura* (Redol, Gaibéus 15); *disposto*, *impress. continuas então disposta a fazer o mínimo de conversa comigo?* (Selvagem, Telmo 78) *dispostos a estudar* (Perspectiva 12), *pers. dispostos a serem Boileaus permanentes* (Agostinho, Eça de Queiroz 8) *dispostos a acharem extraordinária essa notabilidade* (Osório, Ambições 213); *idóneo*: *outros mocinhos idóneos a preparar o presépio* (Ribeiro, Cinco réis 189). Pour *preferível* voir plus bas sous *preferir*.

prestes, *impress. dir-se-iam prestes a ornamentar um leito de volúpia* (Castro, Selva 277) *Lá andavam mais «corças» e camionetas prestes a abalar para as freguesias altaneiras* (Eternidade 63), *pers. prestes sempre... a fazerem justiça* (Fialho, Pasquinadas 29) *algumas flores miudinhas prestes a sumirem-se* (Contos 415) *animais perigosos prestes a abandonarem o cativo* (Redol, Forja 154); *presto*, *pers. dans tão prestos a retirarem-lhe a pensão* (Esperança, Servidão 327); *pronto*, *impress. prontos a matar e a morrer* (Duarte, Vencidos 202) *encontrámo-nos prontos a optar pelo único caminho que* (Trigueiros, Capital 13) *espadas prontas a sair da bainha* (Luzia 99) *Sempre prontas a duvidar da realidade* (131) *prontas a afrontar o Chiado* (216) *prontos a cair noutra* (Ribeiro, Cinco réis 62), *pers. centenas de olhos, prontos a comunicarem entre si impressões* (Duarte, Vencidos 134) *certos espíritos prontos a tudo nivelarem* (Trigueiros, Capital 22) *sempre prontos a servirem-lhe de almoço ou de jantar* (Castro, Selva 181) *sempre prontos a lamentarem ter a fábrica gasto um dinheirão* (Lã 354) *prontos a acompanharem-no* (Esperança, Servidão 44); *propício* *impress. propícias a ser amanhadas pelos colonos* (Castro, Eternidade 179), *pers. propícios todos a afervorarem a boa vontade dos estudiosos* (Revista IV 311).

Il est légitime de regarder a + inf. comme un datif dans quelques-unes de ces combinaisons (p. ex. *avesso a*, *propício a*). Il en est de même de certains verbes: *bastar como se... as virtudes não bastassem a formar um marido excelente* (Camilo, Amor 35); on trouve le pessoal après *bastante* a dans *não há lágrimas bastantes a deplorarem o destino dum órfão* (Camilo, cit. Coelho 5); *equivaler a* se combine (très naturellement) avec le pessoal dans *Falarem-lhe de contos de reis equivalia a considerarem-na atoleimada* (Esperança, Servidão 558); *furtar-se a*: *nunca se tinham furtado a dar o seu esforço* (Redol, Gaibéus 104); *preferir* est souvent suivi d'un régime direct et d'un

«datif» *preferia ser imbecil a ser infeliz* (Amado, Paiz 172) que, *a ter de assinar uma sentença de morte, preferiu despojar-se das insígnias do poder* (Filinto, Colunas 95) *E tudo preferiria a ser apontado como um desses homens, que* (Eça, Fradique 75) *preferindo insinuar, em silêncios e subentendidos, a revelar em plena luz* (Coelho 541) *prefere morrer a deixar de senti-la* (Revista III 242) o que se pode lamentar é que *prefira repetir afirmações de princípio, «modos de ver», a tentar a análise paciente e objectiva dos problemas contemporâneos* (XIV 250). Pour ce qui est du problème qui nous occupe ici il est facile de voir que dans *Ainda hoje os corvinos preferem trocar a vender* (Brandão, Ilhas 61) ⁽²⁵⁾ les deux infinitifs doivent être compris de façon assez abstraite, ils pourraient être remplacés par des substantifs, tandis que dans *Preferem a desgraça dos filhos a verem maculados os brios de suas famílias* (Coelho 326) *preferiam a morte a terem de viver sempre ali!* (Luzia 51) il est plus légitime de se servir d'une forme «finie». L'infinitif régime peut être impersonnel même si l'infinitif régime indirect est personnel *Vê quantos preferem ser injuriados a serem ignorados!* (Eça, Fradique 250) *preferem chegar a um entendimento com o Concílio e pactuar com o imperador, a sujeitarem-se à revolução social* (Revista XVI (3) 38). Il n'est pas sans intérêt de rappeler que *preferir a* peut régir une proposition ordinaire *Ele preferiria talvez que eu morresse, a que o abandonasse* (Castro, Eternidade 128); dans cet exemple il serait malaisé de placer un pessoal à désinence zéro, tandis que pour cet autre *Prefero que me excluam a ser admitido pela força das circunstâncias* (Corrêa Leite, Raça II 8 (131)) il importe peu de savoir si nous avons affaire à une forme zéro (1^{re} pers.) ou à un impersonnel. Il y a d'ailleurs d'autres constructions avec *preferir*, comp. *preferia saber que ele recolhera de Lisboa..., exausto e bêbedo, do que vê-lo, de ripança debaixo do braço, com um ar velho, marchando para a Igreja de Benfica* (Eça, Maias 28) *preferia encontrar-se a si mesmo numa situação embaraçosa, do que saber um amigo atrapalhado* (Leone, Para além 94) *Tudo preferiria — menos — «ter de...»* (Eça, Fradique 76).

Il peut évidemment être difficile de classer convenablement tous les emplois d'une préposition comme *a*. Que dire du tour *toca a +*

(²⁵) On peut citer en outre avec l'impeessoal *E a ter que levar um fato já visto todas preferiam não ir* (Osório, Ambições 136).

+ inf.? Peut-être que le «sens» de *a* n'est pas bien «senti» — on peut se servir aussi de *de*: *Toca a ter opinião. Pior: toca de dizer* (Mundo Literário 27/7 46 p. 6). Ici il importe surtout de noter que le pessoal est possible *toca a sacudirem-nos* (Esperança, Servidão 530).

On peut hésiter de même sur la valeur exacte de *a* dans *a valer*, comp. *É a valer ou sou eu a sonhar?* (Ribeiro, Mónica 221). Sans doute le sens de ce tour est clair. Si on considère un exemple comme *uns vendidos a valer, outros a fingir* (Esperança, Servidão 47) et qu'on pense à fr. *pour rire, pour de vrai*, il semble légitime de parler d'une nuance de finalité. Mais évidemment une comparaison avec une autre langue risque de dégénérer en «squinting grammar». Du moins il faut remarquer l'emploi de l'impessoal, comp. encore *Hã-as de todos os feitios e lindas a valer!* (Castro, Lã 15). C'est une locution toute faite.

a indiquant l'effet se trouve peut-être dans *sobem aos limites da razão, a tocar a loucura* (Talegre, Poetas 59) *As melenas à Joãozinho franjadas sobre os olhos quadram-lhe a matar* (Ribeiro, Arcanjo 242); sans doute après des tours comme *de maneira a, de modo a, de molde a*, que Leite de Vasconcelos traite de «galicismos intoleráveis» (Lições 375), mais qui d'après Lacape 480 sont courants depuis la fin du XIX^e siècle *as instalações são muitas vezes de molde a tornar o menos agradável possível a prática da leitura* (Mundo Literário 9/11 46 p. 6). On voit souvent la forme personnelle de l'infinitif (ou la phrase infinitive) *nos estudos americanistas, tão de molde a interessarem a mente e o coração do povo que fundou portuguêsmente o Brasil* (Revista I 190) *o autor teve certo êxito em relacioná-los de modo a constituírem uma pequena sociedade* (Coelho 460) *os animais, aconchegando-se uns aos outros de forma a colarem os lombos* (Leone, Para além 86) *Cuida de tudo por forma a deixares-me bem colocado, ouviste?* (Esperança, Servidão 271) *ordenando as dalias na floreira de modo a detonarem em suas meias tintas* (Ribeiro, Mónica 38) *pendurando-os pelo pescoço, ao alto duma estaca, de modo a balouçarem ao vento, plantava-os pela regada fora* (Cinco réis 90) *de modo a eu ser admirado por fidalgo e vilão* (79).

obligation Impess. *Tendes alguma cousa a reprochar-me* (Duarte, Vencidos 36) *sabes o que tens a fazer* (Mesquita, Envelhecer 21) *Que tinhas tu a esperar dele?* (Selvagem, Telmo 157). Dans des cas comme *todas as raças a cristianizar* (Revista XVI (1-2) 77) le pessoal est impossible, pour la simple raison que *todas as raças*

n'est pas le sujet de *cristianizar*, comp. *cartas a responder*, *mercadorias a expedir* (Nóbrega 34). Les substantifs de ces combinaisons seraient assurément les sujets des infinitifs si ceux-ci étaient de vrais passifs. Mais ce n'est pas le cas. Puisque Sandfeld a cru devoir combattre l'opinion qui veut qu'il existe des infinitifs actifs au sens passif (p. ex. § 124) on pourrait conclure que c'est encore la *communis opinio*, et en effet on trouve dans Le Bidois § 1254 une catégorie «Infinitif de forme active à valeur de passif». Au § 1256 ces auteurs affirment que *Cet avis est plus propre à donner à la Reine* signifie «de toute évidence» *propre à être donné*. Oui, le sens est le même, mais il y a souvent plusieurs manières de dire la même chose. *Il est digne de louange* est à près la même chose que *il est digne d'être loué*, cependant *louange* ne devient pas un infinitif passif pour cela. Déjà Brunot a dit (Pensée 367) que c'est une fausse analyse de regarder les infinitifs dans *Maison à vendre*, *ceci n'est pas à faire*, *De la toile à laver* comme des passifs (M. Grevisse a eu bien raison d'adopter le point de vue de Brunot dans «Le bon usage» §751).

Nous ne reproduirons pas les arguments de Brunot et de Sandfeld. Ils sont faciles à comprendre — et ils sont convaincants. Nous dirons seulement qu'il semble singulier que justement les linguistes portugais et brésiliens ne soient pas arrivés dès longtemps au même résultat. Car la langue portugaise prouve de toute évidence qu'il n'est pas question d'infinitifs à sens passif. Il ne s'agit pas de «races qui doivent être christianisées», mais de «races qu'on doit christianiser» ⁽²⁶⁾. La persistance de l'impeessoal dans ces constructions n'est pas due aux préceptes d'une grammaire normative, c'est une loi qui est imposée par la nature des choses, comp. encore *Trouxessem-lhe os pequeninos entezinhos a criar e a proteger* (Osório, Ambições 242) *Temos hoje grandes coisas a resolver* (Redol, Forja 173) *a vossa imaginação poderosa e o vosso sangue ardente criam impossíveis façanhas a realizar, fantásticos impérios a conquistar* (Régio, El-rei Sebastião 80) *Há todos os dias aspectos diferentes a observar* (Rodrigues, Castigo 113) *O modelo deixava a desejar, é certo* (Simões, Pântano 194) *em vista das formalidades legais a cumprir e de contas em aberto a satisfazer* (Ribeiro, Arcanjo 179-80) *tem dois ménages a sustentar!* (Mónica 201) *com vestidos a provar duas vezes por semana* (258)

(26) Il faut reconnaître que Epifânio a vu la vérité : il parle d'infinitif «em sentido (apparentemente) passivo», voir p. ex. § 292 et § 302 a.

Ambos sentiam-se pletóricos de palavras a pronunciar (Castro, Lâ 65) *os ncvos queijos a fazer* (96) *o projecto das casas a edificar* (270) *lá filhos a sustentar não tinham eles* (365). Si on se sert d'un «vrai» passif le pessoal est logiquement concevable, et on peut rappeler en effet la paraphrase de Nóbrega «*Contas a pagar* (isto é *a serem pagas*)» (34). Pourtant la forme personnelle n'est nullement nécessaire *Achais que não são razões a ser pesadas?* (Régio, El-rei Sebastião 83).

a restrictif se trouve après *custar*: *custavam o dobro a suportar* (T. Coelho, Amores 57) *Custaste-me muito a criar* (Brandão, Pescadores 196). L'infinitif de ces exemples est impersonnel. Le sujet de l'infinitif n'est pas le même que celui du verbe principal. Il ne s'agit pas d'un infinitif à sens passif. On retrouve l'impessoal dans *os fenómenos característicos custam geralmente mais a perder-se* (Leite de Vasc., Op. I 106).

a causal ou instrumental Impess. *Divertes-te a consumir os outros* (Cortez, Lodo 69-70) *A andar sempre assim..., ficas estafada* (Corrêa Leite, Raça III 2 (209)) *nem se molham a trabalhar no campo* (Rodrigues, Castigo 17) *Os ricos e honrados esfalfavam-se a pedir um couteiro que* — (Ribeiro, Cinco réis 188) *todos emudeciam a ouvi-los* (Castro, Lâ 359); pess. dans *Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos* (Camilo, Amor 19).

a conditionnel. L'infinitif est ici souvent personnel a *não queres renunciar aos teus austeros princípios de dignidade, convinha-te esmagar o coração* (Camilo, Estrellas 51) *A beijares as mãos de alguém... é melhor que beijes as mãos de Corina* (50), *estes, a serem-no deveras, têm de ser poucos* (Agostinho, Eça de Queiroz 13) *Mas a ires, tem de ser já* (Esperança, Servidão 269), comp. la phrase infinitive dans *a viúva do sr. capitão-mor lhe dera ordem de vendê-las, a querer alguém comprá-las* (Camilo, Enjeitada 242) *A Europa... não perdeu mais homens pela guerra do que perderia a manter-se o ritmo de emigração de 1914* (Revista II 237).

Le portugais a des expressions correspondant au fr. à *en juger par*, etc. Les exemples suivants présentent l'impessoal dans ce type *O tempo aprazado entre ambas eram quarenta dias a contar da segunda ida de Flávia* (Camilo, Enjeitada 99) *em todos há-de haver matéria de interesse vario, a avaliar pelos já prometidos* (Revista II 181) a (coragem) *física, de que, a acreditar-lhe a Carta IV, mais de uma vez teria dado provas* (III 27) *escreve ele próprio, a julgar pela carta, não em bom português, mas em mau francês* (IV 203, Eça) *A aceitar aquela oposição, acabariamos, para ser lógicos, recusando aos poetas*

qualquer vinculação (Perspectiva II 333) *a bem dizer* (Leone, Para além 235) *a ver bem, devia pagar menos* (Redol, Gaibéus 17).

Mais puisque, pour le sens, il n'importe guère de savoir si par *à en juder par* on veut dire «si on juge» ou «si nous jugeons» il est compréhensible qu'on trouve aussi *A inferirmos-lhe das qualidades físicas e morais a filiação, temos que na alma é nobre e distinta* (Camilo, Enjeitada 169) *parece (a acreditarmos na versão de Coisas Espantosas) que —* (Coelho 3) *a aceitarmos, como parece verosímil, a data de 1594... poderíamos supor que* (Revista XV 70) *a termos por verdadeira esta hipótese... poderíamos talvez —* (71) *O número dos inéditos do Canc. do Padre P. Ribeiro, a admitirmos estas concordâncias, ficava assim reduzido* (72) *A aceitarmos esta opinião, não precisava Junqueiro de —* (Perspectiva 448).

a não ser est souvent un tour impersonnel *A não ser assim* (Amado, País 146) *a não ser que te convidasse também* (Cabreira, Quando o sol 385). On comprend donc que l'infinitif lui aussi soit impersonnel. Il l'est également dans *ninguém, a não ser os santinhos* (Ribeiro, Estrada 84) *não tinha janela nem outro respiradouro a não ser as frestas do engenho em que —* (Rodrigues, Castigo 179). Mais voici des exemples avec le pessoal *quem as quer, a não serem maridos de quem eu de certo as não fiava assim mesmo pobres?* (Camilo, Estrellas 140) *Nada sei, ninguém sabe, a não serem os personagens da tragédia* (Enjeitada 121) *a não serem, aqui e além, casas e grupos de casas que alvejavam no verde macio, tudo o mais, de frente, esbatia-se num tom homogéneo* (T. Coelho, Amores 200). Comp. aussi *eram inconvenientes nas brigas, salvo a serem empregados como partasanas* (Ribeiro, Cinco réis 132).

L'infinitif «*gérondival*»: Comme on sait *a +* infinitif à valeur de gerúndio se trouve dans plusieurs combinaisons.

estar a ⁽²⁷⁾ *Estavam a concluir uma casa pequena* (Júlia de Almeida, Memórias 72) *Estás a ser injusto!* (Corrêa Leite, Raça I 5 (30)) *vocês estão a torjar armas, a preparar-se para a guerra* (Duarte, Vencidos 183) *lá estão ambos, há meia hora a estudar o caso* (Selva-gem, Telmo 118) *Que estás a fazer?* (Dantas, Chagas IV 1 (144))

⁽²⁷⁾ on peut noter des tours spéciaux comme *já está toda a cair* (Leone, Para além 245), comp. *disse depois, meia a sorrir* (206).

Dans un cas comme *o volume estava a imprimir* (Revista VIII 70) le pessoal est inconcevable.

Como é que tás a trabalhar (Redol, Gaibéus 27) Os ceifeiros que estão a dormir não têm aquelas dúvidas (46) não vale a pena estares a afligir-te (Castro, Terra 121) os seringueiros deviam estar na segunda volta, a recolher o «latex» precioso (Selva 142). Le pessoal peut apparaître dans des conditions spéciales (distance, besoin de varier, etc.) ainsi dans les exemples suivants où il y a les deux formes Mas estamos a raciocinar no espaço, a perdermo-nos no conjectural (Ribeiro, Arcanjo 121). Não estaremos nós a pedir demasiado a uma obra de arte? Não estaremos nós a sair das atribuições da arte? Não estaremos nós a interessarmo-nos pela pintura, não «como expressão de arte, mas como veículo de propaganda»? (Mundo Literário 13/7 46 p. 6).

ficar (-se) a ⁽²⁸⁾: ficavam-se a admirar o horto (T, Coelho, Amores 56) Vamos ficar talvez aqui a olhar! (Cortez, Lodo 76) As gáveas ficam a repousar (Redol, Gaibéus 25) as pétalas ficam a escorrer vermelho (27) Só as mães ficam sentadas a embalar os filhos (41). On voit les deux formes dans o limo e a sarna tinham ficado cá por baixo, a enfeitar a água, e a verem crescer aquela seara (Redol, Gaibéus 16), le pessoal seul dans ficando apenas os vidros a ocultarem, com o seu brilho, o que lá dentro existia (Castro, Selva 84).

Verbes de mouvement + infinitif gérondival Sem andares a pedir esmola (Cortez, Lodo 18) andavam a construir-se os longos tentáculos dos corredores (Revista II 119) Que andariam a preparar? (Cabreira, Quando o sol 277) Andavam poucos pares a dançar (Mundo Literário 24/8 46 p. 5) dos que andavam a vida inteira a labutar sem norte (Redol, Gaibéus 18) Os criados da casa cirandam pela eira, a varrê-la com as vassoiras de lentisco e a corrê-la com as burras (23) E alguns embatem nos ceifeiros e caem na resteva a tremelicar (25) Os milhanos andam a dançar-lhe de volta (30) Saltaram os dois e, a correr, foram refugiar-se na gruta de raízes (Castro, Selva 183-84). On trouve les deux formes dans que andamos nós aqui a fazer? — A enganarmo-nos a nós mesmos, a queimar saúde e vida em climas que não são para a nossa complexão... Andamos a per-

(²⁸) comp. avec le gerúndio *Fica seguindo o Filho* (Redol, Forja 143) *Ficam os três escutando* (145) L'étude des rapports entre ger. et a + inf. — *infelizes que gemem, e a gemer se vão despedaçando* (Camilo, Estrelas 219) *A cambalear, carril tora, vinham dois homens cantando* (Redol, Gaibéus 18) — est intéressante, mais nous mènerait trop loin ici.

der o nosso tempo (Selvagem, Telmo 40) Le pessoal s'explique ici par cette distance appréciable qui est causée par le changement de locuteur ; le nouveau personnage s'aperçoit d'ailleurs assez vite qu'il est superflu d'insister encore sur la personnalité, par conséquent la suite est à l'impeessoal.

Dans quelques-uns des exemples cités l'infinitif gérondival peut se regarder comme un attribut indirect (ou une apposition). Voici d'autres cas (avec toutes sortes de verbes) *Corresponderam todos muito risonhos, mas a chamar-lhe nomes por entre os dentes* (T. Coelho, Amores 101) *Esfaltadas, a ariar, as velhas arrastavam os pés* (Redol, Gaibéus 18) *E elas riem nervosas, a sacudi-los* (24) *Recomeçam na mesma azáfama, ora frente à seara, ora voltados à resteva, a derrubar caules com a dextra, a depor gavelas com a canha* (25) *Os estorninhos aceitam o desafio e vêm em bando, a dançar de roda, pipilar um coro* (26) *Ficam de expressões paradas, a ruminar* (32) *Sempre a mordiscar remoques, vão-se chegando uns aos outros* (ibid.) *E vieram ainda as meninas Costas e as Sousas, a rir e a gralhar* (Osório, Ambições 125) *Estavam deitados, um ao lado do outro, em silêncio, a ouvir a noite* (Castro, Lã 100). On rencontre le pessoal *Os pastores de Manteiças vinham para ali como para um presidio, sem ganas de se divertir, sempre a revezarem-se e sempre a pensar nas territas* (Castro, Lã 83, on voit qu'on n'a pas besoin d'insister). Dans *as paniculas, a balouçarem em tremuras de passeio breve, tomam formas humanas, sacudidas pelo arrepio da malária* (Redol, Gaibéus 27) il faut remarquer la proximité du substantif (voir plus bas).

L'infinitif gérondival peut être mis en relief de la même façon que le gerúndio dans *Não é mortificando-se que se resolve a nossa vida* (Esperança, Servidão 341) (comp. Sandfeld, Propositions Subordonnées § 83,5): Voici un exemple avec le pessoal *E foi a beijocarem-se — que ouviram a voz de Francisca* (Ribeiro, Arcanjo 54).

L'infinitif gérondival peut se combiner directement avec un substantif. Il y a un cas de nexus typique dans *um homem a beijar uma mulher não se parece nada com uma rua deserta* (Leone, Para além 172) On voit l'impeessoal dans *são duas mulheres a querer a mesma coisa* (Selvagem, Telmo 79) *duas meninas a brincar* (Mundo Literário 13/7 46 p. 9) *uns olhos febris eram vagalumes a lucinar na noite que os cobria* (Redol, Gaibéus 18) *braços a bambolear pela fadiga* (39) *outros homens, a cavar também* (Félix, Nunca 18), le pessoal dans *grinaldas de amor a escorrerem sangue dos espinhos* (Camilo, Amor 193) *mulheres veladas a velarem o meu berço*

(Colação, Beijo 8) *árvores, flores, sempre árvores e flores a debruarem a estrada* (Castro, Eternidade 66). On peut varier: *as pilastras decoradas de grotescos a ampararem cornijas e frontões, os capitéis coríntios do tipo florentino a rematar fustos canelados* (Revista II 113-14).

Se rapportant au régime (substantif ou pronom), *a + inf.* existe surtout dans les combinaisons avec *deixar, ver, ouvir, sentir, impress. deixando-os a choramingar* (Redol, Gaibéus 97) *viu dois professores a conversar* (Mundo Literário 24/8 46 p. 5) *Agora estar na poisada a ouvir os homens a falar em coisas da vida e os cachopos a chorar* (Redol, Gaibéus 63); *pers. Eu vi duas cabeças a espreitarem-me* (Camilo, Amor 60) *via todos a trabalharem contentes* (Paschoa, Regresso 161) *Ela julgava ver corações a desprenderem-se do bico dos seus sapatos* (Redol, Gaibéus 44) *Não estou a gostar nada de as ver assim a enrolarem-se* (46) *Ela via-lhe os olhos mordidos de ira, a quererem procurar culpas nos seus* (140) *Eu estava a ver uns petizes a brincarem num jardim* (Castro, Lã 16) *Viu os seus olhos a fulgirem* (162) *viu muitas crianças a brincarem em jardins* (392) *Sentia os olhos do fidalgo a fixarem os pés sujos, a subirem aos calções e a desfiarem o rasgão da camisa* (Redol, Marés 38-39) *Sentia-as incisivas, a esfaquearem-lhe os ouvidos* (Mundo Literário 25/1 p. 4). Les deux formes peuvent coexister *Surpreendia-o, porém, não ver por parte alguma mais operários a moverem-se, a correr a todo o minuto* (Castro, Lã 141). De même avec *ver* au «passif» *já se viam as sombras do cavalo e do cavaleiro a projectar-se na neve, a encolherem-se, a distenderem-se, a formarem uma só* (Castro, Terra 260).

Mais il y a d'autres cas de régime *+ a + inf.*, p. ex. *encontrou o velho na antecâmara a recebê-la com muito agrado* (Camilo, Amor 34) *como a surpreendesse a contemplá-lo* (Castro, Eternidade 223) *Olhou o Teles a calçar as luvas* (Osório, Ambições 148) *Julga-me a dormir* (Redol, Forja 152). La différence entre *ver alguém a fazer alguma coisa* et *encontrar alguém a fazer alguma coisa*, au point de vue «classement», c'est que *ver*, etc. peut se construire aussi avec acc. *+ inf.* seul (il y a des nuances de sens, évidemment): on peut «voir qu faire qch» et «voir qu en train de faire qch»; pour *encontrar*, etc. la dernière activité est seule possible. On voit l'impessoal dans *A gente espera, espera, a velhice chega e ainda nos encontra a esperar* (Esperança, Servidão 485) *Quero todos a trabalhar* (155) *Flávia tinha os olhos a desbordar de lágrimas* (Camilo, Enjeitada 129) *tem cerca de quatro mil bordadeiras a trabalhar para ele* (Castro, Eterni-

dade 62) *vislumbraram, parados, logo adiante, a conversar, Balteanu e Holdsworth (241) havia nove estrelas a brilhar no céu (Redol, Gaibéus 68), le pessoal dans Assim encontramos-los — a frequentarem as aulas de eloquência (Revista VI 91) trazem resíduos do rótulo francês a transparecerem através da original exposição (IV 204) quando os surpreende a vaguearem (Esperança, Servidão 384) havia lá, como todas as tardes, grupos de operários e de empregados comerciais a palrarem (Castro, Lã 386).*

L'infinitif gérondival est fréquemment employé après des substantifs régis par une préposition (comp. *com a longa franja de pestanas tremendo ligeiramente (Leone, Para além 108)*); *impress. com os bigodes a tremer de cólera (Fernanda de Castro, Maria 44) com os desgostos sempre a remoé-lo (Cabreira, Quando o sol 159) de mãos a tremer nos joelhos (Régio, Gota 29) com os castiçais a arder (142) com as muralhas recortadas e moinhos de vento a trabalhar na encosta (Brandão, Pescadores 205) com suores a cobri-los (Redol, Gaibéus 143) com lobos a uivar (Mundo Literário 15/6 46 p. 13); pess. Dissera isto Mariana com os olhos a reverem lágrimas (Camilo, Amor 89) atrás dos amos a fungarem de riso (T. Coelho, In illo 63) com alguns fios brancos a luzirem-lhe na barba preta (Júlia de Almeida, Memórias 146) com duas fundas rugas de autoridade a desenharem-se-lhe na testa (Leone, Para além 84) Em lugar de caracteres diferenciados, a desenvolverem-se normal e gradualmente, a influenciarem-se reciprocamente (Coelho 542) em versos incontáveis a ressoarem as paipitações e os tormentos do coração (Revista II 218) sem espartilhos arcádicos a conterem-lhe o impulso desabalado (Perspectiva II 68) com o avental alisado sobre a saia preta e os olhos pequeninos a quererem crescer (Simões, Pântano 42) E, de lágrimas a correrem-lhe (Mundo Literário 25/1 47 p. 5) Só se ouve o balanço das espigas a tombarem ao contacto das foices (Redol, Gaibéus 25) As moças sem dono caminham rodeadas de machos mais alheiros por fêmea, a deitarem-lhes a sua graça, a premirem-lhes os traços duros com as mãos desajeitadas (24) acolhido pelo coaxar disperso das rãs, a ensaiarem um coro (23) E o zangarreio das rãs, a chapinharem nos xabocos, a regalarem-se ao sol (26) de braços doriçados, a quererem fraquejar (Mundo Literário 25/1 47 p. 5).*

On peut noter encore les constructions absolues : *impress. os olhos a procurá-lo em toda a barca (Castro, Eternidade 94) De quando em quando o colóquio tornava-se chilreada, todas a falar a um tempo (Ribeiro, Mónica 214) Cabeça empinada, dentes à mostra, narinas a*

resfolegar, o cavalo foi andando aos poucos (Redol, Gaibéus 79), *peço, como o apertara, os olhos a verrumarem-no* (Félix, Nunca 8) *meia dúzia de coristas seminuas, os ossos a romperem a pele ulcerada pelas escrófulas* (Costa, Solar 88) *A mulher volta-se de novo à seara, lágrimas silenciosas a trilharem-lhe o rosto* (Redol, Gaibéus 27).

a + inf. peut faire partie d'un membre de comparaison *E o arroz estala nas gavelas, como fogueiras a crepitar* (Redol, Gaibéus 25). Il y a le pessoal dans *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voarem* (Castro, Terra 299) ⁽²⁹⁾.

Le tour *como a + inf.* est bien connu : *Ergue o filho nos braços, como a vê-lo bem* (Redol, Gaibéus 39) *vão mascando, como a remoer* (40); avec le pessoal *fugiam para o lado da casa, como a pedirem abrigo* (Camilo, Estrellas 104) *os bracinhos curtos, muito curtos, como a quererem desmentir todas as teorias de Darwin* (Leone, Para além 181) ⁽³⁰⁾ *como a defenderem-se das moscas* (Redol, Gaibéus 45) *como a quererem confraternizar* (118). Dans la plupart de ces exemples il y a une note très nette de finalité, comp. *para* dans *Aceso o cigarro, e como para afastar a impressão de pesadelo que os envolvia* (Leone, Para além 79) *olhá-la demoradamente nos olhos como que para descobrir, por detrás das pestanas, a imagem fugidia do Destino* (Fernanda de Castro, Maria 12). Mais c'est très courant de voir différentes significations accessoires dans les cas que nous groupons sous le terme général de «infinitif gérondival» ⁽³¹⁾. Comp. aussi *Depressa chegaram a Paris, a feri-lo impiedosamente, as palavras sem compreensão* (Perspectiva II 469) *acenavam a cabeça a confirmar* (Redol, Marés 13) *onde nuvens pardas se acastelam, a cobrir os montes* (Gaibéus 41). C'est plus fréquent pour *a + inf.* que pour le vrai gerúndio. On peut pourtant avec un peu de bonne volonté voir une toute petite différence entre ces deux exemples de *como que + gerúndio* *E como que voltando ao seu tema preferido,*

⁽²⁹⁾ Généralement impersonnel... *que dois a voar* (Caldas Aulete, s. v. *valer et voar*).

⁽³⁰⁾ Pour l'emploi de *querer* comp. *E ciciam-lhes meiguices, a quererem quebrar-lhes a rebelião daquela primeira investida* (Redol, Gaibéus 24) *as bocas resfolegam a quererem digerir o ar* (75) *acotovelavam-se agora a quererem tocar-lhe o rosto* (77).

⁽³¹⁾ On peut signaler p. ex. le sens conditionnel dans *As coisas a manterem-se assim e dentro em breve não restará da herança paterna mais do que um montão de destroços* (Cajão, Montanha 335).

Henri Massis diz-me (Trigueiros, Capital 69) *E, como que adivinhando o meu pensamento, Claude Silve continua* (101).

L'infinitif gérondival se trouve aussi dans les exclamations. *E eu a julgar que* (Duarte, Vencidos 170) (comp. *Um homem como eu, fazendo diplomacia num 3.º andar do Rossio!* (Cordeiro, Corações 22)). Nous touchons ici au problème de l'infinitif absolu ou infinitif de narration, voir pour cette question en dernier lieu M. Prado Coelho dans *Miscelânea à memória de Francisco Adolfo Coelho II* p. 133 ss. Il y a des tours semblables qui ne sont pas justement des exclamations mais qu'il est tout naturel de grouper ici, p. ex. *e ele a teimar e eu a petar, fomos andando caminho* (Ribeiro, Estrada 210). Ces constructions se rapprochent toutes du type «nominatif + inf.», et on n'est pas étonné de voir le pessoal dans *E os braços sempre a doerem!* (Coelho, Amores 172) *e tu por um triz a malhares lá dentro!* (315) *Nós a pensarmos que* (Revista IV 136 — Eça) *Tu a ires-te embora e eu a meter o Custódia em casa!* (Dantas, Severa (t.) 84) *Tu a dares-lhe e a burra a fugir* (Coelho dans *Miscelânea II* 135) *E os brancos a julgarem que* (Duarte, Vencidos 183) *E tu a gostares da brincadeira* (Redol, Marés 21) *Tu a ganhares* (Castro, Terra 51) «*E o João Ribeiro e a Júlia a dizerem que o frio ia passar!*» — *lembrou-se de novo, com raiva* (Lã 236) *está o senhor rei a ouvir versos* — *e tu a interromperes, Cabeça de Toucinho? tu a rires?* (Régio, El-rei Sebastião 46). Mais l'impeessoal est possible aussi *nós aqui a conversar* (Osório, Ambições 210) *De modo que ele a atracar ao cais, dali a uns quarenta dias, e as autoridades brasileiras a filar o arganaz* (Ribeiro, Cinco réis 253) *A minha Igreja está cheia de fiéis e vós aqui a perturbar as nossas rezas* (Lacerda, Milagre 140) *E tu, tão tolo, a ouvi-lo!* (Castro, Curva 222) *E nós a julgar que* — (Mundo Literário 9/11 46 p. 4). Leite de Vasconcelos a relevé dans la langue populaire de Baião la phrase *eles aí a fê iscárnio* (Op. II 375). Il transcrit d'ailleurs par *a fazerem*.

Le *a* de l'infinitif gérondival s'explique généralement par le sens *local*. Ce sens se retrouve dans plusieurs autres cas : *demorar (-se) a* : *demoraram-se a seguir, no tanque, as evoluções dos peixes* (Castro, Eternidade 187) *demoravam-se a discutir as notícias que eles traziam* (Lã 288) *elas demoram muito a chegar* (380); *deter-se a* : *deter-nos-emos a observar* (Revista III 86); *entreteter-se a* ; on a les deux formes dans *se se entretiverem a estudar um pouco, a lerem bons livros* (Osório, Ambições 188); *esquecer-se a* : *vitelas que se esqueciam a vadiar no caminho* (Castro, Selva 231); *quedar-se a* :

Horácio e os companheiros quedaram-se, largo tempo, a examinar aquilo em silêncio (Castro, Lã 270); *tardar a: Não tardariam os gallos a cantar* (T. Coelho, Amores 222) *tardaram a acreditar* (Castro, Lã 360) *não tardariam a tornar-se causa de novos conflitos locais* (Revista XIV 173)). Le pessoal est tout indiqué dans *não tardaria a despejarem-no na rua* (Aleixo Ribeiro, Caixa 19).

Verbes transitifs comme *passar* + régime + *a*: *Quem passou toda a vida a bater sorna* (Cortez, Lodo 6) (peut-être vaudrait-il mieux regarder cet emploi comme instrumental, comp. Sandfeld § 248). On comprend facilement le pessoal dans l'exemple suivant (où *passar* est mis au passif) *alguns doces dias de inverno italiano, passados a reverem juntos o que ambos já conheciam e admiravam* (Osório, Ambições 185). *levar... a*, impress. dans *levam dias a chegar a casa* (Brandão, Pescadores 214-15), les deux formes dans *Levaram anos a martelar-me a cabeça com essa ideia — A Madrinha, a Mãe, todos! A quererem dobrar a minha resistência* (Corrêa Leite, Raça III 7 (242)).

Après *ajudar a*: le sujet de l'infinitif est évidemment le régime de *ajudar*, c'est pourquoi il faut voir un impersonnel dans *que nos ajudam a compreender* (Revista IV 275) *ajudam-nos a compreender* (Perspectiva 127), il y a le pessoal dans *Homens a ajudar os lobos a devorarem outros homens!* (Mundo Literário 23/11 46 p. 11) *eu ajudo-te a ires para a cama* (Esperança, Servidão 455).

Des tours comme *ser o primeiro* ou *ser o último a*, *ser o único a* semblent être ordinairement suivis de l'impessoal *tu que devias ser a primeira a preveni-la contra todos os perigos* (Selvagem, Telmo 63) *Os primeiros a entrar foram pai e irmã* (Ribeiro, Arcanjo 251) *foram os primeiros a pôr-se em fuga* (Castro, Selva 132) *que seus pais haviam sido os primeiros a colonizar* (Eternidade 144) *cuja ausência somos os primeiros a lamentar* (Perspectiva 12) *eram eles os primeiros a fazer versos não convencionais* (Mundo Literário 7/9 46 p. 3) *os rapazes eram os únicos a não se enfasiar com ela* (Esperança, Servidão 9) *foram dos primeiros a sair da estação* (174) *não foste o único a ler* (182) *os pais verdadeiros deviam ser os primeiros a compreender os filhos* (Simões, Pântano 34) *E, então, seríamos dois a sofrer* (300).

Dans *Fui dos primeiros a falar desses percalços* (Esperança, Servidão 180) *Não queria afastar-se da porta, para ser dos primeiros a entrar no salão* (Mundo Literário 24/8 46 p. 6) *Foi Portugal um dos primeiros Estados a decretar a abolição da escravatura* (Revista IV

179) ce n'est qu'en réfléchissant un peu qu'on arrive à déterminer quel est le sujet de l'infinitif. Et c'est peut-être quand on réfléchit que l'on met le pessoal ao escritor que foi dos primeiros do mundo a descobrirem o sentido oculto (Trigueiros, Capital 160) foi dos primeiros escritores da Europa a criticarem duramente a opressão (189).

Il reste à parler de ao. Le pessoal est tout naturel après cette combinaison ao analisarmos estes caracteres das moradias não iremos — ? (Revista XIV 37) ao verem cair um branco, cederam terreno (Duarte, Vencidos 137-38) estes, ao entoarem a invocação de S. Marcos, voltavam-se para — (Brandão, Ilhas 138), à plus forte raison quand il y a changement de sujet Ao voltarmos para casa ofereceu-me o braço (Júlia de Almeida, Memórias 104) Ao leres estas linhas, estarei já longe (Paschoa, Regresso 189) Ao passarem junto da barraca das prendas, Liliانا viu a Fernanda (Cabreira, Quando o sol 323) Ao alcançarem a porta, de dentro rompeu segundo grupo (Castro, Lã 299). Est-ce que ao ne serait pas mieux dans a despedirem-se, Liliانا disse (Cabreira, Quando o sol 190) ?

Comp. encore já a sua atenção era fascinada pelo espectáculo dos dez homens ao abandonarem a canoa (Castro, Selva 292) Vendo a decisão dos guardas ao levarem a carabina à cara (Lã 284).

Mais on trouve l'impersonnel Exclamam ao entrar na maresia (Brandão, Pescadores 237) nem se lembraram, ao subir, que (Costa, Solar 50) Fazem o mesmo caminho ao sair da escola (Duarte, Vencidos 78) quando, logo ao acordar, interrogámos Marcelina (Luzia 42-43) Horácio e Tónio caminharam para ali e, ao assomar à abertura, viram (Castro, Lã 74) Ao terminar este nosso penoso estudo — quisemos (Perspectiva II 421).

2. além de ⁽³²⁾

On comprend très bien le pessoal dans os respectivos Prefácio e Introdução, que além de serem peças eruditas ao alcance do leitor comum, constituem um panegírico em louvor da antiga acção portuguesa no Oriente (Revista I 28) Tens mais direito do que qualquer outro. Além de seres madeirense (Castro, Eternidade 36) et la phrase infinitive dans Além de mediocrementemente lhe interessarem os seus jogos e brincadeiras (Régio, Gota 11). Que les constructions avec

(32) comp. afora + inf. Afora ser elemento principalíssimo de informação histórica, a literatura romana é bela por si mesma (Leite de Vasc., Op. I 176).

além de puissent souvent être assez indépendantes par rapport au reste de la phrase se voit en outre par le fait qu'elles se combinent aussi avec ce que nous appelons «infinitifs prétérits affranchis» (qui ne marquent pas l'antériorité par rapport au verbe principal): *além de ter acrescentado alguns raciocínios... à minha Teoria da República Aristocrática», tenho deliberado teorias várias sobre a guerra presente* (Pessoa, Cartas 23), comp. danois *Foruden at have skrevet eventyr har H. C. Andersen ogsaa skrevet romaner*. On voit justement un infinitif prétérit affranchi à la forme personnelle dans *além de sempre terem julgado o Teles muito superior ao Rodrigues... tinham dado uma sorte de mil demónios* (F. Coelho, Amores 117).

On comprend également l'impessoal dans *outro valor, além de dar passagem ao intruso, parecia não terem as janelas descerradas* (Castro, Eternidade 119). Ici l'infinitif semble plus lié à *valor* («celui de») pris en soi.

(*Continua no próximo fascículo*).

H. STEN

Miscelânea

Cotovelo

Meyer-Lübke indica, no seu Dicionário, art. 2.353.^o, o árabe *qobtal*, tirado do lat. CUBITĀLIS 'que tem o comprimento de um côvado', como sendo o étimo de *cotovelo*, remetendo para um estudo que publicou na *Zeitschr. f. roman. Philol.*, vol. 46, p. 189. Independentemente deste erudito, J. Corominas teve, há pouco, a mesma ideia (cf. *Bol. de Fil.*, vol. X, pp. 334-336), que defendeu com argutos argumentos, dos quais transcrevemos os seguintes :

«Em boa verdade, a origem de *cotovelo* é muito mais clara : trata-se de uma forma moçárabe proveniente do Sul de Portugal. O cordovês Aben Cuzman (séc. XII) deu ao cotovelo o nome de *qub'âl* ; em autores posteriores da mesma filiação podemos ver como em virtude do conhecido fenómeno da imela se foi fechando progressivamente o *â* deste vocábulo. Assim, R. Marti (séc. XIII) usa *cub'al* e *qub'all* (que se deve entender por *qub'tél*), o africano Abenathaxá (séc. XIII) emprega *qub'il* (isto é *qub'él*) e o granadino P. de Alcalá (1505) usa *cubtill* [...] e ainda hoje se continua a empregar *qebtâl* ou *qobtâl*. com o mesmo valor, no árabe de Marrocos [...] de Argel [...] e do Egipto. O significado originário da palavra *qubtâl* aparece documentado numa escritura árabe de Toledo de 1184, onde representa um nome de medida, e com este significado ou com o sentido derivado de «régua ou nível (de um côvado de comprimento)», encontra-se a mesma forma e suas variantes em diversas outras fontes moçárabes [...]. Ora, assim como era comum o nome da parte do corpo servir de base à denominação da medida linear que vai do cotovelo à extremidade da mão, também era natural que o nome desta se transmitisse àquela, e, com efeito, ocorreu isso mesmo no centro da Sardenha, onde *ku(b)itâle* e *kuitâle* designam hoje o cotovelo... Não se pode duvidar que está ali a palavra CUBITALIS, que em latim clássico só se encontra como adjectivo aplicado ao que tem um côvado de comprido.»

Em face deste raciocínio de J. Corominas, que traz ainda outros elementos para firmar o que julga ser a etimologia de *cotovelo*, cabe perguntar se teremos de nos resignar a pôr de parte a etimologia tradicional, *CUBĪTELLUS, ligada a nomes ilustres como Diez, A. Coelho, Schuchardt e Cornu. Tenho as minhas dúvidas a este respeito, pois nem tudo o que Corominas aponta tem a mesma força de convicção.

Vejamos quais os reparos que esta explicação lhe mereceu. Primeiro, não simpatiza com a construção *CUBĪT-ELLU, por se tratar, na sua opinião, de um derivado ignorado dos outros idiomas românicos, que só conhecem CUBĪTUS. Segundo, parece-lhe suspeita uma derivação diminutivo-afectiva referida a uma parte do corpo que julga menos indicada para provocar uma associação de ideias deste género. Terceiro, admite que *CUBĪTELLU poderia, com rigor, ter conduzido a *codovelo, mas mal a *cotovelo*, com *t*.

Lembraremos, antes de mais nada, que Adolfo Coelho chegou a dar uma explicação muito plausível desta anomalia fonética, admitindo uma interferência por parte de *coto* (< pré-lat. *COTTUS; cf. Menéndez Pidal, *Orígenes*¹, p. 405 s.), interferência tanto mais admissível quanto é certo que *cotovelo* e *coto* estão semânticamente muito vizinhos um do outro, a ponto de (segundo o próprio Corominas nos informa) se empregar esporadicamente, na Galiza, este por aquele. Quer mesmo parecer-me que raras vezes um cruzamento de palavras se nos apresenta com tanta naturalidade e espontaneidade como no nosso caso.

No que toca à primeira das dúvidas do Autor, sabido é que uma derivação em *-elo* ou com outro sufixo diminutivo não implica forçosamente uma noção afectiva, e, podendo formar-se em latim um GEN-ŪCULUM, não se vê porque não seria possível um *CUBIT-ELLUM. O próprio castelhano criou uma formação deste tipo com *codillo* (> port. *codilho*) 'saliência na articulação superior da mão do cavalo', e em galego temos *queixelo* como equivalente de *queixo*. O sufixo *-elo* volta a aparecer no port. *tornozelo*, que não deixa de ter certa afinidade semântica com *cotovelo*. Quanto à afirmação de que o *cotovelo* «nada apresenta, na forma ou nas funções, que desperte a imaginação», quer parecer-me que é desmentida pelas locuções populares *falar pelos cotovelos* 'falar muito' e *dar com o cotovelo na cerca* 'morrer', assim como pela conhecida expressão *dor de cotovelo* 'ciú-

mes', onde, nas suas origens, esta palavra não passa, segundo já reconheceu Oscar de Pratt ⁽¹⁾, de um eufemismo do cruíssimo *corneo*.

Finalmente, o facto de ser o português o único idioma românico que usa uma derivação em *-ellu*, quando as línguas irmãs se conservaram fiéis ao vocábulo simples, não constituiria, mesmo que esta asserção se revelasse exacta, argumento de peso excessivo, pois sabemos que, no capítulo da formação das palavras, os diferentes idiomas seguem caminhos bastante individuais e por vezes caprichosos. Lá estão, para o documentar, os já citados port. *tornozelo* e gal. *queixelo* (= leon. *queixelia*, alav. *cajilla*), que, se não nos equivocamos, não têm equivalência nas outras línguas românicas. Sucede, porém, que existem na realidade, nos dialectos da França oriental, testemunhos inconfundíveis de derivados em *-ELLU* na base de *CŪBITUS*, que se podem ver no Dicionário de von Wartburg, vol. II, 2.^a parte, pág. 1447, § c.

É certo que, segundo nos diz Corominas, *côvedo/côvodo* constitui o tipo literário mais antigamente abonado. A avaliar pelas citações da última (10.^a) edição do Dicionário de Moraes, parece que foi só no séc. XVI que o uso de *cotovelo* se tornou geral, o que na minha opinião se poderia interpretar como triunfo de um termo popular sobre outro, arcaico-literário. Em todo o caso, a sua ausência em textos medievais não pode ser alegada como prova da sua inexistência na fase mais antiga da língua. Quantas vezes um vocábulo leva uma vida obscura multissecular antes de surgir, quase tímidamente, pela primeira vez num texto escrito! O que, aliás, não exclui que, em seguida, se instale sólidamente na língua comum escrita e falada, depois de expulsar o termo concorrente que até então o abafara.

Preferiríamos, pois, crer que, na linguagem regional, *côvedo/côvodo* e *cotovelo* coexistiram desde sempre e como sinónimos um ao lado do outro, e que foi o emprego secundário do primeiro destes termos, referido a uma medida, que deu azo ao segundo de vingar. Quando vemos que o tipo em *-ELLU* ocorre no galego (*cotovelo*),

(1) Ver *Locuções perifrásticas*, in *Revista do Minho*, XXI (1914), p. 142 s., com referências à *dor de cotovelo* no cancionero popular.— Cf. também a locução inter-românica: fr. *lever le coude*, ital. *aizare il gomito*, esp. *empinar el codo*, cat. *aixecar el colze* = 'embebedar-se', que, segundo M. L. Wagner, *VKR*, VI, 20, deve ter uma fonte latina.

leonês (*cutubillo*) e asturiano (*cotcmeiros*)⁽²⁾, embora com a acepção de 'nó dos dedos', 'saliência dos ossos' ou 'curva, ângulo', custa acreditar que um moçarabismo do sul da Península tenha tido tal poder de irradiação que lhe permitisse arrear-se em regiões tão arcaizantes e que com tanta tenacidade se mantiveram fiéis ao léxico primitivo, e principalmente no âmbito vocabular a que pertence *coto-velo*. Se, em galego, *cóbado* for de facto, segundo diz o Autor, o termo comum para designar o *codo*, e *cotovelo* termo muito raro (o Dicionário de Carré dá as duas formas sem comentário que permita reconhecer a repartição geográfica dos dois sinónimos)^(3a), isto provaria apenas que a Galiza se apegou, como em tantos outros casos, a um termo antigo, substituído, no léxico português, mais progressivo e inovador, por outro, que até certo período levava uma vida latente.

Se não estou em erro, existem ainda duas outras interrogações que fazem duvidar da etimologia *qob!ál*. A primeira reside no facto de esta forma ser atestada como pertencente ao moçárabe do sul da Espanha (Córdova e Granada). Ora, existem sérios indícios de que a moçarabia do sul de Portugal nunca chegou a desempenhar um papel linguístico comparável ao que teve na Andaluzia, pela simples razão de ter sido, por motivos de ordem histórico-cronológica (a Espanha árabe chegava ainda às portas de Barcelona quando havia muito que Lisboa estava firmemente nas mãos dos portugueses), muito mais rápida e completamente assimilada do que em Espanha, encontrando-se os seus vestígios linguísticos principalmente na toponímia de Além-Tejo. Não seria mais natural que fosse o castelhano a admitir no seu léxico a referida forma árabe do lat. *CŪBĪTALE* (no entanto, tem *codo*), e não o português? Podem invocar-se ainda

(2) *Cotornelo* é também apontado por Carré como termo galego que quer dizer 'montoncito de tierra en un camino; bulto; lobanillo'. A propósito destas duas últimas acepções, cf. o gal. *cotelo* 'juanete'.

(3a) O dicionário de Valladares Nuñez traz: «*cotobelo* 'bulto, ó juntura de huesos, como dedos'; *cotobelos* (*de sete*) 'variedad de peras llamadas así'; *cotomelo* 'montoncito, ó elevación de tierra en un camino'; por extension 'qualquiera pequena colina, prominencia, etc.'. Asi es que, de una persona que tiene bultos en la cabeza, ó cara, decimos: *está chea de cotomeiros*; 'cada nudillo de los dedos'. Nesta última acepção, a palavra é sinónima de *cotelo* e *coteno*. — O Dicionário da Academia Galega não chegou, infelizmente, à palavra que aqui interessa.

dois senões de ordem morfológico-fonética. Admitindo mesmo que os portugueses, cansados do seu tradicional *côveo*, ou procurando fugir à dupla significação que este termo envolvia, o substituísem por uma forma *qub'tál* que ouviriam na boca dos moçárabes com que conviviam, por que razão substituiriam eles a terminação *-al*, sufixo que possuíam com a mesma função no seu próprio idioma, por *-elo*? Poderá objectar-se que eles ouviriam a palavra pronunciada *qub'tel*, ou seja com a «imela» ⁽³⁾ (deve ser este o valor do *i* de *qub'til*, empregado por Pedro de Alcalá), mas neste caso vemo-nos colocados diante de uma dificuldade ainda maior, que é a de justificar o *-o* final de *cotovelo*, quando sabemos que uma das características mais tangíveis da toponímia moçárabe de Portugal (assim como de certo número de nomes comuns) reside precisamente em privar formas de origem latina em *-elo* da sua vogal final; cf. a este respeito Menéndez Pidal, *Orígenes*³, p. 180, que cita exemplos como *Souzel/Souselo*, *Mourel/Mourello*, *Portel/Portello*, *Alfornel/Fornello*, às quais poderia ter acrescentado *Ervidel/Ervedello* (deriv. de ARBŪTUS 'medronheiro') e *Aijustrel* (OLEASTR-ELLU). Ora, se a tendência normal do moçárabe lusitano consistia em fazer emudecer o *o* final de *-elo*, será crível que acrescentasse esta vogal a uma palavra que na língua de origem não a tinha?

Devo ainda frisar que a suposição de V. García de Diego, de que *cotovelo* representa um cruzamento entre CŪBITUS e TUBELLUM (cf. esp. *tobillo*) 'pequena saliência', 'tornozelo', embora não a partilhemos, não merecia tão severa crítica de Corominas, pois trata-se em ambos os casos de articulações caracterizadas por uma saliência exterior e com funções análogas. Pode ser que também o port. *tornozelo* constitua o produto de um cruzamento parecido, ou seja de TORNUS e *NODĪC-ELLUS, pois os derivados de NŌDUS (*NOD-ŪLUS, -ELLUS, -ĪCULUS) estão frequentemente na base das denominações românicas do tornozelo; cf. os artigos respectivos do REW. É, sem dúvida, muito graciosa a censura que Grammont fez a propósito da explicação do catal. *colze* 'cotovelo' como procedendo de CŪBITUS mais POLLĪCE 'polgar': «mettre ainsi le pouce dans le coude c'est

(3) Note-se, porém, que os falares vulgares do Norte de África empregam a palavra na forma com *a*.

adopter une voie qui conduit tout droit à se mettre le doigt dans l'oeil», mas será procedente? Sempre se poderia responder que *colze* e *polze*, além de partes do corpo, designam ambos uma medida de comprimento, o que não deixaria de tornar admissível a sua mútua associação e interpenetração. Assim o entende o FEW (II, 2, p. 1450b, artigo de Hering), com referência a Spitzer e Kuen, bem como ao facto de certas formas dialectais valãs de CUBITUS evocarem, na sua evolução, a de PULLICE.

São estas as dúvidas que me permito formular a respeito da etimologia *cotovelo* < *qobʿal*, e que submeto à crítica do ilustre linguista catalão, para ele próprio julgar até que ponto são justificadas.

Coimbra.

JOSEPH M. PIEL

Penaguião - gal. Goyán, Goyáns, Goyás, etc.

Mestre Leite de Vasconcelos já se ocupou em 1884 de (*Santa Marta de*) *Penaguião*, nome dum concelho do distrito de Vila Real; cf. Opúsculos, III, 233. Pensara então que esta forma estaria por *pena de aguião*, ou seja uma penha⁽¹⁾ que teria sido denominada segundo o vento *aguião*, o lat. AQUILO, -ONE(M). Mais tarde, porém, vieram-lhe justificadas dúvidas, pois, no referido passo dos Opúsculos, acrescenta: «... todavia esta explicação não é tão simples como parece, pois no séc. XIII dizia-se *Pena Goiam*, *Penagoiam* e *Penaguiam* (vid. Inquisitiones, pp. 63 e 201, e notas), e nesta época não podia -am corresponder a -onem».

Aquelas formas medievais desmentem, com efeito, a etimologia AQUILONE(M), suspeita também por motivos internos, pois mal se concebe que um lugar alto, aberto aos quatro quadrantes, possa tirar

(¹) Lembrarei que *pena* vem a ser a forma autóctone portuguesa de *penha*, castelhanismo que, por motivos que ignoro, conseguiu suplantá-la, na língua comum, a forma tradicional. Sobre a origem e representação toponímica de *pena/penha*, ver *Rev. Port. de Filologia* I, p. 168.

o seu chamadoiro de um único dos ventos a que está exposto. Leite de Vasconcelos não chegou, que eu saiba, a propor outra explicação, mais satisfatória. No entanto, quer parecer-me que o problema é susceptível de solução, pois, sendo *Goiam* a variante manifestamente mais antiga, o nome ter a mesma origem que o actual topónimo galego *Goyán*, que ocorre duas vezes na prov. de Lugo. O facto de existirem, a par desta forma, as de *Goyanes*, *Goyáns* e *Goyás* ⁽²⁾, permite-nos entroncar toda esta série onomástica num nome de possessor de tipo visigodo, em -a, genit. -anis (que dá em galego, consoante as regiões, -anes, -ans ou -ás), acus. -anem (gal. -án, port. ant. -am, mod. -ão). Não faltam, aliás, exemplos modernos do nominativo respectivo, o qual reconheço em *Goya*, nome de duas terras da prov. de Lugo, de onde o célebre autor dos *Caprichos* tirou possivelmente o apelido.

Estabelecida assim a categoria toponímica a que (*Pena*)*guiam* deve pertencer, vejamos qual será concretamente o nome pessoal que lhe deu origem. Pensei a princípio que se trataria possivelmente de *Gaudila*, nome atestado em 994 (Dipl. et Chart., p. 104 e 204; cf. o patronímico respectivo, *Gaudilizi*, a. 1032) ⁽³⁾. O facto, porém, de já em 984 estar documentado o nome de homem *Goiam* (Dipl. et Chart., 89; cf. também Inquis. 153), torna pouco provável, senão gratuita, esta hipótese, visto que mal se pode admitir que, no séc. X, *Gaudila* possa já ter alcançado o grau de evolução que caracteriza aquela forma.

Por isto, preferiria identificar *Goiam* com o caso obliquo de um nome mono-temático *Goia*, extraído do gót. *gauja* 'habitante de um *gaw*', ou seja de uma comarca. Ambas estas formas são abonadas

(2) *Goyanes* (com grafia castelhanizante?) e *Goyans* são nomes de terras da prov. da Corunha, ocorrendo o primeiro duas vezes. *Goyás* (com assimilação do *n* ao *s*) é também nome de dois lugares, situados, um na prov. da Corunha, o outro na de Ourense.

(3) *Gaudila* vem a ser, na minha opinião, uma formação híbrida onde o sufixo godo -ila desempenha a função de -inus em *Gaudinus*, a. 992, antropónimo tirado sem dúvida do tema de GAUDĒRE, e que se integra na família de *Gaud-ius*, *Gaudiosos* e *Gaudentius*, cujos vestígios na toponímia hodierna estudei em *Nomes de possesores*, sep. de *Biblos*, vol. XXIII, pp. 75-76. Seriam igualmente híbridos **Gaudimirus* e **Gaudesindus* (cf. *ibid.*, p. 77). No entanto, deve encerrar-se também a hipótese de algum tema onomástico visigodo, possivelmente *wald-*, de *waldan* «reger, governar», se ter fundido e confundido com o do lat. GAUDĒRE.

na tradução ulfilana da Bíblia, correspondendo *gawi* ao grego γῶμα 'terra' ou a πηχ/μαχ 'vizinhança, região'. Este elemento entra em larga escala no onomástico germânico; cf. Förstemann, *Altdeutsches Namenbuch*, *Personennamen*, col. 621-625. Temo-lo, p. ex., em *Vidigoia*, nome de um antigo herói godo a que se referem vários autores da época da decadência ⁽⁴⁾. A forma *Goius*, que lemos numa inquirição de 1258 (pág. 312), não passaria de uma latinização deste *Goia*, cujo genit. **Goianis* explicaria, por sua vez, o topónimo antigo *Goiaos* (1220; leia-se *Goiães*), que Sachs «Die german. Namen in Spanien u. Portugal», p. 64) registou indevidamente sob a rubrica *guth* 'deus'.

Seja como for, não pode haver dúvida de que *Penaguião* está, elipticamente, por *Pena de Goiam*, e que este último elemento representa um antropónimo masculino godo em -a, na forma do acusativo em -ane(m). Seria comparável, como tipo de formação, a *Penedono* < *Pena de dono* (a. 960; sobre *Domnus* < DOMINUS, ver o meu estudo, acima citado, p. 62), ou a *Penabad* < *Pena de Abad* ⁽⁵⁾ na Galiza.

Coimbra.

JOSEPH M. PIEL

⁽⁴⁾ Ver Schönfeld, *Wörterbuch der altgerm. Personen- und Völkernamen*, p. 263.

⁽⁵⁾ Existem nomes análogos que, no entanto, reflectem o antropónimo na forma do genitivo latino, quer dizer formados sem a ajuda da preposição *de*, como *Penegate* (conc. de Paredes de Coura) < *Pena Gati*, a. 1258, ou, na Galiza, *Penagundín* < *pena* **Gundini*.

Un nouveau toponyme latin du défrichement, en Roumanie (*)

La toponymie roumaine, malgré son ancien fonds thrace et la couche slave relativement récente, revêt un aspect manifestement latin, surtout dans la région plus conservatrice des Carpates et, par conséquent, dans le lexique du défrichement.

Un toponyme qui pose depuis longtemps un curieux problème aux philologues, est *Secătura* (avec ses variantes : *Secăturile*, *Secarul*, *Secul*, *Seaca*), très fréquent en Roumanie. En effet, il a toujours été considéré un déverbatif de roum. *secare* «sécher» < **SICCARE**, et cela à l'encontre des réalités locales, puisqu'il s'agissait constamment non pas d'endroits asséchés et privés d'eau, mais, bien au contraire, de régions presque toujours arrosées par des cours d'eau, et toujours boisées.

L'apparente contradiction entre la philologie et la toponymie disparaît et le problème se résout parfaitement si, au lieu de partir de **SICCARE** «sécher», l'on part, comme nous le proposons, de **SECARE** «couper», dont *Secătura* est un déverbal normal en roumain (cf. le toponyme *Curătuiă* < **CURARE** «nettoyer»), et dont nous trouvons encore trace dans l'expression populaire *a seca la inimă* «fendre (couper) le cœur», synonyme de *a tăia la inimă* (Nic. Gane), ou encore de *a despica* (aroum. *disica*) *inima* «fendre le cœur» et de *a slăjiu inima* «déchirer le cœur» — toutes des expressions qui ne s'expliqueraient point par l'homographe *secare* < **SICCARE** «sécher». L'expression roumaine se retrouve du reste en portugais : *desgraças que*

(*) Résumé de la communication présentée au IV^e Congrès International des Sciences Onomastiques (Upsal, 18-21 Août 1952).

cortam o coração «des malheurs qui fendent le cœur» (Cândido de Figueiredo, s. v. *cortar* «couper»); cf. aussi, encore en portugais, *uma dor cortante* «une douleur lancinante», littér. «qui coupe». Et ce sens figuré de SECARE est bien connu en latin: *Si quem... podagra secat...* «si quelqu'un est tourmenté par la goutte...» (Catulle 71,2).

De plus, l'étymon latin SECARE est représenté en roumain par le dérivé *secure* «hache» < SECURIS; cf. aussi *secere* «faucille» < SICILIS, influencé probablement par SECARE. A cela, on pourra ajouter roum. *secuire* «couper un arbre», vocable régional recueilli par nous dans une poésie populaire d'Olténie.

Le toponyme *Secătura* < SECARE vient s'insérer ainsi dans la série *Curătura* < CURARE «terrain défriché servant de pâturage», *Runc* < RUNCARE «partie d'une forêt dont les arbres ont été arrachés ou brûlés et qui est transformée en pâturage» (cf. roum. *aruncare* «jeter», littér. «arracher pour jeter»); *Arsura* < ARDERE «région de forêt endommagée ou détruite par le feu»; etc.

Le sémantisme est clair: pour défricher un terrain boisé et le transformer en pâturage ou en terrain agricole, la forêt était «coupée» (= *Secătura*), ensuite «arrachée» (= *Runcul*) ou le plus souvent «brûlée» (= *Arsura*); évolution qui explique aussi pourquoi le verbe par nous identifié *secare* < SECARE a dans l'expression roumaine précitée non seulement le sens étymologique de «couper», mais parfois aussi celui de «brûler», vu que *a seca la inimă* se rencontre quelques fois dans la littérature populaire sous la variante *a arde la inimă* (où il ne faudra plus voir une impossible variante sémantique de *secare* «sécher», et encore moins de son synonyme *uscare* < EX-SUCARE «sécher».

Une autre preuve nous est fournie par l'italien, qui connaît lui aussi le terme *segatura* (A. I. S., III 554) de *segare* (ibid., III 555; cf. R. E. W., 7764), à côté du nom *seccatura* «vaurien» < SICCARE, ce dernier vocable existant aussi en roumain comme parfait synonyme et homophone: *secătura*.

Pour conclure: loin d'avoir été éliminé en roumain par son homonyme *secare* < SICCARE (comme l'affirmait en 1940 S. Pușcariu, *Limba Română*, p. 202), le verbe *secare* < SECARE est bien attesté par des expressions populaires très vivantes, et se trouve corroboré sans conteste par la toponymie roumaine.

Laquelle, de ce fait, voit un de ses problèmes se clarifier, tout en nous permettant d'enrichir désormais le fonds latin du roumain d'un verbe fondamental, «bien représenté dans les langues romanes, ... notamment dans la langue de l'agriculture» (Ernout-Meillet, s. v. seco).

Lisbonne.

VICTOR BUESCU

O «livro do desprezo do mundo», de Isaac de Nínive, em medievo-português

Isaac de Nínive (séc. VII), anacoreta e monge nestoriano da costa ocidental do golfo persa, morreu muito velhinho e cego, no mosteiro de Rabban Schabor. Tinha sido bispo de Nínive, embora durante pouco tempo. Por isso, chamaram-lhe Isaac de Nínive. No entanto, as suas obras correram, frequentemente, sob o signo um tanto vago de Isaac Sírio. E assim, andou o seu nome confundido com outros Isaacs, também escritores e originários das mesmas regiões.

Isaac de Nínive escreveu algumas obras em siríaco. Verteram-nas, mais tarde, para árabe, grego e latim — e daqui para as línguas modernas do mundo ocidental. Desta forma, chegou até nós o *Liber de contemptu mundi* (Livro do desprezo do mundo) — nome que não devemos confundir com os de outras obras homónimas: o *De contemptu mundi*, de Henrique de Huntingdon (séc. XII) e outro livro de igual título, pelo monge Bernardo de Morlais, também dos meados do séc. XII. E não falamos da *Imitação de Cristo* que, em Portugal e alhures, era também chamada *Contemptus mundi*, acontecendo o mesmo ao *Secretum*, de Petrarca.

Esta confusão cresce, ainda mais, ao vermos que o *Livro do desprezo do mundo* corria, em latim e vernáculo, com nomes diversos: *De vita solitaria*, no cód. alc. CCLXI/387 ⁽¹⁾, *Livro de Isaac*,

(1) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXI/387, fl. 115 v.

na versão portuguesa de quatrocentos ⁽²⁾, *De religione*, na tradução castelhana. A impressão desta última foi levada a cabo no ano de 1489, em S. Cucufate de Vallés (Sant Cugat de Vallés) e o tradutor, Frei Bernal Boyl, *indigno sacerdote heremitanyo de las montanyas de nuestra señora de Monserrate*, dedicou-a ao arcepreste mossen Pedro Çapata. Basta-nos ler as primeiras linhas deste incunábulo para logo identificarmos, nelas, o começo do *Liber de contemptu mundi*: «Ell alma que a dios ama, en dios solamente siente reposo. Empieça primero tu a desatar e apartar», etc. ⁽³⁾.

O *Livro do desprezo do mundo* distribui-se por cinquenta e três capítulos, na edição Migne ⁽⁴⁾, quarenta e três, no códice latino de Alcobaça ⁽⁵⁾, e quarenta e oito, na versão portuguesa ⁽⁶⁾. A bem dizer, não temos diante de nós um tratado único, mas, sim, uma colecção de vinte e cinco exortações e instruções espirituais, precariamente distribuídas por capítulos mais ou menos arbitrários. De contextura mais bem travada e em estilo claramente expositivo, temos, sobretudo, dois capítulos em forma de diálogo ⁽⁷⁾.

Neste livro de ascese, com páginas de mística pura, devia ser difícil enxergar, prontamente, qualquer das infiltrações nestorianas de que enfermou o seu autor. E a prova está em que esta obra percorreu mais dum milénio e atravessou gerações de teólogos, sem se descobrir, nela, a cauda serpentina da heterodoxia. Para isso, tivemos de esperar pelo séc. XIX e talvez não perdêssemos muito com tardança tão longa ⁽⁸⁾. De facto, ao lermos estas páginas, dificilmente encontramos, nelas, qualquer sombra de nestorianismo, se é que lá existe. As fundas subtilidades da cristologia pouca entrada têm

⁽²⁾ Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX, fl. 101 (numeração antiga, nem sempre certa, pois repete a numeração das fls. 61 a 70). De modo que, a certa altura, temos de acrescentar dez unidades, para termos o número exacto das folhas. Este cód. alc. CCLXX tem, agora, a seguinte cota: ms. da Livraria n.º 771.

⁽³⁾ Em latim, Migne, PG, t. 86, col. 811: «Anima quae Deum diligit, in solo Deo haeret. Anticipa solvere omnem colligationem», etc.

⁽⁴⁾ Migne, PG, t. 86, cols. 811-886.

⁽⁵⁾ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXI/387, fls. 95 v. — 115 v.

⁽⁶⁾ Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX, fls. 14-101 (sempre numeração antiga).

⁽⁷⁾ Migne, PG, t. 86, caps. 18 e 19.

⁽⁸⁾ Acerca da heterodoxia de Isaac de Nínive, cf. J. B. CHABOT, *Mélanges d'archéologie et d'histoire de l'école française de Rome*, 16 (1896) 277-278.

no *Livro do desprezo do mundo*, e isto salvou-o, em geral, dos caminhos errados do nestorianismo, pelo menos para quem o lê despreocupadamente e desconhece a filiação doutrinal do velho Isaac de Ninive.

O *Liber de contemptu mundi*, em português, vem no cód. alc. CCLXX⁽⁹⁾, a partir do final do terceiro capítulo⁽¹⁰⁾ da versão, até ao quarenta e oito. Este último finda com uma frase do capítulo cinquenta e três da edição da PG: *Non tomes nen recebas cousa en presenza de teu prouximo, sem vergonha*⁽¹¹⁾.

Isaac de Ninive escrevia, frequentemente, num estilo breve e sentencioso, comum a muitos ascetas antigos. Às vezes, dá-se uma certa desagregação nas suas páginas, como rosários de conselhos e máximas religiosas pouco unidas entre si.

Porém, não faltam capítulos bem estruturados e em estilo didático, com pontos doutrinários bem expostos e desenvolvidos. Assim acontece no cap. XIV: *Da orden e firmeza e deferença da vida e converssaçom dos monjes, e como hũas virtudes nacen das outras*. É um pequenino compêndio da vida mística, pelo estilo que segue:

«Da obra que he fecta con grande força nace queentura sen mesura que se geera dentro en no coraçom, por novas cuydações, e que novamente veen no pensamento. Esta obra aguça e esforça o penssamento en seu fervor e lhe da vison, a qual vison gêera ferventes cuydações en na profundeza da alma, que he chamada contenplaçom. Esta contenplaçom geera grande fervor, que se faz por a graça da contenplaçom e della ven e nace (*sic*) lagrimas, e en no começo ha homen poucas, e veen ameude, e depoyz minguan. E depoyz desto veen a el lagrimas que non minguan e [a] alma recebe cuydaçõens de paz, e das cuydaçõens de paz ha alcançado linpeza, e por linpeza da mente encalça graça de veer as cousas secretarias de Deus, por que a linpeza he ascondida e firmada en paz que ven dos trabalhos e tentações. Depoyz desto a mente he chegada a veer sygnaas e revelações, assy como vio o propheta Ezechiel, que se demonstram per tres ordeens por as quaaes se achega a alma a Deus. O primeiro he boom desejo, e

(9) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX (ms. da Livraria, n.º 771). Em o letra cursiva dos fins do séc. XV.

(10) Pelo menos na ed. Migne, o latim correspondente encontra-se no cap. 2.º. ANSELMO (*Os códices alcobacenses da biblioteca nacional*, p. 78) diz-nos que tais palavras pertencem ao capítulo 3.º do *Liber de contemptu mundi*. Talvez tivesse manuseado outra edição, diversamente dividida em capítulos.

(11) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX, fl. 98 v. Em latim: *Ne extendas manum tuam ut accipias a conspectu ita coram aliquo, quid proximi tui inverecunde*. PG, t. 86, col. 883.

boom proposito dante Deus. O segundo he obras diverssas de apartado e solitario, que vêen de muyta abstinencia, e de alongamento das cousas seculares. E posto que non seja muyto necessario poerllas singularmente, por que som a todos manifestas, pero por que a esposiçom dellas seera provecçosa aos que as com fervor e boom desejo quiseren conprir, non quero seer priguçoso em as poer, e declarar. E som estas: fame, liçom, vigilia de nocte, e segundo o poder e força de cada huum, fazendo muytas genoas, ficando seus geolhos en terra muytas vezes de dia e de nocte, ao menos XXX genoas en cada hũa vez, e adorando a cruz do nosso senhor» (12).

Estas genuflexões ou *genoas*, tão multiplicadas, lembram a devoção dos monges irlandeses, sobretudo de S. Patricio — *cum centenis oraculis flectenisque assiduis* (13). E pensamos que não foi nenhum anjo que ensinou tal prática ao patrono da Irlanda nem os habitantes daquela ilha se deixaram levar pelo gosto da singularidade, como afirma H. Leclercq (14). Quem recordar a influência do monacato oriental no do Ocidente, pouco estranhará a universalidade de tal devoção, tão querida de Isaac de Nínive e doutros muitos anacoretas.

Gostamos do tom paternal destas páginas, a lembrar os conselhos espirituais dum velho director de almas, austero e amigo, com uma vida carregada de experiência:

«Se quiseres dar a tua alma aa obra da oraçom, que purga e alimpa o pensamento, e a perseverança nas vigílias da nocte, fuge do mundo e alonga te e parte te del, e quita e parte de ty grandes falamentos, e non ajas nen queiras aver em custume receber teus amigos em tua cella, nen aynda so semelhança de bem, se nom tam solamente aquelles que som a ty semelhantes em seus costumes e em seus desejos e que som contigo dhũa meesma companhia. E teme a turbaçom da alma que sse soõe de mover em no penssamento, pello muyto falamento. E depouys que ouveres tirado de ty o falamento de fora, ajunta aa tua oraçom misericordia» (15).

A mão anónima que verteu, para a nossa língua, o *Liter de contemptu mundi*, ainda salvou o vigor do estilo original, que conseguiu romper através de três línguas (síriaco, grego e latim) para findar em *romance* português de quatrocentos. Só temos pena de não conhecer o manuscrito, em latim, de que o tradutor lançou mão. Não foi,

(12) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX (ms. da Livraria, n.º 771), fls. 49 v. — 50.

(13) H. LECLERCQ, em *Génuflexions* (*Dict. d'arch. chrétienne*).

(14) *Ibidem*.

(15) Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX (ms. da Livraria, n.º 771) fls. 16 v. — 17.

decerto, nenhum dos que estão na base da edição Migne. Se algum apógrafo latino se aproxima da tradução em português, esse é o do códice alcobacense acima nomeado ⁽¹⁶⁾ — embora nem sempre os capítulos caminhem paralelamente.

Como atrás insinuámos, a tradução mutilada do códice alc. CCLXX principia abruptamente: «deste mundo acalçam humildade, vãagloria he obra de soberva e meestra de fornicaçom. A humildade pello seguimento continuado acalça contemplaçom», etc. ⁽¹⁷⁾.

Vamos colocar, lado a lado, algumas linhas dialogadas do latim e da versão em *linguagem*:

«*Quæst.* Quo vinculo tenetur cor, ne discurrat ad mala? *Resp.* Sapientiam sequi semper, et doctrinae in vita studere. Aliud enim vinculum effrenationi mentis fortius non resistit. *Q.* Usquequo est terminus itineris sapientiam insequentis, et in quo finitur doctrina ejus? *R.* Ita est impossibile invenire terminum istum, quod etiam sancti quoad perfectionem ejus patiuntur defectum, contermini etiam sapientiae; quia usque adeo sublimatur, donec insecutorem suum uniat Deo, et hoc est signum quod ejus consideratio est sine fine» ⁽¹⁸⁾.

«*Pregunta:* En qual guysa pode o homem teer o coração que nom pense nen cuyde maas cousa? *Resposta:* Seguy en todo tempo sabedoria e todo o dia estuda en na douctrina da vida, por que nenhum atamento non pode seer mays forte que este, esto he teer e refrear o pensamento. *Pregunta:* Ataa quando dura o trabalho daquelle que busca e quer aver sabedoria, e quando ha fin a ssua douctrina? *Resposta:* Esto he cousa impossivyl, nenhum alcançar o termo da ssabedoria en esta vida, por que os sanctos que en perffeçom som postos aynda ham myngua della, e averam en quanto en esta vida presente viverem, por que a via e o camynho da sabedoria non avera fin, ataa que o seu seguydor seja junctado com Deus, e esto he por que o desejo e o pensamento da sabedoria he sen fin e este lhe o sseu synal» ⁽¹⁹⁾.

Mas, Isaac de Ninive dialoga bem pouco, no *Livro do desprezo do mundo*. O mais vem ao modo de pequenas exortações ou,

⁽¹⁶⁾ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXI/387, fls. 95 v. — 115 v.

⁽¹⁷⁾ Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX, fl. 14.

⁽¹⁸⁾ Migne, PG, t. 86, cols. 837-838.

⁽¹⁹⁾ Torre do Tombo, cód. alc. CCLXX, fl. 38 (cap. XIII: *Sermom per perguntas e per respostas*).

então, de normas e conselhos um pouco desarticulados, mas de grande substancialidade doutrinal e notável senso prático:

«Não deixes de ler, na solidão, para que a tua alma seja sempre levada às maravilhas de Deus. Ama, também, a paciência e a pobreza, para que o teu espírito se retire da distração. Detesta as conversas, para que os teus pensamentos se conservem imperturbáveis. Põe de parte a agitação e cuida da tua alma, para evitar que se perca a sua tranquilidade interior. Ama a castidade, para não te perturbares no tempo da oração, e à hora da tua morte a alegria se acenderá no teu coração» (20).

Quase todas as páginas têm, mais ou menos, este sabor. Só nos resta transcrever o índice da versão portuguesa. Quase coincide, capítulo por capítulo, com o latim do cód. alc. CCLXI/387. Este, copiou-o Frei Martinho, em letra gótica, no ano de 1409 (21). Em latim ou em português, basta ler os títulos, para ficarmos a conhecer esta obra de Isaac de Nínive, no seu conteúdo ideológico.

Cap. IV : *Como se da alma a oração.*

Cap. V : *Como o homem deve tirar e enpuxar de sy o pecado e causa del.*

Cap. VI : *Como o homem deve senpre seer nenbrado da sua fraqueza.*

Cap. VII : *De tres maneyras e tres modos pelos quaaes a alma se achegua a Deus.*

Cap. VIII : *Da verdadeyra humyldade.*

Cap. IX : *Quanto he boa cousa ensinar e doctinar e tirar os homeens do error e traçerlhos a verdade.*

Cap. X : *Das moradas da gloria de Deus, e como se entende : na casa de meu Padre muytas moradas som.*

Cap. XI : *Dos boons e maaos pensamentos, e donde descendem e nacen e como podes saber quando a tua [alma] se achega a Deus.*

Cap. XII : *Da vertude que ven sen trabalho do corpo e de diverssas obras de oração.*

Cap. XIII : *Sermom per perguntas, e per respostas.*

(20) Migne, PG, t. 86, cols. 813-814.

(21) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXI/387, fl. 95 v. (logo depois do índice). Para comparação com os títulos portugueses, pomos, aqui, alguns dos que lhes correspondem, em latim, no códice de Frei Martinho:

Cap. IV : *Qualiter datur anima ad orationem.*

Cap. V : *Quod homo debet a se repellere causam peccati.*

Cap. VI : *Quod homo debet esse memor fragilitatis sue.*

Cap. VII : *De tribus modis quibus anima hominis et ipse homo potest Deo appropinquare.*

Cap. VIII : *De vera humilitate.*

Cap. IX : *De coekesti mansione. Etc., etc.*

Cap. XIV : *Da orden e firmeza e deferença da vida e converssaçom dos monjes, e como hũas virtudes nacen das outras.*

Cap. XV : *Do modo e maneyra da tenptaçom e batalha do diabõo contra aquelles que andan per a carreya streyta, a qual vence o mundo.*

Cap. XVI : *Do segundo modo de batalhar contra os virtuosos e fortes.*

Cap. XVII : *Do terceyro modo da batalha contra os virtuosos, robustos e fortes.*

Cap. XVIII : *Do quarto modo da batalha do diabõo.*

Cap. XIX : *Das cousas que aprovectam ao homem pera se acheguar a Deus en seu coraçom, e de causa e ajuda daquel que se a el chega, e das cousas que o tragen a humidade.*

Cap. XX : *Como nos non avemos alargar aos pecados so esperanza de perdom, e da destruyçom de Sodoma, e por que pecado, e do pecado dos filhos de Hely, e por que.*

Cap. XXI : *En que se guarda a fermosura e converssaçom do monje e sua vida e qual he a forma da sua nobreza e gloria.*

Cap. XXII : *Da alteraçom e converssaçom daquelles que andam na carreya de Deus.*

Cap. XXIII : *Dos solitarios e apartados, e quando começam receber e do mar enfiundo do hermo, e quando podem sperar fructo dos seus trabalhos.*

Cap. XXIV : *De tres stados : dos noviços, meãos e perfectos.*

Cap. XXV : *Das formas e modos e maneyras da esperanza, e daquel que spera ben, e daquel que spera sen saber, sen razom e sen entendimento.*

Cap. XXVI : *Da renunçiaçom do mundo, e da abstinencia, e dulcidom acerca dos homeens e dhũa oraçom.*

Cap. XXVII : *Quanto he provectosa aos solytarios e apartados a folgança do hermo, e a entrada e a ssayda del dâpnosa.*

Cap. XXVIII : *De vigilia de nocte, que he carreya que faz o homem chegar a Deus e cria na sua alma dulcidom e amor de Deus e en Deus.*

Cap. XXIX : *Da potencia e poder e do effecto e obra das maldades, e donde se fazem e nacen, e como desfalecem.*

Cap. XXX : *Da guarda do coraçom, e da contemplaçom mais sutil e que mais fortes som as virtudes que os vicios e pecados.*

Cap. XXXI : *Dos signaães e sentymentos da caridade, e como ha podes conhocer.*

Cap. XXXII : *Dos modos e maneiras das vertudes e dos vicios e corronpimento delles, que non som vertudes.*

Cap. XXXIII : *Do silencio e por que se deve fazer e de aver verdadeyra entençom en fazer as obras.*

Cap. XXXIV : *Do moto e movimento corporal.*

Cap. XXXV : *Das specias e desvayradas tenptações, e como en sy contem e ham dulcidom as que por a verdade e por bem som fctas, e dos graãos e ordeens en os quaaes o homem sesudo e entendido deve andar e das tenptações do senhor e dos apostollos, e do plazer e do temor.*

Cap. XXXVI : *Das tenptações dos amygos de Deus que son humildosos.*

Cap. XXXVII : *Das tenptações dos sobervosos e das cousas que veen da soberva.*

Cap. XXXVIII : *Da paciencia e de a non aver.*

Cap. XXXIX : *Da flaqueza do coração.*

Cap. XL : *Dos modos e maneyras das virtudes e da fortaleza e deferença e departamento dellas, e de hũa oraçom.*

Cap. XLI : *Da lynpeza e mudicia do corpo e da mente e penssamento.*

Cap. XLII : *Da fe e dos seus olhos.*

Cap. XLIII : *Da peendença e do lenho da vida e da caridade e bondade do temor* ⁽²²⁾.

Cap. XLIV : *Da menssura e quantidade da sciencia e da creença, e como a sciencia natural he distincom do ben e do mal, e quaaes som as cousas que seguen a sciencia natural.*

Cap. XLV : *Da entençom que ven e non ven de graça de Deus.*

Cap. XLVI : *Da cura, solicitude e cuydado do monje.*

Cap. XLVII : *Da esperança e como os homeens por graves peccados muytos que ajam fectos, non deven desperar, e da luxuria e do mal que se segue della.*

Cap. XLVIII : *Da ensignança e doutrina dos noviços, e aynda que sejam velhos.*

Como se vê pelo índice, era uma obra extensa e nem todos teriam tempo de a ler. Um costume antigo ia resolver o problema. De facto, monges pacientes, freiras e gente devota escreviam *condensados* de autores famosos, em pequeninas colecções de pensamentos e sentenças. S. Martinho de Dume fez isso a respeito de Séneca, no *De ira* e outros opúsculos seus. De igual modo procedeu um anónimo qualquer no livrinho *De moribus*, falsamente atribuído ao bispo dumense. A Idade Média pôs em português ambas estas obras ⁽²³⁾ e o mesmo aconteceu à compilação tirada dos livros de S. Isidoro de Sevilha, com o nome de *ajuntamento de boos dictos e palavras* :

«Ó ffilho muyto amado, ama as lagrimas, e non as queiras leyxar. Sey pres-tes e aparelhado ao planto, segundo que foste enclinado aa culpa e ao peccado. Qual foi a tua entençom a ffazer o peccado, tal seja a tua entençom a ffazer a penitencia. Assy como cayste nos avissos, assy te torna, porque segundo a chaga deve seer dada a meezinha e remedio aa plaga» ⁽²⁴⁾.

O mais segue no mesmo tom, como um litania de conselhos paternos. Ora, aconteceu o mesmo às colecções de sentenças, tiradas

⁽²²⁾ Por excepção, o latim do cód. alc. CCLXI/387 diz uma coisa bem diferente, na aparência :... *et de karitate et de bonitate amoris* (Cap. XXXIX).

⁽²³⁾ MÁRIO MARTINS, *Fragmentos medievais portugueses*, sep. da *Bro-téria*, 50 (1950), p. 11.

⁽²⁴⁾ FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA *Comentários de Alco-baça*, Coimbra, 1827, p. 379.

dos escritos de Isaac de Nínive ⁽²⁵⁾. Foram traduzidas e existe, ainda, uma destas antologias, tirada do *Liber de contemptu mundi*, em português do séc. XV. São umas sete folhas do cód. CXIII/1-40 da Bibl. Públ. de Évora ⁽²⁶⁾, com frases de Isaac de Nínive, agrupadas em capítulos minúsculos. Para descobrir a sua origem, bastar-nos-ia ler estas linhas familiares:

«Nom queiras comparar aquelles que no mundo fazem grandes milagres, virtudes, grandes maravilhas, com aquelles que de vontade estam em apartado. Em todo tempo dyze bem per tua boca, e nom seeras maldicto, porque bençom jeera beençom e maldiçom jeera maldiçom. Em todas cousas pensa aver mingua de sciência, e seeras achado em todos os dias da tua vida sabedor» ⁽²⁷⁾.

O latim do *Liber de contemptu mundi* pouco ou nada se afasta do conteúdo substancial das frases que transcrevemos:

«Noli comparare facientes signa et prodigia et virtutes in mundo, illis qui in solitudine sunt scienter ⁽²⁸⁾. Persevera semper ore benedicendo, et nunquam maledixeris. Nam benedictio benedictionem facit, et maledictio maledictionem. In omni re teipsum aestima egere doctrina, et invenieris sapiens omnibus diebus vitae tuae ⁽²⁹⁾.

*

* *

O cód. alc. CCLXX, com a versão portuguesa do *Livro do desprezo do mundo*, encerra uma multidão de coisas e autores diversos. O mesmo acontece, igualmente, ao pequeno códice eborense, de conteúdo bastante heterogéneo. Ao lado dos pensamentos do velho monge nestoriano encontramos, por exemplo, uma pequena arte musical, em português e, principalmente, um minúsculo tratado de exortações aos monges:

«Ó irmão quanta he a vertude da paz. Ó quam neçesaria a nos que mcramos no deserto [...]. O que nam ha paz de coraçam e de boca e de obra nom deve seer dyto christião. Ó paz irmãa dos monges. Ó irmão ave paz em todas cousas» ⁽³⁰⁾.

⁽²⁵⁾ MARIUS BESSON, *Un recueil de sentences attribuées à Isaac le Syrien*, em *Oriens christianus*, I (Roma, 1901), pp. 46-60, 288-298.

⁽²⁶⁾ Bibl. Públ. de Évora, ms. CXIII/1-40, fls. 13-20.

⁽²⁷⁾ *Ib.*, logo no princípio das sentenças de Isaac de Nínive.

⁽²⁸⁾ Migne, PG, t. 86, col. 814.

⁽²⁹⁾ *Ib.*, col. 815.

⁽³⁰⁾ Bibl. Públ. de Évora, ms. CXIII/1-40, fl. 1.

A paz, irmã dos monges! Aqui está um pensamento para se esculpir nos pórticos de todos os mosteiros.

Segue-se outro capítulo contra a *palraria* e a má língua, semente brava que nada traz ao mundo, a não ser a discórdia. Gostamos de ler esta página tão cheia de experiência religiosa:

«O silencyo yrmão meu muyto te he nescesario em no hermo. Ca toda palavra que nom edifica a servyço de Deos em perigoo se torna dos dizedores e dos ouvydores. A nosa lingoa sygua noso siso e a rrazam e nom a vontade. Ca a palavra vã mostradeira he de vã conçiencya, qual tu es taaes palavras falas e tall vontade se mostra en ty. Ou qual es nas obras tal es provado nas palavras, por çerto muito louco he o que nom traz primeiro a palavra examynada com a lima da razam, ante que a traga a lingoa. A palraria traz o homem a seer jogral; por çerto Irmaão meu mayor cousa he refrear a lyngua que ganhar huma çydade por que ganhar a çidade he batalha de fora e aquy he de dentro [...]. Oo lyngua tu muytas vezes semeas dyscordia e as vezes cometes trayçam e pares peçonha de murmuraçam. E trazes ao Inferno os que a ty creem. O quam santa he a boca donde senpre saem palavras çelestriaaes. O yrmão consira que as de dar conta de toda palavra oucyosa, poys que asy he nam te he neçesario muyto falar nem conversar antre os homens, ca a palrarya nom he outra cousa salvo semente que fruyto nom faz» (31).

Irmaão, continua ele, sê misericordioso. Quem fez baixar Deus do céu à terra? A misericórdia! Por isso,

«Irmaão meu, estuda fazer misericordia. Mente vyves farta o famynto, vyste o nuu, reçebe o peligryno, consola ho orfam. Visita o enfermo, soterra os mortos. Ca estas sam as obras de misericordia das quaes avemos de seer preguntados em no dya do Juizo. Oo yrmão se çarrares as emtradanhas da misericordia ao pobre, de todo te sera çar[r]ada a porta de Jesu Christo» (32).

Se lermos, agora, o cap. *Da obediência de Deos e do prelado*, ouviremos os conselhos eternos que passaram de geração em geração, dentro dos mosteiros e nos desertos povoados de anacoretas, como uma herança sagrada que vem de pais a filhos, destes aos netos e, deles, aos vindouros: na obediência está a salvação. Cristo obedeceu,

(31) *Ib.*, fls. 1-2, no cap. *Da pouca fala que nos he bem neçesaria*.

(32) *Ib.*, fl. 2 v.

os anjos também; na obediência, há mais beleza do que nos sacrificios ensanguentados:

«Oo yrmão, lee o que dyz: melhor he a obedyencya que os sacrificios; qual he a razam, salvo qu em nos sacrificios se oferece a carne alhea, mas em na obediencya a vontade propria e a carne se mata» (33).

Esta última frase, de inspiração bíblica, lê-se já em S. Gregório Magno (34), espalhou-se pelos livros de ascese e S. Inácio de Loiola recolheu-a, carinhosamente numa sua carta aos jesuítas portugueses.

E assim os altos pensamentos passavam de livro em livro, como um facho que nunca se apaga.

MÁRIO MARTINS, S. J.

(33) *Ib.*, fl. 3.

(34) *Moralia*, XXXV, cap. XIV, n.º 28.

Recensões Críticas

Walter Muschg, **Tragische Literaturgeschichte** (História trágica da Literatura). Editorial de A. Francke, Berna (1948). 470 págs.

Em nove capítulos extensos, Walter Muschg, professor de Línguas e Literaturas germânicas da Universidade de Basileia, trata da *Vocação* dos autores literários quais «Magos», «Profetas», «Sacerdotes» e «Cantores», e da sua *Miséria*, quais «Poetas», «Burgueses» e «Vagantes», do *Desterro*, da *Dor*, da *Resignação*, da *Culpa*, da *Fantasia*, da *Perfeição*, e da *Glória*, como dos aspectos principais de uma interpretação trágica da História da Literatura. «O Mago, o Profeta, o Cantor, o Poeta, o Burguês representam as grandes formas culturais da existência poética». A sua forma originária, oferecem-na os Vagantes, nómadas sem pátria (183). Na acepção do A., constituem tipos predominantes em tempos diversos, às vezes reprimidos, repletos de possibilidades e modificações, de rara apresentação pura, «penetrados» do poético como «de um agente simplesmente imponderável que sobrevive a todas as transformações e metamorfoses formais» (ib.). Não têm a sua representação inconfundível, exclusiva em autores individuais. Por isso, muitos dos autores a que Walter Muschg se refere, aparecem no seu livro sob os diversos aspectos daquelas formas existenciais.

Os *Magos*, em que se revela o poder sobrenatural do Eu, acabam por ser vítimas da sua própria magia. Os *Profetas*, em que se revela a majestade divina, em vez de recebidos com fé e compreendidos, vêem-se acolhidos com escárnio. Os *Sacerdotes*, que instituem na Terra o reino divino ideado e prometido, e cuja autoridade se baseia nos escritos sagrados, são vítimas do seu esoterismo. Os *Cantores*, panegiristas do heroísmo, são vítimas da sua situação social e dos caprichos e das injustiças dos monarcas. Os *Poetas*, cultores da beleza, segundo o exemplo de Virgílio, aliados ao Poder, laureados, protegidos e encomiastas de augustos mecenas, vêem-se por isso mesmo expostos aos perigos abismais da incerteza, do problemático e transitório de todo o senhorio na Terra, e ao conflito da honra extrínseca e do equilíbrio intrínseco (1). Os *Burgueses*, que aspiram à posse de bens materiais, encontram-se isolados no mundo burguês, pela sua actividade literária, e como burgueses, impõem-se-lhes as recordações mágicas, visionárias, ambiciosas e estéticas. Os *Vagantes*, distinguem-se pela sua independência e pelo seu desamparo, até nos abismos da miséria.

O capítulo *A Miséria* trata das tribulações sociais dos poetas, não se orientando, porém, por critérios sociológicos. Sob o título de *O Desterro*, Muschg preocupa-se com as suas vicissitudes políticas, a seu ver ainda mais graves para a História da Literatura do que as sociais. «Em todos os tempos tem havido poetas que cuidaram dos negócios públicos. Governaram, eles próprios, ou auxiliaram os governantes, combateram os inimigos ou abelaram a Ordem existente, lutando por outra, melhor, e sofreram as consequências da sua acção» (205). Enquanto que a miséria e a perseguição são factores extrínsecos da situação trágica do Poeta, há outro, intrínseco. É a *Dor*. «O Poeta, para sê-lo, tem de sofrer. Toda a grande Poesia é fruto da Dor» (259). É precisamente próprio da poesia de Ariosto, Boccaccio, Shakespeare, Molière, Goldoni, Raimund, Nestroy, aparentemente a expressão do máximo optimismo vital, ter nascido sob aspectos trágicos» (*ib.*) — Frisando a relação existente entre sofrimentos psíquicos e físicos, e entre a Poesia e a Doença, o A. evitar cair nas trivialidades e nas aberrações próprias da concepção clínica, psico-patológica daquelas relações. «O estudo da Arte, do ponto de vista da Medicina, acaba por aguçar a percepção de factos secundários, em detrimento da do principal que é saber-se se a dor física se transforma em dor psíquica, espiritual, de que género será, e a que dará origem. (...) a fraqueza por si mesma não dá origem a nenhuma obra poética, pelo menos não a dá a nenhuma obra importante, há sempre o concurso de uma potência positiva que se serve da dor (...) como de um instrumento para a dominação espiritual do Mundo. A Poesia é uma dor figurada, e não somente vivida. A Dor, porém, apenas consegue ser figurada por quem a afirmar e a dominar» (276). A dor mais subtil e profunda, tra-la o Amor. Se nele a felicidade e a dor se confundem, «o Poeta parece destinado para viver nele sobretudo a Dor» (295). O amor do Poeta está sob o signo da *Resignação*. Ao tratar, no cap. seguinte, da *Culpa*, o A. afirma: «A culpa do infortúnio político, social, erótico do Poeta, não recai simplesmente no seu ambiente. Reside nele próprio, também. Ele é falível, e é acusado. Somente quem perceber e admitir esta acusação, sabe o que é a tragédia do Poeta» (331). Cita, como exemplos da culpabilidade política, na Poesia, a traição da causa da Liberdade, como a teriam cometido Homero, Dante e Goethe, «cegos», o primeiro, perante o vulto brioso de Aquiles, o segundo, perante o fulgor do trono imperial, e o terceiro, perante o vigor de Napoleão (331). A culpabilidade social na Literatura, reflecte-a a reputação do ofício poético como irresponsável e desinteressado nas questões sociais, defendendo a injustiça social, ou calando-a, ou mantendo-se indiferente perante ela. Porém, «a culpa mais profunda do Poeta reside em o seu amor não incidir sobre os Homens, mas sim, sobre a sua Obra» (337). — O que intrinsecamente distingue o Poeta dos outros seres humanos, seria a *Fantasia*. O Poeta «vê mais e ouve mais do que os outros, os seus pensamentos vagueiam no irreal. Os seus sonhos derramaram infinita beleza sobre a vida humana. A Fantasia e aquilo que é propriamente produtivo no Homem, a superabundância que constitui a beleza da Vida» (353). Mas é ainda este mesmo facto de o Poeta ter Fantasia, que está na origem do seu infortúnio. A *Perfeição* é o supremo objectivo de todos os Artistas. As obras-primas, porém, que conseguem atingi-la, apresentam-se «estranhos e inúteis, quais seres de um outro mundo», considerados e

percebidos por poucos apreciadores apenas (426). «Aos olhos humanos, as obras-primas, não se lhes afiguram inúteis, mas antes famosas. No fundo, porém, é o mesmo. A fama destaca-as como algo de estranho entre as coisas consideradas como inúteis e necessárias» (429). Ambicionando a imortalidade que a *Glória* lhes traz, os Poetas seguem caminhos diversos para alcançá-la. «Os *Magos* não se importam com público algum. Possessos, são absorvidos pela sua vocação, extinguindo a sua personalidade e obra, e acabando por serem misteriosamente enlevados da Terra, como sucedeu a Moisés e a Elias. Este enlevo, consideraram-na todos os povos como a prova da categoria suprema, sobrehumana (...). Todos os autores mágicos conservam algo deste amparo e desta extinção sibilina» (435). Muschg cita os exemplos de Shakespeare, Calderon, Lope de Vega, Goethe na sua juventude, Schubert, Grimmelshausen, Kleist, Hölderlin, Nerval, e Shelley. Os *Visionários* e *Profetas*, também não reparam no público, procurando unicamente conseguir a graça divina. «Combativos, porém, são também cobertos de desprezo e ignominia (...). São discutidos com paixão, ora adorados, ora apedrejados», como Lutero (436). Por outro lado, os falsos Profetas — como se lhe afiguram Klopstock e Nietzsche — conhecem-se por o seu desprezo da actualidade nascer apenas da vaidade pessoal e presunção petulante, que não tardam em traduzir-se na impassibilidade de uma pose arrogante» (*ib.*). Quanto ao *Poeta sacerdotal*, como o vê representado em Adalbert Stifter, nele o antagonismo para com a actualidade contemporânea aparece sob a forma mais discreta da exaltação solene e do serviço humilde da Ordem sagrada», que professa e proclama. «O que a ele importa, também não é a própria pessoa, mas sim, a salvação da Humanidade, de que ele se sabe responsável» (437). O conceito *burguês* de fama e glória, como se manifesta em Petrarca, Boccaccio e no jovem Shakespeare, mas também no jovem Goethe, em Schiller, Grillparzer, Platen, e Stendhal, «remonta até à Renascença, que inspirou nova substância e imprimiu nova forma à ambição dos artistas. Ter fama de clássico, é considerado a glória indestrutível do grande indivíduo (...), como a reivindicaram para si os poetas da antiguidade (...). Embora já não acreditassem nos deuses antigos, (os humanistas) entusiasmaram-se e deslumbraram-se com a imortalidade na Terra, e com a glória eterna entre os Homens» (438). Com os poetas modernos, porém, já não sucede assim. A eles, o conceito clássico da Fama e da Glória não se afigura mais natural do que o mágico ou o profético. Dante, que revela a nulidade da glória na *Divina Comédia*, «distingue-se dos humanistas ambiciosos ainda por deixar este conceito atrás de si» (440). Outros exemplos, oferecem-nos Chaucer, o Shakespeare e o Goethe da derradeira fase, Calderon, Racine, Corneille, Schiller, Hebbel, e, desprezando o êxito e ao mesmo tempo torturados por ele, Stifter e Flaubert.

— Não há muitas Histórias tão sugestivas da Literatura universal como esta, de Walter Muschg. A sua leitura não pode deixar de inspirar o mais vivo interesse. Os múltiplos e surpreendentes aspectos do Trágico na Poesia e nas Boas-Letras, que frisa através das épocas, desde os remotos tempos míticos até ao período contemporâneo, ressaltam impressionantes na acentuação do A. As linhas que traça, e as perspectivas que rasga, são de um brio quase irresistível. A plenitude de vultos e destinos exemplares que evoca — apesar de algumas inexac-

tidões e de equívocos e juízos precipitados, errados ou insuficientes ⁽¹⁾ — resulta num panorama da Literatura universal repleto de vida e cor.

Todavia, o título do livro não se nos afigura corresponder precisamente ao conteúdo e à orientação da obra. Seria talvez melhor, substituí-lo pelo de «O Trágico (ou a Tragédia) da existência poética, através da História». Pois, não é propriamente a História da Literatura que aqui se concebe como especificamente trágica, — é antes e sobretudo a existência do artista. *Trágica*, não o é a substância intrínseca ou propriamente *histórica*, da Literatura, — são-no, porém, e essencialmente, a situação e o destino do Artista.

Goethe, preocupado com o fenómeno e o problema da *História*, pronunciou-se oportunamente no sentido de considerar impossível escrever a História universal sob o aspecto moral. Parece que Walter Muschg, por seu lado, se propõe provar que sempre será possível escrever a História da Literatura Universal sob o aspecto moral. «Fruto do sofrimento, a Arte é um fenómeno moral. Não são as qualidades estéticas, mas, sim, as morais, que decidem sobre a capacidade e a maneira de o Homem aguentar a Dor. Não se pode imaginar um grande Poeta sem grandeza moral» (280). É verdade que os seus critérios não são os do convencionalismo moral, mas antes os da Metafísica. «Os Poetas não são bons, não podem sê-lo, não o são num sentido burguês, mas num sentido trágico. Bons, são-no os Santos, que vencem o Mal e continuam na Dor. Os Poetas, esses vencem a Dor e continuam no Mal. Por isso, também não são felizes, pois a felicidade, temo-la apenas na medida em que somos bons (...). Quem se salva da Dor, fica vítima do Mal, e quem se salva do Mal, fica vítima da Dor (...)» (335). Contudo, além de esta interpretação indicar apenas o fundo elementar, indistinto, e nem a origem, nem os germes, nem as condições específicas da Arte, para a História da Literatura teria sido importante revelar o processo através do qual a existência trágica se manifesta, se transforma e se domina, na obra de arte.

(1) Citamos, para ao mesmo tempo oferecermos ao leitor um exemplo da orientação e do método seguidos por Walter Muschg, neste livro, a sua característica do Poeta dos *Lusiadas*: «Camões, a glória do Portugal clássico, vivia em conflito aberto com a corte de Lisboa. Nascera pobre; porém, como favorito orgulhoso de senhores e senhoras de alta categoria, chegou a conhecer todas as alegrias e dores dos poetas laureados. Comprometeu a sua amante nobre, transgredindo as prescrições da etiqueta, perdeu os favores da Rainha, em virtude de um delito de lesa-majestade, e acabou por ser exilado da capital. Não tendo conseguido reconciliar os seus protectores por elegias e sonetos, foi à África, como soldado. Regressado, teve um conflito com um cortesão, foi encarcerado durante oito meses e libertado apenas sob a condição de juntar-se às tropas da Índia. Seguiram-se os dezasseis anos da sua vida aventureira na Ásia, durante os quais compôs a parte principal dos *Lusiadas*. A epopeia do Oceano, do Império português e da sua nação de navegantes, escreveu-a também um desterrado. A desgraça e as desavenças não o largaram, levando-o ainda muitas vezes a ser posto na prisão. Aquele naufrágio de que nadando salvou apenas o manuscrito do seu poema, segurando-o na mão por cima das ondas — do mar da sua miséria — é o símbolo do seu destino. Depois desta odisséia chegou à pátria, em 1570, recebendo uma pensão régia. Os seus últimos anos, porém, foram sinistros; vivia pobre e doente, morreu da peste e foi enterrado em silêncio» (134).

É certo, que o A. pretende igualmente abranger sob o aspecto do Trágico, a existência estranha e transitória da própria obra de arte, que ora fica imperfeita, ora depara com a indiferença ou a incompreensão do público, ora se perde, olvidada e exposta à acção destrutiva dos tempos, — concepção essa que cumula nas afirmações finais do livro de que, considerada sob a perspectiva dos milénios, a glória não passa de uma quimera : «A verdade é, que a obra de arte também não sobressai ao reino da Morte, que o que a espera, não é a imortalidade, mas sim, a ruína (...). A ruína das obras de arte, não é uma excepção lamentável, é a regra (...)» (452).

É, sem dúvida, importante, destacar, como Walter Muschg os destaca, os aspectos existenciais que estão na base da Arte, e é instrutivo evidenciar, nos múltiplos exemplos que a História da Arte literária e poética oferece, a existência humana como trágica, pela razão de ser absorvida pelo tempo histórico. E não deixa de ser meritório, salientar, como Oswald Spengler já o salientou, a fragilidade e a inconsistência das realizações artísticas da Humanidade.

As intuições acentuadas a este respeito são bem susceptíveis de pôr termo à adjectivação habitual e irreflectida da valorização de obras estéticas como «imortredouras», «imortais», etc., que realmente não resistem à reflexão séria. E são ainda apropriadas, para reduzir às suas proporções justas, a apreciação excessiva de determinadas celebridades literárias que substancialmente não correspondem à categoria que a moda pretende conferir-lhes (como acontece, v. gr., com Petrarca, Heine e Thomas Mann, sobre os quais incide a crítica mais severa e muito inteligente do A.).

Todavia, a esta penetração tão fascinante e sugestiva na História da Literatura universal, desde os tempos bíblicos até à actualidade e através das mais diversas regiões, deixa completamente em aberta a questão da substância e continuidade propriamente histórico-literária dos fenómenos analisados. Nada se revela deste modo, sobre a essência da Arte literária, das suas estruturas, formas e irradiações. Mas é nelas que reside a própria problemática da História da Literatura, porventura até ainda mais profunda e impressionante do que a antropológica e existencial, que decerto não se pode separar dela, mas que não revela senão um aspecto parcial daquela problemática.

ALBIN EDUARD BEAU

(2) Assim, não nos parece feliz a afirmação formulada com respeito ao lírico romântico Eichendorff : «A obrigação de entrar no funcionalismo foi o grande golpe do destino na sua vida, que fez dele o grande lírico» (145). Não se devia chamar a Manzoni «amigo de Goethe» (148). É equívoca e insuficiente a caracterização de Hugo von Hofmannsthal como «epígono, pobre de ideias, mas com requintado talento decorativo», cuja «religião» teria sido a tristeza originada pelo declínio da beleza (152).

Leben vnd Wandel Lazaril von Tormes : Vnd beschreibung, Wasz derselbe für unglück vnd widerwertigkeit auszustanden hat. Verdeutzscht 1614. Nach der Handschrift herausgegeben und mit Nachwort, Bibliographie und Glossar versehen von Hermann Tiemann. Hamburgo, 1951.

Num estudo extenso dedicado à Literatura espanhola na Alemanha, desde a Renascença até ao Romantismo (*Das spanische Schrifttum in Deutschland von der Renaissance bis zur Romantik*, «Iberoamerikanische Studien», herausgegeben von Harri Meier, 6. — Hamburgo, 1936), Hermann Tiemann referiu-se à «primeira tradução alemã do *Lazarillo*, do ano de 1614, que é ao mesmo tempo a primeira versão alemã de um romance picaresco espanhol», lamentando ela ainda não estar impressa, apesar de ser «muito superior, como tradução, à primeira edição alemã de 1617, que não passa de um trabalho medíocre» (pág. 85), e anunciando o seu intuito de preparar a edição do manuscrito da Biblioteca da Sé de Breslau (pág. 205). A esta tradução referira-se igualmente E. Herman Hespelt, num artiguinho inserto na «Hispanic Review» (4, 1936, págs. 170-175), intitulado *The first German translation of Lazarillo de Tormes*. Interrompidos os preparativos de H. Tiemann, durante a guerra, o meritório hispanista alemão e actual director da Biblioteca do Estado e da Universidade de Hamburgo, chegou agora a apresentar a publicação prometida do manuscrito importante, numa edição bibliográfica e portanto limitada, da Sociedade Maximiliana, de Hamburgo, fazendo-a acompanhar por um glossário de palavras e termos hoje geralmente desconhecidos, caídos em desuso, ou empregados com acepção diferente, seguido por uma análise penetrante, embora concisa, do original espanhol e da sua tradução, por comentários, e por uma bibliografia das traduções alemãs do *Lazarillo*, desde 1614 até 1949.

A primeira tradução alemã do protótipo do romance picaresco espanhol, aqui publicada, é também a primeira tradução de todos os romances deste género, na Alemanha. Como tal, ela representa o início da evolução que o género tomou na Literatura alemã do Barroco, e que culmina no famoso *Simplicius Simplicissimus* de Grimmelshausen.

A importância literária desta tradução acresce aquela que há-de atribuir-se ao seu texto como documento linguístico. Os elementos arcaicos e dialectais de que o tradutor se serve para apresentar uma versão adequada do original, fazem do seu trabalho um exemplo excelente da prosa alemã nos princípios da época do Barroco, e uma autêntica fonte para os filólogos estudiosos da língua e gramática alemã do século XVII.

O tradutor ficou anónimo. Os seus intuitos evidentes de escrever um alemão literário equilibrado na acepção da época, indicam tratar-se de uma pessoa culta, «vertada no estylo da *Copia dicendi* barroca», e de um humanista conhecedor do Latim, do Espanhol, e provavelmente também do Italiano. É notável a sua tentativa de reproduzir o estilo aparentemente popular, familiar e realístico do original, remontando para este efeito à linguagem corrente falada à sua volta. Os termos dialectais de que se serve, tanto como a fonética de certas palavras, e a sua flexão e formação, levam à conclusão de o tradutor ser natural da Silésia.

Entre os elementos arcaicos que igualmente se lhe assinalam, o emprego da palavra *urbern* que originalmente significou *Urbar*, «estar na posse de um terreno arrendado, aproveitar», passando depois a empregar-se na acepção mais larga de «usar» e «trabalhar», é indício de um ambiente jurídico, em que teria vivido o tradutor. A letra do manuscrito, caracteriza-a o editor como pertencente a um erudito. Estes resultados da sua análise da tradução levam H. Tiemann a supor que o seu autor seria um erudito que desempenhou funções administrativas ao serviço das cidades, dos príncipes, ou dos estados da Silésia. O emprego da palavra *Partecke*, no sentido de «pão de esmola», introduzida no alemão literário por Lutero, e frequente entre os protestantes dos séculos XVI e XVII, pode ser prova de o tradutor ser, ele mesmo, protestante, suposição essa, que poderia ser corroborada pelo facto de ele, ao contrário do autor da tradução bávaro-austriaca de 1617, não se orientar pelo texto espanhol censurado pela Inquisição. Embora Tiemann não pretenda considerar os indícios alegados como concludentes, tem certamente razão em afirmar que contribuem para, todos eles, ilustrar o ambiente a que o tradutor pertence.

A circunstância de o manuscrito desta tradução de 1614 ser seguido por uma versão latina do *Lazarillo*, baseada, como o editor consegue provar, na tradução alemã, faz supor que ambos os trabalhos são obra do mesmo autor. Deve ter havido mais manuscritos juntos a estes, como se depreende de um índice apegado que nomeia, entre outras traduções, a do *Príncipe* de Maquiaveli. Do mesmo índice depreende-se que esta colecção de manuscritos pertencia ao cônego *Fridericus Berghius*, que em 1615 procedera a dispor e catalogar a Biblioteca da Sé de Breslau. Não se exclui a hipótese de ele se identificar com o autor da versão latina. Quanto a esta, Tiemann relaciona-a com a tradição do Humanismo alemão daquela época e com a sua função de intermediário entre a propagação dos ideais cortesãos e a exploração da Literatura espanhola, situando a tradução alemã, por seu lado, no ambiente intelectual da Silésia, para o qual convergiram as influências culturais central-alemãs e austro-hispânicas, e que, ele próprio, exerceu função determinativa dentro do Barroco alemão.

Procedendo, num capítulo especial, à análise crítica do estilo desta tradução alemã do *Lazarillo*, o editor foca nele os aspectos característicos das estilizações humanísticas, na época do Barroco, com a sua tendência para a imitação de modelos latinos e românicos, que faz com que as traduções alemãs naquele período também se concebem como meios de aperfeiçoamento formal. «As Literaturas românicas, consideradas como superiores pela sua forma mais perfeita, são conscientemente exploradas no intuito de elevar a linguagem formal da Literatura pátria. As Sociedades da Língua Alemã, fundadas precisamente naquela época, por mais puristas que fossem os seus propósitos, não deixaram de compreender a necessidade de aperfeiçoar a *teutsche Haupt- und Heldensprache*, através da tradução de modelos franceses e italianos. Desde cerca de 1580, a Literatura espanhola começa a fazer parte destes elementos formativos, ocupando entre eles o primeiro plano até ao fim da Guerra dos Trinta Anos, e continuando a desempenhar papel significativo até ao fim do século XVII» (pág. 128). A versão alemã do *Lazarillo*, de 1614, que é um dos primeiros exemplos da orientação assinalada, procura ser fluente. Indicam-no, a substituição das construções participais do original, por orações principais coordenadas, a introdução de conjunções, e a propensão para o estilo interpretativo que se propõe reproduzir

o sentido do original com a máxima exactidão e perfeição possíveis. O valor principal desta tradução, porém, afigura-se a H. Tiemann residir propriamente no facto de o seu autor ter em grande parte conseguido perfeitamente transpor para a sua versão alemã as características estilísticas do original espanhol, o seu tom familiar, a expressiva plasticidade popular, o realismo narrativo, os elementos proverbiais e sentenciosos, e bem assim as particularidades da artificiosa estilização humanística, com as suas antíteses e os seus trocadilhos, suas associações sonoras e construções latinas. Na duplicação de elementos análogos ou antitéticos, e na variação sinonímica, o tradutor procura até exceder-se ao seu original, ficando, entretanto, muitas vezes atrás da simplicidade concisa do autor espanhol. Mas é bem possível que nem procurasse corresponder a ela, e que a sua tendência para a prolixidade se relacione antes com o ideal do estilo barroco que se propôs seguir. Assim, esta tradução apresenta-se sob todos os aspectos, e nos seus próprios defeitos, como documento significativo da Literatura alemã do século XVII.

A publicação presente há-de considerar-se como uma das mais essenciais contribuições alemãs recentes para a História literária e estilística. Felicitamos o editor do Manuscrito de Breslau pela sua realização sólida, exacta e elegante.

ALBIN EDUARD BEAU

Werke Goethes. Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin. **West-östlicher Divan. 1. Text, 2. Noten und Abhandlungen.** Bearbeiter Ernst Grumach. — Akademie-Verlag, Berlin 1952. 2 vols. de 247 e 207 págs.

Em 1949, ao celebrar-se o segundo centenário do nascimento do Poeta, resolveu-se confiar à Academia Alemã das Ciências em Berlim a edição crítica das principais obras poéticas de Goethe. Esta nova edição crítica justifica-se pelo facto de que a de Weimar, a famosa *Sophien-Ausgabe*, publicada entre 1887 e 1917 por iniciativa da Grã-Duquesa Sofia, apesar de aproveitar pela primeira vez o material reunido no Arquivo Goethiano de Weimar, não pode ser considerada como definitiva, nem resiste às críticas que provocou. Precipitada nos seus inícios, aquela edição, embora meritória sob diversos aspectos, ficou imperfeita e desequilibrada, tanto nos fundamentos como nos critérios da sua organização, e no seu aparelho crítico. Na crítica pormenorizada a que o Director da nova edição da Academia Alemã, Ernst Grumach, submete a de Weimar, nos *Prolegomena zu einer neuen Goethe-Ausgabe* (in-«Goethe», Neue Folge des Jahrbuchs der Goethe-Gesellschaft, XII, 1950, págs. 60 e sgs.), este chega a afirmar que, baseando-se exclusivamente na última edição das *Obras*, publicadas sob os auspícios do próprio Goethe, a chamada *Ausgabe letzter Hand* (1827-42), considerada como «testamentária», a edição de Weimar não pode passar por crítica, limitando-se à mera revisão dos textos impressos, sem proceder à sua recensão, com base nos manuscritos existentes e nas edições precedentes. A este defeito de

estrutura e orientação acrescem os do aparelho crítico e histórico, insuficiente e por vezes antiquado. Além de imposta pelos defeitos aludidos da edição de Weimar, a nova edição crítica das *Obras* de Goethe justifica-se pela plenitude de elementos manuscritos e arquivais descobertos nos últimos decênios e em parte ainda inéditos.

A edição das *Obras* poéticas de Goethe organizada pela Academia Alemã das Ciências de Berlim, além de baseada na recensão criteriosa dos textos, promete ser a sua primeira edição *autêntica*. Propõe-se oferecer simultaneamente um aparelho crítico mais completo, mais perfeito e mais moderno do que o da edição de Weimar, incluindo a génese das obras e a história das suas impressões, ambas determinativas dos princípios da constituição do texto respectivo. Para acompanhar as obras, reúnem-se numa ordem sistemática e cronológica todos os documentos e materiais «hoje muitas vezes dificilmente acessíveis mesmo aos investigadores».

Os primeiros dois volumes desta nova edição, que acabam de sair, contendo o primeiro os poemas do *Divã Ocidental-Oriental*, de 1819, e o segundo, as *Notas e Estudos* que o Poeta escreveu para «a melhor compreensão» da obra, são modelares. Na ortografia e na pontuação respeitam-se rigorosamente as intenções do Poeta, como ressaltam do manuscrito da obra passado a limpo e no original ainda não corrigido, sc. desfigurado, pelo revisor. Se o respeito da ortografia original goethiana é imposto por razões de crítica filológica, o da pontuação já toca o âmbito da interpretação estética, dado o carácter não gramatical, mas rítmico e expressivo da pontuação poética goethiana⁽¹⁾. O texto do primeiro volume limita-se a reproduzir aqueles poemas que o próprio Goethe quis ver publicados na última edição do *Divã* que em sua vida se fez (1828), eliminando-se todos aqueles versos e fragmentos que Riemer e Eckermann escolheram entre o espólio, para os incluir na edição de 1836. Estes passam para o terceiro volume projectado, de *Paralipomena und Lesarten*, que pela primeira vez publicará na íntegra os excertos e trabalhos preparatórios do *Divã*. No quarto volume anunciado—*Zeugnisse und Materialien*—há-de inserir-se, além de toda a documentação respeitante à obra, um índice explicativo. Oxalá estes dois volumes complementares possam aparecer em breve, para podermos apreciar no seu conjunto estes primeiros exemplos da nova edição. Quanto aos dois volumes já publicados, é justo sublinhar, ao par das qualidades já referidas, a elegância e solidez da sua apresentação tipográfica e livresca.

A presente edição abrangerá apenas as obras poéticas de Goethe. A das publicações e dos estudos respeitantes às Ciências Naturais (*Schriften zur Naturwissenschaft*) foi já iniciada em 1947, pela Academia Leopoldina de Halle, enquanto que o Arquivo Central da Turingia está a organizar a dos Escritos burocráticos (*Ämtliche Schriften*), de Goethe⁽²⁾. Todas estas edições são realizadas em moldes e segundo princípios idênticos.

(1) Cf., no artigo atrás citado, do Anuário da Sociedade Goethiana, as págs. 73 e sgs., e, no mesmo volume do Anuário, o estudo de Lieselotte Blumenthal, *Die Tasso-Handschriften*, págs. 110 e sgs.

(2) Cf. Willi Flach, *Goethes ämtliche Schriften. Zur Begründung ihrer Veröffentlichung*, no vol. atrás citado do Anuário da Sociedade Goethiana, págs. 126 e sgs.

Parece-nos, porém, indispensável, proceder-se igualmente e já a uma nova edição dos Escritos estéticos, históricos e críticos, da Correspondência — que não pode deixar de ser muito mais completa e perfeita do que a já existente —, e dos Diários.

ALBIN EDUARD BEAU

Alberto Menarini, *Profili di vita italiana nelle parole nuove.* — Con prefazione di Ettore Allodoli; illustrazioni di Piero Bernardini. Le Monnier, Firenze, 1951, XIX + 249 págs.

Depois do seu valioso estudo *Ai margini della lingua* (1947) em que A. Menarini reuniu uma série de artigos dispersos que se ocupam principalmente do italiano moderno, deu agora a lume um estudo com que continua esses trabalhos iniciados em anos anteriores, deslindando problemas sumamente interessantes. Publicado somente em 1951, por razões editoriais, abrange o vocabulário mais ou menos o período que se estende de 1943/44 até 1950 — ano em que o A. concluiu o seu estudo. Prefaciado por E. Allodoli, que contribuiu também com alguns artigos da sua própria mão, enriquecendo outros com observações e acréscimos seus, oferece este vocabulário um esplêndido panorama histórico-cultural dos mais variegados aspectos da vida italiana durante aquele período de transição dos últimos anos da guerra aos primeiros anos do após-guerra. Muito embora se apresente como uma espécie de dicionário, registrando-se os diferentes vocábulos por ordem alfabética, não se pode dizer de maneira nenhuma que se trata de um livro indigesto, unicamente de consulta e não de leitura. Não é precisamente um simples vocabulário bem documentado, com tentativas de etimologia e dados exactos sobre o primeiro aparecimento de tal ou tal modernismo, na sua maior parte ainda não registado pelos dicionários, mas é antes uma espécie de caleidoscópio do seu tempo que seduz pelo garbo e a bizzaria das inovações, devidas aos últimos acontecimentos sociais, políticos e culturais na Itália. Essas inovações, que se sedimentaram na língua, oferecem no quadro deste estudo em cada página as cores mais variegadas a quem folhear o livro.

Depreende-se da leitura dos diferentes artigos que a obra é fruto de um longo labor de recolha, baseado na constante observação da língua viva. Documentam-se largamente o grande saber e o rigor científico com que o A. levou a cabo a sua tarefa. A principal e inexaurível fonte, em que Menarini hauriu, é a imprensa diária e periódica (inclusive as folhas humorísticas). Valeu-se, além disso, dos dicionários mais modernos e de trabalhos próprios, anteriores a este estudo. Constantes e, em alguns casos, desenvolvidas referências a outros idiomas elucidam o leitor sobre o carácter internacional de muitos modernismos, sobretudo daqueles de teor político, difundidos pelas agências noticiárias e pelas emissoras de todos os países do mundo. A par de infiltrações e de calcos linguísticos, cuja área de expansão é de escala mundial, trata o A. também das infiltrações devidas à presença de tropas ocupantes na Itália. Entre estas salientamos *okay*, *sciuscita*

e *señorina* que, ao que parece, foram como que expoentes da sua época. Ao lado das palavras e abreviaturas mágicas da política, oferece-nos Menarini ainda moderníssimas expressões jornalísticas.

Vieram-nos, ao longo da leitura dos *Profili*, sugestões das quais nos seja permitido expor aqui algumas à laia de achegas.

O neologismo *batiscafo* (21) ainda não vem registado nas últimas edições dos dicionários portugueses.

A propósito de *trizona* (27) seja lembrado que, numa cantiga carnavalesca alemã muito conhecida, se chamava ao território da República Federal Alemã burlescamente *Trizonesien*, formado segundo o tipo *Indonesien* e aludindo veladamente ao estado político do território.

Atómico (28) é de facto hoje um vocábulo que se emprega a propósito de tudo e de nada. Assim li p. ex. no *ABC* (de 25-XI-51): «Este sistema atómico de aprender um idioma [em oito dias] ha provocado siempre en nosotros la más benévola de nuestras sonrisas». *Que uma bomba atómica lhe caísse em cima!* já faz concorrência ao antigo *raio que o parta!* e parece-me já ter lido algures num reclamo de espectáculo onde se apresentava a *bomba atómica do riso*.

No que diz respeito à *camionetta* (37) diga-se de passagem que em português, ao lado de *autocarro*, se usa também *camioneta* (ou *camionete*) para designar um camião que serve de meio de transporte para passageiros.

A propósito de *cappelone* (39) lembraremos o largo uso que o vocábulo *cowboyada* tem em Portugal na linguagem popular, devido aos filmes de cowboy importados da América e que disfrutaram de grande atracção, sobretudo entre a juventude. *Cowboyada*, que não é registado pelos dicionários, veio a significar «desordem, estroinice, estúrdia».

Abundam neste estudo as palavras abreviadas que, para o português e o espanhol, deviam ser estudadas também algum dia como o foram para o francês por Kjellman (*Mots abrégés et tendances d'abréviation en français*, Uppsala, 1920).

Muito embora Portugal não tivesse sido atingido directamente pela última guerra, não deixou de conhecer as *bichas* (67). Dada a relativa escassez de determinadas mercadorias e o seu subsequente racionamento oficial, nasceu como noutros países também o *mercado negro* (116), onde se podia comprar à *cadonga* por preços mais elevados o que não se conseguia de outra maneira. Além das bichas nas estações de caminho de ferro, falou-se em determinada altura sobretudo da *bicha da manteiga* que também deu origem a uma indústria especial de indivíduos que ocupavam já de manhã cedo os seus lugares na bicha para depois venderem com lucro a quantidade de manteiga que lhes cabia. Como em toda a parte, os *candongueiros* ganharam imenso com a guerra e fizeram grandes fortunas, assim como os *volframistas* cujas minas se disputavam entre os alemães e os aliados, pagando-se a peso de ouro aquele metal indispensável para a indústria de armamento das potências beligerantes. O preço do *volfrâmio* atingiu alturas fabulosas e, na cobiça e na sede de enriquecer rapidamente, muita gente se dedicou ao negócio do *volfrâmio*. Assim *volfrâmio* tornou-se idêntico a «grande riqueza (ganha no comércio com os países beligerantes ou com os seus intermediários)» e *volframista* a «pessoa enriquecida com a guerra» designando mais ou menos o mesmo que em alemão, já na outra guerra, se exprimia por *Kriegsgewinnler*. Houve um período em que tudo o que ostentava grande luxo

era *volfrâmio*. Nas senhoras era *volfrâmio* trazerem grossas pulseiras maciças de ouro e, a respeito delas, ouviu-se frequentemente dizer com intuito malicioso que *aquilo era volfrâmio* (1). Foi certamente um fenómeno de pouca dura, esta corrida febril ao *volfrâmio*, mas demorou o bastante para deixar os seus rastros profundos na estrutura social do país e também na língua.

A propósito das composições com *foto-* seja lembrada a palavra *fotogénico* que disfrutava de grande popularidade. Ouve-se com muita frequência que alguém *não é muito fotogénico*, com o que se quer dizer que não se apresenta bem nas fotografias.

Seria interessante tratar-se algum dia também para o português dos muitos nomes que se dão aos automóveis como, no seu livro *Ai margini della lingua* (págs. 41-64), Menarini o fez para o italiano. Com respeito à *giardiniera* (83) permita-se-nos lembrar aquela designação muito expressiva e bem observada dos automóveis americanos com *chassis* quase idêntico da parte da frente e da parte de trás, de modo que, à primeira vista, se podiam facilmente confundir. Chamava-se-lhes por isso com certo espírito cómico *não-sei-se-va-se-vens*. São sobretudo os carros velhos que se vão desconjuntando ou os carros de marca inferior, que instigam a denominações humorísticas. Aduzimos ao acaso *bate-latas*, *calças arregaçadas* (especialmente o velho Ford), *calhambeque*, *caranguejola*, *carripana*, *chocolateira* (provavelmente por fazer lembrar *lata* e *chocar*), *lata* e daí *chevolata* (*chevro[let] + lata*) e calçado sobre *chevolata*: *citrolata* (*citro* — abreviatura para Citroën — + *lata*), *dona-elvira*, *dona-lucinda*, etc. Um automóvel vistoso e moderno é *uma boa espada*. Em Portugal o *jeep* (98) teve a sua grande voga também, quando, em fins da guerra, se venderam a particulares veículos das forças aliadas do mediterrâneo.

Sob *madamissima* (108), esposa do general Chang Cai Xec, aduz o A. uma série de superlativos de criação individual e afectiva que despertam o nosso interesse pelo facto de serem derivados de substantivos, derivação pouco vulgar; cf., no entanto, em português as extravagantes formações de Filinto Elísio como *orelhissimo*, *viagissimo*, que não vingaram, ao lado de formações já populares como *tempissimo* (Bairrada) «muito tempo», *há que veríssimos* (= há que tempos) *isso lá vai* (Turquel), *verdade verdadíssima* «verdade absoluta» (Figueiredo) e o superlativo já geralmente aceite, devido à sua função pronominal: *coisíssima* (*nenhuma* ou *alguma*).

Depois do *nylon* (140) (esp. também *medias nylon* ou *medias de cristal*), já temos meias de *perlon* que, ao que parece, são de um tecido mais resistente ainda do que o *nylon* e, com este novo tecido, veio novo nome que começa a vingar no comércio.

A propósito de *curtina de ferro* lembraremos que, na altura da junção das zonas americana e inglesa na Alemanha ocidental e da sua fusão na tal chamada *Bizone*, se falou na *curtina de seda* (*der seidene Vorhang*) que ainda separava a zona francesa da *Bizone*.

Stringine cinque (203) não tem só correspondente no *argot* militar francês, mas também em espanhol; Juan A. de Zunzunegui, *El barco de la muerte* (Aus-

(1) Escreveu Aquilino Ribeiro um romance intitulado *Volfrâmio* em que conta a efêmera aventura desta corrida ao ouro da guerra em Portugal.

tral 914), pág. 108: — *Choca esos cinco* — y le dió la mano; Fernán Silva Valdés, *Cuentos del Uruguay* (Austral 538), pág. 175: *Déme esos cinco*; ; *vengan esos cinco*!, etc. Cf. em português os *cinco mandamentos* no sentido de «mão», na gíria *fife* «bofetada, tabefe» (A. A. Lopes) do ingl. *five* ⁽²⁾.

No estilo jornalístico e na linguagem propagandística do reclamo, que são essencialmente propícios à hipérbole, nota-se uma predilecção crescente para o prefixo *super-*. Das *superbombas* (204), das *superfortalezas*, *superclippers*, *aviões supersónicos* e das mais formações com *super-* que servem para exprimir meios cada vez mais potentes e eficazes, passou-se a falar também do «*superfilme histórico*» (como foi anunciada a «Rainha Santa») ou, como leio no *ABC* (de 22-3-52): «Virgínia de Matos — la joven y escultural *supervedette*, que por si solo constituye la sensacional atracción de Madrid»; anuncia-se uma máquina copiadora como sendo «la multicopista *superautomática*» (*ABC*, 10-4-52); a um preparado químico para tirar nódoas chama-se «*Super-Nettosol*» (*ABC*, 9-4-52), etc., etc. Qualificam-se fazendas como *superfinas*, homens como *superelegantes* e exagera-se cada vez mais o emprego deste prefixo que, em muitos casos, é certamente supérfluo ⁽³⁾.

São numerosíssimas as expressões para «ponta de cigarro» (206) e «cigarro» em português. No Brasil chama-se jocosamente *pontífice* (Viotti, pág. 176), desfiguração semântica de *ponta*; *bagana*, *barata*, *baratinha* (Figueiredo) ⁽⁴⁾; *ganso* (Viotti, *ib.*) proveniente talvez da América espanhola onde tem largo uso ⁽⁵⁾, etc. Em Portugal temos *apara* (gír. ac., Delmira Maçãs, *BF IX*, pág. 357); *beata*, que é termo geralmente conhecido (cf. ainda A. A. Lopes: *bia*, *biata*); *beija* (Madeira, *RLu XVII*, pág. 153); *petisca* (Figueiredo) e a expressão correntíssima *pirisca* (*perisca*, *porisca*, Minho, *RLu XVIII*, pág. 144, *prisca*, *ib.*; *pricha*, A. A. Lopes; *pisca*, *Vila Real*, *RLu XV*, pág. 335). E eis alguns termos para «cigarro» no Brasil: *espanta-filantes* «cigarro de ruim qualidade» (Figueiredo); *fuzileiro* «cigarro ruim ou 'quebra-queixo'» (Pederneiras, pág. 34); *prajandi* (gír. ladra, *ib.*, pág. 53). Em Portugal temos p. ex. *canudo* (T. de Goa) «cigarro, feito em folha de árvore, de bananeira especialmente» (Figueiredo), semelhante ao esp. *cigarro de chala*; *chanato* «cigarro ordinário» (Lanhoso; Figueiredo); *chanufo* (*janufo*) (Minho, *RLu XXIX*, pág. 273); *finado* «cigarro ou charuto que se está fumando» (gír. ac., Delmira Maçãs, *BF IX*, pág. 360); *femené* (gír. do Porto, Figueiredo); *galucho* (Vila Real, *RLu XII*, pág. 100); *mata-ratos* «cigarros ordi-

(2) A propósito de semelhantes expressões para «bofetada» veja-se o meu artigo *Ein Beitrag zur portugiesischen Wortgeschichte*, in: *RF 62* (1950), pág. 46.

(3) Cf. a propósito de *super-* Bruno Migliorini, *Saggi sulla lingua del novecento* (1942); *Fortuna del prefisso super-*, págs. 55-89.

(4) Esta identificação da «ponta de cigarro» com determinados pequenos coleópteros ocorre também noutros idiomas. Assim p. ex. na gíria militar dos soldados alemães do antigo exército checoslovaco onde se chamava *Käfer* (escaravelho), *Maikäfer* (vaca loira), cf. Eugen Rippl, *Die Soldatensprache der Deutschen im ehemaligen tschecho-slowakischen Heere* (1943), pág. 396.

(5) Cf. Rippl, *ib.*, pág. 396 *Gänsdreckel* (excremento de ganso) determinados cigarros baratos e pestíferos e *Spatz* (bardal) «ponta de cigarro muito pequena»: cf. também esp. *chinga*, uma espécie de «maritafede», com que, em Costa Rica, se designa a «ponta de cigarro».

nários»; *paivo* (gír., Figueiredo), *paivante* (Penedono, *RLu* XII, pág. 315) e, semânticamente disfarçado, *francisco-paiva* «cigarro ordinário» (A. A. Lopes); *palito* (gír., Figueiredo); *pitilho*, provavelmente do esp. *pito*, *pitillo*; *recruta* (Madeira, *RLu* XVII, pág. 157). Isto seriam algumas amostras dos muitos nomes que se dão a ponta do cigarro e ao cigarro em português.

A propósito de *totalitario* (217) seja lembrado que certo jornal português chamou ao regime do marechal Tito na Jugoslávia um regime *titolitário*, dando assim um sabor malicioso ao epíteto.

Constitui o estudo de Menarini uma valiosa achega aos dicionários italianos e seria empresa meritória se alguém se desse ao trabalho de estudar os modernismos em conjunto para o português também.

Valorizam o trabalho uma série de desenhos ilustrativos do texto da mão de Piero Bernardini. Um bom índice remissivo facilita a consulta destas apostilas que preenchem uma lacuna dos nossos conhecimentos do italiano moderno.

HEINZ KRÖLL

H. Houwens Post, **Het heroïeke leven van Luís Vaz de Camoëns — Portugees renaissancegedichter en avonturier 1524-1580**. G. A. van Oorschot, Amsterdam, s. d. [1950], 345 págs., ilustrações **hors texte**.

Cumpre-nos dar conta aqui de um livro que se nos apresenta como fruto de longos anos de estudo e de íntimo convívio com a obra de Camões, vindo juntar-se às numerosas tentativas de biografar a vida do Poeta, tentativas ao mesmo tempo de compreensão da sua obra poética e muitas vezes também da apropriação dos seus valores estéticos, feitas em muitos países.

Levado pelo seu entusiasmo por Camões, escreveu Houwens Post um estudo biográfico, sem, no entanto, cair no perigo do puro biografismo. É coisa assente nas ciências histórico-literárias que as vivências de um poeta, a tradição histórico-cultural em que se criou, a sua própria fantasia criadora, constituem a base indispensável para qualquer tentativa de interpretação e de justa compreensão da sua obra, limitando sempre, claro está, os factos da vida real àqueles que se relacionam mais de perto com as suas criações artísticas⁽¹⁾.

Aproveitados assim, os dados biográficos convergem para o ponto central da interpretação literária que é a própria obra de arte. Ora, no que diz respeito a Camões, encontramos-nos perante um dos casos nada raros, especialmente entre os poetas mais representativos da literatura mundial, de não sabermos quase nada com segurança ou muito pouco da sua vida e das suas andanças por este

(1) Veja-se o que o próprio A. diz a págs. 140 seg. a respeito deste princípio metodológico.

mundo. Como é natural em tais casos, apodera-se de figuras assim enigmáticas a anedota, deixando livre curso a fantasia dos que escrevem biografias romaneadas ao gosto do público.

Mesmo entre os camonianistas têm-se gasto rios de tinta a respeito de determinados pormenores da vida do Poeta, pouco ou nada relevantes para a sua obra de arte — pensamos p. ex. na polémica acerca dos seus amores. Assim é que a poda nas brenhas vicejantes da exuberante vegetação biográfica que se enleia na figura de Camões, não é nada fácil para quem quiser escrever uma vida do Poeta em bases cientificamente tanto ou quanto seguras. Podemos afirmar que H. P. neste particular foi muito cauteloso e, embora haja um ou outro ponto discutível, como não pode deixar de ser, relata a vida de Camões sempre com as devidas reservas quando não se trata de factos inconcussos.

Depois de uma introdução geral (págs. 7-77) que familiariza o leitor com o ambiente histórico dos grandes tempos dos descobrimentos portugueses⁽²⁾, vai H. P. sucessivamente relatando a vida de Camões (págs. 81-312) na ordem cronológica dos dados biográficos, nunca perdendo de vista o entrelaçamento estreitíssimo do mundo real em que viveu o Poeta com o mundo fictício da sua poesia. É manifesto que a obra de Camões é quase que expressão pura das suas vivências individuais coadas e valorizadas poeticamente. O facto de ele ser essencialmente o que Ermatinger chamou *Erlebnisdichter* (poeta de vivências próprias) condiz com o seu intenso lirismo que até nos *Lusiadas* quebra mais de uma vez o fluxo épico da narração dos grandes feitos dos portugueses⁽³⁾. Ciente de que a obra do Poeta é altamente autobiográfica, muito mais do que de qualquer outro, sabe H. P. tirar o maior proveito deste facto, servindo-se dele criteriosamente como chave para penetrar na psique de Camões.

Apoia-se o Autor em trabalhos anteriores, nomeadamente na obra fundamental de W. Storck⁽⁴⁾ e, no tocante à lírica de Camões, no estudo mais recente de Hernâni Cidade.

Não toca H. P. no problema das edições camonianas que ainda não há muito tempo tão grande celeuma levantou à volta das duas edições dos *Lusiadas* datadas de 1572⁽⁵⁾, nem tão pouco na questão do censor dominicano, Frei Bartolomeu Ferreira que não está livre da suspeita de ter emendado aqui e ali o texto do poema⁽⁶⁾. No que diz respeito às leituras de Camões é pena H. P. não ter aproveitado o instrutivo artigo de Joaquim de Carvalho *Estudos sobre as*

⁽²⁾ Aqui H. P. devia ter consultado a *História dos descobrimentos* de Damião Peres.

⁽³⁾ Veja-se a este respeito o capítulo IX do estudo de Hernâni Cidade (*Camões II*): *A substância lírica do poema*, págs. 169-186.

⁽⁴⁾ Veja-se a bibliografia a págs. 344 e seg. — Infelizmente já não chegou a utilizar o 2.º vol. acerca de Camões que Hernâni Cidade tinha prometido em 1936 e que só em 1950 (ano de publicação do presente estudo) saiu a lume na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa* (tomo XVI — 2.ª série, n.ºs 1 e 2): *Luís de Camões, o épico*. O seu estudo teria lucrado muito, se tivesse podido aproveitá-lo.

⁽⁵⁾ Veja-se Aquilino Ribeiro, *Camões, Camilo, Eça e alguns mais*, Lisboa, s. d. [1949], págs. 89-108 e a discussão do problema por H. Cidade, *obra cit.*, págs. 208-220.

leituras filosóficas de Camões (in: *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, vol. I, 1947, págs. 227-281).

Sabe H. P. perfeitamente quão difícil é traduzir Camões para o holandês sem a musicalidade do verso camoniano e sem as suas belíssimas imagens perderem com a versão (pág. 297). Mas mesmo que os poemas e os longos trechos dos *Lusíadas* insertos no seu livro se não possam comparar com o original, podem pelo menos dar ao leitor uma impressão da obra do poeta.

A apresentação tipográfica do livro é perfeita. Além de óptimas ilustrações fecha cada capítulo com bonitos pequenos desenhos sobre motivos portugueses.

O estudo de H. P., sendo muito útil para quem quiser fazer uma ideia da vida agitada e da admirável obra de Camões, tem ainda a vantagem de estar escrito numa língua cheia de entusiasmo. Estamos certo, por isso, que não deixará de interessar e prender o leitor. Que a esperança, do Autor, de ter fomentado, com o seu livro, o culto de Luís Vaz de Camões na Holanda (pág. 327) venha a ser coroada do maior êxito é o nosso fervoroso desejo.

HEINZ KRÖLL

Mia I. Gerhardt, *Essai d'analyse littéraire de la pastorale dans les littératures italienne, espagnole et française*. Dissertation apresentada à Universidade de Leiden, 1950, 317 págs.

Na introdução ao seu «ensaio de análise literária da pastoral nas literaturas italiana, espanhola e francesa» em que, salvo erro, trata pela primeira vez este género poético de tradição clássica em conjunto para as três literaturas românicas — melhor dito para as quatro, pois que fala da portuguesa juntamente com a espanhola — diz-nos a A. (20-30) quais os critérios em que firma o seu estudo. Seja-nos permitido resumir aqui o mais breve e concisamente possível os pontos essenciais da concepção do seu tema.

Propõe-se a A. esboçar a história do género pastoral nas literaturas dos principais países latinos como ela se nos depara nas suas obras mais representativas. Acentua e insiste particularmente num ponto: encarar a história literária mais sob o ângulo da crítica estética do que sob o aspecto histórico propriamente dito. Descuidando dos epígonos, atém-se aos grandes poetas e às obras pastorais em que brilham facetas novas do seu génio. A sua principal fonte são os próprios textos, pois no dizer da A. *il n'y a en matière littéraire qu'une seule catégorie de données dont l'autorité soit irréfutable: ce sont les textes eux-mêmes*. Em obediência a este princípio o estudo dos textos torna-se primordial. Por meio de minuciosos estudos de análise procura ilustrar a posição da obra de tal ou tal poeta dentro da história da pastoral. No tocante ao problema do género, interpreta o termo 'género pastoral', antecipando de certo modo e deixando já entrever os resultados do seu ensaio, como podendo ser aplicado a *une oeuvre [qui a] pour personnages principaux des bergers et [qui] les présente, dans leur vie, leurs paroles, leurs actes, leurs sentiments, tels qu'ils ne sont pas en réalité* (22). Postu-

1589) e para a Espanha meio século depois, mais ou menos, até à morte de Lope dando uma literatura românica que, por sua vez, faz parte de uma literatura europeia cujo edifício se eleva nos alicerces da antiguidade greco-latina, procura justificar o seu ponto de vista comparativo e, ao mesmo tempo, a limitação que impôs ao seu estudo pela exclusão da poesia bucólica na Alemanha, na Holanda, na Inglaterra e demais países europeus devida em parte a razões de ordem material⁽¹⁾, em parte de ordem metódica porque a A. se propõe estudar principalmente a origem e a transmissão das influências da poesia pastoral, podendo excluir desta maneira países que ela qualifica como 'terminus' do género. Mas também não pretende dar-nos uma noção da poesia bucólica de um Teócrito ou de um Virgílio donde irradiou toda a tradição pastoral da literatura europeia.

Depois de ter limitado o seu tema no espaço, limita-o no tempo (24). Remonta à primeira manifestação da poesia pastoral na Idade Média em língua vulgar (quer dizer não-latina), à *pastourelle* francesa, estudando a sua evolução até ao século XVI (ou seja até ao *Extraict* de Guillaume Crétin; 1517). Para a Itália vai até ao limiar do século XVII (ou seja até ao *Pastor Fido* de Guarini; de Vega (ou seja até à égloga *Filis*, 1634). O limite extremo do período que a A. se propôs estudar, leva-nos quase ao princípio do século XVII em França e é marcado pelas *Poésies pastorales* de Fontenelle (1688). Deixa de parte as afinidades da poesia pastoral com o pré-romantismo e o Rousseauismo e diz expressamente que não se ocupa dos seus aspectos culturais que põem problemas muito intrincados e difíceis de resolver. Concorda a A., no entanto, de que a literatura está em constante relação com a vida cultural e social (26), mas dá uma importância muito maior à independência do espírito criador, ao valimento do estro poético, ao génio individual do artista e é de opinião que, apesar de um conhecimento detalhadíssimo de uma época e da sua civilização, não se chegará nunca a compreender só por factores extra-individuais a essência da sua obra. *C'est pourquoi nous sommes convaincue qu'on peut légitimement s'occuper de l'histoire de la littérature sans sortir de la littérature*⁽²⁾, *en interprétant des phénomènes littéraires par des raisons uniquement littéraires* (26). Sobre o método que seguiu diz-nos a A. que parte dos textos e que é daí que tira as suas conclusões sobre o carácter da obra, sobre o aspecto que a poesia pastoral toma nela e sobre o lugar que ocupa na história do género (27). Depois de ter recordado palavras de Sainte-Beuve que vêm corroborar a sua opinião no tocante à importância primordial dos textos, revela-nos que o ideal da interpretação, tal qual o entende, foi já entrevisto por Oscar Wilde no seu diálogo *The Critic as Artist* e realizado de uma maneira definitiva pelo insigne romanista Spitzer. É o método muito individual e dificilmente imitável de Spitzer que lhe serviu de lema e é nele que se inspirou.

Como toda a Idade Média se apresenta para nós sob o aspecto de uma como que unidade europeia com idênticos fundamentos religiosos, políticos e

(1) Queixa-se a A., sobretudo no que diz respeito a Portugal, das dificuldades em obter textos e obras críticas portuguesas, o que deve ser particularmente difícil na Holanda. É pena a A. não ter tido melhores condições bibliográficas porque nesse caso a parte do seu trabalho que se refere a Portugal teria sido melhor documentada.

(2) O espacejado é nosso.

culturais e a Renascença, por seu turno, parece representar, num lento processo de reacção, a dissolução desta homogeneidade medieval com tendência forte para a individualização, tem de fazer-se uma distinção nítida entre a pastoral da Idade Média e a pastoral da Renascença e dos séculos posteriores. A *pastourelle* de proveniência provençal e de origem nacional e não latina, segundo a opinião da A. (35) (3), cabe o privilégio de ser a primeira das formas medievais de que o género se revestiu. Mas o verdadeiro 'género pastoral' foi só a Renascença que o gerou conscientemente, determinando-lhe na sua ficção literária os elementos característicos e a individualidade própria. Como todas as épocas criaram o seu espaço ideal e utópico, onde podem fazer as suas experiências nas melhores condições possíveis, a Renascença criou, no domínio da literatura, a Arcádia com os seus bastidores bucólicos prescritos pelos cânones do género, os seus pastores ociosos que discurrem sobre os seus sentimentos e, principalmente, sobre o amor e as suas intrigas, brilhando mais nas subtilezas dialécticas do que nos cuidados do seu mister. Este ilusório espaço ideal tão atractivo se manifestou que até, em casos esporádicos, chegou a modelar a própria vida sobre a sua ficção anti-realística da arte. A base psicológica do disfarce pastoril, não havemos de vê-la simplesmente nas predilecções snobísticas de todas as épocas, mas antes, e com mais razão, no eterno conflito entre a vida real e a vida ideal, travado dentro do próprio homem que faz com que nos dias de carnaval procure fugir à enfadonha monotonia de todos os dias para ser, por pouco tempo que seja, totalmente diferente do que é de costume. Esta ficção também é inteiramente anti-realística, teatral, e, do mesmo modo que a realidade arcádica, obedece a convencionalismos muito distantes da realidade chã deste mundo. Não é pois sem razão que a A. fala do *anti-réalisme* fundamental e consciente como característico de toda a poesia bucólica.

Dentro deste bucolismo convencional que, segundo as épocas e os povos, criou no seu espaço idealizado formas de mui diversos moldes, destaca-se particularmente a poesia pastoral espanhola e portuguesa pelo seu carácter independente e individual e por ter modificado o modelo italo-clássico de uma maneira muito sua, libertando-se da dependência formal da concepção italiana. Assim atinge na novela pastoril da *Diana* de Jorge de Montemor uma forma exemplar que produz inúmeras imitações. Ao mesmo tempo, a dramatização do diálogo de pastores do teatro pastoril, a que Gil Vicente de um lance deu a sua forma definitiva, é sobrepujado pela novela.

O precursor e intermediário deste género dramático na península, Juan del Encina, aproveitou por um lado a pastoral medieval de origem nacional para o seu teatro e adaptou, por outro lado, a pastoral italiana, que o interessou mais pelo seu temas do que pela sua forma. Gil Vicente superou de longe o poeta espanhol e só lhe foi dado a ele de criar o teatro pastoral de inspiração pura e exclusivamente nacional, revestindo-o logo de uma forma acabada.

O ponto culminante e a perfeição definitiva da égloga renascentista em Espanha é marcado por Garcilaso de la Vega que se familiarizou na Itália com a literatura contemporânea. Só Lope de Vega conseguiu dar um aspecto novo

(3) Veja-se, no entanto, o que Paul Zumthor escreveu ultimamente a este respeito na *ZRPh* 66 (1950): *Moyen-âge et latinité*, pág. 167.

a esta espécie de poesia pela nota pessoal que lhe infundiu e que a égloga até aí desconhecia.

Foi mestre Gil ainda que preparou a poesia bucólica quinhentista dos três poetas italianizantes Bernardim Ribeiro, Cristóvão Falcão e Francisco Sá de Miranda, que introduziu em Portugal todas as formas literárias então cultivadas na Itália, na intenção de fazer para o seu país o que Garcilaso tinha feito para a Espanha.

Não nos queremos alargar sobre a poesia pastoril na Itália que radica directamente na antiguidade, nem sobre a poesia pastoril em França que não tem, nem de longe, a personalidade original que o género adquiriu na península. A poesia bucólica morreu porque os poetas de génio, por quem a pastoral foi cultivada, a elevaram à mais alta perfeição que pode atingir a forma artística.

É de penalizar que a A. não nos diga nada sobre Samuel Usque e Rodrigues Lobo que devia ter incluída nas suas considerações.

Mesmo pelo pouco que dissemos nesta nossa mal-alinhavada resenha, podemos afirmar que o trabalho de Mia I. Gerhardt é um estudo muitíssimo bem documentado, feito com critério seguro e lúcida exposição — em suma: um ensaio avergado de fruto, uma contribuição valiosa para a história da literatura.

Düsseldorf, 24 de Maio de 1952.

HEINZ KRÖLL

Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948. Suplemento bibliográfico da Revista Portuguesa de Filologia, Vol. I, organizado por Manuel de Paiva Boléo, Coimbra 1951 (Casa do Castelo, Editora). XII + 521 págs.

A *RPF* tem como uma das características mais salientes, desde o primeiro volume (1947), a amplidão e boa organização da sua informação bibliográfica. O seu director que, em publicações anteriores, várias vezes tinha proclamado a necessidade de bibliografias especializadas como base de qualquer investigação científica séria, não se contentou, porém, com manter essa seleccionada informação periódica no nível logo de início alcançado. Pretendeu estender a acção da sua revista neste campo aos anos imediatamente anteriores ao início da sua publicação e teve a muito louvável iniciativa de organizar este suplemento em que se reúnem dezasseis crónicas sobre a actividade dos estudiosos de filologia românica na Suécia, Dinamarca, Inglaterra, Suíça, França, Bélgica, Espanha (Canárias e Catalunha), Estados Unidos, Holanda, Alemanha, Brasil, Hispano-América e Itália entre 1939 e 1948. O prefácio anuncia-nos a publicação de um segundo tomo, consagrado à linguística e à etnografia em Portugal.

Como nesse mesmo prefácio se diz, não foi uma bibliografia pura e simples — uma lista de autores e obras — que o organizador pediu aos colaboradores, mas sim uma bibliografia seleccionada e comentada. Com uma única excepção — a do capítulo dedicado à Alemanha, a que o director dos magníficos suplementos

bibliográficos da *ZrPh*, A. Kuhn, deu a mesma orientação que tem imprimido àquelas obras — as crônicas seguem o plano geral traçado por M. de Paiva Boléo, embora com grande liberdade quanto à disposição interna. São inegáveis as vantagens desta orientação, graças à qual a leitura duma bibliografia não só se torna, como desejou o compilador, boa orientadora de leituras posteriores, mas também, em si própria, interessante e sugestiva.

Adoptou o director da *RPF*, como princípio organizador, o geográfico: cada crônica deveria referir-se unicamente às obras publicadas no país a que diz respeito. Nem todos os colaboradores seguiram no entanto esta indicação. Alguns, como Lars Wiberg, G. Gougenheim, E. Williams e A. Kuhn mencionam os trabalhos de filólogos do seu país, mesmo que tenham sido publicados fora dele. De aí algumas repetições que poderiam ter sido evitadas mas que em nada prejudicam o conjunto da obra.

Redigido, com o foi, por dezassete autores de posições e campos de interesse diversos dentro da linguística românica, poderia reear-se que houvesse neste volume um certo desequilíbrio entre as partes que o constituem. Deve dizer-se que, com a excepção que adiante apontarei, esse perigo foi evitado. Os colaboradores compreenderam os objectivos do organizador e souberam corresponder a eles. As crônicas têm interesse sensivelmente idêntico. É no entanto justo salientar, pela boa organização do material dado a conhecer, as contribuições de H. Schmid (Suíça), L. Wiberg (Suécia), L. Warnant (Bélgica), Aramón i Serra (Países catalães), R. M. Ruggieri (Itália) e, em especial, a *Crônica bibliográfica hispano-americana* em que, indo além do que lhe era pedido, o Prof. M. L. Wagner nos dá um panorama completo das obras científicas referentes às línguas da Hispano-américa, até hoje publicadas. A excepção a que me referi é a crônica dedicada aos trabalhos publicados nos Estados Unidos da América. O Prof. E. Williams não compreendeu certamente o plano do organizador e a sua contribuição só muito deficientemente nos informa sobre a produção norte-americana de entre 1939 e 1948 no terreno da filologia românica. Em secções como *Etymological Studies* (pg. 282) e *Miscellaneous* (pg. 284) limita-se a citar alguns nomes de autores e a remeter para as bibliografias publicadas.

O tomo fecha com três índices utilíssimos: um de autores, um de palavras e um índice analítico (este último, muito completo e bem orientado, devido a J. G. Chorão de Carvalho).

Como última observação: é pena que não tenha sido dedicada uma crônica bibliográfica à Finlândia. Na revista *Neuphilologische Mitteilungen*, nos *Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki*, nos *Annales Academiae Scientiarum Fennicae* e noutras colecções publicaram-se entre 1939 e 1948 trabalhos de grande interesse para a linguística românica que não deveriam deixar de vir mencionados neste volume ⁽¹⁾.

LUÍS F. LINDLEY CINTRA

(1) Depois de ter escrito estas linhas, vejo que esta lacuna acaba de ser de certo modo preenchida pelo trabalho de R. Hakamies, *Bibliographie de la philologie romane en Finlande depuis 1938*, publicado na revista *Romanistisches Jahrbuch*, IV, 1951, pgs. 144-159.



Répartition et survivance des deux types *iscla* et *i(n)sula* dans les langues romanes

Etude de stratigraphie linguistique

Etudiant il y a quelque vingt ans le mot *plescum*, *pesclum*, fréquent dans les chartes latines de la Campanie ⁽¹⁾, j'ai déjà été amené à traiter de la forme épenthétique *iscla* pour **isla* < *insula* ⁽²⁾, que l'on rencontre dans les textes médiévaux du centre-sud de la péninsule italique, ainsi que de son correspondant moderne *iska* qui a pris en sicilien, en calabrais, en sarde ⁽³⁾, de même qu'en trentin ⁽⁴⁾ et ailleurs encore, certains sens assez éloignés parfois de la valeur primitive d'«île». Des mentions anciennes d'*iscla*, ou de ses dérivés *iscletu*, *-a* et *isclicella*, qu'il m'avait été donné de retrouver dans le *Codex diplomaticus Cavensis* en particulier ⁽⁵⁾, dans les *Regii neapolitani archivii monumenta* ⁽⁶⁾, dans le *Regesto di S. Angelo in Formis* de

⁽¹⁾ «*Pensulum*» dans le latin de Naples au moyen âge et dans la toponymie romane, *Archivum latinitatis medii aevi*, t. IX (1934), pp. 113-128.

⁽²⁾ Sur cette évolution, cf. G. - I. A [scoli], *Varia 3. ascla ascula ; iscla, Ischia ; Peschio*, *Archivio glottologico italiano*, vol. III (1878), pp. 456-460.

⁽³⁾ G. Grasso, *Ad un articolo glottologico del Sen. Prof. Ascoli illustrazione geografica*, *Rendiconti del R. Istituto lombardo di scienze e lettere*, ser. II, vol. XXXII (1899), p. 645.

⁽⁴⁾ A. Prati, *Raggranellando*, *Archivio glottologico italiano*, vol. XVIII (1914-1922), p. 417.

⁽⁵⁾ Voici les exemples recueillis, avec les dates : vol. I, p. 22 (842); vol. II, pp. 215 (984), 275 (989) et 310 (990); vol. III, p. 47 (996); vol. IV, pp. 43 (1004), 51 (1005), 273 (1017), 288 (1018); vol. V, pp. 3 (1018), 55 (1022), 133 (1027), 157 (1028), 206 (1031); vol. VI, pp. 49 (1035), 189 (1042); vol. VII, pp. 160 (1051), 250 (1054), 260 (1054), 294 (1056); vol. VIII, pp. 12 (1051) 268 (1064), 288 (1064), 309 (1064) et 323 (1064).

⁽⁶⁾ *Regii neapolitani archivii monumenta*, t. V, pp. 108 et 128.

Dom M. Inguanez⁽⁷⁾, dans le *Liber largitorius vel notarius monasterii Pharphensis* publié par G. Zuchetti⁽⁸⁾, dans le *Cartulario della chiesa teramana*⁽⁹⁾ enfin, je concluais que la forme *iscla* était ancienne dans la moitié sud de l'Italie, et j'étais disposé à croire qu'elle avait dû occuper «toute l'Italie, puisqu'il n'est guère probable que l'*isclo* du provençal moderne, qui n'est que la continuation d'un *iscla* attesté plus d'une fois en provençal ancien..., se soit développé isolément dans cette partie de la Gaule et que ce domaine d'*iscla* n'a dû faire qu'un avec l'aire du centre et du sud de l'Italie». C'est cette hypothèse trop simpliste que je voudrais remplacer par une plus nuancée et, je l'espère, plus conforme à la vérité.

Remarquons tout d'abord qu'*iscla* est attesté plus anciennement que je ne le croyais en Campanie. Si la mention la plus reculée que je connaissais d'un de ses dérivés était un toponyme *Excleto* donné par un texte de Farfa em 839⁽¹⁰⁾, le mot simple était attesté pour la première fois, disais-je, à Salerne en 950⁽¹¹⁾, avec un «*iscla ubi Due Flumina dicitur*» : or — et ce passage m'avait échappé —, dans cette même région, on trouve déjà un «*molino in escla ista pars flubio Perticata*»⁽¹²⁾ en 842, soit plus d'un siècle avant. Mais la n'est pas le point le plus important : ce qu'il convient de noter, c'est qu'*iscla* et son dérivé *iscleta*, *iscletum* ont été connus dans une aire beaucoup plus vaste que celle que j'avais cru pouvoir délimiter. Pour la région de Subiaco, nous avons en effet des «*vineis in escleto et in cerreto*» en 958, un «*locum qui dicitur excletum*» en 1013, et la mention d'«*in exclitu terra actionalis ad modiorum tres*» en 1005⁽¹³⁾. Pour Farfa, aux exemples cités dans mon précédent article je puis ajouter une «*Isclam*» en 1050 et un «*castellum de Iscla*» en 1039⁽¹⁴⁾, un «*isclita*» vers 1020, et un «*in comitatu sabinensi, in loco qui no-*

(7) D. M. Inguanez, *Regesto di S. Angelo in Formis*, Badia di Montecassino 1925, pp. 20, 153, et 166.

(8) G. Zuchetti, *Liber largitorius vel notarius monasterii Pharphensis*, vol. I, Roma 1913, pp. 37 (839), 55 (873) et 204 (983); vol. II, Roma 1932, pp. 31 (1058) et 222 (1110).

(9) F. Savini, *Il cartulario della chiesa teramana*, Roma 1910, pp. 18 et 74.

(10) G. Zuchetti, *op. cit.*, vol. I, p. 37.

(11) *Codex diplomaticus Cavensis*, vol. I, p. 232.

(12) *Op. cit.*, vol. cit., p. 22.

(13) L. Allodi e G. Levi, *Il Regesto sublacense dell' undecimo secolo*, Roma 1885, pp. 54, 232 et 234.

(14) I. Giorgi e U. Balzani, *Il Regesto di Farfa di Gregorio di Catino*, vol. IV, pp. 275 et 146.

minatur *Scleta*» en 1058 ⁽¹⁵⁾, et enfin un «*Scletum*», nom de lieu lui aussi, en 1015 ⁽¹⁶⁾. Et pour les Pouilles, je citerai une «*terram... que est ultra flumen in loco Issce Sancte Columbe*» ⁽¹⁷⁾ mentionnée dans un document de 1171 provenant de Canne, près de Barletta, ainsi que, pour Teramo, un lieu dit «*in la Iscla*» figurant dans un texte de 1108 ⁽¹⁸⁾ et une terre limitée par un sentier «*qui pergi a ponte qui dicitur de Iscle*» ⁽¹⁹⁾ à Nepi en 1032.

Voilà donc notre forme attestée assez fréquemment, de Salerne à Farfa, de Canne à Teramo et à Nepi. Ce n'est pas tout. Plus au nord encore, *escleto* apparaît aux alentours d'Arezzo, dès 1026, avec la mention d'un «*loco Escleto*» ⁽²⁰⁾; et nous retrouvons ce toponyme en 1040 avec une «*terra et vinea, qui est posita in loco et vocabulo Escrito*», en 1060 avec «*tertiam partem de nostra silva de Escleto*» ⁽²¹⁾. Citons aussi, pour cette même région, un lieu dit «*in avocabulo Escrito Botano*» en 1058, et un autre dérivé, «*in advocabulo Escliola da Rufano*» en 1090 ⁽²²⁾, auxquels on peut ajouter un «*Ischieto*» en 1191 ⁽²³⁾, deux «*Escleto*» en 1222 ⁽²⁴⁾, et un «*Eskieto*» en 1238 ⁽²⁵⁾. Quant au lieu dit «*in avocabulo a lo Esclo*» d'une charte de 1031 ⁽²⁶⁾ c'est là sans doute une faute de copiste pour «*Escleto*». Dans la région de Sienne, nous avons deux dérivés: un «*Isclito*» en 1038, et un «*Esclile*» en 1079 ⁽²⁷⁾. A Lucques, le nom commun *scleto*, dans la mention d'une «*terra et scleto seo silva*», apparaît dès 987 ⁽²⁸⁾, mais un toponyme identique, «*in loco Scleto prope Vaccule*», est beaucoup

⁽¹⁵⁾ I. Giorgi e U. Balzani, *op. cit.*, vol. III, p. 191, et vol. IV, p. 266.

⁽¹⁶⁾ I. Giorgi e U. Balzani, *op. cit.*, vol. III, p. 211.

⁽¹⁷⁾ *Codice diplomatico barese*, vol. VIII; Fr. Nitti, *Le pergamene di Barletta*, Bari 1914, p. 160.

⁽¹⁸⁾ F. Savini, *op. cit.*, p. 18.

⁽¹⁹⁾ L. M. Hartmann, *Ecclesiae S. Mariae in Via Lata Tabularium*, Vindobonae 1895, p. 78.

⁽²⁰⁾ U. Pasqui, *Documenti per la storia della città di Arezzo*, vol. I, Firenze 1899, p. 177.

⁽²¹⁾ U. Pasqui, *op. cit.*, vol. cit., pp. 230 et 271.

⁽²²⁾ L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *Regesto di Camaldoli*, vol. I, Roma 1907, pp. 118 et 228.

⁽²³⁾ L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *op. cit.*, vol. II, Roma 1909, p. 290.

⁽²⁴⁾ E. Lasinio, *Regesto di Camaldoli*, vol. III, Roma 1914, pp. 160 et 162.

⁽²⁵⁾ E. Lasinio, *op. cit.*, vol. IV, Roma 1928, p. 17.

⁽²⁶⁾ L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *op. cit.*, vol. I, p. 47.

⁽²⁷⁾ F. Schneider, *Regestum senense*, vol. I, Roma 1911, pp. 14 et 36.

⁽²⁸⁾ *Memorie e Documenti per servire all'istoria del ducato di Lucca*, t. V, parte 3.^a, p. 505.

plus ancien, puisque le premier exemple que j'ai relevé de «*Scrito*» date de l'an 740; qu'on le retrouve écrit «*Isclito*» en 760⁽²⁹⁾, et plus souvent «*Scieto*», en 838⁽³⁰⁾, 874⁽³¹⁾, 1018⁽³²⁾, ainsi qu'en 1026, dans un texte où il est question d'un «loco Costogiola, ... ubi dicitur *Isseto Bertaldi*»⁽³³⁾. Il a même donné naissance à ce que nous appellerions aujourd'hui un prénom: en 1023, en effet, est mentionné un «*Scieto*, que Signorecto vocatur»⁽³⁴⁾. Pour Pise, un même toponyme figure dans deux textes, de 1080 tous deux, sous deux graphies différentes, «*Scheto*» et «*Sceieto*»; en 1147, une charte mentionne un endroit «in Marciana ubi dicitur *Isclito*», et une autre un «loco *Ischeto*» en 1199⁽³⁵⁾. — Enfin, beaucoup plus au nord encore, dans la région de Padoue, apparaît en 983 un «*Scledo*», transcrit «*Ascledo*» dans une copie du XIII^e siècle⁽³⁶⁾; et plusieurs fois, dans des actes du XI^e siècle, figurent des mentions de la même localité — l'actuel *Schio* —: ainsi en 1013 «inter confinia *Scledi*»⁽³⁷⁾, en 1033 «inter *Asclodum* et sanctum Ursum»⁽³⁸⁾. Et là aussi, notre toponyme est devenu anthroponyme, puisqu'en 1017 une charte cite le nom de «*Yscledo iudices*»⁽³⁹⁾. On sait du reste que le trentin actuel connaît encore :*scia* «canneto, giuncaia (terreno paludoso, con canne e giunchi); *salceto*, *vettriciaia* (umido, pieno di salci o vetrìci); *granocchiaio*» selon A. Prati⁽⁴⁰⁾, qui a recueilli également bon nombre de mentions médiévales de noms de lieux du Trentin comme *Ischia*, *I scia* en dialecte, *Iscla* en 1217⁽⁴¹⁾. Et, à en croire Schuchardt, ce serait un

(29) L. Schiaparelli, *Codice diplomatico longobardo*, vol. I, p. 229, et vol. II, p. 49.

(30) *Memorie e Documenti...*, vol. cit., parte 2.^a, p. 521.

(31) *Op. cit.*, parte 2.^a, p. 327.

(32) *Op. cit.*, vol. cit., parte 2.^a, p. 120.

(33) P. Guidi e O. Parenti, *Regesto del capitolo di Lucca*, vol. I, Roma 1910, p. 42.

(34) P. Guidi e O. Parenti, *op. cit.*, vol. cit., p. 38.

(35) N. Caturegli, *Regesto della chiesa di Pisa*, Roma 1938, pp. 111, 113, 274 et 501.

(36) A. Gloria, *Codice diplomatico padovano dal secolo sesto a tutto l'undecimo*, Venezia 1877, pp. 97 et 100.

(37) A. Gloria, *op. cit.*, p. 124.

(38) A. Gloria, *op. cit.*, p. 162.

(39) A. Gloria, *op. cit.*, p. 137.

(40) A. Prati, *art. cit.*, p. 417.

(41) A. Prati, *Ricerche di toponomastica trentina*, Archivio glottologico italiano, vol. XVIII (1914-1922), pp. 226-227.

iscla encore qu'on aurait à la base du toponyme autrichien *Ischl* ⁽⁴²⁾, de même que, selon M. Gamillscheg, *iscla* expliquerait le *Nischl* des environs de Meran ⁽⁴³⁾. — Ce n'est pas, du reste, qu'en Italie continentale qu'on rencontre des traces, plus ou moins vivantes, plus ou moins fossilisées, de cette forme : *is̄ka* existe en campidanais, *iskra* en logoudorien et à Nuoro ⁽⁴⁴⁾ ; et qu'il me suffise, pour l'ancien sarde, de mentionner une «*is̄ia* de Galleta» et un «*su saltu* de Conca ... *cun s'is̄la*» dans le Condaghe di San Pietro di Silki ⁽⁴⁵⁾, et une «*iscla* sutta Clesia» dans un document de l'année 1133 ⁽⁴⁶⁾. — Enfin, hors des limites de l'Italie, en domaine provençal, Mistral enregistre les formes *islo*, *isclo* en rhodanien, ainsi qu'une série de diminutifs ou de dérivés, comme *isclado* «réunion d'îles ; arbustes d'une grève», *isclas* «grande île», *isclcto* «petite île», *iscloun* «ilôt» ⁽⁴⁷⁾. Et jusqu'en béarnais on retrouve *iscl* «île» — à côté du reste d'*ille* et d'*isle* —, de même que *isclou*, *isclète* «petite île» ⁽⁴⁸⁾. Que notre forme *iscla* soit ancienne en Provence, cela ressort, plus encore que de l'attestation fournie par Levy ⁽⁴⁹⁾ et de la présence d'un *iscla* dans un document avignonnais de 1481 ⁽⁵⁰⁾, du fait qu'à Nice, aux alentours de 1158, un texte parle d'une «*parte mea* *c'e yscla*» ⁽⁵¹⁾, et que deux chartes relatives à Saint-Victor de Marseille ont trait, l'une à une localité dénommée «*Iscia*» vers 1070, et l'autre à un même toponyme, «*Yscla*», en 1189 ou 1190 ⁽⁵²⁾.

(42) H. Schuchardt, *Ischl* < *Insula*? *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. XXV (1901), pp. 349-353.

(43) E. Gamillscheg, *Die romanischen Ortsnamen des Untervinschgaus*, in *Festschrift zum 19. Neuphilologentag in Berlin*, Berlin 1924, p. 34 sqq.

(44) M. L. Wagner, *Historische Lautlehre des Sardischen*, Beihefte zur *Zeitschrift für romanische Philologie*, fasc. 93, Halle (Saale) 1942, p. 160, § 256.

(45) G. Bonazzi, *Il Condaghe di San Pietro di Silki*, Sassari-Cagliari 1900, pp. 4 et 34.

(46) *Historiae Patriae Monumenta, Codex diplomaticus Sardiniae*, t. I., Torino 1861, p. 189.

(47) F. Mistral, *Dictionnaire provençal-français*, t. II, pp. 124 et 145.

(48) S. Palay, *Dictionnaire du béarnais et du gascon modernes*, t. II, Pau 1932, pp. 127 et 134.

(49) E. Levy, *Provenzalisches Supplement-Wörterbuch*, vol. IV, p. 224.

(50) P. Pansier, *Histoire de la langue provençale à Avignon du XIIe au XIVe siècle*, t. III, Avignon 1927, p. 98.

(51) E. Cais de Pierlas, *Cartulaire de l'ancienne cathédrale de Nice*, Turin 1888, p. 128.

(52) B. Guérard, *Cartulaire de l'abbaye de Saint-Victor de Marseille*, t. I, p. 389, et t. II, p. 428.

Ces formes toscanes, vénitiennes et trentines, qui permettent, de même que les mentions sardes et provençales, d'étendre considérablement vers le nord et vers l'ouest le domaine d'*iscia* et d'*iscletum*, n'ont pas échappé aux savants qui ont traité de la toponymie de ces régions. Bianchi le premier, à propos du nom de lieu *Monte-Liscari*, note qu'*Ischieto* est un mot très commun : mais il explique *Ischeto*, *Escheto*, *Scheto*, mentionnés par Repetti, comme des dérivés d'*esculus* influencés par *esca*, «che facevasi con una specie di fungo, nascente sopra alberi boscherecci»⁽⁵³⁾. Et cette étymologie, si invraisemblable qu'elle soit, a fait fortune, puisqu'elle a été acceptée par Pieri pour le nom de S. Michele in *Escheto*, village près de Lucques — c'est l'*Ischito* de 760 —, et pour celui de *Ischia* de Capanne di Sillano, en Garfagnana⁽⁵⁴⁾. Peut-être cependant cette solution ne l'a-t-il satisfait qu'à moitié puisque, par une étrange contradiction, ce même *Ischia* reparait sous l'étymon *insula* : et il ajoute alors, ce en quoi il a certainement raison, qu'il n'oublie pas *esculus*, mais repousse cet étymon comme bien moins probable⁽⁵⁵⁾. C'est cependant, il faut le constater, uniquement sous *esculus*, hélas, que figurent les multiples *Ischieto*, *Istieto*, *Schieto*, *Stieto*, *Aschieto*, ainsi que les vieilles formes *Esclo*, *Escieto*, *Esclioli*, *Islito*, qu'on rencontre dans le vocabulaire toponymique tant moderne que médiéval du bassin de l'Arno⁽⁵⁶⁾, qu'il est bien difficile de séparer des formes identiques de la région lucquoise. Quant au *Schio* de Vicence, *Sciedo* en 983, M. Olivieri l'a expliqué, ainsi que quelques autres toponymes analogues, par *esculus* lui aussi⁽⁵⁷⁾ : il y a été poussé peut-être non seulement par l'exemple de Pieri, mais encore par une graphie *Esculetum* de 1014, qui n'est rien d'autre qu'une latinisation arbitraire : ce qui est le cas du reste des *Esculeto* appliqués, en 1031 et 1067, à une localité des environs de Florence⁽⁵⁸⁾. Par contre, comme nous l'avons

⁽⁵³⁾ B. Bianchi, *La declinazione nei nomi di luogo della Toscana*, Archivio glottologico italiano, vol. IX (1885), p. 428.

⁽⁵⁴⁾ S. Pieri, *Toponomastica delle valli del Serchio e della Lima*, Supplémenti periodici all' Archivio glottologico italiano, vol. V, p. 86.

⁽⁵⁵⁾ S. Pieri, *op. cit.*, p. 150.

⁽⁵⁶⁾ S. Pieri, *Toponomastica della valle dell'Arno*, Rendiconti della R. Accademia dei Lincei, classe di scienze morali, storiche e filologiche, Appendice al vol. XXVII (1918), Roma 1919, p. 234.

⁽⁵⁷⁾ D. Olivieri, *Saggio di una illustrazione generale della toponomastica veneta*, Città di Castello 1914, p. 159.

⁽⁵⁸⁾ L. Schiaparelli, *Le carte del monastero di S. Maria in Firenze*, vol. I, Roma 1913, pp. 90 et 162.

vu, les *Ischia* et *Iscla*, modernes ou anciens, du Trentin, ont été ramenés par Prati, sans l'ombre d'une hésitation, à l'*iscla* expliqué par Ascoli.

Sans doute pourrait-on objecter qu'*insula* figure dans le recueil de M. Olivieri, et qu'il a donné *Isola* — d'où plusieurs dérivés — dans cette partie de l'Italie. Sans doute aussi Prati a-t-il soin de remarquer que «la voce *iscla*..., mentre è tanto comune nel trentino, è invece, per quanto se ne sa, affatto sconosciuta nel veneto, sia quale nome comune, sia quale nome locale». Et il ajoute : «Già nella valle alta della Brenta, ove à principio il veneto, essa è ignota e l'*iscla*, villaggio presso il lago di Caldonazzo (Léxico), e l'*iscla* *Lóna*, vicina a questo paese, si trovano appunto ancora nel territorio dialettale trentino, sia pure in una zona con influsso veneto», finissant par noter que «*iscla* ecc. è comune nella Valle Lagarina..., mentre non si mostra più nel Veronese, dove si incontrano invece *Isoléta*, *Isoléta*, *Isoléta* nomi frequenti lungo i corsi d'acqua»⁽⁵⁹⁾. Mais serait-il vraiment impossible que dans le centre et le nord de la péninsule, de même qu'en Provence, *insula* ait donné deux résultats divers, répondant à deux couches différentes, résultats explicables, le premier par le traitement vulgaire du mot, le second par une influence lettrée ? Cela l'est d'autant moins que, ces deux couches, il faut les admettre même pour la Campanie, le Latium, les Abruzzes.

Si dans la région de Cava seule la forme épenthétique est attestée dans les chartes que j'ai dépouillées — il y est question en 1027 encore de «due *iscla* mee pertinentem, in qua salicetum ibi sunt», et en 1040 d'une «*isclitella* ipsius ecclesie»⁽⁶⁰⁾ —, les parlars modernes ont par contre une forme analogue à celle de l'italien littéraire. A quelle époque s'est produit ce remplacement, c'est ce qu'il est malaisé de préciser. Une bulle d'Urbain II — document d'origine romaine par conséquent, bien qu'il ait pu être rédigé à l'aide de chartes locales — relative au monastère de S. Angelo in Formis, parle en 1097 d'une église «*Sancti Petri in Escleta*» et d'une autre dénommée «*Sancti Benedicti de Colle de Insula*»⁽⁶¹⁾ : mais on ne peut guère tirer de conclusion de cette coexistence des deux termes, étant donné surtout qu'*escleta*, comme nous le verrons, a pu survivre à *iscla*. Pour Farfa, *iscla* est attesté au Xe et au XIe siècle encore, mais comme topo-

(59) A. Prati, *op. cit.*, loc. cit.

(60) *Codex diplomaticus Cavensis*, t. V, p. 133 et t. VI, p. 129.

(61) D. M. Inguez, *op. cit.*, p. 20.

nyme seulement : et c'est en 1026 qu'apparaît pour la première fois la mention d'un lieu dit «ad *Isule* ⁽⁶²⁾». A Gubbio, les textes qui nous intéressent sont rares et assez récents : on n'y trouve qu'un endroit appelé «alla *igsula* da lo molino» en 1047, et, en 1160, un personnage du nom de «Ubertus Rainerii Ursi de la *isola* ⁽⁶³⁾». Par contre, il semblerait que la forme épenthétique se soit conservée plus longtemps dans la région montagneuse de Teramo, puisqu'un lieu dit «in la *Iscla*» et qu'un «castello *Isca*» sont mentionnés en 1108 et en 1122 ⁽⁶⁴⁾; il est vrai qu'alors déjà notre mot n'était plus peut-être qu'un toponyme figé, et que la langue de tous les jours employait *isola* : en tout cas, il est question en 1026 d'«ipse *insula* a Formecino», en 1063 d'un «castello de la *Isola*», et en 1101 d'une «sexta parte de la *isola* ⁽⁶⁵⁾». Pour Arezzo, s'il est exact, comme nous l'avons vu, qu'*Escio*, *Esclito*, *Escliola* ne sont pas rares dans les textes du XI^e siècle, il est vrai aussi que dès les premières années de ce même siècle *isola* est fréquent. En 1024, une charte mentionne un lieu dit «ad *Isula* Silbe» ⁽⁶⁶⁾, et un 1030 un autre dénommé «*Isolella*» ⁽⁶⁷⁾; en 1031, on trouve également une «petiola de terra... in loco vinea de la *Isula* ⁽⁶⁸⁾», et en 1035 des terres sises «in avocabulo *Isola* ⁽⁶⁹⁾», ainsi que, en 1078, dans un document daté de Florence, un endroit appelé «*Isula* de Monte Augusto prope fluvio Greve ⁽⁷⁰⁾» : et un acte daté de 990 parle déjà, du reste, d'un «loco ubi dicitur *isola* Prili ⁽⁷¹⁾». Pour Volterra et Sienne où, nous le savons, *Isclito* et *Isclile* sont attestés comme toponymes au XI^e siècle — *isola*, le plus souvent nom de lieu lui aussi, n'est pas rare à partir de l'an mille : qu'il me suffise de citer, pour Volterra, «de casa... a *Isula*» en 1034, et «*Isulo* prope Iunciano» en 1115 ⁽⁷²⁾ et, pour Sienne, «monasterio S. Salvatoris de *Isola*» en 1010, «petias terre una in *Issula*» en 1025, «in

(62) I. Giorgi e U. Balzani, *op. cit.*, vol. V, p. 256.

(63) P. Cenci, *Carte e diplomi di Gubbio*, Perugia 1915, pp. 37 et 197.

(64) Fr. Savini, *Il cartulario della chiesa teramana*, Roma 1910, pp. 18 et 74.

(65) Fr. Savini, *op. cit.*, pp. 55, 62 et 64.

(66) U. Pasqui, *op. cit.*, vol. I, p. 170.

(67) L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *op. cit.*, vol. I, p. 44.

(68) U. Pasqui, *op. cit.*, vol. cit., p. 217.

(69) L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *op. cit.*, vol. cit., p. 64.

(70) L. Schiaparelli e F. Baldasseroni, *op. cit.*, vol. cit., p. 172.

(71) R. Piattoli, *Le carte della canonica della cattedrale di Firenze (723-1140)*, Roma 1938, p. 61.

(72) F. Schneider, *Regestum volaterranum*, Roma 1907, pp. 44 et 54.

Isula [il s'agit peut-être d'un nom commun] prope monasterio» en 1038 ⁽⁷³⁾.

Ces mentions, du reste, ne nous renseignent nullement sur la date à laquelle la couche *isula* s'est superposée à la couche *iscla*. Les vieux documents lucquois nous font cependant entrevoir que, dans cette région en tout cas, *isula* a gagné très tôt la partie, puisque dans un texte de 755 déjà nous trouvons des «petias... de terra qui est *isula* ubi vocabulum es in Delica» ⁽⁷⁴⁾, mention suivie en 800 d'une «terra nostra ad *Isula*» ⁽⁷⁵⁾, en 812 d'une «*insola* Lamarise» ⁽⁷⁶⁾, en 815 d'une «*Insula* prope Lunata» ⁽⁷⁷⁾, pour ne citer que celles-là. Et dans la plaine du Pô, aussi haut qu'on peut remonter, c'est toujours *isula*, *insola* qu'on rencontre comme nom commun dans les anciens documents : en 862 déjà, il est question d'une «*insola* de Martiale», puis de l'«*insola* que dicitur de Anguida» en 865, et du lieu dit «*Isola*» en 878 ⁽⁷⁸⁾; et, dans les dernières années du IX^e siècle, ainsi que dans les siècles suivants, les exemples analogues ne sont pas rares non plus. Aux alentours de Parme, là aussi, ce n'est qu'*insola*, *insula* qui apparaît, en 998, en 1092, en 1099 ⁽⁷⁹⁾; il en est de même pour les environs de Reggio, où on a en 962 une «*insola* Mauritula, seu *inso*la Pedangnolo», mention suivie en 963 de «*insolas*», et d'une «*insola* S. Benedicti» la même année ⁽⁸⁰⁾; et pour Modène aussi, on n'a qu'*i(n)sula*, avec «*isola* de flumine Scultennam» en 1066, et «*ysola* dal Runco» en 1157 ⁽⁸¹⁾. Et dans la région de Padoue, où nous avons trouvé un *Scledo* à la fin du X^e siècle, *isola* est lui aussi attesté comme nom commun dès 1015 ⁽⁸²⁾, soit une trentaine d'années seulement après la plus ancienne mention connue de *Schio*. Mais il y a, ici comme ailleurs, une différence entre la valeur de ces deux

⁽⁷³⁾ F. Schneider, *Regestum senense*, vol. I, Roma 1911, pp. 11, 13 et 14.

⁽⁷⁴⁾ *Memorie e Documenti per servire all'istoria del ducato di Luca*, t. V, parte 2.^a, p. 31. Cf. L. Schiaparelli, *Codice diplomatico longobardo*, vol. I, Roma 1929, p. 356, qui lit : «ubi vocabulum est la Debla».

⁽⁷⁵⁾ *Op. cit.*, t. IV, parte 1.^a, pp. 97 et 189.

⁽⁷⁶⁾ *Op. cit.*, t. IV, parte 2.^a, appendice, p. 18.

⁽⁷⁷⁾ *Op. cit.*, t. V, parte 2.^a, p. 238.

⁽⁷⁸⁾ *Codex diplomaticus Longobardiae*, col. 372, 392 et 468.

⁽⁷⁹⁾ G. Drei, *Le carte degli archivi parmensi dei sec. X e XI*, vol. I, Parma 1931, p. 257 («*insola* mea que vocatur Digna»), et vol. II, pp. 224 et 268.

⁽⁸⁰⁾ P. Torelli, *Regesto mantovano*, vol. I, Roma 1914, pp. 19, 22 et 23.

⁽⁸¹⁾ E. P. Vicini, *Regesto della chiesa cattedrale di Modena*, vol. I, Roma 1931, pp. 240 et 362.

⁽⁸²⁾ A. Gloria, *op. cit.*, p. 134.

témoignages, puisque *Scledo* est un toponyme, et ne peut par conséquent que nous prouver qu'*iscletum* a été connu dans cette zone, sans qu'on puisse rien en inférer concernant l'époque à laquelle il a vécu dans le lexique de tous les jours, ni la date approximative à laquelle il s'est fossilisé dans le vocabulaire toponymique, et qu'*isola* au contraire est employé comme nom commun, dans «*isola* que dicitur Fogolana» par exemple. — Pour le Piémont, alors que la forme épenthétique n'apparaît à ma connaissance ni dans le vocabulaire courant, ni dans le lexique toponymique, *isola* règne seul : deux chartes astésanes, de 925 et 929, mentionnent une «*curte Isola*», suivie d'un «*locus ubi dicitur Isolella*» et d'une «*terra qui pertenet de curte Isola*» en 956, et d'une «*pecia de terra in... insula*» en 1088, à Asti toujours⁽⁸³⁾. Ainsi en est-il enfin en Ligurie, où je n'ai rencontré qu'*i(n)sula*, dans «*isola de terra que est poxita iusta fluvio Vesano*» en 1024 entre autres, et «*lisola que dicitur a la Lovaria*» en 1066⁽⁸⁴⁾.

En Provence, par contre, c'est de nouveau la présence simultanée d'*iscla* et d'*i(n)sula* que l'on constate, tant dans les parlers actuels que dans les chartes médiévales. En effet, si, comme nous l'avons vu, Mistral enregistre *iscla* et ses dérivés, il catalogue également *ilo*, *ilho*, *inlo* pour le limousin, *illo* pour le gascon ; et les textes anciens corroborent cette constatation, puisque le cartulaire de Saint-Victor, à côté du toponyme *Iscla*, donne également «*ipsa valle que dicitur Lisola*» en 965-977, «*Ugonis de la Isla*» en 1082, «*pararium in Insola cum ribagio*» en 1218, entre autres⁽⁸⁵⁾ et, comme nom commun, «*unam peciam... que est iusta Caramia, cum ipsam islam*», dans un document du XI^e siècle⁽⁸⁶⁾.

Mais sitôt que l'on passe le Rhône, le paysage change une fois de plus, puisque le type *iscla* est inconnu au Languedoc, à la France du nord, à l'Espagne, au Portugal. Le cartulaire d'Aniane n'a qu'un exemple d'*insula* comme nom commun, «*medietatem cujusdam insule*» dans un texte de 1162-1187⁽⁸⁷⁾ ; de même celui de Beaulieu en Limousin, avec «*mansum qui vocatur in Valle, excepta isla quae*

(83) *Historiae patriae monumenta ; Chartarum* t. I, col. 126, 134, 179 et 682.

(84) L. T. Belgrano, *Cartario genovese*, Atti della Società ligure di storia patria, vol. II, parte I, Genova 1870, pp. 123 et 173.

(85) B. Guérard, *op. cit.*, t. I, pp. 29 et 176 ; t. II, p. 480.

(86) B. Guérard, *op. cit.*, t. I, p. 339.

(87) Abbé Cassan, E. Meynial, *Cartulaire d'Aniane*, Montpellier 1900, p. 298.

est *ultra aquam nomine Dornoniam*» en 1031-1059⁽⁸⁸⁾. Dans les documents publiés par Devic et Vaissète pour le Languedoc, ce n'est aussi qu'*insula*, *insola*, *Isia*, *Illa*, *Ila*, qu'on rencontre, de la fin du IX^e siècle à 1200⁽⁸⁹⁾: formes vulgaires qui se retrouvent telles quelles dans le cartulaire de Gimont, où est mentionnée fréquemment la localité de l'*Isle-Jourdain*, appelée dix fois *Ila*, quatre fois *Illa*, seize fois *Isia*⁽⁹⁰⁾.

Pour l'Espagne, qu'il me suffise de citer, pour les environs de Barcelone, «*insulas* et *gleras*» en 983, «*in ipsa gleira de Riopullo... vel in ipsa insula*» en 994⁽⁹¹⁾, «*ipsa terra ad ipsas isulas*» en 1010, «*ipsa terra de ipsa Isolas*» en 1021, «*in locum quem dicunt ad ipsa isla de Ballomare*» en 1074⁽⁹²⁾, «*ad ipsa isla de Saug*» en 1076⁽⁹³⁾. Ajoutons, pour l'Espagne proprement dite, «*in insulas de Luminaria*» en 1014 et «*in fine insula de Varea*» en 1070, dans des chartes de San Millán de la Cogolla⁽⁹⁴⁾, «*en los molinos de la ysla de Redonda*» à Covarrubias en 1268⁽⁹⁵⁾; et, pour le Portugal, «*in villa que dicitur Insula*» en 1102, «*per mediam insulam de Uauga*» en 1108, «*media parte ipsius ville de Insula*» en 1109⁽⁹⁶⁾.

S'il est clair, en conséquence, que l'esp *isla* représente *i(n)sula*⁽⁹⁷⁾, le problème de l'origine du fr. *île* est à première vue plus compliqué, puisque dans cette langue tant le groupe -scl- que le groupe -s'l- aboutissent à -l-, masculin donnant *mâle* comme *pe(n)sile*

(88) M. Deloche, *Cartulaire de l'abbaye de Beaulieu (en Limousin)*, Paris 1859, p. 173.

(89) Cl. Devic et J. Vaissète, *Histoire générale de Languedoc*, éd. Privat, t. V, Toulouse 1875, col. 94, 162, 310, 323, 441, etc.

(90) Abbé Clergeac, *Cartulaire de l'abbaye de Gimont*, Paris et Auch 1905, pp. 9, 11, 12, 13, 19, 32, etc.

(91) J. Rius, *Cartulario de «Sant Cugat» del Vallès*, vol. I, Barcelona 1945, pp. 127 et 252.

(92) J. Rius Serra, *op. cit.*, vol. II, pp. 71, 128 et 342; cf. *op. cit.*, vol. III, p. 71 (1124).

(93) F. Udina Martorell, *El «Llibre Blanch» de Santas Creus*, Barcelona 1947, p. 20.

(94) L. Serrano, *Cartulario de San Millán de la Cogolla*, Madrid 1930, pp. 94 et 206.

(95) L. Serrano, *Cartulario del Infantado de Covarrubias*, Fuentes para la historia de Castilla, t. II, Silos 1907, p. 110.

(96) *Documentos medievais portugueses; Documentos particulares*, vol. III, Lisboa 1940, pp. 44, 250 et 287.

(97) Cf. R. Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica española*, 7.^a ed., Madrid 1942, p. 165, § 63.

devient *poêle*. On pourrait donc se demander si la Gaule romane a usé de *iscla* plutôt que d'*i(n)sula*. Mais ce qui néanmoins fait pencher la balance en faveur de cette dernière hypothèse, c'est que les patois français où précisément *-scl-* aboutit à un autre résultat que *-sl-*, le franco-provençal entre autres, nous montrent que les représentants de *île* vont toujours de pair avec de ceux de *pe(n)sile*, alors que les mots ayant un groupe *-scl-* présentent des phonèmes très différents⁽⁹⁸⁾.

On peut donc admettre, sans crainte de se tromper, que la plus grande partie de la Gaule, sauf une zone sud dont nous reparlerons, a eu *i(n)sula* et non la forme épenthétique *iscla*. Elle se trouve donc d'accord avec la péninsule ibérique, avec encore l'ouest et le centre de la plaine padane. Le reste de la Romania, au contraire — je ne parle pas ici du roumain, qui avec *ostrôv* montre une fois de plus les étroits rapports qu'il entretient avec les langues slaves — a certainement connu *iscla*, très tôt concurrencé du reste par *i(n)sula*. Phénomène que nous avons constaté en Provence, où *iscla*, malgré la présence d'*i(n)sula*, depuis des siècles, a résisté jusqu'à nos jours⁽⁹⁹⁾, de même que *iscie* et *isclou* se retrouvent à l'autre bout du Midi de la France, en béarnais. Ces deux îlots ont tout l'air de représenter les restes d'un domaine beaucoup plus étendu du mot, qui aurait été connu du golfe d'Aquitaine jusqu'aux Alpes et qui, sous la pression d'*i(n)sula*, a dû céder du terrain et dû se contenter, très tôt déjà, de vivoter dans les deux zones restreintes où il est usité aujourd'hui, souvent avec des sens très spéciaux, d'ailleurs. En Italie, ce même *iscla*, avons-nous dit, existe ou a existé dans le Trentin, en Vénétie, en Toscane, dans les Abruzzes, le Latium, la Campanie, la Sardaigne; et nous avons vu que, s'il vit encore dans le Trentin d'une part, en Campanie et en Sardaigne de l'autre, ce n'est guère que par la toponymie, et par quelques rares traces du nom commun dans des documents médiévaux, qu'on peut établir qu'il a été connu ailleurs.

(98) Cf. par exemple les résultats différents de *pe(n)sile* et de *misculaire* en Suisse romande, dans L. Gauchat, J. Jeanjaquet, E. Tappolet, *Tableaux phonétiques des patois suisses romands*, Neuchâtel 1925, pp. 32-33 et 175.

(99) Cf., en plus des exemples fournis par Mistral, et mentionnés plus haut, *iscla*, s. f. «île; lieu couvert de buissons et d'osiers le long des rivières» à Barcelonnette (F. Arnaud et G. Morin, *Le langage de la vallée de Barcelonnette*, Paris 1920, p. 80).

Imaginer qu'*iscla* a été le seul mot employé au sens d'«île», un jour, de Naples à Bayonne, tandis qu'*i(n)sula* régnait dans la Gaule du Nord et la péninsule ibérique, serait simplifier par trop, à mon avis, le schéma de la répartition ancienne de nos types : cette hypothèse se heurterait surtout au fait qu'on ne retrouve pas la moindre trace d'*iscla* en Piémont et en Lombardie, même dans la toponymie. En réalité, les aires occupées par *iscla* et *i(n)sula* ressemblent étrangement à celles, que j'ai étudiées naguère ⁽¹⁰⁰⁾, des articles *ille* et *ipse*. *Ipse*, ai-je remarqué, a été connu dans deux zones distinctes : une première qui va de la Gascogne à la Catalogne et aux Alpes, une seconde qui s'étend des Marches à la Basilicate, et qui englobe la Sicile, les îles Lipari et la Sardaigne. *Ille*, lui, est attesté de toute ancienneté dans la péninsule ibérique, la Gaule du Nord et bonne partie du Midi, la plaine padane tout entière, la Toscane ⁽¹⁰¹⁾. La seule différence entre *ipse* et *iscla*, c'est d'abord que la Catalogne, si elle a eu certainement *ipse*, ne paraît pas avoir usé d'*iscla* ; c'est ensuite que le Trentin et la Vénétie ont encore ou ont eu *iscla*, mais que, comme dans la plaine du Pô, l'article y a toujours été *ille* ; c'est enfin que la Toscane, qui appartient au domaine d'*ilie*, a eu par contre *iscla*.

Il est donc tentant d'expliquer nos deux aires *iscla* et *i(n)sula* en faisant appel aux mêmes raisons qui, selon moi, rendent compte de l'opposition des zones *ille* et *ipse*, c'est-à-dire au processus même de la latinisation de ces diverses régions. *Ille*, ai-je écrit, était un barbarisme au premier degré, puisqu'il s'agit simplement d'un adjectif démonstratif du latin classique passé à l'emploi d'article en latin vulgaire ; *ipse* au contraire est un barbarisme à la seconde puissance, puisqu'il a fallu tout d'abord que de la valeur de «même» il prenne le sens de «celui-ci», et qu'ensuite il ait été usité comme article. Or, continuais-je, «même dans le Bas-Empire, même à l'époque mérovin-gienne, on avait conservé une connaissance suffisante du latin, les écoles étaient encore assez agissantes, les pédagogues assez puissants, pour qu'on pût savoir que *ipse* ne signifiait pas *ille*, et qu'en conséquence on ne pouvait pas employer l'un pour l'autre. Mais désormais l'article était devenu une nécessité ; la langue de tous les jours ne pouvait plus s'en passer ; c'est alors que la discrimination entre *ille* et

⁽¹⁰⁰⁾ P. Aebischer, *Contribution à la protohistoire des articles ille et ipse dans les langues romanes*, Cultura neolatina, anno VIII (1948), pp. 181-203.

⁽¹⁰¹⁾ P. Aebischer, *art. cit.*, p. 200.

ipse dut s'effectuer. Au sud de Rome, ainsi que dans la Provincia et la Narbonensis qui avaient été romanisées très tôt et très intensément, dans les régions de l'empire où l'on croyait pouvoir parler latin en se laissant aller, sans avoir besoin ni d'écoles ni de maîtres, on conserva la forme courante, le double barbarisme *ipse* ; en Etrurie, dans la Gaule cisalpine, dans la Gaule proprement dite et dans la péninsule ibérique, où le latin était moins sûr de son affaire et où ceux qui le parlaient sentaient le besoin d'être guidés par des maîtres, l'usage cultivé réagit⁽¹⁰²⁾, et *ille* finit par y avoir le dessus.

Transposée à notre cas, cette hypothèse revient à ceci : que le latin, pour dire «île», avait deux mots, *insula* et *iscla*, celui-ci étant considéré comme plus vulgaire que celui-là, qui seul a été usé dans la suite par la littérature écrite et l'école. Les régions de la Romania où la latinisation s'est effectuée à une époque plus ancienne, Latium, sud de l'Italie, Toscane, Provence, Narbonaise peut-être, ont adopté *iscla* ; celles au contraire où l'influence de l'école s'est fait sentir plus fortement, Espagne, Gaule, Gaule cisalpine, n'ont peut-être jamais connu que *i(n)sula* qui, du fait qu'il avait seul l'appui de la langue littéraire, a réussi à s'introduire jusque dans les domaines de *iscla*, domaines dont au cours des siècles il s'est annexé bonne partie.

Il va sans dire que ce ne sont là que les lignes très générales de l'histoire romane de nos deux formes, et que sur de nombreux points de détail nous ne pourrions que nous poser des questions qui, faute de documents, resteront à jamais sans réponse. Sur deux d'entre eux, cependant, il est possible d'apporter quelques éclaircissements et de faire quelques rapprochements. L'existence d'*iscla* tant en Provence qu'en Béarn laisse croire, avons-nous dit, qu'à une date inconnue, mais très ancienne, cette forme était courante de l'Aquitaine aux Alpes : son domaine aurait été coupé en deux, puis la partie languedocienne aurait été rongée de plus en plus par *insula*. Fait analogue à celui que j'ai constaté pour *ille* et *ipse* : les terres d'*ipse*, qui ont dû s'étendre elles aussi des Alpes à l'Océan, ont été divisées par une coulée venue du nord, coulée qui s'est élargie toujours plus, ainsi qu'en témoignent les chartes latines médiévales elles-mêmes⁽¹⁰³⁾. La géographie linguistique moderne nous a fait connaître l'importance énorme qu'ont les vallées de la Seine et du Rhône pour le transport vers le Midi des innovations lexicales parisiennes ; de même faut-il

(102) P. Aebischer, *art. cit.*, p. 202.

(103) P. Aebischer, *art. cit.*, pp. 190-194, et surtout 191-192.

admettre, dans la Gaule romaine, que les directives linguistiques élaborées ou recommandées par des centres tels que Lugdunum ou Augustodunum ont pris le chemin du sud en suivant le même tracé.

Par ailleurs, si le Piémont, la Lombardie paraissent ne jamais avoir connu qu'*i(n)sula*, la Vénétie, avec son annexe le Trentin, ont eu *iscla*, ou même l'ont encore. Ce n'est pas, certes, que le processus initial de latinisation de la Vénétie ait été bien différent de ce qu'il a été dans le reste de la plaine padane : c'est tout simplement qu'elle est restée, pendant de nombreux siècles, en contact plus étroit avec le centre-sud de la péninsule. Ici ce sont les faits relatifs au développement du suffixe *-arius* qui expliquent et illustrent à merveille ce qui a pu se produire pour *iscla* et *i(n)sula*. J'ai montré qu'à une époque ancienne ce suffixe avait en Italie un double aspect : *-arius* en Toscane, en Lombardie, en Piémont, *-arus* dans toute l'Italie méridionale, en Ombrie, et, au nord des Apennins, dans les Marches, la Romagne, l'Emilie, la Vénétie et le Frioul. « Dans cette opposition si nette — disais-je —, et sans doute si ancienne, entre le domaine de *-arius* et de *-arus* en Italie, je verrais volontiers une opposition politique : tout le sud, byzantin et romain, de la péninsule, avait conservé *-arus*, qui aurait été adopté par les duchés longobards de Bénévent et de Spolète ; et ce serait grâce à l'influence byzantine d'Ancône, de Bologne, de Ravenne, d'Aquilée, que *-arus* se serait maintenu dans les Marches, l'Emilie, l'Exarchat, la Vénétie et le Frioul ⁽¹⁰⁴⁾ ». De même donc qu' *-arus* a pénétré et persisté jusqu'en Vénétie, ainsi cette région a-t-elle possédé, et conservé plus ou moins longtemps, la forme centro-méridionale et méridionale *iscla*.

Quant à la Toscane enfin, s'il est vrai, dans l'ensemble, comme l'a écrit Bertoni, que « il latino importato in Etruria era un latino più puro (cioè più laziale, più romano) di quello diffuso, per venire a un confronto, nel resto d'Italia, nella penisola iberica e anche nelle altre regioni sottomesse a Roma » ⁽¹⁰⁵⁾, il est vrai aussi que cette règle souffre de nombreuses exceptions : ce n'est pas l'Etrurie, que je sache, qui a conservé *edere* « manger », ou *mensa* « table », pour ne citer que ces deux mots. Si cette région a connu *iscla*, c'est précisément que ce terme a été, à un moment donné, plus latin — j'use de cet adjectif

(104) P. Aebischer, *Perspective cavalière du développement du suffixe -arius dans les langues romanes et particulièrement en italien pré-littéraire*, Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, vol. XXI (1948), p. 173.

(105) G. Bertoni, *Profilo linguistico d'Italia*, Modena 1940, pp. 15-16.

dans le sens de «propre au Latium» — qu'*insula*. Mais, docile en cela comme en tant d'autres faits phonétiques et morphologiques aux enseignements des grammairiens, des écoles, très tôt déjà l'Etrurie troqua son *iscla* contre *i(n)sula*, dont nous avons en tout cas des exemples pour le VIII^e siècle, c'est-à-dire dans les tout premiers documents qui nous soient parvenus. Et c'est sans doute dans le Latium, puis en Etrurie, puis en Vénétie, que ce remplacement s'est effectué en premier lieu.

La coexistence de nos deux formes, ai-je dit, pose bien d'autres problèmes, insolubles pour moi, sinon pour d'autres. Qu'il me suffise, pour terminer, d'en signaler un. M. Gamillscheg en particulier, avons-nous vu, a ramené les toponymes *Ischgl*, *Ischl*, *Nischl*, à *iscla*. Cela n'est point impossible, sans doute, puisque *isča* a persisté jusqu'à nos jours en trentin. Mais peut-on vraiment exclure *i(n)sula*? Cette hypothèse mérite d'autant plus d'être retenue qu'un lieu dit des environs de Schlins, dans le Vorarlberg, identifiable peut-être avec l'actuel *in Islen*, sur territoire de Satteins ⁽¹⁰⁶⁾, est appelé «Isola» en 820, «ad Isola» en 826 ⁽¹⁰⁷⁾, et qu'au surplus, à en juger d'après les renseignements fournis par Kübler, les toponymes grisons du même type, *Isla*, *Isel*, *Eisla*, *Ischla* et autres ⁽¹⁰⁸⁾, semblent bien avoir *i(n)sula* comme base, et non *iscla*. Point qui pour nous n'a du reste guère d'importance pratique. Accolée aux deux zones d'*iscla* et d'*i(n)sula*, il est clair que la Rhétie pouvait être influencée par l'une ou par l'autre — ou même par toutes les deux. Et nous avons vu que, dans la Romania, les régions qui ont connu les deux formes ne sont certes pas rares.

Lausanne.

PAUL AEBISCHER

⁽¹⁰⁶⁾ A. Hellbock, *Regesta von Vorarlberg und Liechtenstein bis zum Jahre 1260*, in *Quellen zur Geschichte Vorarlbergs und Liechtenstein*, vol. I, Innsbruck 1920-1925, p. 12, note 6.

⁽¹⁰⁷⁾ A. Hellbock, *op. cit.*, pp. 12 et 25 (n.^{os} 12 et 45).

⁽¹⁰⁸⁾ A. Kübler, *Die romanischen und deutschen Örtlichkeitsnamen des Kantons Graubünden*, Heidelberg 1926, pp. 128-129.

per 1. 87

L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne

(Conclusão)

3. antes de

Puisque cette «préposition» se construit très souvent avec une phrase infinitive, *antes de tu chegares* (Vitorino, Fascinação 105) *Eu já tencionava sair antes de tu entrares* (Corrêa Leite, Raça II 15 (166)) *E quando ela, antes de eles terminarem a sobremesa, se retirou* (Rodrigues, Castigo 237) *Antes dos índios chegarem ao Igarapé-assú tinham de passar em Todos-os-Santos* (Castro, Selva 287) *De manhã, antes de chegarem os empregados, é que trabalho melhor* (Eternidade 42) *alguns segundos antes da sereia apitar* (Lã 248) *Júlia abordou-o antes dele se acercar da porta* (256) *Horácio adivinhou o que acontecera antes mesmo de alguém lho dizer* (271), il n'y a rien d'étonnant à trouver aussi le pessoal seul *Antes, porém, de entrarmos na explicação do chamado acusativo de respeito, vejamos* (Revista I 55) *Como senhoras vizinhas, antes de fecharem o olho, conversam* (Brandão, Pescadores 174) *mesmo antes de cá vires, não eras um desconhecido* (Leone, Para além 215) *que, por sinal, antes de começarem a arder, já nos faziam gritar* (Luzia 94) *Mas porque não me vieste procurar antes de fugires de casa?* (Esperança, Servi-dão 204), avec changement de sujet *tive o inocente valor de pedir ao pai que me deixasse ir ver o mano à cadeia antes de sairmos de Visau* (Camilo, Amor 131) *Confessei-te antes de casarmos ser filha de pais poiacos* (Duarte, Vencidos 128) *a ela não... mas ao noivo, antes de casarem* (Cabreira, Quando o sol 346) *Antes de começares a apren-*

der, já o *Mateus* andava com o olho em cima de mim (Castro, *Lã* 357), formes zero a sua última aula, dada cerca de oito dias antes de felecer (Revista I 9) Antes mesmo de acabar, já todos os outros galhavam (Castro, *Lã* 119).

On peut trouver l'impessoal *Antes de nos instalar definitivamente ... queríamos medir todos os prós e contras* (Luzia 73) *riamos, antes de ouvir a invariável resposta* (80) e, mesmo antes de aninhar-se, *davam sensação de promiscuidade* (Castro, *Selva* 31) *ficavam calados antes de adormecer* (*Lã* 97) *fruíam o encanto vespéral, antes de ir jantar* (311).

4. após

Nous avons noté avec la forme impersonnelle *Os operários do primeiro piso, após ouvir aquilo* (Castro, *Lã* 197), avec le pessoal *E, após trocarem as cortesias de uso e correrem uma vista rápida pelos livros* (Ribeiro, *Via* 35) *após terem chegado à cidade* (Leone, *Para além* 157).

5. até

Ce mot peut très bien se combiner avec l'impessoal *Estaremos lá até ver* (Aleixo Ribeiro, *Caixa* 25) *Atlântida legendária ... que eles foram deflorando ... até a dominar completamente* (Castro, *Eternidade* 18) *Andaram assim, até encontrar maior largueza* (74) *às serras anainhas sucediam-se irmãs maiores, até formar, lá em riba e ao longe altiva cordilheira* (273). L'infinitif est très près d'être un substantif dans *Para a esquerda, até perder de vista, espraivam-se as ondas cinzentas* (Rodrigues, *Castigo* 199).

Mais on peut insister sur le caractère verbal de l'infinitif⁽³³⁾ *Depois apressem o passo até o encontrarem* (Camilo, *Amor* 52) *As heras marinham pelas paredes até enquadrarem e taparem as janelas* (Enjeitada 241) *partindo do branco passam por todas as gradações ... até se sumirem no preto* (Revista I 276) *As duas interpene-travam-se, até se confundirem* (XVI (3) 25) *os estudos filosóficos decaíram em Portugal, até quase se apagarem* (205) *até morrerem, as três irmãs escreveram inesgotavelmente* (*Mundo Literário* 17/8

(33) A noter la nuance spéciale de até dans *Comam e bebam até quererem!* (Rodrigues, *Castigo* 139).

46 p. 2) *impeliam o barco com vigor, nevoeiro adentro, até desaparecer na opacidade da garoa* (25/1 47 p. 4) *muralhas de pedra escura, que aproveitaram as ondulações do terreno, até se fecharem lá em baixo na porta principal* (Brandão, Pescadores 206) *Beberás vinho até tombares* (Redol, Marés 67). Il y a changement de sujet dans *elevando-as até tocarem as cornijas dos berços* (Revista II 119) *seguiu-os com a vista até dobrarem o caminho* (Cabreira, Quando o sol 62) *Seguiu-as sempre, até se perderem* (Redol, Gaibéus 52) *Caminharia como um renegado, até cair de fome e o levarem para o hospital* (Aleixo Ribeiro, Caixa 31), *formes zero disse ao negociante que conservasse na sua mão a quantia, até lhe ser pedida* (Camilo, Estrelas 176) *Até chegar à rua, até ter mão em si, as suas pernas tremiam-lhe* (Castro, Lã 261). Évidemment la phrase infinitive se rencontre aussi *Fora preciso enganá-la, poupá-la até eu nascer* (Régio, El-rei Sebastião 139) *emborcava copos até os joelhos se lhe dobrarem* (Mundo Literário 15/6 46 p. 7) *cada um dos operários ia-o levando para sua casa, até todos o lerem* (Castro, Lã 160) *É só até estarem prontas as casas que a Câmara mandou fazer* (308). On voit la phrase infinitive et le pessoal seul dans *até o tempo lhes consumir as carcaças e serem vendidos* (Redol, Gaibéus 101).

Une recette de cuisine comme *Batem-se primeiro os ovos com o açúcar até ficarem em castelo* (Magazine Bertrand, Junho 1933 p. 49) nous rappelle le problème millénaire de savoir quel est «au fond» le sujet d'un passif: le sujet «grammatical» ou le sujet «psychologique» (celui qui fait réellement l'action — mais quelle action?) Nous pensons qu'il y aurait plus de chances de voir ici l'impeessoal si c'était vraiment les oeufs qui «agissaient». Mais c'est «on» qui bat les oeufs. Il est donc permis de parler, *en quelque sorte*, de changement de sujet.

6. com

Si on constate l'emploi du pessoal dans *o maior esteio dos princípios da liberdade e da dignidade humana que, com serem a suprema força da Igreja ... constituem o ponto nodal de todas as questões sociais* (Revista I 231) *Com verificarmos o que significa «filologia» ... concorre imediatamente para nós a necessidade de olharmos o alcance da nossa ciência* (IV 388) *os descobrimentos portugueses, com terem acontecido no decorrer da vida nacional, não deixam por isso de ser substancialmente o passo decisivo para a hegemonia*

européia do mundo (Mundo Literário 23/11 46 p. 15) on voit bien que le caractère verbal de l'infinitif est assez prononcé : *com* équivaut ici presque à une conjonction, comp. la phrase infinitive dans *Mas que tem isso que ver com eu ganhar dinheiro?* (Castro, Lã 79). Il en est autrement dans *Com resolver o problema da terra teremos tocado neutro* (Ribeiro, Arcanjo 298) *Não nos contentando com usar, abusávamos* (Luzia 81) *certas delicadezas ou extravagâncias do mundo íntimo podem ganhar com ser como pressentidas pelos estranhos* (Régio, Gota 87) *sairam a tomar-me o passo com deitar cantigas e sapatear o fado* (Ribeiro, Estrada 148). Sans doute il peut s'agir de distinctions assez subtiles. Il est possible de voir les deux formes juxtaposées *Com poderem ... espreitar a aldeia ... com aspirar o hausto de ar ... as horas no mirante corriam mais rápidas que ...* (Ribeiro, Estrada 248).

7. *contra*

On peut noter la phrase infinitive dans *ele não ia contra eu ser seu genro* (Castro, Lã 177).

8. *de*

«Éloignement d'un lieu»: après *vir de* on trouve l'impeçoal *As pessoas que vinham de feirar na cidade* (Camilo, Amor 66), comp. Nobrega 50. *longe de* peut régir un infinitif impersonnel *Mas as grandes dores longe de matar ... parecem ainda revigorar e fortalecer* (Navarro, Última 296). Surtout *estar longe de* : *Não finjas uma indignação que estás longe de sentir* (Cordeiro, Corações 96) *estamos bem longe ainda de o poder considerar definitivamente assente* (Revista III 80) *as colónias nacionais estavam longe de possuir as indispensáveis condições climatológicas* (XIV 27) *ainda estão longe de ser conhecidos ... todos os manuscritos* (XIV 237). En d'autres cas il y a plus de ressemblance avec une proposition, d'où le pessoal *longe de o sentirmos em descrições directas, o concebemos literariamente* (Revista XVI (1-2) 182) *que longe de inspirarem compaixão, acordam o desprezo* (Navarro, Última 241).

Si on accepte l'analyse faite par Sandfeld § 255 de *près de, proche de*, on doit placer ici *próximo de*. On voit l'impeçoal dans *Mas estás assim próximo de abalar?* (Esperança, Servidão 269).

dispensar de On pourrait croire, d'après une logique quelque peu simpliste, que puisque ce verbe (et les suivants, comp. aussi *furtar-se* a) indique que telle ou telle action ne se produit pas ou ne doit pas se produire, «l'actualité» de l'infinitif serait trop faible pour permettre la forme personnelle, et on voit en effet *Dispensa tu, menina, de se ter quem a mandou embora* (Camilo, Enjeitada 71) *dispensamos de o repetir* (Revista XVI (1-2) 31) *o que não nos dispensou de soltar ... o habitual grito de guerra* (Luzia 105) *dispensava os seus interlocutores de falar* (Simões, Pântano 81). Mais il faut se garder de conclusions trop hâtives, comp. le pessoal dans *alguma cousa que nos dispense de, como este ano aconteceu, estendermos a mão à caridade das instituições culturais* (Revista II 373). Ici on pourrait dire que l'action d'étendre la main a effectivement eu lieu. Et si on dit *não dispensar de* cela signifie justement que l'action se fait ou doit se faire *Não te dispenso de a repetires* (Cabreira, Quando o sol 344). Cependant on verra par l'étude des verbes suivants qu'il n'est pas possible d'établir des règles absolues d'après ce critère, comp. aussi *limitando-se a dispensar as fazendas de irem despachar às alfândegas daqueles portos* (Revista XIV 189).

empecer de : *Não são assim tão sólidas, que te impeçam de escorregar como escorregaste agora* (Leone, Para além 49).

excluir de *Pess. dans que não excluia mãe e filha de cooperarem nos serviços domésticos* (Cabreira, Quando o sol 13-14).

impedir de *Impess. Isso, porém, não nos impedirá de continuar a chamar mirandês à linguagem de Miranda* (Leite de Vasc., Op. IV 687) *O que nos impede de falar* (Perspectiva II 149) *impediu os matemáticos de teorizar convenientemente o número um* (Revista XIV 97) *impedidas de se banhar nas águas do Oceano* (XVI (1-2) 51) *pess. impedia os carros de seguirem adiante* (Osório, Ambições 109) *impedia as Juntas de Governo de se imiscuirem em assuntos contenciosos* (Revista XIV 162) *visto ela não ter impedido os heréticos de agirem como revolucionários* (XVI (3) 40) *o que não nos impediu, aliás, daí em diante, de mutuamente nos chamarmos* (Luzia 103).

inibir de : *que um conjunto de circunstâncias o inibiram de inteiramente realizar* (Perspectiva 513).

livrar de *Impess. dans Livra-te de me tocar!* (Régio, Teatro 54). *Pess. dans livra-te de me tocares com as pernas* (Esperança, Servidão 138) *Comp. livre de. onde serás livre de fazeres o que te der na cabeça* (Ribeiro, Mónica 278).

proibir de Pess. dans *Já proibi as meninas de recolherem tão tarde* (Luzia 62) *proibidas de levarmos livros para a quinta* (85) *proibo-te de trabalhares* (Paschoa, Regresso 204) *Se o metesse na ordem e proibisse os seringueiros de o tratarem por «Estica»* (Castro, Selva 257) *a polícia havia proibido as casas de penhores de emprestarem mais dinheiro sobre objectos pertencentes aos grevistas* (Lã, 290-91).

salvar de Pess. dans *só uma tosquia completa os salva de terem aspecto ridículo* (Revista II 350).

Parmi les verbes intransitifs nous pouvons mentionner.

desistir de : *desistiram de prosseguir* (Duarte, Vencidos 33).

não passar de : *não passem de ser consequência de* (Leone, Para além 153).

«Origine et cause».

Ce sens se laisse facilement dériver du sens d'éloignement (comp. Sandfeld § 260). On n'a qu'à penser à *provir de*, qui se construit avec une forme zéro dans l'exemple suivant *O interesse desta Memória provém principalmente de fornecer uma visão de conjunto do comércio externo de Portugal* (Revista XVI (3) 7). On ne peut concevoir un exemple plus clair du sens de «origine» que celui-ci, qui contient le pessoal (dans une phrase infinitive) *esta frase originou-se de na época romana todas as vias militares irem ter ao forum da capital do orbis Romanus* (Leite de Vasc., Op. I 225). On pourrait peut-être placer ici le tour *não se me dá d'isso* qui se construit souvent avec un infinitif ⁽³⁴⁾ et dans l'exemple suivant avec un infinitif personnel *Querem ver que não se te dava de ficares por S. Caetano ? !* (Cabreira, Quando o sol 303).

folgar de : *As próprias mestras folgavam de vê-la* (Camilo, Enjeitada 112).

gostar de : *Há pessoas inteligentes que não gostam de conversar* (Osório, Ambições 161) *no mistério e no encanto que os amorosos tanto gostam de desvendar* (Cordeiro, Corações 89) *Gostam de ser modeladas* (Simões, Pântano 127) *os que gostam de se aventurar* (Brandão, Pescadores 92) *devem gostar de o ver* (Castro, Eternidade 157) *os camaradas gostavam de lhe ouvir as histórias com mulheres* (Redol, Gaibéus 50) *Eles gostavam de saber gingar e rir* (58).

⁽³⁴⁾ Sans de : *tanto se lhe dava casar na igreja católica como na mórmon ou maometana* (Ribeiro, Mónica 192).

queixar-se de : queixando-se de as torradas estarem queimadas (Luzia 164-65).

resultar de : Resultam, estas, de por vezes fazer Camilo uma caricatura das suas poderosas virtudes artísticas ... ; ou, então, de até certo ponto serem dificultadas por essas mesmas virtudes outras virtudes (Perspectiva 212).

Quelques participes : *cansado de : Cansadas de carregar pedras* (Luzia 61). *envergonhado de* puisqu'il y a changement de sujet dans *envergonhado de o verem naquele preparo* (Redol, Marés 47) le pessoal s'impose. *pasmado de* nous voyons une forme zéro dans *Todos de resto estavam pasmados de ser tão tarde !* (Eça, Maias 263).

On doit faire une place à part à des expressions comme *certos vegetes que fariam bem de passear-se nos cemitérios* (Ribeiro, Arcanjo 21), comp. Sandfeld § 271.

Verbes transitifs dont le régime est le sujet de l'infinitif (évidemment ils peuvent se mettre au passif).

acusar de Impess. dans *sem que possam acusar-nos de combater contra moinhos de vento* (Mundo Literário 27/7 46 p. 14) Pess. dans *acusando os monopolistas de voluntariamente abandonarem a produção de manufacturas úteis* (Revista XIV 160) *acusados de haverem destronado a poesia* (Perspectiva II 303) *acusando-os de arruinarem a Espanha* (Castro, Curva 42).

arguir de Pess. dans *Os latinistas ... são às vezes arguidos de insensibilidade, de só cuidarem, no comentário a um texto, da aquisição do pormenor e da miúda regrazinha gramatical* (Revista II 6). L'exemple montre que le fait d'être coordonné à un substantif ne suffit pas toujours à donner à l'infinitif un caractère substantivé prononcé.

culpar de : E nem sequer eram culpados de ser assim ou assado (Castro, Eternidade 31).

suspeitar de Pess. dans *suspeitasse todos os gulosos de lhe cobicarem o seu bem* (Ribeiro, Arcanjo 26).

Évidemment le *de* indiquant causalité s'emploie aussi de façon plus libre, sans être amené par des verbes spéciaux comme ceux qui ont été cités. On a l'impeessoal dans *já roucas de gritar* (Luzia 121). Le pessoal est fréquent *que, só de o verem rir, começaram também a rir* (Osório, Ambições 17) *riam de se encontrarem nas varandas com artistas* (212) *De querermos a verdade alcançada, tivemos a verdade celeste* (Perspectiva II 392). On peut noter spécialement de *tanto + inf. de tanto quererem fugir, acabam por queimar-se !* (Costa,

Solar 210) *Dir-se-ia que, de tanto se juntarem, a história e a fantasia se tomam mutuamente ... as qualidades que mais as distinguem* (Revista V 373) *já amarelecidos de tanto esperarem comprador* (Castro, Selva 87) *As muares, de tanto espanejarem a garupa com a cauda irrequieta, dir-se-iam enervadas mais de esperar do que de espantar as moscas* (Eternidade 272) *pés e mãos sujos de tanto mexerem em adubos e esterco* (Esperança, Servidão 42) *já velhas de tanto servirem* (286). Il va sans dire qu'il peut y avoir changement de sujet, comp. *parecia-nos, de tanto ouvirmos falar neles ...* (Luzia 172) et les phrases infinitives dans *de tanto ela o repetir, acabara por suspeitar secretas intenções* (Castro, Eternidade 67) *a felizarda não tinha culpa de ser bonita, louçã e de a apetecerem os homens* (Ribeiro, Arcanjo 20).

de instrumental⁽³⁵⁾.

contentar-se de Impess. *esses não se contentaram de os preparar para a publicidade* (Revista III 69), *pers. uns que se contentavam de serem primos* (Camilo, Amor 11), comp. *contente de*, *pers. dans contentes de se verem considerados* (Perspectiva 69).

encarregar (se) de Impess. *dans encarregados de manter o respeito por tais entidades* (Eça, Mandarin 14) *Pess. dans Queres encarregar-te de me saberes daíguns* (Cordeiro, Corações 107) *só tive uns estranhos encarregados de me atirarem ao mundo* (Régio, El-rei Sebastião 139).

fartar-se de: *Fartaram-se de disparatar os rapazes* (T. Coelho, Amores 270).

preocupados de: *os escritores preocupados de informar* (Revista III 229).

satisfazer-se de *Pess. dans Era caso para se satisfazerem de o verem com tais companhias* (Redol, Marés 276).

viver de: *viviam de esquentar o forno* (Ribeiro, Cinco réis 192).

«Relation».

cuidar de: *Cuidaram de estoírar a rir* (T. Coelho, Amores 121) *Em novos só cuidam de matar mouros, correr aventuras, trazer escravos da Guiné* (Duarte, Vencidos 47) *Eliminados os cartagineses da Ibéria cuidaram os romanos de montar a administração da Província* (Ribeiro, Avós 251) *Vé lá se cuidas de lhe preparar tudo quanto for necessário* (Rodrigues, Castigo 197-98).

⁽³⁵⁾ Est-il toujours facile de distinguer entre *de causal* et *de instrumental*? Comp. *Há coisas que se aprendem só de ver* (Esperança, Servidão 447).

descuidar-se de: quando os pastores se descuidavam de intervir (Castro, Lã 52).

esquecer(-se) de: Não te esqueças de correr bem os ferrolhos da porta (Dantas, Chagas I 6 (36)) Ao menos não te esqueças de pôr arúncio no jornal (Chagas, Comédias 44) Não se esqueçam de acender as velas do Oratório e de mandar as rosas a Nossa Senhora! (Fernanda de Castro, Maria 149) alguns críticos brasileiros não esqueceram de meter Milton Dacosta ... dentro do tacho do academismo (Mundo Literário 15/6 46 p. 5).

ficar de: Tinha ficado de vir das seis para as seis e meia (Castro, Lã 227) ficaram de envidar os seus esforços (Ribeiro, Cinco réis 238).

importar-se de: Importa-te de fechar a porta? (Cajão, Montanha 261).

lembrar-se de Impess. dans resolve acompanhar-me, e lembraste de o impedir! (Cortez, Lodo 70). Ici le sens est «s'aviser de» comp. aussi («ne pas oublier de») nem nos lembrámos de montar a cavalo (Luzia 112). Pour la signification «garder le souvenir de» il convient de mentionner des exemples comme Não te lembras de eu te dizer? (Castro, Terra 301) Ainda me lembro dele arrancar do quarto três gravuras clássicas de Faunos ousados e nymphas rendidas (Eça, cit. par Sester 78) donc avec des phrases infinitives que Sester à bon droit met sur le même pied que l'infinitif personnel. Comp. encore le tour impersonnel lembra-me ele dizer-me que (Camilo, Estrelas 146).

recordar-se de Pess. dans as mais velhas se recordavam de terem visto tapetes encarnados (Camilo, Estrelas 12-13).

tratar de: trataram de escolher quartos (Camilo, Enjeitada 242) Pois tratemos de distraí-la (Luzia 116) trataste de ir beber água (Duarte, Vencidos 36) Trata de levar isso para cima (Rodrigues, Castigo 85) Trata de abrir os olhos e protestar (Simões, Pântano 87) Ele e a mulher trataram de embriuhar os atafais (Ribeiro, Cinco réis 270).

vá de se combine naturellement avec le pessoal dans des cas comme vá de lhe deitarem fogo (Esperança, Servidão 71) vá de baterem os dentes com febres altas (97).

de d'obligation ou consécutif.

L'infinitif est souvent impersonnel dans cette fonction puisque son sujet est dans la plupart des cas indéfini *É de crer que* (Revista I 217) *É de supor ... que* (I 236). Aussi dans les constructions «apparemment passives» São ainda de notar as seguintes palavras (Revista XIV 228, «elles sont assez importantes pour qu'on les note») Bem

diziam todos os homens que as mulheres nunca eram de fiar (Castro, Lã 221) *De rezear, apenas os cães* (Esperança, Servidão 7) *Iam lá duas «gajas» que eram de se lhe tirar o chapéu* (Castro, Lã 167). Il est donc logique que si on trouve un exemple avec phrase infinitive *Vai você ver o que é um caldo de galinha feito cá pela senhora! Da gente se babar!* (Eça, Crime 17) le sujet puisse justement être le plus vague qui puisse s'imaginer (fr. «on»). De même *é de uma pessoa enlouquecer* (Cajão, Montanha 252) Comp. pourtant aussi *Deu-lhe um apertão de o bicho ver as estrelas* (Luzia 155). Et il y a d'autres types où il ne se trouve ni sujet vague ni sens passif (pas même «apparemment») *com umas tremuras na voz, que eram mesmo de o esbofetear!* (T. Coelho, Amores 101) *as suas cpiniões são de indignar um santo* (Selvagem, Telmo 43), et il y en a qui admettent le personnel *quase todos bêbedos de não se terem nas pernas* (Costa, Solar 215).

Faut-il placer ici le type *Por voz ou gestos pedem os animais que se lhes dê de comer* (Leite de Vasc., Op. III 597) *sempre encontramos quem nos dê de comer* (Esperança, Servidão 530) *dão-lhes de mamar* (T. de Pascoaes, Empecido 263)? Au moins il s'agit d'une locution toute faite.

Le *de restrictif* est nécessairement suivi de l'impessoal dans des cas comme *São fáceis de fazer* (Camilo, Enjeitada 177) *há crimes que são fáceis de julgar* (Botto, Isto 24) *Estas influências são muitas, mas em grande parte difíceis de apreciar miudamente* (Leite de Vasconcelos, Op. I 103) *são muito difíceis de apreciar* (I 281) *As cousas que chamas claras são, às vezes, difíceis de compreender* (Régio, El-rei Sebastião 131) *Estes demónios são realmente difíceis de levar* (Rodrigues, Castigo 311) *És difícil de entender* (Régio, Gota 210) *Bonitas são mais agradáveis de ver* (Mesquita, Envelhecer 9) *desagradáveis de ver* (Esperança, Servidão 42) *embora eles sejam árduos de decifrar* (Leite de Vasc., Op. I 18). L'infinitif n'a ici pas plus de sens passif que le substantif *nota* dans *Factos dignos de nota* (Leite de Vasc., Op. II 303). *nota* n'est pas un infinitif à sens passif. Le sujet de l'infinitif dans les exemples cités est indéterminé (comp. fr. «on»). De là la nécessité de l'impessoal. Ce serait tout autre chose si l'infinitif se mettait au passif (réfléchi) *posto que achassem lindas de se verem as flores* (Camilo, Estrelas 15). Pourtant Góis garde l'impessoal même en paraphrasant *Desaforos difíceis de tragar* (*de ser tragados*) *Ossos duros de roer* (*de ser roídos*) *Penas duras de suportar* (*ser suportadas*) (p. 159).

Après *digno de* on voit l'infinitif sans désinences dans *sem que todavia os julgasse dignos de morrer por eles* (Ribeiro, Arcanjo 51). Personne ne contestera que nous avons affaire ici à un infinitif actif. Il est donc possible de voir le pessoal *Dois tinha eu há dias, dignos de acompanhar... a minha prima* (Camilo, Amor 117) *Volta quando te sentires bom, e digno de aceites a afeição de irmã que Flávia te dá* (Camilo, Enjeitada 211). Le pessoal se trouve aussi lorsque *digno* est suivi d'un infinitif passif (un vrai passif, celui-là) *exemplos dignos de serem notados* (Leite de Vasc., Op. I, Aditamentos VII) *Não são muito dignas de serem mandadas* (Pessoa, Cartas 26).

Pour le sens «objectif» après des adjectifs, notons :

ansioso de : *ansiosos de conhecer os novos fundamentos* (Revista XVI (1-2) 94).

capaz (incapaz) de Impess. dans *Eram capazes de estranhar que ele não voasse* (Colaço, Beijo 27) *incapazes de proferir palavra* (Cordeiro, Corações 146) *capazes de meter a flecha na porta* (Perspectiva II 406) *Seremos capazes de sentir intimamente Os Lusíadas* (Revista XVI (1-2) 54) *És capaz de ter razão* (Redol, Forja 68) *eram capazes de julgar que ...* (Castro, Selva 83) *seriam capazes de palmilhar um dia inteiro todas as sendas da floresta* (148), pess. dans *ideias gerais capazes de implicarem* (Perspectiva 24) *capazes de por si só sintetizarem* (593) *músicos natos, capazes de conceberem uma linha melódica nova* (Revista II 319) *incapazes de por si só encontrarem o bom caminho* (Duarte, Vencidos 67) *incapazes em sua urbanidade primária de sujeitarem o proceder à fórmula de reserva imposta pela delicadeza* (Ribeiro, Mónica 191) *Que vestidos capazes de a endeusarem, que chapéus capazes de a rejuvenescerem?* (Archer, Ladrões 27) *incapazes de nos separarmos* (Redol, Forja 31) *tantos amadores de livros inteiramente incapazes de compreenderem um bom texto* (Mundo Literário 22/6 46 p. 3) *elementos capazes de dirigirem a produção do livro* (4), comp. le substantif *capacidade* : *a capacidade de ter para trabalhos graves lido o rosto, de se mostrarem rompentes leões* (Revista XVI (1-2) 58).

ser capaz peut être une locution impersonnelle : *é capaz de não ser só sezões* (Redol, Gaibéus 138) *É capaz de ser a nossa gente!* (Ribeiro, Cinco réis 298) *É capaz de você amanhã já ter de ir sozinho* (Castro, Selva 125) *É capaz de lhe teres já feito enxoval* (Osório, Ambições 202).

curioso de : *curiosos de saber se* (Castro, Selva 60).

desejoso de *Pess.* dans *desejosos de irem debruçar-se lá em cima* (Castro, *Eternidade* 22).

possível de : *possíveis de acontecer* (*Mundo Literário* 15/6 46 p. 11).

receoso de : *receosos de acordar alguém* (Luzia 49).

susceptível de *Impess.* dans *susceptíveis de cristalizar-se em metáforas* (*Perspectiva* II 488) *susceptíveis de acordar uma emoção de alegria* (*Revista XVI* (1-2) 97) *susceptíveis de ser convertidos em termos de realidade* (*XVI* (1-2) 111). *poss.* dans *susceptíveis alguns de despertar grande curiosidade pública* (*IV* 311) *susceptíveis de permitirem um «bem-estar» material* (*XIV* 11) *muitos outros factores se mostram susceptíveis de provocarem a deslocação de grupos humanos* (*XIV* 24).

Substantifs + *de* (pour *capacidade*, voir *capaz*).

«provenance, cause».

Des expressions comme *a alegria de viver* (Cortez, *Lodo* 39) *aquele prazer de arrelhar, de contrariar* (Fernanda de Castro, *Maria* 24) sont extrêmement fréquentes, et il est naturel de «sentir» l'infinitif assez étroitement lié au substantif; on trouve par conséquent l'im-pessoal dans *nós teremos o prazer de te dar lume* (Cordeiro, *Corações* 183) *Tivemos o prazer de estudar este volume* (*Revista IV* 177) *Tens vergonha de me abraçar?* (Dantas, *Severa* (t.) 15) *Até temos vergonha de já não prestar para nada* (Castro, *Lã* 358). Mais il peut y avoir lieu de concrétiser l'action en employant le pessoal *Terás em breve a grande alegria de reveres não só teu pai, como tua querida mãe* (Cabreira, *Quando o sol* 403) *na dor sem remédio de já não serem novas* (Luzia 217) *tenho culpa de ser como sou?*

— *Não.* (breve pausa) *Nem eles de te quererem como não podes ser* (Régio, *El-rei Sebastião* 143-144). S'il y a changement de sujet il va sans dire qu'on a également *Tenho pena de seres um réptil* (Camilo, cit. Coelho 4) *Passara-lhe a mágoa de o não terem ouvido* (Felix, *Nunca* 27). Peut-être n'est-ce qu'avec des réserves qu'on peut parler de changement de sujet dans *Ao menos soube poupar-te o desgosto de seres tu* (Corrêa Leite, *Raça* III 10 (268)).

Il convient de mentionner ici *apesar de* : c'est bien une combinaison de subst. + inf. ⁽³⁶⁾. D'autre part on comprend les auteurs comme Sester qui traitent la locution de préposition spéciale (et l'orthogra-

⁽³⁶⁾ Comp. *pesar* seul dans *Olhe que não é isto pesar de lhe compungir a sensibilidade* (Camilo, *Enjeitada* 200).

phe vient à l'appui de cette conception). Ce qui importe surtout c'est que le tour signifie en bloc «malgré le fait que» ce qui explique qu'il se construit régulièrement avec une phrase infinitive *apesar de nós as possuirmos de direito* (Eça, cit. Revista IV 135) *Apesar de algumas das opiniões sugeridas não terem valor real, o certo é que* (Revista II 144) *Apesar de eu já estar moça* (Amado, Paiz 167) ou avec le pessoal seul *As negociações entabuladas pelos nossos plenipotenciários, apesar de terem sido realizadas por eles com alto critério* (Revista II 130) *E o Chico Tavares? José Carlos, naturalmente, não sabia, apesar de terem sido condiscípulos em Campolide* (Costa, Solar 37) Si on trouve des exemples d'infinitifs sans désinence il est légitime d'y voir des formes zéro, p. ex. dans *apesar de não estar frio* (Osório, Ambições 196) *aceitou o soneto Doces e claras águas do Mondego — apesar de, além de a Camões, ser atribuído a Bernardes* (Revista XIV 230). Peut-être aussi dans *Dirigi-me para casa, apesar de sair mais cedo* (Botto, Isto 6) malgré l'identité des sujets. On peut rapprocher de *apesar de* des expressions comme *em despeito do filho ter casado com uma rapariga* (Ribeiro, Mónica 27).

impressão de Pers. dans *o suor que lhes dava a impressão debilitante de estarem mergulhados em água tépida* (Duarte, Vencidos 26) *eniça os dois estilos sem choque, antes dando-nos a impressão de terem brotado de um só movimento ideativo* (Revista I 207).

razão de Impess. *Boa razão tiveram de vir atrás dos rabezanos* (Redol, Gaibéus 59), *pers. os Atenienses não tinham razão alguma de se arrependermos daquela atitude* (Revista VI 83) *Ora aí está a razão de gostarem de mim* (Lacerda, Milagre 28).

«Relation».

Nous pouvons fournir un exemple avec le pessoal *É questão de exprimirem, não tanto a verdade do momento social que as elaborou, como* (Revista II 203).

de d'obligation ou consécutif.

as criadas de servir (Osório, Ambições 50) *Cantigas de endoidecer* (T. Coelho, Amores 141) *festas e caçadas de derrotar um príncipe* (Ribeiro, Estrada 349) *Mazurcas e polcas de entontecer* (Redol, Marés 64) *Há umas corridas anunciadas, muito de tentar* (Rodrigues, Castigo 232). On a la phrase infinitive dans *Imagina onde estará por este belo tempo dos cães beberem de pé?* (Osório, Ambições 208).

«Génitif subjectif» (de introduisant un infinitif qui est le sujet de l'attribut renfermé dans le substantif, voir Sandfeld § 282).

Il y a surtout les combinaisons avec *necessidade*, *probabilidade*, etc. Impess. dans *Admites a possibilidade de me perdoar?* (Cortez, Lodo 49) *Tu que tens a obrigação de a defender!* (Selvagem, Telmo 63) *Que necessidade tiveste de sair sem jantar* (Botto, Isto 14) *Carros apitavam sem necessidade de apitar* (Ribeiro, Mónica 216-17) (comp. la suite — qui contient un substantif — *corriam sem necessidade de pressa*, etc.) *as classes dirigentes, na impossibilidade de glorificar o presente* (Perspectiva 582) *nem todos têm possibilidade material de chegar até à fonte* (Revista XVI (3) 6). Le pessoal ou la phrase infinitive se trouvent souvent (et sont même nécessaires s'il y a changement de sujet) *a dura necessidade de nos definirmos a nós* (Camilo, cit. Cordeiro, Corações 5) *Calculávamos em silêncio as probabilidades de realizarmos a mudança* (Júlia de Almeida, Memórias 72) *nem os outros tem a obrigação de lhe suportarem as consequências* (Corrêa Leite, Raça II 3 (108)) *Há escritores que têm necessidade de se criarem um ambiente* (Trigueiros, Capital 54-55) *a necessidade urgente de zelarmos pela saúde de Zapa* (Luzia 75) *a desagradável obrigação das ninfas recolherem* (103) *mostrou-nos a possibilidade de muitos animais, desde os peixes, emitirem sons* (Leite de Vasc., Op. I 92) *tens assim a possibilidade de te desembaraçares* (Ribeiro, Mónica 183) *Quer V.^a Ex.^a tentar ainda a vaga probabilidade de fazermos aqui uma espera?* (Selvagem, Telmo 83) *Teimo na necessidade de vires para o lado dela* (Esperança, Servidão 546).

On voit les deux formes dans *sentem agudamente a necessidade de sair de si mesmas, de se confundirem com os outros* (Mundo Literário 22/6 46 p. 13) et — avec l'ordre inverse — dans *viram-se na obrigação de se lançarem em — pós e acometer* (Ribeiro, Avós 145).

Nous sommes enclin à concevoir de même l'infinitif après *certeza de* (bien que Sandfeld traite de + inf. de régime dans les cas analogues en français, d'ailleurs il les mentionne au même paragraphe (282) que les combinaisons précédentes); impess. dans *se tivéssemos a certeza de colher refrescos em terra* (Duarte, Vencidos 10), pess. dans *na certeza de obterem tecundos ensinamentos* (Revista IV 2).

«Génitif objectif».

On peut noter ces exemples avec impess. *a recente resolução dos Poderes Públicos de aproveitar ... uma considerável quantidade da energia hidráulica* (Revista XIV 11) *esta nossa tendência de dizer mal do semelhante* (Castro, Eternidade 220) *os médicos tinham poucas esperanças de a salvar* (297) *os que ficaram não davam mostras*

de querer novas negociações (Lã 289) *Têm ganas de se deixar cair* (Redol, Gaibéus 29).

Mais on voit les deux formes dans *Havia Humanidade, desejo de comunicar com outros homens, de se irmanar com eles, de os compreender e de serem compreendidos* (Mundo Literário 13/7 46 p. 9) ⁽³⁷⁾, et, en général, le pessoal est fréquent *ficaram hospedados em casa de seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Viseu* (Camilo, Amor 45) *De casa dos mordomos saíam esbaforidas as criadas, com ordem de se informarem do que precisaria «o sr. fogueteiro»* (T. Coelho, Amores 91) *Via-as correr para as suas mães ao mais pequeno desgosto, ou por simples ternura... Pelo desejo apenas de serem amadas* (Cortez, Lodo 36) *que as massas recorram a tal cirurgia, na esperança de se curarem por esse caminho* (Leone, Para além 234) *tens a faculdade de me obrigares a dizer o contrário daquilo que quero* (Simões, Pântano 113) *na ambição de orientarem o País* (Perspectiva II 17) *se temos a faculdade de nos não interessarmos exclusivamente pelas nossas questões imediatas e particulares* (Mundo Literário 27/7 46 p. 16) *quanto aos outros dois efectivos não tinham enviado documentos mas sabia-se que estavam no Brasil, supondo-se que com tenção de não virem a Lisboa* (Revista XIV 161). Avec changement (ou extension) de sujet ⁽³⁸⁾ era o signal de ali terem matado o José Tendeiro (T. Coelho, Amores 124) *teve medo de não receberes a carta* (Castro, Lã 125) *não há sequer esperanças de te colocares* (Castro, Selva 20) *Travassos confessara à mulher a esperança de lhe darem o conto* (Aleixo Ribeiro, Caixa 9) *Ainda tenho esperanças de voltarmos a Paris!* (Camilo, Estrelas 156) *mais me firmo na opinião de estarmos perante uma grande figura da música francesa contemporânea* (Mundo Literário 25/1 47 p. 16). Comp. aussi la phrase infinitive dans *a esperança da maré o pôr de través* (Castro, Eternidade 255).

de marquant des rapports d'appartenance (comp. Sandfeld § 285 ss.).

(37) On peut «continuer» autrement qu'en répétant le *de*: *Tiveram ganas de lhe pedir companhia. Irem com ele, sem rumo, não perdendo o seu rumo. Juntar mais uns cobres para poderem partir breve* (Redol, Gaibéus 155).

(38) Comp. les deux formes dans *Arminda teve a ideia de levar Horácio e Idalina para sua casa e lá, onde havia maior espaço do que ali, cantarem e dançarem* (Castro, Lã 301).

Nous parlerons d'abord des substantifs de sens temporel⁽³⁹⁾. On peut constater l'emploi de l'impessoal, non seulement dans des cas comme *Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo* (Camilo, Amor 215) *não são horas de tratar negócios* (Cortez, Lodo 20), mais aussi dans *Não tivemos tempo de sentir a severidade do castigo* (Luzia 125) *Tens tempo de ver isto amanhã* (Leone, Para além 72) *estávamos mesmo em vésperas de partir para a Itália* (Castro, Eternidade 44), coordonné à un pessoal dans *tu tens tempo de fazer a correspondência de manhã e de dares, à tarde, um passeio* (Castro, Eternidade 160) Puisqu'il y a lieu souvent de se servir d'une phrase infinitive *Nas vésperas do jornal sair* (Colaço, Beijo 13) *à hora dos operários entrarem na fábrica* (Castro, Lã 237) *aqueles dois livros que me emprestou logo no princípio de eu o conhecer?* (361) on s'attend à trouver aussi le pessoal seul *estamos em vésperas de nos dispersarmos* (Camilo, Estrelas 88). Avec changement de sujet *Ainda é tempo... Tempo de quê? ...Tempo de seres boa filha* (Camilo, Amor 116) *Estes rápidos instantes de se verem repetiram-se sucessivos dias* (24) *São horas de nos irmos embora* (Júlia de Almeida, Memórias 116) *suponho ser ainda tempo de os chamarmos à ordem* (Filinto, Colunas 85) *Creio que é chegado o momento de proclamarmos o primado espiritual* (Trigueiros, Capital 16) *Parece-me já ser tempo, doctor Meireles, de voítarmos para casa!* (Selvagem, Telmo 84) *o espaço que antecedia o momento de deixarem cair uma carta* (Luzia 207) *só mais tarde, à hora de se deitarem e depois de ter arrastado para junto da cama o berço do Joanico, ela disse ao marido* (Castro, Lã 399) *Ora é grande tempo de passarmos da crítica que...* (Perspectiva II 420).

em vez (lugar) de Impess. dans *Se em vez de encarar a questão pelo aspecto administrativo... a encarmos pelo aspecto político* (Revista XIV 174). Mais le pessoal est extrêmement fréquent *Uma ocasião, em vez de descermos, subimos a montanha, a colher framboezas* (Júlia de Almeida, Memórias 95) *em lugar de empregarmos expressões em sentido próprio para designar as ideias, escolhemos expressões em sentido translato* (Leite de Vasc. Op. I 382) *Em vez de o aplaudirem, desprezá-lo-iam* (Régio, Gota 36) *Em vez de des-*

⁽³⁹⁾ de indique plutôt éloignement dans des cas comme *A poucos minutos de se terem instalado, a perdiz — lançou a sua primeira cantiga* (Rodrigues, Castigo 127) *passado duas horas de ter saído de casa, apareceu um moço com o meu resouro* (Osório, Ambições 146) (forme zéro).

cerem, as baínhas subiram (Luzia 216) *Em vez de teres tanta língua, era melhor que baixasses a mão* (Rodrigues, Castigo 290) *em vez de me trazerem as orelhas, trazem-me os coiros* (Leone, Para além 74) *Os construtores, em vez de voltarem a cara para o mar, haviam-lhe voltado as costas* (Castro, Eternidade 33) *Em vez de comprares dia a dia, podes comprar de uma só vez o que for preciso para toda a semana* (Lã 316-17) *em vez de trazeres os selos que eu te tinha pedido, traz um bocado de queijo para o Paredes comer* (380). Comp. aussi *Ao invés de o inquietarem, visitaram-no* (Camilo, Enjeitada 119). A remarquer la construction de *ser a vez de* (+ phrase infinitive) dans *Foi então a vez de perguntar o José Lorna ao seu compadre se...* (T. Coelho, Amores 254). *lugar seul + pess. dá aos naturais de Serpa o lugar de serem os homens mais amantes da sua terra* (Leone, Para além 159).

a (ao) ponto de est fréquemment suivi du pessoal (nous sommes en effet près d'une proposition consécutive) *pálida, esverdeada, a ponto de julgarem que perdia os sentidos* (Cordeiro, Corações 156) *Levam a gentileza ao ponto de nos mandarem o carro* (Cabreira, Quando o sol 171) *Coisas mais difíceis resolveste, a ponto de passares por divindade* (404) *até ao ponto de por completo as pormos de lado* (Revista XIV 227).

exemplo de Phrase infinitive cito outros exemplos de poetas portugueses *haverem empregado a linguagem popular* (Leite de Vasc., Op. I 322).

ocasião, ensejo de Impess. em que virtualidades latentes tinham *ensejo de se manifestar* (Coelho 458), pess. *Devemos à muita bondade do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos... o grato ensejo de transcrevermos este pequeno passo* (Revista II 10) *não quis perder esta ocasião de estarmos sós* (Corrêa Leite, Raça I 12 (71) (dans cet exemple il y a extension de sujet).

forma de Pess. dans *não houve forma de a convencerem a aceitá-lo* (Esperança, Servidão 322).

maneira de Impess. dans *discutíamos a maneira rápida e terrível de reduzir aqueles rebeldes* (Luzia 107) *todos viam na «feliz regeneração» a maneira de pôr termo à decadência* (Revista XIV 194). Ici de + inf. se rattache assez étroitement à *maneira*, le sujet de l'infinitif est plutôt «on» que *todos*. Au contraire il s'agit de personnes déterminées dans cet exemple avec le pessoal *Era uma maneira legal de se dirigirem à caridade pública* (Duarte, Vencidos 73), comp. en outre *É uma maneira como outra qualquer de dares a tua*

opinião (Corrêa Leite, Raça II 13) (148) *Não vendo maneira de conseguirmos o nosso reconhecimento na Westfália* (Revista II 131). Les deux formes dans *No verão, sempre havia maneira de se arredarem da vila e de encontrar um bom sítio para aquilo* (Castro, Lã 213).

modo de Pess. dans *Não tens outro modo de te safares* (Ribeiro, Mônica 233). Mais si le sujet de l'infinitif est indéterminé il y a évidemment l'impessoal *Há tantos modos de rir como de alumiar* (T. de Pascoaes, Empecido 275).

meio de Pess. dans *É o único meio de sermos felizes!* (Cordeiro, Corações 127) *não há meio de perceberes!* (Leone, Para além 146).

estilo de Pess. dans *meteram a passo pela estrada da Barca, em estilo de poderem conversar* (Rodrigues, Castigo 64).

jeito de Impess. dans *estão a jeito de levar a última seca* (Redol, Gaibéus 111), pess. dans *A maior parte das raparigas de fortuna, ou com jeitos de a terem* (Rodrigues, Castigo 32), phrase infinitive dans *pondo-as ao jeito de os homens as levarem* (Redol, Gaibéus 126).

direito (privilégio) de Impess. *Tens todo o direito de acusar-me* (Cortez, Lódo 34) *não tens o direito de impedir que* (71) *Não nos atribuíamos, contudo, o direito de renunciar à tão alta missão* (Luzia 108) *pertence-lhes o exclusivo privilégio de fazer-nos mal* (193) *Não tens o direito de te sepultar aqui!* (Rodrigues, Castigo 278), pess. *o telonio em que os espectadores compraram o direito de se divertirem* (Camilo, Enjeitada 114) *Vocês não têm o direito de se falarem assim um ao outro* (Corrêa Leite, Raça II 17 (172)) *que aos portugueses garantiam o direito de só serem utilizados na defesa das possessões de Portugal* (Revista IV 159).

perigo, risco de impess. *corremos o perigo de cair* (Trigueiros, Capital 19) *corremos o risco de não ter mais que ensino secundário* (Revista IV 253) *não teremos o perigo de errar* (XV 62), pess. *estavamos em risco de sermos expulsos definitivamente do território americano* (Revista II 126), avec changement de sujet visto já nem sequer *correr o risco de lhe envergarem o funesto sambenito do Santo Ofício* (Perspectiva II 262) *o perigo ... de nos despejarem sobre a cabeça* (Luzia 206).

pena de pess. dans *sob pena de viverem vida marginal e subalterna* (Revista IV 321).

à *custa de* + subst. et inf. imp. dans *à custa de muito suor e de agüentar no lombo muito temporal* (Redol, Gaibéus 67).

a *poder de* pess. dans *Fosse o que fosse, a poder de se repetirem os seus receios, acabou por não se incomodar mais com eles* (Ribeiro, Arcanjo 324) ⁽⁴⁰⁾.

Nous jugeons convenable de placer une série de mots signifiant «but, intention, projet», etc. Si nous commençons par *afim de* nous nous hâtons de déclarer que nous ne serons pas choqué outre mesure si quelques savants voient dans cette combinaison une préposition composée, seulement elle a des rapports étroits avec les tours qui feront suite.

On peut relever bien des exemples avec le pessoal *a fim de* *obrigarem brandamente o pai a empregar o seu valimento* (Camilo, Amor 133) *Os homens perturbados pelo próprio luxo do ambiente inclinavam os rostos barbeados, as bocas sensuais e os olhos enevoados pelo champanhe para as suas companheiras de mesa, a fim de respirarem o seu hálito perfumado* (Duarte, Vencidos 111) *As Cortes sentem o mais vivo dissabor por não terem no seu seio os representantes do reino do Brasil e mais possessões ultramarinas, a fim de formarem de comum acordo um Código benfeitor* (Revista XIV 144) *enviaram ... as suas testemunhas ... a fim de esclarecerem ...* (Perspectiva 579-80). Avec extension (ou plutôt synthèse) de sujets *O melhor é mandar-te aí um recado para te encontrares comigo a fim de conversarmos sobre tudo isto* (Botto, Isto 36). Evidemment on pourra avoir l'occasion de se servir d'une phrase infinitive *a fim de se desfazerem mal-entendidos* (Revista XVI (3) 122). L'impeessoal se rencontre os nobres *recorriam a bispos e mosteiros a fim de obter empréstimos* (Revista XV 103). Les deux formes dans *constituíram-se comissões de técnicos a fim de estudarem as causas dos desastres e tentar pôr-lhes cobro* (Revista XVII 74).

fim «en fonction plus libre» Pess. dans *lutam e labutam ... para o mesmo fim de legarem aos filhos alguma coisa de grande* (Selva-

⁽⁴⁰⁾ On peut placer ici à *força de*, avec le pess. *Algumas haviam-se tornado notáveis à força de figurarem nos necrológios* (Ribeiro, Arcanjo 165) *não fazer comparações que, à força de quererem parecer cruiditas, caem no último dos ridículos* (Mundo Literário 31/ 46 p. 11). Il est bien vrai qu'on dit généralement que dans le tour français à *force de* le mot *force* a le sens de «quantité», voir p. ex. Sandfeld § 291. Mais il est possible que ce sens primitif se soit un peu effacé de nos jours, comp. où l'on pénètre à *force du poignet* (Lanoux, Classe du matin 36).

gem, Telmo 163), les deux formes dans *com o fim de a deformarem e de lhe dar um certo ar cómico* (Revista II 346).

Les autres mots: Impess. *Com o intuito de opor um dique à possível invasão da heterodoxia ... os novos, activíssimos apóstolos ... por tal forma se houveram que ...* (Revista III 20) *E fizemo-lo no intuito de saber se* (III 169), pess. *No tocante ao plano de se encontrarem na seguinte noite* (Camilo, Amor 45) *Chegou a fazer com a Rita os projectos de meterem criada e irem todos os sábados ao cinema* (Aleixo Ribeiro, Caixa 9) *eles estavam ali, à coca, a rondá-la, na ideia de lhe extorquirem o seu segredo, na ideia de a subjugarem ao seu poder dictatorial* (Archer, Ladrões 22) *faziam assim ... seduzidos por uma falsa piedade, com a ideia de os livrarem dos pesos da velhice* (Revista II 184) *com o intuito de alongarem uma palestra* (IV 2) *no sentido de revelarem* (Perspectiva 595).

A noter aussi *hábito de*, pess. *dans segundo o hábito de nos consultarmos* (Luzia 97) *as pernas compridas e desengonçadas pelo hábito de vencerem os obstáculos da selva* (Castro, Selva 119-20).

L'infinitif est évidemment impersonnel dans des cas comme *as operações de multiplicar e dividir* (Ribeiro, Cinco réis 151) *Mesmo que as coisas de comer e de vestir não subam mais* (Castro, Lã 366).

«Génitif définitif».

L'impeccable se trouve et peut être très compréhensible *ainda por cima se dão ao luxo de ter opiniões* (Leone, Para além 113), on «sent» plutôt «ce luxe qui consiste à avoir». De même il y a *aqueles que cometeram a imprudência de atirar de novo esse homem para aqui?* (Dantas, Chagas II 4 (65)) *têm o grande interesse de nos mostrar* (Perspectiva 24) *Fazem favor de escolher os que quiserem* (Cordeiro, Corações 195) *Façam-nos a mercê de entrar* (Dantas, Chagas IV 1 (146)) *eles fizeram o favor de aceitar* (Castro, Eternidade 134). Mais même dans ces dernières formules le pessoal est fréquent ⁽⁴¹⁾ *viriam pedir-lhes a fineza de não se apoquentarem tão inútilmente* (Cordeiro, Corações 202) *Faze o favor de dizeres ao*

⁽⁴¹⁾ Leite de Vasconcelos dit (Op. II 143) à propos de ce passage en langue populaire (de Porto) *eu venho umildemente pedir a Vosurias u favor de me consider un nisquinho du seu jornal* «O povo usa efectivamente muitas vezes a forma impessoal pela pessoal», voilà donc une indication de ce qui est jugé correct par un Portugais cultivé.

Zecas que me venha falar (Corrêa Leite, Raça III 6 (238)). Et dans une foule d'autres cas cette forme (ou la phrase infinitive) est parfaitement de mise apenas a irritara a má criação de lhe falarem noutra (Leone, Para além 209) Vocemecês têm a mania de estarem sempre a falar de vocemecês mesmos (167) a fatalidade de passarem no seu caminho mulheres e mulheres (Rodrigues, Castigo 9) Assistimos hoje em dia a este paradoxo pitoresco de vermos (Trigueiros, Capital 18) Estes sinais sobranceiros têm a particularidade de serem menores que os outros sinais diacríticos (Revista I 148) a situação das misúias (represas) e das cimalthas com o pormenor de serem lavradas (I 211) há a curiosidade de alguns nomes — serem adjectivos substantivados (IV 300) a incongruência de Júpiter, Vénus e Marte favorecerem uma empresa (XVI 103) pagavam com a morte a ousadia de quererem viver livres (Mundo Literário 26/10 46 p. 13).

o facto de est prédestiné à se combiner avec une phrase infinitive *Air da o simples facto de certas letras ... aparecerem em número plural* (Revista I 114) que certamente provém do facto de os estrangeiros darem gorjetas (II 154), etc., etc., et par conséquent aussi avec le pessoal seul pelo facto lamentável de pertencerem a Portugal (Eça, cit. Revista IV 136) o facto de considerarmos províncias ultramarinas as nossas colónias (Revista II 232) Não haverá um pouco de fantasia pelo facto de o apontarem como possível criminoso? (Botto, Isto 25). Nous voyons des formes zéro dans *Cita pouco Chateaubriand*; mas o facto de empreender a tradução de *Le Génie du Christianisme* e *Les Martyrs* mostra bem — (Coelho 133) O que há de particularmente interessante nesta palavra ... não é ... o facto de exprimir um estado ou estados de alma especificamente portuguesa (Revista III 201).

factor de Pess. o factor de terem sido virtualmente menos talentosas (Perspectiva II 149)..

circunstância de Phrase infinitive a circunstância de os estratos miocénicos estarem pouco levantados (Revista IV 67) como se dava a feliz circunstância de nelas estarem representados os dois mais altos cargos de militares (XIV 179), pessoal seul Não é que esta simples geração resolva a contradição ... existente entre muitas produções suas, pela circunstância de terem provindo do mesmo criador (Talegre, Poetas 90).

uso de Phrase inf. dans *É conhecido o uso de certos povos darem nomes a armas* (Leite de Vasc., Op. III 643).

caso (acaso) de Il y a phrase infinitive dans *garantindo que, no*

caso de ela lhe dar um filho, se devia chamar Gonçalo (Revista II 34), et on trouve également le pessoal *Outra vez, deu-se o caso de lhe mandarem um presente de pastéis* (Camilo, Amor 12) *não atiras senão em caso de veres passar algum ferido de asa* (Rodrigues, Castigo 118) *Temos verificado que Rêsende estava integrado no movimento humanístico, que a amizade de Góis se firmava numa convergência espiritual e não apenas no acaso de serem compatriotas* (Revista II 53-54). *Estas praças, no caso de perderem dois anos* (IV 185) *os operários necessários para a lavra das minas de ouro e prata, no caso de parecerem tais que merecessem ser exploradas* (XIV 208). comp. aussi a *hipótese de, pess. Já encaras a hipótese de me abalares também de casa* (Selvagem, Telmo 80) *não se confirme a hipótese de a receberem com dichotes* (Esperança, Servidão 436).

Dans le chapitre consacré à l'étude de *de + inf.* après des substantifs, Sandfeld traite aussi de *à moins de* (§292, pour le sens de *de* voir la discussion chez Tobler, Vermischte Beiträge III n.º 14). On peut citer cet exemple portugais de *a menos de + pess. a menos de haverem saltado os muros da parte ocidental* (Ribeiro, Arcanjo 294).

Souvent *de + infinitif* ne suit pas directement le substantif mais est relié à un substitut de celui-ci (comp. Sandfeld § 280 in fine).

Inf. après article : Impess. dans *As árvores reconhecíamos uma única utilidade: a de trepá-las ao desafio, cada qual procurando* — (Luzia 102), *pess.* dans *Para ti há um dever agora superior a todos, que é o de olhares pelo nosso filhinho!* (Osório, Ambições 237) *a melhor forma ainda seria a de irem ... directamente ao alvo* (Paço d'Arcos, Caminho 65). *Os sinais gráficos iniciadores de palavras ... apresentam ... duas singularidades mais: a de se lerem como se palavras fossem, e a de admitirem derivados* (Revista I 128), les deux formes dans *A ordem é a de nos mantermos a todo o custo, de não ceder terreno* (Duarte, Vencidos 65). Pour *Boas peças? ... De amadores, das de morrer a rir* (Cajão, Montanha 73) comp. p. 213/14.

Inf. après pronom démonstratif : *Pess.* dans *Que ideia foi essa de abrires a janela* (Leone, Para além 17) *Condão dos génios e talentos superiores é esse de irradiarem ... calor e vida* (Revista IV 197).

On peut noter encore les neutres *isso, isto, aquilo*, qui présentent plusieurs combinaisons avec *de + régime n'isto de viagens* (Victorino, Fascinação 158) *Isto de quem é médico nunca dispõe do tempo* (Cabreira, Quando o sol 133) *Vão-se embora — Isso do vão-se embora, é também comigo?* (Cortez, Lôdo 23), comp. esp. *Queríendome, queríendome ... Pero ... qué es eso de queríendome?* (Lorca III

122). Un problème d'accord *isto de raparigas são dissimuladas* (Cabeira, Quando o sol 223). On trouve évidemment aussi des infinitifs dans cette fonction *isto de ser doutor é uma coisa de muito futuro* (Costa, Solar 226), des phrases infinitives *isto de raparigas sem pai nem mãe andarem sôzinhas por Lisboa, não pode dar bom resultado!* (Costa, Solar 138) et des formes infinitives personnelles *isso de lhe rondarem a porta é verdade* (Costa, Solar 136) *Isso de comerem juntas, não é fácil* (Esperança, Servidão 20).

Citons encore *nada de* : pess. dans *Nada de me roubares, entendeste?* (Esperança, Servidão 235).

9. depois de

L'impeessoal se rencontre *Depois de encher quanto podíamos a boca* (Luzia 81) *depois de ter feito mercê de espaço ... iam subindo* (Castro, Eternidade 282) *Lá a comadre disse que muitas mulheres, depois de dar à luz, ficavam com febre* (Lã 90) Mais le pessoal est très fréquent *tu, que, depois de te venderes, cada vez eras mais tu* (Contos 423) *o quebrar das ondas no costado depois de lamberem o arcaboço curvo da nau* (Duarte, Vencidos 14) *Depois de me trazeres os jornais, vai àquele quarto* (Lacerda, Milagre 121) *As mãos limpam as frentes, depois de ampararem até às gávelas os pés ceifados* (Redol, Gaibéus 28) *depois de terem julgado que* (Castro, Eternidade 201) *esses homens ... depois de os reduzirem a duas frases abruptas* (Leone, Para além 159). Avec changement de sujet *Depois de muito esmurram o portão enorme, apareceu a dona da casa* (Amado, Paiz 178) *depois de o apanharmos inúmeras vezes, eu acabava por declarar* (Luzia 171) *Depois de lá estares e de verem de quanto és capaz, estou certo de que te arranjam coisa melhor* (Castro, Selva 28) *no dispor da ilha divina para os navegadores, depois de haverem realizado o seu extraordinário feito* (Talegre, Poetas 51-52) *Depois de havermos passado ... pelo período teológico ... sucedeu-se o período científico* (Revista II 335). Il y a formes zéro dans *Só ontem, depois de voltar do trabalho, mo disseram* (Castro, Lã 371) *Depois de me falar da cultura e da sua ligação com a inteligência, ... volto a um plano que lhe é familiar* (Trigueiros, Capital 72) *no seu último livro, publicado já depois de morrer* (Mundo Literário 25/1 47 p. 5) *publicados depois de abandonar a vida universitária* (Perspectiva 425).

On peut voir les deux formes juxtaposées *Os médicos do Instituto de Oncologia, depois de o examinar e de terem mandado radiografá-lo* (Castro, *Lá* 258, rem. *depois de — de*).

Voici des exemples de phrases infinitives *E só depois de eu nascer soube minha mãe que já não tinha marido* (Régio, *El-rei Sebastião* 139) *o baile só começaria depois de todos os bacuraus terem pousado no capim* (Castro, *Selva* 152) *Mesmo depois de Manuel Peixoto lhe haver dito que o irmão ficara «de ver o caso», ele continuara em nervosa expectativa* (*Lá* 248).

10. desde

Nous avons seulement noté *passam-lhe na mente os mais atrevidos planos, desde assaltar o edifício até incendiá-lo* (Coelho 328).

11. durante

Si nous voyons encore un infinitif dans *durante o apaziguar da amctinação* (Castro, *Eternidade* 328), nous reconnaissons cependant que cet emploi est bien la dernière étape où peut se trouver l'infinitif avant d'arriver à être un vrai substantif comme *o jantar*.

12. em

Nous citerons d'abord quelques exemples de verbes suivis de inf. impress. *aporiaram em refrigerar o ardor* (Camilo, *Amor* 144) *Pensaram em sangrá-la* (Enjeitada 95) *Quando estavam entretidos em conversar com a galante criatura* (115) *Então concordaram em jantar ali* (Eça, *Maías* 325) *capricham em trinar os seus mais amorosos gorgeios* (Cordeiro, *Corações* 82) *Parece que apostaste em me estragar o dia!* (Corrêa Leite, *Raça* I 3 (25)) *Andam apostados em varrer tudo aquilo de gavelas* (Redol, *Gaibéus* 113) *não pensavam em dançar* (Castro, *Selva* 157) *Alguns jornaleiros cuidaram em arrastar o traste* (Camilo, *Enjeitada* 243) *Importas-te em ficar uns momentos sôzinha?* (Esperança, *Servidão* 178) *Lembras-te que ficaste em me dizer aqueles versos daquele poeta* (Régio, *El-rei Sebastião* 36) *Por isso, pensamos em instalar aqui os serviços de direcção do montado* (Castro, *Eternidade* 120) *nem sequer pensavas um segundo em mandar pedir-me licença* (Selvagem, *Telmo* 62) *preocuparam-se sobretudo em indicar a acção* (*Revista* IV 104) *os pescadores hesi-*

tam em lançar a caça diante do banco (Brandão, Pescadores 87) *hesitavam em abrir fogo* (Castro, Lã 285) *As crianças deram em trazer-me também raminhos de alecrim* (Júlia de Almeida, Memórias 44) *as pernas deram-lhe em inchar* (Esperança, Servidão 81) *deram em pôr à superfície rebento tenro ou folhita delicada* (Castro, Eternidade 179) *os seringueiros, de quando em quando, davam em fugir dali* (Selva 197) *teimavam em gesticular* (Duarte, Vencidos 15) *teimam em vir à superfície* (Brandão, Ilhas 132) *teimam em reluzir* (Pescadores 23) *teimas em ficar de pé* (Leone, Para além 104) *se teimares em viver* (Selvagem, Telmo 162) *aquilo que eles teimavam em fazê-lo aceitar* (Castro, Lã 369). On peut noter les infinitifs de ce que nous avons appelé ailleurs «verbes alternants» *esfalfavam-se em ir e vir* (Castro, Eternidade 292).

Nous croyons qu'un des emplois les plus ordinaires de *consistir em* est représenté par une phrase comme *o problema consiste em provar que* (Revista XIV 62), où il n'y a guère besoin de se servir du pessoal. Mais il peut s'agir de personnes déterminées comme dans cet exemple cité par Nobrega 88. *Este pensar francês consiste em tomar-mos do francês um modo particular de tecer o discurso* (Fr. F. de São Luís), comp. la phrase infinitive dans *à moda grega, que consistia em darem os chefes explicações da sua conduta aos soldados* (Ribeiro, Avós 135). En outre il convient de citer *não consistiu na forma da sua arte, está no seu humanismo artístico, em ele ter feito da sua arte um apostolado* (Perspectiva 372) *No que todas claudicavam era no entanto em se acorrentarem a preceitos de ordem política* (II 242) *A tragédia está em serem cidadãos, ou para a cidade tenderem* (Mundo Literário 29/6 46 p. 10) *o x do problema está em, dando no laço, safares-te na fresca da ribeira* (Ribeiro, Mónica 178).

Voici d'autres exemples avec le pessoal *já em estabelecerem a prática fecunda do livre ensino ... manifestam grande cuidado de apurar vocações* (Revista IV 317) *não te aviltas em te julgares menos amada* (Camilo, Estrelas 180) *Os senhores estão aporfiados em tornarem bem pública a desonra de uma parenta!* (Enjeitada 69) *insiste em conheceres o estado dela* (Esperança, Servidão 542), il y a changement de sujet dans *duma vez que lhe tinha falado em se casarem* (T. Coelho, Amores 300) *Não vejo o que se lucra em perfilharmos o vocábulo novela com um significado especial* (Xavier, Atitudes 5). Voici un exemple de phrase infinitive *Já falei, porém, em muitas vezes se furdirem na nossa criação literária as duas tendências* (Perspectiva 191).

Les deux formes sont juxtaposées dans *Comprometeram-se em amar-se eternamente e viverem unidas* (Camilo, Enjeitada 180).

em + inf. après subst. présente l'impessoal dans *Que mérito há em amar os que nos amam?* (Eça, Prosas bárbaras 187) *apesar da relutância de ambos em evitar esse lance decisivo* (Cordeiro, Corações 167), le pessoal dans *havia uma magnificência trágica na intensidade do seu esforço em enfrentarem o inimigo sós* (Talegre, Poetas 41), phrase infinitive dans *haveria conveniência de método e utilidade prática em elas virem pari passu com o latim* (Revista I 308).

Avec des adjectifs nous trouvons l'impessoal dans *mãos sábias em ladear abismos* (Castro, Eternidade 67, «dans l'art de») *sábios em conhecer a assombrosa trama fluvial* (Selva 49) *cada vez as suas mãos se mostravam mais destras em meter os fios nos olhais dos liços* (Lã 341) *Estão todos interessados em te conhecer!* (Leone, Para além 64) *são unânimes em reconhecer no grande lírico uma genial espontaneidade* (Revista III 319). Cependant le pessoal est possible aussi *criadas e criados de sua confiança, bem adestrados em espiarem os actos da senhora* (Camilo, Enjeitada 46) *interessados, todos, em não o deixarem escapar* (Esperança, Servidão 318) *sempre tardos em convencerem-se de que* (Castro, Selva 237).

La phrase suivante avec pess. *És muito gentil em seres assim amiga da tua prima* (Cabreira, Quando o sol 391) représente une construction plus libre: *ser gentil em* est à rapprocher de tours comme *fazer bem, ter razão em*, etc. — tours qui d'ailleurs sont assez souvent suivis de la forme non-fléchie *E fazes bem em não pedir* (Cortez, Lôdo 3) *Razão tinheis em dizer que* (Duarte, Vencidos 9) *Bem tinham feito em vir até ali* (Redol, Gaibéus 106) *Fizeste bem em ter juízo por nós dois* (Esperança, Servidão 120). Pourtant on a aussi *E os sogros estariam na razão em sempre o terem olhado como um facinora* (Aleixo Ribeiro, Caixa 37). On peut mentionner encore la phrase infinitive dans *Teve sorte em não aparecer a polícia* (Lacerda, Milagre 141).

Après des combinaisons exprimant des sentiments nous avons d'un côté *a repugnância que teremos em ver arrebatado a Camões aquele maravilhoso soneto* (Revista XIV 233) et de l'autre *até sofrem em serem ouvidos sem serem escutados* (Camilo, cit. Coelho 361), comp. aussi *Não sei que mal pressinto para ti em queres ligar a tua à minha vida* (Cortez, Lôdo 52).

Exception faite de *a, em* est sans doute la préposition qui se combine le plus souvent avec l'article, non seulement dans le tour ordi-

naire no decorrer de todos os actos (Cortez, Lodo 58), mais en bien d'autres, p. ex. *esforçava-se também no escondê-las de Carlota* (Camilo, Enjeitada 185) *todo ponderação e segurança no averiguar* (Revista I 2). Et le ne peut être suivi du pessoal *Não sei que mistério santo e dulcíssimo está no falarmos de nossa mãe falecida à mulher que nos tem-quer* (Camilo, cit. Coelho 8).

13. entre

Inf. impress. dans *Durante um momento ficámos indecisos entre seguir o «Patriarca» ferido ou o resto da manada* (Minas 59) *as meninas do telégrafo e do telefone, entre cabecear ou ouvir declarações de amor, seriam tardas nas transmissões* (Ribeiro, Mônica 289). Il y a un exemple de phrase infinitive combinée avec l'article dans *Pode parecer ... que há uma contradição entre o eu afirmar que Gil Vicente é em sua estética intrínseca perfeitamente medieval e aqueles autos em que a mitologia clássica parece desmentir completamente a minha tese* (Revista V 256).

14. menos

Dans *os médicos que tudo sabem menos ler nas mãos do destino* (Duarte, Vencidos 240) l'infinitif est en quelque sorte le régime de *saber*, qui se combine, on le sait, avec la forme non-fléchie. D'autre part le pessoal est nécessaire dans un cas comme *Tudo perdoaria menos vingarem, na humildade da mãe, os dislates, se os houvesse, da filha* (Esperança, Servidão 22).

15. não obstante

Après cette «préposition» le pessoal est parfaitement à sa place *diziam que eram as três graças, não obstante serem duas* (Camilo, Enjeitada 13) *não obstante termos seguido à risca todos os tratamentos aconselhados* (Duarte, Vencidos 236) *Os naufragos, não obstante estarem quase privados de sensibilidade, ... evitavam olhar o corpo do camarada* (209) *Não obstante todos sermos, hoje, grandes críticos ... desenganemo-nos* (Mundo Literário 6/7 46 p. 1). Nous voyons des formes zéro dans *Não obstante lotar cerca de 400 tonéis, a nau tinha grande imponência* (Duarte, Vencidos 15-16) *a qual, não obstante datar dos vinte anos de Epifânio, é digno de apreço* (Revista II 10).

16. para

L'infinitif impersonnel est souvent donné comme la forme normale après cette préposition (les grammairiens peuvent être plus ou moins indulgents pour les exceptions) et il est hors de doute que cette règle se trouve observée dans beaucoup d'exemples *saltaram homens para salvar Mariana* (Camilo, Amor 216) *as macieiras dos quintais deitavam galhos fora dos muros, de propósito para os ver passar* (Contos 412) *vêm à África só para nos sugar a pele* (Selvagem, Telmo 47) *quando abriam a boca para comer um biscoito, ou a fechavam para beber um gole de chá* (Costa, Solar 134) *Arriscam a vida para salvar a dos outros* (Brandão, Pescadores 291) *Logo ... se juntaram os cavaleiros para o auxiliar* (Leone, Para além 149) *Agarra-te ao irmão do Mateus, para ver se apanhas o meu lugar* (Castro, Lã 247) *o ponto de vista em que se colocaram os seus colaboradores para estudar as figuras* (Perspectiva 10) *a benemerência de não terem olhado, para realizar o seu nobre esforço, à mesquinhez da remuneração* (Revista IV 345). Comme on l'a vu, il s'agit dans ces cas de sujets identiques. Ce serait donc un pléonasme de mettre le pessoal. Et parfois on aura encore moins de besoin d'insister sur la personnalité. Dans *É melhor deixarmos o carro aqui e irmos a pé, para desentorpecer* (Castro, Eternidade 134) le sujet de *desentorpecer* est bien «nous», mais pourquoi le dire? N'est-ce pas plutôt «pour débourdissage de jambes»? comp. l'exemple suivant où il y a en quelque sorte changement de sujet *Que dizes a um passeio matinal, para desentorpecer?* (Leone, Para além 43). En outre se *fôssemos jogar o sete e meio, para entreter?* (Leone, Para além 93) et — exemple bien frappant — *Eles não te dão o lugar para te ser agradável!* (Castro, Lã 356).

Mais il est bien possible que les auteurs se soumettent souvent justement à des règles grammaticales, comp. *Ergueram-se para se recolherem a casa* (Cordeiro, Corações 169) que l'écrivain a jugé indispensable de corriger en *recolher* (dans la liste des erratas). Car les exemples de *para* + pessoal fourmillent *Vive, para explicares ao mundo ... a razão porque* (Camilo, Amor 111) *quero que vivas para me chorares* (196) *Correram todos a uma altura para avistarem o cão* (T. Coelho, Amores 395) *tinham ocorrido à coberta para assistirem à cena* (Duarte, Vencidos 13) *Falavam em surdina, para se não acordarem a si próprios do encanto da hora que viviam* (Costa, Solar 248) *tinham saído fora da vedação para melhor assistirem à entrada*

do rebanho no redil (Leone, Para além 86) quase todos andaram fugidos por esse mundo para se livrarem do serviço militar (Brandão, Ilhas 175) saltam para se chegarem a algum bocado mais de apetecer (Redol, Gaibéus 22) eles vão a fugir para a deixarem só (76) Os estorninhos juntam-se para se defenderem do milhano (119) Transcrevemos todo o parágrafo para mostrarmos a frequência das expressões ao Romano (Revista I 211) falso pretexto que divulgaram para o desacreditarem (I 254) sacrificaram o seu repouso para nos acompanharem (IV 350).

On peut trouver les deux formes ensemble *Parecem abrir os braços para agarrar o sol e apertarem-no (Redol, Forja 165) Nós estamos aqui para trabalhar e não para nos divertirmos (Castro, Lã 143). Assim se explica que todos os escritores portugueses do século XIX que não eram ricos tivessem outra ocupação, não só para viver, como para confessarem de cara descoberta o que faziam (Perspectiva II 182) ... Tinham vindo lá de cima para o ganharem e guardar alguma coisa para o Inverno (Redol, Gaibéus 89) As mulheres nasceram para botarem filhos ao mundo e para apanhar (Mundo Literário 15/6 46 p. 8) ... O senhor é dos tais que vieram a este mundo para serem comidos ... Este é dos que vieram cá para comer (Lacerda, Milagre 132-33) Junta-se muito mulherio e muita raparigada, umas para trabalharem, outras para roubar (Esperança, Servidão 376).*

Il n'est pas dit que tout pessoal après para soit condamné par les grammairiens, voir p. ex. Nobrega 99. Une préposition + inf. peut se mettre avant le verbe ce qui permet le pessoal «para tornar desde logo conhecido o sujeito do infinito» (Góis 166), comp. *Para saberes que não sou mau, vais lá para o meu aposento (Redol, Gaibéus 86) Para não caírem à água, deitam a mão esquerda à corda (Brandão, Pescadores 322) para o fazerem cidadão lembraram-se duma coisa que andava esquecida (Revista II 233) para atingirem o mar fazem bruscos desvios (IV 70). Mais ce n'est évidemment pas une règle rigide Para evitar essa humilhação sejamos vilmente agiotas (Eça, cit. Revista IV 136) Para precaver-nos da fácil objecção que possa dar Castilho ... apontaremos um pormenor de mais específica significação (Revista II 117) para alentar-lhe a vida, para lhe dar até não poucos favores da simpatia nacional, poderão concorrer ... (IV 316).*

Puisque la «distance» est admise comme explication ou excuse d'un pessoal (*para, em vez dos seus pastores naturais, as conduzirem a melhor pastio (Osório, Ambições 192)*) on pourrait penser que la virgule y est pour quelque chose dans *As nações querem colónias,*

para se enriquecerem (Selvagem, Telmo 39) *Tu recolhes já ao acampamento, para estudares com vagar o terreno e a manobra* (106) *Os pássaros escolhiam-lhe o ombro, para nele poisarem a ternura do ninho* (Luzia 59) *Usariam risco no cabelo, para irem rondando as cachopas* (Redol, Gaibéus 60). Pourtant elle est souvent sans effet *disseram-lhe, para o lisonjear nos seus despeitos* (T. Coelho, Amores 100) *tudo quanto a filha desejasse o fariam, para a melhorar* (Osório, Ambições 39) *Logo as duas senhoras se afastaram prudentemente, para lhes deixar o campo livre* (Luzia 214) *Pediram dinheiro pelas fazendas — pouco, para não comprometer* (Redol, Gaibéus 34) *Os ceifeiros entregam-se ao trabalho com afã — mais para devorar o tempo do que as espigas* (37) *Um a um, os alugados vão-se erguendo, para lavar as caldeiras e dispor o jantar* (41) *Por orde as sebes se esfolhavam, para dar entrada às cabanas* (Castro, Eternidade 284) *Vamos dar uma volta, para espairer* (Lã 323) *Mas atentemos na relação subjectividade-objectividade, para melhor compreender* (Revista XVI (1-2) 131).

Le changement de locuteur n'est sans doute pas sans avoir son importance dans *Para que viver agora? ... Para cumprirdes ainda o voto de nos salvardes!* (Selvagem, Dulcinea 236) *O que não percebo é para que é que estou aqui ... Para dançares* (Leone, Para além 129).

Sandfeld a attiré l'attention sur le fait que le sujet du verbe principal peut être le même que celui de l'infinitif accompagné du *pour* final sans que l'intention soit celle du sujet (§ 306 in fine). On a de même en portugais *Tens a palavra, minha filha — começou o abade — para nos dizeres* (Cabreira, Quando o sol 291), surtout dans les constructions passives *os sapatos de polimento, feitos com cuidado, para lhe fazerem sobressair a pequenés do pé* (Cordeiro, Corações 54) *para redigir as bases da Constituição, de forma que logo que D. João VI chegasse a Lisboa lhe fossem apresentadas para ... estabelecerem o pacto entre a sua Pessoa e o seu Povo* (Revista XIV 140). On peut relever des exemples de l'impersonal *dois elementos, unidos para constituir uma palavra nova* (Revista I 30) *estes não são casas fechadas ao mundo, mas apenas retiradas dele para melhor o servir* (IV 327) *obras adrede preparadas para retratar por igual a personalidade dos seus autores* (Perspectiva 11).

Le sujet de l'infinitif peut être le régime du verbe de la proposition *Chamou a criada para ajudá-la a vestir* (Camilo, Amor 148) *logo um grito os fustiga para marchar sempre* (Redol, Gaibéus 126), et le pessoal est souvent de mise *Olha que o rei manda-te convidar*

para ires jantar ao palácio (T. Coelho, Amores 383) *o rei há-de-te convidar para ires dormir ao quarto dele* (ibid.) *A prova é que nos convida para iá irmos hoje à noite* (Cabreira, Quando o sol 171) *quando em seu manifesto ... os convidava a todos para formarem connosco a Representação Nacional* (Revista XIV 141) *convocar um número suficiente de escritores não especialistas de história literária ... para dizerem da sua justiça* (Perspectiva 10). Comp. la phrase infinitive dans *Ia convidar-me para eu falar na sessão de amanhã* (Castro, Curva 148, évidemment le pronom peut servir à remédier au manque de désinences dans les 1^{re} et 3^e personnes du singulier ⁽⁴²⁾). La construction se trouve non seulement avec des verbes comme *chamar*, *convidar*, etc., mais aussi dans des conditions bien plus libres *não te pago para andares com os outros às costas* (Redol, Gaibéus 80) *Se te mandarem cá para me experimentares* (Rodrigues, Castigo 44) *Para não perderem a oportunidade, cito já estes lindos versos* (Revista II 57). Les deux formes dans *Pensara primeiro em vestir uns quantos homens como pescadores da Nazaré para distribuírem o papel. Pensara recrutar mulheres, pluralizando «Damas Vermelhas» para espalhar a semente* (Colaço, Beijo 18).

Il y a aussi le cas du régime indirect. Nous croyons voir des formes zéro dans *Escreveu à prelada para lhe preparar aposentos* (Camilo, Amor 68) *telefona ao Elmano Vaz, para te vir buscar* (Castro, Eternidade 80) *E eu vou dizer à minha patroa para vir fazer-te um pouco de companhia* (Lã 276) *Escrevi ao ministro para não dispor do lugar sem me ouvir* (Osório, Ambições 166), parce que nous constatons des formes personnelles évidentes dans *Venho dizer-te para voltares lá para casa* (Castro, Terra 67) *nas dos outros operários a quem Manuel Peixoto em vão falara para lhe darem albergue* (Lã 129) *Até já falou aos pedreiros para deitarem abaixo a casa do Bernabé* (Osório, Ambições 164) *Eu já disse aos teus irmãos para lavarem, todas as noites, os pés* (Esperança, Servidão 36) *Depois disse-nos para olharmos outra vez* (Mundo Literário 24/8 46 p. 11) ⁽⁴³⁾ *dá margem aos alunos que vivem em Lisboa para comparecerem almoçados* (Revista II 363). Dans *os terrenos que o Estado lhes concedera para explorarem e desenvolverem* (Revista II 235) le sujet de l'inf-

(42) Mais le pronom n'est pas indispensable *É que me convidaram para ir mandar uma caçadinha* (Rodrigues, Castigo 42).

(43) sans datif *Furtaram um carneiro, e o lobo, por agradecido, disse logo para o repartirem* (T. Coelho, Amores 265).

nitif est évidemment *lhes*, non *os terrenos*, il n'y a pas d'«emploi passif» de la forme.

Avec *pedir para* on peut noter le pessoal dans *Até eu pedia para fazeres de mim uma máquina nova* (Paschoa, Regresso 202). Comme c'est souvent le cas, *pedir* est ici sans datif, mais le régime indirect éventuel serait le sujet de *fazer*, comp. *pedi-te para não dissimulares comigo* (Régio, Benilde 78) et la phrase infinitive (pronom + inf.) dans *a senhorita veio pedir-me para eu ir falar com o seu irmão* (Castro, Curva 77) *era a própria Idalina quem lhe pedia, agora, para ele sair* (Lã 386) ⁽⁴⁴⁾. Il en est autrement si on demande la permission de faire soi-même une chose, mais cela n'empêche pas nécessairement l'emploi du pessoal *daqueles povos, que sendo súbditos ingleses, pediam para se acolherem sob a égide espiritual da lusa nação* (Revista I 13) *Lembras-te que te perguntei se lhe havias pedido para aprenderes comigo?* (Castro, Lã 355), comp. pour le sens *insistiam com ele para o levarem à confissão* (Perspectiva II 277). Mais l'impessoal est possible *duas pessoas me pediam para saber quando ia à vila* (Leone, Para além 64).

On peut noter aussi *dar ordem ... para* avec datif et inf. pers. *deu ordem aos aguadeiros para encherem os cântaros* (Redol, Gaibéus 31), sans datif — et avec les deux formes de l'infinitif *Os capatazes deram ordem para largar a ceifa e irem enrolheirar as gavelas* (Redol, Gaibéus 111). Nous avons affaire à une forme zéro dans *Pode fazê-lo entrar, que eu dou ordem para ser recebido como tal* (Osório, Ambições 252).

Il faut d'ailleurs remarquer que c'est justement après le datif qu'on voit le plus souvent les formes sans désinences accompagnées des pronoms *eu, ele, ela* : *a asquerosa Patrocínio deixava-me o óculo... para eu ver através dele o resto da herança* (Eça, cit. Sester 83) *deixara esta casa entregue a um criado, para ele a sublocar* (Cordeiro, Corações 110-11) *Fiz um sinal a Sebastião, para ele se calar* (Paschoa, Regresso 328) *Francisca estende-lhe a mão, para ela a beijar* (Dantas, Chagas III 4 (103)) *E, depois, dê-ma para eu assinar* (Castro, Selva 217) *deram-lhe tudo quanto lhe pudesse agradar, para ele ir fazer, na tribo, propaganda da civilização* (261) *Lembrei-me de falar à Procópia, para ela te ir ensinando a esbicar* (Lã 328). On peut aussi

(44) Le pronom peut s'omettre *Algumas vezes em que me senti doente a valer e lhe pedi para me dispensar do trabalho* (Castro, Lã 355). On a aussi la proposition complète *Pediste-me para que falasse* (Redol, Forja 114).

mettre le pronom avec les formes munies de désinences *Era isto que eu te queria dizer ... para tu o ficares sabendo* (Dantas, Severa (t.) 66).

Il y a des constructions plus libres de *para* + inf. avec changement de sujet⁽⁴⁵⁾ pour lesquelles le pessoal s'impose⁽⁴⁶⁾; il peut s'agir d'extension de sujet comme dans *Vou ter com a Clementina para fazermos umas compras* (Cordeiro, Corações 109) *Eu queria ficar mais tempo, mesmo para conversarmos de coisas menos desagradáveis* (Castro, Eternidade 220) *Conjuguêi os meus esforços com os dos Portugueses residentes em Paris para nos empenharmos nessa bela campanha patriótica* (Perspectiva II 272). En dehors de ce cas notons *Vou amanhã à Represa ... para ouvirem o outro cântico* (Cabreira, Quando o sol 347) *até breve, para começares uma vida de pequenina rainha!* (403) *nós íamos procurar-te para jantares hoje em minha casa* (Castro, Eternidade 133) *eu vou esperar o capitão e preveni-lo. — Para te matarem?* (Dantas, Chagas I 6 (35)) *mandam-se os cinco contos ao advogado, para reaveres o papel* (Leone, Para além 22-23) *determinando-se que as casas que se reedificarem, ou fizerem de novo, sejam em ruas direitas, que os governadores mandarão primeiro alinhar e que se faça toda a diligência para se rebocarem de cal e areia* (Revista XIV 196). S'il s'agit de l'infinitif d'un verbe impersonnel nous pouvons le regarder comme une forme zéro *julga também que eu vou servir o Velho, ficar em casa dele, para me acontecer como a tantas raparigas* (Esperança, Servidão 157). On a aussi, cela va sans dire, des phrases infinitives comme *se tocasse uma sombra, para sombras dançarem* (Luzia 182) *o chão é coberto de caruma, para as mulheres se sentarem* (Brandão, Ilhas 205) *comprava também ao Estado as Berlengas para as aves marinhas fazerem os seus ninhos* (Pescadores 174) *uma subscrição que deu para as viúvas viverem algum tempo* (237) *Já se foi à Covilhã, falar com as mulheres de/les, para elas lhes virem dizer que* (Castro, Lã 283) *fora, por isso, entregue à mãe, para o seu berço ser por outro ocupado* (394). On trouve surtout *eu, ele, ela* + les formes sans désinences *Mr.*

(45) Le sujet de l'infinitif est indéterminé dans *as suas primeiras castanhas eram para assar* (Ribeiro, Cinco réis 88).

(46) à moins qu'on préfère se servir d'une proposition complète *quanto sofremos e lutamos para que tu possas viver de outra maneira* (Castro, Eternidade, préface) *alçaram a cabeça para que ele as visse* (Redol, Gaibéus 84).

Ardison puxou uma cadeira para ele se sentar (Mundo Literário 31/8 46 p. 9) *Queres encarregar-te de me saberes dalguns para eu ir amanhã vê-los?* (Cordeiro, Corações 107) *Toque qualquer coisa para eu dançar com Juvenal* (Simões, Pântano 108) *Mas não estamos aqui diante um do outro?* — *Para eu sofrer, e para a aborrecer a si* (Rodrigues, Castigo 269) *desejoso de que Balbino surgisse para liquidar o assunto e ele saber com o que podia contar* (Castro, Selva 68) *É questão de combinarmos de véspera, para eu harmonizar as coisas* (Eternidade 123). Comme ailleurs on peut insister sur la personnalité en mettant le pronom même avec les formes clairement fléchies *tem de sair alguém para tu entrares* (Castro, Lã 356).

Dans cet exemple *gritam às vacas*: — *Ougá trigueira!* — *para elas porem os pés a par e as ordenharem melhor* (Brandão, Ilhas 55) nous avons affaire à deux infinitifs à la troisième forme du pluriel — mais il s'agit de «personnes» différentes. D'ailleurs le sujet de *ordenharem* est celui de *gritam*.

On trouve de même après *ser* impersonnel *Foi para sabermos* (Camilo, cit. Coelho 549) *Isso há-de ser para o não esfolarem a ele* (Camilo, Amor 137) *as janelas ... era para fornecerem claridade* (Castro, Eternidade 283). Comp. aussi la phrase infinitive dans le tour consacré *Tudo aquilo é para inglês ver* (Luzia 115). Avec des pronoms + formes zéro *Diz ele que é para eu me habituar à vida* (Castro, Selva 289). Pronoms + formes fléchies *cobrem-na com folha seca, que é para nós nos espetarmos e ficarmos envenenados* (Castro, Selva 107). Il convient pourtant de citer les exemples suivants avec la forme impersonnelle *os poucos que se curvavam sobre a Divina Comédia, não era para ver os castigos e os paraísos* (Eça, Prosas bárbaras 63) *não foi para isso que pedimos a sua vinda à Represa. Pelo contrário, foi para a desanuvejar, para a aliviar de pesares* (Cabreira, Quando o sol 213).

Para + inf. servant à motiver un énoncé ou une expression (comp. Sandfeld § 314). Nous trouvons le pessoal dans *As feições do velho, já laças e lívidas, para assim o dizermos, cheiravam a cadáver* (Camilo, Estrelas 86) *dum moralismo enfático, sedição, que se prolonga até Madame de Genlis, para não irmos mais longe* (Coelho 85-86) *As divagações filosóficas, para usarmos a expressão do autor* (339) *Para sermos exactos: já poucos o dizem* (Mundo Literário 26/10 46 p. 10) *Tínhamos todas as probabilidades, para não dizermos certeza, de encontrar a malta do Chiquinho* (Ribeiro, Cinco réis 280). Mais l'impersonnel est très fréquent *isto para não falar já da sátira à*

vida conventual (Coelho 339) *que foram, para assim dizer, o canto do cisne* (Revista I 251) *Apenas, para terminar, apontemos ainda outra reminiscência* (III 152) *E, para começar, atentemos desde já naquela composição que* (III 156) *Digamos, para terminar, que* (III 161) *Vede ainda, para terminar, a linda cantiga* (III 300) *Registe-se, para terminar este parágrafo, que* (XIV 109) *E para concluir (ou para não concluir) resolveu o Congresso que* (XIV 143). Il y a les deux formes dans *para não recuarmos muito e apenas citar um exemplo* (Mundo Literário 20/7 46 p. 7).

Il existe bien des cas où il ne faut pas prendre trop au sérieux le sens final de *para* (comp. Sandfeld § 315-16) *assustava-se ... para depois sorrir* (Castro, Eternidade 20). On pourrait, sans changer essentiellement le sens, remplacer *para* + inf. par une proposition introduite par *e*, et on comprend que le pessoal semble être la forme ordinaire *subiram a uma rampa de olivais, para tornarem a descer encobertos por moitas de giestas* (Camilo, Amor 58) *Quase todas as portas se abriram de leve, para logo, com polida delicadeza, se fecharem* (Paço d'Arcos, Caminho 34) *figuras perpassavam vivas, animadas, a princípio, para lentamente se esfumarem, diluirem-se* (Cabeira, Quando o sol 88) *As nuvens ... desfazem-se aqui, para se recomporem mais além* (Redol, Gaibéus 33) *Os pés do eguariço estavam agora tomados de loucura, para logo depois caírem quase em êxtase* (45) *deslocam-se serras de nuvens que se acavalgam e fundem, para depois se desenlearem lentamente* (92); avec changement de sujet *só a pericia do António conseguiria tirá-las da charca, para incorrerem noutra desastre, aliás* (Luzia 92). L'impeessoal se rencontre *brotavam da noite para logo se sumir de novo* (Castro, Lã 229). On peut faire semblant de prendre au sérieux le sens final (comp. Sandfeld § 317) *Foi para este resultado, que tanto lutaste contra mim? ... Para me veres aqui amarrada* (Selvagem, Telmo 159) Ici on ne pourra guère substituer une proposition avec *e* à *para* + inf. Mais il y a le pessoal. On trouve l'impeessoal dans *Termos de sair tão cedo de casa, para, afinal, perder o tempo aqui!* (Castro, Lã 302).

Le *para* final peut suivre un substantif. Sandfeld a déjà remarqué (§ 318) que dans quelques cas l'infinitif dépend plutôt de l'énoncé entier que du substantif seul, comp. pour le portugais *o esforço que ele faz para dominar-se, para não atravessar João* (Victorino, Fascinação 76). On peut signaler des exemples avec l'impeessoal *no próprio esforço que faziam para não mostrá-lo* (Régio, Gota 97) *bus-*

cam novos esforços para aligeirar a faina (Redol, Gaibéus 28) ⁽⁴⁷⁾. En portugais comme en français on peut «détacher» le substantif qui arrive ainsi à régir l'infinitif à lui tout seul (évidemment la délimitation entre les deux cas n'est pas toujours facile à faire) comme dans *o que a obriga a um derradeiro esforço para saltar a vaia* (Coelho 436). Il n'est pas étonnant de voir des exemples de infinitivo pessoal *participando a sua instalação e a próxima eleição e partida de dois deputados para comunicarem às Cortes a proclamação do sistema constitucional e representarem os habitantes da ilha* (Revista XIV 146) *elaborou pareceres para serem presentes à discussão das cortes* (XIV 194) *já tratei da tua nomeação para dirigires a rearboreização das serras* (Castro, Eternidade 36) *Deu ordem para o chamarem logo que cheguem as fidalgas* (Dantas, Chagas IV 2 (147)) *deu ordem para não o molestarem* (IV 8 (164)) (pour *dar ordem para*, voir aussi p. 232) *pedir licença para* est à rapprocher de *pedir* seul (voir p. 232). Nous avons l'impessoal dans *Algumas até pediram licença para copiá-la* (Luzia 222).

S'il s'agit de substantifs de sens concret comme *pequena estante de madeira, para escrever* (Dantas, Chagas II 1 (53)) *Cartilha para aprender a ler* (Revista I 175) le sujet de l'infinitif est souvent indéterminé «pour qu'on apprenne» et on n'aura guère l'occasion de se servir de la forme fléchie comp. aussi *onde se guardavam as cordas para laçar os animais* (Castro, Selva 236). Pourtant il peut y avoir des phrases infinitives à sujets plus ou moins vagues (ou bien correspondant à fr. «on» ou bien indiquant des catégories de personnes) *é uma manta para a gente se agasalhar* (Leone, Para além 88) *Um livro para todas as raparigas lerem* (Redol, Marés 129) *Tokalon para senhoras de sessenta anos recommencarem a ... engatinhar* (Luzia 234). Et on peut voir aussi des sujets bien déterminés *Ainda assim peso considerável para cinco homens acarretarem, por um sol terrível, através dum deserto esteril!* (Minas 74) *como se nelas houvesse algum pássaro de canto para ele meter no seu viveiro* (Redol, Gaibéus 61). De même le pessoal seul dans *Lá em baixo ... estavam as canoas do seringal ... : as mais pequenas, para a pesca à tarrafa ou para irem buscar o correio* (Castro, Selva 197) et dans *esses barquitos assim pequeninos, como para bordejarem lagos ou rias* (Espe-

(47) comp. la tournure passive (in casu avec le pessoal) de *o «esforço» feito pelos neo-garretistas portugueses para substituirem as fórmulas e os temas estrangeiros — por —* (Mundo Literário 26/10 46 p. 4).

rança, Servidão 276) (on peut en effet concevoir des cas où le substantif en question est le sujet de l'infinitif).

Il est temps de traiter de la sucatégorie appelée par Sandfeld.

Sens final (2), comp. la distinction entre *il travaille pour gagner sa vie* et *il lui faut travailler pour gagner sa vie*.

Avec *ser necessário* — *para* le pessoal se trouve dans *Se para encetarmos a convivência ... é necessário confessar os nomes* (Duarte, Vencidos 23). A remarquer *ser necessário* avec sujet déterminé (il y a d'ailleurs changement de locuteur) dans *eras-me necessário — Para lhe ouvir as lamentações? — Para me ajudares a apagar o lume* (Selvagem, Telmo 102). *necessitar de ... para*, pess. dans *Os seus sentidos necessitavam de um bordão para se manterem alerta* (Duarte, Vencidos 29).

preciso para, pess. dans *Nunca me tinhas dito que, para aprenderes tecelagem, era preciso isso* (Castro, Lã 322). *precisar — para*, impress. dans *Quantos dias pensas que precisas para acabar?* (Castro, Lã 264), pess. dans *Não precisavam de ir à escola para perceberem de searas e de gados* (Rodrigues, Castigo 72).

haver (ter) de ... para Pess. *para o levarmos temos de nos meter todos à água* (Brandão, Pescadores 95) *Para o conseguires, tens de conquistar a sua confiança sem o ferir* (Corrêa Leite, Raça III 4 (226)) *para o serem menos, teriam de pensar constantemente na morte* (Castro, Eternidade 301) *as unidades morfológicas, para traduzirem alguma coisa de positivo ... têm de ser completadas* (Revista IV 5), comp. la phrase infinitive dans *E, para um homem ir tomar o comboio a Belmonte, tem de perder um dia inteiro* (Castro, Lã 228). Le pessoal se trouve également s'il y a postposition de *para* + inf. *uma viçosa horta, que tínhamos de atravessar para entrarmos na morada do velho* (Cordeiro, Corações 193) *Tinham as pupilas de evitar encontro com a moeda luminosa ... para lobrigarem* S. Roque e S. Martinho (Castro, Eternidade 141) *elas tiveram de se combinar para viverem juntas* (Perspectiva II 115-16) *hão-de, pelo menos, começar por ser assim aceites para serem compreendidas* (Mundo Literário 31/8 46 p. 16). Mais on peut relever aussi l'impeessoal *Mas que havemos de fazer para levantar o moral da Ilha?* (Luzia 115).

obrigar a — para Pess. dans *Pela lei que obriga os donos de cães a tirarem e pagarem licenças para os possuírem* (Leite de Vasconcelos, Op. III 568).

faltar para Pess. (changement de sujet) *Pouco faltaria para che-*

garem à estação de destino (Leone, Para além 18) *não faltará muito para chegarmos ao fim dos nossos trabalhos* (Duarte, Vencidos 29) *não faltará muito para deixarmos os ossos nesta praia* (37) *Faltavam poucas horas para chegarmos ao termo da nossa viagem* (195).

servir para Impess. dans a cultura dos géneros que poderiam servir para abastecer os mercados de Angola e Cabinda (Revista XIV 207), pess. (mais avec changement de sujet) dans *Isso só serve para não nos entendermos* (Cordeiro, Corações 127) *As colónias só lhes servem para fazerem frases* (Selvagem, Telmo 46). Les deux formes dans só servem para complicar mais a vida e para nos fazerem duvidar cada vez mais (Ocidente VII 17).

preparar, habilitar para Pess. dans *Tudo nos prepara, pois, para logo algumas estrofes adiante entrarmos na matéria* (Revista XVI (1-2) 26) *habilitando-nos ... para nos inteirarmos melhor da língua moderna* (Leite de Vasconcelos, Op. I 239).

chegar para Impess. dans *Estas breves notas chegam para dar ao leitor uma ideia das novidades estilísticas* (Coelho 477) *não chegam para contentar todos* (Perspectiva 567) *Pão e duas petingas chegam para enganar o estômago* (Redol, Gaibéus 40). Pron. + inf. dans *Quinhentos escudos ... chegariam para ele se ver livre do Valadares* (Castro, Lã 92) *o que recebia não chegava, sequer, para eles comerem, quanto mais para eles se desempenharem* (258).

dar para Phrase inf. dans *o seu salário não dava para os dois comerem e ela tratar da saúde* (Castro, Lã 177).

bastar para Impess. ervas a quem um pouco de terra basta para viver (Brandão, Pescadores 212) *Duas partidas bastaram para clarear a memória* (Castro, Selva 215), pess. *bastaria que as ilhas tivessem cinquenta mil habitantes para darem dois deputados* (Revista XIV 152-53) *é quanto basta para aliviarmos o nosso espírito* (Teixeira de Pascoais, Empecido 28) *bastavam os retoques introduzidos por uma mesma mão para lhes darem uns traços de semelhança* (Revista XV 54), les deux formes dans *se não bastam para coroarem, à luz da imortalidade, uma obra, bastam — ainda que isto pese aos literatos puros! — para impor um homem a uma época* (Perspectiva 528).

bastante, suficiente(mente) para Impess. *és bastante inteligente para já ter percebido* (Corrêa Leite, Raça II 13 (149)), pess. *suficientemente elásticos para poderem abranger ...* (Revista XVI (1-2) 12), *suficientes contudo para darem a impressão de remediadas* (Ribeiro, Cinco réis 35), avec changement de sujet *Não compreendes que*

verem-te comigo era o bastante para cuidarem mal de ti? (Cortez, Lodo 45) *ficam-nos os estímulos bastantes para recriarmos e sentirmos viver junto de nós* (Coelho 333) *a adopção exclusiva do método altimétrico não constitui uma base suficientemente sólida para architectarmos teorias que* (Revista II 95) *será este facto motivo suficiente para de todo lhe tirarmos o crédito?* (XIV 236). Phrase infinitive *O que ele fizera não era suficiente para os outros estarem com aquelas coisas* (Castro, Lã 202) *Não quero grande ordenado; apenas o suficiente para eu poder viver* (Selva 66).

demais (demasiado) — para Impess. dans *Somos infelizmente fracos demais para precisar disfarçar com elegância as nossas transigências* (Revista II 235), pess. dans *todas essas razões são simples e boas demais, para não ocultarem uma refinadíssima velhacaria!* (Selvagem, Telmo 61), avec changement de sujet *posições ... demasiado ingênuas para podermos conferir à sua doutrinação qualquer interesse* (Perspectiva 595) *mais* seul + pess. dans *Julguei-te mais sincero e mais inteligente para com essas exterioridades tolas queres exercer prestígio numa mulher que —* (Cordeiro, Corações 95).

muito para Impess. dans *És ainda muito inocente para formar juízos claros sobre certas coisas* (Régio, Benilde 135).

Nous citerons quelques exemples d'adjectifs + *para*, impess. *todos os carros são poucos para trazer os molhos à debulhadora* (Redol, Gaibéus 23) *mas que nos teria acontecido se a Espanha e a Holanda nos sentissem isolados e fracos para sustentar a nossa soberania e independência?* (Revista II 135) *Embora tenhamos de nos reconhecer impotentes para mudar o curso às coisas linguísticas* (II 139), pess. *impotentes já para soltarem um gemido ou tentarem um movimento* (Leone, Para além 76) *Eles ainda eram mecos para conhecerem coisas que só aos homens importavam* (Redol, Gaibéus 61) *os sugestivos temas tão ... próprios para serem desenvolvidos numa Faculdade de Letras* (Revista II 169, phrase inf. *O dia apresentava-se friorento para eles se sentarem ao ar livre* (Castro, Lã 354).

La nuance spéciale du sens final qui nous occupe ici peut se trouver après des substantifs (comme le sens final (1)) ⁽⁴⁸⁾. On peut

⁽⁴⁸⁾ Les rapports entre le substantif et *para* + inf. peuvent être plus ou moins étroits, comp. les constructions suivantes avec *aproveitar*: *Aproveitam o momento para desentorpecer os braços* (Redol, Gaibéus 25) *Esse intervalo aproveitavam-no os habitantes do Paraíso para se tornarem uma só família* (Castro, Selva 246) *que já foi aproveitado para, do respectivo ponto de vista, se generalizarem sistemas lógicos polivalentes* (Revista XIV 128).

mentionner d'abord les substantifs régimes après des verbes comme *ter, haver, dar*. Impess. *temos ainda meses para pensar* (Cordeiro, Corações 127) *Tens cabeça para pensar nisso?* (Archer, Ladrões 6) *temos tempo para conversar* (Castro, Eternidade 35) *Não tens razão para falar assim* (Lã 356) *tu não tens tempo para ler* (361) *já não tinham forças para caminhar* (401). *nós não temos potencial económico para desenvolver as nossas colónias* (Revista II 239). L'infinitif est rétroactif dans *Tens muitas mudanças para ver* (Castro, Lã 377). *Pess. têm tendência para se reduzirem a i* (Leite de Vasconcelos, Op. I 347) *nenhum motivo havia para destruímos os seus símbolos* (Filinto, Colunas 36) *Então vocês tem alma para os deixarem morrer ali à nossa vista* (Brandão, Pescadores 194) *como mendigos trôpegos que não têm alento para irem mais aiém* (Redol, Gaibéus 73) *Razão tiveram para nunca se deitarem à cachopa* (104) *como não temos muito tempo para nos vermos e trocarmos impressões* (Rodrigues, Castigo 297) *Não te dou três dias para estares de volta* (Lacerda, Milagre 127) *Onde tens tu dinheiro para fazeres assim, de pé para a mão, uma despesa dessas?* (Castro, Lã 378) *há matéria para apreciarmos o texto de Poggio* (Revista II 182) *ou se lhes dariam os meios possíveis para ali se estabelecerem* (XIV 180) *não creio que tenhamos nós autoridade para nos substituímos a ele* (XIV 230).

Après *deixar, ver, encontrar, etc.* Impess. *não vemos motivo para o felicitar* (Revista XIV 174), *pess. Não vejo motivo para te assustares!* (Corrêa Leite, Raça I 3 (20)) *és a primeira a desinquietá-la, a aproximá-la, a aproveitar todos os pretextos para a meteres à cara* (Selvagem, Telmo 63) *Escolheste um bom dia para voltares* (Corrêa Leite, Raça II 18 (174)) *Os velhos congressistas gostariam sem dúvida de encontrar ali aquele cásis fresco para descansarem da sua paisagem obsecante e monótona* (Mundo Literário 26/7 46 p. 5) *encontrarão ... matéria de sobra para tranquilamente proferirem o seu parecer* (Perspectiva 12).

Dans *para ver se apanhava uns peixitos para vender na Vila* (Esperança, Servidão 148) l'infinitif n'est pas passif, mais rétroactif.

Il y a aussi des cas comme *Mais um motivo para desconfiar* (Coelho 560). Dans cet exemple il est question d'un acte dont le sujet est indéterminé, d'où l'impessoal. Mais on peut évidemment avoir l'occasion de se servir de l'infinitif fléchi *Mais uma razão para te fazeres amante da mulher!* (Dantas, Severa (t.) 18) *Mais uma razão para aceites o convite* (Botto, Isto 18) *isso não são razões para açambarcares o «indesejável»* (Leone, Para além 205) *Não é caso*

para chorares! (Cabreira, Quando o sol 143) *Era caso para se satisfazerem de o verem com tais companhias* (Redol, Marés 276) *não era caso para assim me deixares* (Ribeiro, Arcanjo 211) *é caso para resolvermos depois* (Esperança, Servidão 303). *não é agora ocasião para falarmos disso* (Régio, Benilde 99). Phrase infinitive *Mais uma razão para eles procederem consigo duma maneira diferente* (Castro, Curva 162).

Voici d'autres combinaisons *Como mantereis o vosso grande Império de além, sem gentes, sequer, nem forças, nem recursos, para manterdes o vosso pequeno Reino de aquém* (Régio, El-rei Sebastião 99-100) *Esta capacidade das coisas ou dos objectos para servirem de pasto à vida interna do Poeta* (Ocidente XXXI 193) *Quantas incertezas para concluirmos se* (Revista II 94), constructio ad sensum *O clero, por sua vez, queixa-se da falta dos mesmos lugares — e de discutíveis liberdades — para exercerem o seu sacerdócio e consentirem aqueles abusos* (Ocidente XXXI 221).

Des tours comme *roupa para consertar* sont d'après Epifanio § 304 des imitations de la syntaxe française. Le sujet de l'infinitif est indéterminé, c'est donc la forme non fléchie qu'on trouve.

Notons encore quelques exemples de *há para, ser para, estar para : o que há para fazer* (Castro, Eternidade 270).

Os dias são para curar a febedeira (Castro, Selva 124) *Tais coisas não são para ser pesadas?* (Régio, El-rei Sebastião 100).

À hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau dos degredados (Camilo, Amor 209) *Estamos para casar!* (T. Coelho, Amores 80) *outras coisas, novas, que estivessem para chegar* (Leone, Para além 16) *estavam já para se deitar* (Castro, Lã 106).

Le sujet de l'infinitif est le «régime» du verbe principal dans des cas comme *e eu a contar convosco para me defenderdes!* (Régio, Teatro 23) (comp. Sandfeld § 344).

ir para : Outro dia ias para me dizer umas coisas (Castro, Eternidade 153).

Notons, pour finir, l'emploi de *para* + inf. servant à motiver une interrogation (comp. Sandfeld § 350), impress. *Mas tu és amante do Custódia para o defender assim?* (Dantas, Severa (t.) 151), pess. *Que entendes tu de cavalgadas, para te prantares aí a falar comigo?* (Dantas, Severa (t.) 6), avec changement de sujet *Mas que mal fiz eu, para me levarem para um convento?* (Dantas, Chagas IV 5 (156)) *Quem te fez mal, para estares a chorar?* (Costa, Solar 205).

Comp. aussi *Como se não fosse bastante o que ele sofria, para os outros estarem ainda a remexer na sua ferida!* (Castro, Lã 266).

17. *por*

17. *por*

L'impessoal peut se trouver avec *por* au sens causal *Estás contente por dançar comigo?* (Costa, Solar 187) *sofriam por vê-lo com gestos tão lentos* (Castro, Lã 87) *pareciam mesmo contentes por haver triunfado sobre os mais confiados* (246) *as gentes vãs que, por não entendê-los...* (Revista III 237). Mais il semble que le pessoal soit plus de mise ici qu'après *para* franchement final; la construction *por* + inf., qui équivaut souvent à une proposition causale⁽⁴⁰⁾, garde dans bien des cas une certaine indépendance à l'égard du reste de la phrase *Revoltavas-te por não teres as mesmas regalias do que eu!* (Corrêa Leite, Raça I 17 (88)) *Isabel Maria e Leticia sorriram também por terem achado graça* (Costa, Solar 50) *começaram a afastar-se por verem nela a futura herdeira* (Cabreira, Quando o sol 23) *as águas não titubeavam perdões por subirem ainda* (Redol, Gaibéus 107) *alegres por mudarem de faina* (111) *os de Lisboa nos faltam por terem sido derruidos pelo terremoto de 1755* (Revista II 113) *que se conservam de pé por não terem espaço para onde cair* (IV 102) *As Cortes sentem o mais vivo dissabor por não terem no seu seio os representantes do Reino do Brasil* (XIV 144). Les deux formes dans *por querer e não por serem mandados* (T. Coelho, Amores 197).

S'il y a changement de sujet il a lieu de se servir d'une phrase infinitive *só pelas cartas serem diferentes já tem graça* (Osório, Ambições 68) *Suspendeu-se por lhe ocorrerem ... as considerações de Guiomar* (Cabreira, Quando o sol 338) *lançara aos operários um olhar severo por eles havarem interrompido o trabalho* (Castro, Lã 196), spéc. pronom + forme zéro *Os outros respeitam-lhe a mãe, não por ela ser velha, mas porque têm medo dele* (Castro, Selva 248) *devia ser por ele a saber rica* (Leone, Para além 212) *ela vaidosamente agradecida por ele a saber de ânimo generoso* (Esperança, Servidão 87). On a aussi évidemment le pessoal seul dans ce cas-là *desculpo-vos a ameaça, por terdes citado Molière* (Cordeiro, Corações

⁽⁴⁰⁾ comp. *As alegorias de fogo... iam descendo para as profundidades do mar, até desaparecerem, não se sabia se por se apagarem ou porque beldade atlântica as roubara* (Castro, Eternidade 342).

185) *Obrigado por teres vindo* (Corrêa Leite, Raça I 18 (94)) *se o filho chorava impaciente por o esquecerem no berço* (Duarte, Vencidos 252) *fiquei muito descoroçoado, por não me teres dito nada* (Castro, Lã 219) *Fico muito contente por queres reler esses livros* (362) *O problema do claustro dos Jerónimos é complexo por ignorarmos qual foi o pensamento, a traça inicial do mestre* (Revista I 207).

Malgré les constructions analogues en espagnol citées p. 90 nous voyons des formes zéro dans *gostava do rapaz por ser obediente* (T. Coelho, Amores 246) *É a primeira vez que isto me sucede. Certamente por estar aqui* (Duarte, Vencidos 32) *obrigada, por tudo e por ter vindo* (Cabreira, Quando o sol 421) *Esta deve ser do patife do Antunes, a quem escovei o pélo por caluniar a Sabina!* (Rodrigues, Castigo 188-89) *Quando o despediram da fábrica, por estar velho* (Castro, Lã 177) *deciando absurda a doutrina de Newton, por considerar a luz ... como composta de cores!* (Revista I 276) *Fernando Amado não condena todo o teatro moderno por ser moderno* (XIV 249). Puisque dans *Gostavam dele por ser sossegado e por o reconhecerem como o mais hábil operário da fábrica* (Duarte, Vencidos 69) celui des deux infinitifs qui a le même sujet que le verbe de la phrase est personnel, pourquoi n'en serait-il pas de même pour l'autre qui présente changement de sujet? Comp. aussi *Ricardo zangou-se por eu querer ir ver a mãezinha!*... — *Zangou-se por querer ir ver sua mãe* (Ribeiro, Mônica 129).

Epifânio regarde (§ 199b,2) des expressions comme *ansioso por, ansiar por, suspirar por, anelar por* comme appartenant à la catégorie de *por* causal (comp. fr. *je brûlais de savoir*, Sandfeld § 263). Nous avons une rencontre très intéressante et très significative de *por* et *para* dans *Eu pelo-me por ir a Lisboa, só para almoçar no Garrett* (Costa, Solar 59). On voit l'impeessoal dans *almas românticas, ansiosas por experimentar sentimentos fortes* (Coelho 384) *esses olhos que ansiavam por enxergar terras do Levante* (Duarte, Vencidos 13). Les deux formes dans *almas ansiosas por dar-se e por conquistarem outras almas para Deus* (Revista VI 92). Il semble que *morto (mortinho) por* ait un sens analogue, comp. avec l'impeessoal *E eles então que estavam mortos por ir às azenhas* (T. Coelho, Amores 164) *Forque mentiste há pouco, dizendo que estavas mortinho por me ver?* (Castro, Lã 18), avec le pessoal *estariam mortinhos, os dois, por se separarem* (Esperança, Servidão 160). Mais qu'il ne

soit pas impossible d'y voir quelque idée de finalité se voit par un exemple comme *Andam mortinhas p'ra serem galadas* (Redol, Gaibéus 113) ⁽⁵⁰⁾.

L'impeccable est fréquent dans les emplois de *por* auxquels Epi-fânio attribue un sens nettement final (comp. *esforçar-se para, esforçar-se por, lutar para, lutar por* ⁽⁵¹⁾): *Todos os nossos mais notáveis autores se esforçaram por a escrever bem* (Leite de Vasc., Op. I 239) *dois cascudos, que lutavam por desprender-se* (Castro, Selva 134) *todos se esforçavam por neles acreditar* (169) *lutando os dois por eliminar, um perante o outro, tudo quanto pudesse dar sugestão de fealdade* (Eternidade 89) *que se esforçavam por impor a D. João III o tradicionalismo dos juriconsultos medievais e exilar da corte a falange do espírito novo* (Revista II 53) *onde lutávamos por recuperar o que nos fora subtraído* (II 129) *Esforcemo-nos, porém, por marcar as directrizes da sua actividade* (II 191). *Fazei por sossegar* (Régio, Teatro 68). Notons pourtant, avec le pessoal, *Faze por te tranquilizares* (Mesquita, Envelhecer 27) *Pense-se na luta de alguns dos nossos escritores por realizarem a harmonia dos seus elementos humanos diversos* (Talegre, Poetas 89).

Nous avons le sens final aussi dans le tour *por assim dizer*; *a primeira tentativa de aplicação metódica, por assim dizer longitudinal* (Revista I 3) ⁽⁵²⁾.

Le pessoal qui se trouve dans l'exemple suivant semble également être régi par un *por* final *Ah, tinham razão os que, por se livrarem de semelhante vida, cortavam dedos ou desertavam* (T. Coelho, Amores 197).

Que *Isto é perguntar por perguntar* (Castro, Eternidade 35) représente un cas de infinitivo impessoal se voit par *Iamos por ir* (Esperança, Servidão 251) *dos que sistematicamente destroem ... por destruir* (Revista IV 8).

Le *por* instrumental se combine avec l'impeccable dans *acabaram por empolgá-la, desviar-lhe ideias negras* (Cabreira, Quando o sol

⁽⁵⁰⁾ Comp. *E até já as raparigas ficaram mortas que chegasse a noite, para saberem do ti' José Bernardo como fôra o trambolhão do morgado* (T. Coelho, Amores 233). Autre exemple de morto que — : *Mas estou morto que venha o compadre* (ibid. 237).

⁽⁵¹⁾ *Lutara toda a noite para a vencer* (Redol, Gaibéus 148) *lutava para encher o vácuo imenso* (Castro, Eternidade 267).

rem. à *luta pela vida, ou à luta para enriquecer* (Leone, Para além 155).

⁽⁵²⁾ comp. *para assim dizer* (Fialho, Pasquinadas 122).

317) *Acabaremos por vestir-lhe o casaco, por encaixar-lhe na cabeça, a velha capote* (Luzia 44) *acabavam sempre por o deixar de mal consigo próprio* (Castro, Lã 264). Notons, en passant, qu'il y a d'autres façons de rendre la même idée *começa por chamar-me «deliciosa poetisa», continua chamando-me «notável historiadora», acaba, concedendo-me honras de «arguta jornalista»* (Luzia 239).

Dans *estão por fazer ... muitas monografias de grandes autores* (Revista IV 395) le *sujeito de fazer* n'est évidemment pas *monografias* (mais il est indéterminé, comp. fr. «on»), *fazer* n'est pas employé passivement. On peut citer encore *essas disposições ... ficam por fazer* (Cordeiro, Corações 145) *devido a circunstâncias que ficaram por determinar* (Ribeiro, Cinco réis 109) *Muitas outras ... ficam por dizer* (Revista II 47) *Algumas formas ficarão por explicar* (II 154). Également après des substantifs *Fazia contas por fazer, só para dar ocupação ao cérebro* (Costa, Solar 214-15) *ficou ela e os filhos por criar* (Brandão, Pescadores 155) *as mantas de pequenos peixes por criar* (168). Il n'y a pas même de sens «apparemment passif» dans *nascidos e por nascer* (T. Coelho, In illo 79) *com as vagens ainda por amadurecer* (Castro, Selva 203).

Pour les sens de «au lieu de», «en échange de», citons seulement *Diz-se ainda a cada passo só saber o ABC de uma coisa, por só conhecer os primeiros elementos dela* (Revista I 153) *Morrer por morrer, prefiro o ar livre!* (Dantas, Chagas I 7 (40)).

Notons le pessoal dans un cas comme *Lá por andarmos de mal há 15 anos, isso acabou-se!* (T. Coelho, Amores 53).

passar por est suivi d'un impessoal évident dans *num país em que passaram por ter um rijo pulso de estadistas o conde de Basto e os manos Cabrais!* (Cordeiro, Corações 192).

18. sem

Sem est souvent «répété» à l'aide de *nem*, et les deux mots peuvent se combiner avec le pessoal *sem se verem nem ouvirem* (Osório, Ambições 152) *sem levantarem a cabeça nem desatarem aos gritos* (Brandão, Ilhas 46); dans *as que se mantiveram, sem poderem melhorar os produtos nem renovar os maquinismos, viram-se reduzidas a* (Revista XIV 186) *renovar* dépend comme *melhorar* de *poderem*. Mais il y a des formes impersonnelles claires dans des cas comme *certinhos, sem pôr nem tirar que* (Perspectiva II 17). Ici on ne sent pas

du tout le besoin d'insister sur la personnalité (glissement vers la catégorie du substantif) ⁽⁵³⁾.

Pour des exemples comme *Três juntas de bois correm sem cessar de batel para batel* (Brandão, Pescadores 233) *cavaram sem cessar* (Navarro, Última 288) on pourrait rappeler qu'en français on emploie ici justement un substantif («sans cesse»). Voici d'autres exemples d'impessoal *Conversemos sem levantar a voz* (Camilo, Enjeitada 168) *não passas sem me vender o teu cão* (T. Coelho, Amores 394) *trinca o grão que puderes ... mas lá na tua mangedoura, sem focinhar na dos outros* (Cortez, Lôdo 69) *ficas ... sem causar nenhum transtorno* (72) *As crianças divertiam-se sossegadamente, sem tocar nas plantas ou nas flores* (Luzia 158) *A passo estugado, sem trocar palavras, eles foram marchando na direcção daquele norte* (Redol, Gaibéus 58) *Senteram-se na areia, sem trocar palavras* (ibid.) *E, sem hesitar, rompemos adiante* (Ribeiro, Cinco réis 275) *Quedaram de boca aberta, sem compreender* (304) *Nós vamos sem querer, é claro* (Castro, Lã 294) ⁽⁵⁴⁾ *as impressões que nos provoca entram na alma sem a ferir* (Revista II 141) *despedaçaram, sem deformar o idioma, os moldes vernáculos* (Perspectiva 422) *Sem obedecer à classificação balzaquiana... podemos* (II 191).

Évidemment il y a, après *sem* comme ailleurs, des fluctuations, comp. *não terminamos a sua leitura, sem lembrar os versos que* (Revista XVI (1-2) 168) et *O que nos impede de falar da maioria das escritoras dos séculos transactos, sem nos lembrarmos continuamente de que foram mulheres* (Perspectiva II 149). On a les deux formes dans *Como pudeste estar tanto tempo sem saber de mim, sem me veres?* (Osório, Ambições 254). Voici plusieurs autres exemples de pessoal *não deixavam passar um dia sem irem desaborrecer-se* (Luzia 218) *As manas Vilar olhavam uma para a outra sem saberem que dizer* (Costa, Solar 147) *Sem teres filhos — já tens uma filha* (280) *Deviam-na deixar morrer intacta, sem lhe deitarem as muralhas abaixo* (Brandão, Pescadores 40) *Os dois enleados sem saberem que dizer* (Redol, Marés 131) *Sem trocarem palavras os vultos deslizavam na escuridão* (Duarte, Vencidos 178) *sem comeres o pão que o diabo amassou não passas!* (Ribeiro, Mónica 233) *aquele som*

⁽⁵³⁾ Comp. Flasche 713: «Sem pôr nem tirar besitzt keinerlei persönliche Färbung, es ist, was Personenbezogenheit angeht, einem *sem* alteração völlig gleich».

⁽⁵⁴⁾ comp. *dizíamos quase sem querer* (T. Coelho, Amores 137).

inominado de que nos servimos para chamar por alguém sem erguermos a voz (Leite de Vasconcelos, Op. I 35) *E as características dos dois casos peninsulares são muito semelhantes, sem contudo deixarem de se apertar por cambiantes subteis* (Perspectiva 551) *só poderiam atormentá-la, feri-la, sem influírem de modo algum na sua maneira de sentir* (II 155) *Trabalhos recentes ... sem trazerem novos elementos ... vêm impugnar a hipótese* (Revista IV 65) *sem contrariarmos a afirmação transcrita, julgamos que ...* (IV 181), *avec changement de sujet Pensou que a não conheceria, sem o prevenirem de que ia ver sua filha* (Camilo, Amor 152) *não volte sem o chamarem* (Dantas, Chagas III 7 (118)) *eu não admito que alguém me toque sem seres tu* (Esperança, Servidão 161), *formes zero pela estima que lhe davam sem a ter pedido* (Paschoa, Regresso 134) *Os pratos passaram diante dele sem saber dizer se tinha comido* (Ribeiro, Mônica 226). Il va de soi que la phrase infinitive est fréquente *São só os frutos que caem de maduros sem a gente lhe tocar* (Redol, Forja 45) *Não poder ver ninguém, sem logo a outra pessoa lhe lembrar aquilo* (Castro, Lã 266) *Às vezes, se passam muitos anos sem eles virem* (Selva 110) *Eu não me vou embora sem tu prometeres* (Terra 253), spéc. pronom + forme zero *Minha senhora, V. Ex.^a abusa do seu sexo sem eu lhe poder responder* (Osório, Ambições 251) *a noite em que no Clube Estefânia um sócio lhe chamou asno chapado sem ele lhe partir as trombas* (Ribeiro, Mônica 58) *Se me tocassem sem eu querer* (Esperança, Servidão 87) *da sua boca saiu esta frase, sem ele mesmo dar por isso* (Leone, Para além 217) *Não te vais sem eu estar de volta* (Dantas, Severa (t.) 173) *ela ir-se-ia embora sem ele lhe poder dizer da sua emoção* (Castro, Eternidade 251) *sabendo que não comeriam sem ele fazer, primeiro, o queijo* (Castro, Lã 87) *podia pedir que a sua vida melhorasse, sem ele dizer como* (324).

Dans des expressions comme *sem falar de* on préfère souvent rester dans le vague quant au sujet de l'infinitif (comp. pour para p. 234) *já devia vinte e cinco doutra vez e trinta doutra ... sem falar em coisas velhas* (Cortez, Lodo 6) *isto sem contar com a sardinha de passagem* (Brandão, Pescadores 301) *Podia o poeta, como alguns espíritos de quinhentos, sem já falar de um Lourenço Vile, de um Poggio, esquecer ...* (Revista III 233) *Das praças do sui não possuímos nada igual, sem mesmo exceptuar Mazagão* (IV 407) *Começamos pelos latinismos, sem atentar nos helenismos* (XVI (1-2) 56) *sentiram-na Ingleses e Alemães ... sem esquecer uma tragédia em*

holandês (XVI (1-2) 175) Sem ir mais longe, no país vizinho e irmão do seu, em Portugal, houve também duas épocas de esplendor literário (Perspectiva 551). Mais on peut préciser excelentes conferências e problemas de pormenor, como ... sem falarmos da sua cálida lição inaugural (Revista II 400) Sem nos demorarmos a examinar a beieza literária das expressões (XVI (1-2) 63).

Sem + inf. peut se trouver dans une exclamation (comp. pour l'infinitif gérondival p. 139). Il est naturel de voir le pessoal dans un cas comme *E sem podermos chamar o médico!* (Lacerda, Milagre 55) *A pequena para aí a chorar há que tempos, e tu sem vires* (Cajão, Montanha 256).

19. sobre

Dans l'exemple suivant ce mot est sémantiquement apparenté à *além de*, et il n'est pas étonnant qu'il puisse, comme cette construction, se combiner avec le pessoal *estas palavras desanimadoras e tristes, que sobre a poderem massar, a podem fazer sorrir* (Cordeiro, Corações 50). La nuance est évidemment un peu autre dans *teve-a suspensa sobre adivinhar a festiva novidade que lhe levava* (Camilo, Enjeitada 52) *Sobre o ter sido ou não autor do tratadozinho da Económica, há graves dúvidas* (Pimenta, note p. 86). Nous pouvons y voir des formes zéro, au moins pour le dernier exemple.

VIII

L'infinitif final

Dans cette fonction l'infinitif est au moins aussi étroitement lié aux verbes *ir, correr, vir*, etc. qu'il peut l'être aux verbes modaux. Il suffit de noter quelques exemples de la forme impersonnelle *vais abrir?* (Cortez, Lodo 3) *Amanhã vens falar comigo* (23) *correm então à Marinha consultar outra bruxa* (Brandão, Pescadores 236) *não iremos recair na classificação anteriormente descrita?* (Revista XIV 37) *Um verdadeiro museu, dizem todos que o vão visitar* (Mundo Literário 22/6 46 p. 14). Le pessoal peut se rencontrer dans des conditions spéciales (distance) *vais conhecer mais terras: a Murtosa e outras, tornares-te homem, trabalhar para o teu futuro* (Espe-

rança, Servidão 320) *vinham espreitar lá de cima e rirem-se da desgraça alheia* (Castro, Selva 180) *Sim, como há agora tantos na Corte ... viemos também! juntarmos à companhia* (Régio, El-rei Sebastião 147). A remarquer le zeugme dans *sejamos cautelosos, não vá o humorismo transformar-se em ironia, a ironia em troça, e acabarmos por nos rir de nós próprios* (Lacerda, Milagre 7).

On peut signaler aussi *va + phrase inf.* dans *Mas vá lá eu falar-lhe nisso, ao pai* (T. Coelho, Amores 349).

IX

L'infinitif au lieu du verbe fini

Si l'infinitif prend ici la place d'un verbe fini (c'est-à-dire prend la fonction qui « ordinairement » est assumée par un verbe fini) il est facile de comprendre qu'il puisse s'en rapprocher aussi pour la forme, comp. *Que o azar te torne azedo, percebo; mas levares o azedume ao ponto de negar a suprema ventura da vida ...!* (Cordeiro, Corações 93) *E não dizeres nada!* (Osório, Ambições 202) « São histórias para quando as meninas forem grandes. Sermos grandes! » (Luzia 77) *Má raios! Deixarem andar os doidos por aí, como qualquer com juízo!* (Félix, Nunca 32) *fazes-me perder a cabeça. Perderes a cabeça..., tu?!* (Régio, El-rei Sebastião 52) *Que amável tu és! ... Adormeceres diante das visitas* (Simões, Pântano 98-99) *Onde se viu uma coisa assim? Terem a filha comprometida comigo e andarem a oferecé-la a outro!* (Castro, Lã 187). On voit qu'il s'agit dans ces cas d'exclamations. Le sujet est indéterminé dans le tour fréquent *E pensar que ...* (Castro, Eternidade 56). Mais le sujet vague *a gente* est souvent disponible *Pensar a gente que vinha encontrar o bom tempo!* (Luzia 229).

Comp. encore *Bem basta irmos, aqui, com o corpo! Ainda por cima estares a lembrar essas coisas!* (Castro, Lã 178) *Só eu pensar que me pode morrer o meu filho — parece-me que endoideço* (Osório, Ambições 208).

Quand l'infinitif est employé au sens impératif c'est dans la forme impersonnelle *bradando*: *preparar! Os soldados compassaram-se em atiradores* (Camilo, Estrelas 103). La raison en est qu'on fait cette substitution de mode justement pour insister sur l'action en soi

ou, comme le dit excellemment M. Rodrigues Lapa (Estilística 219-20), «quando se quer diminuir a importância da pessoa a quem se fala, fazendo incidir a atenção sobre o acto em si».

Dans le type *Mas pagar, pago* (Cortez, Lodo 6) on peut aussi prendre l'infinitif au sens général, comp. *Rir, todos riem ... mas rir bem ...*, *isso requer certa inteligência* (Filinto, Colunas 189) *lá falar, falaram-me* (Esperança, Servidão 159). Mais il est possible d'individualiser *Apontarmos com cuidado, apontamos* (Esperança, Servidão 252) *Beberes mais, não bebes* (345) *Lá vivermos encavalitados uns nos outros, isso vivemos* (358).

Nous croyons qu'il faut expliquer de même l'impessoal après des mots interrogatifs *que dizer de critérios como este* (Revista XIV 230) «que faut-il dire» plutôt que «que devons-nous dire», comp. *Para qué amar? sofrer? sentir? Para quê a ansia? a desconfiança?* (Cordeiro, Corações 93). On peut toutefois préciser s'il le faut *Para que negares, se a própria verdade da tua conduta te desmente?* (Duarte, Vencidos 290).

On voit l'impessoal aussi dans les interrogations indirectes *Não tens lá em cima que fazer?* (Cortez, Lodo 5) *Deves ter muito que contar* (Corrêa Leite, Raça I 11 (62)). *não têm nada que fazer* (Castro, Eternidade 257) *não têm adonde cair mortos!* (Aleixo Ribeiro, Caixa 28) *temos por onde aferir a capacidade do editor* (Revista II 21) *que se conservam de pé por não terem espaço para onde cair* (IV 102). Mais il peut y avoir lieu de se servir du pessoal, p. ex. dans *Há portanto muito por onde vemos que ...* (Revista V 368).

Il faut parler encore de l'accusatif + infinitif (après *fazer, deixar, mandar, ouvir, ver, sentir*). Si on ose parler ici de «sujets identiques» on sait qu'il faut prendre cette expression au sens le plus large : le sujet de l'infinitif est forcément identique au régime d'un de ces verbes, comme c'est le cas pour p. e. *obrigar a*. Mieux vaut peut-être dire «sujet évident», terme qui se prête également bien à *quero sair*, à *mando-o sair* et à *é-nos lícito supor*. Il semble donc que l'impessoal soit tout indiqué, et c'est en effet cette forme qui est donnée comme la règle par les grammairiens, p. ex. Góis 145 ss. D'autre part les grammairiens doivent reconnaître aussi qu'on peut trouver l'autre forme, il y a même des cas où ils l'admettent, p. ex. s'il s'agit d'emphase (reforço intencional). Est-ce en quelque sorte une tautologie de s'exprimer ainsi? Nous hésitons à le croire, du moins nous trouvons judicieuses les paroles de M. Góis 150 «Não esquecer que a ênfase é uma razão subjectiva, do foro íntimo do autor, que escapa por isso

a regras e normas preestabelecidas». Cette remarque vaut pour pour l'étude de l'infinitif pessoal en général: on n'arrivera sans doute jamais à établir une règle passe-partout qui nous dispense d'hésiter ni même à pouvoir expliquer exactement dans chaque exemple pourquoi on a préféré telle forme. Mais en attendant on fait ce qu'on peut.

fazer, Impess. *Não vês ainda aquela ralé que te fazia grunhir* (Cortez, Lodo 15) *dois dēdos no gasganete que te fizessem vomitar tudo duma vez* (59) *maneira de te fazer compreender que* (70) *O bailar das chamas que faziam crepitar as achas de azinheira* (Leone, Para além 125) *bagas de suor que o sol faz lucilar* (Redol, Gaibéus 28) *a sua tosse fez rir os outros* (65) *aquela luz mortica que fazia bailar fantásticas sombras nos troncos das árvores* (Castro, Selva 97) *fazendo desviar as mãos para as canelas* (198) *O sol horizontal fazia rebrilhar agora os vidros das suas incontáveis janelas* (Lã, 144) *Desaparecera a vida que as fazia vibrar* (Eternidade 29) *faz mover os motores* (Revista II 157) *em substituição das que a Martinhada fizera cair* (XIV 139) *tinham sido os gados dele, Martins, que comendo as plantações tinham feito fugir os habitantes* (XIV 158) *faz-nos Camões ver* (XVI 141) *que nele o Poeta sentiu e nos fez sentir* (XVI (1-2) 175). Pour des cas comme *voltaram a fazer-se ouvir os tumultos celestes* (Castro, Lã 70) *não se fazem rogar* (Perspectiva 69) où l'infinitif est actif et nécessairement impersonnel, voir Sandfeld § 124 et Boletim de Filologia XII 49. *Pess. O vento, que desgrenhava cabeleiras e fazia as calças modelarem as pernas dos que se debruçavam na amura* (Castro, Eternidade 28) *imperceptível brisa fazia agitarem-se as hastes do trigo* (Leone, Para além 71).

deixar Impess. *deixando-os correr* (Redol, Marés 14) *jurou que os rēo deixava entrar* (Gaibéus 57) *Deixa-os lá falar* (Castro, Lã 398) *tantíssimas composições que ele deixou passar intactas* (Revista XIV 227). Pour *as doidivas, que se deixam seduzir pelo primeiro melro cantador* (T. de Pascoais, Empecido 136) comp. ce qui a été dit plus haut à propos de *fazer*. *Pess. depois era deixar as pernas levarem-se pelo peso do corpo* (Redol, Marés 23) *ter-te-ia deixado seguir esse destino* (Selvagem, Telmo 159) *deixando os demais distanciarem-se* (Castro, Lã 100) *a freira não deixou Tramagal e Dagoberto entrarem enquanto Horácio não saiu* (398).

mandar Impess. *quase sentiu vontade de os mandar calar* (Leone, Para além 74) *Mandar quatro ou cinco homens persegui-los, é trabalho inútil* (Castro, Selva 258) *há muitos que mandam as mulheres entender-se com os armadores* (Esperança, Servidão 71). L'im-

pessoal est nécessaire dans les cas où le régime de *mandar* est exprimé (ou plutôt indéterminé) *mandando abrir poços* (Revista XIV 158), comp. encore Sandfeld § 124. Pour les constructions passives comme *os mais célebres pintores, escultores e poetas, mandados vir de além-mar* (Júlia de Almeida, Memórias 102) *mandados vir de Paris* (Revista III 11) ... *mandadas fazer a outrem* (Costa Marques 12) *traduções antigas ou mandadas fazer por D. Duarte* (15) voir Boletim de Filologia XII 50. *Pess. E pouco depois mandara os guardas civis e de assalto tomarem as fábricas* (Castro, Curva 137) *mandava os outros trabalharem para mim* (Esperança, Servidão 391).

ouvir Impess. *a vez primeira que te ouço falar com discernimento* (Duarte, Vencidos 53) *Ouviu cantar os primeiros galos* (Castro, Lã 301). Dans les exemples suivants avec le réfléchi-passif de *ouvir* le sujet de l'infinitif est indéterminé *Ouve-se bater à porta da rua* (Cortez, Lodo 3) *ouviu-se repetir: «Está! Está! Está!»* (Simões, Pântano 12). *Pess. Eu fico para aqui toda a noite...? A ouvi-los baterem-se à porta, insultarem-me, perguntarem-me* (Dantas, Chagas I 7 (49)) *Já ouvi quatro ou cinco tratarem-se por irmãs* (Rodrigues, Castigo 206) *ouviu os seus companheiros gritarem por socorro* (Castro, Selva 259); la troisième personne du pluriel indique l'indétermination dans *quando ouvi mexerem naquela porta* (Régio, Benilde 25). Pour ce qui est du réfléchi-passif M. Góis admet (170) *Ouvia-se rugirem as vagas à côté de Ouviam-se rugir as vagas*.

ver ⁽⁵⁵⁾ Impess. *Via-as correr para as suas mães ao mais pequeno desgosto* (Cortez, Lodo 36) *Quando os via passar para o Monte* (Brandão, Pescadores 291) *vendo entrar e sair os navios* (Ribeiro, Arcanjo 90) *As gaibéuas viram passar as senhoras* (Redol, Gaibéus 160) *tinha visto, da cozinha, passar os dois seringueiros* (Castro, Selva 253). *Pess. via os rosários das oliveiras riscarem colinas* (Colaço Beijo 36) *Loison viu caírem alguns de seus ajudantes* (Enjeitada 4) *quando via os rapazes não lhe largarem a porta* (T. Coelho, In illo 309) *a gente vê as cores despenharem-se num abismo* (Brandão, Ilhas 78) *Via-lhe os olhos, chamejantes como dois carbúnculos, chisparem de raiva* (Duarte, Vencidos 205) *via aflorarem para a nitidez as paisagens* (Colaço, Beijo 42) *viu as cachopas seduzidas afastarem-se na escuridão* (Redol, Gaibéus 52) *Alberto viu, num relâmpago, surgirem à tona sôfregas bocas de peixes* (Castro, Selva 131) *viu afastarem-se*

⁽⁵⁵⁾ Pour la discussion des différentes constructions après *ver* voir Flasche 696.

Dona Yáyá, com as suas ancas largas e busto forte, e o marido (204) *Alberto viu os cinco libertos dobrarem-se sobre as latas e, rápidos, rumo chamada às últimas forças, desaparecerem no cimo do barranco* (308) *Soriano viu Mercedes e Paco transporem a porta* (Curva 21) *é no reinado de D. João II ... que vemos aparecerem as primeiras manifestações do novo espírito* (Revista II 51) *viram com espanto as escravas receberem panos por seu carregó* (Mundo Literário 27/7 46 p. 8). Dans *Quando vi levarem as ovelhas* (Castro, Lã 51) le sujet de *levarem* est en quelque sorte inexprimé: c'est «ils» (pour «on»). On voit les deux formes dans *Via-os entrar de roldão e levar-lhe tudo. Lutarem pela posse do seu futuro e esmagarem-no nas mãos* (Redol, Marés 234) *Viram-nos alçar as mãos àquele desalmado seco e alto que estava no meio da lavra, que nem espantinho a afugentar pardais, e seguirem sempre à rabeira do singel* (Gaibéus 16) *pilhas que via subir, decrescer, dissiparem-se consoante os ventos da fortuna* (Ribeiro, Cinco réis 83). Le pessoal est régulier pour le réfléchi-passif (impersonnel) de ver: A côté de *viam-se* *passar os navios* (Castro, Selva 191) on a *Viu-se os exploradores republicanos continuarem a obra dos exploradores monárquicos* (Brandão, Pescadores 279). M. Góis considère *Viram-se cair os soldados* et *Viu-se caírem os soldados* comme également bons (147). Notons pourtant les deux formes dans *E viu-se, então, homens e mulheres que caminhavam para o assalto à cadeia, volver seus passos e correrem, encolerizados, sobre a esquadra de polícia* (Castro, Lã 286). Il faut remarquer aussi *visto*: *visto esperarem-se em breve os deputados para a seguinte legislatura* (Revista XIV 160). Mais dans le cas de *visto* il s'agit plutôt de nom. + inf. (*visto ele se mostrar assim desmazelado* (Eça, Fradique 203)) construction pour laquelle le pessoal est la règle. Il y a des formes zéro dans *a mártir fizera tudo para o mudar, visto morrer de amores por ele* (Rodrigues, Castigo 222) *Espero que nos veremos um dia destes, visto demorar-se aqui* (234).

sentir Impess. não os sentiu partir (Redol, Gaibéus 109) *sentem nascer em si vibrações de nova simpatia* (Revista I 213). *Pess. ela já sentia, um daqui, outro dali, mexerem-se inquietos os seus pequeninos* (T. Coelho, Amores 223) *sentia os filhinhos tremerem com frio* (ibid.) *os mal-entendidos que já sentia crescerem à sua volta* (Régio, Gota 13) *Sentia-os confundirem-se e ficarem gémeos* (Redol, Gaibéus 43) *sentindo romperem-se teias de aranha sobre a sua cabeça* (Castro, Selva 232) *Tramagal sentia, de quando em quando, as suas pernas fraquejarem* (Lã 407) *É raro sentir nele ... esplenderem*

alvoradas de esperanças (Revista III 206), sans accusatif explicite, mais avec la troisième personne du pluriel indiquant l'indétermination *sentia chamarem-me* (Régio, Benilde 161). Pour le réfléchi-passif on peut comparer *sentia-se as suas vozes pachorrentas palrarem* (Eça, Crime 290) et *sentem-se de novo adejar as sinistras asas da morte* (Luzia 180).

Voici un exemple insolite avec *ter* : *Aqui tens tu os resultados de uma boa acção antoiharem-se-me funestos!* (Camilo, Enjeitada 142).

Nous n'avons pas besoin de citer des exemples de nom. + inf., c'est déjà fait : cette combinaison est au fond ce que nous avons appelé phrase infinitive, et nous l'avons vue un peu partout dans les différentes fonctions de l'infinitif (voir aussi Boletim de Filologia XII 53-56). L'infinitif personnel est en quelque sorte une phrase infinitive à lui seul, et quand on ajoute le pronom (ou un substantif) c'est nom. + inf., et on a toujours (ou presque) la forme personnelle dans nom. + inf. : on peut dire *para veres* sans *tu*, mais un *para tu* amène ordinairement *veres* et non *ver*. Si Maria Rodrigues cite spécialement ces deux exemples de Camões *Tamanho o ódio foi e má vontade Que aos estrangeiros súbito tomou, Sabendo ser sequaces da verdade* (Lus. I 71) (os mahometanos) *mostram ser* (os portugueses) *perdição dos naturais* (VIII 53) (voir Boletim de Filologia I 5 et 7), c'est sans doute qu'il pense qu'on préférerait de nos jours le pessoal (*saber* et *mostrar* sont suivis de nom. + inf.).

Si on veut que le régime de verbes comme *afirmar, dizer, saber*, etc. représente un nom. + inf. dans des cas comme *sabia terem sido dissolvidas algumas divisões* (Duarte, Vencidos 64) on pourrait être tenté de conclure qu'il en est de même pour les relatives, comp. *as suas viagens — que sabia terem sido eminentemente úteis para a sua carreira* (Trigueiros, Capital 203). Mais il n'est pas impossible de voir l'impessoal dans cette construction *conceitos morais, que o autor do livro supôs ser os que melhor convinham ao povo* (Perspectiva 376) tout comme dans *os mortos, que víamos passar entre as árvores* (Luzia 61). Il y a des chances pour que nous ayons affaire tout de même à des accusatifs + inf. Voir aussi Boletim de Filologia XII 57-58.

Conclusions

Que nous enseigne l'étude qui précède? Certes nous avons apporté des matériaux. Cela pourra toujours servir, ne serait-ce qu'à réfuter les opinions que l'auteur a cru devoir émettre en se basant

sur eux. Mais y a-t-il des impressions d'intérêt général qui se dégagent de la lecture de ces matériaux ? Est-ce qu'ils nous aident à mieux comprendre la nature de l'infinitif portugais ? Nous avons déjà dit que nous n'avons pas voulu faire un exposé normatif, on admet bien que ce n'est pas à nous de le faire. En quelque sorte il est plus facile de faire des travaux descriptifs, on a moins de responsabilité, on s'adresse à des lecteurs compétents qui sont capables de redresser des erreurs. Mais quel a été le but de cette description ? On a vu que nous avons évité soigneusement de parler de style. Nous avons cité pêle-mêle Eça, Camilo et des auteurs tout modernes, nous avons mis sur le même pied la langue académique de la «*Revista da Faculdade de Letras*» et le calão d'«*A Severa*» de M. Júlio Dantas. L'étude stylistique, elle aussi, appartient de droit aux Portugais. Mais il est légitime de penser que l'emploi d'un pessoal qu'il soit admis ou non dans le bon usage a toujours ses raisons et très souvent des raisons psychologiques. On parle actuellement beaucoup de la distinction entre forme marquée et forme non-marquée (ou forme intensive et forme extensive, il paraît que c'est à peu près la même chose). Or on pourrait croire que l'impeessoal est la forme non-marquée : c'est le pessoal qui a quelque chose «en plus», c'est-à-dire les désinences personnelles. Et ceci cadrerait bien avec le précepte de M. Góis qui veut que l'impeessoal soit la règle, le pessoal l'exception. Pourtant on pourrait dire aussi qu'un verbe a l'habitude d'indiquer les personnes. Il faudrait des conditions spéciales pour y renoncer. Ce serait donc plutôt le pessoal qui serait «extensif». Et c'est ce que nous avons cru pouvoir constater par le travail que nous avons fait. Nous ne parlons évidemment pas de la légitimité de tous nos exemples de pessoal. Mais ils sont là. Et nous croyons avoir montré qu'il y a des domaines exclusifs (ou presque) d'infinitif personnel (p. ex. phrase infinitive, aussi les cas de différence de sujet au sens strict) où l'impersonnel ne pénètre jamais (du moins c'est ce que nos matériaux nous donnent à entendre) tandis que le pessoal peut s'introduire, en cambrioleur si on veut, dans le domaine de l'impersonnel. Presque partout. Il existe des domaines exclusifs de l'impersonnel, p. ex. *Ossos duros de roer* (voir p. 210). Mais c'est que le pessoal serait absurde ici. Il y a l'infinitif à sens impératif. Mais il est employé justement pour écarter tout égard pour la personne. Le problème de forme marquée — forme non-marquée est sans doute un peu plus compliqué qu'on ne pense. S'il faut choisir nous dirons plutôt que c'est le pessoal qui est «extensif».

En présentant nos matériaux nous avons souvent fait des essais d'interprétation. Nous avons dit «peut-être qu'il y a ici un glissement vers la catégorie du substantif», «ici le caractère verbal est plus prononcé», etc., mais très souvent nous avons donné les exemples en vrac sans rien dire. Parce que la raison de l'emploi d'une forme était si évidente qu'il ne valait pas la peine d'en parler? Non. C'est plutôt que nous ne savions pas qu'en faire. Mais ne fallait-il pas s'y attendre un peu? C'est très bien de dire que l'impessoal est plutôt de caractère nominal et le pessoal plutôt de caractère verbal, et il y a des cas où cela saute aux yeux. Il y a des constructions aussi où les rapports de personnalité sont si évidents qu'il n'est pas nécessaire d'insister (on le fait pourtant parfois). Mais comment arriver à pénétrer les raisons psychologiques qui ont déterminé *chaque* emploi de l'infinitivo pessoal? Si un pendule est en équilibre instable un rien suffit pour le faire pencher, un rien, c'est-à-dire une chose que nous n'arrivons pas à voir. Si on le pousse, évidemment, la raison est manifeste (et cela correspondrait à nos explications quelque peu massives dans les pages qui précèdent), mais équilibre instable veut dire justement qu'il n'en faut pas tant pour faire quitter cette position. Rappelons encore une fois les paroles de M. Góis «escapa por isso a regras e normas preestabelecidas». On pourrait peut-être ajouter «a explicações».

Du moins nous espérons qu'on nous pardonnera de n'avoir pas su tout expliquer selon des critères fermes et stables. Mais on cherche à faire ce qui est humainement possible.

Copenhague.

H. STEN

Post-scriptum : Pour le problème des origines il faut maintenant attirer l'attention sur l'important travail de M. Th. Henrique Maurer Jr. : *Dois problemas da língua portuguesa (O Infinito Pessoal e o Pronome SE)*, São Paulo 1951. Il est à regretter que M. Maurer, qui a fait la critique la plus approfondie de la thèse mentionnée, ne semble pas avoir eu l'occasion de discuter les arguments apportés par M. Meier. En ce qui concerne notre propre travail (examen de l'emploi des infinitifs) nous avons plaisir à lire les intéressantes remarques qui se trouvent chez M. Maurer, pp. 43-48. Mais nous n'avons malheureusement pas eu le temps de les utiliser dans notre texte. H. S.

Algumas designações da cabeça humana na linguagem popular e no calão

Quer pela sua configuração, quer por conter o comando da vida e dos sentidos, a cabeça é uma noção que estimula a nossa sensibilidade e imaginação, prestando-se às mais variadas designações. Esta riqueza e pluralidade de expressão é um produto, quase exclusivo, da afectividade e fantasia das pessoas que falam.

I. Considera-se a sede do cérebro, da inteligência e das outras qualidades psicológicas que fazem a superioridade dos homens em relação aos irracionais. Assim concebida, não nos surpreende que o povo a possa relacionar com recipientes, na medida em que é o receptáculo onde reside todo o raciocínio humano.

Torna-se, deste modo, a *marmita dos pensamentos* (C. F., Pederneiras, Enc.), a *caixa das ideias*, a *caixa do juízo* (Viotti), a *caixa dos miolos*:

«...que a primeira vez que o tope, seja onde for, que lhe hei-de arrombar com um pau a *caixa dos miolos*» (Trindade Coelho «Os Meus Amores», 335).

Tudo são palavras da vida comum reveladoras do ambiente onde são usadas. São popularismos, como vulgar também é o correlativo *caixa*.

Relacionando-a, ainda, com este conceito, pode variar o determinante. Passa a ser não já a residência do intellecto, mas de outra coisa qualquer que se lhe possa associar por algum motivo. É, zombeteiramente, no calão lisboeta, comparada a uma bebida gasosa ordinária,

a *caixa dos pirolitos* ⁽¹⁾ e, na gíria estudantil de Coimbra, a *Caixa de Minerva* (Gil Moreno), por ser Minerva a deusa mitológica da sabedoria. Este termo, demasiado culto, só é conhecido em determinado sector da sociedade.

2. Com o intuito de aumentar a força expressiva das palavras, costuma-se substituir o nome usual dum objecto por um adjectivo que designe uma sua característica, característica essa, muitas vezes, não essencial. Verifica-se isto, frequentemente, na linguagem corrente.

Este processo de formação não é estranho na nomenclatura desta parte do corpo. A cabeça passa a ser designada por um qualificativo, fenómeno esse observável, quer na gíria dos criminosos, quer no calão. Daí ser, por ironia, a *tonta* (Bessa), a *tóla* (por *tóla*) em que o ó aberto se explicará por influência de *bola*, *mola*. Por motivo idêntico é *doutora* (A. Coelho, 72, Dic.), por ditar leis, e *caturra* (Minde-Frazão, 110) aludindo à sua teimosia. O modo como toma as suas resoluções pode, ainda, fazê-la considerar como *mona* ⁽²⁾ (barrosão-Barreiros, 261, A. A. Lopes, n.º 42, 43), *mocha* (Viotti, A. A. Lopes, n.º 42, 43, Bessa) e *trouxa* (Bessa, Almeida, 43), com muita vitalidade na linguagem dos gatunos.

3. A cabeça assemelha-se, pela sua forma, pela sua estrutura e por outras qualidades, a tanta coisa que a única dificuldade para a pessoa que fala, que tem imaginação, é o embaraço da escolha. É aqui que intervém a fantasia, que entra em jogo numa medida muito maior que o sentimento, e cuja combinação com ele produz o humor da maior parte das palavras em questão.

É redonda como uma *bóia*,

«... pois então tento na *bóia*...» (Alf. Cortês, «O Lodo», 14), como uma *bola* (muito espalhada na linguagem familiar) ⁽³⁾; a própria cabeça calva é denominada *bola de bilhar* ⁽⁴⁾. Ou o seu aspecto

(1) M. L. Wagner in «Volkstum und Kultur der Romanen», vol. X, 31, registou *caixa dos espírrulitos*, por *pirolito*, corrupção de *pilrito*. Creio, porém, que houve, da parte de Wagner, erro de audição; *espírrulitos* deve estar por *dos pirolitos*.

(2) Aulete dá-lhe, também, o significado de *testa*.

(3) Cf. o fr. «boule» — Bauche, 202.

(4) Cf. o fr. «bille» — Bauche, 199.

lembra um *queijo* com uma variedade determinada *queijo flamengo* (A. A. Lopes, n.º 59,27).

4. Ao atentar na sua serventia é, metafóricamente, o *gasómetro das ideias*, provável criação dos estudantes que depois se generalizou no calão (A. A. Lopes, n.º 31,22). No Alentejo regista-se, pitorescamente, *cabouqueira*, por ser ela quem assenta, escava e lança os alícerces do pensamento (Pom. Jr., 222). Por servir de guia ao homem, funciona, naturalmente, de *lanterna* (C. F. — Ilha das Flores). Cândido de Figueiredo indica-nos, também, para o Brasil a sugestiva *sinagoga*, por comparação com um lugar de recolhimento espiritual.

5. O seu funcionamento é, igualmente, causa de reparo. De facto, se a cabeça é a sede da inteligência, é, paralelamente, a da loucura. Pode *regular bem* ou *mal*. E, como todo o aparelho de precisão, pode estar sujeito ao bom ou mau, geralmente mau, funcionamento. As causas do desarranjo da *máquina* são evidentes: está desafiada, destrambelhada, destravada. Não faltam na linguagem familiar referências ao desequilíbrio mental. Há um «desarranjo na mola», está a «rosca moida» ou «falta-lhe um parafuso» (°).

6. Já foi notado por João da Silva Correia em «O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa» o papel desempenhado por estas duas figuras estilísticas na linguagem do corpo humano.

A acção disfemizante da língua faz-se sentir aqui. Deste modo se justifica o emprego de *caveira* (°), de tão larga difusão na linguagem do povo. Mas ela revela-se, sobretudo, nas mais ínfimas camadas sociais. Surgem-nos as imagens grosseiras, os plebeísmos chulos, de carácter injurioso.

A cabeça do marido enganado é a *caixa dos cornos* (Bessa) ou *cornos* (Marco de Canavezes), a *caixa córnea* (Enc.), a *caixa corneana* (deturpação propositada de *craniana*), a *cornadura*:

«... mas o machacaz pôs-se a abanar a *cornadura*...» (Aq. Ribeiro «Estrada de Santiago», 133),

(°) Cp. D. Maçãs «As perturbações mentais em português», in «Boletim de Fil.», T. XI, 23.

(°) Também pode significar a 'cara'.

e, ainda, comparada à *armação* de alguns animais:

«... cuidado que o José Macário não te quebre a *armação*...»
(C. Castelo Branco, «A Corja», 205 ⁽⁷⁾),

mais disfarçada nas terminologias *caixa dos palitos* ou *paliteiro*:

«... o Bisagra, *cabeça de paliteiro*...» (Aq. Rib. «Estrada de Santiago», 215).

7. A cada passo se nos deparam expressões, que são traduzidas por metáforas realistas. Assim é, na gíria dos criminosos, a alusão aos parasitas que costumam infestar a cabeça. *Bichosa* (Bessa), *piolhosa* (Viotti, Bessa, Ary dos Santos, 272, A. A. Lopes, n.º 53, 39) e *piolheira* (Viotti, Bessa, Ary dos Santos, 272) ⁽⁸⁾, estão nesse caso. Por perífrase, igualmente se emprega *monte-piolhoso* (Minho-Gil Moreno), *alto dos piolhos* (D. Maçãs «Os animais na ling.», 215), *torre dos piolhos* (muito espalhada entre as classes baixas).

8. Na linguagem vulgar a tendência depreciativa manifesta-se muito mais atenuadamente. Para designar a cabeça usam-se objectos de medíocre valor ou a que se liga menor importância, mas nunca designações sarcásticas. Pode ser o *caco* ('pedaço de barro, louça ou vidro') de fundas raízes na própria língua latina, a *pitorra* (A. A. Lopes, n.º 53, 39, Bessa, Viotti) e a *xaveca* (Minde-Frazão, 111, Pinheiro, 314, Minho-Loução, 274) (de 'pequeno navio'?).

9. Por outro lado, tratando-se da extremidade superior do corpo, não podiam deixar de ocupar lugar de relevo, na sua nomenclatura, ideias associadas à sua alta posição.

A gíria dos construtores e operários foi fértil em fornecer designações deste género. Temos *capitel* (Luís de Pina, 195; cf. esp. *chapitel* — Besses), *torre* (Paços de Ferreira; Minde-Frazão, 140; alent. — G. Fradinho, 99), *zimbório* (Viotti). Semelhantemente, a imaginação popular comparou-a com a parte superior duma casa: *trapeira*

⁽⁷⁾ Também para 'testa' *marradoiro* (Alent. — G. Fradinho, 99) e *cornadura* (Mouraz-Malheiro do Vale, 306).

⁽⁸⁾ No Chile também *piojera* (Oroz. «Metáforas relativas...», 91).

(Bessa), *sótão* (na frase 'ter macaquinhos no sótão')⁽⁹⁾. O provincianismo *grimpa* continua esta ideia de elevação⁽¹⁰⁾.

Outras vezes, está-lhe implicitamente ligada a noção de revestimento. É a *telha* (em expressões como «sofrer da telha», «ter a telha toda» ou «corrida»), o *tecto*, nas formações dialectais *tételo* (Minho-Boaventura, 137) e *tétulo* (Vila do Conde-Teresa Neto, 171, Paços de Ferreira), o *tampo* (Porto Santo-M.^a de Lourdes Monteiro, 147), com mais frequência no plural *tampos*.

10. Esta ideia de algo que cobre está tão arreigada na linguagem que, por evolução semântica, objectos que cobrem a cabeça passam a ser confundidos com a própria cabeça. Assim *cartola*, muito usado hoje em Paços de Ferreira, *capacete*:

«... A rapariga já conhece quando a pinga me sobe ao *capacete* (C. Castelo Branco «O amor de perdição», 126),

e ainda na frase «ter pímulas (sic) no capacete», *monteira* (calão dos contrabandistas de Albergaria-a-Velha — A. Coelho, 88) que no século XVIII significava 'carapuça de pano'. Francisco Manuel de Melo na «Feira dos Anexins», nas metáforas relativas aos chapéus, diz (pg. 118):

«... Também para Turquia se vai de barrete vermelho... Indo de monte a monte... a *monteira* não lhe havia d'estar mal...»

A acrescentar *mitra* circunscrito à gíria das prisões (A. A. Lopes, n.º 42, 23, Bessa). Nesta ordem de ideias regista Bluteau *morrião* (antigo capacete com viseira), já completamente esquecido.

11. Algumas vezes, atribui-se-lhe um significado inverso do que acima apontámos. Por um processo correntemente aplicado na linguagem familiar e popular, identifica-se a cabeça com o seu conteúdo.

(9) Cf. chil. «tiene pajaritos en la azotea», fr. «avoir une araignée au plafond»; ingl. «upper storey», al. «Oberstübchen», citados por Oroz, in «Metáforas...» a págs. 90.

(10) Cf. «abaixar a grimpa» — obrigar alguém a submeter-se e, daí, a atitude humilde de abaixar a cabeça (linguagem comum).

Passa a ser representada não como cobertura, mas como parte interior. Temos, pois, o *miolo* :

«... não nos transtorne o *miolo*...» (José Rosado e Raul Costa — «Salvé Primavera» Sempre Fixe 22-III-1951),

ou a forma pluralidade *miolos* :

«... a história do Raul tinha-lhe encandescido os *miolos*...»
(«Novos Contos da Montanha», Miguel Torga, 90).

Sentido idêntico tem *cérebro* ou mais especialmente *cerebelo* onde se ressalta um certo eruditismo propositado :

«... a fobia das horas atormentava-me o *cerebelo*...» (Santos Fernando «O relógio... esse desconhecido», S. Fixe, 22-III-1951).

Contudo, nas camadas cultas, o continente pode sobrepor-se ao conteúdo. É de notar, como exemplo, o emprego de *crânio*, na frase «ter crânio» (gíria dos estudantes de Coimbra — F. de Castro, 137).

12. O povo português — e quase todos os povos em geral — tem um gosto muito pronunciado pelas imagens tiradas das flores, árvores, plantas e animais.

Na realidade, variadíssimos termos, recebidos do reino vegetal, ficam associados à cabeça. Está nesse caso a conhecida metáfora cascos, de casca, invólucro exterior dos vegetais :

«... não se lhe tirava dos cascos, o quer-que-era de negro...»
(Vit. Nemésio «O Mistério...», 177) ⁽¹¹⁾.

Menos divulgado *mouteira* (Barcelos-G. Pereira, 261) de 'mouta' alteração de 'moita', por a cabeça, com os cabelos, se assemelhar a um matagal; *torga* 'raiz', de pouca vivificação em Lisboa, é conhecida em Coimbra, Douro, e tem largo emprego.

Outros vocábulos que designam frutos da terra, passaram à linguagem familiar e comum. Toda a gente conhece a *pinha* ou o *melão*

⁽¹¹⁾ Chil. *cuesco*.

'cabeça rapada ou sem cabelo' ⁽¹²⁾, para aludir aos mais usuais. Mas outros há.

Conforme o feitio e grandeza, varia a comparação. Se é oblonga lembra um *pepino* ⁽¹³⁾, se é pequena, uma *noz* (X. da Silva, 166, A. A. Lopes, n.º 44, 27, Ary dos Santos, 268, A. Coelho, 76, S. Correia «O eufemismo...», 658):

«... *cabeça de noz*...» (Aq. Ribeiro «Quando ao gavião...», 256), sendo de grandes proporções, uma *abóbora*:

«... a cabeça pendia-lhe como *abóbora carneira*...» (Aq. Rib., id., 179).

Geralmente, as noções de inteligência e volume correspondem-se. As cabeças inteligentes, por causa do seu tamanho, oferecem analogia com a *melancia*:

«... aquelas *melancias* que eram taludas como cabeças de doutor...» (Aq. Rib. «Jardim das Tormentas», 263).

Encontramos essa mesma fecundidade de imaginar baseada num grande poder de observação, em que a escolha dos termos se torna, quando não mais justa, pelo menos de mais aguda e penetrante crítica. *Coco* e *cabaça* ⁽¹⁴⁾ são apelativos de algo que está em grande parte vazio ⁽¹⁵⁾, donde a frequente comparação alentejana «ter tantos miolos como uma cabaça» (Tomás Pires, 47).

13. Ainda no campo semântico dos frutos, a fértil imaginação popular encontra pontos de confronto. Não já naquilo que está em grande parte vazio, mas no que não presta: *cabeça de pepino choco*,

⁽¹²⁾ Já os latinos comparavam a cabeça calva com um fruto: o da caba-ceira. Veja-se, por ex., esta passagem do livro V de 'Asinus Aureus' de Apuleio: «maritum sortita sum cucurbita calviorem» (J. Silveira «Reflexões etimológicas», 229). Os italianos, em sentido familiar, aplicam as denominações de *zucca* e *cucuzza*, que, propriamente, significam 'cabaça'. Os portugueses, mais realistas, atendem, antes, à ausência de substância deste fruto. Cp. chil. *melón*.

⁽¹³⁾ Chil. *pepino*.

⁽¹⁴⁾ Fr. *calebasse*, chil. *calabaza* e rom. *bostan*.

⁽¹⁵⁾ E, implicitamente, cheio de líquido: «cabeça em água» (cp. chil. «los sesos hechos agua» — A. Ortiz, 138).

avelã chocha (Bessa, F. Lebre, 31, fr. «noisette»), *cabeça de alho chocho*:

«... *cabeça* em estado transitório de *alho chocho*» — (Aq. Ribeiro, «Maria Benigna», 229).

O facto de considerar familiarmente a cabeça sem tino, cheia de ar, explicar-se-á por semântica constitucional (consciência da sua vacuidade):

«... e as barcas eram para ti, se escolhesses outro homem e não tivesse abalado como *cabeça de vento*...» (Alves Redol «Avieiros», 108).

Assim como se costuma humanizar os animais, patenteia-se, não raro, a nossa tendência para animalizar os homens. Um atentar nas designações recrutadas entre as dos animais mostra-nos que são muito abundantes os termos tomados da anatomia animal. Da mesma maneira que dos bois se preferem os cornos, numa associação manifestamente depreciativa, do galo escolhe-se a *crista* (D. Maças, «Os an. na ling.», 215).

Para exprimir os conceitos de estupidez, leviandade e outros emprega-se a forma *cabeça de* + contendo o determinativo a comparação animalista: *cabeça de passarinho*, *de pisco* «gram *cabecinha de pisco*» (Gil Vicente, V, 28), *de alvéola* (pop. *arvéola*).

«... a minha neta, Luísa, ... *cabeça de alvéola*» — (Aq. Rib. «Estrada de Santiago», 189),

cabeça de andorinha (C. F.), *cabeça de cobra* (Minho — O. de Pratt, 221, Gil Moreno). Por seu lado, a estupidez anda aliada a alguns peixes: *cabeça de atum* ⁽¹⁶⁾ (D. Maças «Os an. na ling.», 165, Gil Moreno), *cabeça de boga*:

«... mas lá dizer que é uma águia, quando não passa dum *cabeça de boga*...» (V. Nemésio «O mistério...», 242),

(16) Como a estupidez se eufemiza, muitas vezes, em distracção, esquecimento, «*cabeça de atum*» pode também designar a pessoa esquecida.

Cabeça de abrótea:

«... dá tu a oitava alta, *cabeça de abrótea*...» — (id., id., 257).

Ou preferem-se as cabeças duras de alguns mamíferos: *cabeça de touro*, *cabeça de cão*, *cabeça de buldogue*. E a acrescentar a esta lista *cabeça de burro*:

«... *cabeça enorme de burranca*...» — (Aq. Rib. «Terras do Demo», 230), *cabeça de jumento*:

«... ao vê-lo... com *cateçorra de jumento*...» — (Aq. Rib. «Quando ao Gavião...», 188).

É, ainda, vulgar a atribuição de *cabeça de galinha* à cabeça oca, sem inteligência. *Cabeça de porco* aplica-se, somente, à que apresenta grandes proporções e gordo cachaço.

14. Alguns termos, todavia, ficarão por explicar. Criam-se, às vezes, palavras cujo sentido primitivo, uma vez perdido, passam a não ter significado algum. São, na sua maior parte, regionalismos.

Chaboca (Minho-Baventura, vol. II, 130), *chamouca* (id., id., 131), será relacionado com *xaveca*? Para *caroca* (barrosão-Barreiros, Minho-Boaventura, vol. I, 118, Landolt-Póvoa de Varzim, 214) os Dic. não registam a significação de 'cabeça', mas sim, 'mentirola' e 'patranha'; pode ser derivado de *cara*. Não encontro explicação para *catrunha* ou *quetrunha* (transm.-Moreno, 102). A *galhete* (Nisa — M.^a Ed. Carreiro, 222), C. F. e Enc. atribuem o significado de 'pescoço'.

Além destas, *meimorra* (Madeira-Ant. Pestana, 505), *tróia* (Atalaia-Monteiro do Amaral, 163), *carruía* (Vilar-Vila do Conde).

Que dizer de *toita*?:

«... mas os espírios... entraram na *toita* de João...» (Vit. Nemésio «O Paço do Milhafre», 315).

A explicação de Cornu. que G. Viana apoia nas Apostilas, parece-me demasiado complicada: «Do latim *capita*, plural de *caput*, 'cabeça', através da forma *capta* onde o *p* se vocalizou dando o ditongo *au*, que sofreu a evolução normal e com alteração da gutural à moda infantil».

Em *moca* (Marco de Canavezes) e *panca* (Bessa, Viotti) tratar-se-á de derivações regressivas de *mocada* e *pancada*?

Cachola, muito vulgarizado no calão, segundo Gonçalves Viana («Apostilas») parece ter relação com o castelhano *cholla*, de étimo desconhecido, termo chulo que significa cabeça de pessoa. Diz ainda não ser fácil explicar a primeira sílaba da palavra portuguesa. Não será o resultado da contaminação com formas como «cachimónia», «caco» e até com a própria cabeça ou simples derivação de *cacho*?

15. A linguagem recorre a vários processos morfológicos para a formação de algumas das suas designações. As *transformações por cruzamento* são muito frequentes na gíria dos criminosos:

michosa — *miolos* com *bichosa* (Viotti, A. A. Lopes, n.º 41, 22, Ary dos Santos, 266);

mideia — *miolos* com *ideia* (A. A. Lopes, id., A. Coelho, 75, Enc., C. F.).

16. *Sufixação*: o povo é muito produtivo neste campo; ora se cinge às leis por que se rege a língua culta, ora, por processos pitorescos, contraria essas leis para provocar vários efeitos, depreciativos, afectivos, etc.

A palavra corrente *cabeça* ganha em afectividade pelo emprego de *sufixos aumentativos*:

-ão: *cabeção*; 'grande cabeça';

-ona: *cabeçona* (Voc. Alent. — Pomb. Jr., 95).

-orra: *cabeçorra*:

«... também a *cabeçorra* maciça de Monge»... (Aq. Rib., «Cinco Réis de gente», 173);

-uda; -udo: *cabeçuda*, *cabeçudo* 'grandes cabeças'.

-urra: *cabeçurra* (Nisa — M.^a Ed. Carreiro, 158), *cabiçurra* (Mad.-Ant. Pestana, 294).

17. Têm valor diminutivo, atenuativo ou de carinho:

-eta: *maquineta*, (A. A. Lopes, n.º 39, 24, Bessa); *cascoeta*, de casco, (Minho-Boaventura, vol. I, 123);

(17) Tavares da Silva (Anais do I. S. A., 523) regista-a com o significado de 'cara' em Trás-os-Montes.

-*ela*: *mochela* ⁽¹⁷⁾ (gíria dos criminosos) (X. da Silva, 165, A. A. Lopes, n.º 42, 23, Ary dos Santos, 265) ou a variante *mechela* (X. da Silva, 164, Ary dos Santos, 265).

-*ição*: *toutiço* (de *toita*).

«... e ferra com a apanhadeira no *toitiço* do Cabo Conceição...» (Vit. Nemésio, «O Mistério...», 136).

-*inha*: *cabecinha*, *pitorrinha*, de *pitorra* (C. F.), *moleirinha*;

-*ita*: *cabecita*.

-*ução*: *tutuço* (Alportel-Est. Louro, 265).

18. A ideia de receptáculo, colectivo ou depreciativa, surge em:

-*eira*: *mioleira* (vulgar):

«... derrancava-te o sangue... punha-te a *mioleira* em água...» (Aq. Rib. «A batalha sem fim», 93);

moleira (porque é mole?), mais propriamente o 'alto da cabeça'; *piolheira* (crim. Viotti, Bessa, Ary dos Santos, 272); *mouteira* (Barcelos-G. Pereira, 261), de *mouta*, *moita*, por a cabeça, com os cabelos, se assemelhar a um matagal (?).

-*osa*: *piolhosa* (crim.-A. A. Lopes, n.º 53, 39, Bessa, Viotti, Ary dos Santos, 272);

-(d)*ura*: *cornadura* (Bessa, Marco de Canavezes, Beira-Lopes Dias, 274).

19. Outros vocábulos são formados por elementos com aspecto de sufixos. Chamamos *falsa sufixação*. Têm apenas por fim o disfarce da palavra:

-*enho*: *cacanho*, de *caco* (gíria estudantil-D. Maças, 107);

-(*im*)*ónia*: *cachimónia*, de *cacho* (?);

-*unto*: *bestunto*, de *besta*:

«... a fobia das horas... arruinava-me o *bestunto*...» (Santos Fernando «O relógio esse desconhecido» — Sempre Fixe, 2-III-1951).

Existem também prefixos aparentes — *falsa prefixação*. A partir de *toita* forjou-se *metoita* (transm. — Moreno, 97, Minho-C. F.), *moitoita* (S. Cipriano-Rêsende) e *bitoita* (Vila Real — G. Pereira, vol. XII, 321).

Bibliografia

I

DICIONÁRIOS — ENCICLOPÉDIAS

- Besses, Luís, *Diccionario del Argot Español. Lenguaje jergal, delincuente profesional y popular*, Barcelona, s. d.
- Caldas Aulete, F. G., *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 2.^a ed., actualizada, Lisboa (Parceria A. M. Pereira) 1921.
- Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols., 6.^a ed., Lisboa (Livraria Bertrand) s. d.
- Gonçalves Vianna, Aniceto dos Reis, *Apostillas aos Dicionários Portugueses*, 2 vols. Lisboa, 1905 (Exemplar anotado pelo autor, existente na Biblioteca do Centro de Estudos Filológicos).
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (em publicação).
- Spitzer, P.^o Carlos, *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1936.
- Viotti, Manuel, *Dicionário da Gíria Brasileira*. S. Paulo (Editora Universitária, Ld.^a) 1945.
- Vocabulário de Bluteau, Coimbra, 1712.
- Suplemento ao Vocabulário de Bluteau, 1721/1727

II

OUTRAS OBRAS

- Almeida, Francisco Pinto de, *Alguns temas filológicos* (capítulo III), Coimbra, 1914.
- Amaral, Carlos A. Monteiro do *Tradições populares e linguagem de Atalaia* in «Revista Lusitana», vol. XI. Lisboa, 1908, pgs. 96/163.
- Barreiros, Fernando Braga, *Vocabulário barrosão*. In «Revista Lusitana», vol. XX, 1917, pgs. 137/161 e vol. XXXV, 1937, pgs. 239/303.
- Bauche, Henri, *Le langage populaire*. Paris (Payot) 1929.
- Bessa, Alberto, *A gíria portuguesa*. Lisboa (Livraria Central Editora) 1919.
- Boaventura, M., *Vocabulário Minhoto*, Espozende, vol. I, 1916, vol. II, 1922.
- Carreiro, M.^a Eduarda V., *Monografia Linguística de Nisa*. Dissertação para Lic., em Fil. Românica. Lisboa, 1948.
- Castro, Amílcar Ferreira de, *A gíria dos estudantes de Coimbra* («Suplemento da Biblos», n.^o VII). Coimbra, 1947.
- Coelho, Francisco Adolfo, *Os ciganos em Portugal*, Lisboa (Imprensa Nacional) 1829.

- Correia, João da Silva, *O eufemismo e o disfemismo na língua e literatura portuguesa*. In «Arquivo da Universidade de Lisboa», vol. XIII, 1926, pgs. 445/787.
- Dias, Jaime Lopes, *Etnografia da Beira*, vol. VI, pgs. 264/275. Lisboa (Empresa Nacional de Publicidade), 1942.
- Fradinho, Manuel Gomes, *Maneiras de dizer alentejanas*. In «Revista Lusitana», vol. XXX, Lisboa, 1932, pgs. 299/304 e vol. XXXI, Lisboa, 1933, pgs. 99/137.
- Frazão, J. Santos Serra, *Calão mindórico*. In «Revista Lusitana», vol. XXXVII, Lisboa, 1939, pgs. 101/148.
- Landolt, Cândido, *O folk-Lore Varzino. Costumes e tradições do século XIX*. Póvoa de Varzim, 1915.
- Lebre, José da Fonseca, *Locuções e modos de dizer usados na Província da Beira Alta*. Separata do Boletim da Classe de Letras da Academia de Ciências de Lisboa. Lisboa, 1924.
- Lopes, Alfredo Augusto, *Termos de calão e gíria popular*. In «Policia Portuguesa», Lisboa, 1938...
- Loução, Ab.º João L. Lourenço, *Lexicografia das margens do Minho (a gíria dos dos pedreiros)*. In «Revista Lusitana», vol. XXIX, Lisboa, 1931, pgs. 246-276.
- Louro, M. F. do Estanco, *O livro de Alportel*. Lisboa, 1929, vol. II.
- Maças, Delmira, *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa, 1950.
- A formação da gíria estudantil*. Separata do n.º 83 da Revista de Portugal. Lisboa, s. d.
- Monteiro, M.ª de Lourdes de Oliveira, *Porto Santo. Monografia linguística, etnográfica e folclórica*. In «Revista Portuguesa de Filologia», vols. I a III. Coimbra, 1947/1949.
- Moreno, Gil, *A linguagem popular inédita*. In «A Época», 1908/1909.
- Neto, M.ª Teresa de M. Lino, *A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde*. In «Revista Portuguesa de Filologia», Coimbra, 1947/49, vols. I a III.
- Ortiz, R., *Algunas denominaciones de la «cabeza» en Hispano-América*. In «Anales de la Facultad de Filosofía y Educación», Universidad de Chile, 1936, pgs. 240/242.
- Metáforas relativas a las partes del cuerpo humano en la lengua popular chilena*. In «Boletín del Instituto Caro y Cuervo». Columbia, 1949, tomo V, pgs. 138/156.
- Ortiz, Ambrosio Rabanales, *Uso tropológico, en el lenguaje chileno, de nombres del reino vegetal*. In «Boletín de Filología de Santiago de Chile», vol. V, Chile, 1950, pgs. 137/265.
- Pederneiras, Raul, *Geringonça Carioca*. Rio de Janeiro, 1922.
- Pereira, A. Gomes, *Linguagem popular de Barcellos*. Lisboa, 1900.
- Tradições populares e linguagem de Villa Real*. In «Revista Lusitana», vol. XI, Lisboa, 1908, pgs. 287/310 e vol. XII, Lisboa, 1909, pgs. 82/87.
- Pestana, Eduardo Antonino, *A linguagem popular da Madeira*. In «A Língua Portuguesa», vol. V, 1938.
- Pina, Luís de, *A cultura anatómica em Portugal*. In «O Instituto», 1946, pgs. 101/246.

- Pinheiro, J. António da Costa, *Alguns vocábulos populares provenientes dos antigos cardadores de Minde (Torres Novas)*. In «A Língua Portuguesa», vol. V, 1938, pgs. 314/315.
- Pires, António Tomás, *Setecentas comparações populares alentejanas recolhidas da tradição oral*. Espozende, 1892.
- Pombinho Jr., J. A., *Vocabulário Alentejano. Susídios para o léxico português*. In «Revista Lusitana», vol. XXXIII. Lisboa, 1935, pgs. 94/176, vol. XXXIV. Lisboa, 1936, pgs. 266/290, vol. XXXV. Lisboa, 1937, pgs. 155/160, vol. XXXVI. Lisboa, 1938, pgs. 197/217, vol. XXXVII, pgs. 153/270.
- Pratt, Oscar, *Notas à margem do «Novo Dicionário da Língua Portuguesa»*. In «Revista Lusitana», vol. XVI. Lisboa, 1913, pgs. 208/279.
- Santos, Ary dos, *Como nascem, como vivem, e como morrem os criminosos*. Lisboa (Livraria Clássica Editora) 1938.
- Silva, D. A. Tavares da, *Esboço dum vocabulário agrícola regional*. In «Anais de I. S. A.», vol. XII, fasc. 2.º. Lisboa, 1941.
- Silva, Rodolfo Xavier da, *Crimes e prisões*. Lisboa (Officinas gráficas da Cadeia Nacional) 1925.
- Silveira, Joaquim da, *Reflexões etimológicas*. In «Revista de Portugal», série A: «Língua Portuguesa», vol. V. Lisboa, 1944, pgs. 226/231.
- Vale, José M. Malheiro do, *A linguagem de Mouraz: Monografia dum falar da Beira Alta*. In «Biblos», vol. X. Coimbra, 1934, pgs. 297/330.
- Wagner, Max Leopold, *Portugiesische Umgangssprache und Calão besonders im heutigen Lissabon*. In «Volkstum und Kultur der Romanen». Hamburgo, tomo X, 1937, pgs. 3/47.

III

TEXTOS

- Castelo Branco, Camilo, *Amor de Perdição*. Porto, Domingos Barreiro, Editor, 1941.
- A Corja. Lisboa, Liv. Lello e Irmão, s. d.
- Coelho, Trindade, *Os meus amores*, 9.ª ed. Lisboa (Portugália Editora) s. d.
- Cortês, Alfredo, *O Lodo*, peça em três actos. Lisboa, 1923.
- Melo, Francisco Manuel de, *A feira dos Anexins*. Obra póstuma. Ed. dirigida e revista por Inocêncio Francisco da Silva, 2.ª ed. Lisboa, 1875.
- Nemésio, Vitorino, *O Paço do Milhafre*, contos. Coimbra, 1924.
- O Mistério do Paço do Milhafre* (Livraria Bertrand) s. d.
- Redol, Alves, *Avieiros*. Romance, s. d.
- Ribeiro, Aquilino, *Jardim das Tormentas*, s. d.
- Terras do Demo*, 4.ª ed., s. d.
- Estrada de Santiago*, 5.ª ed., s. d.
- Maria Benigna*, s. d.
- Quando ao gavião cai a pena*, s. d.
- (todos publicados em Lisboa pela Livraria Bertrand).
- Vicente, Gil, *Obras completas* com prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Lisboa (Sá da Costa), 1944.
- Torga, Miguel, *Novos Contos da montanha*. Coimbra, 1945, 2.ª ed.

ÍNDICE ALFABETICO

Abóbora	263	Caco	260, 267
Alto dos piolhos	260	Caixa córnea	259
Armação	260	» corneana	259
Bestunto	267	» dos cornos	259
Bichosa	260	» das ideias	257
Bitoita	267	» do juízo	257
Bóia	258	» de Minerva	257
Bola, bola de bilhar	258	» dos palitos	260
Cabeça	263	» dos pirolitos	257
Cabeça de abrótea	265	Capacete	261
» » alho (chocho)	264	Capitel	260
» » alvéola (arvéola) ...	264	Caroca	265
» » andorinha	264	Cartola	261
» » atum	264	Carrula	265
» » avelã	264	Cascoeta	266
» » boga	264	Cascos	262
» » buldogue	265	Catrunha	265
» » burro (burranca) ...	265	Caturra	258
» » cão	265	Caveira	259
» » cobra	264	Cérebro	262
» » galinha	265	Cerebelo	262
» » jumento	265	Chaboca	265
» » melancia	263	Chamouca	265
» » paliteiro	260	Coco	263
» » passarinho	264	Cornadura	259
» » pisco	264	Cornos	259
» » porco	265	Crânio	262
» » touro	265	Crista	264
» » vento	264	Doutora	258
Cabeção	266	Galhete	265
Cabecinha	267	Gasómetro das ideias	259
Cabecita	267	Grimpa	261
Cabeçona	266	Lanterna	259
Cabeçorra	266	Máquina	259
Cabeçudo (a)	266	Maquineta	266
Cabeçurra	266	Marmita dos pensamentos	257
Cabiçurra	266	Mechela	267
Cabouqueira	259	Meimorra	265
Cacanho	267	Melão	262
Cachimónia	267	Metuita	267
Cachola	266	Michosa	266

Mideia	266	Queijo (flamengo)	259
Miolo(s)	262	Quetrunha	265
Mioleira	267	Sinagoga	259
Mitra	261	Sótão	261
Moca	265	Tampo(s)	261
Mocha	258	Telha	261
Mochela	266	Tételo	261
Moleira	267	Tétulo	261
Moleirinha	267	Tola	258
Mona	258	Tonta	253
Monteira	261	Torga	262
Monte-piolhoso	260	Torre	260
Motóla	267	Torre dos piolhos	260
Mouteira	262, 267	Touta (toita)	255
Noz	263	Toutiço	267
Pepino	263	Trapeira	260
Pinha	252	Tréia	265
Piolheira	260, 267	Trouxa	258
Piolhosa	260, 267	Tutuço	267
Piterra	260	Xaveca	260
Pleorrinha	267	Zimbório	260

AIDA SÁ V. D'ALVARENGA

FONEMÁTICA PORTUGUESA

I — CONSONANTISMO

PRELIMINARES

1) *A noção de fonemática.* No presente estudo queremos chamar a atenção para um campo de investigação ainda não cultivado até agora em Portugal. A fonemática é, como a fonética, uma ciência que se ocupa dos sons *da linguagem*; a diferença entre as duas está no ponto de vista do investigador. Os sons da linguagem podem considerar-se, exclusivamente, como fenómenos acústicos, não interessando então o facto de eles serem a expressão do pensamento humano. Para as ciências naturais, os sons da linguagem não são mais do que ondas sonoras, movimentos de partículas do ar (o «genus proximum»), com a diferença específica de serem produzidos pelos órgãos articulatórios. Este é o ponto de vista da *fonética*, a qual de resto se divide em dois ramos diferentes, conforme se ocupa dos sons como entidades, como produtos já existentes (fonética acústica) ou como actos de produção (fonética organo-genética). É fácil chegar à conclusão que a fonética faz parte, ao mesmo tempo, da física (acústica geral) e da biologia (fisiologia).

No entanto, os sons da linguagem não se limitam a ser meramente objectos das ciências naturais: são, igualmente, portadores de qualquer coisa *imaterial*; por outras palavras, têm uma *função*

X *linguística*. Em virtude desta sua função, que não se pode definir duma maneira geral mas só dentro do quadro dum determinado idioma, os sons da linguagem são objecto não só da acústica e da fisiologia, mas também das chamadas *ciências funcionais* (alem. Funktionswissenschaften) ⁽¹⁾, especificadamente, da linguística. Considerados assim do ponto de vista da sua função, os sons da linguagem têm o nome de *fonemas*; a ciência que deles trata é a *fonemática* ⁽²⁾.

2) *A noção de sistema*. Uma determinada língua, falada em determinada época e em determinada região, não é um conglomerado amorfo de vários elementos heterogêneos, reunidos por um acaso histórico, mas sim um sistema mais ou menos coerente em que os elementos constitutivos estão correlacionados e dependem uns dos outros. Além disso, há uma diferença fundamental entre a língua como *facto social*, *super-individual*, e uma frase qualquer dita ou escrita por determinado indivíduo, num determinado lugar e num determinado momento. É a famosa distinção de F. de Saussure entre «*langue*» e «*parole*» ⁽³⁾. Trata-se de dois modos de existência essencialmente diferentes. Não posso dizer uma frase e ser entendido sem que haja, pressuposta 'a priori', uma norma geral, isto é um sistema de convenções que correlacione determinadas sequências sonoras com determinados significados. Este sistema de convenções, a saber, a língua, é a base e a 'conditio sine qua non' dos actos individuais de falar; estes têm existência *real*, isto é, podem ser percebidos, medidos, etc., ao passo que aquele (o sistema, a língua) tem existência *virtual* e não é acessível aos sentidos directamente, mas só pelas suas actualizações, que são os actos de falar. Esta nítida distinção entre existência virtual e actualização (ou manifestação, realização) é fundamental para se compreender a nossa concepção dos factos linguísticos.

3) *O objecto da fonemática*. Os dois planos, o da língua (plano

⁽¹⁾ Cf. H. Paul, «Prinzipien der Sprachgeschichte» (4. ed. Halle 1909), Einleitung, onde se discute largamente a posição da linguagem dentro do quadro das ciências.

⁽²⁾ A fonemática é reconhecida como ciência «sui generis» desde o ano 1928 (Congresso de Gand). A obra fundamental são os «Principes de phonologie» (Grundzüge der Phonologie) do príncipe russo N. S. Trubetskoi, traduzidos por A. Cantineau, Paris 1949.

⁽³⁾ Cf. «Cours de linguistique générale» (2. ed. Paris 1922), pg. 23 sgg., esp. pg. 30.

virtual) e o da fala, «parole» (plano real), referem-se a todos os factos da linguagem e não têm nada que ver com a repartição em domínios significativo e fónico. A ciência que abrange todo o plano da língua e atende à diferença fundamental entre língua e fala, chama-se *linguística estrutural*. As suas subdivisões são: fonemática e semiologia ⁽¹⁾, — dividindo-se esta última ainda em gramática e lexicologia ⁽²⁾. O plano da fala não é objecto da linguística propriamente dita; as ciências que se ocupam das manifestações individuais (actos de falar) são a fonética, no que respeita ao domínio fónico, e a psicologia linguística, que abrange o domínio significativo. Todas estas repartições estão resumidas no seguinte esquema:

planos de Linguagem

		L Í N G U A Linguística estrutural	F A L A
domínios da Linguagem	D. FÓNICO	fonemática	fonética
	D. SIGNIFICATIVO	semiologia < GRAMÁTICA gramática LÉXICO lexicologia	psicologia linguística

4) *A noção de sincronia*. Quase todos os linguistas do século passado e ainda dos primeiros decénios deste século julgavam que a

(1) Cf. K. Bühler, «Sprachtheorie» (Jena 1934), pg. 33 e sgg. (Traduzido para espanhol por J. Marías: «Teoría del lenguaje» (Madrid 1950). Cf. esp. L. Hjelmslev, «Principes de grammaire générale» (Copenhague 1928), pg. 94-99 (pg. 94: «la grammaire est, en effet, une discipline une, la théorie de la forme tout court. Elle est entièrement différente de la théorie des sons»). — É necessário ainda distinguir entre a *semiologia geral* que se ocupa de todos os sistemas de sinais (p. ex. de números, moedas, código Morse, etc.) e a *semiologia linguística*.

(2) Cf. Bühler, op. cit., pg. 72 sgg. (Trad. de Marías, pg. 88 sgg.); H. Lüdtke, «A função do verbo...» Bol. Fil. XII (1951), pg. 182.

única maneira de fazer uma descrição científica duma língua consistia em analisar o seu desenvolvimento histórico: linguística significava sempre linguística *diacrónica*. O ponto de vista *sincrónico*, que era o ponto de vista da gramática escolar e normativa, considerava-se de categoria inferior e *não científico*. Foi igualmente o linguista suíço F. de Saussure quem rompeu esta tradição neogramática, declarando e defendendo a independência e o valor da linguística *sincrónica*. No parecer dele, uma língua dada representa, em cada momento, um sistema coerente e de estrutura bem definida, e existe como tal na opinião das pessoas que a falam, as quais não têm a mínima consciência de que a língua evolui. Visto a língua sempre *funcionar* exactamente como se fosse estável, é lícito considerá-la nesta qualidade, abstraindo-se então do facto de os vários elementos de que ela se compõe, variarem incessantemente, pois estas variações só se notam num lapso de tempo muito prolongado.

5) *Objectivo*. No presente estudo tencionamos descrever o domínio fónico da língua portuguesa moderna, no seu funcionamento e no seu aspecto *sincrónico*. Para base das nossas exposições tomamos, ao lado da grande obra de Trubetskoi já citada, os trabalhos de Jakobson, De Groot, Martinet, Malmberg e muitos outros estruturalistas, publicados principalmente nas revistas «Travaux du Cercle linguistique de Prague», «Acta linguistica» (Copenhague), «Studia linguistica» (Lund), «Lingua» (Haarlem), «Zeitschrift für Phonetik» (Berlim), «Language» (Baltimore), «Word» (Nova Iorque) (⁶).

(⁶) Existe uma breve introdução à fonemática geral no livro de E. Alarcos Llorach «Fonología española» (Madrid 1949); sobre a fonemática portuguesa há poucas publicações: alguns problemas são tratados por H. Sten em «Les particularités de la langue portugaise» (Copenhague 1948), outros por R. Hall Jr. na revista americana «Studies in Linguistics» I,4 e II,1 (1942-3) que não podemos consultar. Encontra-se uma descrição fonemática baseada sobre a pronúncia do Rio de Janeiro, cujo autor é J. Mattoso Câmara Jr., no Bol. Fil. (Rio de J.) 9; como a pronúncia portuguesa e a brasileira diferem bastante, dão lugar a muito diversas interpretações funcionais; cf. a nossa recensão em Bol. Fil. (Lisboa) XII (1951), pg. 353-5. Faz-se uma breve exposição da fonemática portuguesa, ao lado das de outras línguas românicas, no nosso trabalho «Der lateinisch — romanische Vokalismus in struktureller Schau» (Tese de Bonn 1952). Tanto ali como no presente estudo tomamos como base a pronúncia culta do centro de Portugal.

O CONSONANTISMO

O sistema consonântico do português consiste em 19 fonemas:

b d f g k l l̃ m n ñ p r r̃ s s̃ t v z z̃,

que se podem agrupar segundo diversos critérios, quer fónicos, quer puramente funcionais.

Os dois princípios de classificação fónica mais amplos e que se aplicam a todos os fonemas consonânticos são a maneira de vencer o obstáculo articulatório (alem. *Hindernisüberwindungsart*; frç. *mode de franchissement de l'obstacle*) ou, em termos acústicos, o grau de perceptibilidade, $\uparrow$ e por outro lado, a localização articulatória ou seja o timbre (alem. *Eigenton*) da consoante. Essas duas coordenadas determinam, por assim dizer, o lugar que um fonema consonântico ocupa dentro do sistema.

Segundo o primeiro critério, há as seguintes divisões na língua portuguesa: a) fonemas consonadores (*Geräuschlautphoneme*, *consonnes bruyantes*): b d f g k p s s̃ t v z z̃.

b) fonemas sonantes (*Sonorlautphoneme*): l l̃ m n ñ r r̃.

A diferença entre estes grupos está na presença ou ausência duma espécie de ruído que provém da explosão ou da fricção, respectivamente, e que não se produz na articulação dos sons líquidos e nasais.

O segundo princípio de classificação baseia-se nas séries fundamentais de localização (*Grundreihen*, *séries fondamentales*), estabelecidas por Trubetskoi⁽⁷⁾, e na teoria de Jakobson⁽⁸⁾, que sustenta a possibilidade de agrupar os fonemas consonânticos segundo as duas oposições de *marcas* (*Merkmale*, *marques*):

GRAVE — AGUDO

(escuro — claro)

sombre clair

e

ANTERIOR — POSTERIOR

(acromático — cromático)⁽⁹⁾.

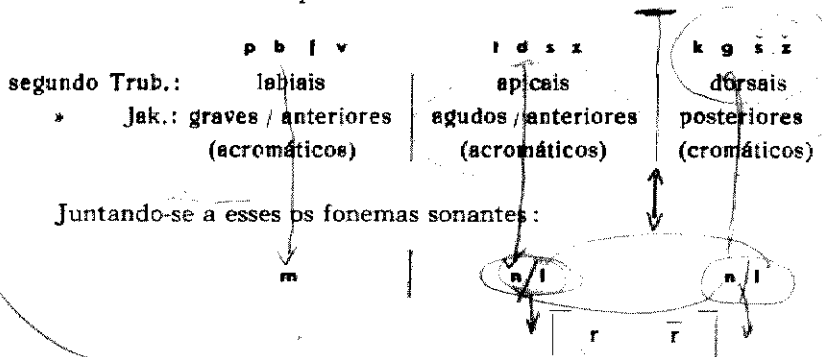
Aplicadas aos fonemas do português, as duas classificações (a de

(7) Op. cit., pg. 135 sgg.

(8) Cf. «*Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze*», Uppsala Universitets Arsskrift 1942/9: Sprakvetenskapliga Sällskapets Förhandlingar 1940-2, pg. 1-83, esp. pg. 59 sgg.

(9) Cf. Jakobson, em Trubetskoi-Cantineau, op. cit., Appendice V, pg. 375.

Trubetskoi e a de Jakobson) chegam a coincidir quase completamente. Não é difícil ver que há três ordens de fonemas consonadores:



vemos que o agrupamento está completo, salvo o problema de classificar o r e o r̄, de que trataremos mais adiante. Um facto interessante e digno de nota é o paralelismo que reúne a segunda e a terceira ordem (dois fonemas sonantes, em ambos os casos: n l — n l), em oposição às consoantes labiais ou graves.

O consonantismo português, classificado segundo as séries fundamentais de localização, forma um sistema triangular



no qual cada uma das letras maiúsculas significa um grupo de fonemas, de maneira que o triângulo representa igualmente as oposições existentes entre b, d e g, entre f, s e ʃ, entre m, n e ɲ, etc. ⁽¹⁰⁾.

Dum ponto de vista puramente teórico e geral, a oposição entre as séries P e T seria a oposição fundamental do triângulo, em relação

(10) O mesmo sistema triangular encontra-se em francês e italiano, ao

passo que o espanhol apresenta um sistema quadrangular



(p t k c / f ɣ x s, etc.); cf. E. Alarcos Llorach, «Fonología española», pg. 112 sgg., e o autor, «Der lateinisch-romanische Vokalismus...», § 116 sgg.

à qual a série K ficaria neutra ou indiferente : K opor-se-ia a (P + T) pela marca de *cromatismo* ⁽¹¹⁾.

Esta classificação das consoantes portuguesas, contudo, vem a ser contrariada por factos *funcionais* : não estando de acordo o princípio geral com a realidade linguística, é aquele que se tem de modificar ou alargar. O desacordo provém do paralelismo que existe entre n/l, por um lado, e ɲ/l, por outro ; é evidente que se trata aqui duma correlação de molhamento (palatização) ou de *cromatismo* : n e l são providas duma marca cromática especial, ao passo que n e l se caracterizam pela *falta dessa marca*. Tal interpretação é confirmada pelos factos de neutralização ; as oposições de molhamento neutralizam-se em todas as posições, salvo a intervocálica, sendo os arquifonemas representados sempre pelos termos n e l, respectivamente, isto é, pelos termos não molhados.

Convém darmos alguns exemplos :

l : ɭ — fala / falha — talar / talhar — fila / filha —, mas plano, bloco, etc., ao passo que *plh- bɭh-* são impossíveis em português : *lh* não entra em grupos consonânticos. Em final de sílaba só se encontra *ɭ* : *faltar*, *meɭ*, etc., realizado numa variante velar. Em posição inicial de palavra *l* aparece somente em estrangeirismos, como *lhano* e derivações ; *lhe* é enclítico ⁽¹²⁾.

n : ɲ — mana / manha — pina / pinha ; para esta oposição vale o mesmo que acabamos de dizer de l : ɭ, com a diferença de

(11) Os fonemas posteriores (cromáticos) distinguem-se dos anteriores (acromáticos) correspondentes pela maior perceptibilidade e por serem menos aptos à oposição de «claro» e «escuro». A classificação acústica dos sons da linguagem é comparável à das cores que também aplica dois critérios fundamentais : claro-escuro (cf. T = P) e os graus de cromatismo (cf. T — K ou P — K) ; veja-se R. Jakobson, loc. cit. na nota 9. Foi Stumpf que transpôs esses termos ópticos para a fonética acústica («Die Sprachlaute», Berlim 1926).

(12) Na verdade, uma oposição l : ɭ dá-se também em posição não intervocálica, se considerarmos as combinações de infinito + *lhe*, p. ex. «dizer-lhe» : «dizer levemente» ; neste caso, l e ɭ estão realmente no mesmo ambiente fónico (-r + l/l + ɐ). Temos de admitir que há uma excepção : é curioso, contudo, que alguns indivíduos sentem uma certa aversão por esse grupo r + l, sem se aperceberem do seu motivo e sem prévio conhecimento racional desta anomalia da estrutura fonemática do português.

(l. 2)

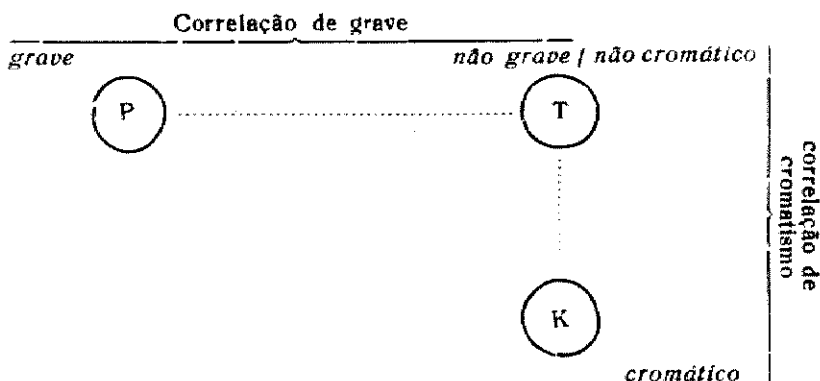
que nem n nem n se encontram em posição final ou em grupos iniciais.

Estes factos funcionais permitem-nos estabelecer uma estreita relação entre dois grupos de consoantes, as *agudas* e as *cromáticas*, opondo-se ambos juntamente às *graves* (labiais). A ordem das dependências é portanto a seguinte:

- 1) correlação grave — agudo
- 2) » cromático — acromático.

Como a distinção de fonemas cromáticos e acromáticos se refere só às consoantes agudas, sendo as graves a este respeito indiferentes, resulta que a qualidade de *grave*, e não a de agudo, é a *marca* da correlação. Tal conclusão indirecta torna-se necessária porque não se dá o fenómeno de neutralização que nos mostraria com maior evidência as relações funcionais existentes entre os dois grupos de fonemas.

A classificação das consoantes portuguesas segundo o critério de timbre (ou localização) pode ilustrar-se pelo seguinte esquema:



Como se vê, as marcas estão distribuídas por forma tal que dois dos três grupos de fonemas têm uma delas, ao passo que o terceiro fica *não marcado* (neutro); este grupo (T) constitui, portanto, o eixo do sistema.

Chegámos assim a um novo método de classificar os fonemas, o

qual consiste na determinação do *termo fundamental* ⁽¹³⁾, dentro dum conjunto de correlações heterogêneas.

O que caracteriza este termo fundamental é sempre o número maximal de fonemas, e de posições em que estes fonemas podem aparecer. Na língua portuguesa, a série das consoantes graves (P) consiste em 5 fonemas (p b f v m), em frente de 7 nas duas séries de consoantes não graves: T = t d s z n l [r] — K = k g š ž n l [r]. Entre estes dois grupos tem que se aplicar o critério do número maximal de posições: n l são mais frequentes do que n l, ao passo que não há diferenciação posicional entre k e t ou entre g e d; não vale o argumento de que existindo os grupos k + l e g + l, mas não t + l e d + l, k/g apresente maior possibilidade posicional, pois t, d e l pertencem à mesma série fundamental e para haver base de comparação deveriam existir grupos como k + l, g + l, fenómeno este que, de facto, não se dá. Resulta, portanto, estabelecido que, na língua portuguesa, a série T constitui o termo fundamental das correlações de «grave» e de «cromatismo».

Seja-nos permitida, aqui, uma breve digressão para as outras línguas: considerando-se o sistema consonântico castelhano sob este aspecto, é fácil verificar que, embora diferente do sistema português na sua estrutura (quadrangular em vez de triangular ⁽¹⁴⁾), nem por isso deixa de apresentar um importante traço comum: a série T constitui o termo fundamental. Existem, em castelhano, as mesmas oposições de «grave — agudo» e de «cromático — acromático» (estando a primeira sobreposta à segunda) e as mesmas marcas de correlação («grave» e «cromatismo»); a série das consoantes graves tem um número menor de fonemas (7: f x p b k g m, em frente de 12: θ s t d ċ y n n l l r r), ao passo que, dentro do grupo das «agudas», ou melhor «não graves», a série T (acromática) se distingue por maiores possibilidades posicionais.

Fenómenos muito parecidos notam-se nas línguas italiana e francesa, e parecem provir duma regra geral de preponderância das consoantes apicais ⁽¹⁵⁾.

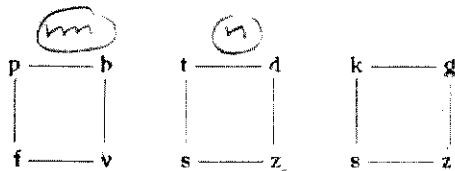
No que respeita ao outro princípio de classificação consonântica, a saber, segundo a maneira de vencer o obstáculo (Über-

(13) Esta expressão é nova e não existe ainda noutras línguas; a tradução, de resto, seria fácil: fr. *terme fondamental*, alem. *Grundglied*.

(14) Cf. o autor, em *Bol. Fil. XII* (1951), pgs. 355 e 358.

(15) Cf. Jakobson, «*Kindersprache...*», pg. 58 sgg. (v. nota 8).

windungsart), já mencionámos a divisão fundamental das consoantes portuguesas em fonemas *sonantes* e *consonadores*. Estes últimos (p b t d k g f v s z š ž) formam um feixe quadrilateral de correlações:



X com as qualidades relevantes de *sonoridade* ⁽¹⁶⁾ (p:b — t:d — f:v — š:ž, etc.) e de «*rehilamiento*» (b:v — d:z — p:f, etc.) ⁽¹⁷⁾. O facto de p t k serem realizados sempre como oclusivas, e f s š sempre como fricativas, é insignificante em frente das oposições b:v — d:z — g:ž, onde se trata de duas séries de fonemas dos quais uns (b d g) são realizados ora com oclusão, ora com branda fricção, e os outros (v z ž) com uma fricção forte e susceptível de ser prolongada. As oclusivas enquadram-se assim na classe mais ampla de «consonadores sem *rehilamiento*», que podem ser tanto oclusivas como fricativas brandas.

Os fonemas sonantes dividem-se em duas séries, segundo a maneira de vencer o obstáculo articulatorio: *nasais* (m n ɲ) e *líquidas* (l ʎ r ʀ); a diferença de fonação entre estas séries é acompanhada de uma certa diversidade funcional, não aparecendo as nasais em grupos consonânticos, ao passo que as líquidas — com neutralização da correlação de cromatismo — se ligam com consonadores para formarem grupos iniciais (pl-, gr-, etc.).

É possível distribuir as consoantes portuguesas, segundo as suas possibilidades de entrar em grupos, em três séries:

- 1) fonemas que ocupam sempre o primeiro lugar em tais grupos (pr-, kl-, etc.) = consonadores;
- 2) fonemas que não ocupam nem o primeiro nem o segundo lugar, isto é, que não entram em grupos consonânticos = nasais;

⁽¹⁶⁾ Ou de «tenção» (cf. Trubetskoi-Cantineau, pg. 165 — Llorach, pg. 46 sgg.); é impossível determinar a marca desta correlação por não haver neutralização; cf. Trubetskoi-Cantineau, pgs. 166-8.

⁽¹⁷⁾ Cf., acerca do termo e do seu significado, o autor, em Bol. Fil. XII (1951), pgs. 354 e 356 sgg.; também «Der lateinisch — romanische Vokalismus...» §§ 148 e 167 sgg.

- 3) fonemas que ocupam sempre o segundo lugar (pr-, kl-, etc.) = líquidas.

Convém salientar mais uma vez que esta classificação «horizontal» pressupõe que a outra classificação («vertical», isto é, conforme às séries fundamentais de timbre ou localização) já tenha sido estabelecida, pois implica a neutralização das oposições $f:s, \dot{s}:\dot{l}, n:\dot{n}$ e $r:\dot{r}$, visto que $s \dot{s} l n \dot{r}$ não entram em grupos iniciais.

Fazem dificuldade os fonemas r e $\dot{r}$. Não se enquadram bem nas séries $\begin{matrix} n & - & l & - \\ n & - & l & - \end{matrix}$, pois a oposição $r:\dot{r}$ nem no seu carácter fonético, nem na distribuição posicional dos termos, corresponde exactamente às oposições $n:\dot{n} / l:\dot{l}$. O paralelismo é imperfeito: embora $r:\dot{r}$ seja — como $n:\dot{n}$ e $l:\dot{l}$ — relevante só em posição intervocálica (cf. caro: carro, fala: falha, mina: minha), o arquifonema da oposição $r:\dot{r}$ está representado ora por $\dot{r}$ (em posição inicial), ora por r (em grupos consonânticos), circunstância esta que não permite decidirmos rigorosamente qual dos dois termos seja o termo marcado nem qual seja a marca da oposição. No caso de $n:\dot{n}$ e $l:\dot{l}$ não existem essas dificuldades: os arquifonemas estão sempre representados pelos termos n e l , respectivamente, de maneira que não cabe a mínima dúvida de que n e l são os termos não marcados e que a qualidade relevante é a presença ou ausência de molhamento (cromatismo). →

Os fonemas vibrantes (r e $\dot{r}$) relacionam-se dum lado com os laterais (l e $\dot{l}$), e do outro, com as chamadas «semivogais» (u e i). Esta última relação consiste sobretudo em um certo paralelismo de distribuição posicional: tanto r como u e i aparecem em posição intervocálica (raro — raio — viu-a) e final de sílaba (par — pau — pai), e também agrupados com fonemas consonadores, mas não se encontram em posição inicial de palavra.

Sílaba. A questão das «semivogais» vem colocar-nos no centro dum problema que é dos mais difíceis em fonemática, a saber, o problema da sílaba⁽¹⁸⁾. Convém limitarmo-nos aqui a indicar alguns trabalhos recentes que tratam desta matéria, e dar abreviadamente os resultados que mais importam para o presente estudo de fonemática portuguesa: 1) Não existe a «sílabas em si», que possa determinar-se só por critérios fonéticos e que valha, de igual maneira, para

(18) Cf. a exposição das diversas teorias por R. de Sá Nogueira: «O problema da sílaba», Lisboa 1942.

as línguas todas ⁽¹⁹⁾. 2) A sílaba é, embora baseada em factos fonéticos, uma noção fonemática, não fonética ⁽²⁰⁾. 3) Sílaba é um agrupamento de fonemas que consiste em um silabema (ou suporte silábico), e zero, um ou mais assilabemas ⁽²¹⁾ (na língua portuguesa são silabemas todas as vogais, assilabemas todas as consoantes e semivogais). 4) Dada a existência da sílaba e a repartição dos fonemas em silabemas e assilabemas, não pode haver oposição fonemática directa entre um silabema qualquer e um assilabema.

Conforme a estes princípios, as semivogais portuguesas constituem fonemas independentes; a posição que estes fonemas ocupam dentro do sistema é caracterizada pelo facto de eles pertencerem às consoantes pela sua função de assilabemas, mas pela realização fonética, às vogais.

A estrutura da sílaba portuguesa é relativamente limitada e não apresenta mais de 8 tipos; o número dos assilabemas contidos em uma sílaba varia de zero a três, com a restrição de que nem antes nem atrás do silabema cabem mais de dois assilabemas. Os oito tipos de sílaba que há em português podem-se ilustrar pelo seguinte esquema (S = silabema — A = assilabema):

Exemplos:

S *	AS	AAS	a	de	cru
SA	ASA	AASA	as	mas	tras
SAA	ASAA	ASAA	aus- (cultar)	pers- (picaz)	(a) — ai

Como se depreende deste esquema, não há grupos tautossilábicos de mais de duas consoantes (em *estrela*, p. ex., *š e t + r* pertencem a duas sílabas diferentes). Os grupos finais (*rš/uš/iš*) ou são raríssimos (*-rš* só aparece em poucas palavras cultas) ou encontram-se sobretudo na segmentação morfemática (*pau/š*, *pai/š*, etc.). Portanto, a sílaba portuguesa é caracterizada dum lado pelo número limitado de fonemas (1 — 4), e do outro, pela distribuição da «carga

⁽¹⁹⁾ Cf. o autor, «Der lateinisch — romanische Vokalismus...», §§ 55-60.

⁽²⁰⁾ Cf. O. von Essen, «Die Silbe — ein phonologischer Begriff», Zeitschr. f. Phon. 5 (1951), pg. 199 sgg.

⁽²¹⁾ Cf. o autor, loc. cit.

consonântica», preferindo-se decididamente a posição inicial, isto é, antes do silabema ⁽²²⁾).

Grupos de consoantes. Exposta, assim, a noção de sílaba em geral, e a estrutura silábica do português, temos que investigar a natureza dos grupos consonânticos e as regras que permitem ou proíbem a junção de certos fonemas.

Já é conhecido o princípio de *contraste fonético minimal* ⁽²³⁾, princípio que não é geral e objectivo, mas tem que ser definido individualmente para cada idioma. Para estudarmos a aplicação desse princípio na língua portuguesa é preciso ter-se presente a escala de perceptibilidade dos fonemas ⁽²⁴⁾:

minimal	1 — brandas surdas	p t k	
	2 — brandas sonoras	b d g	(25)
	3 — «rehilantes» surdas	f s š	
	4 — «rehilantes» sonoras	v z ž	
	5 — nasais	m n ñ	
	6 — laterais	l ʎ	
	7 — vibrantes	r ʀ	
	8 — semivogais	u i	
	9 — vogais extremamente fechadas	u i	
	10 — outras vogais	o e e	
maximal		o a i	

Entre as séries 10 e 8, o contraste fonético é suficiente para permitir o agrupamento (p. ex., u + u em água); o mesmo vale, por maioria de razão, para a junção de qualquer fonema da série 10 com as séries 1 — 7; somente 10 e 9 estão tão próximos que não podem agrupar-se dentro da mesma sílaba (cf. sa-u-da-de, pro-i-bir); da contracção resultaria inevitavelmente a passagem de u i para u i.

A relação das séries 8 e 9 constitui um problema um pouco mais delicado: embora a diferença de perceptibilidade seja mínima, de

(22) O caso contrário dá-se, p. ex., em alemão onde existem sílabas com grupos finais de três ou quatro consoantes: Arzt — ernst — kämpfst, etc.

(23) Cf. B. Trnka, «General Laws of Phonemic Combinations» TCLP VI, pg. 57 sgg.; cf. também Trubetskoi-Cantineau, pg. 264 sgg.

(24) Cf. A. Rosetti, «Notes de phonologie», Acta ling. 3, pg. 31 sgg.

(25) A escala aí exposta já está adaptada às condições especiais da língua portuguesa; eis como se explicam as divergências em relação à escala estabelecida por Rosetti.

forma que junções como $i + i$, $u + u$ seriam absolutamente impossíveis, esta falta vem a ser remediada pela existência dum contraste de timbre bastante grande entre u / u dum lado e i / i do outro. Resulta, portanto, a possibilidade de agrupamentos como $u + i - i + u - i + u - u + i$ (cf. Suíça — miúdo — viu — ruivo).

O contraste fonético entre qualquer das séries 1-7 e 8-10, ou seja o grande contraste fonador entre consoantes e vogais, permite sempre a junção dos respectivos fonemas; isto quer dizer que qualquer fonema das séries 1-7 é susceptível de se encontrar junto a qualquer fonema das séries 8-10, sem restrição nenhuma, a não ser respeitante à estrutura silábica.

Estando todas as consoantes (1-7) relativamente próximas umas das outras (do ponto de vista de contraste), os agrupamentos desses fonemas entre eles devem ser muito limitados em número. De facto, só entre a vibrante (7) e os consonadores (1 e 2) o contraste fonético é suficiente para permitir-se a junção:

pr- / br- / tr- / dr- / kr- / gr-. As consoantes das séries 4-6 estão tão próximas das vibrantes que umas e outras não podem aparecer juntas. A série 3 («*rehilantes*» surdas) ocupa um lugar intermédio entre 1-2 e 4-6: apenas os membros grave (f) e cromático (š) desta classe entram em agrupamentos com a vibrante neutra r⁽²⁶⁾, ao passo que a «*rehilante*» surda neutra (s) fica já demasiado próxima.

Um caso parecido no-lo oferece a situação da consoante lateral l, em relação aos consonadores brandos (p b t d k g): os fonemas que pertencem à mesma série fundamental de timbre, isto é, t e d, não são admitidos, ao passo que os outros entram em agrupamentos com l (pl- / bl- / kl- / gl-).

Para o grupo fl- vale, *mutatis mutandis*, aquilo que já dissemos acerca de fr-.

Realização dos fonemas consonânticos (27). No que respeita à localização articulatória, notam-se consideráveis divergências dentro de cada série fundamental. Correspondem-se as consoantes brandas com as nasais (p = b = m / t = d = n), salvo na série cromática

(26) *fr* como grupo inicial, *rs* final de sílaba (*fr* ente — *pe rs* / pectiva).

(27) Trataremos aqui apenas de alguns fenómenos especiais; quanto ao resto, remetemos o leitor para as obras de A. R. Gonçalves Viana, «*Essai de phonétique e de phonologie de la langue portugaise*» (2. ed., Bol. Fil. VII (1941)) e R. de Sá Nogueira, «*Elementos para um tratado de fonética portuguesa*» (Lisboa 1938).

($k = g \neq n$), mas as «*rehilantes*» diferem bastante: *f v* são lábio-dentais em vez de bilabiais, *s z* não são ápico-posdentais como *t d* mas sim dorso-palatais — pelo menos na pronúncia do sul e centro de Portugal —, e *ʃ ʒ* finalmente articulam-se num lugar tão distante de *k g* que os dois pares ficam ligados apenas pelo facto de ambos serem os fonemas de articulação mais posterior dentro das respectivas classes.

Outros fenómenos dignos de nota são a tendência para a palatalização das consoantes *k g* colocadas imediatamente antes dum *i* ou *i* — provavelmente em conexão com o facto de que *k* e *g* pertencem à mesma série fundamental que os fonemas de articulação palatal *ʃ ʒ* e *n* —, e a falta dessa palatalização ao proferir *t d s z n* ou *l*, no mesmo ambiente fónico (cf. *tanta* — *tinta* — *canta* — *quinta* — *k'inta*) ⁽²⁸⁾.

As brandas sonoras (*b d g*) variam na sua realização fonética entre oclusivas e fricativas; conforme à regra geral, são oclusivas no começo da frase e após consoante nasal, e nos outros casos, fricativas. Salientemos, porém, que esta regra nem sempre é observada, e que se trata duma variação não tanto combinatória mas antes facultativa.

O fonema *r* é realizado por duas variantes nitidamente distintas que não se distribuem nem segundo razões de posição ou de ambiente fónico, nem por razões de estilo, mas que dependem simplesmente de hábitos de fala individuais. A pronúncia lingual é mais antiga e considerada mais correcta, encontrando a pronúncia uvular, espalhada sobretudo em Lisboa, duas apreciações bem divergentes: ora é julgada como defeito de fala ou dialectismo, ora como preciosismo e imitação da pronúncia de Paris.

Enfraquecimento final. Em posição final de palavra ou de sílaba muitas oposições consonânticas ficam neutralizadas. Trata-se aqui, não de mera limitação das possibilidades posicionais dos fonemas, mas, pelo contrário, de uma espécie de neutralização redutiva, isto é, proporcionada pelo enfraquecimento articulatório das consoantes finais. Exceptuando-se as vogais e semivogais, desaparecem, em posição final, todas as oposições de timbre, e conservam-se apenas

(28) O contrário aconteceu numa grande parte do Brasil (p. ex. São Paulo e Porto Alegre), onde *t d* antes de *i* são fortemente palatalizados: *gente* = *zentsi*, *dedinho* = *dédzinho*. Nos Açores, tanto *t + i* como *k + i* sofrem palatalização e confundem-se (cf. F. Millet Rogers, «Insular Portuguese Pronunciation. Açores», *Hisp. Rev.* 16 (1948).

as maneiras de vencer o obstáculo: os únicos fonemas consonânticos que se encontram são (u i) r l š (²⁹), representando cada um deles toda uma classe: r = vibrantes, l = laterais, š = consonadores.

A realização destes representantes de arquifonemas amplos também difere das realizações que costumam ter noutras posições: -l é muito velar e tende a (semi)vocalizar-se, š pronuncia-se com diminuição da força articulatória, e só r conserva mais ao menos a sua qualidade fonética normal (³⁰).

Osnabrück (Alemanha), Setembro 1952.

HELMUT LÜDTKE

(²⁹) Outras consoantes, como p. ex. *b* em *obter*, *d* em *advogado*, só na aparência estão em posição final de sílaba; na realidade pronuncia-se um [e] mais ou menos fraco entre estes grupos de consonadores: [ɔ|bə|tér] [ʌ|də|vu|gá|du], e com isso aumenta o número de sílabas. Daremos mais tarde a explicação do fenómeno.

(³⁰) Do ponto de vista diacrónico, este enfraquecimento de consoantes finais é sinal duma tendência que visa à abolição das sílabas fechadas.

O *Liber Regum*, fonte comum do Poema de Fernão Gonçalves
e do Laberinto de Juan de Mena

Não se prestou ainda ao *Liber Regum* navarro-aragonês de fins do século XII — princípios do século XIII toda a atenção que merece pela sua ampla e persistente influência em obras posteriores. Este incompleto e imperfeito sumário de história universal foi conhecido e utilizado desde Navarra a Portugal e desde o século XIII até, pelo menos, meados do século XV. Redigido provavelmente por um monge do mosteiro de Fitero, entre 1194 e 1211, já entre 1217 e 1223 estava traduzido para castelhano e continuado ⁽¹⁾. Os redactores da *Primeira Crónica Geral*, por fins do século XIII, parecem ter conhecido uma das suas versões ⁽²⁾. Ainda no mesmo século o utilizaram os do *Fuero General de Navarra* ⁽³⁾. Cerca de 1340, o Conde D. Pedro de Barcelos, filho de D. Dinis de Portugal, traduziu-o e transcreveu-o quase na íntegra no seu *Livro das Linhagens*. Em 1344, aproveitou-o o compilador português da *Crónica Geral de Espanha* redigida nessa data — compilador que era aliás, quase seguramente,

(1) V. a edição completa do texto navarro-aragonês em M. Serrano y Sanz, *Cronicón Villarense (Liber Regum). Primeros años del siglo XIII. La obra histórica más antigua en idioma español en BAE*, VI, 1919, págs. 192-220 e VIII, 1921, pgs. 367-382 e a parcial da tradução castelhana em Flórez, *Memorias de las Reinas Catholicas*, I, 1761, pg. 481 e sgs. Sobre a data desta tradução, v. Menéndez Pidal, *La España del Cid*, II, Madrid 1947, pag. 971.

(2) Menéndez Pidal, op. cit., pag. 971.

(3) V. adiante, nota 45.

o próprio Conde de Barcelos. Ainda no século XIV, o utilizaram o autor desconhecido de uma tradução galego-portuguesa interpolada no ms. 8817 da Biblioteca Nacional de Madrid e o do *Sumário de Crónicas até ao ano de 1368* da Biblioteca do Palácio Real da mesma cidade ⁽⁴⁾. Estudarei neste artigo a sua influência no *Poema de Fernão Gonçalves*, composto cerca de 1250, e no *Laberinto de Fortuna* de Juan de Mena, acabado de escrever quase dois séculos depois, em Fevereiro de 1444 ⁽⁵⁾.

O *Liber Regum*, fonte do *Poema de Fernão Gonçalves*

Nas suas *Notas para el Romancero de Fernán González* publicadas em 1899, Menéndez Pidal referiu-se demoradamente à utilização do *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui na redacção da primeira parte — da introdução histórica — do *Poema de Arlanza* ⁽⁶⁾. Segundo o grande romanista, a narração do Tudense teria servido ao monge-poeta «como de un hilo para ensartar las cuartetos que escribía. Toma de él muy pocos sucesos y los cuenta muy difusamente». Acrescenta-lhes «lo que bien le parecía o lo que él sabía por otro conducto». Menéndez Pidal vê principalmente reflexos da influência do Tudense: no elogio dos Godos e no passo referente à sua conversão ao cristianismo (quadras 17 a 23 das edições: de Marden, que designarei daqui por diante por *M.* ⁽⁷⁾, Zamora Vicente, *Z.* ⁽⁸⁾ e da recente

⁽⁴⁾ V. L. F. Lindley Cintra, *O «Liber Regum» e outras fontes do «Livro das Linhagens» do Conde D. Pedro*, BF, XI, 1950, págs. 224-251; *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Edição crítica do texto português, I, Lisboa 1951, caps. III e IV, especialmente págs. XCVIII-CIV; *Uma tradução galego-portuguesa desconhecida do «Liber Regum»*, BHi, LII, 1950, págs. 27-40; *Sobre o «Sumário de Crónicas até ao ano de 1368» da Biblioteca Real de Madrid*, BF, IX, 1948, pgs. 299-320.

⁽⁵⁾ Nos séculos XVI e XVII, e até no século XVIII, o *Liber Regum* volta a ser consultado. Mas os motivos que chamam sobre ele a atenção de humanistas e arqueólogos são evidentemente muito diversos (V. o primeiro dos artigos citados na nota anterior, págs. 229-230).

⁽⁶⁾ No *Homenaje a Menéndez y Pelayo en el año vigésimo de su profesorado*, I, Madrid 1899, págs. 429-507. V. a nota 2 das págs. 447-449.

⁽⁷⁾ *Poema de Fernán González*, texto crítico con introducción, notas y glosario por C. Carroll Marden, Baltimore 1904.

⁽⁸⁾ *Poema de Fernán González*, edición, prólogo y notas de A. Zamora Vicente (Clásicos Castellanos, 128), Madrid 1946.

edição de M. Pidal, *P.*⁽⁹⁾; em vários passos do episódio de Rodrigo, por exemplo nas referências aos filhos de Vitiza (quadra 41) e ao sepulcro de Viseu (quadra 84)⁽¹⁰⁾; na lista de cidades conquistadas pelo rei Afonso I (quadra 124); em vários pormenores da história de Bernardo del Carpio (quadras 127-143 em *M.* e *Z.*; 127-144 em *P.*) e no louvor da Espanha (quadras 144-157 em *M.* e *Z.*; 145-158 em *P.*).

C. Carroll Marden, em 1904, na introdução da sua edição crítica do *Poema*, aceitou, quanto à utilização do texto do Tudense, as indicações de Menéndez Pidal⁽¹¹⁾. Estudou além disso a influência estilística de Berceo e do *Livro de Alexandre*, recolheu a indicação de Milá y Fontanals de que na quadra 134 se podiam descobrir vestígios da leitura da *Historia Turpini* e de que a ela se referia o «como diz la escrytura» do segundo verso dessa quadra e acrescentou que a influência dessa obra também se fazia sentir na quadra 352 (358 em *P.*); observou que no louvor da Espanha há pormenores que se encontram no *De Laude Hispaniae* de S. Isidoro mas não no Tudense, donde concluiu que «o se ha servido el Poema de fuentes más detalladas que el Tudense o se ha hecho uso del Tudense y del *De Laude Hispaniae*»; enfim, baseando-se numa sugestão de Tailhan na sua edição da *Crónica moçárabe de 754 (Continuatio Hispana)* de Mommsen, creu poder identificar a «escrytura» de que fala a quadra 25 com esta antiga fonte histórica⁽¹²⁾.

Os fundamentos que apresentava para esta última identificação eram débeis e assim o demonstrou María Rosa Lida numa nota,

(9) Incluída nas *Reliquias de la Poesía Épica Española*, publicadas por R. Menéndez Pidal, Madrid 1951, pgs. 34-156.

(10) No artigo a que me refiro, também falava Menéndez Pidal da destruição das armas e da tomada de Sevilha antes da batalha decisiva. Mas em *El rey Rodrigo en la literatura*, publicado em 1925, ao tratar de este tema em especial, corrigia a sua afirmação anterior: «Aunque la conquista de Sevilla en el Fernán González pudiera estar tomada del Tudense, creo más bien que este detalle, con el de la fingida antropofagia, desconocido al Tudense y ambos comunes con la leyenda de Vitiza según San Pedro Pascual, proceden conjuntamente de la leyenda que utiliza el Fernán González para rellenar la sequedad narrativa del Tudense», pág. 49, nota 1. Não se alude aqui directamente à destruição das armas. Mas, do contexto e do facto desse pormenor não ser incluído, com os que acima mencionámos, na nota 1 da pág. 46, deduz-se que se lhe pode aplicar a mesma afirmação.

(11) *Poema de Fernán González*, págs. XXXV-XXXVI.

(12) *Ibid.*, págs. XXXI-XXXVI.

publicada em 1945 na *Revista de Filología Hispánica* ⁽¹³⁾. No nome do rei godo Çindus, que o *Poema* menciona na quadra 25, viu Marden, como Tailhan, uma deturpação do nome *Chindas* com que a *Crónica moçárabe* designa a Chindasvinto. Mas interpretando mal o texto da *Continuatio*, segundo crê Maria Rosa Lida, ou, como me parece mais provável, deixando-se influenciar pelo *Poema* — em que *Cindus* é o predecessor de Bamba — sem se ter preocupado em reler atentamente o texto da fonte latina, supôs Marden que o nome *Chindas* se atribuía nela a Recesvinto. Depois de desfazer esta confusão, afirma Maria Rosa Lida que «o mais verosímil é que tanto a *Continuatio* como o *Poema* chamem *Chindas* ou Çindus (o ç pronunciava-se então ts) a Chindasvinto». Supõe no entanto que «o facto de ambas as obras designarem aquele rei com o nome abreviado não implica necessariamente dependência», visto que *Cindo*, por Chindasvinto, aparece ainda pelo menos noutro texto: o *Laberinto* de Juan de Mena, estrofe 272 b. ⁽¹⁴⁾. Outro dos argumentos de Marden era o verso elogioso «omne de ggrand esfuerço e de grand coraçón» dedicado no *Poema* a Vitiza (estr. 34 d). Ao contrário da grande maioria das crónicas cristãs que acumulam sobre a figura do penúltimo rei godo as mais negras acusações, a *Crónica moçárabe de 754*, ainda não influenciada pelas lendas nascidas no partido anti-vitizano, apresenta-o sob uma luz favorável. Lembra Maria Rosa Lida, apoiando-se nos estudos de Menéndez Pidal sobre a lenda de Rodrigo, que a *Continuatio* e o *Fernán González* não são os únicos testemunhos favoráveis a Vitiza ⁽¹⁵⁾; mas não indica em qual dos outros textos saídos do partido vitizano poderíamos supor baseado o verso do *Poema*. Os que menciona Menéndez Pidal são textos árabes que o monge de

(13) *Notas para el texto del Alexandre y para las fuentes del Fernán González*, *RFH*, VII, 1945, págs. 47-51.

(14) *RFH*, VII, pgs. 49-50. M. R. Lida cita os versos do *Laberinto*: «serán olvidados los fechos de Egica / bisnieto de Çindo e fijo de Eurigo» e diz: «Las generaciones que separan aqui a Egica de Cindo corresponden con las que median entre Egica y Chindasvinto, si bién la tradición corriente hace a Egica yerno y no hijo de Ervigio o Eurigo y a este hijo de una sobrina y no directamente nieto de Chindasvinto». No seu completíssimo estudo *Juan de Mena, poeta del prerrenacimiento español* (Publicaciones de la *NRFH*, I), México 1950, repete a mesma identificação Cindo = Chindasvinto ao falar da alteração «do parentesco admitido entre os reis visigodos Egica, Eurico (Ervigio) e Cindo (= Chindasvinto)», pág. 44. V. sobre a identificação de *Cindo* a nota 36 e, sobre os versos do *Laberinto*, a nota 61 deste trabalho.

(15) *RFH*, VII, pág. 50.

Arlanza não pode ter conhecido⁽¹⁶⁾ e a versão da lenda de Rodrigo que circulava em meados do século XIII em território cristão e que o autor do *Poema* utilizou nas quadras 41 e seguintes, não era certamente favorável a Vitiza. Adiante veremos como se tem de explicar a redacção do discutido verso.

Tailhan dizia, e Marden repetiu, que a descrição do estado satisfatório da Espanha que se lê no *Poema* (quadras 37-40) é «un tableau du tout semblable à celui de l'Anonyme». Maria Rosa Lida observa com razão que o *Poema* (apesar de incluir esta descrição no reinado de Rodrigo) não se refere a nenhum reinado em particular, mas sim à monarquia visigótica em geral, ao contrário do que acontece com a *Continuatio* que trata concretamente do reinado de Vitiza. Além disso, em nada se parecem uma e outra das descrições⁽¹⁷⁾.

O último argumento de Marden estava na observação da semelhança entre o nome dado a Tarif na *Continuatio Hispana* — *Abuzara* — e o nome *Vusarván* que figura no *Poema*. Maria Rosa Lida aponta outras formas cuja semelhança com *Vusarván* não é menor: *Abzuhubra* na *Crónica Albeldense*, *Abuzubra* na *Profética*, *Abienzarcha* no Toledano⁽¹⁸⁾. E conclui que «lo más verosímil es que este nombre proceda de la obra histórica de mayor difusión y prestigio o sea, [del] *De rebus Hispaniae* del arzobispo don Rodrigo, poco anterior al *Poema*»⁽¹⁹⁾.

Na introdução, datada de 1944, da sua edição do *Poema* não pôde ainda Alonso Zamora Vicente aproveitar a nota de Maria Rosa Lida. Aceitou, no que diz respeito às fontes, as opiniões de Marden⁽²⁰⁾. Só acrescentou a possibilidade de, na alusão aos vascos da estrofe 454 (460 de *P.*) «ricos de manzanas, pobres de pan y vino», estar uma reminiscência do IV livro do *Codex Calixtinus*⁽²¹⁾.

No entanto, já em 1921, ao comentar, no *Boletín de la Real Academia Española*, o texto do *Liber Regum* que dois anos antes tinha publicado na mesma revista, dizia M. Serrano y Sanz: «Entre el *Cronicon Villarense* y el *Poema* de Fernán González hay tamañas ana-

(16) V. *El rey Rodrigo*, págs. 25-34.

(17) *RFH*, VII, págs. 50-51.

(18) Do nome *Vusarván* tinha anteriormente tratado Menéndez Pidal (*El rey Rodrigo*, pág. 48, n. 3). A ele voltaremos adiante.

(19) *RFH*, VII, pág. 51.

(20) *Poema de Fernán González*, Madrid 1946, pgs. XII-XIII.

(21) *Ibid.*, págs. XVI-XVII. Já em 1944 tinha publicado sobre este passo *Una nota al «Poema de Fernán González»*, na *RFE*, XXVIII, pgs. 464-466.

logías que inspiran la certeza más completa de que el autor del *Poema* conoció el *Cronicón* y se aprovechó de algunas noticias que da éste. Muchas coincidencias que ofrecen ambas obras lo demuestran así; como son, el no conocer más reyes godos que Cindus y Vamba; la derrota de don Rodrigo en el campo de Sangonera y la extraña noticia de que Pelayo cuando fué elegido rey se hallaba en una cueva» (22).

Efectivamente, basta uma rápida comparação para revelar a íntima relação em que estão os dois textos: nem um nem outro mencionam dos reis godos senão *Cindus*, Bamba, Egica, *Vautiçanos* e Rodrigo, omitindo todos os predecessores do primeiro e Ervígio e usando, para o nome do predecessor de Bamba e para Vitiza, as raras formas que acabamos de citar; na lista dos reis asturianos, ambos saltam de Fruela I para Afonso I sem mencionar Aurélio, Silo, Mauregato e Vermudo I; ambos falam, depois de aludir ao reinado de Afonso, o Casto, de um longo interregno que só teria terminado com a eleição dos juizes de Castela. Só sobre os reinados de Bamba, Rodrigo, Pelayo e Afonso I dá o autor do *Poema* algumas noticias que não se lêem no *Liber Regum*. Mas, ao fazê-lo, tem quase sempre o cuidado ou de prevenir o leitor de que se vai afastar, ou, ao terminar a interpolação, de indicar que durante algum tempo se afastou, de uma determinada fonte.

Foi a narração esquemática, fria, do *Liber Regum*, não, como pensou Menéndez Pidal, o relato mais pormenorizado do bispo de Tui, que serviu ao monge de Arlanza de «hilo para ensartar sus cuartetos». Em lugar de «un resumen en verso de una Crónica» como lhe chamou o grande romanista (23), a Introdução do *Poema* é uma ampliação de um seco texto histórico. Não devemos no entanto suprimir o Tudense da lista das fontes do *Poema*. Embora não tão ampla como o supôs o ilustre medievista espanhol, a influência do *Chronicon Mundi* é indispensável para explicar certos pormenores da narração, como indicarei na análise detida da utilização do *Liber Regum* pelo autor do *Fernán González* que vou tentar nos parágrafos seguintes.

As seis primeiras estrofes (24) contêm o que poderemos chamar,

(22) *BAE*, VIII, 1921, pág. 380.

(23) *Notas para el romancero de Fernán González*, pág. 447.

(24) Utilizo a edição de Menéndez Pidal e a sua numeração das quadras, diversa, a partir de certo ponto, da (coincidente) de Marden e Zamora Vicente. Onde houver divergências, indicarei esta última entre parênteses.

com Menéndez Pidal, a invocação e parte da proposição do *Poema*. Nelas foram apontadas evidentes imitações de Berceo⁽²⁵⁾. As quadras 7 e 8 estão incompletas. Não se conservam senão dois versos de cada uma. Marden pensou ver nelas reflexos da lenda da vinda de Maomé a Espanha, donde teria sido expulso por influência de S. Isidro, e supôs que tratava de uma interpolação posterior «puesto que introducen alguna materia extraña al contexto y además de esto es imposible restaurar la rima en la copla 8 sin violar la regla tocante de la inflexión de los participios»⁽²⁶⁾. Esta última dificuldade suprimiu-a Menéndez Pidal corrigindo o aludido verso para «de la muerte de Cristo seian olvidados»⁽²⁷⁾. Quanto à primeira, só dando aos versos a interpretação que lhes dá o professor norte-americano, eles se apresentam como matéria estranha ao contexto. Muito mais natural é considerar as referências a Maomé como uma continuação do que se dizia na quadra 6: nela se falava de «comme se dio la tierra al buen rey don Rodrigo / com la ovo ganar el mortal enemigo»; aqui se indica a origem desse inimigo. O facto de que precisamente estes quatro versos contenham o primeiro vestígio da influência do *Liber Regum*, extensamente utilizado em toda a parte seguinte, demonstra que de modo algum os podemos considerar como resultado de uma interpolação. Transcrevo aqui as estrofes incompletas e a sua fonte. Observem-se as coincidências vocabulares postas em relevo pelo espaçamento:

Liber Regum

«Al tiempo que los godos passoron mar estonz se mouie Mahomath de Meca e fo predicant en Arabia e conuertie grant gent en so lei» (BAE, VI, pág. 207).

Poema

7. Esto fizo Maformat, el de la mala creencia

 ca preico por su boca mucha mala sentençia.
8. Desde ovo Maformat a todos predicados
 avian essas gentes los cueres demudados

 de la muerte de Cristo seian olvidados.

(25) Marden, *Poema*, pág. XXXI; Zamora Vicente, *Poema*, págs. 1-2.

(26) Marden, *op. cit.*, pág. 163.

(27) M. Pidal, *Reliquias*, pág. 35.

O elogio da fidelidade dos espanhóis à lei de Cristo que ocupa as estrofes 9 a 13 é seguramente de livre invenção do poeta. Do carácter de digressão que tem este trecho previne-nos ele próprio, ao dizer na quadra 14: «Tornemos nos al curso, nuestra razon sigamos / tornemos en España a do lo començamos: /- como el escrito diz, nos assi lo fablamos -/ en los reyes primeros que godos los llamamos». Estava ainda por identificar o *escrito* mencionado no terceiro verso desta estrofe ⁽²⁸⁾. O confronto que se segue demonstrará, sem deixar lugar a dúvidas, que se trata do *Liber Regum*:

Liber Regum

«Et en esta sazón andauan los godos en España. Estos godos foron de lignage de Gog e Magog e foron paganos. E mouieronse doltras flum de Danubium e passaron mar e unieron gastando por tierra de Roma. Et era apostoli en Roma el Papa Aldebrando. Et unieron estos godos en España e estidieron hi CCC.LXXX.III annos, e muitos dellos tornoron-se a la fe de Xps.» (BAE, VI, pág. 207).

Poema

15. Venieron estos godos de partes d'oriente,
Cristo los enbio est *pueblo descreyente* ⁽²⁹⁾,
del linax de Magog ⁽³⁰⁾ vino aquesta yente,
conquirieron el mundo, esto syn fallimiente.

16. Non fueron estos godos de comienço cristianos
nin de judios d'Egito, nin de ley de paganos;
antes fueron gentiles unos pueblos loçanos
eran por en batalla pueblos muy venturados.

⁽²⁸⁾ V. Zamora Vicente, *Poema*, pág. XV.

⁽²⁹⁾ «est pueblo descreyente» é uma correção proposta por Marden. O ms. do Escorial diz neste verso como no quarto: «esto syn fallimiente». O texto da fonte («e foron paganos») apoia, como vemos, o retoque do editor.

⁽³⁰⁾ O ms. diz «del linaje de godos», lição inaceitável que Marden corrigiu em «del linaje de Magog» e Zamora Vicente em «del linax de Magog». É esta última leitura que adopta Menéndez Pidal, em *Reliquias*, pág. 36. O confronto com o *Liber Regum* parece apoiar no entanto a lição «del linaje de Gog», mais próxima da do ms. escorialense. Era, aliás esta a versão que Menéndez Pidal preferia em 1936, quando publicava *Epopeya y Romancero* — primeira edição das *Reliquias*, destruída durante a guerra civil, de que posso consultar as folhas impressas graças à generosidade do grande Mestre.

17. Toda tierra de Roma venieronla avastando,
a los unos prendiendo a los otros matando,

... ..
... ..

18. Passaron a España con *el* su grand poder,

... ..
... ..
era en este tienpo el papa Alexandrer»

Não provêm portanto do Tudense, como supôs Menéndez Pidal, as estrofes 17 e 18. A comparação com o *Liber Regum* permite-nos além disso propor uma correcção. Não podemos deixar de estranhar a forma *Alexandrer* do códice escurialense (18d). Zamora Vicente sugere que se trate de um erro de copista⁽³¹⁾. Mas no *Liber Regum* fala-se de um papa *Aidebrando*; a quadra 17 rima em *-ando*. Não deveremos substituir *Alexandrer* por *Aidebrando* e passar o verso assim corrigido para essa quadra? A ordem dos acontecimentos ficará não só mais próxima da da fonte mas também mais lógica: depois de falar da destruição de Roma, fala-se do Papa que «era en este tienpo»⁽³²⁾; depois, da invasão da Espanha.

A quadra 19 descreve a ocupação, pelos Godos, de toda a Espanha «de mar a mar», da África e da Turónia; as estrofes 20 a 24, a sua conversão ao cristianismo. Como diz Marden numa das suas notas⁽³³⁾, não se trata da conversão feita por Ulfilas nem da conversão ao arianismo. É claramente da conversão ao catolicismo que o poeta quer falar. Mas estou longe de crer, com aquele editor do *Poema*, que o verso que falta à estrofe 24 se referisse a Recaredo. O poeta fala duma maneira geral de como «estos godos» que «non fueron... de comienço cristianos» chegaram a ser «luz e estrella de todo el cristianismo». Não indica datas nem dá pormenores concretos sobre o facto em si. Parece tratar-se de outra digressão, desta vez provocada pelo «tornaronse a la fe de Xps» do *Liber Regum*: o clérigo, autor do *Poema*, quis ampliar a breve noticia da sua fonte refe-

(31) No exemplar da edição de Marden que utilizo, e que pertenceu a Leite de Vasconcelos, encontro vestígios da sua estranheza perante esta forma numa nota a lápis: «Alexander?».

(32) Fica por explicar como é que o nome de Inocêncio I, papa quando os Godos destruíram Roma, passou a *Aidebrando*. A propósito de *Alexander* ou *Alexandrer*, pergunta Zamora Vicente: «Será algún prelado coetáneo?».

(33) Marden, *Poema*, pág. 164.

rente a um acontecimento para ele tão importante, como era a conversão.

No entanto, Menéndez Pidal pensou poder relacionar este trecho com um passo do *Chronicon* do Tudense; e há efectivamente evidentes pontos de contacto entre a estrofe:

21. Demandaron maestros por fer se entender
 en la fe de don Cristo que avian de creer
 los maestros, sepades, fueron muy volunter
 fizieron/les la fe toda bien entender,

e a frase do bispo D. Lucas que diz respeito à conversão dos Godos ao arianismo (!): «Huius rei gratia legatos cum muneribus ad eundem imperatorem mittit et doctores propter suscipiendam Christianae fidei regulam poscit»⁽³⁴⁾.

Aconteceu certamente que, ao pretender o erudito clérigo afastar-se da fonte principal para ampliar o seu relato, lhe acudiu à memória uma reminiscência de uma anterior leitura do Tudense, tornando-se a sua digressão num eco de uma frase do texto latino. O facto de, no *Chronicon Mundi*, essa frase não se referir ao assunto de que o *Poema* está falando neste ponto e o de nenhuma das estrofes vizinhas se poder relacionar com a história do Tudense provam-nos que se trata de uma reminiscência ocasional e não de uma consulta directa desta outra fonte.

Assim chegamos à discutida quadra 25, em que novamente se cita uma *escritura* e em que se nos fala de «don Çindus». Longe de poder identificar-se com a *Continuatio Hispana* do século VIII, pouco conhecida e utilizada pelos cristãos do Norte⁽³⁵⁾, a fonte a que se refere o poeta não é senão o *Liber Regum*, o mesmo *escrito* de que nos falava a quadra 14.

Liber Regum

... era Sant Isidre arcebispe en Seullia... Quando foron los godos entrados en España leuuntaron rei de lor lignage et est rei ouo nomne el rei Cindus⁽³⁶⁾ e fo xiano, e quando murie el rei Cindus non lexo fillo nenguno e rremaso la tierra sines rei, e non sacordoron las hientes de la tierra por auer rei e guerrioron

⁽³⁴⁾ *Hispaniae Illustratae*, IV, Francofurti, 1606, pg. 44.

⁽³⁵⁾ V. Claudio Sánchez Albornoz, *La «Crónica del Moro Rasis» y la «Continuatio Hispana»* em *Anales de la Universidad de Madrid*, Letras III, 1934, págs. 229 e segs.

⁽³⁶⁾ A identificação do rei designado com o nome de Çindus e a investigação da origem deste curioso nome, assuntos tratados por Maria Rosa Lida na

se todos unos con otros grandes tiempos e pues accorderonse e fizieron rei por eleccion al rei Bamba, e fo muit buen rei. Era DCC.X. Est rei Bamba establie los arcebispos e los bispados de España dond ad ond fossen. Regno el rei Bamba XII annos e pues empozonolo Eurigius, el nieto del rei Cindus, qui era godo e murie assi e soterroronlo en Bragana. Quando fo muerto el rei Bamba regno Egica, so fillo de Eurigius, daquest qui auia empozonado al rei Bamba, et no regno mas de dos annos. Murie Egica, e rregno el rei Vatzianus qui fo del lignage de los godos. Murie Vatzianus, e rregno el rei Rodrigo en toda España, e fo buen rei e conquirie muito. E pues, por el consello de los fillos de Vatzianus

sua nota, uma vez encontrado aquele antropónimo na fonte imediata do *Poema* deixam de interessar-nos para a determinação das fontes deste, mas passam a importar-nos para a das bases do *Chronicon* navarro-aragonês. Antes de conhecer o trabalho de M. R. Lida identifiquei sem hesitação o predecessor de Bamba no *Liber Regum* com Recesvinto (v. O «*Liber Regum*» e outras fontes do «*Livro das Linhagens*», em *BF*, XI, 1950, pág. 238). A leitura das suas observações fez-me pensar mais detidamente sobre este pormenor. Hesito agora sobre a identificação Cindus = Recesvinto. Mas não me parece absolutamente segura a de Cindus = Chindasvinto. Concluir-se-á do presente trabalho que, contrariamente ao que pensava M. R. Lida, todos os *Cindus*, *Cindo* de textos romances posteriores provêm de uma única fonte — o texto do *Liber Regum*. Isto poderia levar-nos a supor que o aparecimento deste nome — agora, não no *Poema* mas na sua fonte cronística — se deve explicar pela utilização, pelo autor desta última, da *Crónica moçárabe de 754* em que, uma das vezes em que se nomeia Chindasvinto, se lhe chama *Chindas* (§ 35; no § 26, pág. 341, da edição de Th. Mommsen, *Monumenta Germaniae Historica, Auctorum antiquissimorum*, tomo XI, *Chronica minora* secs. IV, V, VI e VII, encontra-se *Chindasuintus*). Mas nenhum outro pormenor apoia esta derivação, que já em si própria não podia deixar de nos parecer estranha (o *Liber Regum* seria o único texto histórico do Norte em cuja redacção, antes de Rodrigo de Toledo, teria sido utilizada a *Crónica moçárabe*). Não há no *Chronicon* o mais leve vestígio do parágrafo da *Continuatio* em que se lê o nome *Chindas*. Fala-se nele por outro lado de que, a Bamba, «empozonolo Eurigius el nieto del rei Cindus qui era godo e murie assi» e na *Continuatio* não há qualquer referência nem ao envenenamento, nem ao parentesco que unia Ervígio a Chindasvinto. Parece-me que a hipótese de uma relação entre a *Crónica moçárabe* e o *Liber Regum* deve ser afastada e creio poder indicar qual a fonte que — embora de longe, muito imperfeitamente, como era aliás seu costume — o autor do texto navarro-aragonês seguiu neste trecho.

Não pode ela ser o *Chronicon Albeldense*, fonte provável de outros passos (v. Serrano y Sanz em *BAE*, VIII, pág. 371, n. 1). Nesta obra não podia o redactor do *Liber Regum* ter colhido as referências ao envenenamento e ao parentesco de Ervígio com Chindasvinto (v. a ed. de Gómez Moreno no *BAH*, C, 1932, pág. 600). Lêem-se elas pelo contrário na *Crónica* que Afonso III redigiu para continuar a história dos godos de Isidoro de Sevilha (v. *BAH*, C, 1932, pág. 610). Nessa *Crónica* se encontram outros trechos importantes com correspondência no *Liber Regum* — como, para só mencionar dois exemplos muito claros, a menção do sepulcro de Rodrigo em Viseu e a lista das cidades conquistadas por Afonso I —

e de so nieto del rei Rodrigo el comte don Iulian, entraron los moros en España. Era DCC.LII (BAE, VI, págs. 207-208).

Poema

25. Quando los reyes godos deste mundo passaron,
fueron se a los cielos, grand reyno eredaron;
alçaron luego rey los pueblos que quedaron,
como diz la escritura, don Cindus le llamaron.

o que já levou Serrano y Sanz a ver na obra do rei asturiano uma das fontes do *Chronicon* (BAE, VIII, 1918, pág. 377). É nela, segundo creio, que se baseiam principalmente os breves parágrafos sobre *Cindus*, *Bamba*, *Ervigio* e *Egica* do *Liber Regum* (onde há no entanto interpolação de notícias de outras origens, como a da divisão de Bamba). Comparem-se, além das referências atrás citadas (BAE, VI, pág. 208 e BAH, C, pág. 610) as frases «pues acordoronse e fizieron rei por eleccion al rei Bamba e fo muit buen rei. Era DCCX» e «ab omnibus in commune electus est Bamba in regno. Era DCCX» (BAH, C, pág. 609).

Mas, ao contrário do que se poderia esperar, a determinação da fonte principal deste passo não resolve o problema da identificação de *Cindus*. Efectivamente, o facto de a *Crónica* de Afonso III começar com Recesvinto, «Recesuindus gotorum rex ab urbe Toledo egrediens...», parece oferecer-nos uma explicação para a ausência de referências no *Liber Regum* a qualquer rei anterior a *Cindus*, que neste caso seria uma deturpação de *Recesuindus*, possível na transmissão manuscrita de textos. Mas quando, adiante, no mesmo *Liber Regum*, se repete o nome de *Cindus*, é para dizer que *Eurigi*us era «nieto del rei Cindus». «Nieto» significa aqui certamente «sobrino» como «nepos» no latim medieval. Segundo Serrano y Sanz, esse significado que se conserva para «nebot» catalão e provençal e que a mesma palavra teve em leonês pelo menos até ao séc. X (v. M. Pidal, *Orígenes del español*, Madrid 1950, § 45,5), manteve-se em navarro-aragonês até ao século XV (BAE, VIII, pág. 372, n. 2). Ora o que a *Crónica* de Afonso III nos diz sobre o parentesco de *Ervigio* com os reis godos anteriores é que «Cindasuindus rex magnifice suscepit (Ardauastum) et ei in conjungio consubrinam suam cedit ex qua conjunctione natus est filius nomine Eruigi» (BAH, C, pág. 610). Estará «nieto del rei Cindus» por «filho da sobrinha de Chindasvinto» como, adiante, «Egica, so fillo de Eurigi» estaria por «marido da filha de *Ervigio*» («Filiam quoque suam... magno uiro Egicani... in conjungio dedit», BAH, C, pág. 610)? Observa-se claramente a grande liberdade e despreocupação com que o autor do *Chronicon* segue esta como todas as suas fontes. As abundantes omissões quer de imperadores romanos, quer de reis godos, quer de reis de Leão, são, por si sós, provas dessa liberdade: nenhuma fonte latina as pode justificar. Voltando ao problema inicial: a quem se quereria referir o pouco cuidadoso autor do *Liber Regum* ao falar de *Cindus*? Só a Recesvinto? Só a Chindasvinto? Primeiro a um, depois a outro? Provavelmente escreve de memória e funde os dois reis, cujos nomes leu, num só, simultaneamente tio de *Ervigio* e primeiro rei godo (primeiro, por ser o primeiro de que falava a sua fonte).

26. Quando reyno *don Cindus*, un buen guerreador,
era San Eugenio d'españones pastor,
en Toledo morava est santo confessor,
Ysidro en Sevilla obispo e señor.

27. Fino se el rey *Cindus*, un natural señor,
a España e Africa ovo en su valor,
dio les pastor muy bueno luego el Criador,
rey Vanba vino luego que fue tal o mejor.

.....

30. Rey fue muy derecho, e de muy grand *natura*,
muy franc e muy ardit, e de muy grand *mesura*,
leal e verdadero, e de muy grand *ventura*,
aquel que l' dio la muerte no l' fallasca *rencura*.

31. Partio todas las tierras, ayunto los bispados,
.....
estableçidos fueron lugares señalados,
como fuessen los terminos a ellos sojuzgados.

32. Fue toda esta cosa puesta en buen estado,
pesava con su vida muy fuerte al pecado ;
dio l'yerbas e murio rey Vanba aponçoñado ;
en paraíso sea tan buen rey eredado.

33. Reyno despues un rey, Egica fue llamado ;
dos años que non mas visco en el reynado,
a cabo de dos años del siglo fue sacado :
non peso al su pueblo, que fue malo provado.

34. Luego fino Egica, a poca de sazon,
finco en Vautiçanos toda la region,
est niño de los godos, poderoso varon,
omne de grand esfuerço e de grand coraçon.

35. Fino se Vautiçanos, reyno rey don Rodrigo ;
avian en el los moros un mortal enemigo,
era de los cristianos sonbra e grand abrigo ;
por culpa en que era non le era Dios amigo.

.....

41. Fijos de Vautiçanos non devieran nasçer,
que esos començaron traición a fazer ;
volvio lo el diablo, metio í su poder :
esto fue el escomienço de España perder.

Suprimi as estrofes 28 e 29. Nelas, ao falar de Bamba, não quis o poeta deixar de acrescentar um resumo da lenda conhecida então por toda a gente, segundo ele próprio nos diz: «Vanba, aqueste rey, com a vedes oido...». Quanto à referência elogiosa a Vitiza (34 d) não passa de um arbitrário aditamento aos dados da fonte, destinado a dar à estrofe um necessário quarto verso. As estrofes 37 a 40, que também não transcrevi, contêm a descrição da felicidade da Espanha sob o domínio godo. Trata-se evidentemente de uma digressão do poeta que antes de tratar da «destruição da Espanha» pelos invasores muçulmanos quis insistir no seu estado florescente em tempo dos Godos.

Quanto à estrofe 36, une-se à 42 e seguintes onde se descreve demoradamente a invasão. Esta parte do Poema foi estudada por Menéndez Pidal em *El rey Rodrigo en la Literatura*. Numa nota resume o romanista: «El Fernán González contiene noticias propias o que el poeta sabía por tradición pero al exponerlas toma por guía al Tudense, según se observa en la alusión a los «fijos de Vautiçanos», en la ocasión en que los recuerda, en la mención del sepulcro de Viseo, en el elogio de España, etc.»⁽³⁷⁾. Creio que, a não ser no caso do elogio de Espanha, também aqui se tem de substituir o *Tudense* pelo *Liber Regum*. Pela parte final do confronto anterior, vemos que a menção dos «fijos de Vautiçanos» se deve certamente à influência da fonte navarro-aragonesa. Nesta se encontra também um parágrafo dedicado ao sepulcro de Viseu directamente derivado, como o do Tudense, da *Crónica* de Afonso III⁽³⁸⁾. A breve descrição da «destruição da Espanha» que se encontra no *Liber Regum* contêm,

(37) M. Pidal, *El rey Rodrigo*, pág. 46, n. 1.

(38) É o seguinte o trecho do *Liber Regum* dedicado à invasão: «Era DCCLII. A la sazón que regnaua el rei Rodrigo en Espanna uinieron d Affrica el rei Aboali e Aboçubra. Et era rei en Marruecos el rei Amiramozlemin, e estonz uino Taric en España e arribo a Gibaltaric. Est rei Aboçubra e Aboali e Omiramozlemin, con otros Reies muitos e con grandes poderas de moros uinieron al rei Rodrigo a la batalla e lidieron con el en el campo de Sagnera. En la primera fazienda foron mal treitos los moros. Mas pues cobraron e foron rancados los xianos. En aquella batalla fo perdido el rei Rodrigo, e no lo troboron ni muerto ni biuo. Mas pues, a luengos tiempos, en Uiseu, en Portugal, troboron un sepulcre que dizian las letras qui desuso eran escritas que alli iazia el rei Rodrigo, el qui fo perdido en la batalla en el tiempo de los godos.» (BAE, VI, pág. 208). Compare-se a parte final com os versos:

del rey essas oras non sopieron mandado.

além disso, pormenores que oferecem correspondência exacta com passos da longa narração do *Poema*, sem que se possa determinar em vários casos se o texto deste se baseia no da fonte histórica ou se poema e cronicão coincidem porque ambos seguem versões semelhantes do *Cantar de Rodrigo*.

Do que não pode haver dúvidas, perante a extensão e pormenorização do trecho do *Poema* consagrado à lenda, é de que o seu autor conhecia directamente uma versão do *Cantar*. A ela se refere quando, para a seguir, abandona a simples narração do *Liber Regum*: «El conde don Yllan, bien a vedes oïdo / commo ovo por las parias a Marruecos troçido».

Será de esse cantar que provém os nomes de *Vusarbán* ⁽³⁹⁾ e de *Sangonera* ⁽⁴⁰⁾ que se lêem no *Poema*? Assim parece pensar Menéndez Pidal ⁽⁴¹⁾ e assim supôs, quanto a *Sangonera*, Sánchez Albornoz ⁽⁴²⁾ no interessante estudo que dedicou a este topónimo. Contudo, ambas as palavras têm origem erudita: *Vusarvân*, *Vursavân* é uma deturpação do nome de *Abu Zara* ⁽⁴³⁾, *Sangonera* é o resultado da identificação com um rio desse nome, de *Sagonera*, *Sigonera*,

84. En Viseo fallaron pues una sepultura
do avie en pitafio escrita la mestura :
«Aquí yaz don Rodrigo, un rey de grand natura,
el que perdió la tierra por su desaventura».

Para a reconstituição do segundo verso da estr. 84, baseou-se Menéndez Pidal no trecho do Tudense em que via a fonte deste passo «sepultura in qua epitaphium est superscriptum», e numa estrofe do *Poema de Alexandre* (v. ASNS, CXIV, 1905, págs. 243-256 e *Reliquias*, pág. 174). Marden e Zamora Vicente mantêm a lição do ms.: «el cual yazia en un sepulcro escrito desta figura». A comparação com o *Liber Regum* não apoia a correcção de Menéndez Pidal: embora a lição do códice escurialense não pareça satisfatória, as palavras *sepulcro* e *escrito* que se encontram na fonte e nela aparecem, devem provir da forma primitiva do verso.

⁽³⁹⁾ Estr. 43 b, 44 b.

⁽⁴⁰⁾ Estr. 78 c.

⁽⁴¹⁾ Inclui este nome no resumo que faz da forma da lenda de Rodrigo mais divulgada por 1250. V. *El rey Rodrigo*, págs. 46-50. Atribui no entanto ao nome origem erudita, como adiante indico (n. 43).

⁽⁴²⁾ C. Sánchez Albornoz, *De Sidonia a Segoyuela*, RFH, VI, 194, págs. 191-196: «Se pasó a decir, hemos escrito, porque probablemente la palabra Sigonera se usó en el *Cantar de Rodrigo*» (195).

⁽⁴³⁾ M. Pidal, *El rey Rodrigo*, pág. 48, n. 3.

forma a que tinha conduzido um erro de interpretação da abreviatura ñ em *Sidoña*: Sidonia > Sidoña (= Sidonna) > Sidonera.

Mas, no *Liber Regum*, já encontramos ambos os nomes próprios: *Vusarván* sob a forma *Aboçubra*, *Sangonera* sob a forma *Sagnera* ⁽⁴¹⁾. Além do *Fernán González*, de todos os textos que reflectem a mesma variante da lenda, ou seja a mesma versão do *Cantar de Rodrigo*, só o *Fuero de Navarra* alude aos mencionados personagem e lugar. E a narração do *Fuero* depende directamente da do *Liber Regum*, como uma rápida comparação demonstra com evidência ⁽⁴²⁾. O *Aboçubra* do *Liber Regum* é, no *Fuero*, *Aibozubra*; *Sagnera* é *Sangonera*. Tudo isto parece indicar que estes nomes foram colhidos, tanto pelo autor do *Poema de Arianza* como pelo do *Fuero de Navarra*, na breve crónica navarro-aragonesa.

No entanto, se a fonte imediata do *Aboçubra* do *Liber Regum* está sem dúvida no *Abuzubra* da *Crónica Profética*, base fundamental, com a *Crónica de Afonso III*, desta parte do texto do séc. XIII ⁽⁴³⁾, qual a origem da menção que nele se faz do *Campo de*

⁽⁴¹⁾ Não o tinha observado Menéndez Pidal em 1925, ao escrever *El rey Rodrigo*, nem, em 1944, Sánchez Albornoz, que só se refere ao aparecimento da palavra *Sigonera*, *Sagonera* «en varias fuentes poéticas, literarias, jurídicas y históricas, datadas en la segunda mitad del siglo XIII y en los siglos inmediatos», quando podia falar da primeira metade do referido século. No livro *Epopeya y Romancero*, em publicação em 1936, já Menéndez Pidal editava entre os textos que transmitem a lenda de Rodrigo um extracto do *Liber Regum*. O mesmo extracto se pode ver nas *Reliquias*, págs. 12-13.

⁽⁴²⁾ Compare-se o trecho acima citado do *Liber Regum* (nota 38) com o seguinte extracto do *Fuero* (transcrito de M. Pidal, *Reliquias*, pág. 17): «Por grant traycion quano moros conquirieron a Espaynna sub era de DCC^{ma} et dos aynnos, por la traycion que el rey don Rodrigo fijo del rey Jetiziano fezo al conde don Julian su sobrino, que se li jago con su muger, et ovo enviado el su sobrino a los moros; et despues por la grant traycion, onta et pesar que ovo el conde don Julian, ovo fabla con moros con el Miramomelin rey de Marruscos et con Albozuba et con Alboali et con otros reyes moros, et fezo sayllir a la bataylla al rey don Rodrigo, entre Murcia et Lorca, en el campo de Sangonera, et ovo hy grant mortaldat de Crisptianos, et perdióse hy el rey don Rodrigo, qui a tiempos fue trobado el cuerpo en Portugal en un sepulcro, et avya hi escripto que ailli yacia el rey don Rodrigo».

⁽⁴³⁾ Confronte-se o passo do *Chronicon Villarense* citado na nota 38 com os seguintes: 1.º Da *Crónica Profética*: «Ruderico regnante gotis Spanie anno regni sui tertio ingressi sunt sarraceni in Spania filio III idus nouembris era DCCLII. Regnante in Africa Ulid, amir alumuminin filio de Abdelmelic anno arabum centesimo era et anno quo supra ingressus est Abuzubra sub Muza ducem in Africa comanente et maurorum patrias defecante. Alio anno ingressus est Taric... Tertio anno prelio jam eodem Taric agente cum Ruderico ingressus est

Sagnera? Nenhum texto histórico cristão anterior ao Toledano fala de *Sidonia*, *Sidonna* ou *Sidonera*. Não terá o autor do *Liber Regum* conhecido esse nome através da mesma fonte que o informou sobre a responsabilidade de «so nieto del rei Rodrigo el comte don Julian» na entrada dos mouros em Espanha? Essa fonte não foi nenhuma crónica⁽⁴⁷⁾. Só podia ser a lenda tal como a contava um cantar. Por outro lado, se admitirmos a explicação de Sánchez Albornoz, como creio que o devemos fazer, encontramos, na passagem de *Sidonera* a *Sigonera*, uma confusão acústica de *g* por *d*, que facilmente se pode produzir na transmissão oral, mas dificilmente na escrita. Não se mencionaria o campo de *Sagonera* tanto no *Cantar*, fonte do *Liber Regum*, como no que conheceu o monge de Arlanza? O próprio *Vusarbán* do *Poema* é possível, mas não fácil, de explicar partindo do *Aboçubra* do *Chronicon*, se só se admite a transmissão escrita.

É possível que estejamos perante reminiscências do texto do *Liber Regum* nos versos: 72 c — «arrivaron al puerto que dizen Gibraltar» < «arribo a Gibaltaric»; 79 c e d — «fueron de la primera los moros arrancados / cojieronse con todo essora los cruzados» < «En la primera fazienda foron mal treitos los moros. Mas pues cobraron e foron rancados los cristianos»; 83 d — «del rey essas oras non sopieron mandado» < «e no lo troboron ni muerto ni biuo». Dele deriva certamente, como vimos, a estrofe 84, em que se fala do sepulcro de Viseu.

Mas só se volta a seguir com alguma continuidade esta fonte na

Muza iben Nuzeir et periit regnum gotorum» (Ed. M. Gomez-Moreno — *Las primeras crónicas de la Reconquista*, BAH, C, 1932, pág. 625); 2.º da *Crónica de Afonso III*: «De Rudericus uero rege cuius jam mentionem fecimus non certum cognouimus interitum ejus. Rudis namque nostris temporibus quum ciuitas Uiseo et suburbis ejus jussum nostrum esset populatus in quadam ibi baselica monumentus inuentus est ubi desuper epitafion hujusmodi est conscriptus. Hic requiescit Rudericus ultimus rex gotorum» (Redacção primitiva, ed. Gómez-Moreno, *ibidem*, pg. 612; cf. ed. Z. Garcia Villada, Madrid, 1918, págs. 106-107 e redacção refundida pelo bispo Sebastião, pág. 61).

(47) A mais antiga das Crónicas cristãs que falam de Julião e a única anterior ao *Liber Regum* — a *Silense* de inícios do século XII — não foi certamente conhecida pelo autor do *Chronicon*. Não há qualquer coincidência entre as duas obras, a não ser no facto de ambas atribuírem a responsabilidade da invasão à traição de Julião e dos filhos de Vitiza. V. Menéndez Pidal, *El rey Rodrigo*, págs. 37-39, e a edição de Santos Coco, Madrid 1921, págs. 13-15.

estrofe 115, ao falar-se de Pelaio. E, mesmo aqui, o poeta mistura alusões a lendas com a glosa do cronicão:

Liber Regum

«E fizieron rei por election al rei don Pelaio qui estaua en una cueva en Asseua. Est rei don Pelaio fo muit buen rei e leial. E todos los xianos qui eran en las montannas acullieron se todos ad el e, guerreiron a moros e fizieron muitas batallas e uencieronlas» (BAE, VI, pág. 208).

Poema

115. Dixo les por el angel que Pelayo buscassen,
que l' alçassen por rey e que a el catassen,
en manparar la tierra todos le ayudassen,
ca el daria ayuda por que la anparassen.
116. Buscaron a Pelayo commo les fue mandado,
fallaron lo en cueva fanbriento e lazado,
besaron le las manos e dieron le el reynado;
ovo lo rescebir pero non de su grado.
117. Rescibio el reynado, mas a muy grand amidos
tovieron se con el los pueblos por guaridos;
sopieron estas nuevas los pueblos descreidos,
pora venir sobre ellos todos fueron movidos.
118. Do sopieron que era venieron lo buscar,
començaron le luego la peña de lidiar,
alli quiso don Cristo grand miraglo mostrar,
bien creo que lo oyestes alguna vez contar.

Como já Marden notou⁽⁴⁸⁾, as quadras referentes à eleição de Pelaio estão visivelmente influenciadas pelas que se referem a Bamba. Nenhum outro texto diz que Pelaio tenha aceiteado o poder de má vontade. Nas estrofes 119-120 conta-se o «milagre» a que aludem os versos 118 c e d: trata-se da lenda segundo a qual as armas lançadas contra os cristãos em Covadonga voltavam para trás e atingiam os próprios mouros atacantes.

Como também indicou Marden, esta tradição, muito espalhada no século XIII no dizer do próprio autor do *Poema* («bien creo que lo oyestes alguna vez contar») tinha sido anteriormente recolhida nas

(48) Marden, *Poema*, pág. 171.

suas histórias pelo Silense, por Afonso III, pelo Toledano e pelo Tudense. É com a narração do *Chronicon Mundi* deste último — neste ponto abreviação da *Historia Silense* — que o *Poema* oferece aqui maior número de coincidências ⁽⁴⁹⁾. São por vezes textuais e não deixam a menor dúvida sobre o conhecimento da obra do bispo de Tui pelo poeta de Arlanza.

Chronicon Mundi

«Tunc cerneret saxa intermissis iaculis sicut densissimas pluuias euolare contra beatam speluncam sed in hoc turbine iaculorum et lapidum qualiter diuina manus quae percutit et sanat pro Christianis pugnaverit ex eo potest aduerti, quod lapides et iacula a sarracenis emissa contra eos retorquebantur et maximam Sarracenorum multitudinem prostrauerunt. Barbari autem ubi non solum ad peragendum negocium quod volebant se nihil proficere sed maximam suorum partem vident prostratam armis suis, confusi turbatique retrocedendo speluncam oppugnare destiterunt» ⁽⁵⁰⁾.

Poema

119. Saetas e quadricllos quantas al rey tiravan
a el nin a sus gentes ningunas non llegavan
tan iradas com ivan tan iradas tornavan,
si non a ellos mismos a otros non matavan.
120. Quando vieron los moros a tan fiera fazaña
que sus armas matavan a su misma compañía
desçercaron la cueva, salieron de montaña :
tenian que les avia el Criador grand saña.

Não se deve aqui tratar de uma pura reminiscência, como na estrofe 21. O autor do *Poema* parece ter consultado o texto antes de redigir estas quadras. Voltou no entanto logo ao da sua fonte principal para, depois de uma estrofe de transição — 121 —, o seguir com mais fidelidade do que nunca nas quadras 122 a 126. Vejamos, por exemplo, as quadras referentes a Afonso I:

⁽⁴⁹⁾ O Toledano apenas se refere ao milagre nestas linhas: «Tunc Alchaman praecepit fundibulariis, sagittariis, iaculariis, ostium speluncae fortiter impugnare. Sed Dei manu pro suis conclusis misericorditer dimicante lapides, sagittae et iacula in emissorum intentu vertebantur, sique tali iudicio ferme XX. millibus Arabum interfectis, coeteri quasi vertigine turbabantur. Quod Pelagius cum vidisset...» *Hispaniae Illustratae*, II, pág. 70, ls. 20-24.

⁽⁵⁰⁾ *Hispaniae Illustratae*, IV, pág. 72, ls. 30-37.

Liber Regum

«El rei don Pelaio ouo una filla e dieronla por muller a don Alfonso, al fillo del sennor don Pedro de Cantabria, e leuantoronlo rei e guerrieron a moros e fizieron muitas batallas e uençieronlos. Est rei don Alfonso conquirie Jougo de moros, e Tub e Portugal e Bragana e Viseu, Flauia, e Delesma e Salamanca, Çamora e Astorga e Leiton e Siethmancas e Saldanna e Sogouia e Sepulbega e Maia. Todas estas priso de moros e poblo las de xianos. Gallicia et Asturias et Alaua e Bizcaia et Urdouna e Dearri e Berueça, tot siempre foron de xpianos que nunqua no las perdieron.» (BAE, VI, págs. 208-209).

Poema

123. Fija de rey Pelayo, dueña muy enseñada,
con señor de Cantabria ovieron la cassada;
dixeron le Alfonso, una lança dudada,
gano muy fiera tierra toda con su espada.
124. Este gano a Viseo que es en Portugal,
despues gano a Bragana, reygno arçobispal,
Estorga e Çamora, Salamanca otro tal,
gano después Amaya que es un alto poyal.

Ao falar de Afonso, o Casto, lembrou-se o poeta da lenda de Bernardo del Carpio. No *Liber Regum* não se encontrava nenhuma referência ao célebre cavaleiro. O autor do *Poema* sentiu a necessidade de fazer uma nova digressão:

«Emos esta razon por fuerça d'alongar / quiero en el rey Carlos este cuento tornar». Demoradamente, da estrofe 127 à 144 (143 de *M.* e *Z.*) fala-nos das façanhas de Bernardo. Como observou Menéndez Pidal, há no seu relato algumas coincidências com o Tudense⁽⁵¹⁾. Milá y Fontanals e Marden, como dissemos, referiram-se a alguns pontos de contacto com a *Historia Turpini*⁽⁵²⁾. Num e noutro caso, creio que se trata de simples reminiscências. A fonte verdadeiramente seguida foi certamente o próprio *Poema de Bernardo*. Parece-me que a tendência a menosprezar na crítica da Introdução do *Poema* a influência da tradição oral tem sido um pouco exagerada. Como temos podido observar, essa introdução é sem dúvida, na sua maior parte, simples glosa de textos históricos. O seu autor tinha-os presentes, não apenas na memória, mas, em certos casos, muito concretamente, sobre a estante em que escrevia. Só assim se explica a fidelidade com que os segue. Mas estava-se em 1250.

(51) *Notas para el Romancero de Fernán González*, págs. 448-449.

(52) Marden, *Poema*, págs. XXXIV-XXXV.

O poeta ia passar para o metro e para a estrofe dos cultos, para a «cuaderna vía», o poema tradicional em que se cantavam as façanhas do primeiro Conde de Castela. Não era este certamente o único cantar que tinha ouvido. Ao rimar o *Chronicon* que lhe serve de guia para a sua introdução histórica, vêm-lhe outros à memória. E abandona o texto histórico para, nalgumas quadras, recordar alguns dos episódios principais das lendas. Vinte anos antes, fazia-o no seu latim D. Lucas de Tui. O monge de Arlanza conhecia o *Chronicon* do bispo leonês. Nada há que estranhar em que, ao evocar os cantares que conhecia directamente, lhe viessem ao espírito expressões semelhantes às que lera na prosificação pelo Tudense desses mesmos cantares ou de outros muito semelhantes. Nas quadras dedicadas a Rodrigo, fala-se, como no Tudense, do conselho traidor de Julião para a destruição das armas e da tomada de Sevilha antes da batalha decisiva. Mas do mesmo conselho, da mesma tomada de Sevilha e, além disso, da fingida antropofagia dos invasores — a que se refere também o *Poema*, mas não o Tudense — fala o bispo São Pedro Pascual (1227?-1300) a propósito de Vitiza. Isto levou Menéndez Pidal a afirmar que o aparecimento desses pormenores no *Fernán González* não se deve à influência de qualquer texto histórico, mas sim à de uma versão da lenda de Rodrigo aparentada com a da lenda de Vitiza conhecida pelo santo bispo⁽⁵³⁾. Quanto a Bernardo, é certo que a estrofe 127 recorda uma frase do Tudense — aquela em que se diz «Tunc Carolus scripsit Regi Adefonso vt sibi esset subditus et vasallus»⁽⁵⁴⁾ — e é possível que dela se lembrasse o poeta ao começar a sua adaptação de um trecho do *Cantar*. Mas, da estrofe 128 em diante, as semelhanças observadas por Menéndez Pidal, entre a primeira batalha descrita no *Poema de Fernão Gonçalves* e a derrota que segundo o *Chronicon Mundi*, Bernardo e Muça infligem a Carlos III de França, e entre o segundo encontro do *Poema* e o do mesmo Bernardo (agora aliado de Marsílio) com Carlos Magno, parecem-me dever-se antes atribuir a pontos de contacto entre os Cantares que conheceram e aproveitaram o bispo de Tui, antes de 1236, e o poeta de Arlanza, cerca de 1250, do que à influência directa da história latina sobre o poema romance.

(53) *El rey Rodrigo*, pág. 49, n. 1 (V. a nota 10 deste estudo).

(54) *Hispaniae Illustratae*, IV, pág. 72, ls. 30-37. No *Poema*: «quiero en el rey Carlos este cuento tornar: ovo al rey Alfonso mandado d'enviar, / que venie en España pora gela ganar».

Muito diferente é o caso do elogio de Espanha que ocupa as estrofes 145 a 158 (144 a 157 de *M. e Z.*). Este elogio é um lugar comum, não dos Poemas, como a oração que se lê na parte consagrada à destruição de Espanha (estrofes 105-113)⁽⁵⁵⁾, mas das crônicas. A transição feita na quadra 153 (152 de *M. e Z.*) do louvor da terra aos varões ilustres, começando por Santiago, só se encontra numa delas — a de Lucas de Tui — e esta coincidência indica que foi a sua história a fonte principal seguida pelo poeta, como o disse Menéndez Pidal (48). Os traços que vêm de S. Isidoro, apontados por Marden, serão simples reminiscências ou provirão, como já sugeriu o próprio Marden, de algum texto do Tudense mais completo do que o publicado por Schott?

Na estrofe 159 (158 de *M. e Z.*), previne-nos o poeta de que vai terminar a sua longa digressão, voltando à sua fonte primitiva: «Pues quiero me con tanto desta razon dexar / temo m' si mas dicesse que podria errar / otrosi non vos quiero la razon alargar, / quiero en don Alfonso, el Casto rey, tornar».

E, efectivamente, as quadras 160 a 165 (159 a 164 de *M. e Z.*) e ainda parte da 166 (165) são uma glosa fiel do *Liber Regum*. Nelas se alude ao interregno que, segundo o relato deste, se seguiu à morte de Afonso II e se faz referência à eleição dos juizes de Castela com que esse interregno teria terminado. Observe-se a perfeita correspondência entre a fonte e a sua glosa poética:

Liber Regum

«E quando murie el rei don Alfonso alli lo soterroron sos omnes, e alli iaze. Est rei dom Alfonso non lexo fillo ninguno, ni non remaso omne de so lignage qui mantouiesse el reismo, e estido la tierra assi luengos tiempos. E pues acordoronse e eslieron dos iudices porques cabdellasen destos dos iudices: el uno ouo nomne Nunno Rasuera e el otro ouo nomne Lain Calbo. De el lignage de Nunno Rasuera uino l'emperador de Castiella. E del lignage de Lain Calbo uino mio Cith el campiador. Nunno Belchidez ouo fillo a Nuño Rasuera. Nunno Rasuera ouo fillo a Gonçalbo Nunnez». (*BAE*, VI, pág. 209).

(55) Sobre este tipo de orações — lamentações nos poemas épicos, v. *Poema de Mio Cid*, edición y notas de R. Menéndez Pidal, Madrid 1940 (Clásicos Castellanos 24), págs. 34-36, e, do mesmo autor, *Historia y Epopeya*, Madrid 1934, págs. 121-122.

Pocma

160. Rey fue de grand sentydo e de muy grand valor,
siervo fue e amigo mucho del Criador,
fue se d'aqueste mundo pora el otro mejor,
finco toda la tierra essora sin señor.
160. Eran en muy grand coita españones caidos,
duraron muy grand tienpo todos desavenidos ;
comme omnes sin señor, tristes e doloridos,
dizien : «Mas nos valdria nunca seer nascidos».
162. Quand vieron castellanos la cosa assi ir,
e pora alçar rey no s' podian avenir,
vieron que sin pastor non podian bien vevir,
posieron quien podiesse los canes referir.
163. Todos los castellanos en uno s'acordaron,
dos omnes de grand guisa por alcaldes alçaron,
los pueblos castellanos por ellos se guiaron :
que non posieron rey grande tienpo duraron.
164. Dire de los alcaldes quales nonbres ovieron,
dende en adelante los que dellos venieron ;
muchas buenas batallas con los moros fecieron
con su fiero esfuerço grand tierra conquirieron.
165. Don Nuño fue el uno, omne de grand valor,
vino de su linaje el buen enperador ;
el otro don Layno, el buen guerreador,
vino de su linaje el Çid Canpeador.
166. Fi de Nuño Rasuera, omne bien entendado,
Gonçalo ovo por nonbre, omne muy atrevudo,
anparo bien la tierra, fizo quanto fer pudo,
este fue referiendo al pueblo descreudo.

A margem, anotarei que, para o 2.º verso da estrofe 165, a lição do ms. escurialense é a que se lê no trecho da edição de M. Pidal que transcrevi: «vino de su linaje el buen emperador»; nos mans. da *Crónica* de Arredondo em que a quadra se conserva, lê-se no entanto «vino de su linaje el conde batallador», versão que Marden preferiu por lhe parecer mais lógica; Zamora Vicente respeitou a correcção de Marden. Numa nota, o professor norte-americano justificava a adopção da variante de Arredondo, tentando explicar com alguma

dificuldade o suposto afastamento da lição do ms. do Escorial⁽⁵⁶⁾. A comparação com o *Liber Regum* vem demonstrar que é a lição desse manuscrito que mais próxima está da fonte e que, como fez Menéndez Pidal, a devemos preferir. O *conde batallador* de Arredondo provém de uma correcção, com que se pensou ligar mais intimamente o verso ao tema principal do Poema, isto é, de uma correcção feita por motivos semelhantes aos que levaram Marden a aceitá-la.

Na estrofe 166 termina a utilização do *Liber Regum* no *Poema de Fernão Gonçalves*. É certo que o *Chronicon* diz: «Gonçalbo Nuñez ouo fillo al comte Fernand Gonçalbez». Mas nem ele nem qualquer outro texto anterior conhecido nos fala dos irmãos do primeiro conde de Castela a que o *Poema de Arlanza* alude: «Ovo Gonçalo Nuñez tres fijuelos varones». O poeta está aqui com certeza seguindo fontes de tipo tradicional.

O *Liber Regum*, fonte do *Laberinto* de Juan de Mena

Não é de admirar que nas mãos do poeta de Arlanza estivesse o incompleto compêndio de história geral redigido uns cinquenta anos antes num mosteiro navarro-aragonês. O mesmo não se poderá dizer do facto de, cerca de 1444, esse mesmo compêndio ser uma das fontes utilizadas pelo culto Juan de Mena, poeta e, pelo menos teoricamente, cronista de D. João II de Castela.

Folheemos o *Laberinto*⁽⁵⁷⁾. Preparando o final da sua obra, vemos o poeta pedir à Providência que lhe revele o que no céu se dispõe a respeito de seu senhor, o rei. Para assegurar-lhe que «... tan e tan alto favor de loores / sus fechos ilustres a sua rey darán / que en su largo tienpo del todo serán / con él olvidados sus antecessores», começa ela por lembrar os feitos desses antecessores (estrofes 272 e seguintes)⁽⁵⁸⁾. A menção de *Gerión* do primeiro verso é provavelmente de origem clássica. Mas o *Çindo* do segundo — primeiro rei godo citado — é o já nosso conhecido *Çindus* do *Liber Regum* e do *Fernão Gonçalves*. E o quarto verso «uno primero de los bateados»,

(56) *Poema de Fernán González*, pág. 174.

(57) Sirvo-me da edição de José Manuel Blecua: Juan de Mena, *El Laberinto de Fortuna o Las Trescientas*, Madrid 1943 (Clásicos Castellanos 119).

(58) Juan de Mena, *Laberinto*, ed. cit., págs. 138 e sgs. (estrofes 272 e sgs.).

não é senão uma glosa do «fo xiano» do *Chronicon* navarro-aragonês⁽⁵⁹⁾. Segue-se, como nele, Bamba «rey de Castilla (sic!) que primero puso / terminos justos a los obispados» (*No Liber Regum*: «Est rei Bamba estableie los arcebispados e los bispados de España donde a dond fossen») (60). De Bamba salta-se, ainda como no *Liber Regum*, para Egica, sem falar do reinado de Ervígio; o verso «bisnieto de Çindo e fijo de Eurigo», de que trata Maria Rosa Lida na nota acima citada, não é senão uma combinação das frases «el nieto del rei Cindus», que na fonte se segue ao nome de Eurigius, e «so fillo de Eurigius», que se segue ao de Egica (61). *Vitisauris* é uma deformação de *Vatizanus*. Rodrigo, Pelaio e Favila apenas se mencionam de passagem. Mas, ao falar de Afonso I, o poeta indica os nomes das cidades que este rei tomou aos mouros e todos esses nomes, provenientes da *Crónica de Afonso III*, estão no *Liber Regum* (62). De Fruela, conta Juan de Mena que matou seu irmão e,

(59) BAE, VI, pág. 207.

(60) BAE, VI, pág. 208.

(61) BAE, VI, pág. 208. Cf. com a nota 14 deste artigo. Como vimos na nota 36, o autor do *Liber Regum* não recordava com precisão o parentesco entre os reis visigodos. Mena não fez senão deduzir do *Eurigius* «nieto del rei Cindus» e pai de Egica de que ele falava, o Egica «bisnieto de Çindo». Ao fazê-lo enganou-se sobre o verdadeiro significado de «nieto» no texto navarro-aragonês (v. a citada nota 36).

(62) Compare-se: «Est rei don Alfonso conquirie Jougo de moros, e Tub e Portugal e Bragana e Viseu, Flauia, e Delesma e Salamancha, e Çamora e Astorga e Leiion e Siethmanças e Saldanna e Sogouia e Sepulbega e Maia. Todas estas priso de moros e poblolas de xianos. Gallicia et Asturias et Alaua e Bizcaia et Urdouna e Dearri e Berueça. tot siempre foron de xpianos que nunqua no las perdieron» (BAE, VI, pág. 209) com:

275. Fabila olvidado será en aquella ora,
e los claros fechos de Alfonso el primero.
aquel que a Segovia ganó de guerrero,
Braga, la Flavia, Ledesma, e Çamora,
e a Salamanca nos dió fasta agora,
Astorga, Saldaña, Leon e Simancas,
Amaya, e Viseo, faziéndolas francas
de moros con mano jamás vencedora.

276. Conquiso Sepúlveda con lo ganado,
Ernés, Portugal, e poblólas luego
de gente de Asturias e mucho gallego,

se nos diz que a sua própria morte foi triste, é porque sabe que «por la auileza que fizo matoronlo sos omnes» ⁽⁶³⁾. Assim como no *Liber Regum*, no *Laberinto* não se fala nem de Aurélio, nem de Silo, nem de Mauregato, nem de Vermudo I; menciona-se Afonso, o Casto, e a construção, por este rei, de São Salvador de Oviedo e passa-se bruscamente do seu reinado à eleição dos juizes de Castela, esquecendo todos os outros reis de Leão. Dos juizes, salta-se para Fernando I e para seus filhos Sancho e Afonso. Este último, devido às omissões que apontei, é o terceiro Afonso mencionado no *Liber Regum*: é este facto que explica que, no seu *Poema*, Mena lhe chame «Alfonso el tercero». O poeta passa tão rapidamente sobre o rei Magno, seus filhos, seu neto Afonso VII («el quarto Alfonso») e Sancho III («segundo» no *Laberinto*) que não podemos afirmar nem negar que a estrofe 279 se baseie ainda no *Liber Regum*. As referências a Afonso VIII e a Henrique I da estrofe seguinte já não podem provir desta fonte. O *Laberinto* alude à batalha das Navas e à morte de Henrique I em Palencia: nem o *Liber Regum*, anterior à batalha, nem a sua refundição castelhana, posterior a ambos os acontecimentos, o fazem. A refundição fala, é certo, da morte do filho de Afonso, o Nobre, mas não indica o lugar onde se deu. Para estes reinados e para os posteriores, segue Juan de Mena outra fonte ou a tradição.

Na sua redacção original ou na sua tradução castelhana, conheceu, portanto, o poeta da corte de D. João II a antiga fonte navarro-aragonesa. Não podemos, com efeito, supor que a tenha utilizado através das suas derivações em crónicas e sumários de história geral do século XIV. Nesses textos, o *Liber Regum* sofreu ampliações de que não há vestígios no *Laberinto* ⁽⁶⁴⁾. Por que se terá servido o culto

gentío que vino de buelta mesclado,
e de viscaínos fué parte poblado;
mas quanto tú oyes que fizo aquel rey
mediante de todo la divina ley
será con lo deste jamás olvidado.

(Ed., cit., pág. 140)

Note-se como os últimos versos, apesar de não reproduzirem o sentido da última frase transcrita do *Liber Regum* (sendo antes uma glosa do anterior «poblolas de xianos»), contém vários ecos vocabulares da referida frase nas alusões ao repovoamento por «gente de Asturias», «mucho gallego», «viscaínos».

⁽⁶³⁾ V. estrofe 277 e BAE, VI, pág. 209.

poeta quatrocentista desse compêndio rudimentar como guia para a sua rápida revisão da história passada de Espanha? Por julgá-lo, dada a sua brevidade e as suas próprias omissões, um modelo cómodo para uma lista que não precisava de ser completa? Ou por não ter presente outra fonte para a história antiga de Espanha? O Tudense é citado uma ou outra vez nas suas obras ⁽⁶⁵⁾. Mas a completa ausência no trecho que estudei de qualquer tentativa para corrigir e completar os dados do *Liber Regum*, pelo menos em pontos essenciais, a infelicidade de certas glosas (por exemplo: Bamba «rey de Castilla», Egica «bisnieto de Çindo», Afonso VI chamado «el tercero» e Afonso VII «el quarto») parecem revelar que, apesar de nomeado cronista pelo seu rei e protector, Mena só de uma forma bastante vaga conhecia o passado da sua própria pátria.

LUÍS FILIPE LINDLEY CINTRA

(65) V. Introdução de J. M. Blecua à ed. cit., pág. XXVII e pág. X, n. 3.

Miscelânea

Port. *perto*, *preto*, *apertar*; esp. *prieto*, *apretar*;
it. *pretto*, *apprettare*, etc

No tomo IX deste *Boletim* (págs. 79-84) já mostrámos que o advérbio português *perto* (ant. *preto*), o verbo *apertar* (ant. *apretar*) [$>$ *aperto*] e certamente o adjectivo *preto* se baseavam num protótipo latino *PRETTUS (e *APPRETTUS) por (e ao lado de) PRESSUS (e APPRESSUS), part. de *prēmēre*..., acrescentando que a mesma origem deviam ter o esp. *prieto* e *apretar* [$>$ *aprieto*], o logud. *prettu*, o calab. *apprettare* [$>$ *apprettu* ou *appriettu*], o sicil. *apprittari*, o napol. *apprettá*, etc. Seriam formas próprias da România ocidental (sul e ocidental) em perfeita correspondência com o it. *presso* (e *apresso*), *pressare* e *appressare*, fr. *près* (e *après*) e *presser*, prov. *près*, etc., estas baseadas em *prēssus* (e *apprēsus*), conforme se indicou num quadro.

Quanto à alternativa *t/s* dos temas do supino, note-se que os etimologistas do latim consideram o verbo *prēmēre* (especialmente as formas do perfeito *pressi* e do supino *prēssum*) baseadas num tema **prēt-* (**prēt-tum*), indo-europ. *pr̥t̥* - (cfr. Walde-Hofmann, *L. E. W.*³, e Ernout-Meillet, *D. E. L. L.*, s. v. *premo* e *proelium*).

O étimo geralmente admitido desde Diez — *adpectorāre* ou *appectorāre* — era, como também mostrámos, inteiramente insustentável. Com efeito, nenhuma das formas conhecidas, antiga ou moderna, geral ou dialectal, se pode necessária e verdadeiramente relacionar com tal origem. Além disso, o advérbio *perto* (ant. *preto*), os adjectivos *preto* e *prieto* e o substantivo *prettu* opõem-se-lhe radicalmente pelas suas formas (e natureza). Tratava-se, pois, dum falso étimo.

O principal fim desta nota é, porém, acrescentar que o próprio adjectivo italiano *pretto* ('puro', 'simples', 'sem mistura', 'correcto') deve pertencer à mesma família de palavras, provindo directamente de *PRETTUS, o que não nos tinha ocorrido então.

O étimo até agora indicado — um vulgar (e antigo?) *puretto* (< *puro* + suf. dim. *-etto*) ⁽¹⁾ — não se pode considerar verdadeiramente satisfatório, apesar de certas aparências morfo-semânticas: a) pelo que se vê no *Supplimento* de Gherardini, *puretto* é uma forma vulgar, dos camponeses florentinos, ao passo que *pretto* pertence à linguagem geral, tendendo para empregos cultos ou semicultos; b) o Italiano é uma língua bastante avessa à síncope das vogais, para mais tratando-se de um *u* longo que era tónico na suposta forma positiva (*puro*); c) o *e* de *pretto* é normalmente *aberto*, ao passo que o de *puretto* é naturalmente *fechado*; d) finalmente, cremos que *pretto* nunca teve qualquer ideia diminutiva, ao contrário do que *puretto* implica.

O sintagma *puro e pretto* ('tal e qual') também pode indicar, não comunidade, mas distinção de raízes (cp. português *puro e simples* ou *pura e simplesmente*, além de *tal e qual*, *certo e sabido*, *velho e velho*, etc.).

Razão têm, pois, Migliorini e Duro para darem esse étimo com alguma dúvida no seu recentíssimo *Prontuário Etimológico* — «*pretto*. Prob. da *puretto*».

Justifiquemos agora o étimo **prëttus*. O lat. *prëssus* (adv. *prëssë*), entre outros empregos, era muito usado referido a linguagem, a pronúncia e a estilo — *presse loqui*; *oratio pressior*, *stilus pressus*; *verbum pressum*; *presse dicere*; etc. — com o sentido de 'conciso', 'preciso', 'simples', 'subtil', 'correcto', 'bem articulado'... (cfr. F. Gaffiot, *Dict. Lat.-Fr.*; E. Forcellini, *Lexicon*; F. Calonghi, *Diz. Ling. Lat.*; etc.). A expressão *presse loqui*, na última edição do Forcellini, vem mesmo traduzida por 'parlare schietto e chiaro', onde se emprega o it. *schietto*, que é sinónimo perfeito de *pretto*.

O emprego de **prëttus* por (ou ao lado de) *pressus* implicava naturalmente a identidade de significados, no todo ou em parte. Ora, foi principalmente com as acepções indicadas, parece-nos, que **prët-*

(1) R. E. W., 6864; G. Gherardini, *Supplimento*, IV; N. Zingarelli, *Vocabolario*; B. Migliorini-A. Duro, *Prontuario Etimologico*; etc. Não pudemos consultar o artigo de Salvioni em *It. Dial.* II.

tus (> *pretto*) passou para italiano, tanto mais que *prëssus* (*presso*) tomou pròpriamente o valor de advérbio ou preposição ('perto', 'próximo', 'vizinho', 'junto de'...). Na verdade, ainda hoje o adjectivo italiano *pretto* é muito usado em relação a linguagem ou pronúncia — *in pretto francese*; *nel pretto romanesco*; *pronunzia prettamente toscana*... —, sendo os outros empregos, certamente, meras extensões deste — por exemplo *vino pretto* (= vinho puro, simples, sem mistura) ⁽²⁾.

Na área do Italiano temos, pois, um adjectivo *pretto* da linguagem geral e as conhecidas formas dialectais — calab. *apprettare* ou *apprettari* (> *apprettu* ou *appriettu*) e *apprittari*, sicil. *apprittari*, napol. e velet. *apprettá* e abruc. *apprettá* ou *applettá*, bem como o subst. logud. *prettu* (cfr. *R. E. W.*, 540, número que deverá ser substituído; *G. Rohlf*s, *Diz. dial. tre Calabrie*; *C. Battisti* e *G. Alessio*, *D. E. I.*; etc.).

Vem a propósito acentuar que as formas dialectais italianas se devem considerar originárias e não de torna-viagem, importadas do Espanhol. A fonética e a morfologia respectivas estão perfeitamente de acordo com o étimo por nós proposto — **PRETTUS* (ou **APPRETTARE*) — e com as condições locais de pronúncia ⁽³⁾, e os significados próprios apresentam-se bem distintos das várias acepções espanholas: logud. *prettu* 'sangue coalhado', 'soro'; calab. *apprettare*, etc. 'stuzzicare', 'stimolare', 'provocare', 'molestare', 'rimproverare', 'sgridare', etc.; *apprettu* ou *appriettu* 'intrigo', 'impaccio', 'briga', 'provocazione', 'molestia', 'noia'... (cfr. *R. E. W.*, *D. E. I.*, *Diz. tre Calab.* e *Diccion. Ac. Esp.*).

Fica, assim, justificada mais uma vez a forma latina **PRETTUS* (talvez antiga e vulgar), por *prëssus*, com larga representação românica.

⁽²⁾ Conforme acabámos de mostrar, *pretto* não deve provir de *puretto* (além dos diferentes meios e graus de emprego, notem-se a ausência do *u* longo e a presença do *e* aberto) — as duas palavras talvez sejam completamente distintas —, mas agora também podíamos pensar numa origem inversa, quer dizer, podíamos considerar o vulgar *puretto* como resultante do cruzamento de *pretto* com *puro*, dada a «proximidade» semântica.

⁽³⁾ Até as formas deverbais *apprettu* e *appriettu* estão em perfeito paralelismo fonético com *apressu* e *apriessu* (cfr. *Diz. tre Calab.*).

P

Port. sargaço; valenc. xaguarço; esp. jaguarzo...

Na *Miscelânea* dedicada à memória de F. Adolfo Coelho (vol. I — correspondente ao tomo X deste *Boletim* — págs. 353-362) tratámos da *etimologia* de «sargaço», procurando mostrar que a palavra (referida inicialmente aos sargaços do monte, plantas cistáceas dos montes e das charnecas) devia provir dum latim vulgar peninsular **salicaceus* (< *salix*, salgueiro) baseado na flagrante semelhança entre as folhas dos sargaços e as dos salgueiros ⁽¹⁾. Portanto, **salicaceu-* > **salgaço* > *sargaço*.

Mostrámos outrossim que o nome dessas plantas terrestres foi depois estendido pelos mareantes portugueses (no tempo dos Descobrimentos) às *plantas marinhas* (algas) tropicais, também — por mais estranho que isso pudesse (ou possa) parecer *a priori* — por uma razão de semelhança aparente entre as duas espécies (ou géneros) vegetais, apesar de botânicamente muito diferentes e afastadas. A propósito desta extensão de significado da palavra *sargaço*, invocámos expressamente João de Barros (*Décadas da Ásia*, II, liv. VIII, cap. 1.^o), mas também indicámos idêntico testemunho de João Hugo van Linschoten (na nota 10, relativa ao *Vocab. Port. e Lat* de R. Bluteau), embora este não identifique bem o *sargaço* terrestre dos Portugueses (certamente por dificuldades ou insuficiências de informação). Podemos ainda mencionar, agora, idêntica opinião de Gaspar Correia (*Lendas da Índia*, I, ed. de 1858, pág. 137) exposta ao dizer que «no mar acharão huns limos ruiuos [...], que tinham a folha como çargarço», acrescentando que «o qual nome lhe pozerão e lho chamarão pera sempre».

(¹) Na impossibilidade da verificação directa do facto, veja-se o Dicionário da Academia Espanhola e compare-se a descrição do *jaguarzo* 'sargaço [do monte]' (e da *jara*, que é planta congénere) com a do *sauce* 'salgueiro', na parte referente às respectivas folhas.

Na acepção de alga, como dissemos, a palavra *sargaço* (ou *sargasso*) passou directa ou indirectamente para todas as línguas do mundo, dando inclusivamente o latim botânico *Sargassum*.

Finalmente lembrámos que *sargaço* e *argação* ou *algaço* são em princípio e em rigor duas palavras inteiramente distintas (conquanto de idêntica formação): *sargaço* (< **salicaceu*- < *salice*- 'salgueiro' + + suf. -*aceu*-) designando inicialmente apenas plantas cistáceas dos montes e charnecas e depois também algas fucáceas dos mares tropicais cujos ramos só raríssimas vezes aparecem na costa [sul] de Portugal; e *argação* ou *algaço* (< **algaceu*- < *alga* + suf. -*aceus*), mas, rigorosamente, apenas estas designando, na costa minhota, toda a vegetação (especialmente *botelha* ou *bodelha*) apanhada no mar para adubo das terras. As confusões de significado são obra recente de letrados ou semiletrados e de lexicógrafos...

Nesse artigo, como se vê, tratámos propriamente da etimologia da palavra portuguesa *sargaço*, dos seus significados (primeiro de planta terrestre e depois também de planta marinha) e da sua difusão (com o último significado) por todas as línguas cultas do mundo. A palavra apresenta, porém, uma história mais complicada. Foi, todavia, de propósito que deixámos para mais tarde (para uma nota especial) o que consideramos outro ramos da história da palavra, por este ser exclusivamente peninsular ou, melhor, hispânico.

Na verdade, sendo o *sargaço* (do monte) abundante no centro e sul da Península, é natural que a palavra tenha ficado entre os moçárabes, como tantíssimas outras palavras românicas, que tenha dado formas arabizadas e que tenha voltado mesmo para o romance da Reconquista.

Antes, porém, de prosseguirmos neste sentido, devemos informar os leitores de que o Prof. J. M. Piel, na mesma altura da publicação do nosso artigo citado, escreveu uma nota sobre idêntico assunto na *Rev. de Port.*, XV, 81 (págs. 12-14), mas em bases inteiramente diferentes das nossas. Nela considera *sargaço*, no sentido de «planta silvestre» e no de género de «plantas marinhas»⁽²⁾ como «dois vocábulos de origem totalmente diferente, que o capricho da evolução fonética fundiu numa forma só». No sentido de planta sil-

(2) Não propriamente (em princípio e em rigor) como «nome genérico de plantas marinhas, que servem para adubo das terras», ou como termo de todo equivalente a *argação* (v. nosso artigo e Cl. Basto, *lug. cit.*).

vestre (e citando apenas A. Steiger) a palavra é por ele filiada no ár. *šaḡwās*, com a série evolutiva *chaguarço* (transmontano) / **çagoarço* / *sargoaço* (beirão) / *sargaço*, e «introdução de um *r* não-etimológico»; e no sentido de «plantas marinhas» apresenta-a, embora «com toda a reserva», como possível resultante da associação dum enigmático *sar* (celta?), que aparece no '*Dicionário*' de W. von Wartburg (s. v. *ALGA*), e do seu sinónimo latino *alga* (isto é, duma possível combinação de *sar* com *aigāço* ou *argāço*).

O primeiro parecer citado (o de *sargaço* representar dois vocábulos de origem diferente) vai abertamente contra os factos. Sendo as «plantas marinhas» algas próprias dos mares tropicais e existindo, pelo que respeita ao Atlântico norte, apenas a sul do paralelo 40 e a oeste (ou sudoeste) dos Açores, facilmente se reconhece que só se tornaram conhecidas (pelo menos para o mundo moderno) no tempo dos descobrimentos e, por isso, não podem restar dúvidas de que foram os portugueses que lhes deram o nome de *sargaço* por surpreendente analogia geral com as plantas terrestres deste nome, tal como João de Barros e Gaspar Correia relatam e João Hugo Lintschotano confirma... A possibilidade da última hipótese etimológica do Prof. Piel (formulada, aliás, com todas as reservas, como se viu) está, antes de mais nada, na dependência do primeiro parecer: ora, a palavra *sargaço*, como acabámos de ver, não corresponde, afinal, a dois vocábulos diferentes (mas a uma e mesma palavra); e os *sargaços* marinhos, compreendendo algas fucáceas dos mares tropicais, de aspecto insuspeitado, e de que só excepcionalmente aparecem alguns ramos na costa sul de Portugal, também não podiam ter um nome (antigo) relacionado com designações de algas da costa francesa ou mesmo da nossa costa minhota. Portanto, só a origem árabe (mas agora como origem única) pode ter algumas probabilidades. Essa mesma, porém, apresenta bastantes dificuldades... Como dissemos, o Prof. Piel dá a forma árabe *šaḡwās* baseado apenas em A. Steiger (*Contribución*, pág. 215), parecendo tomá-la, em absoluto, como palavra árabe⁽³⁾. No entanto, R. Dozy (*Supplem. aux Dict. Arabes*, I, págs. 776 e 778), que averba as formas *šaḡwāḥ* ou *šaḡrāḥ* e *šakras*, considera-a como simples hispanismo, escrevendo, por exemplo, «C'est un mot esp. qui s'écrit de différentes manières»; X. Simo-

(3) Note-se que A. Steiger cita a palavra somente em relação ao esp. *jaguarzo* e ao valenc. *xaguarço* e que inclui outras formas simplesmente arábizadas.

net (*Glosario*, s. v. *xacuáço* ou *xacuáso*) considera-a, implicitamente, como moçarabismo andaluz («N[ome] V[ulgar] And.»)⁽¹⁾; e o *Diccion.* da Academia Espanhola tira *jaguarzo* do ár. espanhol *xacuaz* ou *xacraz*, desde a 14.^a ed. A origem árabe implica, pois, uma espécie de *petição de princípio*, tomando-se como *causa absoluta* o que precisaria, pelo menos, de explicação prévia como *efeito*.

A própria evolução fonética suposta não é isenta de dificuldades. O *xine* (š) árabe, embora dando geralmente *x* em português (pois o š árabe e o *x* românico são as únicas sibilantes que se correspondem mutuamente, conforme mostrou A. Alonso em *Las correspondencias arábigo-españolas*, *Rev. Fil. Hisp.*, VIII, 1946, págs. 12 e segs.), também pode dar algumas vezes *ch*, está certo. Mas o *ch-* é que já não passava naturalmente para *s-*, como implica necessariamente a «série *chaguarço* / *sargoaço* / *sargação*» do Prof. Piel⁽²⁾. O *café* árabe umas vezes sonoriza-se e outras mantém-se surdo, em português. Sendo aqui seguido imediatamente de *uau*, era natural que aparecessem, pelo menos, algumas formas com ele surdo (o que não acontece, nem mesmo nas mais antigas conhecidas — tanto portuguesas como espanholas). A introdução dum «*r* não-etimológico» é fenómeno possível, evidentemente, mas torna-se suspeito que pudesse passar tão facilmente da sílaba tónica para a átona inicial, como se vê nas principais

(1) É curioso que Simonet, ao aludir à origem de *sargação*, também pretende distinguir entre *sargação* (do monte) e *sargação* (do mar). O primeiro viria dum «*salicatus*» que, embora acertadamente relacionado com *salix*, não tem forma (ou derivação) adequada, e o segundo viria provavelmente duma forma homónima relacionada com *sal*, o que não tem qualquer fundamento, conforme acabámos de ver.

(2) Pouco antes o Prof. Piel alude à grafia *çaggarço* (aliás *çargação*) de Madureira Feijó, com ç inicial. «a qual — escreve — seria conforme com a evolução esporádica, em Português, da prepalatal surda árabe ~~ç~~ (sín) para ç (em vez de *x*, *ch*), como em *acicate* < *Sawkât*». Esta hipótese, além de quebrar a série evolutiva indicada, não parece ter verdadeiro fundamento. As formas mais antigas que se conhecem (de 1194, 1220 e 1258) têm sempre *s* inicial (*Sarguarzal*, *Saguarzal*, com *z* gráfico por ç — v. A. Cortesão, *Onom. Mediev.*); os roteiros trazem geralmente *sargação* (embora também *çargação* e *sargasso*); e o esp. tem *sargazo*, talvez desde o tempo dos descobrimentos (para a *alga* e para o *Mar de [los] Sargazos*, embora só registado desde a 12.^a ed. do *Diccion. da Ac. Esp.* A 2.^a ed. (1950) do *Dict. Etym.* de O. Bloch e W. von Wartburg já documenta a palavra em 1604, parece que em relação com o esp. *sargazo*).

A opinião do transmontano Madureira Feijó, que para palavras ouvidas na terra natal (Parada, a 17 km de Bragança) podia ter certo valor, aqui não deve

formas portuguesas (*sargaço, sargaça, sargaçal, sargacinha...*) ⁽⁶⁾, e que até desse formas com *r* em duas sílabas. Mais natural é o desaparecimento do *r* antes de sibilante surda em algumas variantes (cp. *magarça / magaça* < *margaça* [< **amaricacea*-?]; *almorço / almoço*; *escasso, pessoa*, etc.). Finalmente as formas árabes conhecidas terminam sempre em *sade* ou *cine*, sem sinal de vogal. Ora, se as formas romances (portuguesas ou espanholas) proviessem forçosamente do árabe (dum árabe absoluto) deviam terminar geral e normalmente (ou, pelo menos, algumas vezes) em *-az* (cp. *albarraz, fabarraz* ou *paparraz, alcatraz, alférez, caliz, albornoz, arroz, alcatruz*, etc.). Verifica-se, porém, que nenhum apresenta tal terminação (todas apresentam *-aço*, esp. *-azo*, apenas com a variante feminina *sargaça...*).

Todas estas dificuldades, com os outros pareceres que os factos infirmam, reforçam indirectamente a importância do nosso étimo **salicaceus* (< *salix* 'salgueiro') e das considerações da presente nota ⁽⁷⁾.

O português normal (e geral) SARGAÇO deve provir, pois, directamente dum latim vulgar peninsular **salicaceu-*, primeiro na acepção de planta terrestre (planta cistácea típica) e mais tarde também na de planta marinha (alga fucácea dos mares tropicais).

Como íamos dizendo, a palavra *sargaço* (na acepção de planta cistácea) deve ter ficado entre os moçárabes e o *s* inicial, de ápi-

ter nenhum, porque a forma própria de Trás-os-Montes é *chaguarço*, correntemente pronunciada *chaugarço* em todo o distrito de Bragança, segundo nos informou, por carta, o Prof. Augusto Moreno, e não *çargaço* ou *sargaço*. As grafias *çargaço* e *cergaço* são, pois, arbitrárias — sem qualquer valor fonético-etimológico. Pertencem a um período em que, de modo geral, já se não distinguia entre *s* surdo e *ç* (ou *s* sonoro e *z*).

O próprio Madureira Feijó, transmontano de perto da raia, se equivoca muitas vezes, embora mais tarde: defende «*ância*» em vez de *ância*; equipara *acoçar* e *acossar*; escreve frequentemente «*assima*», em vez de *acima*; dá «*cedinho*» por *sedinho* e *ceirão* por *seirão*; etc., etc.

⁽⁶⁾ Como temos dito e novamente mostraremos, estas é que devem ser as formas românicas primitivas.

⁽⁷⁾ Além do *sargaço* e da *sargaça*, plantas cistáceas, etc., outras plantas têm folhas. São, pelo menos: *salgueirinha* (< *salicaria* + suf. ulterior *-inha*), planta litrácea típica; e *sargacinha* (< **salicacea* + suf. *-inha*), planta boraginácea, o mesmo que *erva-das-sete-sangrias*. Tem ainda, decerto, essa origem o minh. *saganho* (< **salicaneu-*), espécie de *sargaço* do monte (*Cistus hirsutus* Lin. e *C. salvifolius* Lin.), com o derivado *saganhal* (*Casal do Saganhal*).

-alveolar que talvez fosse primitivamente, acabou por se converter na palatal *x*, como é de regra, dando **xargáço* (e depois *xaguarço*). Testemunham a existência da palavra em moçárabe geral, pelo menos, o valenciano *xaguarço* e o espanhol *jaguarzo*, bem como as conhecidas formas arabizadas *šaqwāç* e *šaqrāç* ou *šakras*.

Quanto às formas árabes (ou arabizadas), se era difícil relacioná-las com o português *sargáço*, torna-se, pelo contrário, fácil relacionar este com aquelas. O *s*- de *sargáço* está normalmente representado pelo *š* de *šaqrāç*, etc. Como se sabe, o *s* ibero-românico não correspondia foneticamente bem (pelo menos nos primeiros tempos) ao *š* (*xine*) árabe (visto não haver reciprocidade entre as duas consoantes), mas os árabes representaram-no geralmente, desde os primeiros tempos, por esta sua palatal surda, por um princípio de acomodação (conforme diz A. Alonso, *loc. cit.*) — cp. *šalvia* (< *salvia*), *šaut* (< *sauto* 'souto' < *saltu*-), *šeca* (< *sega*), *šibia* (< *sepia*), *šolair*, *acrešte* (< *agreste*), etc. O *g* gutural românico (etimológico ou resultante de abrandamento) converte-se muitas vezes na surda correspondente em formas arabizadas, portanto em *œte* (*q* ou *k*), como aqui — cp. *Saraqūsta*, *Qādis* (< *Gades*), *leqwa* (*légua*), *chicala* ou *chiquala* ('cigarra'), *acrešte*, *šeca*, *checo* (cego), etc.; O *ç* românico (ou do moçárabe geral) representa-se muitas vezes por *j* (*gime*), parece que geralmente com valor de *č* (A. Alonso, *idem*), mas em formas bem arabizadas, como no presente caso, passa também geralmente para *cine* (*s*) ou *sade* (*ç*) — *cabessa*, *massanella*, *mansana*, *šenso* (< *absinthiu*-), *calabaçola* (ao lado de *calaba, uela* e *calabasa*), *lapaça* (*lapa, a*), *calça* e *calçatair*, *çerbo*, etc. (cp. *šaqrāç* e *šakras*); o *r*, embora deslocado (como consoante líquida que é), deve ser o mesmo que aparece nas formas *šaqrāç* e *šakras*; o *a* átono está bem representado pelo simples sinal vocálico correspondente (*fatha*), mas o *a* tónico (ou longo) passa muitas vezes para *álite* (*ā*); e o *o* final não raro desaparece (cp. *lach* [< *laço*], *šaut*, *calçatair*, *Alconchel*, *Alportel*, *chipp* [< *cippu*-, *cepo*], *rachchim* [*racimo*], *šuq*, etc.).

A correspondência entre a forma românica *sargáço* e as formas árabes *šaqrāç*, etc. (através do moçárabe, evidentemente) é, pois, perfeita ou quase, ao contrário do que se dava na relação inversa. Falta somente explicar o aparecimento do *uau* (*w*) da forma árabe *šaqwāç* ou o *u* dalgumas formas romances (formas estas que nós consideramos relacionadas com o moçárabe).

Pelo que respeita à forma árabe, o *uau* (*w* ou *u*), se não é simples lapso por *rā* (*r*), visto os dois caracteres árabes serem muito seme-

lhantes (*), deve ter surgido ao mesmo tempo que o reforço do *g* para *cafe* (*q*), por ultracorreccção, tanto mais que, em românico, o *q* e o *u* andam sempre associados (e na forma árabe o *uau* vem sempre imediatamente ligado ao *cafe*, sem interposição de vogal). O *u*, porém, também pode ter surgido no próprio moçárabe comum, igualmente por ultracorreccção analógica (cp. *guadameci*, *guadamecil* ou *guadamecim* [*< ár. gadāmesī*] e frequência do grupo *gua*), se é que não traduz influência da forma árabe (influência de retorno). De qualquer maneira, temos: *sargão* (*< *salicaceu-*) *> *xargão > xaguarço* (com epêntese dum *u* e metátese da líquida *r* para a sílaba tónica).

O moçárabe comum está directamente representado pelo valenc. *xaguarço* e foi ele, afinal, que deu o esp. normal *jaguarzo* (ou *jua-guarzo*), o andal. *jabarzo* (*b < g*) e as formas dialectais com africacção da consoante inicial — salm. *chaguarzo*, transm. *chaguarço* ou *chau-garço* (esta com metátese do *u*) e ast.-leon. *chaguazo* (esta com perda do *r* antes de sibilante surda) (*), com a qual se relacionam os derivados galegos *Chaguacedo* e *Chaguazoso* indicados pelo Prof. J. Piel (cp. *uz* e *uzal*). Como se sabe, estas formas dialectais são devidas às migrações de moçárabes (e de mouros) para o Norte da Península.

A forma dialectal beiroa *sarguaço* actual (bem como *sorugaço*, *serugaço*, etc.) e as antigas *Saguarçal* e *Sarguarçal*, pertencentes a uma área situada entre a forma *chaguarço* e a geral *sargão*, devem representar cruzamentos entre esta forma primitiva e a anterior.

O ramo da história de *sargão* ora estudado não é sem paralelo. Várias outras palavras apresentam evolução semelhante. Quer dizer, a uma forma românica primitiva portuguesa (de origem latina [ou latinizada] directa), corresponde uma forma espanhola secundária, de origem moçárabe (ou árabe-moçárabe), com possíveis variantes dialectais. Exemplos: port. *sabão* (*< lat. sapōne- < gr.*), moç. *xabón* [*o ár. çabōn* ou *çabūn*, etc. parece vir directamente do lat. ou do gr.],

(*) Como alguns manuscritos têm *rá* e outros *uau*, Dozy (ob. cit., pg. 776 — não, todavia, pág. 778) chega a julgar que o *rá* esteja por *uau*; mas também se pode pensar no inverso, se é que não se trata de formas realmente distintas. Bem fez o *Diccion. da Ac. Esp.* em indicar as duas grafias.

(²) Cfr. V. García Rey, *Vocab. del Bierzo*; e Guzmán Alvarez, *El Habla de Babia y Laciñana*, pág. 23.

A africacção do *x* (*< s*) encontra-se noutras palavras, como *chillar*, *cham-poña* ou *chanfunia*, *charinga*, *cheringa* ou *chiringa*, etc. (cfr. A. Llorente Maldonado, *Habla de la Ribera*; Manuel Alvar, *Habla del Campo de Jaca*; J. Pardo Asso, *Diccion. Etim. Arag.*; J. da Silveira, *Rev. Port. Fil.*, I, págs. 416 e segs.; etc.).

esp. *jabón*; port. *saboeira* (< *saponaria*), moç. *xabonaira*, esp. *jabonera*; port. *seringa* ou *siringa* (< lat. *syringa* < gr.), esp. *jeringa* (< moç. **xeringa* ou **xiringa*?), esp. dial. *cheringa* e *chiringa*; port. *siba* (< lat. *sepia*- < gr.), moç. *xibia*, esp. *jibia*; port. *sugo*, *suco* (< lat. *sūcu*- ou *succu*-), esp. *juço* (< moç. **xuço*); port. *pássaro* (< lat. vulg. **passaru* por *passer*), moç. **paxáro* (ao lado de *parxair*?), esp. *pájaro*; etc. Simplesmente *sargáço* tem uma história mais completa (e complexa): além da forma primitiva portuguesa, na acepção de planta cistácea, da forma moçárabe (representada em valenciano e documentada em árabe andaluz) e da forma espanhola, com as formas dialectais directas e cruzadas, há o português *sargáço* ou *sargasso*, na acepção de alga fucácea tropical, que se difundiu por todas as línguas do mundo, incluindo novamente o próprio espanhol (*sargazo*) e o latim botânico (*Sargassum*).

JOSÉ INÊS LOURO

Recensões Críticas

Manuel Joaquim Delgado, *A linguagem popular do Baixo-Alentejo*. Beja 1951. 218 págs.

Poco después de la aparición de *A linguagem rústica no concelho de Elvas* del Sr. J. A. Capela e Silva (Lisboa 1947), libro al que el Dr. M. L. Wagner dedicó una crítica extensa desde el punto de vista lingüístico (en VRo X, 327-332) ⁽¹⁾ y que nosotros avaloramos más bien con respecto a los datos folklóricos y etnográficos contenidos en él (AILi IV, 297-298), nos llega a Mendoza el presente opúsculo redactado como aquel otro por un hijo de la tierra alentejana, que conoce bien los aspectos característicos de las tradiciones de su país y que no ha escatimado esfuerzos ni tiempo al margen de sus actividades profesionales para enriquecer la bibliografía ya ingente sobre el Alentejo ⁽²⁾ con una nueva contribución. Como su compatriota de la región de Elvas, el Sr. M. J. Delgado presenta los materiales recogidos por él en el ambiente rural de Beja en forma de un vocabulario alfabético, dejando al lector especializado en materias filológicas y folklóricas su aprovechamiento e interpretación definitiva. «Se acaso» — manifiesta el autor con la modestia que le caracteriza — «lograr bom acolhimento por alguma parcela de mérito e útil informação possa ter este nosso trabalho, então diremos que isso será razão bastante para nos sentirmos satisfeitos, não tendo dado por mal empregado o esforço dispendido». A tales consideraciones podemos contestar claramente: como tantos otros aficionados portugueses, del Minho y Tras os Montes, de la Beira, del mismo Alentejo y de Algarve, quienes en el transcurso de los tiempos (con frecuencia inspirados por el inolvidable maestro Dr. Leite de Vasconcellos) han contribuido notablemente a echar el

⁽¹⁾ En el momento de la redacción de la presente reseña nos llega la crítica que hizo J. G. C. Herculano de Carvalho en RPFil IV, 459-467 a dicho libro. Nos parece en varios aspectos excesivamente severa. Un método así aplicado a un aficionado de nuestra ciencia es muy apropiado para matar en sus gérmenes el entusiasmo apreciable de colaboradores a quienes la dialectología portuguesa desde los tiempos del Dr. Leite de Vasconcellos debe tanto.

⁽²⁾ Nos referimos más particularmente a la serie de artículos publicados por J. A. Pombinho Júnior en RL XXXIII-XXXVII y a la copiosa y variada colección de *Maneiras de dizer alentejanas* editada por M. Gomes Fradinho en la misma revista (t. XXX, 299-304; XXXI, 98-137).

fundamento sobre el cual hoy día se basa el estudio científico del léxico portugués, indudablemente el Sr. M. J. Delgado ha prestado un meritorio servicio a su patria chica y a su país. Conviene destacar también la ayuda material y moral que le prestó el «Arquivo de Beja», órgano literario del Bajo Alentejo que concentra y emana las aspiraciones científicas de esa región, al publicar por primera vez en sus rúbricas el trabajo que nos ocupa.

Siguiendo la sugestión hecha por el mismo autor discutiremos algunos aspectos fonéticos y lexicológicos para evidenciar el interés científico que nos ha despertado su libro ⁽³⁾.

Es notable la frecuencia con que aparece en el dialecto de Beja una *n* epentética. Distingúense los casos siguientes:

1. Encuéntrase con toda regularidad como reflejo de una consonante nasal precedente: *mesa* > *menza*, *moega* > *moenga*, *por amor de* > *por mor de* > *por monde* (pág. 188), exactamente como en el gascón *per amor* > *permou* > *pramoun* (Millardet, *Etudes de dialectologie landaise*. Toulouse 1910, pág. 45), *nécio* > *nécio*, *muito* > *munto*. Corresponden a esta tendencia fuertemente arraigada en portugués también *noite* > *nonte*, *muito* > *munto*, *mocho* > *moncho* 'que não tem chifres' en Algarve (Estanco Louro, *O livro de Alportel*. Lisboa 1929), *missa* > *minsa*, *missionário* > *mensionário* en el Alto Minho (Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* II, 313 y sigs.), gall. *mingacha*, derivado de *míga*, *munxir* = *muxir* 'ordeñar', *meñiña* = *meciña* 'medicina', etc. (García de Diego, *Manual* 77), extr. *mecer* > *mencer* (Zamora Vicente, *Mérida*), *magosto* > *mangosto* 'atracción de castañas cocidas' (RCEstExtr XV, 73), como en montañés; casos parecidos del vascuence y gascón discutidos últimamente por E. Gamillscheg, *Romanen und Basken*. Mainz 1950, págs. 24-25 y ejemplos como *nuca* > *nunca*, *nupcias* > *nuncias*, etc. observados en argentino (AILi IV, 345); astur. *muncho* (Canellada 20), etc. Compárense últimamente N. P. Sacks en *Hispanic Review* VI, 264-265 y E. Cross, *On Spanish muncho*, port. *muito*. En: *Modern Language Notes* LIII, 600-602 (con referencias a un artículo anterior de M. A. Luria).

2. Es frecuente también el empleo de *en-*, *em-* en palabras tales como *engreija*, *ingreija* = 'igreja', *enterno* = *eterno*, *enternidade* = *eternidade*, *enzemplo* = *exemplo* (como también en dialectos interamnenses, Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* II, 488, y en ant. esp. *enssiemplo*, Menéndez Pidal, *Cid* 248) y hasta en nombres como *Enrene* = *Irene*. Trátase de una adaptación al prefijo popular *en-* (*ennocente* = *inocente*, *enemigo* = *inimigo*, etc.), igual que en Algarve donde *em-*, *ẽ-* etc. sustituye con frecuencia la *a-* inicial: *abanar* > *ẽmbanar*, etc. (K. Rohner, BFil IX, 274). Cp. Williams. *From Latin to Portuguese* 107.

3. Aparece el elemento nasal también en palabras como algarv. *pampólha*, alent. *pempólha*, *pimpólha* frente a *papólha* 'papoula, papoila' (Delgado 180), en el Algarve oriental *pampoila* (Rohner, *Beschreibende Phonetik der Mundart von Cachopo*. Zurich 1938, 34), *pimpoula* también en el Alentejo (Tavares da

⁽³⁾ Nos referiremos con frecuencia al algarvijo para mostrar las estrechas relaciones lingüísticas entre las dos regiones colindantes.

Silva), frente a *papoula*, *papoila* más hacia el Norte (cp. Steiger, *Contribución a la fonética del hispano-árabe* 258), *papoula*, *amapoula*, *apapoula*, *mapoula*, *mapola* en los dialectos gallegos, leoneses y asturianos, *paparoza*, *paparuna* en judeo-español (M. L. Wagner, *RFE* XXXIV, 82). Algunos otros ejemplos de carácter fonético parecido: alent. *piparralha*, *pimparralha* (Delgado 185), extr. *piporro*, *pimporro* 'botijo' (*Hochpyrenäen* A II, 227), port. *garabalha* 'hoja del pino', gall. *garampaillo* 'tamo, brizna, pajita' (Cuveiro Piñol), etc.

Hay que considerar como rasgo característico de los dialectos meridionales también la disimilación de o protónica ante una vocal velar de la sílaba siguiente: *travoadá* = *trovoadá*, *saluçar* = *soluçar*, como *saluço* en Algarve (Estanco Louro), *calhoada* = *coihostro*, *caçulo* = *cogulo*, como en Algarve: algarv. *caturras*, *caturras* = 'coturnos, botas fortes', *caculo*, verbo *acacurar* en las Azores; *estra-coar* 'cortar, esmigalhar' Azores, Madeira, de *troço*, port. *destroçar*. Encontrará el lector más ejemplos y referencias a otras regiones en *Problemas etimológicos*, cap. 13 y R. de Sá Nogueira, *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*, 166.

Aparece el elemento a sin embargo también en otras condiciones: *çabola* = *cebola*, como en Algarve, las Azores, etc.; *Jasuíta* = *Jesuíta*, *Jasuino* = *Jesuino*, palabras en las cuales podría pensarse en una disimilación (e-o, e-u > a-u).

Notamos además *samear* = *semeiar*, *selada* = *salada*, *pastana* = *pestana*, como en Algarve, Azores, etc., ejemplos que igualmente manifiestan la gran inestabilidad del elemento protónico.

Es particularmente arraigada en los dialectos meridionales la velarización de la vocal a en casos como: *contia* = *quantia*, *conto* = *quanto*, como en Algarve, *condo* = *quando*, *corenta* = *quarenta*, *ôgar* 'salpicar con agua' = port. *aguar* 'regar, borrifar', *enxôgar* = *enxaguar*. El mismo fenómeno ya atestiguado en textos antiguos (particularmente en sílaba protónica; cp. E. B. Williams, *From Latin to Portuguese*, pág. 41) es frecuente en gallego (*corenta*, *coresma*, etc.) en contacto con el Minho (Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris-Lisboa 1901, pág. 104; RPFil I, 131), esporádicamente en Asturias (*quando* > *condo*), por otra parte también en dialectos catalanes (Niepage, RDR I, 317; Krüger, RDR III, 308-309; Moll, *Gramática histórica catalana* 106, 143; etc.) y en gascón (J. Ronjat, *Grammaire istorique des parlers provençaux modernes* I, 292; II, 51-52).

Llama la atención la segmentación de e (y o) tónica en sílaba final de palabra observada por K. Rohner, págs. 48-49 en Algarve y por nuestro autor en el Bajo Alentejo *pé* > *pei*, *José* > *Josei*, *Zéi*, como en Algarve (*Zozei*), *fé* > *feí*, *por causa de quê?* > *pra mond' quei?*, etc. (cp. particularmente pág. 51, nota). Es tanto más notable este hecho cuanto que observamos en los dialectos meridionales una marcada tendencia a simplificar los antiguos diptongos (*ei* > *e*, etc.). Según anotamos en otra ocasión dáse el mismo fenómeno en ciertos dialectos del Norte (en trasmontano, sanabrés, etc.), pero únicamente en lenguaje afectivo (AILi IV, 346).

Parece representar una asimilación a la pausa siguiente el tratamiento de la sílaba final en: *hoje* > *hóis*, *longe* > *lóis*, *cáje* > *cais*, al lado de *quais* 'quase', fenómeno bastante raro del que no recordamos haber encontrado paralelos en otras regiones.

En cambio tienen mayor difusión, pero están particularmente arraigadas en el Sur transposiciones vocálicas en palabras cultas de los tipos siguientes: *Laura* > *Lárua*, *cautela* > *cuátela* (como en Algarve: véase también Rohner, *Mundart von Cachopo* 25), *acautelar* > *acuátelar*, *por causa de* > *por cuása de* (cp. J. J. Nunes, *Compendio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa 1930, pág. 83); *memória* > *mimóira*, *Vitória* > *Vetóira*, *Ambrósio* > *Ambróiso*, *António* > *Antóino*, *demonio* > *demoino* (al lado de *demonho*), *Custódia* > *Custóida*; como *negócio* > *negoiço* y *Gregório* > *Gregóiro* en Algarve (Estanco Louro). *Engrácia* > *Ingraiça*, como *Leocádia* > *Locaida* en Algarve.

Mencionaremos por fin unas cuantas palabras cuyo tratamiento se explica por desgaste semántico: además de formas bien conocidas como *nhor* 'senhora' (en Algarve *nhor*, *nhora*, *nhéra*) giros preposicionales como *por mor de*, *por monde*, *mond*, *mód* = 'por amor de', *pl'amor Deus* 'pelo amor de Deus', *por mor disso* 'por causa disso', en Algarve *p(r) casda* = 'por causa da' (Rohner 24: «Der Schwund des finalen a ist proklitisch bedingt»), alent. *desde* > *dês* (*dês a hora em que te vi*) y el giro verbal *ir'scar* 'ir buscar' (explicado por nuestro autor por la ley de menor esfuerzo), como en Algarve *es'car*, *xcar* 'buscar' (Estanco Louro 239). Parece que en este último caso el empleo perifrástico ha conducido al desgaste. Compárese sobre casos análogos AILI IV, 46 y sigs.

En cuanto al vocabulario — parte básica de la obra — hacemos las observaciones siguientes.

Ilustra el Sr. Delgado el empleo de las palabras por numerosos ejemplos tomados del cancionero popular de la región. Aparecen ellas así en forma viviente, en su ambiente natural. No escasean tampoco referencias a términos o giros sinónimos, factor que igualmente contribuye a destacar más claramente el valor semántico de las palabras y la variedad del léxico popular. Así encontramos en la pág. 61 una larga lista de designaciones que se dan a la embriaguez (*grossura*, *manta*, *piela*, *pitão*, *pilona*, *tachada*, *carraspana*, etc.), en la pág. 55 numerosos términos aplicados al desmayo (*badagaio*, *cheliqne*, *trango-mango*, etc.), en la pág. 106 las denominaciones de 'reprimenda' (*apanhar uma descasca*, *charutada*, *chiganço*, *sarabanda*, etc.), en la pág. 117 los diversos giros que corresponden a *em menos de um ai* = 'en un breve lapso de tiempo' (*em menos de um quarto de bacalhau*, *em menos de um farelo*, *enquanto o diabo esfrega um olho*, etc.). Huelga decir lo útil que sería si otros vocabulistas regionales imitasen el ejemplo dado por nuestro autor y si él mismo continuase prestando su atención a los variados aspectos del vocabulario ideológico de su país.

Siguiendo el magnífico ejemplo del Sr. M. Gomes Fradinho quien en la Revista Lusitana XXX y XXXI había ubicado una preciosa colección de «maneiras de dizer alentejanas» el Sr. Delgado procura dar a la fraseología popular la importancia que en efecto merece. Son frecuentes pues en su vocabulario giros populares de diversa categoría (*dar um cabaço*, *dar água pela barba*, *deitar água na fervura*, etc.) y comparaciones (*torto que nem um garrocho*, *amarga que nem piorno*, *mais amarelo que uma cidra*, *tremar que nem varas verdes*, *cair que nem sardinha em tigela*, *calhar que nem pau em casa*, etc., éstas últimas en la forma característica — *que nem* — a la que nos referimos ya en VKR I, 217-218).

No puede sorprender que en el vocabulario de nuestro autor se encuentren ciertos términos ya registrados por sus predecesores, localizados ahora también

para el distrito de Beja: Así las voces *caminheiras* y *moreias* vinculadas con el arroteamiento característico de las regiones del Sur, la típica *corna* y la terminología del carro alentejano de uso común presentada en la pág. 210 que corresponde en su mayor parte a la ya incluida en la obra de Silva Picão, *Atraves dos campos* I, 214 y sigs., en RL XXXVI, 236 y sigs. y el vocabulario del conchejo de Elvas de Capela e Silva, pág. 54. Ya que se trata de una forma perfeccionada del vehículo (frente al antiguo carro llamado *manchego* descrito por Silva Picão I, 244 y que corresponde al 'carro chillón' de otras regiones) nos encontramos con ciertos términos que claramente indican tal perfeccionamiento: la *massa* 'parte central de las ruedas' = cast. *maza*, los *raios* = cast. *rayos* y los *limões* = cast. *limones* 'palos que van colocados paralelamente en cada uno de los costados del carro', *limonera*, de cuya difusión y origen ya tratamos en AILI IV, 340.

Son numerosas por otra parte voces o acepciones no registradas en los vocabularios usuales y que invitan a discusiones comparativas: así en las págs. 183-185 *peoga* = 'peonza', *pelona* 'doce que os rapazes pedem à saída da igreja, quando se celebra algum casamento', *pernicar* 'beliscar na perna', *pernicão* 'beliscão', *picarça* 'correia que, prendendo nos canzís, vem atar abaixo ao molim da besta', *piporro* 'pequeno barril, com dois pipos', término que corresponde a *piporro*, *pimporro* 'botijo' en Extremadura, *pipote* en Guadix (HPyr A II, 227), *piparralha*, *pimparalha* 'bocado do caule tenro (colmo) da cevada'.

Menciona el Sr. Delgado tres denominaciones de la *peonza*: *rapa*, usado con género masculino, en el *jogo do rapa*, pág. 195; *zôguinha* 'peão pequenito', pág. 218 y *peoga*. Vamos a ocuparnos por ahora únicamente de ésta última, esperando que nuestras disquisiciones animarán a algún investigador portugués a emprender la recolección sistemática e interpretación etimológica de los numerosos términos vinculados con la peonza.

peoga 'peão de dois bicos' tal como lo presenta el dibujo de la pág. 183 pertenece a un grupo de designaciones de la peonza⁽⁴⁾ caracterizado por gran

(4) Extraña que a pesar del ejemplo magnífico dado hace ya años por H. Schuchardt sea tan escasa todavía la bibliografía sobre las denominaciones de la peonza. Conocemos las contribuciones siguientes: H. Schuchardt, *Der Kreisel im Baskischen*. Revista Internacional de los Estudios Vascos 1924 XV, 351-360 (con referencia a un artículo anterior de T. de Aranzadi publicado en la misma revista 1923, págs. 676 y sigs.); J. de Urquijo, *Tabas y peonzas en el país vasco*. ib. XV, 361-368; T. de Aranzadi, *Taba, sacapón, trompa, bostarri y otras más*. ib. XV, 494-497.

L. Piçarra, *A piana*. En: A Tradição 1901 III, 150 y sigs.; Leite de Vasconcellos, *De Campolide a Meiose*. Lisboa 1915, págs. 44 y sigs.; Cl. Basto, RL 1910 XIII, 89 y sigs. (sobre el *jogo de peão* en Viana-do-Castelo); RL XXVI, 172-183 (sobre un texto de 1742).

Citaremos a título de comparación: W. Roukens, *Wort-und Sachgeographie Südost-Niederlands und der umliegenden Gebiete*. Nijmegen 1937. Teil I A: Text, págs. 279-286; ALCors X, 1803; AIS 751; ALF 1319.

Alemania: Presenta una nómina de las designaciones de la peonza en dialectos alemanes y su difusión geográfica W. Mitzka en su *Deutscher Wortatlas*, T. I, 29-32, Giessen 1951. Existe además una tesis doctoral escrita a máquina de la Universidad de Marburgo 1944: Ottile Henk, *Der Kreisel*; encuéntrase en el archivo del Deutscher Sprachatlas, Universidad de Marburgo. Debo estas indicaciones bibliográficas a la amabilidad de W. Niekerken, Hamburgo.

variedad sufijal. Damos en forma esquemática las formas más corrientes:

1. azor. *peão* (RL XXXVI, 177), port. cont. *pião* (RL XIX, 216: *cú do pião*, oposto ao *ferrão*; XXVI, 172; Leite de Vasconcellos, *De Campolide a Meirose* 44: PEDO, PEDONIS); en el N. de Portugal la misma palabra sirve para designar 'el eje de la rueda dentada horizontal de la noria' (Krüger, *El léxico rural* 86), en Algarve 'el eje de molino de viento' (ib.), en Miranda do Corvo y Serpa 'la punta del eje del torno (del alfarero)' (VKR IV, 256), en las Azores el 'haste vertical que constitue o eixo central da atafona' (Carreiro da Costa, *Terminologia agrícola micaelense* 41) y otros objetos por el estilo (estaca, etc.). Cp. Ebeling, VKR V, 66 y Y. Malkiel, *La historia lingüística de «peón»* BICC VII, 226 (5).

2. trasmont. *piôna* 'zarôna, pião pequeno' (RL XV, 335), en la provincia de Orense *pioneta* (Douro Litoral. IVª Série, III/IV, 157, con dibujo), término que corresponde a cast. *peón*, hoy día particularmente difundido en las hablas occidentales: astur. *pión* 'trompo' (Rato y Hévía) = *peón* 'cada una de las jambas del horno' (Braulio Vigón), *pión* también = 'la punta de hierro sobre que descansan y giran las puertas pesadas' (Rato y Hévía), *peonera* 'eje movido por el rodeño en el molino' (Canellada); *peón* 'peonza' en la Maragatería (Garrote); *piona* en la Ribera del Duero (Maldonado de Guevara); extr. *repeon*, *repiona*, *repioneira* (RCEstExtr XIV, 277; Zamora Vicente, *Mérida* 132; Malkiel, op. cit. separata 26, 32, 34).

3a. *piorra* 'pião de dois ferrões' Algarve (Estanco Louro), Alandroal (Leite de Vasconcellos, op. cit.), 'pião pequeno' Azores (Silva Ribeiro) como también en el continente, al lado de *piórro* Beira (Figueiredo; C. Aug. Pires de Lima, *Estudos* VI, 114; Malkiel, op. cit. 242), *piorrita* (empleado por Eça de Queiroz).

diorrinha 'pião pequeno' Alentejo (RL XXXIII, 173; al lado de *pioguinha*, véase infra), por equivalencia acústica.

piúrra Santo Tirso (C. Aug. Pires de Lima, *Jogos e canções infantis*. Porto 1943, págs. 27, 139; id., *Estudos* VI, 114 con dibujos).

3b. *pitorra*, según ya insinuó Malkiel 44 nota 118, debe haber experimentado la influencia de otra palabra, así como *petorra*, igualmente = *piorra* (Figueiredo) (6). Tal vez por la forma: salmant. *pitorro* 'toro con los cuernos altos' (RDTrPop VIII, 441), etc.

4. *piasca* 'pião pequeno' port. prov. (Leite de Vasconcellos, op. cit.; C. Aug. Pires de Lima, op. cit.; Figueiredo).

5. *peoga* en el Alentejo, al lado de *pioguinha* (RL XXXIII, 173); con sen-

(5) Observa Malkiel que el autor de *Die Gegenstandskultur Sanabrias* «equipara (en la pág. 261 de dicha obra) *pião* con el latín *PILA* 'columna, pilar', sin mencionar siquiera la posible relación con *PEDONE*. El hecho es que en dicha página no se cita *pião*, sino *pilão*, *pilón* y que en otro lugar (desconocido al crítico norteamericano) ya se había dado la etimología postulada por él (*El Léxico rural* 82: *piões* derivado de PES). Advertiremos de paso que port. *peão*, *pé*, *pegão* no significan, según indica Malkiel, 'granero', sino los pies del granero.

(6) Son igualmente de origen distinto *pilrete* 'pião feito de um bogalho pequeno com uma hastesinha de pau espetado' Alto Minho (RL XXV, 190), término citado también por C. Aug. Pires de Lima, *Estudos* VI, 114 y por Figueiredo con el significado 'homem de pequena estatura', 'rapariga bulhosa e tagarela'; *perdiosca* 'usado entre rapazes: pião de pequeno tamanho' (Abel Viana, *Vocabulário Minhoto*).

tido distinto, si bien igualmente derivados de PEDE: gall. *piógas* Santiago, La Coruña, *peoña*, *pioja* Finisterre ($j = jota$) = 'soga que une entre sí los palos de la canga debajo del pescuezo del animal' (Krüger, *El léxico rural* 19; informes de W. Schroeder), PEDIOLA (Malkiel: ant. port. *peyóo*) (7).

6. cast. *peonça*, *peonza* (Malkiel, op. cit. 231, nota), esporádicamente *pionza* en el bable occ. (Acevedo, al lado de *víbora*) y en la zona occidental.

Trátase en todos estos casos de derivados de PEDE, término ricamente variado para designar diversas clases de nuestro objeto. Resulta por otro lado interesante la frecuencia con que el tipo *peón-pião* se encuentra como designación de objetos tales como eje, sostén, poste, etc. Hay que distinguir los casos siguientes:

a) Es notable el empleo frecuente de *pião-peón* con el significado 'eje giratorio vertical': cast. *peón* 'árbol de una noria', astur. *pión* 'punta de hierro sobre que giran las puertas pesadas' (Rato y Hévía), *peonera* 'eje movido por el

(7) Parecen confirmar la evolución de -OLA > -oa > -oga las variantes observadas en las designaciones de una especie de brezo frecuentes en los dialectos occidentales: gall. *queirôa*-*queirôga* 'carpaza, cisto, jara' (Valladares; Carré Alvarellos); *queiroga* apuntado por nosotros en el SO. de la provincia de Orense, sumamente frecuente en topónimos: *Queiroás* (3 veces), *Quiroganes*, *Queiruganes* en la prov.^a de Orense, *Quiroga*, *Queirogal* en la prov.^a de Lugo, *Queiroga*, *Queiruga*, al lado de *Queiro*, *Queiroso*, *Queira*, en la prov.^a de La Coruña, *Querúas* una sola vez en la prov.^a de Oviedo; en el Norte de Portugal *queirô* (género femenino), *quiro*, *queirós* 'urze' (Leite de Vasconcellos, *Antroponimia portuguesa* 171 con referencias bibliográficas; A *Aguia* XIII, 17) frente a transmont. *queiroga* 'urze pequena' (RL II, 119; XI, 303; XII, 117; Leite de Vasconcellos, *Etnografía portuguesa* II, 59) y *teiroga* (A *Aguia* XIII, 17; ¿cruce con *torga*?); también como nombre geográfico *Queiroos*, *Queirós* en el siglo XV (Cortesão, *Onomástico medieval português*; Leite de Vasconcellos, *Antroponimia portuguesa* 171), al lado de *Queirom*, etc.; esporádicamente también en Algarve *querô* 'especie de urze e de tojo', *queroal* 'mato onde há muita queirô' (Estanco Louro, *O Livro de Alportel*); variante transmontana *cheiroga* 'urze rasteira; terra ruim' (RL V, 39; XIII, 114); ¿cruce con *cheirar*? cp. arriba *teiroga*). A gall. *queirôa* y port. *queirô* (femenino) corresponde perfectamente *quiruela* 'especie de brezo' registrado por Legendre en su obra sobre *Las Hurdes*, pág. 113. Observamos mayor variación sufixal en los dialectos rayanos del Oeste: *queiruga* en Sanabria, *quiruga* en la zona colindante de la prov.^a de León (Cabrera), *quiruegas* en la Maragatería (Garrote) y Quintanilla de Yuso (Cabrera), *quiruégnas* Vega del Castillo-Sanabria; *queirotas*, *gueirotas* 'especie de gancella' en el bable occidental (Acevedo), *queirueta*, *gueirueta* en el SO. de la prov.^a de Oviedo (Trones, Fuejo, Mañores, etc.) (¿también *queiriña* = cañizo? en Trones), *gaireña*, *algaireña* Brueles, Pambley; astur. *tereña* 'brezo pequeño' (Rato y Hévía).

Poco antes de revisar las pruebas de esta reseña llegaron a mi poder el estudio de R. Menéndez Pidal, *Toponimia prerrománica hispana*. Madrid 1952 donde se trata nuestro vocabulo en las págs. 167 y 264-265 y el reciente libro de J. Hubschmid, *Sardische Studien*. Bern 1953 en el cual el autor igualmente se refiere (en la pág. 95) a *queiroga*. Despréndese de la documentación presentada por dichos autores que ya en tiempos antiguos debe haber existido la forma **karioka* derivada de **kar-* (*Karioca* 956). Pero admite Hubschmid al mismo tiempo la existencia de **kariola* como base de gall. *queiroa* 'cisto, jara', etc. Sobre la intercalación de -g- pueden compararse también los ejemplos registrados por J. da Silveira, RPFIL I, 428 (entre ellos también nuestra forma *queiroa* > *queiroga*).

rodeño en el molino', port. *pião* 'eje de la noria, del molino de viento, del torno, etc.'; extrem. *peona* 'barrena de acero usada en la herrería para hacer agujeros' (REstExtr 1948, pág. 406). En este caso es evidente la comunidad de la posición vertical y del movimiento giratorio de los dos objetos (*peonza* — eje).

b) Por otro lado aparece

peón = 'tentemozo vertical que tiene la lanza de la carreta' en la prov. de Palencia (RDITrPop II, 483) y Santander (García-Lomas: al lado de *rapaz*) así como en Puerto Rico (T. Navarro, *El español en Puerto Rico*, Río Pedras 1948, pág. 158: al lado de *mozo*, *niño*, *muchacho*, *muñeco*, etc.), en la Argentina *peón* = 'palo que se apoya contra un poste de alambrado' (Saubidet 288) al lado de *muchacho* 'tentemozo' (ib. 250). En este caso es indudable la personificación del objeto (*peón* = 'jornalero') como evidencia un sinnúmero de términos análogos difundidos con exactamente el mismo significado en las hablas ibero-romances e hispanoamericanas: al lado de los ya registrados cat. -val. -murc. *mosso*, arag. *mocico*, ast. -gall. *mozo*, port. *moço*, cast.-gall. *tentemozo*, alent. *mancebo*, gasc. *baylet*, *chambriero*, etc. (VKR I, 247-248; AILi IV, 339).

c) Notamos, amén de las acepciones registradas en los párrafos anteriores, port. *pião* con el significado de poste, columna (p. ej. 'cada um dos esteios que sustentam a verga da chaminé', etc., véase Malkiel 226), astur. *peón* = 'cada una de las jambas del horno', gall. *peon*, *pion* = 'soporte sobre el cual se colocan las teas para alumbrar' = *mozo*, igualmente en Galicia y el SO. de Oviedo; en la prov. de Orense *jornaleiro* (!) = 'mechero' (HPyr A II, 188 donde se registran numerosos otros casos de personificación de dicho objeto: cat. *pagès*, port. *mancebo*).

Son particularmente instructivas las designaciones de este último objeto ya que presentan al lado de *peón*, *pion* (= 'jornalero') también *jornaleiro*, *pagès*, etc. La equivalencia semántica *jornaleiro-peón* no admite ninguna duda acerca de la personificación del objeto.

También en los demás casos citados ('columna' etc.) hay que presuponer el nombre de la persona, según ya sugirió Y. Malkiel 226 con respecto a port. *peão* 'colunelos de pedra que encerravam praças impediendo a passagem' = *frade* 'monje', aún hoy en las Azores con exactamente la misma acepción 'pedra que serve de marco divisório ou que veda ao transito qualquer travessa ou beco' (Carreiro da Costa, *Terminologia agrícola micaelense*)^(*). Presenta un caso paralelo port. *pião* 'cada um dos esteios que sustentam a verga da chaminé' = *frade* 'monje', con la misma acepción en el Alentejo. Ya nos referimos a tales personi-

(*) Compárense los tipos de *frade de pedra* reproducidos en Douro-Litoral 1.^a Serie, IX, 20-22 y sobre los *frades* (o *bonecas*) de la chimenea los dibujos publicados en Boletim de Etnografia I, 31-32; en cuanto a alent. *frade* Ac. das Sciencias de Lisboa, Boletim da Classe de Letras XV, 130: «O lume é aceso no chão, ao centro, defronte duma pedra, que protege a parede e se denomina *frade* ou *boneco*, por ter uma vaga semelhança com um busto humano». Minh. *frade* = 'pequeno poste de pedra colocado sobre um muro para sustentar a trave de latada' (RL XXIX, 256). Son numerosas las variantes semánticas que podríamos citar: cp. VKR I, 243-245; *Hochpyrenäen* B 18, nota 11; A I, 172.

En algunas regiones aparece como designación del eje del lagar *pastor* (C. Aug. Pires de Lima, *Estudos* VI, 182, 229), igualmente como denominación de la pieza correspondiente del *pío* (M.^a Palmira da Silva Pereira, *Fafe*, separata, págs. 127-281); no la registra Figueiredo.

ficaciones en VKR I, 243-244; *HPyr B* 18 nota 11; *HPyr A* I, 172 nota 1; AILi IV, 266).

El vocablo *peón* cuyos antecedentes fueron claramente expuestos por Y. Malkiel en el artículo ya citado (*peón* = soldado de infantería, jornalero, etc.) ha dado pues motivo a una serie de personificaciones de objetos. Cabe preguntarse sin embargo si a tal empleo (en sentido figurado) debe también su origen *peon-pião*, etc. usado con la acepción 'trompo, peonza' (cp. el capítulo V del artículo de Malkiel). Nos parece más probable una derivación directa de PEDE, tal como se presenta en las numerosas variantes citadas (*piorra*, *piurra*, *piasca*, *peoga*), considerándose el juguete como un instrumento que baila sobre un pie, o sea simplemente como un «peón» que camina o anda a pie. Parece que este sentido primitivo se conserva aún en ciertas palabras (registradas supra en el no. a) que designan el eje giratorio de ciertos objetos o que, según la formulación de Malkiel (pág. 225), sugieren la imagen de apoyarse en un pie o de girar sobre una punta.

Notaremos de paso que la forma característica de la peonza ha dado lugar a comparaciones del tipo siguiente: cast. *peonza* 'persona chiquita y bulliciosa', alent. *peoga* 'peão de dois bicos' (dibujo en la pág. 183 de la obra presente), 'mulher ou rapariga pequena', beir. *piorro* 'pião pequeno', 'indivíduo de pequena estatura' (Figueiredo), algarv. *bioba* 'pião muito pequeno', 'mulher baixa, inquieta, desembaraçada e no diminutivo, em geral, qualquer criança' (Estanco Louro), etc.; montañ. *pconzo* 'se dice del que habla mucho y sin orden' (García-Lomas), por el ruido producido por la peonza.

Presentan cierto parentesco semántico las designaciones que se dan a los postes en que descansan los hórreos de la zona astur-gallega-minhota y que aún no han encontrado una satisfactoria explicación. Llámense simplemente

a) *pie* o *pe* en el SO. de Asturias y diversas regiones de Galicia, en el Bierzo (GK 124) y el Norte de Portugal (Douro-Litoral IVª Série, IX, 68: *pé* o *pegão*, en las regiones colindantes *csteios*; RPFil IV, 97; etc.), término al que corresponden en una vasta zona que abarca la zona occidental de la Montaña de Santander y gran parte de Asturias

b) *pegollu* (García-Lomas¹ 271: en los pueblos que lindan con Asturias), al lado de *pegulleru* 'especie de bolinche o remate de las camas antiguas' (ib.).

pegollu en el asturiano central (Braulio Vigón: en el Navia *poyo*), al lado de *pegollera* 'losa cuadrada que se coloca sobre el *pegollu*' (ib.), términos registrados también por Canellada, *Cabranes*, págs. 19, 292; PICUCULU; R. Menéndez Pidal, *El dialecto leonés* § 12 *pegollu* 'pie derecho' y ya antes por Jovellanos, Bibl. de Autores Españoles XLVI, 46, 348, etc.

pegutsu 'pie del hórreo' Alto Aller (Rodríguez-Castellano)

pegotsu en el asturiano occidental (RDTrPop VI, 284)

piğollos Fuego (Tineo)

piollos Llamas del Mouro

piotšu Máñores

piotšo > *mioišo* 'pie del hórreo' Luarca (García de Diego, *Manual* 163: PEDUCULUS).

Los sonidos -ll-, -ts-, -č- corresponden a la evolución de -ll- medial en los dialectos asturianos respectivos: compárense *cuchello* 'cuchillo', *cuelllu* 'cuello',

esfollar 'arrancar la piel' en el asturiano central; *gatsina*, *petsiyu*, *escudietsa* en el Alto Aller; *megotso* 'pieza de la rueda del carro', *mutsida* 'piel que se coloca en la cabeza de los animales' en el asturiano occidental (RDTrPop VI, 297): *partiecu* 'entrada de una finca', *miocu* 'pieza central de la rueda del carro', *capieca* 'pieza superior del mango del manal', *cabiegón*, *cabieguín* 'uno que rotura la tierra', *miocu* 'parte central de la rueda' en Máncores; *tch* «desde Villapedre hasta Luarca» (Menéndez Pidal, *El dialecto leonés*, § 9; García de Diego, *Manual* 155-156).

Resulta pues inadmisibles la etimología PEDUCULUS propuesta por García de Diego (BAE VII, 252; *Manual* 163). Parece tratarse más bien de *PEDICULLUS según ya advertimos en WS X, 101 y *El léxico rural* 82, derivación admitida también por Meyer-Lübke, REW 6351 (con numerosas variantes de otros romances).

Llaman la atención sin embargo las formas *piğollos*, *piollos* de Fuego y Llamas del Mouro, ya que encontramos *ciñu* 'listón del hórreo' de LINEA, *argadiecu* 'argadillo, devanadera' *farieco* 'salvado' en Fuego y *escudieca* 'escudilla', *partecera* 'entrada de la finca', *martieco* 'martillo' en la región de Llamas del Mouro. Pero tampoco es posible derivar *piğollo*, *piollo* de una raíz PEDUCULUS, puesto que existen en Fuego *mayar* 'majar', *tayuela* 'tajuela', *panoya* 'panoja' y en la región de Llamas *cuyares* = *cuchara* 'piezas del carro', *rea* 'reja del arado', *la guiada* 'aguijada', *gramayeras* 'cadena del hogar' etc. Considerando estas circunstancias habrá que explicar las formas de Fuego y Llamas como préstamos del tipo *pegollo* largamente difundido en Asturias central y oriental.

Mencionaremos por fin port. *pegão*, vocablo empleado en la acepción especial 'grande pilar ou suporte' en el Norte: 'suporte vertical da cegonha ou picota' Mação (Tavares da Silva, *Esboço dum vocabulário agrícola regional* 338), en Taveiro-Coimbra (Krüger, *El léxico rural* 82), en la misma región *pegôis* 'postes verticales de la noria' (ib. 86), en la región litoral entre el Douro y el Vouga *pegão* o *pé* 'soporte de piedra que sustenta el hórreo' (Douro-Litoral, IVª Serie, IX, 68), en la Serra da Estrela *pegôis* 'los postes verticales entre los cuales trabajan las mazas del pisón' (H. Messerschmidt, VKR IV, 279). Considerando la posición semántica, fonética y geográfica que el vocablo *pegão* ocupa frente a *pião* (en las acepciones indicadas) habrá que considerarlo como forma independiente creada a base de *PEDICUS, REW 6352 (igual que *pegollo*, etc.)⁽⁹⁾.

Mendoza (Argentina).

F. KRÜGER

⁽⁹⁾ Malkiel 226, nota 68 *pegão*: «¿ Es vestigio de PEDICA la g intervocálica, que difícilmente habrá sido insertada para evitar el hiato? ».

Augusto César Pires de Lima, **Estudos etnográficos, filológicos e históricos**. Publicaciones de la Junta de Provincia do Douro-Litoral. Comissão de Etnografia e História, Série A, tomo X y XI. Porto 1950, 1951. Vol. V : 359 págs. ; Vol. VI: 418 págs.

Habíamos señalado en el tomo anterior de AILI IV, 292-293 el destacado interés de los estudios publicados bajo el título indicado arriba por el infatigable etnógrafo portense Dr. Aug. C. Pires de Lima. Prevalecen en los dos últimos tomos estudios lingüísticos, artículos etnográfico-folkloricos y trabajos en los cuales estos dos aspectos van vinculados en una armonía perfecta. Trátase en todos estos casos, como es natural, de temas portugueses, pero al mismo tiempo de temas que, si bien mirados por el autor desde un punto de vista geográficamente limitado, ofrecen eminente interés también desde el punto de vista comparativo. Sin entrar en un comentario minucioso de las diversas contribuciones contenidas en los tomos de referencia, por la variedad y la riqueza de los materiales presentados, nos limitaremos a destacar los artículos más importantes (o por lo menos más extensos) con el objeto de dar así una idea del carácter y del valor documentario de la presente publicación.

Reanudando el tema ya tratado en el t. III, 272-301 sobre *A lavoura e os mesteres* nuestro autor lo desarrolla ampliamente en una serie de artículos dedicados a las *Artes e ofícios nas tradições populares* (V, 5-144), aparecidos también aparte (en las Edições de Portucale, Porto 1947). Aparecen en este panorama el sastre, el herrero, el molinero, el cesterero y otras figuras familiares al pueblo y por lo tanto íntimamente vinculadas con la tradición popular, tema sugestivo y tanto más grato cuanto que rara vez ha encontrado entre los estudiosos del folklore peninsular la atención que indudablemente merece ⁽¹⁾. No faltan en estos capítulos observaciones sobre aspectos materiales (el molino de mano, de viento, de agua o los aperos del cesterero, por ejemplo); pero lo que les da su valor propio es más bien la manera en que se manifiesta el carácter y la vida del artesano según el concepto del pueblo: en el refranero, el cuento y la canción popular sobre todo.

Cumpliendo con otro programa igualmente ya trazado en un tomo anterior (II, 207-250: *Os sobreiros*: El alcornoque) el Sr. Pires de Lima dedica dos estudios extensos al roble y al olivo, que casi abarcan la totalidad del tomo VI (págs. 5-130 y 131-311 respectivamente), con el fin de trazar desde el punto de vista histórico, etnográfico y lingüístico un cuadro de las plantas que dan a la cultura portuguesa un relieve particular.

Trata pues en estos estudios ricamente ilustrados por grabados, dibujos y fotografías, la historia de estos «Kulturpflanzen» o plantas índices de cultura — precisamente con respecto al objeto histórico-cultural al que visa nuestro autor

(1) Forma una excepción notable la obra históricamente documentada de A. L. de Carvalho, *Os mesteres de Guimarães*, compuesta de siete tomos. Lisboa 1939-1947.

me parece conveniente recordar este término estrechamente relacionado con los célebres trabajos de Victor Hehn — el reflejo que han encontrado en el arte y en las tradiciones populares de Portugal (en la poesía, en las costumbres, en la medicina popular, etc.) así como — en forma de vocabularios alfabéticos — la terminología de las mismas y de su cultivo (incluso su difusión en la toponimia del país) ⁽²⁾. En cuanto a la parte filológica se basa en primer lugar en los vocabularios, particularmente los diccionarios dialectales que dan una cosecha considerable. En un estudio posterior ya anunciado sobre el castaño y la castaña utilizará además los resultados de cuestionarios repartidos en el país. Si bien es cierto que el material reunido en estos dos estudios no es ni puede ser absolutamente completo — hubieran sido interesantes para el filólogo informaciones más abundantes sobre el fruto del roble y la agalla — no es menos seguro que presentan, aparte de su valor sistemático, aspectos interesantes que merecen ser definitivamente esclarecidos por la filología y el folklore. Vayan como ejemplos los diversos términos con que se designa la rebusca (de aceitunas, etc.): *andar ao restêlo*, *azeitona resteleira* (pág. 231); *rebusco-rabisco* (pág. 230); *andar ao pingarilho* (pág. 93), también en la fraseología popular *anda ao pingarelho* = 'aquele que vive do que dá o acaso' (pág. 112) o los conceptos populares que se vinculan con *cuca*, *maçã-cuca*, *maçã de cuco*, designaciones de la agalla.

Entre los dibujos de objetos, todos sumamente instructivos, citaremos como ejemplo la *barraca para o guarda do melancia* (pág. 387), en forma típica de «Dachhütte» conocida también entre los pastores y cuya difusión y variedad no merecen menos atención — como tipo primitivo de habitación ⁽³⁾ — que las habitaciones circulares recientemente estudiadas por J. Dias y otros; la *lucerna romana* y la «lucerna» moderna de tipo absolutamente romano (pág. 150 y sigs. y otros utensilios de alumbrado) y el lagar de aceite primitivo con terminología completa: *juiz*, *frades*, *pastor*, *galga*, *inferno*, etc. (págs. 182, 183); formas características de la peonza (pág. 114; véase más abajo).

El artículo extenso *Curiosidades lingüísticas* (V, 139-294) se compone de varias partes: contribuciones al vocabulario ideológico portugués, discusiones sobre el uso y el origen de ciertos vocablos antiguos y dialectales y algunas observaciones de origen sintáctico, basados sobre textos antiguos y el uso moderno.

Pertenecen al primer grupo nombres de las hojas del pino en portugués (V, 182-185), tema ya ampliamente tratado por el malogrado etnógrafo Dr. Cl. Basto (en su bien conocido estudio publicado en RL XIX) y del que forma un complemento valiosísimo la recopilación de tales designaciones en los dialectos gallegos por nuestro estimado amigo F. Bouza-Brey (aparecido en: Cuadernos de Estudios Gallegos X, 233-252).

Se basa sobre el estudio de vocabularios regionales y una encuesta sistemática organizada por el autor en tierras de Portugal el artículo *A chuva na língua e nas tradições populares de Portugal* (V, 245-294) en el cual presenta.

(2) A este respecto conviene recordar la valiosa labor ya realizada por el insigne lexicólogo J. Piel — Coimbra — en sus estudios sobre *Os nomes das quercus na toponímia peninsular*. RPFil IV, 310-341 y en numerosos estudios etimológicos.

(3) Nos referimos a este aspecto en el artículo *La contribución de Portugal al folklore europeo*, publicado (en alemán) en *Comemorações portuguesas de 1940*, Ciências da População, separata, pág. 29.

además de tradiciones y creencias populares relativas a la lluvia, un copioso vocabulario, que felizmente viene a completar las colecciones realizadas poco antes por J. Pérez Vidal en las Canarias (RDTrPop V, 177-200) y Fr. Carreiro da Costa en la isla de São Miguel (*O tempo na linguagem popular micalense*. Angra-do-Heroísmo, 1945).

Ha aquí en forma esquemática algunas designaciones escogidas de la lluvia menuda que darán al lector una idea del gran interés que merecen desde el punto de vista comparativo:

1 a. *molinha* (> Canarias *molina*, *molina*), *molinhar*, *molizar*, *molejar*, de MOLLIS como *minh.*-gall. *molime*, *molimada* 'broza, despojos de los vegetales que se emplean para hacer estiércol en los corrales' (RL XXII, 32; Valladares, etc.). En Galicia también = 'hojas de pino caídas del dicho árbol' (Bouza-Brey), leonés *mullido* 'ramas de escoba, de piorno o similares, que se colocan en los pajares para preservar de la humedad la paja' (C. Morán) = *mutsidus* en Babia-Laciana (Guzmán Álvarez), ast. centr. *mullio* (Braulio Vigón), ast. occ. *mullido* 'la maleza con que se hace la cama del ganado', verbo *mullir* (Acevedo); *mullicas* 'pajas majadas con que antiguamente se embastaban los albardines' Maragatería Alta (Garrote), etc. (4).

mutsentona 'nieve blanda (!) que cae en copos grandes' (Guzmán Álvarez, Babia-Laciana).

salmant. *mollina* 'llovizna, neblina' (Lamano), con el mismo significado *molina*, *muliña*, *mullizna* en la Sierra de Gata (VKR II, 85), las primeras formas probablemente de origen portugués; cast. *mollino* adj., *mollina* 'llovizna', andal. *mollizna* (RDTrPop VIII, 367).

Pertenece sin embargo al grupo *MOLLIARE (cp. M. Steffen, *Die Ausdrücke für Regen und Schnee im Französischen, Rätoromanischen und Italienischen*, Zürich 1935, págs. 43 y sigs.) santand. *mojina* (verbo *mojinear*), *mojarrina* (= *agüarrina*) (verbo *mojarrinear*) (5).

1 b. *moinha* 'chuva miúda, como que peneirada', *munha*; aparece la misma palabra en mayor extensión con el significado 'fragmentos de palha que ficam na eira, em que se debulharam cereais', 'salvado' en Portugal, Galicia y — como evidente portuguesismo — en Extremadura y Salamanca (VKR XVI, 253; M. L. Wagner, RPFil III, 335); en el N. de Portugal *moinha*, *moanha* también = 'fóllhas sêcas do pinheiro' (Cl. Basto) en contacto con la provincia de Orense (Bouza-Brey), *moaña* 'polvillo que desprende el maíz' (VKR XI, 274), en el Minho *moinha* 'sêmeas de encher travesseiros' (RL XXII, 32); como lusitanismo con el significado 'llovizna' también en las Canarias: *muña*, *muña* (Pérez Vidal 196). En este caso es evidente el uso metafórico de la palabra derivada de MOLINUS (6); cp. andal. *hariniña* 'llovizna' (RDTrPop VIII,

(4) No insistimos en los derivados de MOLLIS, que designan en las hablas occidentales la almohadilla del yugo (GK 178; *El léxico rural del NO. Ibérico* 13, etc.).

(5) Hay que preguntarse si pertenece al grupo MOLL- (o MOL-) la forma alentejana *mujinar*, al lado de *muge-muge*, como sugiere H. Meier en NRFH IV, 273, nota (*MOLIGINARE?).

(6) H. Meier, NRFH IV, 273 relaciona *moinha* 'hoja seca del pino' con *MOLIGO = MOLLIGO; igualmente en RF LXIII, 334-335; es probable que pertenezcan al grupo *moña*, *muña* también gall. *buña*, *abuña*, registrados por F. Bouza Brey 236 con el mismo significado (trueque de b/m en posición ini-

367-368), canar. *harinita*, verbo *harinar*; port.-açor. *peneirar* 'chuviscar', *pe-ne(i)ro* (Carreiro da Costa).

1 c. *merujar*, *marujar*, *murujar*, sustantivo posverbal *meruja*, *merujinha*, *merijeiro* en el N. de Portugal, *merojera* en las Canarias (Pérez Vidal 195), según toda probabilidad lusitanismo; en Galicia esporádicamente *maruxo*, *moruxa* 'hojas secas de pino' (Bouza Brey 248). Las voces portuguesas según la opinión de H. Meier, NRFH IV, 272, se derivarían de una raíz MOLLUGO, semánticamente hipotética, 'humedad' (7). Considerando las dificultades que tal derivación presenta desde varios puntos de vista ponemos a discusión la posibilidad siguiente: explicar los verbos (de los cuales según toda probabilidad hay que partir) como variantes de la familia *molinhar*, *moliçar*, *molejar*, mencionada en el n.º 1.^a, presuponiéndose pues el tipo *molujar* (con el sufijo *-ujar* como en *babujar* 'lloviznar', igualmente en el N. de Portugal, *carujar* 'lloviznar', en el S. de Portugal, etc.) del que hubieran procedido por disimilación vocálica, *o-u* > *e-u*, *a-u*, sumamente frecuente en las hablas occidentales (8), las formas *merujar*, *marujar*.

Resulta más difícil la explicación de la *-r-* que de ningún modo puede continuar fonéticamente *-LL-* (9). Parece más natural explicar la aparición de la consonante *-r-* en la raíz de la palabra por un proceso de metátesis o asimilación consonántica tal como se da en el caso de canar. *moralinha*, que evidentemente presupone *mollarinha* o *mollarina*, como ya sugirió J. Pérez Vidal 196, canar. *moreriña* (ib.: asimilación de un supuesto *moleriña*, justificado por *moliña*) o directamente **molujar* > **melujar* > *merujar*, etc.

2. *pingar* 'chover em gotas pequenas', *pinga* 'gota de lluvia', de origen onomatopéyico (10). Registra nuestro distinguido amigo únicamente el verbo *espingardar* 'chuviscar', de aspecto algo raro, pero evidentemente relacionado con la raíz indicada, así como port. *espingalhar* y otras voces citadas en nuestro artículo

cial), pero es evidentemente de origen distinto *builo* que H. Meier, RF LXIII, 335 incluye en este mismo grupo. No cabe duda tampoco que tortos. *borrim* 'pluja suau' no puede continuar MOLLIMEN (ib. 334), sino *borra*, según ya señala el Dicc. Alcover, así como astur. *borrina* 'bruma que sale del mar' y numerosas otras designaciones por el estilo.

(7) Sustenta Meier la misma hipótesis en VRo X, 80.

(8) Véase la rica documentación presentada por R. de Sá Nogueira, *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa, 1938, págs. 166-167: *colostro* > *calostro*, *coturno* > *queturno*, *soluço* > *saluço*, *borboleta* > *barboleta*, etc., observaciones que no tenía presentes al redactar el capítulo correspondiente de *Problemas etimológicos*, cap. 13, RDiTrop.

(9) No necesitamos insistir aquí en las disquisiciones de H. Meier, NRFH IV, 272-273, sobre la posibilidad de relacionar port. *caruja* con **CALLUMEN* < **CALLUGO*, ya que hay que buscar el origen de *caruma* en una raíz completamente distinta. Resulta imposible igualmente derivar *morrinha* 'llovizna' simplemente de MOLLIGO (RF LXIII, 334, 337).

La Redacción de este Boletim me señala que ya José Inês Louro se había ocupado en el BFil IX, 171-173 del problema etimológico de *merujar*, *marujar*, *murujar*. Esperamos poder volver al asunto en una ocasión posterior.

(10) Aprovecho esta ocasión para señalar que ya con anterioridad a la publicación de nuestro artículo sobre la familia *pinga*, el insigne filólogo portugués R. de S. Nogueira había propuesto el origen onomatopéyico de *pinga* 'gota' en su estudio *Crítica etimológica*, publicado en *Miscelânea de Estudos à Memória de Cláudio Basto*. Porto 1948, pág. 354.

sobre 'pinga', AILi IV, 84 y sigs., a las cuales cabe agregar también *pinguinha d'água* 'chuva, de uma maneira geral, desde que não seja demasiada' (en una copla: «Ribeirinha, ribeirinha, / Ribeirinha desgraçada, / Se não chove uma pinguinha, / Ribeirinha não é nada»), *pingão* 'do tempo chuvoso', *pingalhotar* 'chover, pingar' (con ampliación sufixal propia de las palabras de tal categoría) registrados por F. Carreiro da Costa en su valioso repertorio *O tempo na linguagem popular micaelense*, pág. 22, al lado de *petinga* 'chuva miúda, continua, sem vento', *petinguento* 'tempo da chuva miúda, sem vento' (ib.), ¿de *pit*?

Evidencian los dos ejemplos siguientes, tomados de la novela *Terras do Demo* del gran estinista portugués Aquilino Ribeiro, que el tema *ping-* ha conservado hasta hoy en día todo su valor onomatopéyico primitivo: «Nas limpaças ouviam-se os beirais gotejar, tanger nas pedras e nos charqueiros um ping-ping choroso e aborrecido» (cap. XII); «Ouvia-se no patim o pling-pling-plão de uma goteira a encher a lata dos bácoros» (cap. IV). -

3. *caruja-caruma-caropa-carepa*.

De este grupo de voces, a los etimologistas ha interesado únicamente la primera, sin que hayan observado las estrechas relaciones que existen entre ella y las demás. Este error capital ha dado motivo a las disquisiciones que el lector encontrará en nuestro opúsculo *Problemas etimológicos*, RDiTrPop.

4. La designación de la lluvia menuda *borraça* y sus derivados *borraceira*, *borriceira*, *borritos*, frecuentemente registrados por los vocabulistas portugueses (véase, además de los datos suministrados por nuestro autor, J. Leite de Vasconcellos, *Etnografia portuguesa*, II, 43; RL XXVIII, 94; RL XIX, 196) del norte de Portugal se continúa con acepciones parecidas a los dialectos colindantes: gall. *borrala* 'llovizna, niebla' (Carré Alvarellos), *borralleira* 'niebla cuando anda baja y densa' (Valladares), astur. occ. *barruceiro* 'el día en que llovizna', *berruzo* 'llovizne', *barruzar* 'lloviznar' (Acevedo), términos a los cuales corresponden en gallego *barruzar* 'lloviznar, caer rocío', *barrufar* 'rociar con agua' ⁽¹¹⁾, astur. *borrina* 'niebla densa y húmeda' (Rato y Hévia), *borrin*, *borrina* 'niebla' (Canellada) ⁽¹²⁾. Compárese sobre el origen de la raíz *borr-* NRFH IV, 234-236 ⁽¹³⁾.

No estamos seguros de si hay que agregar a este grupo también *morraça*, verbo *morraçar* 'chuviscar', denominación que parece ser propia del sur.

Entre las curiosidades sintácticas figuran observaciones interesantes sobre el uso concesivo de ciertas partículas (págs. 175-181: *quando*, *ainda que*, *antes que*, etc.). Se inclina nuestro apreciado amigo a sustituir la conjunción *que* por *em que* en la copla siguiente: «Jurei ser tua mulher / Doutro não, nunca seria; / Que me custasse a vida, / Minhas juras cumpriria» (pág. 181) y a explicar como caso de «elipsis semejante» los versos siguientes: «Anda comigo, ó Rosa, / Deixa a mãe que te criou; / Seja ela tua amiga, / Não te dá o que eu te dou»

⁽¹¹⁾ *barrufar* 'rociar con agua', frente a *borrifar* 'salpicar con agua', muestra claramente que la *a* *protónica* se debe a disimilación (*o-u* > *a-u*).

⁽¹²⁾ Según los datos de que disponemos, ocupa una posición aislada montañés *murrina* 'lluvia menuda', verbo *murrinear* (García Lomas² 207), también frente a *morriña* en las hablas occidentales.

⁽¹³⁾ No estamos de acuerdo con la explicación propuesta recientemente por H. Meier, RF LXIII, 333-334: raíz MOLL-.

(ib.). Trátase a nuestro juicio de construcciones concesivas de carácter enfático (oraciones asindéticas; el subjuntivo originariamente con valor optativo) como se encuentran ya en textos antiguos y con gran frecuencia en el lenguaje popular (A. Braue, *Beiträge zur Satzgestaltung der spanischen Umgangssprache*, Hamburg 1931, págs. 110 y sigs., con referencias a gramáticos portugueses).

Parécenos perfecta la explicación de *a mais* = *e mais* en el ejemplo siguiente: «Ó meu amor, meu amor, / Ó meu amor coitadinho, / Andas coberto de penas, / A mais não és passarinho» (pág. 176) = *e contudo*, *e a pesar de*. Hay pues que presuponer el empleo de *a mais* (= *e mais*) con el valor de «y», partícula copulativa a la que pueden darse valores diversos según la interpretación lógica de las oraciones. (Habla también M. Rodrigues Lapa, en su valiosa *Estilística da língua portuguesa*, Lisboa 1945, pág. 290, de un sentido netamente adversativo de la conjunción *e*). En cuanto al origen de *mais*, *e mais* = 'y (o con)', compárese nuestra exposición en RFE XIII 74-75.

Concluiremos con algunas reflexiones que nos ha sugerido el capítulo dedicado a determinados vocablos.

En cuanto a *grunho* 'milho mal criado, miúdo' (pág. 201) — no lo encuentro con tal sentido en Figueiredo, pero sí *gronho* — evidentemente se trata de variantes fonéticas de *carunho*, *caronho*, *cronho*. Opinamos que tiene el mismo origen *gronho* 'variedade de pêra', puesto que no es raro el caso de designarse frutos silvestres por la misma raíz: *carueza* 'manzana silvestre', etc. Véanse más detalles en *Problemas etimológicos*, cap. 2, RDITrPop.

La designación *branças* 'grãos partidos ou miúdos que ficam nas eiras' hasta ahora no registrada por los vocabulistas, parece corresponder a *granças* 'alimpadura de cereais', recientemente tratada por J. Piel, Biblos XXI, 495, = cast. *granza*, dial. *grancias* (W. Bierhenke, VKR II, 56; VKR XVI, 249). En cuanto a *grunho*, citado como sinónimo de *brança*, claro está que hay que relacionarlo con *gréunha*, *gráulho*, *grainha*, derivados de GRANUM.

Son interesantes las numerosas denominaciones que en Santo Tirso se dan al remate del almiar (hecho «de um colmeiro dividido em três pernas») *moça*, *cachopa*, *boneca*, *moneca*—lindas personificaciones—, *capucho*, *carocha*, *carantonha*. Compara nuestro apreciado amigo (pág. 222) *carocha* con la *carocha* puesta sobre la cabeza de los condenados, en forma de mitra (derivado de *cara*), vinculación que es apoyada por *carantonha* (igualmente de *cara*). Por otra parte no escasean en el N. de Portugal designaciones como *corucho*, *gruchu*, *coruto*, para el mismo objeto, *caruta*, *carucha* también = 'cimo de árvore', etc. En estos casos ya no cabe tal comparación, tratándose evidentemente de una raíz distinta.

Asóciase a los numerosos casos de uso metafórico de *ladra*, *ladrão* (cp. VKR I, 246, personificación de objetos) *ladra* = 'broca com que, feito um poço ou aberta uma mina, se exploram as veias de águas próximas, sem respeito muitas vezes pelos direitos dos proprietários vizinhos' (pág. 229).

En cuanto a las variantes semánticas de *prégua* 'lousa colocada sobre a lareira' (pág. 169), me permito remitir al cuadro comparativo contenido en nuestro estudio sobre la castaña en AILi V, 256.

Representan derivados de PEDE *peça*, *apeça* 'correia em que se prende o boi à canga; corneira' (pág. 232), término atestiguado también en la Serra da Estrêla (VKR IV, 138), en la región de Lisboa y Coimbra (*El léxico rural del*

NO. Ibérico, 20; Frankowski, *As cangas e jugos portugueses* em: Terra Portuguesa 1916, marzo) y en el Minho (M.^a Palmira da Silva Pereira, *Fate* 283): *piças*, así como *apeazas*, *apiasas* en la prov. de Lugo (VKR V, 100) = PEDACEAS, originariamente con el sentido de ligar los pies (de animales, etc.: gall. *apeazar* 'prender un animal atándolo a una estaca') y acepciones semejantes (*Hochpyrenäen* D, 101: piren. *peazos* 'calcetines', etc.). Son notables las variantes sufixales en las hablas occidentales:

gall. *peallas* 'barras del yugo entre las que se mete el cuello del buey' (Valladares; *El léxico rural* 18); significado secundario: la designación de las cuerdas aplicada a los barrotes a que están prendidas; aproximase a su sentido original *piallas* 'correas de las cangalleiras', 'correas que ligan las dos piezas del manal' en la provincia de La Coruña (GK 245, nota; VKR I, 275).

aptares, *apiares* 'sogas del yugo que unen los dos palos debajo del pescuezo del buey' en las provincias de La Coruña y Lugo (*El léxico rural* 19; VKR V, 100); también como singular *apear* m. (Dicc. Ac. Gall.), *apeare* (Carré Alvarellós) = *apeadoira* (ib.; ib.); *pear* frente a *peal* también = 'pasal', 'paso de un río', 'lo que cubre el pie' (Cuveiro Piñol) (14).

pioz 'laço para apanhar aves' Alentejo (RL XXXI, 131), término ya explicado por C. Michaelis, RL III, 129 y Gonçalves Viana, *Apostilas* II, 276 como plural de *pió* PEDIOLA. Pertenecen a este mismo grupo también:

piogas 'correas de la canga = *apeares*, *apiares*' en Santiago, La Coruña, *peoxa*, *pioxa* (x = jota) en Finisterre (*El léxico rural* 19; Malkiel, *The Romance Progeny of Latin* PEDANEUS. En: Archivo Glottológico Italiano XXXVI, 62, nota) (15), palabra que hay que separar de *peuga*, *piuga* ampliamente difundida en otras partes de la Península como designación de 'calcetín tosco, etc.' (*Hochpyrenäen* D 102; Malkiel 62): *PEDUCA.

piola 'pihueta, correa con que se asegura la caza por los pies' (Valladares), 'cordel delgado' (BAE XIV, 129), forma gallega que corresponde a cast. *pihueta* atestiguada primero como término marítimo (Corominas, *Revista de Filología Hispánica* VI, 163) y usada como tal aún hoy (Dicc. Ac. Esp. = 'cabito formado de dos o tres filásticas', en la provincia de Murcia *piola* 'filete que se forma en la elaboración del esparto' (W. Bierhenke); largamente difundido en Hispanoamérica: *piola*, *piolín* (véase el artículo instructivo de J. Corominas).

port. *peia* 'corda ou laço com que se prendem os pés das bestas' (Figueiredo), vocablo usado con este significado en Algarve (RL VII, 257) y las Azores (L. da Silva Ribeiro, *O pastoreio na Ilha Terceira*: *peia*, verbo *pear*); Melgaço *peja* 'peya do animal', *animal pejado* (Leite de Vasconcellos, *Opúsculos* II, 168); gall. *apea* 'soga o correa que sirve para trabar las caballerías' = cast. *apea* (Dicc. hist. Ac. Esp.) (16); vasc. *peia* 'galga del carro', 'trabas, grillos', *pheiatu* 'trabar las caballerías'. J. Corominas propone como etimología de las formas portuguesas *PEDIA (RFH VI, 164). Nos preguntamos sin embargo si no hay que consi-

(14) Compárese sobre el tipo *peal* García de Diego, BAE VII, 252; *Hochpyrenäen* D 102 y sigs.; Malkiel 60 nota; hispanoamericano *apealar*, *pialar* 'enlazar por los pies una res', montañés *empealar*.

(15) Compárese también nuestra reseña del libro de M. J. Delgado en la pág. 326 de esta revista.

(16) En Salamanca de *apear* 'poner la apea a las caballerías' *apeayeguas* = 'Venus, porque al aparecer en el horizonte es cuando, apeadas las caballerías, las echan al prado' (Lamano).

derarlas más bien como posverbales: port. *pear* 'poner la peia', cast. *apear* 'maniar las caballerías', como santand. *empeos* 'tacos de madera de las albarcas' de *empear* 'poner los empeos' (García-Lomas), etc.

Aparecen con acepción secundaria: gall. *pexar* 'poner obstáculos a una cosa' (Carré Alvarellos), *pexado* 'aspeado o que no puede andar, de puro cansado o por otra cosa' (Cuveiro Piñol) = port. ant. *pejo* 'impedimento, estorvo' (Figueiredo: de *pejar*, REW 6347: de franc. *piège*?), *pejar* 'embaraçar, impedir', 'fazer parar o moinho, cortando a água' (ib.), con este último significado también trasmont. *apejar* (RL I, 204), gall. *apear* 'paralizarse el molino' (Carré Alvarellos) y los derivados *pejadoiro* 'aparelho com que se faz parar o moinho' en el N. de Portugal (VKR IV, 116) y las Azores (Carreiro da Costa, *Terminologia agrícola micaelense*); *peja* (j = fricativa palatal sonora) = 'travesaño de madera que cierra la parte anterior del carro', relacionado con el verbo *pejar* 'impedir', como evidencia el sinónimo *trabadoira* usado en la misma región (*El léxico rural* 49); por fin port. *pijeiro* 'talhadoiro, ponto em que se reparte a água destinada a regar alternadamente terras contiguas', *pejeiro* 'porção de terra ou terrão com que se atalha a água de um rego', acertadamente vinculado por J. Piel en el sugestivo artículo sobre *As águas na toponímia galego-portuguesa*. BFil VIII, 315 con el verbo *pejar* 'embaraçar, impedir', *PEDIARE⁽¹⁷⁾.

Mendoza (Argentina).

F. KRÜGER

Emil Staiger, **Goethe 1749-1786**. Atlantis Verlag (Zurique), 1952, 567 págs.

As observações críticas e programáticas de E. Staiger na lição dedicada aos objectivos e aos objectos da Ciência literária (*Von den Aufgaben der Literaturwissenschaft*, 1939, publicada no livro citado a seguir), a aplicação dos princípios aí formulados, na análise de determinadas obras poéticas nos livros *Die Zeit als Einbildungskraft des Dichters. Untersuchungen zu Gedichten von Brentano, Goethe und Keller* (O Tempo como imaginação poética. Investigações acerca de poesias de B., G. e K., 1939) e *Meisterwerke deutscher Sprache im 19. Jahrhundert* (Obras-primas de Língua alemã no século XIX, 1943, 2.^a ed. 1947), a contribuição significativa para o estudo do problema dos géneros literários, *Grundbegriffe der Poetik* (Conceitos fundamentais da Poética, 1946), levaram os seus leitores, admiradores e críticos a reflectir, entre duvidosos e esperançosos, sobre se o professor de Zurique chegaria a resolver-se a fazer con-

(17) En cuanto a gall. *picheiro*, *picho* 'caño por donde sale el agua de la fuente', hay que relacionarlo con el grupo *pich-*, al que nos referimos en Hochpy-meio-compreensível do que pela clareza inequívoca» (pág. 332).

verger as suas grandes qualidades de percepção e penetração de fenómenos poéticos, sobre a interpretação da totalidade da *Obra* de um Poeta, — e tanto mais quanto é certo que as suas análises dos produtos singulares nunca deixaram de estudar os fenómenos parciais como integrados na plenitude da produção restante do mesmo autor, e que Staiger considera a História da Literatura como «contribuição para a Antropologia geral». As análises promenorizadas dos poemas goethianos de «Dauer im Wechsel», em *Die Zeit als Einbildungskraft des Dichters* e de «Sommernacht» bem assim como da «Novelle», em *Meisterwerke deutscher Sprache*, e a da cena inicial da Segunda Parte do «Fausto», sob o título de *Fausts Heilschlaß* (O sono salutar de Fausto, na revista Hamburger Akademische Rundschau, II, 1947, págs. 251 e segs.) fizeram esperar que Goethe fosse um dos Poetas cuja Obra chegasse a ser integralmente interpretada por Staiger. O interesse e a esperança aumentaram ainda com a leitura da crítica do livro de Friedrich Sengle sobre Wieland (na revista Trivium, VIII, 1950), ao verificar-se que nela uma obra despreocupada com as tendências predominantes na Ciência literária moderna e concebida no espírito de Haym e Dilthey, não somente se apresenta como modelar, mas ainda como «confortante após tanta fenomenologia e ontologia pretensiosas da Literatura», aos quais o próprio Staiger admitiu não ter sido alheio, nos seus estudos, mas de que parecia agora disposto a distanciar-se.

E agora o germanista de Zurique acaba de iniciar a publicação de um *Goethe* da sua autoria. O presente primeiro volume abrange o período de 1749 até 1786, e portanto desde os anos da mocidade com as suas primeiras impressões determinativas e impulsos característicos no ambiente de Francoforte, até à primeira partida para a Itália.

O objectivo supremo do livro é, como nos anteriores de Staiger, a interpretação de Poesias. «O pensamento e as investigações de Goethe não deixarão de ser considerados, por extenso. O máximo cuidado, porém, voto-o à interpretação dos textos poéticos. Pois somente no Poético é que se nos oferece o acesso à individualidade goethiana (...) O nosso objecto é aquilo em que concordam pensamentos, períodos, motivos, estruturas, ritmos, imagens e a vida também, quer dizer: o *estilo*» (pág. 8). Para o método seguido, remete o leitor para a conferência sobre a arte da interpretação, *Die Kunst der Interpretation* (publicada na revista Neophilologus, Groningen, 1951). Mas não deixa de reconhecer, ele próprio, que «é mais fácil interpretar as obras singulares do que uma Obra na sua totalidade. Pois, — continua — ao interpretarmos uma obra singular, sentimo-nos no nosso direito e até no nosso dever de fazer converger para a obra estudada todos os nossos conhecimentos do Poeta, e de demonstrar quaisquer relações que se possam descobrir (...). Ao tentarmos, porém, interpretar a sequência das Obras completas de um autor, vemo-nos obrigados a limitar as nossas afirmações àquilo que não diga respeito senão ao objecto singular. Contudo, os grandes temas precisam também de ser tratados na sua integridade. Procurei resolver a dificuldade discutindo-os na melhor das oportunidades que para isto se oferece» (pág. 9). Encarada a questão sob este aspecto, ela toca à organização e composição do trabalho interpretativo. Mais importante ainda é a dificuldade que resulta de a interpretação de uma sequência de obras não poder limitar-se a incidir sobre as realizações isoladas na sua beleza e perfeição, impondo-se-lhe atender igualmente o processo da génese, do declínio e da substituição das per-

feições realizadas, «pois trata-se de compreender não somente um estilo, como ainda a sua metamorfose» (ib.). Reconhecendo a este dilema a qualidade de «um dilema essencial do pensamento goethiano» que o próprio Poeta procurava solucionar pelo conceito da graduação, Staiger considera lícito seguir o mesmo princípio, qualificando de *graus* os capítulos do seu livro. «Cada um deles é terminante, marcando ao mesmo tempo a transição para o seguinte», embora por modos diversos, visto que a evolução do Poeta também nem sempre foi uniforme e de maneira alguma linear. Outra dificuldade ainda a que o Autor não se refere, mas que se nos afigura como particularmente significativa e intrincada, reside na necessidade de combinar, num trabalho como o presente, os princípios da interpretação fenomenológica e histórica. Impõe-se reconhecer sem reservas que o Autor a venceu magistralmente. Apontamos como exemplos brilhantes as págs. 73 e segs., nas quais determina a característica situação histórica da Lírica goethiana de 1770-1785, e 206 e segs., onde discute os diversos aspectos da interpretação genética e estilística do *Urfaust*.

Poderia surpreender ou causar estranheza o Autor dos *Grundbegriffe der Foetik* cuidar expressamente de evitar quanto mais possível todas as *ideias principais* e *orientadoras*, e «a chamada terminologia científica». Mas justifica este procedimento plenamente esclarecendo que o trabalho encetado é histórico e não sistemático, e sublinhando que a aplicação à obra goethiana de certas categorias gerais contribuiria apenas para exemplificar estas categorias, mas não para compreender o Poeta. Poderia surpreender e estranhar mais ainda ver Staiger negar que falte ao rigor da Ciência literária ao produtor revelar o que há de específico, no Poeta, ao seguir cauteloso e insinuante o seu método evolutivo, e ao resignar-se conscientemente de deixar subsistir «um mistério sensível, tocado quando muito, entre as linhas» (1). «Científico, é-o o nosso procedimento — afirma, distinguindo o método adoptado do das Ciências naturais — desde que a concordância bem pressentida, mas ainda obscura, da obra de arte se torne demonstrável e evidente em toda a sua nitidez, numa interpretação que considera o texto integral e todos os documentos da vida e da produção do Poeta: — objectivo esse que ninguém alcança por completo, mas que continua irrevogável e que regula todos os nossos passos» (pág. 11).

Esta distinção sincera, clara e conscienciosa é tão simpática como a afirmação despretensiosa de o livro nem oferecer nenhuma teoria nova acerca de Goethe, nem defender quaisquer teses, propondo-se meramente «explorar o grande património na sua plenitude e compreendê-lo na sua integridade» (ib.).

Se nos últimos decénios e muito acentuadamente durante os centenários goethianos de 1932 e de 1949 se tornou hábito vulgar, e numa extensão depriamente, subordinar o estudo, o culto ou a celebração do vulto e da Obra de Goethe à questão do valor que teriam para a nossa época, seja para os justificar, limitar, corrigir ou até negar, o livro de Staiger conserva-se conscientemente alheio da arrogância e da trivialidade daquela atitude. A compreensão de Goethe e da sua Poesia que é o seu objectivo, não é determinada pela noção do valor fictício

(1) Assim, a extensa e penetrante análise de *Füßst wieder Busch und Tal* acaba por resignar-se perante o facto «de nos encontrar na situação aparentemente vergonhosa, mas talvez profundamente significativa e específica da poesia lírica, de sermos mais fascinados por uma linguagem incompreensível ou apenas meio-compreensível do que pela clareza inequívoca» (pág. 332).

que possam ter para uma actualidade que se subtrai ainda a todas as percepções e intelecções sérias, fundadas, mas unicamente pela reflexão mais significativa e mais grave que formula perguntando: «Como é que nós hoje nos afirmamos perante o Poeta?» — O livro divide-se em duas partes. Delas, a primeira abrange o período de 1749 até 1775, a época da mocidade passada em Francoforte, o tempo de estudante em Lipsia, os anos fecundos de Estrasburgo e Wetzlar até a ida para Weimar, incidindo sobre os inícios da produtividade poética de Goethe, na poesia da Lírica anacreontica, dos Hinos, das Odes e das Canções, nos fragmentos de *Maomé*, *O Judeu Errante*, e *Prometeu*, nos dramas de *Götz von Berlichingen*, *Clavigo* e *Stella*, no romance de *Werther*, nas *Farsas* e no *Urfaust*. A segunda parte abrange o período de 1775 até 1786, desde a chegada a Weimar até à primeira viagem à Itália, incidindo sobre o vulto da Charlotte von Stein e a acção exercida por ela no Poeta, a Lírica dos primeiros anos de Weimar, os dramas de *Egmont*, *Itigénia* e *Torquato Tasso*, os fragmentos do romance *A Missão Teatral de Guilherme Meister* e do poema *Os Mistérios*, e a Natureza na concepção de Goethe. Iniciada cada uma das duas partes por um capítulo evocativo do ambiente característico, um referente à Meninice, outro a Weimar, terminam ambas pelo resumo dos traços mais significativos da evolução vivida nas duas fases tratadas, determinando, em síntese, a situação a que o Poeta tem chegado, respectivamente em 1775 e em 1786.

A orientação linguística e estilística do método interpretativo de Staiger estende-se até aquelas zonas da vida e do pensamento que até agora ainda não foram esclarecidas deste modo, nomeadamente o ambiente da casa paterna e dos universitários de Lipsia, a personalidade vigorosa do Duque Carlos Augusto de Weimar, a filosofia e Espinosa, etc. Os aspectos que o estudo original e penetrante de Staiger a este respeito revela, apresentam-se como particularmente elucidativos.

A acepção do método indicado, não chega, porém, a tomar feições de doutrinação, no livro, como se pode verificar na diferença do procedimento interpretativo do Autor nos exemplos do *Werther* e do *Satyros*. No caso do romance e perante a multiplicidade de pormenores biográficos que a investigação descobriu nele, afirma que, considerada somente sob este aspecto, a obra acabaria por apresentar-se como incoerente. «Da plenitude dos dias e das horas, Goethe escolheu momentos insignificantes e transcendentés, mas apenas aquilo que cabe nos moldes da obra de arte. É a obra de arte que estudamos. É integrados nela como num todo acabado que se nos impõe compreender os pormenores. Para isto, a biografia não nos serve (...)» (pág. 148). No caso do *Satyros*, porém, em que a investigação está ainda preocupada com a descoberta do modelo, e perante a opinião que condena como absolutamente errado interessar-se por ele, Staiger não deixa de observar: «Mas talvez exageremos (...) ao julgarmos, demasiado despreocupados, poder compreender uma produção poética sem recorrermos aos elementos histórico-biográficos» (pág. 198). Pois o próprio Goethe aludiu ao facto de determinadas figuras das suas obras representarem personalidades vivas. Contudo, ainda assim, o investigador tem que proceder com toda a cautela. Assim, no caso da relação que o Poeta estabeleceu, em *Poesia e Verdade*, entre a figura de Mefisto, no *Fausto*, e o seu amigo Merck, será indicado esperar ainda pelo resultado das investigações de Hermann Bräuning-Oktavio, no estudo que está a publicar no Anuário da Sociedade Goethiana, *Goethe und Johann*

Heinrich Merck. Die Geschichte einer Freundschaft. Aliás, parece-nos que Staiger se está valendo demasiado das afirmações que o próprio Goethe inseriu nas suas Memórias acerca da gênese, das razões, do objectivo, do significado e do êxito das suas obras. A este respeito, seria aconselhado proceder-se mais criteriosamente, dadas a grande distância que separa o período recordado da redacção de *Poesia e Verdade*, e a sua estilização bastante acentuada. Por outro lado, porém, há que admitir que nem sempre Staiger se limita a reproduzir as afirmações e a aceitar as sugestões da argumentação goethiana. Assim, ultrapassa o Poeta ao explicar o facto do pouco êxito da comédia *Os Cúmplices*, e o desinteresse de Goethe na conclusão de *Maomé* e de *Prometeu*, pelas deficiências e discordâncias estilísticas destes produtos.

A interpretação do *Egmont*, porém, não satisfaz. A sua insuficiência vem de Staiger não penetrar na estrutura dramática da obra, como aliás na análise dos dramas tende para preocupar-se mais com as personagens e suas relações e acções do que com a estrutura propriamente dramática. Nos casos da crónica dramatizada do *Götz* tanto como na interiorização psicológica dos dramas de *Itigénia* e de *Torquato Tasso*, a sua interpretação ainda assim consegue esclarecer as obras na sua substância poética, certamente superior à propriamente dramática; no caso do *Egmont*, porém, a essência poética é intrinsecamente dramática, e a análise da estrutura dramática afigura-se-nos como a única susceptível de uma apreciação compreensiva e justa da peça. — Outro reparo refere-se a um lapso certamente secundário, mas sempre discordante da exactidão filológica aliás tão rigorosamente observada por Staiger: — como a citação dos versos da *Itigénia* a pág. 351 diz respeito à representação da obra em 1779, e portanto na sua versão prosaica, a citação devia reproduzir o texto no teor desta versão e não da poética, posterior.

— Não hesitamos em confessar que é com máximo interesse que aguardamos a continuação deste *Goethe*. Embora o Autor não se arrogue inaugurar uma concepção nova do Poeta, verdade é que inaugura um acesso novo à Obra dele: evidenciando, através do seu método interpretativo, a multiplicidade viva e as metamorfoses contínuas dos aspectos específicos e sugestivos da substância e forma linguística e estilística da Poesia goethiana.

ALBIN EDUARD BEAU

Ernst Robert Curtius, *Französischer Geist im zwanzigsten Jahrhundert*. Gide — Rolland — Claudel — Suarès — Péguy — Proust — Valéry — Larbaud — Maritain — Bremond. Francke Verlag Bern (1952), 528 págs.

Poucos meses depois de terminada a Guerra de 1914-18, Ernst Robert Curtius publicou o livro *Die literarischen Wegbereiter des neuen Frankreich* (1919), reunindo nele uma série de ensaios baseados em preleções universitárias que

fizera no verão de 1914, e destinados a contribuir para corrigir as noções vulgares e correntes, na Alemanha, da mentalidade francesa, e a «oferecer aos jovens alemães uma imagem da nova França intelectual na visão dos seus precursores», nomeadamente de André Gide, Romain Rolland, Paul Claudel, André Suarès e Charles Péguy. Obedecendo a este propósito, excluíram-se daquela selecção todas as referências às Letras tradicionalistas, de orientação nacionalista ou neoclassicista. O livro foi tão bem acolhido que já meio ano depois de saído, a segunda edição pôde aparecer, seguida, em 1923, pela terceira, aumentada. Dois anos mais tarde, no livro *Französischer Geist im neuen Europa* (1925), E. R. Curtius reuniu outra série de estudos, que incidiram sobre Marcel Proust, Paul Valéry (completado este ainda pela tradução alemã dos poemas *Le Serpent*, *Cimetière marin*, *Palme*, e *À la Piatane*), e Valéry Larbaud, juntando-lhes ainda «alguns artigos referentes à psicologia da cultura que discutem a função do génio francês na Europa actual sob aspecto diferente», tratando neles particularmente da questão de Civilização e Germanismo, do espírito europeu na literatura francesa, de polémicas literárias, do Bergsonismo, e das reuniões de Pontigny. Apesar de superior aos *Precursores* pelo nível literário dos estudos apresentados neste segundo livro, este não teve o êxito do anterior. Não acessíveis as duas publicações, desde há muitos anos, acabam de reimprimir-se, em parte, no presente livro, sob o título de *Französischer Geist im zwanzigsten Jahrhundert*. Inserindo nele os ensaios dos *Precursores* com os suplementos da 3.ª edição, e do *Génio francês na Nova Europa* os estudos sobre Proust, Valéry e V. Larbaud, o Autor acrescenta-lhes a sua crítica do escolasticismo de Jacques Maritain (de 1926) e as extensas análises que entre 1920 e 1925 publicou da obra de Henri Bremond sobre a história literária do sentimento religioso, na França.

Na visão retrospectiva que apõe a este novo livro, E. R. Curtius, ao relatar a génese dos ensaios neles reunidos, a sua razão de ser e a repercussão que tiveram na época em que pela primeira vez os publicou, esboça a evolução ulterior da sua própria atitude como intelectual e erudito perante as figuras estudadas nas suas obras e acções, e perante a situação espiritual que nelas se reflecte. Certamente consciente da estranheza que a reimpressão dos estudos antigos, outrora interessantes particularmente pela sua actualidade, e apresentados agora numa forma não actualizada, não deixaria de causar aos críticos, Curtius procura justificar a nova publicação e a sua forma, motivando-a pelo facto de as edições anteriores já não serem acessíveis, e pelo «desejo compreensível» de, como Autor, poder ser julgado pela totalidade da sua obra.

Dado este interesse meramente subjectivo, percebe-se que Curtius não tenha nem modificado nem complementado os ensaios reimpressos. Seria até justo reconhecer-se que, além de marcarem uma fase determinada e significativa da evolução intelectual e erudita do conhecido romanista, as exposições amplamente informativas dos ensaios dedicados aos precursores literários da França moderna conservam todo o seu valor objectivo, e que os estudos penetrantes da obra de Proust e de Valéry distinguir-se-ão sempre pelo seu primor literário como dois dos mais brilhantes exemplos da crítica interpretativa alemã.

Contudo, não podemos deixar de apontar certa falta de consequência no procedimento e na arguição do Autor. Assim, para explicar porque não se resolveu a reimprimir também os artigos que publicou sobre Gide posteriormente aos *Precursores*, alega a circunstância de «a morte modificar as perspectivas». Não

há dúvida — mas a razão alegada seria realmente razão suficiente para um autor que pretende ser julgado pela totalidade da sua produção? E o juízo poderia ser justo se não considerasse igualmente as fases evolutivas que nela se distinguem? Porventura seria ainda por aquela mesma razão que Curtius não incluisse no livro presente os artigos que incidem sobre as questões ideológicas relacionadas com a interpretação francesa e com a discussão franco-alemã das civilizações e índoles francesas e germânicas? É certo que apesar da afilitiva actualidade de muitas das observações críticas e polémicas outrora formuladas por Curtius naqueles artigos, estes, na sua maioria têm mero interesse histórico. Mas por isso mesmo, a sua reedição caberia nos propósitos que determinaram o Autor a colher e reimprimir as suas publicações antigas. Sem dúvida, a este respeito Curtius teria ainda maior razão do que no caso de Gide em afirmar que as perspectivas mudaram. Mas não será igualmente verdade que *todas* as perspectivas rasgadas nos dois livros antigos mudaram, e muito naturalmente, com a evolução ulterior? Não o indica a própria modificação do título, a eliminação do conceito de uma *Europa nova*, e a sua substituição pelo meramente cronológico do *Século XX*?

Seja como for, a decisão do Autor com respeito à selecção dos seus trabalhos a reimprimir, há-de respeitar-se, ainda que as suas razões não se nos afigurem convincentes. Mas já não diríamos o mesmo quanto à eliminação de grande parte das anotações, não sòmente daquelas que podem considerar-se como ideológicos, mas também das bibliográficas. O Autor não se pronuncia sobre os critérios do seu procedimento, e é por isso mesmo que nos estranha.

E não podemos deixar de qualificar como arbitrárias, superficiais e absolutamente infundadas afirmações como estas: «Em todo o mundo civilizado desde a Inglaterra até à Argentina a obra (de Proust e de Valéry) exerceu a mais vigorosa impressão — menos na Alemanha. Aqui, são uns amadores singulares que lêem Proust e Valéry. A cultura alemã, a literatura alemã (...) até agora não se interessaram por eles». E nos restantes países, incluindo a própria França: quem mais se interessaria pela obra destes dois grandes autores, senão os «amadores singulares»? Porventura as escolas públicas? As Academias? E por outro lado, seria justo classificar Rilke, cujo interesse intenso precisamente na obra de Proust e de Valéry é notório e que não se cansou em chamar para eles a atenção dos intelectuais e dos editores alemães, — seria justo classificá-lo como «mero amador singular»? Também não nos parece de menosprezar a acção que no mesmo sentido exerceram as revistas *Die Literarische Welt*, *Die neue Rundschau*, e *Corona*. — Ironizando a publicação de várias traduções dos versos de Baudelaire e Rimbaud, na Alemanha depois de 1945, Curtius não pode reprimir a observação sarcástica de que «evidentemente foi preciso chegar-se ainda a conhecer as realizações francesas desde 1857». Custa crer que Curtius realmente ignore o que a este respeito já se devia a Stefan George. «Mas já foi muito — continua — chegar-se até 1885, para próximo de Verlaine e (...) Huysmans. O estado pouco satisfatório da Literatura alemã de 1950 explica-se por razões diversas. Uma delas será fugir-se às dificuldades — à assimilação dos Mestres (...). Ignorará Curtius realmente as traduções alemãs já existentes desde há muito dos romances de Proust, e a das obras de Valéry que se deve a Rilke? Ou tratar-se-ia antes de uma daquelas omissões que, na acepção schlegeliana e expressamente aceite pelo próprio Curtius, têm carácter *polémico* e *aniquilador*? Se assim for, acentuariam apenas o facto de Curtius não ser muito feliz na polémica, e de ele se entregar

a uma intolerância que seria lastimável confirmar-se num espírito aliás tão lúcido e superior. A sua crítica da Literatura alemã contemporânea compreende-se perfeitamente. Mas as razões em que pretende fundá-la, não resistem ao exame objectivo. Para Curtius, conhecedor tão inteligente das Letras europeias de hoje como de todos os tempos, não devia ser difícil, interpretar a situação da Literatura alemã coeva mais objectivamente relacionada com a evolução histórica e com a actualidade intelectual e literária europeia.

Coimbra.

ALBIN EDUARD BEAU

Karl Vossler, **Luis de León**. — Casa editora de Dr. Schnell & Dr. Steiner, Munique (1946), 208 págs.

Em Outubro de 1942, Vossler apresentou, na Academia das Ciências da Baviera, um estudo dedicado a Luís de León, que apareceu nas publicações da secção filosófico-histórica do ano seguinte. É um dos últimos trabalhos mais extensos que o erudito conseguiu terminar — depois da *Poesia da Saudade* (1935-38) outro exemplo característico da inclinação cada vez mais acentuada, na última fase da sua vida, para a poesia meditativa e literatura contemplativa. Depois da guerra, o livro voltou a publicar-se na edição presente.

Iniciando o leitor na vida, na personalidade e na Obra de Frei Luis de León, integradas na sua época e relevadas nas suas características hispánicas, o estudo de Vossler incide principalmente sobre a interpretação das *Poesias* do frade salmantino, acompanhada por traduções alemãs da autoria do próprio Vossler. O Autor considera Frei Luís como personalidade intrinsecamente poética, e a sua obra de poeta como absorvedora das suas realizações de pensador, professor, tradutor e prosaísta, sublimadas e eternizadas pela acção do seu génio poético. Nesta ordem de ideias, a própria prosa dos Colóquios sobre os Nomes de Cristo afigura-se-lhe como *poesia*.

Quanto à importância histórica que cabe à personalidade e à acção de Luís de León, esta reside, na afirmação de Vossler, em ele ter cultivado e defendido a continuidade das relações arcaicas, hebraicas e greco-latinas, do Cristianismo num século em que «toda a Europa quebrou com a Religiosidade, com a Arte e com a Ciência da Idade-Média».

O que ele particularmente admira, tanto na actividade crítica e didáctica como na *Poesia* do frade, é a moderação e o equilíbrio do seu génio. São feições,

essas, a que Vossler, por afinidade própria, devia sentir-se intimamente inclinado, no período em que escreveu o livro — para além do interesse objectivo e dos intuitos informativos do estudo. Os traços pelos quais as desenha, ao referir a biografia, ao perfilar o carácter e ao analisar os escritos de Luís de Léon, traduzem uma simpatia humana que sensivelmente compenetra a compreensão intelectual e erudita da personalidade e da Obra estudadas. Percebe-se que, aqui, o trabalho crítico de Vossler se relaciona muito com a sua própria situação humana e mental como acontecera vinte anos antes ao escrever o seu livro sobre Leopardi.

ALBIN EDUARD BEAU

REVISTAS REGULARMENTE RECEBIDAS NA BIBLIOTECA DO CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS

- AÇOREANA.** Boletim da Sociedade Afonso Chaves. Angra do Heroísmo.
- AL-ANDALUS.** Revista de las escuelas de estudios árabes de Madrid y Granada.
- ANAIS.** Academia Portuguesa da História. Lisboa.
- ANALES.** Universidad de Santo Domingo. Ciudad Trujillo.
- ANALES DE FILOLOGÍA CLÁSICA.** Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires.
- ANALES DEL INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA.** Universidad Nacional de Cuyo. Mendoza.
- ANNALI.** Biblioteca Governativa e Libreria Civica. Cremona.
- ARCHIV FÜR DAS STUDIUM DER NEUEREN SPRACHEN.** Georg Westermann Verlag. Braunschweig.
- ARCHIVUM.** Facultad de Filosofía y Letras. Oviedo.
- ARCHIVUM LINGUISTICUM.** University of Glasgow.
- BIBLIOTHECA HISPANA.** Instituto Nicolas Antonio (C. S. I. C.). Madrid.
- BIBLOS.** Faculdade de Letras. Coimbra.
- BOLETIM CULTURAL.** Câmara Municipal do Porto.
- BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.**
- BOLETIM DA JUNTA DE PROVÍNCIA DA ESTREMADURA.** Lisboa.
- BOLETIM DE FILOLOGIA.** Livros de Portugal, Ld.^a. Rio de Janeiro.
- BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS.** Arquivo Municipal de Guimarães.
- BOLETIM MENSAL DA SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA.** Lisboa.
- BOLETÍN DE DIALECTOLOGÍA ESPAÑOLA.** Abadía de San Cugat del Vallés. Barcelona.
- BOLETÍN DE FILOLOGÍA.** Instituto de Estudios Superiores. Montevideo.
- BOLETÍN DE FILOLOGÍA.** Universidad de Chile. Santiago do Chile.
- BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA DE BUENAS LETRAS.** Barcelona.
- BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA.** Madrid.
- BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA.** Madrid.
- BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA.** Coruña.
- BOLETÍN DE LA REAL SOCIEDAD VASCONGADA DE AMIGOS DEL PAÍS.** San Sebastián.
- BRACARA AUGUSTA.** Câmara Municipal de Braga.

- BRASILIA. Faculdade de Letras de Coimbra.
- BROTÉRIA. Lisboa.
- BULLETIN DES ÉTUDES PORTUGAISES. Institut Français au Portugal. Coimbra.
- BULLETIN D'HISTOIRE DU THÉÂTRE PORTUGAIS. Institut Français au Portugal. Lisboa.
- BULLETIN HISPANIQUE. Faculté des Lettres. Bordeaux.
- BULLETIN OF THE INSTITUTE OF HISTORICAL RESEARCH. University of London.
- BULLETIN OF THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY. New York.
- CAHIERS FERDINAND DE SAUSSURE. Société Genevoise de Linguistique. Genève.
- CUADERNOS DE ESTUDIOS GALLEGOS. Instit. Padre Sarmiento (C. S. I. C.). Santiago de Compostela.
- CUADERNOS DE HISTORIA DE ESPAÑA. Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires.
- CULTURA NEOLATINA. Istituto di Filologia Romanza, Università. Roma.
- DIALECTES BELGO-ROMANS (LES). «Les Amis de nos Dialectes». Bruxelles.
- EMERITA. Instituto «Antonio Nebrija» (C. S. I. C.). Madrid.
- ESTUDOS ITALIANOS EM PORTUGAL. Instit. de Cultura Italiana em Port. Lisboa.
- FILOGÍA. Instit. de Filología Románica. Facultad de Filosofía y Letras. Buenos Aires.
- FOLKLORE. Rivista di Tradizioni Popolari. Casa Editrice Raffaele Pironti e Figli. Napoli.
- FRENCH STUDIES. Basil Blackwell. Oxford.
- HESPÉRIS. Institut des Hautes-Études Marocaines. Rabat.
- HISPANIA. The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese. Baltimore.
- HISPANIC REVIEW. University of Pennsylvania. Filadélfia.
- HUMANIDADES. Universidad Pontificia de Comillas (Santander).
- HUMANITAS. Faculdade de Letras. Coimbra.
- LANGUAGE. Linguistic Society of America. Baltimore.
- LEXIS. Verlag von Moritz Schauenburg. Lahr.
- LINGUA NOSTRA. G. C. Sansoni. Firenze.
- MÉMOIRES DE LA SOCIÉTÉ NÉOPHILOLOGIQUE. Helsinki.
- MODERN LANGUAGE NOTES. The Johns Hopkins University. Baltimore.
- NEOPHILOLOGUS. J. B. Wolters. Groningen, Djakarta.
- NEUPHILOLOGISCHE MITTEILUNGEN. Neuphilologischer Verein. Helsinki.
- NORSK TIDSSKRIFT FOR SPROGVIDENSKAP. H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard). Oslo.
- NUEVA REVISTA DE FILOGÍA HISPÁNICA. El Colegio de México. México.
- PHILOLOGICAL QUARTERLY. University of Iowa City.
- PIRINEOS. Instituto de Estudios Pirenaicos (C. S. I. C.). Zaragoza.
- PORTUCALE. Porto.
- PMLA. Publications of the Modern Language Association of America. Menasha. Wisconsin.

- QUADERNI IBERO-AMERICANI. Associazione per i rapporti culturali con la Spagna, il Portogallo e l'America Latina. Torino.
- REVISTA BIBLIOGRÁFICA Y DOCUMENTAL. Instituto Miguel de Cervantes (C. S. I. C.). Madrid.
- REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro.
- REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS. Lisboa.
- REVISTA DE ARCHIVOS, BIBLIOTECAS Y MUSEOS. Inst. «Nic. Ant.º de Bibl.» (C. S. I. C.). Madrid.
- REVISTA DE DIALECTOLOGÍA Y TRADICIONES POPULARES. Centro de Est. de Etnol. Penins. (C. S. I. C.). Madrid.
- REVISTA DE FILOLOGÍA ESPAÑOLA. Inst. Miguel Cervantes (C. S. I. C.). Madrid.
- REVISTA DE GUIMARÃES. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- REVISTA DE HISTORIA. Facultad de Filosofía y Letras. La Laguna, Tenerife.
- REVISTA DE PORTUGAL, Série A, Língua Portuguesa. Lisboa.
- REVISTA HISPÁNICA MODERNA. Hispanic Inst. in the U. S., Columbia University. New York.
- REVISTA PORTUGUESA DE FILOLOGIA. Casa do Castelo. Coimbra.
- REVISTA PORTUGUESA DE HISTÓRIA. Faculdade de Letras. Coimbra.
- REVUE DE LITTÉRATURE COMPARÉE. Boivin et Cie. Paris.
- REVUE DES LANGUES ROMANES. Société des Langues Romanes. Montpellier.
- ROMANCE PHILOLOGY. University of California. Berkeley. Los Angeles.
- ROMANIC REVIEW (THE). Columbia University. New York.
- ROMANISCHE FORSCHUNGEN. Vittorio Klostermann. Frankfurt am Main.
- ROMANISTISCHES JAHRBUCH. Romanisches Seminar der Universität. Hamburg.
- STUDIA LINGUISTICA. C. W. K. Gleerup. Lund. Einar Munksgaard. Copenhagen.
- STUDIA NEOPHILOLOGICA. A. B. Lundequistska Bokhandeln. Uppsala.
- STUDIER I MODERN SPRAKVETENSKAP. Almqvist & Wiksells Boktryckeri Ab. Uppsala.
- STUDI MEDIEVALI. Loescher-Chiantore. Torino.
- TESAUR (IL). Libreria Tarantola. Udine.
- THESAURVS. Boletín del Instituto Caro y Cuervo. Bogotá.
- VOX ROMANICA. A. Francke Ag. Verlag. Bern.
- WORD. Linguistic Circle of New York.
- ZEITSCHRIFT FÜR PHONETIK. Akademie-Verlag. Berlin.

Índice de palavras e expressões do tomo XIII

Galego — Português

- abanar*, 328
abelha, 44
abelhão, 44
abóbora, 263
abóbora!, *ab. que arroz é água*!, 14
n. 26
abuña, gal., 339 n. 6
acacular, açor., 329
açafrão, *açafrões*, 41, 42, 44
acajom, ant., 43
acautelar, 330
acção, 43
acicate, 322 n. 5
acima, *assima*, 323 n. 5
acoçar, *acossar*, 323 n. 5
açom, ant., 43
acórdão, *acórdãos*, 39
acordar, 39
acuâtelar, port. do S., 330
adaião, ant., 60
adaman, ant., 47
afã, *afãs*, 41 e n. 5, 42 n. 10
afan (*afão*), *afães*, ant., 41 e n. 5, 47
afeição, 43
agreste, 324
agrião, *agriões*, 44
água, 329
água vai (*sem dizer*), 12 n. 24
aguião, ant., 148
alamão, *alamoa*, *alamões*, *alamoas*,
port. pop., 40, 44, 56
alão, *alães*, *alãos*, *alões*, 40, 63
alavão, *alavões*, 41, 42, 44
alazão, *alazões* (*alazães*, ant.), 41, 64
n. 54
albardães, ant., 41, 44
albarraz, 323
albornoz, 323
alçapão, 44
alça[r], 44
alcaravão, 41
alcatrão, *alcatrões*, 41, 42, 44, 65 n. 55
alcatriz, 323
alcacruz, 323
elcorão, *alcorões* (*alcorães*, ant.), 41
aldeia, ant., 39
aldeão, *aldeãos*, *aideões*, 39
aldrabão, *aldrabões*, 41 e n. 7, 42, 44,
64 n. 54
aldravão, 41 e n. 7
alemão (*aleman*, ant.), *alemã*, *ale-*
mães, *elemãs*, 37, 39, 40, 44, 54,
56, 57
alemanda, *alamanda*, ant., 57
almoa, *alemões*, pop., 40, 44, 56
alférez, 323
algaço, 320, 321
algaravão, *algaravões*, 41, 42
algodão, 44
algorém, ant., 5 n. 11
algum, *alguma*, 2 n. 2
almoço, *almoço*, 323
alto dos piolhos, gir., 260
alvardan, *alvardão*, *alvardães*, ant., 41,

- e n. 7, 44, 47, 49 n. 23 e 24, 53, 64
n. 54
amam, 45
amapoula, gal., 329
amar, 46, 49
amaram, 46
amarão (*amarâm*, ant.), 49
amariam, 46
emaridão, 45
amárom, ant., 46
amavam, 46
amplidão, *amplidões*, 44, 45
an (= *hão*), ant., 47, 49 e n. 23
ancião, *anciãos*, *anciões*, 39
antião, 44
anões, 65 n. 55
ância, *ância*, 323 n. 5
antenas, 7 n. 13
apapouia, gal., 329
apara, 176
apea, gal., 343
apeça, dial., 342
apeadoira, gal., 343
apear, *apeare*, *apeares*, *apiares*, gal.,
343, 344
apeazar, gal., 343
apezas, *apiazas*, gal., 343
apçar, transm., 344
apertar, 316
aperto, 316
apitar (*andar a*, *ficar a*), 11
apreter, ant., 316
aptidão, 45
aquejar, dial., 3 n. 5
argação, 320 e n. 2, 321
armação, pop., 7 n. 13, 260
arroz, 323
ascensão, 43
atam, ant., 54
atômico, 174
aução, ant., 43
auçom, ant., 43
autocarro, 174
babujar, pop., 340
badagaio, alent., 330
bagana, bras., 176
balcão, 44
barão, *baronesa*, 42 n. 11, 44
barata, bras., 176
baratinha, bras., 176
barba (*dar água pela*), 330
barboleta, pop., 340 n. 8
barrufar, gal., 341 e n. 11
barruzar, gal., 341
bastão, 44
batalhão, 44
batatas!, 14 n. 26
bate-latas, 175
batiscofo, 174
beata, 176
beato (*ficar a tocar o*), transm., 12
beençom, ant., 39
beija, mad., 176
benção, *benções*, 39, 45
bênção, *bênções*, 39, 45
bestunto, gir., 267
betão, 44
bia, gir., 176
bichas, 174
bichosa, gir., 260
bioba, alg., 335
bitoita, Vila Real, 267
bão, *bô*, ant., 51, 52
bóia, (met.), pop., 258, (não pescar), 8
bola, *bola de bilhar*, (met.), fam., 258
bolas!, 14 n. 26
bolcão, 40
bom, 53
boneca, Santo Tirso, 342
boneco, alent., 334 n. 8
borboleta, 340 n. 8
bordão, 44
borgonhês, 57
berguinhão, 57
borraça, port. do N., 341
borraceira, port. do N., 341
borralla, gal., 341
borralleira, gal., 341
borriceira, port. do N., 341
borrifar, 341 n. 11
borrifos, 341
botão, 44
brança, dial., 342
branquidão, 45
buiña, gal., 339 n. 6
bulcão, 40

- bullo*, gal., 340 n. 6
cabaça, 263
cabeço (*dar um*), 330
cabeça de abrótea, 265
cabeça de alho (*chocho*), 264
cabeça de alvéola (*arvéola*), 264
cabeça de andorinha, 264
cabeça de atum, 264
cabeça de avelã, 264
cabeça de boga, 264
cabeça de buldogue, 265
cabeça de burro (*burranca*), 265
cabeça de cão, 265
cabeça de cobra, 264
cabeça de galinha, 265
cabeça de jumento, 265
cabeça de melancia, 263
cabeça de paliteiro, 260
cabeça de passarinho, 264
cabeça de pisco, 264
cabeça de porco, 265
cabeça de touro, 265
cabeça de vento, 264
cabeção, 266
cabecinha, 267
cabecita, 267
cabeçona, 266
cabeçorra, 266
cabeçudo, a, 266
cabeçurra, *cabiçurra*, Nisa, mad., 266
çabola, alent., alg., açor., 329
cabouqueira, alent., 259
cacanho, gir. estud., 267
cachimónia, pop., 267
cachola, gir., 266
cachopa, Santo Tirso, 342
caco, pop., 260, 267
caculo, açor., 329
cadeirão, 44
cadonga, 174
cafiz, 323
**çagoarço*, 321
cagulo, alent., alg., 329
caibam, 46
caimão, 42
cais, alent., 329
caixa córnea, 259
caixa corneana, 259
caixa das ideias, 257
caixa de Minerva, 257
caixa do juízo, 257
caixa dos cornos, 257
caixa dos miolos, 257
caixa dos palitos, 260
caixa dos pirolitos, 257
caixão, 44
cáje, alent., 329
cajom, ant., 43
calão, 44
calças arregaçadas, 175
calhambeque, 175
calhostro, alent., alg., 329
calostro, pop., 340 n. 8
cam, *can*, ant., 40, 47, 49 n. 23, 52
camarão, 44
camião, 44
caminheiras, port. do S., 331
canioneta, *camionete*, 174
candongueiros, 174
cantam, 45
cantão, 44
cantochão, 38
canudo, Goa, 176
cão, *cães*, 40, 52
capacete, (met.), pop., 261
capela, 57
capelam, *capelan*, *capelaaens*, *capelães*, ant., 40, 57, 58
capelão, *capelães*, 37, 39, 40, 56, 57, 58
capitaina, 59
capitam, *capitan*, *capitãaes*, ant., 58, 59
capitana, 59
capitânia, 59
capitão, *capitães*, 37, 39, 40, 44, 56, 58, 59
capitão, *capitões*, 44
capitel, (met.), gir., 260
capucho, Santo Tirso, 342
cara, 342
ceracol (*não vale um*), 6-7 n. 13
caranguejola, 175
cerantonha, 342
carepa, port. do N., 341
çargação, ant., 322 n. 5
çargarço, ant., 319
carcca, *barrosão*, minh., 265

- carocha*, Santo Tirso, 342
caronho, dial., 342
caropa, port. do N., 341
carraspana, pop., 330
carrilhão, 44
carripana, 175
carrula, Vila do Conde, 265
cartola, Paços de Ferreira, 261
carucha, port. do N., 342
caruja, dial., 340 n. 9, 341
carujar, dial., 340
caruma, 340 n. 9, 341
carunho, dial., 342
caruta, port. do N., 342
carvão, 43
cervom, ant., 43
cascota, minh., 266
cascos, (met.), pop., 262
castelão, *castelã*, *casteloa*, *castelões*,
castelões, 39, 44
catalana, minh., 59
catalão, *catalães*, *catalã*, *catalãs*, 37,
40, 56, 59
catar, ant., 23 n. 22
catrunha, transm., 265
caturra, Minde, 258
caturras, *caturros*, alg., 329
cauteia, 330
caveira, (met.), pop., 259
cebola, 329
cédrão, 55
cedro, 55
ceitel furado (sem um), 8
celargião, *celorgiões*, ant., 39
cenobitão, *cenobitões*, ant., 61 n. 49
cenórias, transm., 14 n. 26
cepo, 324
cerebelo, 262
cérebro, 262
cergaço, 323 n. 5
certão, 38 n. 3
certidão, *certidões*, 44, 45
cevada ao rabo de um cavalo morto
(valer tanto como), 11
chaboca, minh., 265
chaguarço, transm., 321, 322, 323 n. 5,
325
chamouca, minh., 265
chanato, Lanhoso, 176
chanufo, minh., 176
chão, *chãos*, 38 e n. 1a, 47 n. 21, 49
n. 23, 50, 53, 54, 55
chapéu!, 14 n. 26
charlatão, *charlatães*, 64
charutada, alent., 330
chaugarço, transm., 323 n. 5, 325
chavo [galego] (*não vale um*), 7 n. 15
chavelho, 9, (*não valer a ponta dum*),
7 n. 13, 9
cheiroga, transm., 333 n. 7
cheliqúe, pop., 330
cheta (*não ter*), 10 n. 21
chevrolata, 175
chifre, 9, (*não valer a ponta dum*), 7
n. 13
chiganço, alent., 330
chocolateira, 175
chouriço! (é), 14 n. 26
chuchar no dedo (*ficar a*), 12
chuietas, mad., 14 n. 26
chus nem bus (*não dizer*), 12
cidadan, ant., 54
cidadão, 38, 54
cidra (*mais amarelo que uma*), 330
cigarro (*não vale a ponta dum*), 7 n. 13
cirurgião, *cirurgiões*, 39, 44
citro, 175
citrolata, 175
cóbado, gal., 146
coco, (met.), pop., 263
coólho, 144
coágulo, 329
coimbrão, *coimbrões* [e *coimbrões* (?)],
39
coisa, *cousa*, 2, 3, e n. 5, 4 e n. 6
coisa alguma, 3 n. 5
coisa nenhuma, 3 e n. 5, 4
coisa que se veja (*não há*), 2, 3
coisar, transm., 3 n. 5
coisíssima alguma ou *nenhuma*, 3, 4,
175
coihostro, 329
colofão, *colofões*, 43 n. 12
colófon, *colofones*, 43 n. 12
colostro, 340 n. 8
comilão, 44

- comunhão*, 43
concidadão, 38
condição, *condições*, 43
condo, alent., alg., 329
confirmação, 43
confissão, 43
conjunção, *conjunções*, 43
consolação, 43
contia, alent., alg., 329
conto, alent., alg., 329
corda com que se enforque (não tem uma), 10
cordão, 44
corenta, gal. e port. pop., 329
coresma, gal., e port. pop., 329
coroa, alent., 331
cornado por (não dar um), 9
cornadura, 259
coroa, 145, 259, (*não vale um ou não vale a ponta dum*), 7 n. 13, 9
coroas (não ter), 10 n. 21
cortina de ferro, 175
cortina de seda, 175
corrimão, *corrimões*, *corrimãos*, 39, 44
cortar (o coração, etc.), 152
cortesão, *cortesã*, 38
corucho, port. do N., 342
coruto, port. do N., 342
cotelo, gal., 146 n. 2, n. 2a
coteno, gal., 146 n. 2a
coto, 144
cotobeio, gal., 146 n. 2a
cotomelo, gal., 146 n. 2 e 2a
cotovelo, 143-148; (*falar pelos cotovelos*) 144; *c. na cerca (dar com o)*, 144; (*dor de*), 144
coturno, 340 n. 8
cóvedo, *cóvodo*, ant., 145, 147
cowbcyada, 174
crânio, 262
crédão, 55
credo, 55
creschão, *crischão*, ant., 38, 47 n. 21. 63
criação, 43
criar, 43
crista, (met.), pop., 264
cristão, 38, 52, 54
cronho, dial., 342
cuàtele, alent., alg., 330
cuca, port. do N., 338
cú do pião, 332
cumquibus, 14
daião (*dayam*, ant.), *daiães*, 40, 60
dão (*dan*, *dam*, *dom*, ant.), 45, 47, 49 n. 23, 52
dar, 46, 49
darão (*darán*, ant.), 49
dariam, 46
davam, 46
deão (*dean*, ant.), *deã*, *deães*, *deões*, 37, 40, 56, 60 n. 43
demoino, dial., 330
demonho, dial., 330
demónio, 330
dentão, 44
dependura (andar na), 11
deram, 46
dérão, *deron* ou *derô*, ant., 46
dês, alent., 330
descasca (apanhar uma), alent., 330
desde, 330
descrifadar, 20, 31, 32, 33, 34, 35, 36
desenfastiar, 30
desfastio, 30
desenfrear, 31
desenfeixar, 31
desenraizar, 31
desentediar, 30
desfaçar-se, 21
destróçar, 329
desvão, 38
devaçô, *devaçom*, ant., 43
devam, 46
devassidão, *devassidões*, 44, 45
dever, 46, 49
deveram, 46
deverão (*deverám*, ant.), 49
deveriam, 46
deverem, ant., 46
devizm, 46
devoção, 43
digam, 46
dinamarquês, 57
diorrinha, alent., 332
dirão (*dirán*, ant.), 49
diriam, 46

- disseram*, 46
divã(s), 42
divina (*ficar à*), transm., 12
divisão, 43
dizer, 46, 49
**dizeriam*, 46
diziam, 46
doação, 43
dom (*don, dões, ant.*), *doms*, 53 n. 33
dona-elvira, 175
dona-lucinda, 175
dour, 47 n. 17
doutora, 258
edredão, 44
eleição, 43
embanar, alg., 328
embrião, 44
enfiadar, 31, 32, 33
engreija, alent., 328
ennemigo, alent., 328
ennocente, alent., 328
entam, entom, ant., 54
eternidade, alent., 328
eterno, alent., 328
então, 50, 54
enxaguar, 329
enxôgar, dial., 329
enzemplo, alent., minh., 328
eram, 46
eremitão, eremitã, eremúto, eremitães, eremitões, 40
ermitam, ant., 54, 60
ermitão, ermitã, ermitãos, ermitões, ermitães, 37, 40, 44, 54, 56
erva-das-sete-sangrias, 323 n. 7
es'car, alent., alg., 330
escasso, 323
escorpião, escorpiões, 43
escravidão, 45
escrivam, escrevan, ant., 54, 62
escrivão, escrevã, escrevães, escrevões, escrevãs, 37, 40, 42, 45, 54, 56
escuridão, 45
esmam, 46
esmaram, 46
espada, 175
espanhol, 57
espanta-filantes, gír. bras., 176
espingalhar, 340
espingardar, port. do N., 340
esporão, 44
estão (*estan, estam, ant.*), 45, 47, 49
 n. 24, 52, 53
esteios, 335
estica (*andar na*), 11
estimam, 46
estimaram, 46
estour, 47 n. 17
estraçoar, açor., mad., 329
eternidade, 328
eterno, 328
exactidão, 45
exemplo, 328
fabarraz, 323
fabordão, 44
fadar, 27, 32
fado, 33
faisão, faisões (*faisães, ant.*), 40, 63
falam, 46
falcão, 43
fame, ant. e pop., 56
fatigar, 32, 33
fé, 329
feder, 28
fêi, alent., 329
feição, 43
feijão, 44
feijão, ant., 44
femenê, gír. do Porto, 176
ferrão, 332
fiife, gír., 176
figa, 9; (*valentes duma*), 9 n. 20
figas, canhoto!, ...*diabo!*, 9 n. 20
figo, 9
figo (*não vale um*), 9
figos (*não há*), 9
finado, gír. estud., 176
foã, foam, foão, fuão, fuães, ant., 49
 n. 23, 41, 53, 55
fcme, 56
foram, 46
forom, forô, ant., 46
fotogénico, 175
fcuto, 23 n. 24
frade, 334, *frades*, port. do N., 338
francisco-paiva, gír., 177

- frângão*, 38
frango, 38
frouxidão, 45
fulano, 41
função, 43
furado, 8 n. 18
furão, *furoa*, 42 n. 11
furgão, 44
fustão, 41
fuzileiro, gír. bras., 176
galardão, 44
galga, dial., 338
galhadura, 7 n. 13
galhete, Nisa, 265
galho, 7 n. 13
glucho, Vila Real, 176
ganhão, 41
ganhar, 41
ganso, gír. bras., 176
garabalha, 329
garampalho, gal., 329
garrafão, 44
garrocho (*torto que nem um*), alent., 330
gasómetro das ideias, pop., 259
gavião, *gaviões*, (*gaviães*, ant.), 41, 44, 64 e n. 54
geração (*geeraçom*, ant.), 43
germo (*gerne*), mad., Porto Santo, 14 n. 26
glutão, *glutona*, 42 n. 11
gólão, 38, 55
golfo, 38, 55
gonfaloão, 44
gota (*nem uma*), 10
grã, *grão*, 42
grainha, 342
granças, ant., 342
grande, 42
granja, 65 n. 56
grão, *grãos*, 38 e n. 1a, 47 n. 21
grãos-mestres, 42
gratidão, *gratidões*, 44, 45
graulho, 342
graúinha, minh., 342
graunho, port. do N., 342
grimpa, dial., 261, (*abaixar a*), 261 n. 10
gronho, port. do N., 342
grossura, pop., 330
gruchu, port. do N., 342
grunho, port. do N., 342
guadameci, *guadamecil*, *guadamecim*, 325
guardar, 62
guardião, *guardiã*, *guardiães*, *guardiões*, *guardiãs*, 37, 40, 44, 56
há que veríssimos!, pop., 175
**hajo*, *haja*, 49 n. 25
hão (*han*, *hem*, ant.), 47, 49, 52
haver, 46, 49 n. 25
[hav]iam, 46
hei (*[h]ai*, ant.), 49 n. 25
hermitan (ou *hirmitan*), *hermitães* (ou *hirmitães*), ant., 60, 61
hipericão, 44
hóis, alent., 329
hoje, 329
holandês, 57
hortelão, *horteloa*, *hortelãos*, *hortelões*, 39
hotéis (por *hotéis*), Barroso, 15
imaginação, 43
inferno, port. do N., 338
ingratidão, *ingratidões*, 44, 45
ingreja, alent., 328
inimigo, 328
inocente, 328
intenção, 43
invenção, 43
ir, 52, 53
irmão, *irmã*, *irmãos*, *irmãs*, 38, 47 n. 21, 50, 52, 54
irribus!, 15 n. 29
islame, 41
islão, 41
jenufo, minh., 176
jesuíta, pop., 329
jep, 175
jesuíta, 329
juiz, port. do N., 338
lã (*lãa*, ant.), 51
laço, 324
ladraão, *ladrona*, *ladra*, 42 n. 11, 43
ladraão, *ladra* (met.), port. do N., 342

- lagares de azeite (percebe tanto disso como eu de),* 11
lâmpão, lampões, 38, 55
lampo, 38, 55
lanterna, (met.), Ilha das Flores, 259
lassidão, 45
lata, 175
leão, leoa, 42 n. 1, 43, 54
légua, 324
leilão, leilões, 41, 44
leite de pato (passar a), gir. bras., 10
leite de pombas, 10
lentidão, 45
lição, lições, 43
limão, limões, 44, 331
lódão, 38, 55
lodo, 38, 55
lóis, alent., 329
longe, 329
longuidão, 45
loução, 38
louvam, 46
louvaram, 46
louvavam, 46
maçã-cuca, port. do N., 338
maçã de cuco, port. do N., 338
maçapão, maçapães, maçapões, 41
macarrão, 44
madamíssima, gir., 175
maçarça, maçaça, dial., 323
mancebo, 334
mancheço, alent., 331
manjerição, 44
mensidão, mansidões, 45
marfa, dial., 330
mapoula, gal., 329
mão, mãos, 38, 47 n. 21, 49 n. 24, 50, 52, 54
máquina (met.), pop., 259
maquineta, gir., 266
margêça, 323
marmita dos pensamentos, gir. bras., 257
marujar, port. do N., 340 e n. 9
maruxo, gal., 340
massa [maça], dial., 331
mata-ratos, 176
meão, meã, 38
mechela, gir. dos criminosos, 267
meçina, gal., 328
meimorra, 265
meião, 43 (met.), pop., 262
memória, 330
menção, 43
menciña, gal., 328
mentionário, minh., 328
menza, alent., 328
mercado negro, 174
merijeiro, port. do N., 340
meruja, port. do N., 340
merujar, port. do N., 340 e n. 9
merujinha, port. do N., 340
mesa, 328
mesmíssimo, 3 e n. 5
metoita, transm., 267
michosa, gir., 266
mideia, gir., 266
miga, 328
mimoira, dial., 330
mingacha, gal., 328
minsa, alto minh., 328
miolera, 267
miolo(s), 262
missa, 328
missionário, 328
mitra, gir. dos criminosos, 261
moaña, gal., 339
moanha, port. do N., 339
moca, Marco de Canavezes, 266
moça, Santo Tirso, 342
mocetão, mocetona, 42 n. 11
mocha, gir., 258
mochela, gir. dos criminosos, 267
mocho, 328
moço, 334
môd, mond (por), alent., 330
moega, 328
moenga, dial., 328
moína, gal., 339 n. 6
mcinha, gal., port. dial., 339 e n. 6
moleira, 267
moleirinha, 267
molejar, port. do N., 339, 340
molicar, port. do N., 339
moligar, port. do N., 340
molimada, gal., minh., 339

- molime*, gal., minh. 339
molinha, gal., port. do N., 339
molinhar, port. do N., 339, 340
mona, barros. e gir., 258
moncho, alg., 328
monecra, Santo Tirso, 342
monteira, Albergaria-a-Velha (gir. dos contrab.), 261
monte-piolhoso, minh., 260
moreias, 331
morraça, port. do S., 341
morraçar, port. do S., 341
morrinha, 340 n. 9
moruxa, gal., 340
motoita, S. Cipriano (Resende), 267
mouteira, Barcelos, 262, 267
mozo, gal., 334
muge-muge, dial., 339 n. 5
muíto, 328
mujinar, alent., 339 n. 5
multidão (*multidão*, ant.), *multidões*, 45, 51
munha, gal., port. dial., 339
munto, dial., 328
munxir, gal., 328
murcela (*não dar*), 10
murujar, port. do N., 340 e n. 9
muxir, gal., 328
nação, *nações*, 43
nada, 1, 2, 3, 4, 5 e n. 9, 6, 7, 10, 15;
nada... nada, 4 n. 7; (*em menos de*), 5;
(há), 5; (*não faltava mais*), 4;
(nã le conto), 4 n. 8; (*não queres mais*), 4;
(não te digo), 4; (*não tem*), Goa, Macau, 5;
(um tempo de), 5.
nada é peixe; e quem bem nada não se afoga, 13
nada, pito, que t'afogas!, 13
nadantes, gir., 13, 14
nadar, 13
nadichinha, 5 n. 10
nadincha, 5 n. 10
nadinha, 4; (*há*), 5; (*não faz*), 4;
(não vi), 7; (*um*), 5
naduncha, gir., 14
nana, gir., 15
nanai, gir., 14 n. 26, 15
nanar, gir., 15
nanja, gir., 14 n. 26
não, 50
não-sei-se-vais-se-vens, 175
negação, 43
negócio, 330
negoiço, alg., 330
negridão, 45
nem me digas!, 4 n. 8
nêncio, alent., 328
nente(s), gir., 15
nêres, *néri(s)*, gir. bras., 15
nêscio, 328
neta, açor. (S. Jorge), 14
netas, açor., 14 n. 27
nhêra, alg., 330
nhor, dial., 330
nhora, dial., 330
nicles, gir., 14 n. 28, 15
Nicolaus, gir. bras., 15
niquel, 8, 15; (*não entender*), bras., 8;
(não ter), 10 n. 21, 15
níquibus, gir., 14, 15
nô, *nom*, ant., 50
nonte, dial., 328
noz (*met.*), pop., 263
nuiha (*rem*, *ren*), ant., 2
nylon, 175
ocajom, ant., 43
ocasião, 43
ôgar, pop., 329
olhar p'rò sinal (*ficar a*), transm., 12
onça (*andar à*), fam., 11
onze, pop., 7 n. 13
opinião, 43
o que vai em Roma (*sabe tanto disso como eu sei*), 11
oração, 43
ordenação, 43
orelhússimo, 175
órlão, *órlã*, *órlãos*, *órlãs*, 38, 55
orteão, 44
orfo, pop., 55
órfão, ant., 55
órgão, *órgãos*, 38 e n. 1a, 50, 55
órgo, pop., 55
órgão, ant., 55
ouçam, 46

- pã*, *pan*, ant., 47, 49 n. 23, 50, 51
pação, 38
padrão, 44, 53 n. 33
pagão, 38, 47 n. 21, 50
paivante, Penedono, 177
paivo, gir., 177
paixão, *paixões*, 43
palha (por dá cá *aquela*), 12
palito, gir., 177
pampolha, alg., 328
pão, *pães*, 40, 50, 51
paparraz, 323
papoila, *papoula*, 329
papólha, alent., 328
papoula, gal., 329
para que é que eu quero isto?!, 13
pardales (por *pardais*), Valdevez, 15
partam, 46
partiam, 46
partir, 49
partiram, 46
partirão (*partirám*, ant.), 49
partírom, ant., 46
pássaro, 326
pastana, dial., 329
pastor, port. do N., 334 n. 8, 338
pataco, 8 n. 17; (*não vale um*), 8
patavina (*não perceber*), 8
patrão, 44, 53 n. 33
pau, pop., 7 n. 13
pavão, *pavoa*, 42 n. 11
pavilhão, 44
pe, gal., 335
pé, 329, 332 n. 5, 335, 336
peaça, 342
peal, gal., 343 e n. 14
pealias, gal., 343
peão, 43, 332 e n. 5, 334
pear, gal., açor., 343, 344
pegão, *pegôis*, dial., 332 n. 5, 335, 336 e n. 9
pei, alent., 329
peia, 343
peja, gal., Melgaço, 343
pejado (*animal*), Melgaço, 343
pejadoiro, port. do N. e açor., 344
pejar, ant., 344
pejeiro, minh., 344
pejo, ant., 344
pelona, Barrancos, 331
penpólha, alent., 328
pena, 148 n. 1
pena de aguião, 148
peneirar, açor., 340
pene(i)ro, açor., 340
penha, 148 n. 1
peoga, alent., 331, 335
peoja, gal., 333
peon, gal., 334
pepino (met.), pop., 263
perdão, 44
perdição, 43
perdiosca, minh., 332 n. 6
perfeição, 43
perisca, *porisca*, minh., 176
perlon, 175
pernicão, alent., 331
pernicar, alent., 331
perto, 316
peessoa, 323
pestana, 329
petinga, açor., 341
petinguento, açor., 341
petisca, gir., 176
petorra, 332
peuga, *piuga*, 343
pexado, gal., 344
pexar, gal., 344
peyóo, ant., 333
pieças, minh., 343
piallas, gal. (Coruña), 343
pião, 332 e n. 5, 333, 334, 335, 336
piasca, dial., 332, 335
picarça, alent., 331
picheiro, gal., 344 n. 17
picho, gal., 344 n. 7
piela, pop., 330
pitão, pop., 330
pijeiro, minh., 344
pilão, dial., 332 n. 5
pilona, alent., 330
pilrete, minh., 332 n. 6
pílulas, (*ficar a paz de*), transm., 12
pimparralha, alent., 329, 331
pimpólha, alent., 328
pimpoula, alent., 328

- pinga*, 340 e n. 10
pingalhotar, açor., 341
pingão, açor., 341
pingar, 340
pingarelho, (andar ao), pop., 338
pingarilho (andar ao), dial., 338
ping-ping, 341
pinguinha d'água, 341
pinha (met.), pop., 262
pió, alent., 343
pioças, Santiago, La Coruña, 333, 343
picguinha, alent., 332
pioja, gal., 333
piola, gal., 343
piolheira, gir., 260, 267
piolhosa, gir., 260, 267
pion, gal., 334
pióna, transm., 332
pioneta, gal. (Orense), 332
piorno (amarga que nem), 330
piorra, pop., 332, 335
piorrita, 332
piorro, dial., 332, 335
peoxa, *pioxa*, gal. (Finisterre), 343
pioz, alent., 343
piparralha, alent., 329, 331
piporro, alent., 331
piranga (andar à ou na), 11
pirisca, pop., 176
pisca, Vila Real, 176
pistão, 44
pitilho, 177
pitorra, pop., 332; (met.), 260
pitorrinha, pop., 267
piúrra, Santo Tirso, 332, 335
plaina, 59
pl'amor Deus, dial., 330
pling-pling-plão, 341
podridão, *podridões*, 45
polaina, 59
poltrão, 44
ponta (euf.), 7 n. 13, 9
pontífice, gir. bras., 176
população, 43
por amor de, 328, 330
porão, *porões*, 41, 44, 63
por causa de, 330
por causa de quê?, 329
por cuáa de, port. do Sul, 330
por monde, alent., 328, 330
por mor de, pop., 328, 330
portaló, 44 n. 14
portão, 44
povoação, 43
prajandi, gir. bras., 176
pram, *prão*, ant., 41, 49 n. 23, 55, 63
pra mond'quei?, port. do S., 329
p(r)casda, alg., 330
prégua, port. do N., 342
pretidão, 45
preto, ant., 316
pricha, gir., 176
prijom, *prisom*, ant., 43
primeira camisa que vesti (importa-me tanto como a), 11
prisão, 43
prisca, minh., 176
profissão, 43
prontidão, 45
pura e simplesmente, *puro e simples*, 317
puto (não saber), gir. ac., 11
quais, alent., 329
quando, 329
quantia, 329
quanto, 329
quão, 50
quarenta, 329
queijo (flamengo), (met.), gir., 257
queiró, 333 n. 7
queró, alg., 333 n. 7
queiròa, gal., 333 n. 7
queiroga, gal. e port. 333 n. 7
queirós, dial., 333 n. 7
queixelo, gal., 144, 145
que lhe havemos de fazer?, 13
que queres?, 13
quercal, alg., 333 n. 7
questão, 43
quetrunha, transm., 265
queturno, dial., 340 n. 8
quinhão, 43
quiró, port. do N., 333 n. 7
rabadão, 40
rábão, 38
rabisco, dial., 338

- racimo*, 324
raios, 331
ramadão, 41
rapa, 331
rapazelho, 8 n. 18
razão (*razô, razom, razon, *razão, rezom*, ant.), *razões*, 43, 50, 51, 52
real, 8; (*não dar meio*), 8 n. 17
rebusco, dial., 338
recruta, mad., 177
refiã, refiães, ant., 63
reirão, reirães, 41, 44
reís furados (*não vale cinco*), 8; *r. de mel coado* (*não vale dez*), 7 n. 15, 8 n. 17; *r. de gente* (*cinco*), 8 n. 18
religião, 43
remédio! (*que*), (*não há*), 13
remissão, 43
rendição, 43
ressurreição, 43
resteleira (*azeitona*), dial., 338
restêlo (*andar ao*), dial., 338
rifão, rifões, 41, 44
rincão, 44
rolha (*levar uma*), 12
rufia, 63
rufião, rufiona, rufiães, rufiões, 63, 64
sabão, 325
saboeira, 326
sacristão (*sacristam*, ant.), *sacristã, sacristães*, 37, 40, 54, 56, 63
sagão, minh., 323 n. 7
saguão, 42
salada, 329
salão, 44
salgueirinha, 323 n. 7
salgueiro(s), 319
saltão, 44
saluçar, pop., 329
seluç, pop., 329, 340 n. 8
salvação, 43
samear, pop., 329
sancreschão, sancrischão, ant., 63
sancrestão, sancristão (*sancristam*, ant.), pop., 63
são, sã, 38, 42, 47 n. 21
são (*s.m. som*, ant.), 46, 47 n. 17, 52
sarebenda (*apanhar uma*), pop., 330
sarau, 39
sardão, 44
sargança, 323 e n. 7
sargaçal, 323
sargacinha, 323 e n. 7
sargaç, 319, 320, 321, 322 e n. 4 e 5, 323 e n. 7, 324, 325, 326
sargasse, 320, 322 n. 5, 326
sargoaço, sarguaço, dial., 321, 322, 325
saxão, 43
sazão, 43
scdenho, cedenho, 323 n. 5
sega, 324
seirão, ceirão, 323 n. 5
sejam (*sejão*, ant.), 46, 49 n. 24, 53
selada, pop., 329
semear, 329
senão, 50
sensação, 43
ser, 49
serão (*seram*, ant.), 49
serão, serões (*serãos*, ant.), 39, 44
seringa, 326
sermão, sermões, 43
sertão, 38 n. 3
serução, dial., 325
servidão (*servidom, servidõe*, ant.), *servidões*, 45
siba, 326
sinagoga, gir. bras., 259
siringa, 326
soão, 38 e n. 2
sotreguidão, 45
soidão, ant., 45
soldão (*soídam*, ant.), 42
solidão, 45
soluçar, 329
soluç, 340 n. 8
scrugaço, beir., 325
sotana, sotaina, 59
sótão, 31, (met.) fam., 261
sou (*som, sam, sôo*, ant.), 47 n. 17
suco, sugo, 326
sultão, 42
superbombas, 176
superclipper, 176
superelegante, 176
superfilme, 176

- superfina*, 176
superfortaleza, 176
supersónico, 176
suspensão, 43
tabelião (*tabeliam*, *tabeliom*, ant.), *ta-*
beliães (*tabeliões*, ant.), 42, 45, 54
tachada, pop., 330
talán, ant., 47
talão, 44
talismã, *talismãs*, 42
tam, 54
tâmpão, 38
tampo, 38; (met.), Porto Santo, 261
tão, 50, 54
tavão, *tavãos*, 38
teiroga, dial., 338 n. 7
telamão, *telamões*, 43 n. 12
télamon, *telamones*, 43 n. 12
telha (met.), pop., 261
tempíssimo, 175
temporão, *temporã*, *temporãos*, *tem-*
porãs, *temporões*, 39, 44
tenção, 43
tenhão, ant., 49 n. 24, 53
tentemozo, gal., 334
teso (*andar*), fam., 12
tételo, minh., 261
tétulo, Vila do Conde, 261
tinir (*tenir*), (*andar a*), (*estar a*), 11
titã, *titão*, *titães*, *titãs*, [*títan*, *tíitanes*],
 42 e n. 10
titolitário, 177
tola, pop., 258
tom, 53
tonta, gir., 258
torga, 333 n. 7; (met.), Coimbra, Dou-
 ro, etc., 262
tornozelo, 144, 145, 147
torre (met.), Paços de Ferreira, Minde,
 260
torre dos piolhos, gir., 260
tostão (*não vale um*), 7 n. 15
totalitário, 177
touta (*toíta*), pop., 265
toutiço, pop., 267
trabadoira, gal., 344
traição (*traíçon*, *treiçom*, ant.), 43
trango-mango, alent., 330
trapeira (met.), gir., 260
travoadá, alent., 329
trinta (*ficar-se em*), transm., 12
troço, 329
tróia, Atalaia, 265
trouxa, gir., 258
trovoada, 329
truão, *truães*, *truões*, 41
tudenada, pop., 5 n. 11
tudo nada (*um*), 5
tudo-nadelha (*um*), Vila Real, 5 n. 10
tudo nadinha (*um*), 5
tugir nem mugir (*não haver que*), 12
 e n. 24
turbilhão, 44
turgimão, 42
tus nem bus (*nem*), 12 n. 24
tutuço, Alportel, 267
ucha (*ficar à*), transm., 12
unha (*negra*), (*nem uma*), 10; (*a*
apara duma), 10 n. 20a
ústia (*ficar à*), beir., 12
vagão, 44
valão, 44
vão (*vaam*, ant.), 46, 47, 52
vão (*van*, *vã*, *vão*, ant.), 46, 47, 48,
 49 e n. 23 e 24, 52, 53
vão, *vã*, *vãos*, *vãs*, 38, 49 e n. 23, 53
varão, *varões*, 43
varas verdes (*tremar que nem*), pop.,
 330
variação, 43
vascão, 44
vastidão, *vastidões*, 45
venham, 46
vento (*todo he*), ant., 10
verão, *verãos*, *verões*, 39, 47 n. 21, 49
 n. 23, 52, 55
verdade verdadíssima, 175
vermelhidão, 45
ver navios do Alto de St.^a Catarina
(ficar a), 12
viagíssimo, 175
vieram, 46
vilão, *vilães*, *vilãos*, *vilões*, (*vilam*,
 ant.), 39, 44, 47 n. 21, 49 n. 23,
 54, 55
vinham, 46

- visão (*visom*, ant.), *visões*, 52
volfrâmio, 174, 175
volframistas, 174
vou, 47 n. 17
vulcão, *vulções*, *vulcões*, *vulcãos*, 40, 44
xaveca, Minde, 260
xcar, alg., 330
xilarotes, mad., 14 n. 26
zarcão, 44
zé-ninguém, 8 n. 18
zimbório (met.), gír. bras., 260
zôguinha, alent., 331

Espanhol e Catalão

- ag(ib)ílibus*, fam., 15 n. 21
aguarrina, santand., 339
alán, ant., 63
alano (*perro*), 63
alemán, *alemana*, *alemanes*, *alemanas*, 57
aiemany, cat., 57
algueireña, dial., 33 n. 7
alquitrans, 65 n. 55
amapoula, ast., leon., 329
apapoula, ast., leon., 329
apea, 343
apealar, hisp.-amer., 343 n. 14
apear, salm., 343 n. 16
apear, 344
apeayeguas, salm., 343 n. 16
apretar, 316
aprieto, 316
argadieču, ast., 336
barruceiro, ast. ocid., 341
berruzar, ast. ocid., 341
barruzo, ast. ocid., 341
borrin, tortos., 340 n. 6
borrin, ast., 341
borrina, ast., 340 n. 6, 341
cabiegon, *čabieguín*, ast. 336
cajilla, alav., 145
capelán, *capellán*, 58
capieča, ast., 336
capitan, cat. ant. (ou genoves?), 40, 59
capitán, *capitanes*, 58, 59
capitana, 59
capitón, 44
carueza, 342
catalan, *catalana*, cat. ant., 40
chaguarzo, salm., 325
chaguazo, ast.-leon., 325
champoña, dial., 325 n. 9
chantunía, dial., 325 n. 9
charinga, *cheringa*, *chiringa*, dial., 325 n. 9, 326
chariatán, 64
chiliar, 325 n. 9
chus ni mus (*sin decir*), 12
cigarro de chala, 176
čínŭ, ast., 336
codillo, cast., 144
codo, 146
colze, cat., 147, 148
condo, ast., 329
cónquibus, fam., 14
cotomelos, ast., 146
cuchara, ast.-leon., 336
cuchello, ast. cent., 335
cuellu, ast., 335
cuerno (*no vale un*), 6 n. 13
cutubillo, leon., 146
cuyares, ast., 336
deán, 60
desenfadar, 20, 31, 32, 33, 34, 35, 36
empear, montanh., 343 n. 14
empear, santand., 344
empeos, santand., 344
enanos, 65 n. 55
enfadar, 31, 32, 33, 34
enfastiar, 32
enhadar, 32
enojar, 32
ermitan (ou *hermítan*), cat. ant., 40
escribán, *escribanes*, ant., 61, 62, 65 n. 55
escribano, 61, 62
escrivá, cat., 62
escudieča, ast., 336

- escudietsa*, ast., 336
estollar, ast., 336
faisan, cat. ant., 63
faisán, 40, 63
farieco, ast., 336
fat, cat., 33
frijoles (los), cub., 14 n. 26
gaireña, ast., 333 n. 7
gñanes, 65 n. 55
gatsina, ast., 336
gramayeras, ast.-leon., 336
grancias, dial., 342
granza, 342
guardián, 62
gueirotas, ast. ocid., 333 n. 7
gueirueta, ast., 333 n. 7
guiada, ast.-leon., 336
hadar, 22, 27
hado, 32
harinar, Canarias, 340
hariniila, andal., 339
harinita, Canarias, 340
heder, 28
hoto, 23 n. 2 4
isla, 195
jabarzo, andal., 325
jabón, 326
jabonera, 326
jaguarzo, 319 e n. 1, 321 n. 3, 322, 324, 325
jeringa, 326
jibia, 326
jornaleiro, ast., 334
juaguarzo, 325
jugo, 326
limonera, 331
limones, 331
lonja de jamón, 14 n. 26
magosto, 328
magras, 14 n. 26
mangosto, extr., 328
mapola, ast.-leon., 329
mapoula, mapola, ast.-leon., 329
martieço, ast., 336
mayar, ast.-leon., 336
maza, 331
mecer, 328
medias de cristal, 175
medias nylon, 175
megotso, ast., 336
mencer, extr., 328
merojera, Canarias, 340
mioču, ast., 336
miotšo, ast. (Luarca), 335
mocico, arag., 334
mojarrina, santand., 339
mojarrinear, santand., 339
mojina, santand., 339
mojincar, santand., 339
molina, Canarias, 339
molina, S. de Gata e Canarias, 339, 340
mollarina, mollarina, Canarias, 340
mollina, salm., 339
mollino, 339
mollizna, andal., 339
moralina, canar., 340
moreirina, canar., 340
morriña, ast.-leon. ocid., 341 n. 12
mosso, cat., valenc., murc., 334
mozo, 334
muchacho, 334
muña, Canarias, 339 e n. 6
mulina, S. de Gata, 339
mullicas, Maragateria, 339
mullido, ast. e leon., 339
mullio, ast. centr., 339
mullir, ast. ocid., 339
mulizna, S. de Gata, 339
muncho, ast., 328
muña, Canar., etc., 339
muñeco, 334
munha, extr., salm., 339
murrina, montanh., 341 n. 12
murrinear, montanh., 341 n. 12
mutsentona, Babia-Laciana, 339
mutside, ast., 336
mutside, Babia-Laciana, 339
nada cosa, 1 n. 1
nadendo, 14 n. 26
nafta (conseguir), urug., 14
naranjas, 13 n. 26
naranjas (chinas ; de la China ; de chinandega), 13 n. 26
niño, 334
nuca, 328

- nunca*, argent., 328
nuncias, argent., 328
nupcias, 328
pagès, cat., 334
paja (*quitame allí esa*), 12 n. 23
pájaro, 326
panoya, ast.-leon., 336
paparoza, jud.-esp., 329
paparuna, jud.-esp., 329
patrón, 44 n. 14
pe, ast., 335
peazos, piren., 343
pegoliera, 335
pegollo, *pegollu*, *piçollo(s)* ast.-leon., 335, 336
pegotso, *pegutsu*, ast., 335
pegulleru, ast., 335
peón, 332, 333, 334, 335
peona, extr., 334
peonera, ast., 332, 333
peonza, *peonça*, 331, 333, 335
peonzo, montanh., 335
petsiyu, ast., 336
peuga, *piuga*, 343
pialar, hisp.-amer., 343 n. 14
pie, ast., 335
pichuela, 343
pilón, 332 n. 5
pimporro, extr., 329, 331
piola, Murcia e hisp.-am., 343
piolín, hisp.-amer., 343
piollo(s), leon., 335, 336
pión, ast., 332, 333
piona, leon., 332
pionza, ast., 333
piotšo, *piotšu*, ast., 335
piporro, extr., 329, 331
pipote, andal., 331
pitillo, 177
pito, 177
pitorro, salm., 332
plan, cat. ant., 63
polze, cat., 148
portalón, 44 n. 14
poyo, ast., 335
prieto, 316
puribus, 15 n. 29
purteçera, ast., 336
purteçu, ast., 336
queiriña, ast. oc., 333 n. 7
queirotas, ast. oc., 333 n. 7
queirueta, ast., 333 n. 7
queiruga, ast. oc., 333 n. 7
queixella, leon., 145
quiruégnas, Sanab., 333 n. 7
quiruegas, ast.-leon., 333 n. 7
quirucla, dial., 333 n. 7
quiruga, Cabrera, 333 n. 7
rapaz, santand., 334
rayos, 331
rea, ast.-leon., 336
repeon, *repiona*, extr., 332
repionela, extr., 332
rufián, 64
sacristán, 63
sargazo, 322 n. 5, 326
sótano, 38
superautomática, 176
Super-Nettosol, 176
supervedette, 176
tabeliones, 65 n. 55
tayuela, ast.-leon., 336
tentemozo, 334
tereña, ast., 333 n. 7
tobillo, 147
xaguarço, valenc., 319, 321 n. 3, 324, 325
ysla, ant., 195

Francês, Provençal

- afan*, prov., 41, 47
alaman (ou *aleman*), *alamana* (ou *alemana*), prov., 40, 57
alan, prov., 40, 63
aleman, *alemanne*, ant., 40, 57
allemand, *allemande*, 57
amour, 35
an, prov., 49
après, 316
aubade, 35

- ballade*, 35
baylet, gasc., 334
bête, 31
capelan, *capelá*, prov., 40, 58
capitaine, *capitane*, 59
capitêhe, prov., 59
capitani, prov., 59
chambriero, gasc., 334
chapelain, 58
charlatan, 64
chevetain, 59
chose, *machin-chose*, 3 n. 5
écrivain, 62
embéter, 31
ermitan (ou *hermitan*), prov. ant., 40
escrivan, *escriban*, prov. ant., 40
deian, *deien*, *doian*, ant., 60
des dattes !, 14 n. 26
diran, prov., 49
dirian, prov., 46
donzelle, 35
doyen, 60
fada, prov., 35
fadaise, 35
fadar, prov., 22, 27
fade, 33, 34, 35 e n. 74, 36
faer, *faër*, *feër*, ant., 22, 27
faisan, prov. ant., 40, 63
fat, 33, 34, 35
fat, prov., 33, 35
gordicn, 62
grange, 65 n. 56
guardian, prov. ant., 40, 62
hermitan, prov. ant., 40
ile, 195, 196
ilho, limos., 194
ille, bearn., 189
illo, gasc., 194
ilo, limos., 194
inlo, limos., 194
iscla, prov., 186, 189, 196, 198
isclado, rodan., 189
iscias, rodan., 189
iscle, bearn., 189, 196
iscleto, bearn., 189
iscleto, rodan., 189
isclo, prov., 186, 189, 194
isclou, bearn., 189, 196
iscloun, rodan., 189
isle, bearn., 189
islo, rodan., 189
mâle, 195
per amor, gasc., 328
permon, gasc., 328
piège, 344
plaine, 59
plan, prov. ant., 63
plane, 59
poète, 196
pouíaine, 59
pramoun, gasc., 328
pran, prov., 41
près, 316
près, prov., 316
presser, 316
rasibus, pop., 15 n. 29
refrain, 41
refranh, prov., 41
rufian, prov., 64
sacrestan, *sacristan*, prov., 40, 63 e n. 52
sagrestan, *segrestan*, prov., 63 n. 52
soutane, 59
truhan, *truan*, prov., 41
volcan, prov., 40

Italiano e Sardo

- appletá*, abruc., 318
appressare, 316
appresso, 316, 318 n. 3
appressu, *appriessu*, calabr., 318 n. 3
appretta, nap. e abruc., 316, 318
apprettare, *apprettari*, calab., 316, 318
apprettu, *appriettu*, calab., 316, 318 e n. 3
apprittari, sicil. e calabr., 316, 318
camionetta, 174
capellano, 58
capitano, 58, 59

- cappelone*, 174
ciarlatano, 64
croce santa (*non saper neanche la*), 7
 n. 15
escrivano, 61, 62
fado, ant., 33, 35 n. 74
fat, lomb. e piem., 33
fatu, gen. e sard., 33
fatare, 22, 23, 27
giardiniera, 175
îscia (*isċe, iŝċa*), trent., 188, 191, 200
iscia, sard. ant., 189
iska, sicil., calabr., sard., 185
iŝka, campid., 189
iskra, logud., nuor., 189
isla, sard. ant., 189
ku(b)itāle, kuitāle, sard., 143
niente niente, 4 n. 7
non c'è Cristo (*non c'è Cristi*), 13 n. 25
no esga Dio, berg., 13 n. 25
okay, 173
patrone, 44 n. 14
pressare, 316
presso, 316, 318
pretto, 316, 317, 318 e n. 2
prettu, logud., 316, 318
puretto, 317, 318 n. 2
puro e pretto, 317
ruffiano, 64
sciussia, 173
seccatura, 152
segare, 152
segatus, 152
segnorina, 174
sfatare, 23
soldo sbaso (*no dar, no valer mezzo*),
 9 n. 18
sottana, 59
straccio di grammatica (*non capire,*
 non sapere), 7 n. 15
stringine cinque, 175
trizona, 174

Romeno e Reto-rom.

- ânost*, 31
aprumuta, 31
aruncare, 152
Căta, 23 n. 22
Căuta, 23 n. 22
de-a dura, 22 n. 11
des-, 26, 30
deschide, 26
desface, 26
destăş(ur)a, 31
destota, 20, 21, 22, 23, 24 e n. 27, 25,
 26 e n. 34 e 35, 27, 28, 29 e n. 51,
 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
destăşfa, 21
desteti, 26 n. 32a
destrâna, 25, 26, 31
desfunda, 25, 26
desmierda, 28
desprimăvăra, 25, 26
desrăducina, 31
distaedet, 26
destul, 22
făt, 25, 28
făta, 25, 28, 31
fătă, v. 25, 28 e n. 42, 32
fată, s. (pl. *fete*), 26 n. 32a
faŭt, 21
frân, 25
fund, 25
împrumuta, 31
inchide, 26
inde, 22 n. 11
îndurare, 22 n. 11
înfrăna, 26
nesărat, daco-rom., 31
nsărat, macedo-rom., 31
ostrón, 196
saŭ, 22
Sătuŭ, 22
Sătura, 22
secare, 151, 152
seccatura, 152
secere, 152
seuire, 152
secure, 152
uscare, 152

Latim e românico

- absinthiu-*, 324
- actiō ne-*, 43
- adpectorēre*, 316
- **adpromutare*, 31
- (*ad*) *satis*, 22
- æstimant*, 46
- æstima[ve]runt*, 46
- effectiōne*, 43
- alama[n]nus*, 40, 56, 57, 64
- alūnus*, b. lat., 40, 63
- **aldeānu*, 39
- alema[n]nus*, 40, 56, 57
- alga*, 320, 321
- **algaceu-*, 320
- amabant*, 46
- amant*, 45
- **amaricacea*, 323
- amaritūdin[e(m)]*, 45
- ama[ve]rant*, 46
- ama[ve]runt*, 46
- amplitudine-*, 45
- ante*, 22 n. 11
- antiūnu*, 39
- appectorēre*, 316
- appressus*, 316
- **apprettare*, 318
- **apprettus*, 316
- aquilo*, 148
- arbūtus*, 147
- ardēre*, 152
- ascensiōne-*, 43
- eudiant*, 46
- benedictiōne-*, 39
- bonu-*, 51
- borr-*, *borra*, rom., 340 n. 6, 341
- **callumen*, **callūgo*, 340 n. 9
- cane-*, *canes*, 40
- capiant*, 46
- capita*, 265
- capitaneus*, 40, 59
- **capitanus*, 40, 59
- cappella*, b. lat., 58
- cappellūnus*, b. lat., 40, 57, 58
- capture*, 23 n. 22
- caput*, *capita*, 61, 265
- carbone-*, 43
- castellūnu-*, 39
- catalanus*, b. lat., 40, 59
- cavēre*, 23 n. 22
- cavitare*, 23 e n. 22
- **certanu-*, 38
- certitudine*, 45
- chirurgia*, 61
- **chirurgiūnus*, 61
- chirurgus*, 61
- christiūnu*, 38
- cippu-*, 324
- civitas*, 61
- **civitatūnu-*, 38
- cludere*, 26
- condiciōne-*, 43
- coenobīta*, 61
- **coenobitanus*, 61
- communiōne-*, 43
- confessiōne-*, 43
- confirmatiōne-*, 43
- coniunctiōne-*, 43
- creatiōne-*, 43
- cubitūlis*, 143, 146
- **cubi tellus*, 144
- cubitus*, 144, 147, 148
- curare*, 151, 152
- dabant*, 46
- dant*, 45
- **dābant*, *debeant*, 46
- debābant*, 46
- debuerant*, 46
- debuērunt*, 46
- decūnus*, 40, 60, 61
- dederant*, 46
- dedērunt*, 46
- defessus*, 32
- delectare*, 24 n. 27
- devotiōne-*, 43
- dicant*, 46
- dicābant*, 46
- **diselfetare*, 24, 25
- **disfatare*, *dis-* + *fatare*, 22, 23, 27, 35
- **disfautare*, 23
- **disfavitare*, 23

- dis- *infatare*, 31
dixerant, 46
dominus, 150
effetare, 24
elfetus, 24
erant, 46
erēmīta, 62
eremitānus, b. lat., 40, 60, 61, 62
esca, 190
escla, med., 186
escleta, med., 191
escleto, med., 186, 187
esculus, 190
esse, 47 n. 17
excletum, med., 186
exclitu, med., 186
exsucare, 152
facere, 21 n. 10
facies, 21, 29, 32
factitare, 21 n. 10
faicōne-, 43
**lapidus*, 34
fari, 27 n. 39
fastidiare, 32
fastidium, 30, 32
fata, 23, 27, 29 e n. 51
**fata*, 27 n. 39
**fatare*, **fatari*, 27 e n. 39
**fatidus*, 33, 34
**fatu-*, 31
fatuitas, 31
fatum, 22, 27, 29, 32
fatuor, 31
fatuus, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
**fautare*, 29
fautum, 23 n. 24
favēre, 23, 29
**favitare*, 29
**feo*, 25 n. 28
feta, 25, 29, 35
**feta*, 25, 26 n. 35
fetare, 25
fetor, 28 n. 42
fetus, 24, 25, 29, 31, 32
foeteo, 28, 29
foetor, 28
fuerant, 46
fuerunt, 46
**gavilūne-*, b. lat., 41
generatiōne-, 43
genūculum, 144
germānus, *germāna*, 38, 50
**granca*, 65 n. 56
gram(m), 38, 342
guardia, b. lat., 62
guardiānus, b. lat., 40, 62
habent, **hant*, 49
habeo, 49 n. 25
hortulānu-, 39, 61
hortus, *hortulus*, 62
ille, 197, 198
**impromutare*, **impromutuare*, 31
in, 31
inde, 22 n. 11
**infatare*, 31
infatuare, 31
insipidus, 31
insola(s), med., 193, 195
insula, *i(n)sula*, 185, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200
insule, med., 194
insulsus, 31
in-tun[c], 50
ipse, 197, 198
iscla, 185, 186, 189, 190, 191, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200
iscletu, *-a*, med., 185, 186, 190, 194
isclitella, med., 185, 191
isla, med., 185, 194, 195
isola, *ysola*, med., 192, 193, 194
isula, med., 192, 193, 195
**kariola*, med., 333 n. 7
lana, 51
laudabant, 46
laudant, 46
iauda[ve]rant, 46
**lautianu-*, 38
lectiōne-, 43
linea, 336
lotu-, 38
manu-, 38, 50
masculu-, 195
mediūnu-, *mediūna-*, 38
merda, 28
misculare, med., 196 n. 98

- mol-*, *moll-*, 339 n. 5, 341 n. 13
**molinigare*, 339 n. 5
**mologo*, *molligo*, 339 n. 6, 340 n. 9
molinus, 339
**moliare*, 339
mollimen, 340 n. 6
mollis, 339 e n. 4
mollugo, 340
nichil, med., 14 n. 28
nihil, 1, 14 n. 28
**nodellus*, **nodicellus*, **nodiculus*,
**nodulus*, 147
nōdus, 147
non, 50
occasiōne-, 43
oleastr-ellu-, 147
orgānu(m), 50
orphānus, *orphana-*, 38
ragānu-, 38, 50
palatiānu-, 38
pāne-, 40
**partant*, *partiant*, 46
part[i]ebant, 46
parti[ve]rant, 46
parti[ve]runt, 46
passer, **passaru-*, 326
**patrōne-*, 44 n. 14
patrōnu-, 44 n. 14
pedaceas, 343
pedaneus, 343
pede-, 333, 342
**pedia-*, 343
**pediare*, 344
pedica, 336 n. 9
**pedicullus*, 336
**pedicus*, 336
pediola, 333, 343
pedo, *pedonis*, 332, e n. 5
**peduca*, 343
peduculus, 335, 336
pe(n)sile, 195, 196 e n. 98
pes, *pede*, 332 n. 5, 333, 335, 342
phaseolu-, 44
phasiānus, 40, 63
picuculu-, 335
pila, 332 n. 5
planu(m), 38, 41, 50, 63
pollīce, 147
pon[er], 44
prehensiōne-, *prehensione-*, 43
prēmire, 316
pressi, 316
pressum, 316
pressus, 316, 317, 318
prēt-* (prēt-tum*), 316
**prettus*, 316, 317, 318
proelium, 316
promutuus, 31
pūllīce, 148
quam, *quantum*, 50
**rapānu-*, *raphānu-*, 38
ratione-, 43
rem natam, 1
resurrectiōne-, 43
runcare, 152
sacrista, b. lat., 63
sacristanus, b. lat., 40, 62, 63
**salicaceu-*, **salicacea*, 319, 320, 323
e n. 7, 325
**salicaneu-*, 323 n. 7
salicaria, 323 n. 7
salicatus, 322 n. 4
salix, *salice-*, 319, 320, 323
salitu-, 324
salvia, 324
sanu-, *sana-*, 38
saponaria, 326
sapōne-, 325
sapīdus, 33, 34
Sargassum, mod., 320, 326
satisfacere, 21
**satium*, 22
sauto, med. 324
saxōne-, 43
scieto, med., 187
scriba, 62
scribūnus, b. lat., 40, 61, 62
sēcūre, 151, 152
securis, 152
sedeant, 46
sepia-, 324, 326
**serānu-*, 39
sermōne-, 43
servitūdine-, 45
siccūre, 151, 152
siciliis, 152

- si non*, 50
solūnu, 38
solitudine-, 45
sors, 22
stant, 45
**stao*, *sto*, 47 n. 17
**subtānu*-, 38
succu-, *sūcu*-, 326
suldanus, *sultānus*, med., 42 n. 8
sum, 47 n. 17
sunt, 46, 47 n. 17, 49
super, 62
**superanus*, 62
syringa, 326
tabūnu-, 38
tebellūne-, 42
taedium, 30
tam, *tantu*-, 50
temporanu-, 39
titan, greco-lat., 42 n. 10
tornare, 22 n. 11
tornus, 147
traditione-, 43
tubellum, 147
urere, 12
vadant, 46, 47
**vadent*, **vant*, 49
vadunt(?), 46, 47, 49, 52
vanus, *vana*, 38, 49
vapidus, 34
vñérant, 46
vññrunt, 46
veniant, 46
veniebant, 46
**verñnos*, 52
villa, 62
villānus, 39, 62
vulcānus, 40

Basco e línguas pré-latinas

- *kar*-, pré-lat., 333 n. 7
**karioka*, pré-lat., 333 n. 7
**cottus*, pré-lat., 144
peia, basco., 343
pheiatsu, basco., 343
přt, indo-europ., 316
sar, celta?, 321

Grego

- ὄν-σεντα*, 31
ὄνισα, 44
πριζωνος, 150
γῶνος, 150

Germânico (alemão, inglês)

- Bizone*, alem. mod., 175
der seidene Vorhang, alem. mod., 175
fād, *fade*, b. alem., 34
fidibus, alem. mod. fam., 15 n. 29
five, ingl., 176
gauja, gót., 149
gaw, *gawi*, got., 149, 150
guth, got., 150
Kriegsgewinnler, alem. mod., 174
Kuchen!, alem. mod., 14 n. 26
Schnecken!, alem. mod., 14 n. 26
Trizonesen, alem. mod., 174
wald-, *waldan*, gót., 149 n. 3
ward, 62

Árabe e moçárabe

- acreíte*, moç., 324
'afīn, 44
al-a'elīm, ár. vulgar, 41
alhiqūn, 41
alkarwūn, 41
alkurūn, 41
alkufun, 44
ellabūn, 41
alcatrūn, 41
azza'afīn, 41
cabessa, moç., 324
çabīn, *çabūn*, 325
calabaçola, moç., 324
calabaçuela, moç., 324
calabasa, moç., 324
calça, moç., 324
calçatair, moç., 324
çaturīn, 42
cerbo, moç., 324
checo, moç., 324
chicala, moç., 324
chipp, moç., 324
chiquala, moç., 324
cubtal, 143
cubtill, 143
fulūn, 41
fustūn, 41
gadīmesī, 325
gannūm, 41
iqlīm, *islīm*, 41
lach, moç., 324
lapaçça, moç., 324
lapa'ja, moç., 324
leqwa, 324
mansana, 324
massanella, 324
parxair (?), **paxāro*, moç., 326
qcbtāl, *qobtal*, *qubfāl*, *qubfēl*, *qub il*,
quobfāl, 143, 147, 148
rabbadqūn, 41
rachchīm, moç., 324
ramadūn, 42
şakras, 321, 324
şalvia, moç., 324
şaqrūç, 321, 324
şaqwūç, *şaqwūs*, 321, 324
şaut, moç., 324
şawkāt, 322 n. 5
şeca, moç., 324
senso, moç., 324
şibia, moç., 324
şolair, moç., 324
şatwūn, 42
sultūn, 42
şuq, moç., 324
turjīmūn, 42
xabón, moç., 325
xabonaira, moç., 326
xacraz, *xacuz*, 322
xacuaço, *xacuáso*, moç., 322
xaguarço, moç. (geral), 324, 325
**xergaço*, moç., 324, 325
**xeringa*, moç., 326
xibia, moç., 326
**xiringa*, moç., 326
**xugo*, moç., 326

Outras línguas

- caló*, cigano, 44
nōga, eslavo, 28 n. 46

Antropónimos, gentílicos, etc.

- Aarão*, 44
Aarūn, 44
Abderramão, 42
Abienzarcha, 293
Abocubra, 304, 305
Abrião, 42
Abuzara, 293, 303
abuzubra, *Abuzuhubra*, 293, 304

- Adão, Adões*, 42, 44
Adrião, 38
Agriões, 40
Agriões, 40
Albūnu-, 38
Albozuba, 304
Alcmā, Alcman, Alcmão, 42
Alexandre, 57
Alvão, 38
Ambróiso, alent., 330
Ambrósio, 330
Antônio, pop., 330
Antônio, 330
Azão, 42
Beirão, 42
Burguinhões, 44
Camões, 44
Catão, 43
Catōne-, 43
Chindas, 292, 299 n. 36
Chindasuintus, 299 n. 36
Christophoru-, -phanu, 39
Cibrão, 38
Cindo, Çindo, Cindus, Çindus, 292, 294, 298 e n. 36, 299 n. 36, 300 n. 36, 312
Cipião, 43
Cipriano, Ciprião, 38
Citrên, 175
Conceição, 43
Cristovam, Cristóvão, Cristóvão, 39
Crítão, Criton, 43 n. 12
Custódia, 330
Custóida, alent., 330
Cypriinu, 38
Deucalião, 43
Denis, Dinis, 57
Durão, 42
Eanes, 42 n. 9
Engrácia, 330
Enrene, [Érene], alent., 328
Estevam, Estêvão, 54
Estrabão, 43 n. 12
Felipe, Filipe, 57
Fernando, 42
Ferrão, 42
Gamslião, Gamelion, 43 n. 12
Gaudentius, 149 n. 3
**Gaudesindus*, 149 n. 3
Gaudila, 149
Gaudilizi, 149
**Gaudimirus*, 149 n. 3
Gaudinus, 149 n. 3
Gaudiosos, 149 n. 3
Gaudius, 149 n. 3
Gedeão, 44
Gião, 38
Gil, 57
Goia, 149, 150
Gregoio, alg., 330
Gregório, 330
Guilherme, 57
Gusmão, 42
Hadriūnu-, 38
Iasōne-, 43
Ingraiça, alg., 330
Iohanne-, 42
Irene, 328
Isabel, 57
Jasão, 43
Jasuino, pop., 329
Jesuino, 329
Joanes, 42 n. 9
João, Joões, 42, 44, 49 n. 24
Jorge, 57
José, 329
Joséi, alent., 329
Juliano, Julião, Juyão, 38
Juliūnu-, 38
Labão, 42
Lárua, alent., 330
Laura, 330
Leocádia, 330
Locaida, alg., 330
Magalhães, 42
Nasão, 43
Orião, 43
Oriōne-, 43
Pã, 42
Pirrão, Pirron, 43 n. 12
Platão, 43 n. 12
Platom, ant., 43
Platōne-, 43
Pompeu, 57
Ponce, 57
Reimão, 44

- Romanu-*, 38
Romão, 38
Salomão, 44
Sansão, 44
Satã, Satão, 42
Scipiōne-, 43
Sebastiānu-, 38
Sebastião, 38
Serapião, 43
Simão, 44
Solão, Sólon, 43
Solimão, 42
Stribōne-, 43
Suleimão, 42
Tareja, Teresa, 57
Tristan, Tristão, 41
Varrão, 43
Vetizanus, Vautiçanos, 294, 313
Vetóira, alent., 330
Vidigoia, 150
Vitisauris, 313
Vitória, 330
Vursavan, Vusarvān, Vusarbān, 293
 e n. 18, 303, 304
Zéi, alent., 329
Zoei, alg., 329

Topónimos

- Alconchel*, 324
Alfornel, 147
Aljustrel, 147
Alportel, 324
Amesterdão, Amsterdão, 42
Ansiães, 42
Aragão, 44
Arsura, 152
Aschieto, 190
Asclodo, 188
Asclodum, 188
Avignon, 44
Avinhão, 44
Azeitão, 44
Borgonha, 57
Chaguacedo, 325
Chaguazoso, 325
Chipre, 57
Cinfães, 42
Curătură, 151, 152
Decão, 42
Eisla, 200
Ervidel, 147
Ervedelo, 147
Escheto, 190
Eskieto, 187
Esclota, 191
Escloto, 187, 190
Escliē, 187
Escliola, 187, 192
Esclioli, 190
Esclito, 187, 192
Esclo, 187, 190, 192
Esculeto, 190
Esculetum, 190
Excloto, 186
Fornelo, 147
Gades, 324
Goiam, 149
**Goianis*, 150
Goiaos (Goiães), 150
Goius, 150
Goya, 149
Goyán, 148, 149
Goyanes, 149
Goyáns, 148, 149
Goyás, 148, 149
Grisões, 44
Guimarães, 42
Helicão, Hélicon, 43 n. 12
Holanda, 57
Ila, 195
Illa, 195
Indostão, 42
Insola, 194
Insula, 189, 191, 193, 195
Iordāne-, 40
Irão, 42
Isca, 192
Iscto, 188
Ischeto, 188, 190
Ischgl, 200

- Ischia*, 188, 190, 191
Ischieto, 187, 190
Ischito, 190
Ischl, 189 e n. 42, 200
Ischla, 200
Ischia, 188
Ischia, 191
Ischia Lóna, 191
Iscla, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 194
Isclam, 186
Isle, 187
Isleto, 188
Ischile, 192
Ischito, 187, 188, 190, 192
Isel, 200
Isia, 194, 195, 200
Isle-Jourdain, 195
Islen (in), 200
Isola, 191, 192, 193, 194, 195, 200
Isolêla, 191
Isolella, 192, 194
Isolêta, 191
Isolôta, 191
Issce, 187
Issula, 192
Istieto, 190
Isula, 192, 193
Isule, 192
Isulo, 192
Jordão, 40
Lauribānu, 38
Lcão, 44
Lião, 44
Lisola, 194
Londres, 57
Lorvão, 38
Monção, *Monçom*, *Monçon*, *Monzon*, 44 n. 13
**Montianus*, 44 n. 13
Monzón, 44 n. 13
Mourel, *Mourello*, 147
Nipão, 44
Nischl, 189
Orleães, 42
Pedrogão, 38
Penabad, 150
Pena de Abad, 150
Pena de dono, 150
Pena de Goiam, 150
Pena Gati, 150 n. 5
Penagoiam, *Pena Goiam*, ant., 148
Penaguiam, *Penaguão* (*Santa Marta de*), 148, 150
Penagundín, 150 n. 5
*Pena *Gundini*, 150 n. 5
Penedono, 150
Penegate, 150 n. 5
Pompeia, 57
Portel, *Portelo*, 147
Qūdis, 324
Queira, 333 n. 7
Queiro, 333 n. 7
Queiroás, 333 n. 7
Queiroga, 333 n. 7
Queirogal, 333 n. 7
Queirom, 333 n. 7
Queiroso, 333 n. 7
Queiruga, 333 n. 7
Queiruganes, 333 n. 7
Querúas, 333 n. 7
Quiroga, 333 n. 7
Quiroganes, 333 n. 7
Ródão, 38
Rodes, 57
Rubicão, 43
Runc, 152
Saganhal (*Casal do*), 333 n. 7
Ságnera, *Sangonera*, *Sagonera*, 303, 304 n. 44, 305
Saguarçal, *Saguarzal*, *Sarguarçal*, *Sarguarzal*, 322 n. 5, 325
Santulkão, 38
Sargazos (*Mar de [los]*), 322 n. 5
Sceleto, 188
Scheto, 188, 190
Schieto, 190
Schio, 188, 190, 193
Scledi, 188
Scledo, 188, 190, 193, 194
Scleta, 187
Scleto, 187, 188
Scletum, 187
Scrito, 188
Seaca, 151

Secarul, 151
Secătura, 151, 152
Secăturile, 151
Secul, 151
Siame, 42
Sião, 42, 44
Sidonia, 304, 305

Sigonera, *Sidonera*, 303, 304 e n. 44.
305
Souselo, *Souzel*, 147
Stieto, 190
Yscla, 189
Yscledo, 188

Corrigenda

Na pág. 48, linhas 7-8, emende-se «conservarem» para «conservam».

Na pág. 314, falta a nota 64 : «Cf. *BF*, IX, págs. 308-314 e XI, págs. 238 e sgs.».

Na pág. 323, nota 7, leia-se como segunda linha a que figura como quinta.

Na pág. 344, nota 17, substitua-se a última linha por : «renäen A II, 227 y VKR XVI, 249».